REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

COLETÂNEA FRANCESA

CONTENDO

Os fatos de manifestação dos Espíritos, assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. - O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível, sobre as ciências, *a* moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu futuro. - A história do Espiritismo na antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc.

PUBLICADA SOB A DIREÇÃO DE

ALLAN KARDEC

Todo efeito tem uma causa.
Todo efeito inteligente tem uma causa inteligente.
O poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito.

OITAVO ANO- l865

INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Av. Otto Barreto, 1067 - Caixa Postal 110
Fone: (19) 541-0077 - Fax: (19) 541-0966
CEP 13.602.970 -Araras - Estado de São Paulo – Brasil

Título original em francês:

REVUESPIRITE

JOURNAL D'ÉTUDES PSYCHOLOGIQUES

Tradução: SALVADOR GENTILE

Revisão: ELIAS BARBOSA
1ª edição - 1.000 exemplares – 1996

ÍNDICE GERAL DAS MATÉRIAS

DO OITAVO VOLUME

ANO

Dissertações espíritas -As idéias preconcebidas
-Deus não se vinga
-A verdade
-Estudo sobre a mediunidade
-Progresso intelectual
-Da seriedade nas reuniões
-Imigração dos Espíritos superiores para a Terra
-Sobre as criações fluídicas

JUNHO

Relatório da caixa do Espiritismo, feito à Sociedade espírita de Paris
O Espiritismo no alto e no baixo da escala
Os Espíritos na Espanha Cura de um obsidiado em Barcelona
Os dois espiões
Nova tática dos adversários do Espiritismo
Variedades - Carta de Dante ao Sr Thiers

JULHO

Ária e palavras do Rei Henri III
Gontran, vencedor nas corridas de Chantilly
Teoria dos sonhos
Perguntas e Problemas: Cura moral dos encarnados
Sobre a morte dos Espíritas
Estudos Morais: A comuna de Koenigsfeld, o mundo futuro em miniatura
Variedades - Manifestações diversas espontâneas
Dissertações espíritas - O cardeal Wiseman
Notícias Bibliográficas - O que é o Espiritismo? (Nova edição)
-O Céu e o Inferno
- Vida de Germaine Cousin
- A União espírita borda-lesa
- Ária e palavras pelo rei Henri III

AGOSTO

O que o Espiritismo ensina
O Abade Dégenettes, médium
Manifestações de Fives, perto de Lille
Problema Psicológico Dois irmãos idiotas
Variedades - Epitáfio de Benjamin Franklin
Noticias Bibliográficas - Manual de Xéfolius
Dissertações espíritas - A Chave do céu
-A Fé

SETEMBRO

Da mediunidade curadora
Cura de uma fratura pela magnetização espiritual
Alucinação nos animais nos sintomas da raiva
Uma explicação a propósito da revelação do Sr Bach
Um egoísta - Estudo espírita moral
Notícias Bibliográficas - *O Céu e o Inferno*
Conversas familiares sobre o Espiritismo, pela senhora ECoIlignon'

OUTUBRO

Novos estudos sobre os espelhos mágicos ou físicos
Partida de um adversário do Espiritismo para o mundo dos Espíritos
Os irmãos Davenport
Exéquias de um Espírita (Sr Nant)
Variedades - Vossos filhos e vossas filhas profetizarão

NOVEMBRO
A Sociedade espírita de Paris dos Espíritas da Franca e do estrangeiro
Alocução na retomada das sessões da Sociedade de Paris
Da crítica a propósito dos irmãos Davenport (2° artigo)
Poesia espírita - *Um fenômeno,* fábula, por C. Dombre
O Espiritismo no Brasil - Extrato do *Diário da Bahia*
O Espiritismo e o Cólera
Um novo Nabucodonosor
O patriarca José e o vidente de Zimmerwald
Dissertações espíritas - O repouso eterno
Notícias Bibliográficas - *O Evangelho segundo o Espiritismo* (3ª edição)
La Gazette du Midi diante do Espiritismo
DEZEMBRO
Abri-me Pedido de Càrita - Subscrição de Lyon-Cólera
Os romances espíritas - *Espírita,* por Theophile Gautier - A *Dupla vista,* por ÉlieBerthet
Modo de protesto de um Espírita contra os ataques de certos jornais
Como o Espiritismo vem sem que se o procure Jovem camponesa, médium inconsciente
Um camponês filósofo
Espíritos de dois sábios incrédulos aos seus antigos amigos da Terra
Dissertações espíritas - Estado social da mulher

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | NO. 1 | JANEIRO 1865

AOS ASSINANTES DA *REVISTA ESPIRITA.*

A *Revista Espírita* começa seu oitavo ano; já é uma façanha muito grande tratando-se de uma idéia nova, ao mesmo tempo que um desmentido dado àqueles que prediziam a morte prematura do Espiritismo. Como nos anos precedentes, a época da renovação das assinaturas é, para a maioria dos leitores que se dirigem diretamente a nós, a ocasião de reiterar a expressão de seu reconhecimento pelos benefícios da Doutrina. Não podendo responder a cada um em particular, nós lhes pedimos aceitar aqui nossos agradecimentos sinceros pelos testemunhos de simpatia que consentiram em nos dar nesta circunstância. Se *a* Doutrina faz o bem, se dá consolação aos aflitos, se fortalece os fracos e levanta as coragens abatidas, primeiro é a Deus que é preciso agradecer, por isso antes que ao seu servidor, depois aos grandes Espíritos, que são os verdadeiros iniciadores da idéia e os diretores do movimento. Com isto não somos menos profundamente tocados com os votos que nos são dirigidos, para que a força de ir até o fim de nossa tarefa nos seja conservada; é o que nos esforçamos por merecer pelo nosso zelo e nosso devotamento, que não falharão, a fim de entregar a obra tão avançada quanto possível às mãos daquele que deve nos substituir um dia, e aperfeiçoar com um maior poder o que restará inacabado.

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO EM 1864.

O Espiritismo progrediu ou diminuiu? Esta questão interessa, ao mesmo tempo, aos seus partidários e aos seus adversários. Os primeiros afirmam que ele aumenta, os outros que declina. Quais deles se iludem? Nem uns nem os outros; porque aqueles que proclamam a sua decadência sabem muito bem em que se pegar para isso, e o provam a cada instante pelos temores que manifestam e a importância que lhe concedem. Alguns, no entanto, são de boa-fé; têm neles uma tal confiança que, porque deram um grande golpe no ar, se dizem seriamente: Ele está morto! ou melhor: Ele deve estar morto!

Os Espíritas se apoiam sobre os dados mais positivos, sobre os fatos que foram capazes de constatar. Por nossa posição, podemos melhor ainda julgar do movimento do conjunto, e somos felizes as afirmar que a Doutrina ganha incessantemente terreno em todas as classes da sociedade, e que o ano de 1864 não foi menos fecundo que os outros em bons resultados. À falta de outros indícios, nossa Revista já seria uma prova material do estado da opinião com relação às idéias novas. Um jornal especial que está em seu oitavo ano de existência, e que vê todos os anos o número de seus assinantes crescer numa notável proporção; que desde a sua fundação viu três vezes se esgotarem as coleções dos anos anteriores, não prova a decadência da Doutrina que ele sustenta, nem a indiferença de seus adeptos. Até o mês de dezembro, recebeu novas assinaturas para o

ano expirado, e o número daqueles inscritos em 1e de janeiro de 1865 já era de um quinto mais considerável do que não o era na mesma época do ano precedente.

Está aí um fato material que, sem dúvida, não é concludente para os estranhos, mas que para nós é tanto mais significativo quanto não solicitamos as assinaturas de ninguém, e não as impomos como condição em nenhuma circunstância; não há, pois, *ninguém,* quem seja a isso forçado, ou o preço de uma condescendência particular. Além disso, não bajulamos ninguém para obter adesões à nossa causa; deixamos as coisas seguirem o seu curso natural; dizendo-nos que se nossa maneira de ver e de fazer não é boa, nada poderia fazê-la prevalecer. Sabemos muito bem que, na falta de ter incensado certos indivíduos, nós os distanciamos de nós e que se voltaram do lado em que vinha o incenso; mas que nos importa! Para nós, as pessoas sérias são as mais úteis à causa, e nós não

consideramos como sérios aqueles que não se atraem senão pela sedução do amor-próprio, e mais de um o provou. Não queremos a sua adesão: lamentamos por eles terem dado mais importância à fumaça das palavras do que à sinceridade. Temos a consciência de que, em toda a nossa vida, jamais devemos à adulação nem à intriga; é por isso que acumulamos grande coisa, e não seria com o Espiritismo que teríamos começado.

Louvamos com alegria os fatos realizados, os serviços prestados, mas jamais, por antecipação, os serviços que se podem prestar, ou mesmo que se prometem prestar: por princípio, primeiro, em seguida porque não temos senão uma medíocre confiança sobre o valor real dos impulsos tirados do orgulho; é por isso que dele jamais tiramos. Quando deixamos de aprovar, não censuramos, guardamos o silêncio, a menos que o interesse da causa nos force a rompê-lo.

Aqueles, que vêm a nós aqui vêm livremente, voluntariamente, atraídos unicamente pela idéia que mais lhes convém, e não por uma solicitação qualquer, ou por nosso mérito pessoal, que é questão secundária, tendo em vista que, qualquer que possa ser esse mérito, não poderia dar valor a uma idéia que não tivesse valor. É por isso que dizemos que os testemunhos que recebemos se dirigem à idéia, e não à pessoa; haveria tola presunção de nossa parte em tirar disso vaidade. O ponto de vista da Doutrina, esses testemunhos nos vêm, pela maioria, de pessoa que jamais vimos, a quem freqüentemente jamais escrevemos, e a quem, certamente, jamais escrevemos primeiro. A idéia de captação ou de associação estando assim descartada, eis porque dizemos que a situação da *Revista* tem um significado particular, como indício do progresso do Espiritismo e foi só por isso que dele falamos.

Além disso, o ano viu nascerem vários órgãos da idéia: o *Sauveur dês peuples, a Lumière,* a *Voix d'outre-tombe,* em Bordeaux; o *Avenir,* em Paris; o *Médium évangélique,* em Toulouse; em Bruxelles, o *Monde musical que,* sem ser um jornal especial, trata a questão do Espiritismo de maneira séria. Seguramente, se os fundadores dessas publicações tivessem acreditado a idéia em declínio, não teriam se aventurado a semelhantes empreendimentos.

O progresso, em 1864, é ainda marcado pelo crescimento do número dos grupos e sociedades espíritas que se formaram numa multidão de localidades onde elas não existiam, tanto no estrangeiro quanto na França. A cada instante, recebemos o aviso da criação de um novo centro. Esse número é ainda bem maior do que parece, pela multidão das reuniões íntimas e de família, que não têm nenhum caráter oficial. É contra essas reuniões que todos os rigores de uma oposição sistemática são impotentes, fosse mesmo ela inquisitorial, como na Espanha, onde, no entanto, elas existem em mais de trinta cidades, e nas casas dos personagens da mais alta classe.

Ao lado desses índices materiais, há aquele que se revela pelas relações sociais. É raro encontrar hoje pessoas que não conhecem o Espiritismo, ao menos de nome, e, quase por toda a parte, encontram- se os que lhe são simpáticos. Aqueles mesmos que

não crêem dele falam com mais reserva, e cada um pôde constatar o quanto o espírito zombeteiro diminuiu; ele geralmente dá lugar a uma discussão mais raciocinada. Salvo alguns ditos espirituosos da imprensa e alguns sermões mais ou menos acerbos, os ataques violentos e apaixonados, incontestavelmente, são mais raros. É que os próprios negadores, mesmo repelindo a idéia, sofrem com seu desconhecimento, seu ascendente, e começam a compreender que ela conquistou o seu lugar na opinião; a maioria, aliás, encontra adeptos em suas fileiras e entre seus amigos que podem pilheriar na intimidade, mas que não ousam zombar publicamente. De resto, cada um notou sob quantas formas a maioria das idéias espíritas são hoje reproduzidas na literatura, de maneira séria, sem que a palavra seja pronunciada. Jamais se viram tantas produções desse gênero do que nestes últimos tempos. Que isso seja convicção ou fantasia da maioria dos escritores, não é menos um sinal da vulgarização da idéia, porque se é explorada é com o pensamento de que ela encontrará eco.

O progresso, no entanto, está longe de ser uniforme. Em certas localidades ela está contida pelos preconceitos ou por uma força oculta, mas, freqüentemente, ela vem à luz no momento em que menos se o espera. É que, em muitos lugares, há mais partidários do que se crê, mas que não se colocam em evidência; disso se tem a prova pela venda das obras, que já ultrapassa em muito o número dos Espíritas conhecidos. Então, basta uma pessoa que tenha a coragem de sua opinião, para que o progresso, de latente, se torne ostensivo. Deveu ser assim em Paris, permanecido tanto tempo a-trás de algumas cidades da província. Há dois anos, mas há um ano sobretudo, o Espiritismo ali se desenvolveu com uma rapidez surpreendente. Hoje os grupos declarados são numerosos, e as reuniões privadas inumeráveis. Certamente, não há exagero em avaliar o número dos adeptos em cem mil, desde o alto até o baixo da escala.

Em resumo, o progresso durante o ano que acaba de se escoar, foi incontestável, considerando-se o conjunto e não as localidades isoladamente; embora não se tenha manifestado por nenhum sinal estrondoso, nem nenhum acontecimento excepcional, é evidente que a idéia se infiltra cada dia mais e mais no espírito das massas, e dela não há senão mais força. Disso não seria preciso concluir, no entanto, que o período de luta tenha terminado; não, nossos adversários não se dão tão facilmente por vencidos. Eles dirigem novas baterias no silêncio, e é por isso que é preciso se manter em guarda. Disso diremos algumas palavras num próximo artigo.

NOVA CURA DE UMA JOVEM OBSIDIADA DE MARMANDE.

O Sr. Dombre nos transmite o relato seguinte de uma nova cura das mais notáveis, obtida pelo círculo espírita de Marmande. Apesar de sua extensão, acreditamos dever publicá-la em uma única vez, em razão do alto interesse que apresenta e para que melhor se possa apreciar o encadeamento dos fatos. Pensamos que nossos leitores com isso não se descontentarão. Não suprimimos qualquer detalhe que nos pareceu de uma importância capital. Os ensinamentos que dela decorrem são numerosos e sérios, e lançam uma luz nova sobre essa questão de atualidade e esses fenômenos que tendem ase multiplicar. Tendo em vista a extensão desse artigo, remetemos as considerações ao próximo número, a fim de dar-lhe os desenvolvimentos necessários.

Senhor Allan Kardec,

É com uma força nova e uma confiança em Deus corroborada pelos fatos, que me entusiasmam sem me espantarem, que venho vos fazer o relato de uma cura de obsessão, notável sob vários aspectos. Oh! muito cego quem não vê aí o dedo de Deus! Todos os princípios da sublime doutrina do Espiritismo ali se acham confirmados; a individualidade da alma, a intervenção dos Espíritos no mundo corpóreo, a expiação, o

castigo e a reencarnação são demonstrados de maneira chocante nos fatos com os quais vou vos entreter. Lamento, assim como já vos exprimi, estar obrigado a falar de mim, do papel que me aconteceu nesta circunstância, como instrumento do que Deus se dignou servir-se para ferir os homens. Deveria passar sob silêncio os fatos que têm relação comigo? Não o pensei. Estais encarregado de controlar, estudar, analisar os fatos e derramar a luz: os menores detalhes, pois, devem ser levados ao vosso conhecimento. Deus, que lê no fundo dos corações, sabe que uma vã satisfação de amor-próprio não foi o meu móvel; não ignoro, aliás, que aquele que, por privilégio é chamado a fazer algum bem, é logo reduzido à impotência, se desconhece um instante *a* intervenção divina: feliz mesmo se não for castigado!

Chego ao relato dos fatos.

Desde os primeiros dias de setembro de 1864, não eram motivo de questão, em certo quarteirão da cidade, as crises convulsivas experimentadas por uma jovem, Valentine Laurent, com a idade de treze anos. Essas crises, que se renovavam várias vezes por dia, eram de uma violência tal que cinco homens tomando-a pela cabeça, os braços e as pernas, tinham dificuldade para mantê-la em sua cama. Ela achava bastante força para agitá-los, e algumas vezes mesmo se libertar de seus constrangimentos. Então suas mãos se agarravam em tudo; as camisas, as roupas, os cobertores da cama eram prontamente dilacerados; seus dentes também desempenhavam um papel muito ativo em seus furores, dos quais temiam com razão as pessoas que a cercavam. Se não fosse mantida, ela quebraria a cabeça contra as paredes, e apesar de todos os esforços e as precauções, não se isentou de rasgões e de contusões.

Os recursos da arte não lhe faltaram; quatro médicos a viram sucessivamente; porções de éter, pílulas, medicamento de toda natureza, ela tomava tudo sem repugnância; as sanguessugas atrás da orelha, os vesicatórios nas coxas não lhe foram poupados, mas sem sucesso. Durante as crises, o pulso era perfeitamente regular; depois das crises, a menor lembrança de seus sofrimentos, de suas convulsões, mas muita admiração de ver a casa cheia de gente, e sua cama cercada de homens sem fôlego, dos quais alguns tinham a lamentar uma camisa ou um colete rasgado.

O cura de X......paróquia situada a dois ou três quilômetros de

Marmande, gozava na região de uma celebridade nascente, entre um certo povo, como curador de todas as espécies de males, foi consultado pelo pai da jovem. O cura, sem se explicar sobre a natureza do mal, lhe deu *gratuitamente* um pouco de pó branco para fazer a doente tomar; ofereceu-lhe em seguida para dizer uma missa. Mas, ah! nem o pó nem a missa preservaram a jovem Valentine de catorze crises que ela teve no dia seguinte, o que jamais lhe tinha acontecido.

Tanto insucesso nos cuidados de todas as espécies, necessariamente, deveram fazer nascer no espírito do vulgo idéias supersticiosas. As comadres, com efeito, falaram altamente de malefício, de sortilégio lançado sobre a criança.

Durante esse tempo, consultamos no silêncio da intimidade nossos guias espirituais sobre a natureza dessa doença, e eis o que nos responderam:

"É uma obsessão das mais graves, cujo caráter mudará freqüentemente de fisionomia. Agi friamente, com calma; observai, estudai e chamai Germaine."

A esta primeira evocação, este Espírito prodigaliza as injúrias e mostra uma grande repugnância em responder às nossas interpelações. Nenhum de nós havia ainda entrado na casa da doente, e antes de intervir queríamos deixar a família esgotar todos os meios dos quais pudesse se inspirar em sua solicitude. Não foi senão quando a impotência da ciência e da Igreja foi constatada, que convidamos o pai desesperado a vir assistir à nossa reunião para conhecer a verdadeira causa do mal de sua criança, e o remédio

moral a lhe levar. Essa primeira sessão teve lugar em 16 de setembro de 1864. Antes da evocação de Germaine, nossos guias nos deram a instrução seguinte:

"Levai muito cuidado, muita observação e muito zelo. Tereis negócio com o Espírito mistificador que junta a astúcia, a habilidade hipócrita a um caráter muito mau. Não cesseis de estudar, de trabalhar na moralização desse Espírito e de orar para esse fim. Recomendai aos pais evitar, em presença da criança, a manifestação de qualquer medo por seu estado; eles devem, ao contrário, ocupar-se de suas ocupações ordinárias, e sobretudo evitar, a seu respeito, a precipitação. Que lhes digam muito, sobretudo, que não há feiticeiros: isto é muito importante. O cérebro jovem e flexível recebe as impressões com muita facilidade, e, com isso, seu moral poderia sofrer; que não se a deixe conversar com as pessoas suscetíveis de lhe contar histórias absurdas, que dão às crianças idéias falsas e, freqüentemente, perniciosas. Que os próprios pais se tranqüilizem: a prece sincera é o único remédio que deve livrar a criança.

Nós vos dissemos, Espíritas, o Espírito de Germaine tem habilidade; ele arranjará sempre crenças ridículas, ruídos que circulam ao redor da jovem; procurará vos enganar. Tirai partido deste caso: a obsessão se apresentará sob fases novas. Tende-vos por advertidos; pensai que deveis trabalhar com perseverança, e seguir com inteligência os menores detalhes que vos colocarão sobre as marcas das manobras do Espírito. Não vos confieis na calma. Se as crises são os efeitos mais evidentes nas obsessões, são conseqüências de outro modo bem perigosas. Desconfiai-vos do idiotismo e da infantilidade de um obsidiado que, como neste caso, não sofre fisicamente. As obsessões são tanto mais perigosas quanto elas sejam mais ocultas; freqüentemente são puramente morais. Tal desarrazoa, tal outro perde a lembrança do que disse, do que fez. No entanto, não é preciso julgar muito precipitadamente e tudo atribuir à obsessão. Eu o repito, estudai, discerni, trabalhai seriamente; não espereis tudo de nós; nós vos ajudaremos, uma vez que trabalhamos juntos, mas não repouseis crendo que tudo vos será dispensado."

Evocação de Germaine. - R. Eis-me aqui. P. Tendes alguma coisa a nos dizer, em conseqüência de nossa última conversa? - R. Não, nada, senhores.

P. Sabeis que nos tratastes muito bruscamente? - R. Falais-me também bastante mal.

P. Nós vos demos conselhos; neles refletistes? - R. Sim, muito, eu vo-lo juro; minhas reflexões foram sábias; eu estava louca, nisto convenho; era do delírio, mas eis-me aqui calma.

P. Então! Quereis nos dizer por que torturais esta criança? - R. Inútil retornar sobre esse assunto, isto seria muito longo para contar. Eu imagino que não há aqui um tribunal; que não serei chamada com autoridade de me sentar sobre o banco, e responder ao questionário.

P. Não, de todo; estais completamente livre; é um interesse que temos por vós, assim como pela criança, que nos faz vos perguntar por qual motivo sério, ou por qual capricho vos entregais a esses ataques? - R. Capricho, dizeis? Ah! deveríeis desejá-lo que não fosse senão um capricho; porque, vós o sabeis, o capricho é variável e finito.

P. Estais realmente calma? - R. Vós o vedes. P. Sim, em aparência; mas não disfarçais vossos sentimentos? - R. Não venho vos estender armadilhas, não tenho necessidade disto.

P. Quereis nos afirmar diante dos Espíritos que nos cercam...?-R. Não coloquemos outras pessoas entre nós. Se temos alguma coisa a conversar ou a tratar, que isso seja de vós a mim; não gosto da intervenção de terceiros.

P. Então! nós vos cremos de boa fé, e... - R. É por isso que deveríeis vos contentar com esta garantia. De resto eu vos obrigaria a crer-me se nisso pusésseis resistência; as provas não me faltarão para vos convencer de minha sinceridade.

GERMAINE.

Ao nome de *Germaine o* pai da obsidiada exclama, estupefato: *Oh! é má pessoal* e se retirando, repetiu freqüentemente: *É má pessoa!*

(Isto será explicado mais tarde.)

No dia seguinte, 17 de setembro, fui pela primeira vez àquela família, com o desejo de ser testemunha de um ataque do Espírito; fui servido a gosto. Valentine estava em crise; entrei com as pessoas do quarteirão, que se precipitaram na casa.

Vi estendida sobre uma cama uma jovem magnífica, robusta para sua idade, e contida por oito ou dez braços vigorosos, assim como o descrevi mais acima. Só a cabeça estava livre, se agitando em todos os sentidos a sua cabeleira desenrolada. A boca entreaberta deixava ver duas fileiras de dentes brancos e sobretudo ameaçadores. O olhar era completamente perdido e as duas pupilas, das quais não se via senão a borda, estavam alojadas no ângulo do lado do nariz. Ajuntai a isto uma espécie de grito selvagem, e julgai o quadro.

Observei um instante a força dos abalos, e me inclinando para o rosto da criança, pousei minha mão esquerda sobre a sua fronte e minha mão direita sobre seu peito; instantaneamente os movimentos e os esforços convulsivos cessaram, e a cabeça se colocou calma sobre o travesseiro. Dirigi os dedos da mão direta sobre a boca que afiz nela roçar, e logo o sorriso retornou sobre seus lábios; suas duas grandes pupilas negras retomaram seu lugar no meio do olho; a essa figura satânica sucedeu o rosto mais gracioso. A criança manifestou seu espanto de ver tantas pessoas ao seu redor, em dizendo que ela não estava doente; era sempre suas primeiras palavras depois das crises. Elevei minha alma a Deus, e senti sobre minhas pálpebras duas lágrimas de entusiasmo e de reconhecimento.

Isto vinha de se passar na manhã de 17. As crises, as mais multiplicadas, tendo lugar à tarde, em torno de cinco horas, a ela retornei, mas a crise tinha adiantado à hora habitual, e tinha terminado. Às sete horas entrei em minha casa para jantar; mas apenas de retorno vieram me advertir de que a criança tinha uma crise terrível. Para lá retornei logo. Depois de haver tomado, com a mão, junto aos punhos, os dois braços reunidos da jovem, disse aos homens que a detinham: Deixai-a; depois, sob minha outra mão colocada sobre seu peito se a viu aquietar de repente; minha mão levada em seguida sobre o rosto, para lá reconduziu o sorriso, e seus olhos retomaram seu estado normal. O mesmo efeito da manhã havia se produzido. Fiquei junto da criança uma parte da noite; ela não teve crises, mas dormia um sono agitado; sua fisionomia tinha alguma coisa de convulsiva; via-se-lhe o branco dos olhos, e ela parecia sofrer moralmente. Gesticulava, falava distintamente e gritava com um acento enérgico e emocionado: *"Vai-te daqui! vai-te daqui!... oh! a vilã!... E a criança... e a criança... nos rochedos... nos rochedos...* A essa agitação sucedia uma espécie de êxtase; ela chorava e retomava com um acento lamentoso: *Ah! tu sofres os tormentos do inferno!... e eu, tu vens me fazer sempre sofrer!... sempre! sempre pois!* E estendendo seus dois braços no ar, procurando se levantar: *Pois bem! carrega, carrega-me!*

O pai a cada instante soltava sua exclamação: *Oh! é má pessoal E a* mãe acrescentava: *Ali há mistério.* A partir de uma hora da noite, ela dormiu mansamente até o dia.

Essas agitações, essas reprovações, esses êxtases, esses choros, se renovavam cada dia depois dos ataques violentos do Espírito, e duraram muito antes nas noites de 18, 19 e 20 de setembro. Cada dia eu ia junto da enferma e me instalava, por assim dizer, na casa. Durante a minha presença, nada se manifestava; mas apenas partia, uma nova crise se produzia. Eu voltava e a calma também logo como se viu. Isto durou vários dias. Certamente, era um fenômeno bem digno de atenção que essas crises se acalmassem subitamente apenas com a imposição das mãos; isso era boato em toda a cidade, e havia

aí matéria para estudo sério; no entanto, tive o desgosto de não ver nenhum dos quatro médicos que tinham cuidado da criança, vir observá-la.

Eu notava durante todo esse tempo, na casa da criança, ora uma alegria exagerada, ora uma espécie de tolice; o pai e a mãe não achavam esses ares naturais, o que justificava a previsão de nossos guias.

Em 21 de setembro, o pai e a criança foram comigo à sessão. No início, nossos guias nos disseram: Chamai Germaine; pedi-lhe para permanecer junto de vós, e dizei-lhe isto:

"Germaine, sois nossa irmã; esta jovem é também nossa irmã e a vossa. Se outrora alguma ação funesta vos ligou, e fez pesar sobre vós duas a justiça divina, não podeis dobrar o Juiz supremo. Fazei um apelo à sua misericórdia infinita; pedi-lhe vossa graça, como a pedimos por vós; tocai o Senhor por vossa prece fervorosa e vosso arrependimento. É em vão que procurais calma aos vossos remorsos e um refúgio na vingança; é em vão que procurais vossa justificativa oprimindo com o peso de vossa acusação. Retornai, pois, ao nosso conselho; perdoai, e vos será perdoado; não procureis nos enganar; não creiais que apenas a aparência de franqueza possa nos seduzir; quaisquer que sejam os meios empregados por vós, nós os conhecemos, e vos oporemos nossa força e nossa vontade. Que vosso coração, enceguecido pelo sofrimento e pelo ódio, se abra à piedade e ao perdão. Não deixaremos de pedir ao Eterno e aos bons Espíritos, seus mensageiros fiéis, para derramar sobre vós a consolação e o favor. O que queremos, Germaine, é vos livrar de vossos sofrimentos. Sereis sempre acolhida por nós como uma irmã; sereis socorrida. Não nos olheis, pois, como inimigos; queremos a vossa felicidade; não sejais surda às nossas palavras; escutai nossos conselhos, e dentro em pouco conhecereis a paz da consciência. O remorso terá fugido para longe de vós, o arrependimento terá tomado seu lugar. Os bons Espíritos vos acolherão como uma ovelha perdida que terão reencontrado; os maus imitarão vosso exemplo. Nesta família onde provocais a maldição, não será falado de vós senão o bem; haverá ali reconhecimento; essa criança pedirá também por vós, e se o ódio vos desuniu, o amor um dia vos reunirá.

"Sempre se é infeliz quando se está alterado pela vingança; não mais repouso para aquele que odeia. Aquele que perdoa está perto de amar; a felicidade e a tranqüilidade substituem o sofrimento e a inquietação. Vinde, Germaine, vinde unir-vos a nós por vossas preces. Queremos que, a exemplo de Jules (1-(1) O Espírito obsessor da jovem Thèrèse B..., de Marmande. (V. *Revista Espírita* de junho de 1864.)) e de outros Espíritos que, como vós, viviam no mal, ficai junto de nós sob a feliz proteção de nossos guias. Estais só; sede a filha adotiva desta família que ora ao Eterno por aqueles que sofrem, e ensina a todos a amar para serem felizes. Se vos obstinais em permanecer cruel com relação a esta criança, prolongareis e agravareis vossos sofrimentos, e ouvireis a criança e aqueles que a cercam vos maldizerem.

"Merecei, pois, de vossos irmãos a amizade que vos oferecem de todo coração; cessai essas torturas, de onde vos retirareis toda machucada. Crede em nossa palavra; crede sobretudo nos conselhos dos bons Espíritos que nos guiam, e particularmente nos da *Pequena Cárita.* Não sereis surda a este pedido. Dai-nos por prova que acolheis a nossa oferta, a paz e o sono sem perturbação da criança durante alguns dias. Nós iremos orar por vós, e não cessaremos de pedir o fim de todos os vossos males."

Chamamos Germaine, e lemos para ela o que acaba de nos ser ditado.

P. Ouvistes e compreendestes bem os votos que acabamos de vos expressar? - R. Sim; estou admirada de todas essas promessas; não mereço tanto. Mas sou um Espírito desconfiado e não ouso acreditar nisso. Veremos se vossas preces me darão essa calma da qual estou privada há muito tempo. É verdade, estou só, e não conheço senão *aquele que procura me dilacerar* (1-(1) A seqüência do relato fará compreender estas últimas palavras.). Veremos.

P. Não vedes junto de vós os bons Espíritos? - R. Sim, mas não espero nada senão de vós.

P. Pois bem! em troca do bem que queremos vos fazer, não poderíeis cessar de fazer o mal, de atormentar?... - R, E sou somente eu a causa desse mal? Ela nisso contribuiu tanto quanto eu. Atormentar, dizeis? Nós lutamos, nos estreitamos; a culpa é partilhada. Ela foi minha cúmplice; não vejo porque faríeis pesar apenas sobre mim a responsabilidade desses atos violentos dos quais também sou vítima, eu.

P. No entanto, a criança não vai vos procurar, e se a atormentais, é bem porque a quereis; tendes o vosso livre arbítrio. - R. Quem vos disse? estais no erro; uma fatalidade nos liga.

P. Pois bem! contai-nos tudo. - R. Não posso; não gozo aqui de toda a sua liberdade... Sou franca.

P. Vamos! Germaine, vamos orar por vós. Até uma outra vez!

Terminando, nossos guias nos disseram:

"Durante estes dias, reuni-vos tão numerosos quanto possível; ocupai-vos mais particularmente dela. Vossa franqueza e vosso zelo a seu respeito a tocarão e os resultados que pedimos serão, nós o esperamos, prontos graças a esta medida.

O dia 22 passou sem crise, e à noite nos reunimos, como de hábito.

Evocação de Germaine. - P. Pois bem! Germaine, credes em nossa afeição por vós?-R. É-me bem permitido duvidar; o pária crê dificilmente no beijo fraternal que se lhe dá de passagem. Estou habituada a ver o desdém e o desprezo me perseguirem.

P. Deus quer que tenhamos o amor uns para com os outros. - R. Não conheço isso. Aqui, aquele que o remorso persegue ou oprime é um inimigo, uma serpente da qual se foge atirando-lhe a pedra. Credes que isso não é revoltante para o maldito? Ele se torna o inimigo de todos por instinto; a paixão e o ódio o cegam; infeliz aquele que cai sob a garra desse abutre.

P. Nós, Germaine, queremos vos amar, e vos estendemos a mão. - R. Por que não se me falou assim mais cedo? No entanto, há corações generosos no mundo que habito; eu lhes causava, pois, medo? Por que não se me disse jamais: Tu és nossa irmã e podes partilhar a nossa sorte? Tenho ainda o veneno na alma, sobretudo quando penso no passado. O crime merece uma pena, mas a punição foi muito grande: parecia que tudo caía sobre mim, para me esmagar. Nesses momentos desconhece-se Deus, se o blasfema, se o nega, revolta-se contra ele e os seus, quando se está no abandono.

Nota. Este último raciocínio do Espírito é o resultado da su-perexcitação em que se encontra, mas vem de pôr uma questão que tem a sua importância. "Por que, disse ele, no mundo onde estou, não se me falou como vós o fazeis?" Pela razão de que a ignorância do futuro, momentaneamente, faz parte do castigo de certos culpados; não é senão quando seu endurecimento é vencido pela lassidão que se lhe faz entrever um raio de esperança como alívio de suas penas; é preciso que seja voluntariamente que voltem seus olhares para Deus. Mas os bons Espíritos não os abandonam; eles se esforçam por lhes inspirar bons pensamentos; espiam os menores sinais de progresso e, desde que vejam despontar neles o germe do arrependimento, provocam as instruções que, esclarecendo-os, podem conduzi-los ao bem. Essas instruções lhes são dadas pelos Espíritos em tempo oportuno; podem também sê-lo pelos encarnados, a fim de mostrar a solidariedade que existe entre o mundo visível e o mundo invisível. No caso de que se trata, era útil para a reabilitação de Germaine que o perdão lhe viesse da parte daqueles que tinham a se lamentar dela, e que era, ao mesmo tempo, um mérito para estes últimos. Tal é a razão pela qual a intervenção dos homens é com freqüência requerida para a melhoria e o alívio dos Espíritos sofredores, sobretudo nos casos de obsessão. A dos bons Espíritos, seguramente, basta, mas a caridade dos homens para com seus irmãos da erraticidade é, para eles mesmos, um meio de adiantamento que Deus lhes reservou.

P. O Espírito de Jules que vedes junto de nós, era também um criminoso, sofredor e infeliz?... -R. Minha posição foi pior para mim. Citai tudo o que pode afligir a alma; dizei o quanto o veneno queima as entranhas: eu tudo experimentei; e o mais cruel para mim era estar só, abandonada, maldita; não inspirei a piedade a ninguém. Compreendeis a raiva que extravasa de meu coração? Muito sofri! *eu não podia morrer; o suicídio me era impossível;* e sempre diante de mim o futuro mais sombrio! Jamais vi despontar um luar; jamais uma voz me disse: Espera! Então, gritei: "Raiva, vingança! A mim as vítimas! terei ao menos companheiros de sofrimentos. Não é a primeira vez que a criança sente meus abraços (1-(1) Os pais nos disseram que, com efeito, sua filha tinha, com a idade de seis anos, sentido crises das quais não tinha podido se dar conta.)."

Nota. - Se se perguntasse por que Deus permite aos maus Espíritos saciarem sua raiva sobre os inocentes, diríamos que não há sofrimento imerecido, e que aquele que é inocente hoje e que sofre, sem dúvida, tem ainda alguma dívida a pagar; esses maus Espíritos servem, nesse caso, de instrumentos à expiação. Sua maldade, além disso, é uma prova para a paciência, a resignação e a caridade.

P. Agradecei a Deus de vos ter feito sofrer tanto; esses sofrimentos são a expiação que vos purificou. - *R.* Agradecer a Deus! nisso me pedis muito; sofri muito! O inferno era preferível ao que suportei. Os condenados, como me foi ensinado, sofrem, choram e gritam juntos; podem se debater e lutar entre eles; eu, era só. Oh! é horrível! Eu me sinto, em vos fazendo essas descrições, prestes a blasfemar e a precipitar sobre a minha presa. Não creias me entravar, colocando entre ela e mim um anjo sorridente. Lutarei com todos, quem quer que seja.

P. Qualquer que seja o sentimento que vos agita, não vos oporemos senão a calma, a prece e o amor. - *R.* O que mais me apraz é que falais sem me injuriar, sem me repelir, e quereis me fazer esperar. Oh! esperais que eu me livre logo em seguida; tenho medo da decepção. Se, depois de me ter feito tão belas promessas, tão belas que não posso ainda nelas crer, fôsseis me abandonar! Oh! então, em que eu me tornaria? E, nisso refleti; por que essas consolações tão tarde? e por que vós? seria isso uma armadilha oculta? Tende! eu não sei o que crer, o que fazer; verdade, isso me parece estranho, surpreendente!

Nota. -A experiência prova, com efeito, que as palavras duras e más são um meio muito mau para se desembaraçar dos maus Espíritos; elas os irritam, o que os leva a se obstinarem mais.

P. Germaine, escutai-me; vou vos explicar o que vos surpreende. Há poucos anos, a imortalidade, a individualidade e a relação das almas com aqueles que estão ainda sobre a Terra nos foram demonstradas de maneira que não podem deixar nenhuma dúvida. O Espiritismo, é o nome desta nova doutrina, faz para seus adeptos um dever amar e socorrer os seus irmãos. Somos Espíritas, e, por amor por duas irmãs que sofrem, vós e a criança vossa vítima, viemos a vós para vos oferecer nosso coração e o socorro de nossas preces. Compreendeis agora? - *R.* Não muito. Raciocinais como jamais ouvi. Tendes, pois, a vos ocupar daqueles que vivem como vós e no vosso meio, e dos Espíritos que sofrem como eu? É um trabalho que não deve ser sem mérito.

P. Se tiverdes lugar de nos crer sinceros, quereis nos prometer que as vossas disposições com relação à criança serão boas? - *R.* Boas *em razão de que fostes bons para mim.* Eu vos creio todos sinceros; vossa linguagem tende a me fazer crê-lo; mas duvido ainda. Levantai-me essa dúvida, e sou à vós. Vou me esforçar por fazer o que vou vos prometer: à medida que a dúvida se apagar, o mal se enfraquecerá, e tendo a dúvida partido, o mal na criança terá cessado. Se brincarem comigo, infeliz! Ela morrerá estrangulada. Uma vítima espera, ou a sua graça que depende de vós, ou o golpe que tenho sobre a sua cabeça. Isto não é uma ameaça para vos intimidar, mas uma advertência de que o ódio e a raiva me cegariam. Chegastes a tempo; ela seria talvez morta já. Uma vez que não podemos sempre conversar juntos, dizei aos vossos amigos

que vivem onde vivo, para continuarem a conversa; que não me repilam, embora não haja talvez cessado minhas maldades; porque não estou absolutamente obrigada; não podeis exigir mais do que prometi.

Pedimos aos nossos guias para darem boa acolhida a Germaine. Eles responderam:

"Ela é, por antecipação, nossa irmã bem-amada, tanto mais que ela mais sofreu. Vinde, Germaine; se jamais nenhuma mão amiga apertou a vossa mão, aproximai-vos: nós vos estenderemos as nossas. Só a vossa felicidade nos ocupa. Encontrareis sempre em nós irmãos, apesar da fraqueza de que vos sentis ainda capaz. Nós vos lamentamos e não vos condenamos. Entrai em vossa família, a felicidade nos sorri. Entre nós as lágrimas amargas não correm; a alegria substitui a dor, e o amor o ódio. Irmã, vossas mãos!"

'VOSSOS GUIAS."

O dia 23 passou sem crise, como o da véspera. À noite a jovem vai com seu pai à sessão, para ouvir Germaine por quem ela já levava muito interesse.

Nossos guias nos disseram:

"Começai vossos trabalhos pela evocação de Germaine; ela o deseja muito; deveis provar-lhe que ela vos ocupa especialmente. Evitai tudo o que poderia ter a aparência de esquecimento ou de indiferença, afim de afastar todas as suas dúvidas. Pensai que seus ataques não estão senão suspensos. Sede prudentes; sede felizes sem amor-próprio e sem orgulho; sobretudo, sede fervorosos em vossas preces. Se ela manifestar o desejo de conversar longamente, deva ela vos prender toda a noite, não regateeis o tempo."

'VOSSOS GUIAS."

Evocação de Germaine. - R. Eis-me, muito mais calma; quero ser justa, creio vo-lo dever. Vede também que agi segundo o que havia dito; as boas relações fazem os bons amigos. Falai-me, pois, uma vez que sois vozes amigas; é tão estranho e tão novo para mim, que me permitais bem saborear uma conversa onde o ódio será substituído pelo... eu ia dizer o amor, e não o conheço! Dizei-me o que é preciso fazer para amar e ser amada, eu, a pobre miserável Germaine, envelhecida pela infelicidade, o opróbrio e o crime!... Batiza-se entre vós? Eis uma neófita."

- O batismo que perguntais, Jeanne, já o recebestes, respondi-lhe; ele está em vosso arrependimento, em vossa resolução de caminhar num caminho novo.

O dia 24 de setembro foi tão calmo quanto o precedente. Na reunião da noite, chamamos Germaine.

P. Germaine, nós vos agradecemos... - R "Não me faleis nisso, porque me tornais toda envergonhada. Cabe a mim inclinar-me e pedir graça. Dou-te uma grande reparação, pobre criança! A vida da qual os Espíritos gozam é eterna, Deus colocou diante de mim os meios e o tempo de reparar os estragos causados pela cegueira da paixão. Fica tranqüila; algumas vezes ore pela infeliz Germaine, a criminosa que, hoje, arrependida, te pede seu perdão. Esquece, pobre criança, tuas dores e aquela que as causou; não te lembres senão daquela que deseja agora ser tua amiga. Não é mais a mesma Germaine: a prece que se derramou sobre mim tornou-me a alma mais limpa; minha sede de vingança se extinguiu. A lembrança de meu infame passado será minha expiação. Minha prece, junto à vossa, abrandará o remorso que me tortura. Obrigada a todos, que me haveis chamado ao caminho da verdade e do bem, quando estava perdida nas profundezas do vício e da impenitência.

"Agora eu creio em vós: a dúvida desapareceu. Amo-vos e vos agradeço por me terdes salvo e curado; eu vos agradeço também por esta pobre criança, a quem restituístes a saúde e a vida.

"Posso me dizer feliz, porque estou no meio de bons Espíritos, que me consolam e me fortalecem por sua doce e persuasiva moral. Não estou mais só; apesar de todo o negrume de minha alma, eles me admitiram em sua família bem-aventurada. Eu sou a doente, eles são os meus guardiães. As expressões me faltam para vos dizer tudo o que sinto.

"Dizei-me todos, tu sobretudo, pobre jovem, que me perdoais. Tenho necessidade de ouvir esta palavra sair de teu coração. Dai-me, se vos apraz, essa consolação."

A jovem Valentine lhe disse: "Sim, Germaine, eu vos perdôo; muito mais, vos amo!"

- "E nós também, respondi logo, nós vos amamos como a uma irmã."

Germaine continuou:

"E eu também, começo a amar. A quem devo esta transformação? Àqueles que injuriei, e que, apesar de todo o horror que eu devia lhes inspirar, tiveram piedade de mim e me chamaram sua irmã, e me provaram que não me enganavam.

"Sim, me abristes o caminho do futuro feliz. Eu estava pobre e abandonada, e vivo agora no meio daqueles que possuem muito: não tenho mais do que lamentar. Os bons Espíritos me dizem que vão me preparar as provas que sofrerei infalivelmente; e, munida desta força, descerei no meio de criaturas terrenas. Isso não será mais para semear a morte ao meu redor, mas para amar e merecer delas sua benevolência e sua amizade.

'Teria muito a dizer, mas não quero ser importuna. Oremos; parece-me que isso me fará bem.

"Deus Todo-Poderoso, eterno, misericordioso, ouve minha prece. Perdoa minhas blasfêmias, perdoa meus desvios. Não conhecia o caminho que leva ao reino do justo. Meus irmãos da Terra mo fizeram conhecer; meus irmãos, os Espíritos, a ele me conduzem. Que a justiça divina siga o seu curso sobre a pobre Germaine; ela sofrerá agora sem se lamentar; nunca um murmúrio sairá de sua boca. Reconheço tua grandeza e tua bondade de Pai para teus bem-aventurados servidores que vieram me tirar do caminho do vício. Que minha prece suba até ti; que os anjos que te servem e cercam o teu trono possam, um dia, me acolher no meio deles, como fizeram estes bons Espíritos. Eu o compreendo hoje, só a virtude leva à felicidade. Fazei graça, ó meu Deus, àqueles que, como eu, sofrem ainda. Concedei à criança que torturei as doçuras e as virtudes que fazem a felicidade sobre a Terra.

"GERMAINE."

"Ajuda-te, o céu te ajudará, se vos disse; os Espíritos que vos guiam não farão o trabalho que o dever vos impõe; mas, segundo fordes trabalhadores, eles abreviarão, tanto quanto esteja em seu poder, a tarefa empreendida sob a bandeira da imortal caridade. Agi, pois, sem desencorajamento e sem fraqueza; que a vossa fé se fortaleça e, um dia, talvez, vos perguntareis de onde vem esse poder. Trabalhai pela moralização de vossos irmãos encarnados e a dos Espíritos atrasados; não vos contenteis de pregar as consolações do Espiritismo; mostrai-lhes a grandeza e o poder por vossos atos; é a melhor refutação que poderíeis opor aos vossos adversários. As palavras voam e os atos fortalecem e levantam. Que a felicidade que entrará na família em companhia da jovem Doutrina seja devida à caridade dos sinceros adeptos. Sede fiéis, sem orgulho, daquilo que vos chega, sem isso os frutos que deveis disso retirar estariam perdidos para vós.

'VOSSOS GUIAS."

Nota. - Os Espíritos, como se vê, não são nem inativos nem indiferentes com relação aos Espíritos sofredores, que é preciso conduzir ao bem; mas quando a intervenção dos homens pode ser útil, deixam-lhes a iniciativa e o mérito, sob a condição de secundá-los com seus conselhos e seus encorajamentos.

A partir de 25 de setembro, segundo os conselhos de nossos guias, adormeci todos os dias com sono magnético a jovem Valentine, para purgá-la completamente da impressão dos maus fluidos que a tinham envolvido, e fortalecer o seu organismo. Depois de sua libertação, ela sentia mal-estar, apatias do estômago, pequenos puxões nervosos, conseqüência inevitável da obsessão.

Nota. - Para que teria servido esse magnetismo, se a causa tivesse subsistido? Seria preciso primeiro destruir a causa antes de atacar os efeitos; ou pelo menos agir sobre os dois simultaneamente.

A criança era um pouco mimada pelos cuidados e os carinhos que lhe tinham sido prodigalizados durante a sua enfermidade; tornara-se um pouco caprichosa e voluntariosa, e se prestava com repugnância a ser adormecida. Um dia ela se recusou mesmo a isso, e me fui dali. Reentrando em minha casa, vieram-me advertir de que ela tinha uma crise. "Bem, exclamei, é uma punição de Germaine." Retornei imediatamente para lá, e encontrei a criança se agitando sobre sua cama. Essa crise não era tão violenta quanto as precedentes, mas tinha os mesmos caracteres; acalmei-a como nas outras. Algumas horas depois, ela teve uma segunda crise, que detive do mesmo modo.

À noite nos reunimos. Germaine veio sem ser chamada; disse que tinha querido dar uma lição na criança, e adverti-la de que, quando não fosse razoável, ela lhe faria sentir a sua presença. Além disso deu-lhe muitos bons conselhos, e fez sentir aos pais os inconvenientes de ceder aos caprichos de seus filhos.

À fase da cura e da conversão do Espírito, sucedeu a das revelações com respeito ao drama, do qual a obsessão violenta da jovem Valentine era o desfecho. Por interessante e emocionante que seja essa parte do relato, suprimimos-lhe os detalhes como estranhos, até um certo ponto, ao nosso assunto, e porque trata de acontecimentos contemporâneos, cuja penosa lembrança está ainda presente, e que tiveram por testemunhas interessadas pessoas ainda vivas. Nós a resumimos para as conclusões que delas teremos que tirar. Pelos mesmos motivos, dissimulamos os nomes próprios que não acrescentariam nada à instrução que ressalta desta história.

Dessas revelações feitas na intimidade, fora do grupo, e por intermédio de um outro médium, resulta que Germaine é a avó do senhor Laurent, o pai da jovem obsidiada Valentine. Ela tinha uma filha que teve duas crianças, das quais uma é o próprio senhor Laurent; a outra foi morta por sua avó, que a precipitou num barranco embaixo dos rochedos de ... Por esse homicídio, ela foi condenada a dez anos de reclusão, que sofreu na prisão de C... Ela deu sobre todos esses fatos as indicações mais minuciosas, precisando com exatidão os nomes, os lugares e as datas, de maneira a não deixar nenhuma dúvida sobre a sua identidade. Estes detalhes íntimos, conhecidos só de Laurent e de sua mulher, foram confirmados por eles. Para se fazer melhor ainda reconhecer por seu neto, ela o designou por seu pequeno nome ignorado do médium, e não lhe falou senão em seu dialeto, como quando viva.

Não havia, pois aí nada ao ponto de enganar-se, Germaine era bem a avó de Laurent, a condenada por infanticídio. Quanto à sua filha, da qual destruiu o filho, é hoje a filha de Laurent, a jovem Valentine, que vinha ainda de atormentar por uma cruel obsessão. Ela explicou a causa do ódio que lhe havia votado. Houvera luta entre as duas como Espírito, e esta luta continuou quando uma delas reencarnou. Um fato veio confirmar esta afirmativa, são as palavras que a jovem pronunciava durante o sono. Seus pais, como se o concebe, lhe tinham sempre deixado ignorar o que se passou em sua família; estas palavras: *A criança! a criança! nos rochedos! nos rochedos!* evidentemente, eram o resultado da lembrança que seu Espírito conservava no estado de desligamento. "Pois bem! disse eu ao pai de Valentine, estais bem convencido de que é o Espírito de sua avó? - Oh! senhor, respondeu ele, disso estava já convencido antes desta conversa. Este nome de Germaine, e as palavras de Valentine, em suas crises, não me deixam

nenhuma dúvida a esse respeito; eu o disse em seguida à minha mulher. Bem mais, quando me fa-lastes do Espiritismo e das reencarnações, tive no pensamento que minha mãe estava encarnada em Valentine."

Assim se explicam as exclamações repetidas de Laurent: "É má pessoa!" E as de sua mulher: "Ali há um mistério!"

EVOCAÇÃO DE UM SURDO-MUDO ENCARNADO

O Sr. Rui, membro da Sociedade de Paris, nos transmite o fato seguinte:

"Conheci, disse ele, em 1862, um jovem surdo-mudo de doze a treze anos, e, desejoso de fazer uma observação, pedi aos meus guias protetores se me seria possível evocá-lo. Tendo a resposta sido afirmativa, fiz vir essa criança em meu quarto, e a instalei em uma poltrona, em companhia de um prato de uva, que se pôs a debulhar com pressa. Coloquei-me, de minha parte, numa mesa; pedi, e fiz a evocação, como de hábito, ao cabo de alguns instantes minha mão tremeu, e escrevi: Eis-me.

"Eu olhei o menino: Ele estava imóvel, os olhos fechados, calmo, adormecido, o prato sobre os joelhos, e tinha parado de comer. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

P. Onde estás neste momento? - *R.* Em vosso quarto, em vossa poltrona.

P. Queres me dizer por que és surdo-mudo de nascença? –R- É uma expiação de meus crimes passados.

P. Quais crimes, pois, cometeste? - R Fui parricida.

P. Podes me dizer se tua mãe, *que amas tão ternamente,* não teria sido, seja como teu pai ou tua mãe na existência da qual falas, o objeto do crime que cometeste?

"Em vão esperei a resposta; minha mão ficou imóvel. Levei de novo os olhos sobre o menino; ele acabava de despertar, e comia avidamente suas uvas. Tendo então pedido aos meus guias explicar-me o que acabara de se passar, me foi respondido:

"Ele te deu as informações que desejavas, e Deus não permitiu que te desse as outras."

"Não sei como os partidários da comunicação exclusiva dos demônios nos explicariam este fato. Para mim, dele tirei a conclusão de que, uma vez que Deus nos permite algumas vezes evocar um Espírito encarnado, no-lo permite igualmente com relação aos desencarnados, quando o fazemos com um espírito de caridade."

Nota. - Faremos, de nosso lado, uma outra observação sobre este assunto. A prova da identidade resulta aqui do sono provocado pela evocação, e da cessação da escrita no momento do despertar. Quanto ao silêncio guardado sobre a última pergunta, prova a utilidade do véu lançado sobre o passado. Com efeito, suponhamos que a mãe atual desse menino foi sua vítima em outra existência, e que esta haja querido reparar seus erros pela afeição que lhe testemunha, é que a mãe não seria dolorosamente afetada se soubesse que seu filho foi seu homicida, e sua ternura por ela não seria alterada com isso? Poderia lhe ser permitido revelar a causa de sua enfermidade como assunto de instrução, a fim de nos dar uma prova a mais de que as aflições deste mundo têm uma causa anterior, quando esta causa não está na vida atual, e que assim tudo é segundo a justiça; mas o excesso era inútil e teria podido chegar aos ouvidos da mãe, foi por isso que os Espíritos o despertaram no momento em que ele iria, sem dúvida, responder. Explicaremos mais tarde a diferença que existe entre a posição deste menino e a de Valentine, do relato precedente.

Este fato, além disso, prova um outro ponto capital, de que não é somente depois da morte que o Espírito recobra a lembrança de seu passado; não se pode dizer que não a perde jamais, mesmo na encarnação, porque, durante o sono do corpo, quando goza de

uma certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe porque sofre, e que sofre justamente; a lembrança não se apaga senão durante a vida exterior de relação. Mas, na falta de uma lembrança precisa que poderia lhe ser penosa e prejudicar suas relações sociais, ele haure novas forças nesses instantes de emancipação, se soube aproveitá-los.

É preciso concluir desse fato que todos os surdos-mudos foram parricidas? Isto seria uma conseqüência absurda; porque a justiça de Deus não está circunscrita em limites absolutos, como a justiça humana. Outros exemplos provam que essa enfermidade, às vezes, é o resultado do mau uso que o indivíduo fez da faculdade da palavra. Pois quê! dir-se-á, a mesma expiação para duas faltas tão diferentes em sua gravidade, está aí a justiça? Mas aqueles que assim raciocinam ignoram, pois, que a mesma falta oferece graus infinitos de culpabilidade, e que Deus mede a responsabilidade pelas circunstâncias? Quem sabe, aliás, se esse menino, supondo seu crime sem desculpa, não sofreu no mundo dos Espíritos um duro castigo, e se seu arrependimento e seu desejo de reparar não reduziram a expiação terrestre a uma simples enfermidade? Admitindo, a título de hipótese, uma vez que o ignoramos, que sua mãe atual tenha sido sua vítima, se não tinha para com ela a resolução que tomou de reparar sua falta por sua ternura, é certo que um castigo mais terrível a esperaria, seja no mundo dos Espíritos, seja numa nova existência. A justiça de Deus jamais falha, e, por ser algumas vezes tardia, não perde nada por esperar; mas Deus, em sua bondade infinita, jamais condena de maneira irremissível, e deixa sempre aberta a porta do arrependimento; se o culpado demora muito em aproveitá-la, sofre por mais longo tempo. Assim, depende sempre dele abreviar seus sofrimentos. A duração do castigo é proporcional à duração do endurecimento; é assim que a justiça de Deus se concilia com a sua bondade e o seu amor por suas criaturas.

VARIEDADES

O PERISPÍRITO DESCRITO EM 1805.

Extrato da obra alemã: Os *Fenômenos místicos da vida humana,*
por Maximilien Perty, professor na universidade de Berna.
- Leipzig e Heidelberg, 1861.

Sob o título de: *"Aparição real de minha mulher depois de sua morte,* - Chemnitz, 1804," - o doutor Woetzel publicou um livro que causou uma enorme sensação nos primeiros anos deste século. O autor foi atacado em vários escritos; o Wieland sobretudo o põe em ridículo na *Euthanasia.* Durante uma enfermidade de sua mulher, Woetzel havia pedido a esta última para se apresentar a ele depois de sua morte. Ela lhe fez a promessa, mas, mais tarde, a seu pedido, seu marido a liberou. No entanto, algumas semanas depois de sua morte, um vento violento pareceu soprar no quarto, embora fechado; a luz ficou quase extinta; uma pequena janela na alcova se abriu, e, na fraca claridade que reinava, Woetzel viu a forma de sua mulher que lhe disse com voz doce: "Charles, eu sou imortal; um dia nos reveremos." A aparição e essas palavras consoladoras se renovaram mais tarde uma segunda vez. A mulher se mostra em túnica branca sob o aspecto que ela tinha antes de morrer. Um cão que não tinha se agita na primeira aparição se pôs a tremelicar e a descrever um círculo como ao redor de uma pessoa conhecida.

Numa segunda obra sobre o mesmo assunto (Leipzig, 1805), o autor fala de convites que lhe teriam sido dirigidos para desmentir todo o negócio, "porque de outro modo muitos sábios seriam forçados a renunciar àquilo que, até ali, acreditavam ser opiniões verdadeiras e justas, e que a superstição nisso encontraria um alimento." Mas já havia

pedido ao conselho da Universidade de Leipzig de lhe permitir para prestar um juramento jurídico a esse respeito. O autor desenvolve a sua teoria. Segundo ele, "a alma, depois da morte, seria envolvida de um corpo etéreo, luminoso, por meio do qual ela poderia se tornar visível; que ela poderia colocar outras vestimentas por cima desse envoltório luminoso; que a aparição não agiu sobre seu senso interior, mas unicamente sobre seus sentidos exteriores."

A esta explicação não falta, como se vê, senão a palavra *perispírito.* No entanto Woetzel está em erro quando acredita que a aparição não age senão sobre seus sentidos exteriores, e não sobre o senso interior; sabe-se hoje que é ao contrário o que ocorre; mas talvez quis dizer que estava perfeitamente desperto, e não em estado de sonho, o que provavelmente lhe fez crer que havia percebido a aparição unicamente pela visão corpórea, tendo em vista que não conhecia nem as propriedades do fluido perispiritual, nem o mecanismo da *visão espiritual.*

De resto, lendo a sábia obra do Sr. Pezzani, sobre a *Pluralidade das existências,* tem-se *a* prova de que o conhecimento do *corpo espiritual* remonta à mais alta antigüidade, e que o nome de *perispírito é o* único moderno. São Paulo o descreveu na primeira aos Cor., cap. XV. Woetzel o reconheceu unicamente pela força de seu raciocínio. O Espiritismo moderno tendo-o estudado nos fatos numerosos que observou, descreveu-lhe as propriedades e deduziu as leis de sua formação e de suas manifestações.

Quanto ao que concerne ao cão, isso nada tem de surpreendente; vários fatos parecem provar que certos animais sentem a presença dos Espíritos. Na *Revista Espírita,* de junho de 1860, página 171, citamos um exemplo deles que tem uma notável analogia com o de Woetzel. Não está mesmo positivamente provado que não possam vê-los. Não haveria nada de impossível a que, em certas circunstâncias, por exemplo, os cavalos que se amedrontam e se recusam obstinadamente a avançar sem motivo conhecido, sofressem o efeito de uma influência oculta.

UM NOVO OVO DE SAUMUR.

Saumur, ao que parece é fecundo em maravilhas ovíparas. Lembra-se que, no mês de setembro último, uma galinha, nativa desta cidade e domiciliada à rua da Visitation, pôs ovos miraculosos, sobre a concha das quais se via em relevo, e nitidamente desenhadas, objetos de santidade e de inscrições. Isto fez grande sensação num certo mundo, e excitou a verve zombeteira dos incrédulos; o *Echo saumurois,* entre outros, se alegrou muito com isso. A multidão se transportou para os lugares; a autoridade com isso se emocionou, e se propôs um policial para a guarda da galinha para esperar o acontecimento. Não nos repetiremos o espirituoso relato e a não menos judiciosa explicação que dele deu o *Sauveurdes Peuplesde* Bordeaux, de 18 de setembro de 1864, ao qual enviamos os nossos leitores para os detalhes circunstanciados do assunto.

Recentemente um dos nossos assinantes de Saumur nos remeteu um outro ovo fenomenal, originário da mesma cidade, com o pedido de consentir em examinar a bizarrice que apresenta, se bem que não tivesse nem desenhos nem inscrições; não que se acreditasse num prodígio, mas, ao contrário, para ter nossa opinião, a fim de opô-la às pessoas muito crédulas em matéria de milagres, porque parecia que, em conseqüência do que havia se passado, esse ovo tinha igualmente produzido uma certa sensação no público.

Não sabemos se é a mesma galinha. Eis do que se trata.

O ovo apresenta em sua ponta uma excrescência em forma de grosso cordão voltado sobre si mesmo, da mesma natureza que a casca e a ela aderida em todo o seu comprimento, que é de 6 a 7 centímetros. Basta conhecer a formação dos ovos para se dar conta desse fenômeno. Sabe-se que o ovo é de início formado de uma simples

membrana semelhante a uma bexiga, na qual se desenvolvem o branco e o amarelo, germe e alimento do futuro frango. Antes da ponta, essa película se cobre de uma camada de carbonato de cálcio que forma a casca. No caso de que se trata, o conteúdo não sendo suficiente para encher a membrana vesicular, disso resultou que a parte vazia formando pescoço de bexiga ficou contraída, depois rebateu torcendo sobre o próprio corpo do ovo. Tendo se formado depois o depósito calcário, endureceu o todo, o que deu lugar a essa excrescência anormal. Se toda capacidade tivesse enchida, o ovo teria sido monstruoso para um ovo de galinha, porque teria em torno de 10 centímetros em seu maior diâmetro, ao passo que tem um volume normal.

Que relação tudo isso tem com o Espiritismo? Absolutamente nenhuma. Se disso falamos, é porque seus detratores quiseram misturar seu nome no primeiro negócio, não sabemos verdadeiramente a que título, se não for, segundo seu hábito, de procurar todas as ocasiões de ridicularizá-lo, mesmo nas coisas que lhe são as mais estranhas. Quisemos provar uma vez mais que os Espíritas não são tão crédulos quanto se quer muito dize-lo. Desde que um fenômeno insólito se apresenta, dele procuram, antes de tudo, a explicação no mundo tangível, e não misturam os Espíritos a tudo que é extraordinário, porque sabem em quais limites e segundo quais leis se exerce sua ação.

NOTICIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS DA ALMA,
Por ANDRÉ PEZZANI, advogado na Corte imperial de Lyon.

Esta obra, anunciada há algum tempo, e que era esperada com impaciência, vem de aparecer na casa dos Srs. Didier e Cia. (1-(1) Um vol. in-8°, em venda. Preço: 6 fr. - No prelo, ed. in-12. Preço: 3fr.). Todos aqueles que conhecem o autor, sua vasta erudição, seu espírito judicioso de análise e investigação, não duvidando que essa séria questão da pluralidade das existências não foi tratada por ele segundo a sua importância. Estamos felizes em dizer que não falhou em sua tarefa. No entanto, pouco prendeu-se em demonstrar essa grande lei da Humanidade por seu próprio raciocínio, se bem que disso não faça abnegação. Por sábio que ele seja, é modesto muito modesto mesmo, o que é muito raramente o corolário do saber; foi dito que a sua opinião pessoal pesaria pouco na balança, e foi porque se apoiou mais sobre a dos outros do que sobre a sua. Ele quis demonstrar que esse princípio havia sido entrevisto pelos maiores gênios de todos os tempo; que se encontra em todas as religiões, às vezes clara e categoricamente formulado, mais freqüentemente velado sob a alegoria; que é implicitamente a fonte primeira de uma multidão de dogmas. Ele prova, por documentos autênticos, que fazia, com a teoria da imortalidade e do progresso da alma, parte do ensino secreto reservado somente aos iniciados nos mistérios. Nesses tempos recuados, poderia isso ter utilidade, assim como o demonstra, em esconder ao vulgo certas verdades que as massas não estavam amadurecidas para compreender, e que as teria deslumbrado sem esclarecê-las. Sua obra é, pois, rica em citações, desde os livros sagrados dos Indus, dos Persas, dos Judeus, dos cristãos; os filósofos gregos, os neoplatônicos, as doutrinas druídicas, até os escritores modernos: Charles Bonnet, Ballanche, Fourier, Pierre Lerouxe, Jean Raynaud, Henri Martin, etc.; e, como conclusão e última expressão, os livros espíritas.

Nesse vasto panorama, passa em revista todas as opiniões, as diversas teorias sobre a origem e os destinos da alma. A doutrina da metempsicose animal ali é tratada largamente e de maneira nova. Ele demonstra que a da pluralidade das existências humanas a precedeu, e que a transmigração nos corpos de animais não é senão dela uma derivação alterada e não o princípio. Era a crença reservada ao vulgo, incapaz de compreender as altas verdades abstratas, e como freio das paixões. A encarnação nos animais era uma punição, uma espécie de inferno visível, atual, que deveria mais

impressionar do que o medo de um castigo moral num mundo espiritual. Eis o que disse a esse respeito Timée de Locres, que Cícero assegura ter sido o mestre de Platão:

"Se alguém é viciado e viola as regras do Estado, é preciso que seja punido pelas leis e pelas censuras; deve-se ainda assustar pelo medo do inferno, pela apreensão das penas contínuas, dos castigos, e pelos terrores e as punições inevitáveis que estão reservadas aos infelizes criminosos sob a terra.

"Eu louvo muito o poeta jônico (Homero) por ter mostrado os homens religiosos por fábulas antigas e úteis; porque, do mesmo modo que curamos os corpos com remédios malsãos, se não cedem aos remédios mais salutares, do mesmo modo reprimimos as almas pelos discursos falsos, se elas não se deixam conduzir pelos verdadeiros. É pela mesma razão que é necessário estabelecer penas passageiras fundadas sobre a crença na transformação das almas. De sorte que as almas dos homens tímidos passam, depois da morte, no corpo de mulheres expostas ao desprezo e às injúrias; as almas dos homicidas no corpo de animais ferozes, para ali receber sua punição; a dos impudicos nos porcos e nos javalis; as dos inconstantes e dos evaporados nos pássaros que voam nos ares; as dos preguiçosos, dos ociosos, dos ignorantes e dos loucos nas formas de animais aquáticos. É a deusa Nemésia que julga todas essas coisas, no segundo período, quer dizer, no círculo da segunda região ao redor da Terra, com os demônios, vingadores dos crimes, que são os inquisidores terrestres das ações humanas, e a quem o Deus condutor de todas as coisas concedeu a administração do mundo cheio de deuses, de homens e de outros animais que foram produzidos segundo a imagem excelente da forma improduzida e eterna."

Ressalta daí e de diversos outros documentos que a maioria dos filósofos que professavam ostensivamente a metempsicose animal, como meio, nisso não criam eles mesmos, e que tinham uma doutrina secreta mais racional sobre a vida futura. Tal parece ter sido também o sentimento de Pitágoras, que não é, como se sabe, o autor da metempsicose, e dela não foi senão o propagador na Grécia, depois de tê-la encontrado entre os Indus. De resto, a encarnação na animalidade não era senão uma punição temporária de alguns milhares de anos, mais ou menos segundo a culpabilidade, uma espécie de prisão, ao sair da qual a alma reentraria na humanidade. A encarnação animal não era, pois, uma condição absoluta, e se aliava, como se vê, à reencarnação humana. Era uma espécie de espantalho para os simples, bem mais do que um artigo de fé entre os filósofos; do mesmo modo que se diz às crianças: "Se fordes más o lobo vos comerá," os Antigos diziam aos criminosos:" Tornar-vos-eis lobos."

A doutrina da pluralidade das existências, separada das fábulas e dos erros dos tempos de ignorância, tende hoje, de maneira evidente, a entrar na filosofia moderna, abstração feita do Espiritismo, porque os pensadores sérios nela encontram a única solução possível dos maiores problemas da moral e da vida humana. A obra do Sr. Pezzani vem, pois, muito a propósito lançar a luz da história sobre esta importante questão; ele poupará as pesquisas laboriosas, difíceis e freqüentemente impossíveis para muita gente. O autor não o escreveu do ponto de vista do Espiritismo, que ali não figura senão de maneira acessória e como informação; ele escreveu do ponto de vista filosófico, de maneira a abrir-lhe as portas que lhe estariam fechadas se não lhe tivesse dado a etiqueta das novas crenças. É o cumprimento de *A pluralidade dos mundos habitados,* do Sr. Flammarion, que, de seu lado, vulgarizou um dos grandes princípios de nossa Doutrina, sem dela falar.

Teremos que retornar sobre as obras do Sr. Pezzani, fazendo-lhe diversas citações.

O MÉDIUM EVANGÉLICO,

Novo jornal espírita de Toulose (1-)

(1) O *Médium evangélico aparece* todos os sábados, desde 15 de dezembro. - Preço: Toulose, 8 fr, por ano; 6 meses, 4 fr. 50. - Departamentos, 9 fr. e 5 fr. - Assinatura em Toulose, rua de la Pomme, 34; em Paris, bulevard St.-Germain, 68..

O último mês do ano que acaba de escoar viu nascer um novo órgão do Espiritismo, o que vem corroborar nossas reflexões contidas no artigo acima sobre o estado do Espiritismo em 1864. Segundo seu início e a carta que seu diretor consentiu nos escrever antes de sua publicação, devemos contar com um novo combatente para defesa dos verdadeiros princípios da Doutrina, queremos falar daqueles que são hoje sancionados pelo grande controle da concordância. Que seja, pois, bem-vindo.

À espera de que tenhamos podido julgá-lo por suas obras, diremos que se o ditado: *Nobreza obriga,* é verdadeiro, pode-se dizer com mais forte razão que *o título obriga.* O de *Médium evangélico é* todo um programa e um belo programa, que impõe grandes obrigações, mas que, no entanto, poderia se entender de duas maneiras. Poderia significar, ou que o jornal se ocupará principalmente de controvérsias religiosas do ponto de vista dogmático, ou que, compreende o objetivo essencial do Espiritismo que é a moralização, será redigido segundo o espírito evangélico, que é sinônimo de caridade, tolerância e moderação. No primeiro caso, não o seguiríamos, porque o próprio interesse da Doutrina exige uma reserva no desenvolvimento de suas conseqüências, e que se recua querendo ir muito depressa: "De nada serve correr, é preciso partir a propósito." No segundo, estaremos inteiramente com ele. Eis, de resto, um extrato de sua profissão de fé colocada na cabeça do primeiro número:

"O jornal que empreendemos fundar, sob o título de *Médium evangélico,* tem por objetivo entrar nos caminhos novos dos quais o mundo hoje se preocupa, quero dizer, nos caminhos do Espiritismo.

Este jornal nos pareceu necessário em Toulose, na hora em que os Espíritas não se contam já mais entre nós, na hora em que seus grupos numerosos aumentam mais cada dia. Com efeito, a publicidade será um meio de melhor dar a conhecer o resultado dos trabalhos desses diversos grupos e de torná-los mais úteis à grande causa do progresso moral *ao qual todas as nossas destinações nos convidam.*

"No entanto, afim de não flutuar a todo vento de doutrina, nesses caminhos ainda difíceis, acreditamos dever erguer um estandarte, sob os auspícios do qual queremos sincera e resolutamente caminhar, certos de que o grande princípio da renovação moral está ali onde não há mais nem Gregos nem Romanos, quer dizer, judeus, protestantes, católicos, mas uma grande família unida pelos laços da fraternidade, e tendendo para um objetivo comum em seu curso ofegante através das solicitações misteriosas da vida. Esse estandarte, vós o conheceis. Não é a cruz de ouro, filha do orgulho e dos vãos pensamentos dos homens, mas a cruz de madeira, filha do devotamento e do sacrifício, dizemos, filha da verdadeira caridade."

Lamentamos que a falta de espaço nos impeça de citar a profissão de fé por inteira; mas, sem dúvida, teremos ocasião de a ela retornar.

ALFABETO ESPÍRITA

Para aprender a ser feliz.

Sob este título, nosso muito honrado irmão em Espiritismo, Sr. Delhez, de Viena, na Áustria, cujo zelo pela causa da Doutrina é infatigável, vem de publicar um opúsculo em língua alemã, do qual uma parte contém a tradução francesa em frente. É uma interessante coletânea de comunicações medianímicas em prosa e em verso, obtidas na Sociedade Espírita de Viena, sobre diferentes assuntos de moral, alinhados por ordem alfabética. Ele é encontrado em Viena na casa do autor, Singerstrasse, 7, e em todas as livrarias. Preço: 1 florin, o Sr. Delhez é o tradutor de *O Livro dos Espíritos* em língua alemã.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS.

(Sociedade Espírita de Anvers. - 1864.)

I

Reconhecei a grandeza e a misericórdia de Deus para com todos os seus filhos. A voz do Altíssimo se fez ouvir! inclinai-vos e sede humildes porque o poder do Senhor é grande. A Terra inteira deve

se abalar sob sua mão misericordiosa, e aqueles que se submeterão às suas leis serão benditos, como outrora Abraão, que caminhava para uma terra desconhecida, porque a voz do Eterno falava em seu coração.

O Altíssimo vos sustentará, vós que caminhais sob seu olhar paternal, humildes e crentes. Deixai-vos tratar de pobres de espírito, o Deus forte vos atrairá a ele por sua graça; sede fortes trabalhando em sua vinha, e desprezai os desdéns dos ímpios, porque o Eterno vos tocou com a sua mão protetora. Sede corajosos, e caminhai sem saber onde vos conduz; ele protege aqueles que apoiam sua fraqueza sobre *a* sua força. O Criador é grande; admirai-o em suas obras.

O Espiritismo se difunde sobre a Terra, semelhante ao orvalho benfazejo da noite que refresca uma terra muito seca. Ele derrama em vossas almas o orvalho celeste: vossos corações, pela unção da graça divina, produzirão bons frutos, e vossos trabalhos divulgarão sua glória e sua grandeza.

Deus é todo-poderoso, e quando conduziu por sua força o braço de Moisés, as tábuas da lei não abalaram a Terra? Que temeis? Deus vos abandonará à vossa fraqueza, quando deu sua força a Moisés? O Altíssimo não enviou o maná no deserto? Será menos misericordioso para convosco do que não o foi para os filhos de Israel, deixando secar vossos corações pela ignorância?

Deus é tão justo quanto é grande! Apoiai-vos sobre ele, e ele vos inundará de sua graça; vossos corações desabrocharão e se tornarão o asilo da fé e da caridade; porque a verdade luziu sobre a Terra, e o Altíssimo vos tocou com a sua mão benfazeja.

Coragem, Espíritas! o Deus forte vos olha. Que vossos corações sejam as tábuas onde ele escreve suas leis, e que nada de impuro suje o templo do Eterno, a fim de vos tornardes dignos de publicar seus mandamentos. Não temais em caminhar nas trevas, quando a luz divina vos conduz.

Os tempos designados pelo Todo-Poderoso são chegados; as trevas desaparecerão da Terra para dar lugar aos raios divinos que inundarão vossas almas, se não repelirdes a voz de Deus.

A força do Altíssimo se derramará sobre seu povo, e seus filhos o abençoarão cantando seus louvores pela pureza de seus corações. Que nada vos detenha, que nada vos desanime; sede firmes na obra de Deus. Sede todos os filhos de uma grande família, e que o olhar de vosso Pai celeste vos conduza e faça frutificar vossos trabalhos.

II

O reino do Cristo se aproxima; os precursores o anunciam; as guerras surdas aumentam; os Espíritos encarnados se agitam sob o sopro impuro do príncipe das trevas: o demônio, o orgulho que lança seu fogo semelhante à cratera de um vulcão em trabalho. O mundo invisível se ergue diante da cruz; toda a hierarquia celeste está em marcha para o combate divino. Espíritas, levantai-vos; dai a mão aos vossos irmãos, os apóstolos da fé, a fim de que sejais fortes diante do exército tenebroso que quer vos engolir. Curvai-vos diante da cruz, é a vossa salvaguarda no perigo, é a garantia da vitória. A luta está semeada de perigos, não vo-lo escondemos; mas os combates são necessários para tornar o triunfo da fé mais evidente e mais sólido, e a fim de que estas palavras do Cristo se cumpram: As portas do inferno não prevalecerão contra ela.

III

O homem jamais é tão forte do que quando sente a sua fraqueza; ele pode tudo empreender sob o olhar de Deus. Sua força moral cresce em razão de sua confiança, porque sente a necessidade de se dirigir ao Criador para pôr sua fraqueza ao abrigo das quedas em que a imperfeição humana pode arrastá-la. Aquele que coloca a sua vontade na de Deus pode desafiar impunemente o Espírito do mal, sem se crer temerário. Se o Ser supremo permite a luta entre o anjo e o demônio é para dar à criatura a ocasião de triunfar e de se sacrificar nos combates. Quando São Paulo sentiu vibrar nele a voz de Deus, ele exclamou: "Eu tudo posso n'Aquele que me fortalece;" e o maior pecador se tornou o apóstolo mais zeloso de sua fé. Santo Agostinho, abandonado à fraqueza de sua natureza ardente e apaixonada, sucumbe; torna-se forte sob o olhar de Deus, que dá sempre a força àquele que a pede para resistir ao mal. Mas o homem, em sua cegueira, se crê poderoso por si mesmo; e abandonando o recurso a Deus, cai no abismo que lhe cava o amor-próprio. Coragem, pois, porque por forte que seja o Espírito que barra o caminho, apoiados sobre a cruz nada tendes a temer; ao contrário, tendes tudo a ganhar para vossa alma, que crescerá sob o raio divino da fé. Deixai-vos conduzir através das tempestades, e chegareis ao fim de vosso curso, onde Jesus vos espera.

Todo homem tem necessidade de conselhos; infeliz aquele que se crê bastante forte por suas próprias luzes, porque terá numerosas decepções.

O Espiritismo está cheio de escolhos mesmo nos grupos, com mais forte razão no isolamento. O medo excessivo que tendes de ser enganados é um bem para vós, porque ele foi a vossa salvaguarda em mais de uma circunstância. No entanto, vossas comunicações têm necessidade de controle; algumas apreciações não bastam; é porque vossos Espíritos protetores vos aconselharam a vos dirigir ao chefe espírita, a fim de que sejais fixados sobre seu valor.

É preciso provar, pela união, que todos os adeptos sérios trabalham de acordo na vinha do Senhor, que vai estender seus ramos sobre o mundo inteiro. Quanto mais os obreiros se reunirem, mais depressa a grande cadeia espírita será formada, e mais depressa também a família humana será inundada de eflúvios divinos da fé e da caridade, que regenerarão as almas sob o poder do Criador.

Que cada um de vós leve a sua pedra ao edifício na medida de suas forças; mas se cada um quiser construir ao seu modo, sem levar em conta as instruções que vos demos, e que dele formam a base; se não há acordo entre vós; se não tendes um ponto de união, então fareis uma torre de Babel. Esse ponto, nós vo-lo mostramos: que cada um dele faça seu objetivo único; este sinal, nós vo-lo demos: que cada um o inscreva sob sua bandeira; então vos reconhecereis e vos estendereis a mão. Mas Deus dispersará os presunçosos que não terão escutado a sua voz; cegará os orgulhosos que se crerem bastante fortes por si mesmos, e aqueles que se afastarem da rota que lhes traçou, se perderão no deserto.

Espíritas, sede fortes de coragem, de perseverança e de firmeza, mas humildes de coração, segundo o preceito do Evangelho, e Jesus vos conduzirá através das tormentas e abençoará os vossos trabalhos.

Cada luta suportada corajosamente sob o olhar de Deus é uma prece fervorosa que sobe até ele como o incenso puro e de agradável odor. Se bastasse formular palavras para se dirigir a Deus, os preguiçosos não teriam senão que tomar um livro de preces para satisfazer a obrigação de orar. Só o trabalho, a atividade da alma, são a boa prece que a purifica e a dignifica.

FÉNELON.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO NO. 2 FEVEREIRO 1865

DA APREENSÃO DA MORTE.

O homem, em qualquer grau da escala a que pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento inato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a última palavra da existência, e que aqueles que lamentamos não estão perdidos sem retorno. A crença no futuro é intuitiva, e infinitamente mais geral do que a no nada. Como ocorre, pois, que, entre aqueles que crêem na imortalidade da alma, encontre-se ainda tanto apego às coisas da Terra, e uma tão grande apreensão da morte?

A apreensão da morte é um efeito da sabedoria da Providência, e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ela é necessária enquanto o homem não está esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso ao ar-rastamento que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre, e negligenciar o trabalho deste mundo, que deve servir ao seu próprio adiantamento.

É por isso que, nos povos primitivos, o futuro não é senão uma vaga intuição, mas tarde uma simples esperança, mais tarde enfim uma certeza, mas ainda contrabalançada por um secreto apego à vida corpórea.

Á medida que o homem compreende melhor a vida futura, a apreensão da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão sobre a Terra, espera seu fim com mais calma, resignação e sem medo. A certeza da vida futura dá um outro curso às suas idéias, um outro objetivo aos seus trabalhos; antes de ter essa certeza, não trabalha senão pelo presente, porque sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que dá ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de continuar as relações que teve sobre a Terra, de não perder o fruto de nenhum trabalho, de crescer sem cessar em inteligência e em perfeição, dá-lhe a paciência de esperar, e a coragem de suportar as fadigas momentâneas da vida terrestre. A solidariedade que ele vê se estabelecer entre os mortos e os vivos lhe faz compreender a que deve existir entre os vivos; a fraternidade, desde então, é sua razão de ser e a caridade um objetivo no presente e no futuro.

Para se libertar das apreensões da morte, é preciso poder encarar esta sob seu verdadeiro ponto de vista, quer dizer, ter penetrado, pelo pensamento, no mundo invisível e dele ter feito uma idéia tão exata quanto possível, o que denota no Espírito encarnado um certo desenvolvimento, e uma certa aptidão a se libertar da matéria. Naqueles que não estão suficientemente avançados, ávida material se impõe ainda sobre a vida espiritual. O homem se apegando ao exterior, não vê a vida senão no corpo, ao passo que a vida real está na alma; estando o corpo privado de vida, aos seus olhos, tudo está perdido, e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar seu pensamento sobre a veste exterior, ele o leva sobre a própria fonte da vida, sobre a alma que é o ser real sobrevivente a tudo, lamentaria menos o corpo, fonte de tantas misérias e dores; mas, para isso, é preciso uma força que o Espírito não adquire senão com a maturidade.

A apreensão da morte prende-se, pois, à insuficiência das noções sobre a vida futura; mas ela denota a necessidade de viver, e o medo de que a destruição do corpo não seja o fim de tudo; é assim provocada pelo secreto desejo da sobrevivência da alma, ainda velada pela incerteza.

A apreensão se enfraquece à medida que a certeza se forma; desaparece quando a certeza é completa.

Eis o lado providencial da questão. Era sábio não ofuscar o homem cuja razão não estava ainda bastante forte para suportar a perspectiva, muito positiva e muito sedutora, de um futuro que lhe teria feito negligenciar o presente necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

Esse estado de coisas é mantido e prolongado por causas puramente humanas, que desaparecerão com o progresso. A primeira é o aspecto sob o qual é apresentada a vida futura, aspecto que poderia bastar às inteligências pouco avançadas, mas que não saberia satisfazer as exigências da razão dos homens que refletem. Desde que, dizem eles, nos apresente como verdades absolutas princípios contraditados pela lógica e pelos dados positivos da ciência, é que não são verdades. Daí em alguns a incredulidade, num grande número, uma crença misturada de dúvida. A vida futura é para eles uma idéia vaga, uma probabilidade antes que uma certeza absoluta; nisso crêem, gostariam que assim fosse, e apesar deles, dizem: Se, no entanto, assim não for! O presente é positivo, primeiro nos ocupemos dele; o futuro virá por acréscimo.

E depois, dizem ainda, que é em definitivo a alma? É um ponto, um átomo, uma centelha, uma chama? como ela sente? como ela vê? como ela percebe? A alma não é para eles uma realidade efetiva: é uma abstração. Os seres que lhe são caros, reduzidos ao estado de átomos em seu pensamento, estão por assim dizer perdidos para eles, e não têm mais aos seus olhos as qualidades que os fazia amá-los; não compreendem nem o amor de uma centelha, nem aquele que se pode ter por ela, e eles mesmos são mediocremente satisfeitos de serem transformados em mônadas. Daí o retorno ao positivismo da vida terrestre, que tem alguma coisa de mais substancial. O número daqueles que são dominados por esses pensamentos é considerável.

Uma outra razão que se liga às coisas da Terra, aqueles mesmos que crêem mais firmemente na vida futura prendem-se à impressão que conservam do ensino que dela lhes foi dado desde a infância.

O quadro que dela faz a religião não é, nisso é preciso convir, nem muito sedutor, nem muito consolador. De um lado ali se vêem as contorções dos condenados que expiam nas torturas e nas chamas sem fim seus erros de um momento; para quem os séculos se sucedem aos séculos sem esperança de abrandamento nem de piedade; e o que é mais impiedoso ainda, para quem o arrependimento é sem eficácia. De outro, as almas lângidas e sofredoras do purgatório, esperando sua libertação da boa vontade dos vivos que pedirão ou farão pedir por elas, e não de seus esforços para progredir. Essas duas categorias compõem a imensa maioria da população do outro mundo. Acima plana a muito restrita dos eleitos, gozando, durante a eternidade, de uma beatitude contemplativa. Esta eterna inutilidade, preferível, sem dúvida, ao nada, não é menos que uma fastidiosa monotonia. Também se vêem, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas, mas que respiram antes o tédio do que a verdadeira felicidade.

Esse estado não satisfaz nem as aspirações, nem a idéia instintiva do progresso, a única que parece compatível com a felicidade absoluta. Tem-se dificuldade em conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, só porque recebeu o batismo, esteja no mesmo nível que o daquele que chegou ao mais alto grau da ciência e da moralidade prática, depois de longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta em tenra idade, antes de ter consciência de si mesma e de seus atos, gozasse os mesmos privilégios pelo único fato de uma cerimônia, na qual sua vontade não tomou nenhuma parte.

Esses pensamentos não deixam de agitar os mais fervorosos, por pouco que refletissem. O trabalho progressivo que se cumpre sobre a Terra, não estando por nada na felicidade futura, a facilidade com a qual crêem adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, a própria possibilidade de comprá-la a preço de dinheiro, sem reforma séria do caráter e dos hábitos, deixam aos gozos do mundo todo o seu valor. Mais de um crente disse-o, em seu foro interior, que, uma vez que seu futuro está assegurado pelo cumprimento de certas fórmulas, ou por dons póstumos que não o privam de nada, seria supérfluo impor esses sacrifícios ou um embaraço qualquer em proveito de outrem, desde que pode fazer sua salvação trabalhando cada um para si.

Seguramente tal não é o pensamento de todos, porque há grandes e belas exceções; mas não se pode dissimular que essa não seja a de um número maior, sobretudo das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que se faz das condições para ser feliz no outro mundo não mantém o apego aos bens deste, e, consequentemente, o egoísmo.

Acrescentamos a isso que tudo, nos usos, concorre para fazer lamentar a vida terrestre, e temer a passagem da Terra ao céu. A morte não é cercada senão de cerimônias lúgubres que terrificam mais do que provocam a esperança. Se se representa a morte, é sempre sob um aspecto repousante, e jamais como um sono de transição; todos os seus emblemas lembram a destruição do corpo, ou o mostram odioso e descarnado; nenhuma simboliza a alma que se liberta radiosa de seus laços terrestres. A partida para esse mundo mais feliz não é acompanhada senão de lamentações dos sobreviventes, como se chegasse a maior infelicidade àqueles que para lá se vão; diz-se um eterno adeus como se não se devesse jamais revê-los; o que se lamenta por eles são os gozos deste mundo, como se não devessem encontrar gozos maiores. Que infelicidade, diz-se, morrer quando se é jovem, rico, feliz e que se tem diante de si um futuro brilhante! A idéia de uma situação mais feliz apenas aflora no pensamento, porque ela não tem ali raízes. Tudo concorre, pois, para inspirar o medo da morte em lugar de fazer nascer a esperança. Sem dúvida, o homem terá muito tempo para se desfazer desses preconceitos, mas ali chegará à medida que sua fé se afirmar, que se fizer uma idéia mais sadia da vida espiritual.

A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de encarar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas depois da morte não é mais um sistema, mas um resultado de observação. O véu é levantado; o mundo invisível nos aparece em toda sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, foram os próprios habitantes desse mundo que vieram nos descrever sua situação; nós os vemos ali em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e da infelicidade; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. A está, para os Espíritas, a causa da calma com *a* qual encaram a morte, a serenidade de seus últimos instantes sobre a Terra. O que o sustenta não é somente a esperança, é a certeza; sabem que a vida futura não é senão a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que esperam o reerguer do Sol depois de uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança estão nos fatos dos quais são testemunhas, e no acordo desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e as aspirações íntimas do homem.

A crença vulgar coloca, por outro lado, essas almas nas regiões apenas acessíveis ao pensamento, onde se tornam, de alguma sorte, estranhas aos sobreviventes; a própria Igreja coloca entre elas e esta última uma barreira intransponível; ela declara que toda relação está rompida, toda comunicação é impossível. Se elas estão no inferno, toda esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos de lá ir por si mesmo; se elas estão entre os eleitos, estão toda absorvidas pela sua beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os mortos e os vivos uma tal distância, que se considera a separação como eterna; é porque prefere-se ainda vê-las junto de si sofredoras sobre a Terra, a vê-las

partir, mesmo para o céu. Depois a alma, que está no céu, é realmente feliz em ver, por exemplo, seu *filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos* queimarem eternamente?

Para os Espíritas, a alma não é mais uma abstração; ela tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido, que o pensamento abarca e concebe; já é muito para fixar as idéias sobre sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros repousa sobre alguma coisa de real. Não se os representa mais como chamas fugidias que não lembram nada ao pensamento mas sob uma forma concreta que no-las mostra como seres vivos. Depois, em lugar de seres perdidos nas profundezas do espaço, estão ao nosso redor; o mundo visível e o mundo invisível estão em perpétuas relações, e se assistem mutuamente. Não sendo mais permitida a dúvida sobre o futuro, a apreensão da morte não tem mais razão de ser; se a vê chegar de sangue-frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.

DA PERPETUIDADE DO ESPIRITISMO.

Num artigo precedente, falamos dos progressos incessantes do Espiritismo. Esses progressos serão duráveis ou efêmeros? É um meteoro que brilha com uma luz passageira, como tantas outras coisas? É o que vamos examinar em algumas palavras.

Se o Espiritismo fosse uma simples teoria, uma escola filosófica repousando sobre uma opinião pessoal, nada lhe garantiria a estabilidade, porque poderia satisfazer hoje e não mais satisfazer amanhã; num tempo dado, poderia não estar mais em harmonia com os costumes e o desenvolvimento intelectual, e então cairia como todas as coisas superadas que permanecem atrás do movimento; enfim, poderia ser substituído por qualquer coisa melhor. Assim ocorre com todas as concepções humanas, com todas as legislações, com todas as doutrinas puramente especulativas.

O Espiritismo se apresenta em condições de todo outras, assim como muitas vezes fizemos observar. Ele repousa sobre um fato, o da comunicação do mundo visível e do mundo invisível; ora, um fato não pode ser anulado pelo tempo, como uma opinião. Sem dúvida, ele não é ainda admitido por todo o mundo, mas que importam as negações de alguns, quando é a cada dia constatado por milhões de indivíduos, cujo número cresce sem cessar, e que não são nem mais tolos nem mais cegos do que os outros? Virá, pois, um momento em que não encontrará mais negadores do que não os tem agora para o movimento da Terra.

Quantas oposições este último fez levantarem-se! por muito tempo os incrédulos não deixaram de ter boas razões aparentes para constatá-lo. "Como crer, diziam, na existência de antípodas caminhando de cabeça para baixo? E se a Terra gira, como se o pretende, como cremos que estejamos nós mesmos, todas as vinte e quatro horas, nessa posição incômoda sem disso nos perceber? Nesse estado, não poderíamos mais permanecer ligados à terra se quiséssemos caminhar sobre um teto, os pés no ar, à maneira de moscas. E depois, em que se tornariam os mares? É que a água não se derrama quando se pende o vaso? A coisa toda é simplesmente *impossível,* portanto ela é absurda, e Galileu é um louco."

No entanto, essa coisa absurda sendo um fato, ela triunfou de todas as razões contrárias e de todos os anátemas. O que faltava para admitir-lhe a possibilidade? o conhecimento da lei natural sobre a qual ela repousa. Se Galileu tivesse se contentado em dizer que a Terra gira, não se lhe creria ainda na hora que foi; mas as negações caíram diante do conhecimento do princípio.

Ocorrerá o mesmo com o Espiritismo; uma vez que ele repousa sobre um fato material existindo em virtude de uma lei, explicada e demonstrada, que lhe tira todo caráter sobrenatural e maravilhoso, é imperecível. Aqueles que negam as possibilidades das manifestações estão no mesmo caso daqueles que negaram o movimento da Terra.

A maioria nega a causa primeira, quer dizer, a alma, sua sobrevivência e sua individualidade; não é, pois, surpreendente que neguem o efeito. Eles julgam sobre o simples enunciado do fato, e o declaram absurdo, como outrora se declarava absurda a crença nos antípodas. Mas o que pode sua opinião contra um fenômeno constatado pela observação e demonstrado por uma lei da Natureza? Sendo o movimento da Terra um fato puramente científico, sua constatação não estava ao alcance do vulgo; foi preciso aceitá-lo sobre a fé dos sábios; mas o Espiritismo tem a mais, por ele, o poder ser constatado por todo o mundo, o que explica a sua propagação tão rápida.

Toda descoberta nova de qualquer importância tem conseqüências mais ou menos graves; a do movimento da Terra e da lei de gravitação, que rege esse movimento, tiveram incalculáveis; a ciência viu se abrir diante dela um novo campo de exploração, e não saber-se-iam enumerar todas as descobertas, as invenções e as aplicações que dela foram a conseqüência. O progresso da ciência tem levado ao da indústria, e o progresso da indústria mudou a maneira de viver, os hábitos, em uma palavra, todas as condições de ser da Humanidade. O conhecimento das relações do mundo visível e do mundo invisível tem conseqüências ainda mais diretas e mais imediatamente práticas, porque está ao alcance de todas as individualidades e interessa a todas. Cada homem devendo necessariamente morrer, ninguém pode ser indiferente ao que dele advirá depois de sua morte. Pela certeza que o Espiritismo dá do futuro, muda a maneira de ver e influi sobre a moralidade. Abafando o egoísmo, modificará profundamente as relações sociais de indivíduo a indivíduo, e de povo a povo.

Muitos reformadores, de pensamentos generosos, formularam doutrinas mais ou menos sedutoras; mas para a maioria elas não tiveram senão um sucesso de seita, temporário e circunscrito. Isso foi assim e será assim sempre com as teorias puramente sistemáticas, porque não é dado ao homem sobre a Terra conceber alguma coisa de completa e de perfeita. O Espiritismo, ao contrário, apoiando-se não sobre uma idéia preconcebida, mas sobre f atos patentes, está ao abrigo dessas flutuações e não pode senão crescer à medida que esses fatos forem vulgarizados, melhor conhecidos e melhor compreendidos; ora, nenhum poder humano poderia impedir a vulgarização de fatos que cada um pode constatar; constatados os fatos, ninguém pode impedir as conseqüências que deles decorrem. Essas conseqüências são aqui uma revolução completa nas idéias e na maneira de ver as coisas deste mundo e do outro; antes que este século se escoe, ela se cumprirá.

Mas, dir-se-á, ao lado dos fatos tendes uma teoria, uma doutrina; quem vos diz que essa teoria não sofrerá variações; que a de hoje será a mesma em alguns anos?

Sem dúvida, ela pode sofrer modificações em seus detalhes, em conseqüência de novas observações; mas estando o princípio doravante adquirido, não pode variar, e ainda menos ser anulado; aí está o essencial. Desde Copérnico e Galileu, calculou-se melhor o movimento da Terra e dos astros, mas o fato do movimento permaneceu com o princípio.

Dissemos que o Espiritismo é, antes de tudo, uma ciência de observação; o que faz sua força contra os ataques, dos quais é objeto, e dá aos seus adeptos uma fé inabalável. Todos os raciocínios que se lhe opõem caem diante dos fatos, e esses raciocínios são tanto de menor valor aos seus olhos quanto os sabem interessados. Em vão se lhes diz que isso não é, ou que é outra coisa, eles respondem: Nós não podemos negar a evidência. Ainda, se deles não houvesse senão um único, poder-se-ia se crer joguete de uma ilusão; mas quando milhões de indivíduos vêem a mesma coisa, em todos os países, disso se conclui logicamente que são os negadores que se enganam.

Se os fatos espíritas não tivessem por resultado senão satisfazer a curiosidade, não causariam certamente senão uma preocupação momentânea, como tudo o que é inútil; mas as conseqüências que deles decorrem tocam o coração, tornam felizes, satisfazem as aspirações, enchem o vazio cavado pela dúvida, lançando a luz sobre a temível

questão do futuro; bem mais, vê-se aí uma causa poderosa de moralização para *a* sociedade; ela têm, pois, um grande interesse; ora, não se renuncia facilmente àquilo que é uma fonte de felicidade. Seguramente, não é nem com a perspectiva do nada, nem com a das chamas eternas, que desligarão os Espíritas de sua crença.

O Espiritismo não se afastará da verdade, e nada terá *a* temer das opiniões contraditórias, enquanto sua teoria científica e sua doutrina moral forem uma dedução dos fatos escrupulosamente e conscientemente observados, sem preconceitos nem sistemas preconcebidos. Foi diante de uma observação mais completa que todas teorias prematuras e arriscadas, eclodidas na origem dos fenômenos espíritas modernos, caíram, e vieram se fundir na imponente unidade que existe hoje, e contra a qual não se obstinam mais senão raras individualidades, que diminuem todos os dias. As lacunas que a teoria atual pode ainda encerrar se encherão do mesmo modo. O Espiritismo está longe de ter dito a sua última palavra, quanto às suas conseqüências, mas é inabalável em sua base, porque esta base se assenta sobre os fatos.

Que os Espíritas estejam, pois, sem medo: o futuro é para eles; que deixem seus adversários se debaterem sob o aperto da verdade que os ofusca, porque toda negação é impotente contra a evidência que, inevitavelmente, triunfa pela própria força das coisas. É uma questão de tempo, e neste século o tempo caminha a passo de gigante, sob o impulso do progresso.

OS ESPÍRITOS INSTRUTORES DA INFÂNCIA.

CRIANÇA AFETADA DE MUTISMO.

Uma senhora nos transmite o fato seguinte:

"Uma de minhas filhas tem um menininho de três anos que, desde que nasceu, lhe deu as mais vivas inquietações; restabelecida sua saúde, ao fim do mês de agosto último, andava com dificuldade, não dizia senão *papá, mama,* o resto de sua linguagem não era senão uma mistura de sons inarticulados. Há um mês mais ou menos, em conseqüência das tentativas infrutíferas para fazer seu filho pronunciar as palavras mais usuais, tentativas freqüentemente renovadas sem nenhum sucesso, minha filha deitou-se, muito entristecida por essa espécie de mutismo, desolando-se sobretudo porque, em seu retorno, seu marido, capitão de longo curso, cuja ausência havia durado mais de um ano, não encontraria mudança na maneira de falar de seu filho, quando, às cinco horas da manhã, ela foi despertada pela voz da criança que articulava distintamente as letras A, B, C, D, que jamais havia tentado fazê-lo pronunciar. Crendo sonhar, ela sentou-se em sua cama, a cabeça pendida sobre o berço, o rosto junto do menino que dormia, ela o ouviu repetir, em alta voz, várias vezes, pontuando cada uma por um pequeno movimento da cabeça, as letras A, B, C, depois um pequeno tempo de parada, em se apoiando sobre a pronúncia, D.

"Quando entrou em seu quarto às seis horas, a criança dormia sempre, mas a mãe, ainda muito feliz e muito emocionada por ter ouvido seu filho dizer essas letras, não tinha tornado a dormir. No despertar do menino, e então depois, tentamos em vão fazê-lo dizer essas letras (das quais nunca tinha ouvido falar quando as disse em seu sono, ao menos nesta vida), todas as nossas tentativas fracassaram. Ainda hoje mesmo, ele disse A, B, mas nos foi impossível obter, para C, D, outra coisa senão dois sons, um da garganta, o outro do nariz que não lembram de nenhum modo as duas letras que queríamos fazê-lo dizer.

"Não é a prova de que essa criança já viveu? Detenho-me aí, sentindo-me bastante instruída por ousar concluir. Tenho necessidade de aprender ainda, de ler muito tudo o

que trata do Espiritismo, não para me convencer: o Espiritismo responde a tudo, ou pelo menos quase tudo; mas, vo-lo repito, senhor, não sei bastante. Isto virá: o desejo não me falta. Deus que não me abandonou há dezessete anos que sou viúva; Deus, que me ajudou a educar meus filhos e a estabelecê-los; Deus, em quem tenho fé, provera o que me falta, porque espero nele, e lhe rogo de todo o coração para que permita aos seus bons Espíritos esclarecer-me, guiar-me para o bem. Orai, pois, por mim, senhor, que estou em comunhão de pensamento convosco, e que desejo acima de tudo caminhar no bom caminho."

Este fato é, sem contradita, o resultado de conhecimentos adquiridos anteriormente. Se ele é uma aptidão inata, é a que se revela espontaneamente durante o sono do corpo, quando nenhuma circunstância não tinha podido desenvolvê-la no estado de vigília. Se as idéias fossem um produto da matéria, por que surgiria uma idéia nova quando a matéria está entorpecida, ao passo que ela é, não só nula, mas impossível de se exprimir quando os órgãos estão em plena atividade? A causa primeira, pois, não deve estar na matéria. É assim que o materialismo se choca a cada passo contra os problemas aos quais é impotente para dar a solução. Para que uma teoria seja verdadeira e completa, é preciso que ela não seja desmentida por nenhum fato; o Espiritismo não a formula nenhuma prematuramente, a menos que isso não seja a título de hipótese, caso em que se guarda de dá-la como verdade absoluta, mas somente como um objeto de estudo. É a razão pela qual ele caminha infalivelmente.

No caso de que se trata, é, pois, evidente que o Espírito não tendo aprendido durante a vigília o que disse durante o sono, é preciso que haja aprendido em alguma parte; uma vez que não foi nesta vida, é preciso que isso seja numa outra, e, o que é mais, numa existência terrestre onde falasse francês, uma vez que foram letras francesas que ele pronunciou. Como explicarão esses fatos aqueles que negam a pluralidade das existências ou a reencarnação sobre a Terra?

Mas resta saber como ocorre que o Espírito não possa dizer, desperto, o que articulou no sono? Eis a explicação que disso foi dada por um Espírito à Sociedade de Paris.

(24 de novembro de 1864. - Médium, senhora Cazemajour.)

"É uma inteligência que poderá permanecer ainda velada algum tempo pelo sofrimento material da reencarnação à qual esse Espírito teve muita dificuldade em se submeter, e que tem, momentaneamente, aniquiladas as suas faculdades. Mas seu guia o ajuda com uma terna solicitude a sair desse estado pelos conselhos, os encorajamentos e as *lições* que lhe dá durante o sono do corpo, lições que não são perdidas e que se *reencontrarão vivazes* quando essa fase do entorpecimento tiver passado, e que será determinada por um choque violento, uma emoção extrema. Uma crise desse gênero é necessária para isso; é preciso esperá-la, mas não temer o idiotismo: este não é o caso."

Há ali um ensinamento importante e até certo ponto novo: o da primeira educação dada a um Espírito encarnado por um Espírito desencarnado. Certos sábios, sem dúvida, desdenhariam esse fato como muito pueril e sem importância; não veriam nisso senão uma bizarrice da Natureza, ou o explicariam por uma superexcitação cerebral que apaga momentaneamente as faculdades; porque é assim que eles explicam todas as faculdades medianímicas. Sem dúvida, conceber-se-ia, em certos casos, a exaltação em uma pessoa de idade madura, que eleva a imaginação por aquilo que vê, ou o que ouve, mas não se compreenderia que isso pudesse superexcitar o cérebro de uma criança de três anos que dorme. Eis, pois, um fato inexplicável por essa teoria, ao passo que encontra sua solução natural e lógica pelo Espiritismo. O Espiritismo não desdenha nenhum fato, por medíocre que seja em aparência; ele os espia, os observa e os estuda todos; é assim que progride

a ciência espírita, à medida que os fatos se apresentam para afirmar ou completar a sua teoria; se eles se contradizem, procura-lhes uma outra explicação.

Uma carta datada de 30 de dezembro de 1864, escrita por um amigo da família, contém o que se segue:

"Uma crise, disseram os Espíritos, determinada por um choque violento, uma emoção extrema, livrará a criança do entorpecimento de suas faculdades. Os Espíritos disseram verdadeiramente: a crise ocorreu por um choque violento, e eis de que maneira. A criança foi causa para que sua avó tivesse uma queda terrível, na qual deixou de rachar a cabeça, esmagando a criança. Depois desse abalo, a criança surpreende seus parentes, a cada instante, pronunciando frases inteiras, como esta, por exemplo: "Tome cuidado, mamãe, de cair."

A articulação das letras durante o sono da criança era, bem evidentemente, o resultado do exercício que o Espírito lhe fazia praticar. Numa sessão ulterior da Sociedade, onde não se ocupava de nenhum modo do fato em questão, a dissertação seguinte foi dada espontaneamente, e vem confirmar e desenvolver o princípio desse gênero de mediunidade.

MEDIUNIDADE DA INFÂNCIA.

(Sociedade de Paris, 6 de janeiro de 1865. - Médium, Sr. Delanne.)

Quando, depois de ter sido preparado pelo anjo guardião, o Espírito que vem se encarnar, quer dizer, sofrer novas provas tendo em vista o seu adiantamento, começam então a se estabelecer os laços misteriosos que o unem ao corpo para manifestar sua ação terrestre. Aí está todo um estudo, sobre o qual não me estenderei; mas não vos falaria senão do papel e da disposição do Espírito durante o período da infância no berço.

A ação do Espírito sobre a matéria, nesse tempo de vegetação corpórea, é pouco sensível. Também os guias espirituais se apressam em se aproveitarem desses instantes, em que a parte carnal não obriga a participação inteligente do Espírito, a fim de preparar este último, de encorajá-lo nas boas resoluções das quais sua alma está impregnada.

É nesses momentos de desligamento que o Espírito, todo em saindo da perturbação em que teve que passar por sua encarnação presente, compreende e se lembra dos compromissos que contraiu para o seu adiantamento moral. É então que os Espíritos protetores vos assistem, e vos ajudam a vos reconhecer. Também, estudai a figura da criancinha que dorme; vós a vedes freqüentemente "sorrir aos anjos", como se diz vulgarmente, expressão mais justa do que se pensa. Com efeito, ela sorri aos Espíritos que a cercam e devem guiá-la.

Vede-a desperta, essa cara criança; ora ela olha fixamente: parece reconhecer os seres amigos; ora balbucia as palavras, e seus gestos alegres parecem se dirigir aos rostos amados; e como Deus jamais abandona as suas criaturas, esses mesmos Espíritos lhe dão, mais tarde, boas e salutares instruções, seja durante o sono, seja por inspiração no estado de vigília. Daí podeis ver que todos os homens possuem, ao menos no estado de germe, o dom da mediunidade.

A infância propriamente dita é uma longa sucessão de efeitos medianímicos, e se as crianças um pouco mais avançadas em idade, quando o Espírito adquiriu mais força, às vezes não temem as imagens das primeiras horas, poderíeis constatar muito melhor esses efeitos.

Continuai a estudar e, a cada dia, como grandes crianças, a vossa instrução crescerá, se não vos obstinardes em fechar os olhos sobre o que vos cerca.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

AS OBRAS-PRIMAS POR VIA MEDIANÍMICA.

Porque os Espíritos dos grandes gênios, que brilharam sobre a Terra ,não produzem obras-primas por via medianímicas, como o fizeram quando vivos, uma vez que sua inteligência nada perdeu?

Esta pergunta, ao mesmo tempo, é daquelas cuja solução interessa à ciência espírita, como objeto de estudo, e uma objeção oposta por certos negadores à realidade das manifestações. "Essas obras fora de linha, dizem estes últimos, seriam uma prova de identidade própria para convencer os mais recalcitrantes, ao passo que os produtos medianímicos assinados por nomes os mais ilustres, não se elevam quase acima da vulgaridade. Não se cita, até o presente, nenhuma obra capital que possa mesmo se aproximar daquelas dos grandes literatos e dos grandes artistas." Quando eu vir, acrescentam alguns, o Espírito de Homero dar uma nova *Ilíada,* o de Virgílio uma nova *Eneida,* o de Corneille um novo *Cid,* o de Beethoven uma nova sinfonia em *lá;* ou bem um sábio, como Laplace, resolver um desses problemas inutilmente procurados, como a quadratura do círculo, por exemplo, então poderei acreditar na realidade dos Espíritos. Mas como quereis que nisso acredite quando vos vejo dar seriamente, sob o nome de Racine, poesias que corrigiria um aluno de quarto ano; atribuir a Béranger versos que não são senão pedaços mal rimados, sem espírito e sem sal, ou fazer ter a Voltaire e a Chateaubriand uma linguagem de cozinheira?"

Há, nesta objeção, um lado sério, é o que contém a última parte, mas que não deixa de denotar a ignorância dos primeiros princípios do Espiritismo. Se aqueles que a fazem não julgassem antes de terem estudado, se poupariam um trabalho inútil.

Como se sabe, a identidade dos Espíritos é uma das grandes dificuldades do Espiritismo prático. Ela não pode ser constatada de maneira positiva senão para os Espíritos contemporâneos, dos quais se conhecem o caráter e os hábitos. Eles se revelam, então, por uma multidão de particularidades nos fatos e na linguagem, que não permitem deixar nenhuma dúvida. Esses são aqueles cuja identidade nos interessa mais pelos laços que nos unem a eles. Um sinal, uma palavra freqüentemente bastam para atestar a sua presença, e essas particularidades são tanto mais significativas, quando há mais semelhança na série das conversas familiares que se teve com esses Espíritos. É preciso considerar, além disso, que quanto mais os Espíritos estão próximos de nós pela época de sua morte terrestre, menos são despojados do caráter, dos hábitos e das idéias pessoais que no-los fazem reconhecer.

Ocorre de outro modo com os Espíritos que não são conhecidos, de alguma sorte, senão pela história; para aqueles, não existe nenhuma prova material de identidade; pode haver sua presunção, mas não certeza absoluta da personalidade. Quanto mais os Espíritos estão distanciados de nós pela época em que viveram, menos essa certeza é grande, tendo em vista que suas idéias e seu caráter podem ser modificados com o tempo. Em segundo lugar, aqueles que chegaram a uma certa elevação formam famílias similares pelo pensamento e o grau de adiantamento, dos quais todos os membros estão longe de nos serem conhecidos. Se um deles se manifesta, o fará sob um nome nosso conhecido, como indício de sua categoria. Evocando-se Platão por exemplo, pode ocorrer que ele responda ao chamado; mas se não o pode, um Espírito da mesma classe responderá por ele: este será seu pensamento, mas não sua individualidade. Eis do que importa muito bem se compenetrar.

De resto, os Espíritos superiores vêm para nos instruir; sua identidade absoluta é uma questão secundária. O que eles dizem é bom ou mau, racional ou ilógico, digno ou indigno de sua assinatura, aí está toda a questão. No primeiro caso, é aceita; no segundo, *é* rejeitada como apócrifa.

Aqui se apresenta o grande escolho da imisção dos Espíritos levianos ou ignorantes, que se enfeitam de grandes nomes para fazerem aceitar suas tolices ou suas utopias. A distinção, nesse caso, exige tato, observação e quase sempre conhecimentos especiais. Para julgar uma coisa, é preciso ser competente. Como aquele que não é versado na literatura e na poesia pode apreciar *as* qualidades e os defeitos das comunicações desse gênero? A ignorância, neste caso, às vezes faz tomar por belezas sublimes a ênfase, os floreios da linguagem, as palavras sonoras que escondem o vazio das idéias; ela não pode se identificar com o gênio particular do escritor, para julgar isso que pode ou não ser dele. Também se vêem, freqüentemente, médiuns, lisonjeados em receber versos assinados por Racine, Voltaire ou Béranger, não ter nenhuma dificuldade de crê-los autênticos, por detestáveis que sejam, bem felizes ainda se não se irritam contra aqueles que se permitem disso duvidar.

Temos, pois, por perfeitamente justa a crítica quando ela ataca semelhantes coisas, porque ela é muita em nosso sentido. O erro não é do Espiritismo, mas daqueles que aceitam muito facilmente o que vem dos Espíritos. Se aqueles que disso fazem uma arma contra a Doutrina a tivessem estudado, saberiam o que ela admite, e não lhe imputariam o que ela repele, nem os exageros de uma credulidade cega e irrefletida. O erro é ainda maior quando se publicam, sob nomes conhecidos, coisas indignas da origem que se lhes atribui; é expor-se à crítica fundada e nociva ao Espiritismo. É necessário que se saiba bem que o Espiritismo racional, de nenhum modo, toma essas produções sob seu patrocínio, e não assume a responsabilidade das publicações feitas com mais de entusiasmo do que de prudência.

A incerteza no tocante à identidade dos Espíritos, em certos casos, e a freqüência da imissão dos Espíritos levianos provam contra a realidade das manifestações? De nenhum modo; porque o fato das manifestações está tão bem provado pelos Espíritos inferiores quanto pelos Espíritos superiores. A abundância dos primeiros prova a inferioridade moral de nosso globo, e a necessidade de trabalhar pela nossa melhoria para dela sairmos o mais cedo possível.

Resta agora a questão principal: Por que os Espíritos dos homens de gênio não produzem obras-primas pela via medianímica?

Antes de tudo, é preciso ver a utilidade das coisas. Para que isso serviria? Para convencer os incrédulos, diz-se; mas quando se os vê resistir à evidência mais palpável, uma obra-prima não lhes provaria melhor a existência dos Espíritos, porque a atribuiriam, como todas as produções medianímicas, à superexcitação cerebral. Um Espírito familiar, um pai, uma mãe, um filho, um amigo, que vêm revelar circunstâncias desconhecidas do médium, dizer dessas palavras que vão ao coração, provam muito mais do que uma obra-prima que poderia sair de seu próprio cérebro. Um pai, cujo filho que ele chora vem atestar sua presença e sua afeição, náo é mais convincente do que se Homero viesse fazer uma nova *Ilíada,* ou Racine uma nova Pedra? Por que, pois, pedir-lhes torneio de força que espantariam mais do que convenceriam, quando eles se revelam por milhares de fatos íntimos ao alcance de todo o mundo? Os Espíritos procuram convencer as massas, e não tal ou tal indivíduo, porque a opinião das massas faz a lei, ao passo que os indivíduos são unidades perdidas na multidão; eis porque fazem tão poucos esforços para os obstinados que querem fazê-los perder a paciência. Eles sabem bem que cedo ou tarde lhes será preciso dobrar-se diante da força da opinião. Os Espíritos não se submetem ao capricho de ninguém; para convencer os incrédulos empregam os meios que querem, segundo os indivíduos e as circunstâncias; tanto pior para aqueles que com isso náo se contentam; sua vez virá mais tarde. Eis porque dizemos também aos adeptos: Apegai-vos aos homens de boa vontade, porque nisso não faltareis; mas não percais vosso tempo com os cegos que não querem ver, e os surdos que não querem ouvir. E faltar com a caridade agir assim? Não, uma vez que não é para eles senão um atraso. Enquanto perderíeis vosso tempo com eles, negligenciaríeis de dar consolações a uma

multidão de pessoas que delas têm necessidade, e que aceitariam com alegria o pão de vida que lhes ofereceis. Além disso, pensai que os refratários que resistem à vossa palavra e às provas que lhes dais, cederão um dia sob o ascendente da opinião que se formará ao redor deles; seu amor-próprio com isso sofrerá menos.

A questão das obras-primas se liga ainda ao próprio princípio que rege as relações dos encarnados com os desencarnados. Sua solução depende do conhecimento deste princípio. Eis as respostas dadas a este respeito na Sociedade Espírita de Paris.

(6 de janeiro de 1865. - Médium, Sr. d'Ambel.)

Há médiuns que, por suas aquisições anteriores, por seus estudos particulares na existência que percorrem hoje, se colocaram em posição de estarem mais aptos, senão mais úteis do que outros. Aqui a questão moral nada tem a fazer: é simplesmente uma questão de capacidade intelectual. Mas não é preciso desconhecer que a maior parte desses médiuns náo se prodigalizam e se recebem da parte dos Espíritos comunicações de uma ordem elevada, estas aproveitam só a eles. Mais de uma obra-prima da literatura e das artes foi o produto de uma mediunidade inconsciente; sem isto, de onde viria a inspiração? Afirmais temerariamente que as comunicações recebidas por Delphine de Girardin, Auguste Vaquerie e outros estavam à altura do que se tinha direito de esperar dos Espíritos que se comunicavam por eles. Nessas ocasiões, infelizmente muito raras em Espiritismo, as almas daqueles que queriam se comunicar estavam sob a mão de bons, de excelentes instrumentos, ou antes, de médiuns cujas capacidades cerebrais forneciam todos os elementos de palavras e de pensamentos necessários à manifestação dos Espíritos inspiradores. Ora, na maioria das circunstâncias em que os Espíritos se comunicam, os grandes Espíritos, bem entendido, estão longe de ter sob a mão os elementos suficientes para a emissão de seus pensamentos na forma, com a fórmula que teriam dado quando vivos. Está aí um motivo para não receber suas instruções? Certamente não! Porque se algumas vezes a forma deixa a desejar, o fundo é sempre digno do signatário das comunicações. De resto, são querelas de palavras. A comunicação existe ou não existe? Tudo está aí. Se ela existe, que importa o Espírito e o nome que se dá! Se não se crê nele, importa menos ainda com isso se preocupar. Os Espíritos tratam de convencer; quando não têm sucesso, é um inconveniente sem importância; é simplesmente porque o encarnado não está ainda pronto para ser convencido. No entanto, estou bem a vontade para afirmar aqui que sobre cem indivíduos de boa-fé que experimentam por eles ou por médiuns que lhes são estranhos, há mais de dois terços que se tornam partidários sinceros da Doutrina Espírita, porque nesses períodos excepcionais, a ação dos Espíritos não se circunscreve somente no ato do médium, mas se manifesta por mil lados materiais ou espirituais sobre o próprio evocador.

Em suma, nada é absoluto, e chegará sempre uma hora mais fecunda, mais produtiva do que a hora precedente. Eis, em duas palavras, minha resposta à pergunta colocada por vosso presidente.

ERASTO.

(20 de janeiro de 1865. - Médium, senhorita M. C.)

Perguntais por que os Espíritos que, sobre a Terra, brilharam pelo seu gênio, não dão aos médiuns comunicações que estejam à altura de suas produções terrestres, quando deveriam antes dá-las superiores, tendo acrescentado o tempo escoado desde sua morte às suas faculdades. A razão é esta.

Para poder se fazer ouvir, é preciso que os Espíritos ajam sobre instrumento que estejam ao nível de sua ressonância fluídica. Que pode fazer um bom músico com um instrumento detestável? Nada. Ah! muitos, senão a maioria dos médiuns são para nós instrumentos bem imperfeitos. Compreendei que em tudo é preciso semelhança, tanto

nos fluidos espirituais quanto nos fluidos materiais. Para que os Espíritos avançados possam se vos manifestar, lhes são necessários médiuns capazes de vibrar em uníssono com eles; do mesmo modo, para as manifestações físicas, é preciso encarnados possuidores dos fluidos materiais da mesma natureza daqueles dos Espíritos errantes, tendo ainda ação sobre a matéria.

Galileu não poderá, pois, se manifestar realmente senão a um astrônomo capaz de compreendê-lo e de transmitir sem erro seus dados astronômicos; Alfred de Musset e outros poetas terão necessidade de um médium amando e compreendendo a poesia; Beethoven, Mozart, procurarão músicos dignos de poder transcrever seus pensamentos musicais; os Espíritos instrutores que vos revelam os segredos da Natureza, segredos pouco conhecidos, ou ainda ignorados, têm necessidade de médiuns compreendendo já certos efeitos magnéticos e tendo bem estudado a mediunidade.

Compreendei isto, meus amigos; refleti que não encomendais um vestuário ao vosso chapeleiro, nem um chapéu a um alfaiate. Deveis compreender que temos necessidade de bons intérpretes, e que certos de nós, na falta de poder encontrar esses intérpretes, se recusam à comunicação. Mas então o lugar é tomado. Não olvideis que os Espíritos levianos são em grande número, e que aproveitam de vossas faculdades com tanto mais facilidade quanto muitos dentre vós, bajulados por assinaturas notáveis, pouco se inquietam em se informar na fonte verdadeira, e de confrontar o que obtêm com o que teriam devido obter. Regra geral: quando quiserdes um calculador, não vos dirijais a um dançarino.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

Nota. Esta comunicação repousa sobre um princípio verdadeiro, que resolve perfeitamente a questão no ponto de vista científico, mas, no entanto, não poderia ser tomada num sentido muito absoluto. À primeira vista, esse princípio parece contradito pelos fatos tão numerosos de médiuns que tratam de assuntos fora de seus conhecimentos, e pareceria implicar, para os Espíritos superiores, a possibilidade de não se comunicarem senão com médiuns à sua altura. Ora, isto não deve se entender senão quando se trata de trabalhos especiais e de uma importância fora de linha. Concebe-se que se Galileu quer tratar uma questão científica, se um grande poeta quer ditar uma obra poética, eles têm necessidade de um instrumento que responda ao seu pensamento, mas isto não quer dizer que, para outras coisas, uma simples questão de moral, por exemplo, um bom exemplo a dar, não poderão fazê-lo por um médium que não seja nem sábio nem poeta. Quando um médium trata com facilidade e superioridade assuntos que lhe são estranhos, é um indício de que seu Espírito possui um desenvolvimento inato e faculdades latentes fora da educação que recebeu.

O RAMANENJANA.

Os *Anais da propagação da fé,* de setembro 1864, n° 216, contêm o relato detalhado dos acontecimentos inesperados em Tananarive (Madagascar), no corrente do ano de 1863, entre outros o da morte do rei Radama II. Ali encontramos o relato seguinte:

O mais grave dos acontecimentos inesperados em Tananarive, em 1863, sem contradita, foi a morte de Radama II; mas, antes de contar o fim trágico desse infeliz príncipe, é necessário lembrar um outro fato que não teve menos ressonância do que o primeiro, que teve por testemunha mais de duzentos mil homens, e que pode ser considerado como o prelúdio ou o precursor do atentado cometido sobre a pessoa real do infortunado Radama. Quero falar do *Ramanenjana.*

O que é o Ramanenjana?

Esta palavra, que significa *tensão,* exprime uma doença estranha, que se declarou primeiro no sul de Emirne. Dela se teve conhecimento em Tananarive cerca de um mês antes. Isso não era, a princípio, senão um rumor vago que circulava entre o povo. Assegurava-se que multidões numerosas de homens e de mulheres, atingidos por uma afecção misteriosa, subiam do sul para a capital para falar ao rei da parte de sua mãe *(a* defunta rainha). Esses bandos, dizia-se, se encaminhavam em pequenas jornadas, acampando cada noite nas aldeias, e aumentando, ao longo de seu caminho, de todos recrutamentos que faziam em sua passagem.

Mas ninguém teria imaginado que o Ramanenjana estivesse tão perto da cidade real, quando de repente fez sua primeira aparição, alguns dias antes do domingo de Ramos. Eis o que se escreveu a esse respeito:

"No momento em que o acreditávamos ainda muito longe, o Ramanenjana ou Raména-bé, como outros o chamam também, veio estourar como uma bomba. Não teve fama na cidade senão de convulsões e de convulsionários: deles há por todos os lados; avalia-se seu número em mais de dois mil. Estão acampados neste momento em Machamasina, campo de Marte situado ao pé da capital. O barulho que fazem é tal que nos impede de dormir. Julgai se deve ser forte, para que à distância de uma légua ele possa chegar até aqui e perturbar o sono!

"Na terça-feira santa, havia grande revista em Soanérana. Quando os tambores bateram a chamada, eis que mais de mil soldados deixam bruscamente as fileiras e se põem a dançar o Ramanenjana. Os chefes inutilmente gritaram, esbravejaram, ameaçaram, e foi preciso renunciar a passar em revista."

Caráter do Ramanenjana.

Esta doença age especialmente sobre os nervos, e exerce neles uma tal pressão que provoca logo convulsões e alucinações, das quais se tem dificuldades em dar-se conta unicamente do ponto de vista da ciência.

Aqueles que são atingidos por ela sentem, primeiro, dores violentas na cabeça, na nuca, depois no estômago. Ao cabo de algum tempo os acidentes convulsivos começam; é então que os vivos entram em comunicação com os mortos: eles vêem a rainha Ranavalona, Radama I, Andrian Ampoínémérina, e outros, que lhes falam e lhes dão incumbências. A maioria dessas mensagens são dirigidas a Radama II.

Os Ramanenjana parecem especialmente delegados pela velha Ranavalona para significar à Radama que ele tinha que retornar ao antigo regime, a fazer cessar a prece, à reenviar os Blancs, a interditar os porcos numa cidade santa, etc., etc.; que de outro modo grandes infelicidades a ameaçam, e que ela o renegará por seu filho.

Um outro efeito dessas alucinações é que a maioria daqueles que lhe são o joguete pensam estar carregados de pesados fardos que carregam em conseqüência dos mortos: que se figura ter sobre a cabeça uma caixa de sabão; um cofre, um colchão, fuzis, chaves, talheres de prata, etc., etc.

É preciso que esses fantasmas caminhem numa seqüência de inferno, uma vez que os infelizes que estão sob suas ordens têm toda a dificuldade do mundo em segui-los, em passo de carreira. Não receberam mais cedo sua missão de além-túmulo, que se põem a tripudiar, a gritar, a pedir graça, agitando a cabeça e os braços, sacudindo as extremidades do *lamba* ou pedaço de linho que lhe cobre o corpo. Depois ei-los que se lançam, sempre gritando, dançando, saltando e se agitando convulsivamente. Seu grito mais comum é: *Ekala!* e este outro: *Izahay maikia! (*estamos com pressa!) O mais freqüentemente, uma multidão numerosa os acompanha cantando, estalando as mãos e batendo tambor: é, diz-se, para superexcitá-los ainda mais e apressar o fim da crise, como se vê o cavaleiro hábil deixar as rédeas ao seu corcel fogoso, e, bem longe de

procurar detê-lo, o pressiona, ao contrário e da voz e da espora, até que este, tremendo sob a mão que o guia, ofegante, coberto de espuma, acabe por parar por si mesmo, esgotado de fadiga e de forças.

Ainda que essa doença atinja especialmente os escravos, é verdadeiro dizer que ela não excetua ninguém. Foi assim que um filho de Radama e de Marie, sua concubina, se viu de repente vítima das alucinações do Ramanenjana; e ei-lo a gritar, a se agitar, a dançar e a correr como os outros. Do primeiro momento de pavor, o próprio rei se pôs em sua perseguição; mas, nessa carreira precipitada, fere ligeiramente a perna, o que fez dar a ordem de sempre ter um cavalo celado e adornado, em caso de novo incidente.

As carreiras desses energúmenos não têm nada de bem determinada: uma vez levados não se sabe por qual força irresistível, se espalham no campo, uns de um lado, outros de um outro. Antes da semana santa, vão sobre os túmulos, onde dançam e oferecem uma peça de dinheiro.

No próprio dia de Ramos (singular coincidência), uma nova moda tomou lugar entre eles, é de ir na parte baixa da cidade cortar uma cana-de-açúcar; levam-na triunfalmente em suas espáduas, e vêm colocá-la sobre a pedra sagrada de Mahamasin em honra a Ranavalona. Ali dança-se, agita-se com todas as contorções e convulsões de hábito; depois se deposita a cana com a moeda, e se retorna, correndo, dançando, saltando, como se tinha ido.

Há os que levam um jarro d'água sobre a cabeça para dela beber e se molhar; e, coisa muito surpreendente! apesar de tantas agitações e de evoluções convulsivas, o jarro se mantém em equilíbrio; dir-se-ia pregado e chumbado ao cérebro.

Vem de se tomar uma nova fantasia, se nos escreve ainda: é a de exigir que se coloque o chapéu por toda a parte onde passem.

Infelizes daqueles que se recusam a obtemperar essa injunção, tão absurda que ela seja! Disso já resultou mais de uma luta, que o pobre Radama acreditou poder prevenir impondo uma multa de 150 fr. aos recalcitrantes. Para não infringir essa ordem real de um novo gênero, os Brancos tomaram o partido de não mais sair senão de cabeça nua. Um de nossos Padres se viu exposto a um caso muito mais grave; não se tratava de nada menos do que de fazê-lo tirar usa batina, ou *Ramanejana* pretendendo que a cor negra o ofuscava. Felizmente o Padre pôde ganhar o largo e entrar na casa, sem estar obrigado a se pôr em camisa.

Os acessos dos convulsionários não são contínuos. Vários, depois de terem feito simulações diante da pedra sagrada (é sobre essa pedra que se faz subir o herdeiro do trono para apresentá-lo ao povo), vão se lançar à água, depois sobem novamente para ir repousar até uma nova crise.

Outros caem algumas vezes de esgotamento no caminho ou na via pública, ali dormem e se levantam curados. Há deles os que ficam doentes dois ou três dias antes de serem completamente liberados. Em muitos, o mal é mais tenaz e dura, freqüentemente, mais de uns quinze dias.

Durante o acesso, o indivíduo atingido do Ramanenjana não reconhece ninguém. Quase não responde às perguntas que lhe dirigem. Depois do acesso, se se lembra de alguma coisa, é vagamente e como em sonho.

Uma particularidade muito notável é que, no meio de suas evoluções mais ofegantes, suas mãos e seus pés ficam frios como o gelo, ao passo que o resto do corpo é alagado de suor e a cabeça em ebulição.

Agora, qual pode ser a causa dessa singular doença! Aqui cada um cresce em seu sentido; vários a atribuem pura e simplesmente ao demônio, que se revela como se revelou antes nas mesas girantes, pensantes, etc. Eis porque, pouco cuidadosos em saudar essa diabólica majestade, muitos se resignaram a caminhar sem chapéu.

ESTUDO SOBRE O FENÔMENO DO RAMANENJANA.

Teria sido muito espantoso que o nome do Espiritismo não tivesse sido misturado a esse negócio; muito feliz ainda que seus adeptos não sejam acusados de ser-lhe a causa. O que não teriam dito esses pobres Malgaches tendo lido *O Livro dos Espíritos!.* Não se teria faltado de afirmar que lhes tinha virado a cabeça. Quem, pois, sem o Espiritismo, lhes ensinou a crer nos Espíritos, na comunicação dos vivos com as almas dos mortos? É que o que está na Natureza se produz tão bem entre o selvagem quanto entre o homem civilizado; entre o ignorante quanto entre o sábio, na aldeia como na cidade. Como há Espíritos por toda parte, as manifestações ocorreram por toda parte, com esta diferença de que entre os homens próximos da Natureza, o orgulho do saber ainda não enfraqueceu as idéias intuitivas que neles são vivazes e em toda sua ingenuidade; eis porque não se encontra entre eles a incredulidade erigida em sistema. Eles podem julgar mal as coisas em conseqüência de sua inteligência; mas a crença no mundo invisível é inata neles, e mantida pelos fatos dos quais são testemunhas.

Tudo prova, pois, que lá, como em Morzines, esses fenômenos são o resultado de uma obsessão, ou possessão coletiva, verdadeira epidemia de maus Espíritos, assim como se produziu ao tempo do Cristo e em muitas outras épocas. Cada população deve fornecer, ao mundo invisível ambiente, Espíritos similares que, do espaço, reagem sobre essas mesmas populações das quais, em conseqüência de sua inferioridade, conservaram seus hábitos, os pendores e os preconceitos. Os povos selvagens e bárbaros estão, pois, cercados de uma massa de Espíritos ainda selvagens e bárbaros até que o progresso os tenha levado a se encarnarem num meio mais avançado. E o que resulta da comunicação adiante.

O relatório acima tendo sido lido numa reunião íntima, um dos guias espirituais da família ditou espontaneamente o que se segue:

(Paris, 12 de janeiro de 1865. - Médium, Sra. Delanne.)

Esta noite eu vos ouvi ver os fatos de obsessão que se passaram em Madagascar; se o permitis, emitiria minha opinião sobre esse assunto.

Nota.- O Espírito não tinha sido evocado; estava, pois, lá, no meio da sociedade, escutando, sem ser visto, o que ali se dizia. É assim que, com o nosso desconhecimento, temos sem cessar, testemunhas invisíveis de nossas ações.

Essas alucinações, como as chama o correspondente do jornal, não são outra coisa senão obsessão, obsessão no entanto de um caráter diferente daquelas que conheceis. Aqui, é uma obsessão coletiva produzida por uma plêiade de Espíritos atrasados, que, tendo conservado suas antigas opiniões políticas, vêm por manifestações tentar perturbar seus compatriotas, a fim de que estes últimos, tomados de medo, não ousem apoiar as idéias de civilização que começam a se implantar nesse país onde o progresso começa a nascer.

Os Espíritos obsessores que impelem essas pobres pessoas a tantas manifestações ridículas, são os dos antigos Malgaches, que estão furiosos, e eu o repito, de ver os habitantes dessas regiões admitir as idéias de civilização que alguns Espíritos avançados, encarnados, têm a missão de implantar entre eles. Também os ouvis freqüentemente repetir: "Mais preces, abaixo os brancos, etc." É vos fazer compreender que são antipáticos a tudo o que pode vir dos Europeus, quer dizer, do centro intelectual.

Não é uma grande confirmação de vossos princípios, essas manifestações à vista de todo um povo? Elas são menos produzidas por essas populações semi-selvagens do que para a sanção de vossos trabalhos.

As possessões de Morzines têm um caráter mais particular, ou por melhor dizer, mais restrito. Podem estudar-se, sem sair do lugar, as fases de cada Espírito; observando os detalhes, cada individualidade oferece um estudo especial, ao passo que as

manifestações de Madagascar têm a espontaneidade e o caráter nacional. É toda uma população de antigos Espíritos atrasados que vêem, com despeito, sua pátria sofrer o impulso do progresso. Não tendo progresso por si mesmos, procuram entravar a marcha da Providência.

Os Espíritos de Morzines são comparativamente mais avançados; embora brutos, julgam mais sadiamente do que os Malgaches; discernem o bem e o mal, uma vez que sabem reconhecer que a forma da prece nada é, mas que o pensamento é tudo; vereis, de resto, mais tarde, pelos estudos que fareis, que não são tão atrasados quanto o parecem *à* primeira vista. Aqui, é para mostrar que a ciência é impotente para curar esses casos por seus meios materiais; no fundo, é para atrair a atenção e confirmar o princípio.

UM ESPÍRITO PROTETOR.

POESIA ESPÍRITA.

*INSPIRAÇÃO DE UM EX- INCRÉDULO A PROPÓSITO DE **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**.*

Pelo doutor Niéger.

27 de dezembro de 1864.

Tal esse infortunado, vítima de um naufrágio,
No meio dos restos se salvando a nado,
Ferido pela fadiga e perdendo toda a esperança,
Dirigindo ao país que não deve mais rever
Uma última lembrança, e orando por sua alma;
Quando subitamente sobre a vaga aparece uma chama
De uma terra desconhecida indicando as proximidades,
O pobre náufrago redobra seus esforços,
E logo, abordando a margem tutelar,
Ao Senhor, primeiramente, dirige uma prece,
E, sensível doravante nele nasce a fé,
Promete ao seu Salvador obedecer à sua lei!

Tal senti um dia, lendo a vossa obra,
Em meu coração desolado renascer a coragem.
Muito tempo preocupado em procurar os segredos
Do organismo humano, eu via os efeitos,
Mas não podia apreender uma causa desconhecida
Que parecia para sempre escapar à minha visão.
Vosso livro, em me abrindo os horizontes novos,
Vem, imediatamente, dar um objetivo aos meus trabalhos.
Vi ali que, até então, tinha caminhado em falso,
E a fé, em meu coração, deveu substituir a dúvida.
O homem, com efeito, saindo das mãos do Criador,
Não pode neste mundo ser lançado por sua infelicidade,
Porque uma santa lei, por Deus mesmo dada,
Do Universo inteiro, regula o destino!
Seu nome, é o progresso, e é para cumpri-lo
Que os homens, entre eles, devem se reunir.

Que maravilhoso quadro, que brilhantes páginas
Neste livro que segue o homem através das eras,
Que mostra inteiramente os primeiros dos humanos,

Pedindo o bem-estar ao trabalho de suas mãos!
Só o instinto, dir-se-á, o guia na vida!
Sim! mas o instinto mais tarde se tornará o gênio.
O homem nele sentirá nascer o fogo sagrado,
E, pelo espírito do bem sempre mais inspirado,
Do demônio aterrado quebrando apesar da cadeia,
A grandes passos doravante caminhará na arena.
Lá, sobre um frágil esquife, de audaciosos marinheiros
Do mar furiosos vão afrontar as ondas.
Eles se lançam.... De repente a vaga temida
Diante de um tal desafio recua assustada.
Lá, da águia imitando o vôo audacioso,
Vê-se o homem tentar subir até os céus!
Mais longe, sobre um rochedo, sua incrível audácia
Das profundezas do céu ousa sondar o espaço;
Do imenso Universo ele descobre a lei,
E do mundo logo se torna o único rei!

Lá não se detém seu ardor incrível:
Num tubo encerrando o vapor indomável,
Avança montado sobre esse dragão de fogo;
Os mais rudes trabalhos não são para ele senão um jogo;
Imprimindo em todos os lugares a marca do gênio,
Onde domina a morte, faz nascer a vida.
Pareceria que aqui vai terminar seu vôo;
Mas a inflexível lei pede mais ainda,
E veremos logo esse senhor da terra
À nuvem inflamada arrancando o trovão,
Em dócil instrumento transformando seu furor,
Em fazer do correio um humilde servidor!

Assim, pois, nada de limite à ciência humana.
Ao homem Deus deu o Universo por domínio.
Cabe a ele procurar, por constantes esforços,
Do corpo e do Espírito, as maravilhosas relações.
Cabe a ele, se afastando de todo caminho batido,
Libertar, enfim, o brilhante desconhecido
Que há muito tempo se esconde ao seu olhar.
Levemos, pois, do progresso o brilhante estandarte;
Abordemos sem tardar a vasta carreira
Aberta aos nossos esforços... O amor e a prece:
Eis as palavras sagradas escritas sobre nossas bandeiras!
Sob esta égide, amigos, prossigamos nossos trabalhos.
Se nos for necessário um dia sucumbir na luta,
Pediremos, Senhor, que pelo menos nossa queda
Inspirando aos nossos filhos a coragem e a fé,
Eles assegurem, enfim, o reino de tua lei.

DISCURSO DE VICTOR HUGO SOBRE O TÚMULO DE UMA JOVEM.

Se bem que esta tocante oração fúnebre haja sido publicada por diversos jornais, ela encontra igualmente seu lugar nesta *Revista,* em razão da natureza dos pensamentos que ela encerra, e dos quais cada um poderá compreender a importância. O jornal do qual nos servimos dá conta da cerimônia fúnebre nos termos seguintes:

"Uma triste cerimônia reuniu, quinta-feira última, uma multidão dolorosamente emocionada no cemitério dos independentes, em Guernesey. I numava-se uma jovem, que a morte viera surpreender no meio das alegrias da família, e cuja irmã se casara alguns dias antes. Era uma criança feliz, a quem um dos filhos do grande poeta, Sr. François Hugo, havia dedicado o décimo-quarto volume de sua tradução de Sheakspeare; ela morreu na véspera do dia em que esse volume deveria aparecer.

"Como acabamos de dizer, a assistência era numerosa a esses funerais, numerosa e simpática, e foi com uma viva emoção, com lágrimas que a amizade fazia correr, que ela escutou as palavras de adeus pronunciadas, sobre essa tumba tão prematuramente aberta, pelo ilustre exilado de Guarnesey, pelo próprio Victor Hugo.

Eis o discurso pronunciado pelo poeta:

"Em algumas semanas, estamos ocupados com estas duas irmãs; casamos uma, e eis que sepultamos a outra. Está aí o perpétuo estremecimento da vida. Inclinemo-nos, meus irmãos, diante do severo destino.

"Inclinemo-nos com esperança. Nossos olhos são feitos para chorar, mas para ver; nosso coração é feito para sofrer, mas para crer. A fé em uma outra existência sai da faculdade de amar. Não nos esqueçamos nesta vida inquieta e confortada pelo amor, é o coração que crê. O filho conta reencontrar seu pai; a mãe não consente perder para sempre seu filho. Esta recusa do nada é a grandeza do homem.

"O coração não pode errar. A carne é um sonho; ela se dissipa; esse desvanescimento, se fosse o fim do homem, tiraria à nossa existência toda sanção; não nos contentamos com essa fumaça que é a matéria; é-nos preciso uma certeza. Quem quer que ame, sabe e sente que nenhum dos pontos de apoio do homem está sobre a Terra. Amar é viver além da vida. Sem esta fé, nenhum dom perfeito do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria seu suplício. Esse paraíso seria o inferno. Não! dizemo-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração tem necessidade da alma.

"Há um coração nesse caixão e esse coração está vivo. Neste momento, ele escuta minhas palavras.

"Emily de Putron era o doce orgulho de uma respeitável e patriarcal família. Seus amigos e seus parentes tinham por encantamento a sua graça e por festa o seu sorriso. Ela era como uma flor de alegria desabrochada na casa. Desde o berço, todas as ternuras a cercavam, ela cresceu feliz, e, recebendo felicidade, a dava; amada, ela amava. Ela acaba de se ir.

"Para onde foi? Para a sombra? Não.

"Somos nós que estamos na sombra. Ela, ela está na aurora. Ela está na irradiação, na verdade, na realidade, na recompensa. Esses jovens mortos, que não fizeram nenhum mal na vida, são os bem-vindos do túmulo, e sua cabeça sobe docemente fora da fossa, para uma misteriosa coroa. Emily de Putron foi procurar lá no alto a serenidade suprema, complemento das existências inocentes. Para lá se foi, jovem, para a eternidade; beleza, para o ideal: esperança, para a certeza; amor, para o infinito; pérola, para o Oceano; espírito, para Deus. "Vai, alma!

"O prodígio desta grande partida celeste, que se chama a morte, é que aqueles que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas. Estão no alto, e muito perto. O que quer que sejais, que tendes visto desaparecer no túmulo um ser querido, não vos creiais abandonados por ele. Está sempre lá. Está ao vosso lado mais do que nunca. A beleza da morte é a presença. Presença inexprimível das almas amadas sorrindo aos nossos

olhos em lágrimas. O ser chorado desapareceu, não partiu. Não lhe percebemos mais seu doce rosto.... Os mortos são os invisíveis, mas não são os ausentes.

"Rendamos justiça à morte. Não sejamos ingratos para com ela. Ela não é, como se diz, um desmoronamento e uma armadilha. É um erro crer que aqui, nesta obscuridade da fossa aberta, tudo se perde. Aqui tudo se reencontra. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma recobra o infinito; aqui ela recupera a sua plenitude; aqui ela reentra na posse de sua misteriosa natureza; está desligada do corpo, desligada da necessidade, desligada do fardo, desligada da fatalidade.

"A morte é a maior das liberdades. É também o maior dos progressos. A morte é a subida de tudo o que viveu no grau superior. A ascensão resplandecente e sagrada. Cada um recebe seu aumento. Tudo se transfigura na luz e pela luz. Aquele que não foi senão honesto sobre a Terra se torna belo, aquele que não foi senão belo se torna sublime, aquele que não foi senão sublime se torna bom.

"E agora, eu que falo, por que estou aqui? o que trago a esta fossa? com que direito venho dirigir a palavra à morte? Quem sou eu? Nada. Eu me engano, sou alguma coisa. Sou um proscrito. Exilado à força ontem, exilado voluntário hoje. Um proscrito e um vencido, um caluniado, um perseguido, um ferido pelo destino, um deserdado da pátria; um proscrito é um inocente sob o peso de uma maldição. Sua bênção deve ser boa. Eu bendigo este túmulo.

"Bendigo o ser nobre e gracioso que está nesta fossa. No deserto se reencontra o oásis; no exílio se reencontra as almas. Emily de Putron foi uma dessas encantadoras almas reencontradas. Venho lhe pagar a dívida do exílio consolado. Eu a bendigo na profunda sombra. Em nome das aflições sobre as quais ela docemente irradiou, em nome das provas do destino, terminadas para ela, continuadas por nós; em nome de tudo o que ela esperou outrora e de tudo o que ela obtém hoje, em nome de tudo o que ela amou, eu bendigo esta morte, a bendigo em sua beleza, em sua juventude, em sua doçura, em sua vida e em sua morte; eu a bendigo em sua roupa branca do sepulcro, em sua casa que ela deixa desolada, em seu caixão que sua mãe encheu de flores e que Deus vai encher de estrelas."

A estas notáveis palavras, não falta absolutamente senão o nome *Espiritismo.* Não é somente a expressão de uma vaga crença na alma e em sua sobrevivência; é ainda menos o frio nada sucedendo à atividade da vida, sepultando para sempre, sob seu manto de gelo, o espírito, a graça, a beleza, as qualidades do coração; não é, não mais, a alma submergida nesse oceano do infinito que se chama o todo universal; é bem o ser real, individual, presente em nosso meio, sorrindo àqueles que lhes são caros, vendo-os, escutando-os, falando-lhes pelo pensamento. O que de mais belo, de mais verdadeiro do que estas palavras: "Amar é viver além da vida. Sem essa fé, nenhum dom profundo do coração seria possível; amar, que é o objetivo do homem, seria seu suplício. Esse paraíso seria o seu inferno. Não! dizemo-lo bem alto, a criatura amante exige a criatura imortal. O coração tem necessidade da alma." Que idéia mais justa da morte do que esta: "O prodígio dessa grande partida celeste que se chama morte, é que aqueles que partem não se afastam. Estão num mundo de claridade, mas assistem, testemunhas enternecidas, ao nosso mundo de trevas... Estão lá no alto e bem perto. Ó vós, quem quer que sejais, que vistes desaparecer no túmulo um ser querido, não vos creais abandonados por ele. Ele está sempre lá. Está ao vosso lado mais do que' nunca. É um erro crer que aqui, nesta obscuridade da fossa aberta, tudo se perde. Tudo aqui se reencontra. O túmulo é um lugar de restituição. Aqui a alma reassume o infinito; aqui ela recobra a sua plenitude."

Não é exatamente o que ensina o Espiritismo? Mas àqueles que poderiam se crer o joguete de uma ilusão, vem acrescentar à teoria a sanção do fato material, pela comunicação daqueles que partiram com aqueles que ficam. Que há, pois, de irracional

em crer que esses mesmos seres que estão ao nosso lado, com o corpo etéreo, possam entrar em relação conosco?

Ó vós! céticos que rides de nossas crenças, ride, pois, dessas palavras do poeta filósofo, de quem reconheceis a alta inteligência! Direis que é alucinado? que é louco quando acredita na manifestação dos Espíritos? É louco aquele que escreveu: "Tenhamos compaixão dos castigados. Ah! que somos nós mesmos? quem sou eu, eu que vos falo? Quem sois vós, vós que me escutais? De onde viemos? É bem seguro que não tínhamos nada feito antes de nascer? A Terra não é sem semelhança com um cárcere. Quem sabe se o homem não é um condenado da justiça divina? Olhai a vida de perto; ela está assim feita que se sente nela por toda a parte a punição." Os *Miseráveis, 7º* vol., live. VII, cap. 1º. - Não está aí a preexistência da alma, a reencarnação sobre a Terra; a Terra, mundo de expiação? (Ver, *A Imitação do Evangelho, n-* 27, 46, 47)

Vós que negais o futuro, que estranha satisfação é a vossa de vos comprazer com o pensamento do aniquilamento de vosso ser, daqueles que haveis amado! Oh! tendes razão em temer a morte, porque para vós é o fim de todas as vossas esperanças.

Tendo sido lido o discurso acima na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 27 de janeiro de 1865, o Espírito da jovem *Emite de Putron,* que, sem dúvida, o escutava e partilhava a emoção da assembléia, manifestou-se espontaneamente pela senhora Gostei, e ditou as palavras seguintes:

"As palavras do poeta correram como um sopro sonoro sobre esta assembléia; elas fizeram estremecer vossos Espíritos; evocaram minha alma que flutua incerta ainda no éter infinito!

"Ó poeta, revelador da vida, tu conheces bem a morte, mas não coroas com cipreste aqueles que choras, mas prendes sobre a sua fronte as trêmulas violetas da esperança! Passei rápido e leve, apenas esflorando as alegrias ternas da vida; no declínio do dia, voei sobre o trêmulo raio que morria no seio das ondas.

"Ó minha mãe, minha irmã, meus amigos, grande poeta! não choreis mais, mas estejais atentos! O murmúrio que roça vossos ouvidos é o meu; o perfume da flor pendente é o meu sopro. Misturo-me à grande vida para melhor penetrar o vosso amor. Somos eternos; o que não começou não pode acabar, e o teu gênio, ó poeta, semelhante ao rio que corre para o mar, encherá a eternidade do poder que é força e amor!

EMILY.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

A LUZ,
Giomale dello Spiritismo in Bologna (Itália).

O Espiritismo conta com um novo órgão na Itália. A LUZ, *jornal do Espiritismo em Bologna,* aparece por entregas mensais. (10 fr. por ano para a Itália.) Eis a tradução de seu programa:

"A aurora de um grande dia apareceu, e já resplandece nos céus. O Espiritismo, este fato surpreendente, e para muitos incrível, fez a sua aparição em todas as partes do mundo, e caminha com um irresistível poder. Hoje, seus adeptos se contam por milhões e estão espalhados por toda a parte.

" Importantes obras e numerosos jornais especiais, devidos a inteligências de elite, são publicados sobre essa sublime filosofia, principalmente na França, onde numerosas sociedades dela se ocupam. Várias cidades da Itália têm também reuniões espíritas; sociedades de sábios existem em Nápoles e em Turim, a desta última cidade publica o excelente jornal: *os Anais do Espiritismo em Turim.*

"Aqueles que ignoram os princípios desta nova ciência se esforçam em vão por ridicularizá-la e fazer seus adeptos passarem por sonhadores e alucinados. As comunicações entre o mundo invisível e o mundo corpóreo estão na natureza das coisas; elas existiram de todos os tempos; é porque se lhes encontram os traços entre todos os povos e em todas as épocas. Essas comunicações, hoje mais gerais, mais difundidas, patentes para todos, têm um objetivo: Os Espíritos vêm anunciar que os tempos preditos pela Providência para uma manifestação universal são chegados; têm por missão instruir os homens, abrindo uma era nova para a regeneração da Humanidade.

"É em vão que os fariseus da época se agitem, que a incredulidade se arme de um soberbo sorriso, eles não deterão a estrela do Espiritismo; quanto mais ela avança, mais sua força cresce e vem abater o orgulhoso materialista, que ameaça invadir todas as classes da sociedade.

Se, pois, nos centros mais inteligentes, nas maiores cidades, nas capitais, estuda-se há vários anos e com interesse esses fenômenos que, fora das leis da ciência vulgar, se manifestam por todos os lados, é que se reconheceu neles a realidade, e neles se viu a ação de uma vontade livre e inteligente.

"O jornal *A Luz* está fundado no objetivo de propagar esta nova ciência, apoiando-se sobre as obras especiais mais instrutivas, entre as quais colocamos em primeira linha as de Allan Kardec, o douto presidente da Sociedade Espírita de Paris, que nos fornecerão a matéria da parte filosófica, e a teoria da parte experimental. *Estudo e boa vontade,* são as duas condições necessárias para chegar a experimentar por si mesmo. Na segunda parte, nosso jornal conterá os ditados dados pelos Espíritos, uns sobre a mais consoladora filosofia e a moral mais pura; os outros, embora familiares, serão escolhidos entre os mais próprios para inspirar a fé, o amor e a esperança. Além disso, passando em revista as obras e jornais espíritas, publicaremos todos os fatos de natureza a interessar os nossos leitores. Nenhuma discussão será iniciada com as pessoas que não conhecem os princípios do Espiritismo.

"A fé e a coragem nos tornarão menos penoso o nosso dever, e mais fácil o caminho para chegar à verdade."

O MUNDO MUSICAL,

jornal da literatura e das *belas artes,*

Publicado sob a direção dos Srs. *Malibran e Roselli.* Administrador: Sr. Vauchez.

Escritório em Bruxelles, rua dela Montagne, 51.

Esse jornal, do qual demos conta em nosso número de dezembro de 1864, acaba de se constituir em sociedade em comandita com o capital de 60 000 f r., dividido em 2 400 ações de 25 f r. cada uma. Interesse das ações, 6 por cento por ano; parte no dividendo anual de 40 por cento sobre os benefícios. -Aparece todos os domingos, formato dos grandes jornais. - Preço da assinatura: para a Bélgica, 4fr. por ano; 10 cent. o número.- Para a França, 10 fr.-Paga-se em Paris, 8, rua Ribouté.

As simpatias desse jornal pelo Espiritismo o recomenda a todos os adeptos. Cada número contém um artigo muito bom sobre a Doutrina. Embora sejamos completamente estranhos à sua direção, a administração da *Revista Espírita* se encarrega, por pura cortesia, dê receber as assinaturas e as subscrições de ações.

Correspondência. - Obrigado ao Espírita anônimo de São Petersburgo que nos enviou 50 fr. para o pobre operário de Lyon, *a* pedido de Cárita. Se os homens não sabem o seu nome, Deus o sabe.

ALU\N KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | NO. 3 | MARÇO 1865

ONDE ESTA O CÉU?

A palavra céu se diz em geral do espaço indefinido que envolve a Terra, e mais particularmente da parte que está acima de nosso horizonte; vem do latim *coelum,* formado do grego *eólios,* oco, côncavo, porque o céu parece aos olhos como uma imensa concavi-dade. Os Antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Essas esferas girando ao redor da Terra arrastavam consigo os astros que se encontravam em seu circuito.

Esta idéia, que se prendia à insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus da beatificação; o último era a morada da suprema felicidade. Segundo a opinião mais comum, havia sete deles; daí a expressão: *Estar no sétimo céu,* para exprimir uma felicidade perfeita. Os Muçulmanos admitem nove deles, em cada um dos quais aumenta a felicidade dos crentes. O astrônomo Rolomeu (1-1-Rolomeu viveu em Alexandria, no Egito, no segundo século da era cristã.) contava onze deles, dos quais o último era chamado Empíreo (2-(2 Do grego *pur* ou *pyr,* fogo), por causa da brilhante luz que ali reina. É ainda hoje o nome poético dado ao lugar da eterna beatitude. A teologia cristã reconhece três céus; o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Altíssimo, a morada dos eleitos que contemplam Deus face a face. É em conseqüência desta crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

As diferentes doutrinas concernentes à morada dos bem-aventurados repousam todas no duplo erro de que a Terra é o centro do Universo, e que a região dos astros é limitada. É para além desse limite imaginário que todas colocaram essa morada feliz e a morada do Todo-Poderoso. Singular anomalia que coloca o autor de todas as coisas, aquele que as governa todas, nos confins da criação, em lugar do centro de onde a irradiação de seu pensamento poderia se estender a tudo!

A ciência, com a inexorável lógica dos fatos e da observação, levou sua luz até a profundeza do espaço, e mostrou o nada de todas essas teorias. A Terra não é mais o pivô do Universo, mas um dos menores astros rolando na imensidão; o próprio Sol não é senão o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis ao redor dos quais circulam mundos inumeráveis, separados por distâncias apenas acessíveis ao pensamento, embora nos pareçam se tocar. Nesse conjunto, regido por leis eternas, onde *se* revela a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra não aparece senão como um ponto imperceptível, e um dos menos favorecidos para a habitabilidade. Desde então pergunta-se por que Deus teria dela feito a única sede da vida, e nela teria relegado suas criaturas prediletas. Tudo, ao contrário, anuncia que a vida está por toda a parte, que a Humanidade é infinita como o Universo. A ciência, nos revelando mundos semelhantes à

Terra, Deus não poderia tê-los criado sem objetivo; deveu povoá-lo de seres capazes de governá-los.

As idéias do homem são em razão do que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deveu dar-lhes um outro curso. Sob o império desses novos conhecimentos, as crenças deveram se modificar; o céu foi deslocado; a região das estrelas, sendo sem limites, não pode mais para ele servir. Onde está ele? Diante desta pergunta, todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la, demonstrando a verdadeira destinação do homem. A natureza deste último, e os atributos de Deus, sendo tomados como ponto de partida, chega-se à conclusão.

O homem é composto do corpo e do Espírito; o Espírito é o ser principal, o ser de razão, o ser inteligente; o corpo é o envoltório material que reveste temporariamente o Espírito, para o cumprimento de sua missão sobre a Terra e a execução do trabalho é necessária ao seu adiantamento. O corpo, usado, se destrói, e o Espírito sobrevive à sua destruição. Sem o espírito, o corpo não é senão matéria inerte, como um instrumento privado do braço que o faz agir; sem o corpo, o Espírito é tudo: a vida e *a* inteligência. Deixando o corpo, ele reentra no mundo espiritual, de onde tinha saído para se encarnar.

Há, pois, o *mundo corpóreo,* composto dos Espíritos encarnados, e o *mundo espiritual,* formado dos Espíritos desencarnados. *Os* seres do mundo corpóreo, pelo próprio fato do seu envoltório material, são presos à terra, ou a um globo qualquer; o mundo espiritual está por toda a parte, ao nosso redor e no espaço; nenhum limite lhe foi assinalado. Em razão da natureza fluídica de seu envoltório, os seres que o compõem, em lugar de se arrastarem penosamente sobre o solo, atravessam as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que *os* retinham cativos.

Os Espíritos são criados simples e ignorantes, mas com a aptidão de tudo adquirir e de progredir, em virtude de seu livre arbítrio. Pelo progresso, adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções, e, em conseqüência novos gozos desconhecidos aos Espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os Espíritos atrasados não podem nem ver, nem ouvir, nem sentir, nem compreender. A felicidade está em razão do progresso realizado; de sorte que, de dois Espíritos, um pode sertão atrasado quanto o outro, unicamente porque não é tão avançado intelectual e moralmente, sem que tenham necessidade de estar cada um num lugar distinto. Embora estando ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, ao passo que tudo é resplendente ao redor do outro, absolutamente como para um cego e um vidente que se dão a mão: um percebe a luz, que não faz nenhuma impressão sobre seu vizinho. A felicidade dos Espíritos sendo inerente às qualidades que possuem, eles a haurem por toda a parte onde se encontrem, na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor esta situação. Se num concerto se encontram dois homens, um bom músico com ouvido exercitado, o outro sem conhecimento da música e com o sentido do ouvido pouco delicado, o primeiro sente uma sensação de felicidade, ao passo que o segundo permanece insensível, porque um compreende e percebe o que não faz nenhuma impressão sobre o outro. Assim o é com todos os gozos dos Espíritos que estão em razão de sua aptidão em senti-los. O mundo espiritual tem por toda a parte esplendores, harmonias e sensações que os Espíritos inferiores, ainda submetidos à influência da matéria, não entrevêem mesmo, e que não são acessíveis senão aos Espíritos depurados.

O progresso, nos Espíritos, é o fruto de seu próprio trabalho; mas, como são livres, trabalham por seu adiantamento com mais ou menos atividade ou negligência, segundo a sua vontade; assim, apressam ou retardam seu progresso, e, consequentemente sua felicidade. Ao passo que uns avançam rapidamente, outros ficam estagnados por longos séculos nas classes inferiores. São, pois, os próprios artífices de sua situação, feliz ou

infeliz, segundo esta palavra do Cristo: A cada um segundo as suas obras. Todo Espírito que permanece atrasado disso não pode culpar senão a si mesmo, do mesmo modo que aquele que avança disso tem todo o mérito; a felicidade que conquistou não tem senão maior valor aos seus olhos.

A felicidade suprema não é o quinhão senão dos Espíritos perfeitos, de outro modo dito, dos puros Espíritos. Não a alcançam senão depois deterem progredido em inteligência e em moralidade. O progresso intelectual e o progresso moral raramente caminham de frente; mas o que o Espírito não faz num tempo o faz em um outro, de sorte que os dois progressos acabam por alcançar o mesmo nível. É a razão pela qual, freqüentemente, se vêem homens inteligentes e instruídos, moralmente pouquíssimo avançados, e reciprocamente.

A encarnação é necessária ao duplo progresso, moral e intelectual, do Espírito: ao progresso intelectual, pela atividade que está obrigado a desdobrar no trabalho; ao progresso moral, pela necessidade que os homens têm uns dos outros. A vida social é a pedra de toque das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má fé, a hipocrisia, em uma palavra, tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso, tem por móvel, por objetivo e por estimulante as relações do homem com seus semelhantes; para aquele que vivesse só, não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, se preserva do mal, ele anula o bem.

Uma única existência corpórea é manifestamente insuficiente para que o Espírito possa adquirir tudo o que lhe falta em bem, e se desfazer de tudo o que é mau nele. O selvagem, por exemplo, jamais poderia, numa única encarnação, alcançar o nível moral e intelectual do Europeu mais avançado? Isto é materialmente impossível. Deve, pois, permanecer eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos gozos que só podem ser proporcionados pelo desenvolvimento das faculdades? O simples bom senso repele uma tal suposição que seria, ao mesmo tempo, a negação da justiça e da bondade de Deus, e a da lei progressiva da Natureza. É porque Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao Espírito do homem tantas existências quantas sejam necessárias para alcançar o objetivo, que é a perfeição. Em cada nova existência, traz o que adquiriu nas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Cada existência, assim, é um passo adiante no caminho do progresso, a menos que, por sua preguiça, sua negligência ou sua obstinação no mal, não a aproveita, caso no qual é para ele a recomeçar. Dele depende, pois, aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e laboriosas.

No intervalo das existências corpóreas, o Espírito reentra, por um tempo mais ou menos longo, no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que tenha feito. O estado espiritual é o estado normal do Espírito, uma vez que esse deve ser seu estado definitivo, e que o corpo espiritual não morre; o estado corpóreo não é senão transitório e passageiro. É no estado espiritual sobretudo que recolhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho na encarnação; é então também que se prepara para novas lutas, e toma as resoluções que se esforçará para pôr em prática em seu retorno à humanidade.

A reencarnação pode ocorrer sobre a Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, os há mais avançados uns do que os outros, onde a existência se realiza em condições menos penosas do que sobre a Terra, fisicamente e moralmente mas onde não são admitidos senão os Espíritos chegados a um grau de perfeição em relação com o estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores é já uma recompensa, porque se está ali isento dos males e das vicissitudes das quais se é alvo neste mundo. Os corpos, menos materiais, quase fluídicos, ali não estão sujeitos às doenças, nem às enfermidades, nem às

necessidades. Os maus Espíritos estando deles excluídos, os homens ali vivem em paz, sem outro cuidado que o do seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Lá reina a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo, a verdadeira igualdade, porque não há orgulho, a verdadeira liberdade, porque não há desordens a reprimir, nem ambiciosos procurando oprimir o fraco. Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas do caminho do progresso, que conduz à morada definitiva. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à depuração dos Espíritos imperfeitos, é a razão pela qual o mal nela domina até que apraza a Deus fazer dela a morada de Espíritos mais avançados.

É assim que o Espírito, progredindo gradualmente, à medida que se desenvolve, atinge o apogeu da felicidade; mas, antes de ter alcançado o ponto culminante da perfeição, ele goza de uma felicidade relativa ao seu adiantamento. Tal a criança que gosta dos prazeres da primeira idade; mais tarde, os da juventude, e finalmente os mais sólidos da idade madura.

A felicidade dos Espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como freqüentemente foi dito, uma eterna e fastidiosa inutilidade. Ávida espiritual, em todos os graus, ao contrário, é uma atividade constante, mas uma atividade isenta de fadigas. A suprema felicidade consiste no gozo de todos os esplendores da criação, que nenhuma linguagem humana poderia informar, que a imaginação mais fecunda não poderia conceber; no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de toda dificuldade física e moral; numa satisfação íntima; uma serenidade da alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, em conseqüência da ausência de toda contrariedade pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na visão de Deus, e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos. Ela está também nas funções das quais se é feliz por estar encarregado. Os puros Espíritos são os Messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades; cumprem as grandes missões, presidem à formação dos mundos e à harmonia geral do Universo, encargo glorioso ao qual não se chega senão pela perfeição. Os de ordem mais elevada são os únicos nos segredos de Deus, se inspiram de seu pensamento do qual são os representantes diretos.

As atribuições dos Espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, às luzes que possuem, às suas capacidades, à sua experiência e ao grau de confiança que inspiram ao soberano Senhor. Lá nada de privilégio, nada de favores que não sejam o prêmio do mérito: tudo é medido ao peso da estrita justiça. As missões mais importantes não são confiadas senão àqueles que se sabe apropriados a cumpri-las e incapazes de nelas falirem ou de comprometê-las. Ao passo que sob o próprio olhar de Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, aos chefes superiores é atribuída a direção de um turbilhão planetário; a outros é conferida a de um mundo especial. Vêm, em seguida, na ordem do adiantamento e da subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas daqueles que são nomeados à marcha dos povos, à proteção das famílias e dos indivíduos, ao impulso de cada ramo do progresso, às diversas operações da Natureza, até aos mais ínfimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto, há ocupação para todas as capacidades, todas as aptidões, todas *as* boas-vontades, ocupações aceitas com alegria, solicitadas com ardor, porque é um meio de adiantamento para os Espíritos que aspiram a se elevar.

A encarnação é inerente à inferioridade dos Espíritos; ela não é mais necessária àqueles que lhe transpuseram o limite e que progridem no estado espiritual, ou nas existências corpóreas dos mundos superiores que não têm mais nada da materialidade terrestre. Da parte destes é voluntária, em vista de exercer sobre os encarnados uma ação mais direta para o cumprimento da missão da qual estão encarregados junto a eles. Aceitam as vicissitudes e os sofrimentos por devotamento.

Ao lado das grandes missões confiadas aos Espíritos superiores, há *as* de todos os graus de importância atribuídas aos Espíritos de todas as ordens; de onde *se* pode dizer que cada encarnado tem a sua, quer dizer, deveres a cumprir para o bem dos semelhantes, desde o pai de família, a quem incumbe o cuidado de fazer seus filhos progredirem, até o homem de gênio, que lança na sociedade novos elementos de progresso. É nessas missões secundárias que se encontram, freqüentemente, os desfalecimentos, as prevaricações, as renúncias, mas que não prejudicam senão o indivíduo e não o conjunto.

Todas as inteligências concorrem, pois, à obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado, e cada uma na medida de suas forças; umas no estado de encarnação, outras no estado de Espírito. Por toda a parte a atividade, desde o baixo até o mais alto da escala, todas se instruindo, se entre ajudando, se prestando um mútuo apoio, se estendendo a mão para alcançar o grau supremo.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corpóreo, de outro modo dito, entre os homens e os Espíritos, entre os Espíritos livres e os Espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e pela continuidade das relações, as simpatias verdadeiras, as afeições santas.

Por toda a parte, pois, a vida e o movimento; não há um canto do espaço infinito que não seja povoado; não uma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os sentidos grosseiros dos encarnados, mas cuja visão arrebata de admiração e de alegria as almas desligadas da matéria. Por toda a parte, enfim, há uma felicidade relativa para todos os progressos, para todos os deveres cumpridos; cada um leva consigo os elementos de sua felicidade, em razão da categoria onde o coloca o seu grau de adiantamento.

A felicidade prende-se às qualidades próprias dos indivíduos, e não ao estado material do meio onde se encontrem; portanto, está por toda a parte onde há Espíritos capazes de serem felizes; nenhum lugar circunscrito lhe é assinalado no Universo. Em qualquer lugar em que se encontrem, os puros Espíritos podem contemplar a majestade divina, porque Deus está por toda a parte.

No entanto, a felicidade não é pessoal; se não se *a* haurisse senão em si mesmo, não se poderia fazê-la partilhar por outros, seria egoísta e triste; está também na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os Espíritos felizes, atraídos uns para os outros pela semelhança das idéias, dos gostos, dos sentimentos, formam vastos grupos ou famílias homogêneas, no seio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades, e se penetra dos eflúvios serenos e benfazejos que emanam do conjunto, cujos membros ora se dispersam para ocuparem-se de suas missões, ora se reúnem num ponto qualquer do espaço para darem conta do resultado de seus trabalhos, ora se reúnem ao redor de um Espírito de uma ordem mais elevada, para receberem seus conselhos e suas instruções.

Se bem que os Espíritos estejam por toda a parte, os mundos são os lares onde se reúnem de preferência, em razão da analogia que existe entre eles e aqueles que os habitam. Ao redor dos mundos avançados são muitos os Espíritos superiores; ao redor dos mundos atrasados pululam os Espíritos inferiores. A Terra é ainda um destes últimos. Cada globo tem, pois, de alguma sorte, a sua população própria em Espíritos encarnados e desencarnados, que se alimenta, em maior parte, pela encarnação e desencarnação dos mesmos Espíritos. Essa população é mais estável nos mundos inferiores, onde os Espíritos são mais apegados à matéria, e mais flutuante nos mundos superiores. Mas dos mundos, focos de luz e de felicidade, os Espíritos se desligam para os mundos inferiores para ali semear os germes do progresso, levar-lhe o consolo e a esperança, levantar as coragens abatidas pelas provas da vida, e, às vezes se encarnarem para cumprir sua missão com mais eficácia.

Nessa imensidade sem limites, onde está o céu! Ele está por toda a parte; nenhum recinto lhe serve de limites; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem; as virtudes abrem-lhe o caminho, os vícios lhe interditam o acesso.

Ao lado desse quadro grandioso que povoa todos os cantos do Universo, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a Humanidade sobre um imperceptível ponto do espaço, que no-la mostra começando num instante dado para acabar igualmente um dia com o mundo que a leva, não abarcando assim senão um minuto na eternidade! Quanto ela é triste, fria e glacial, quando nos mostra o resto do Universo antes, durante e depois da Humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Quanto ela é desesperadora para a pintura que faz do pequeno número dos eleitos votados à contemplação perpétua, ao passo que a maioria das criaturas é condenada ao sofrimento sem fim! Quanto é dolorosa para os corações amantes, pela barreira que ela põe entre os mortos e os vivos! As almas felizes, diz-se, não pensam senão em sua felicidade; aquelas que são infelizes, em suas dores. É espantoso que o egoísmo reine sobre a Terra, quando se o mostra no céu? Quanto, então, é estreita a idéia que ela dá da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto é sublime, ao contrário, a que dela dá o Espiritismo! quanto sua doutrina engrandece as idéias, alarga o pensamento! -Mas quem disse que ela é verdadeira? A razão primeiro, a revelação em seguida, depois a sua concordância com o progresso da ciência. Entre duas doutrinas das quais uma diminui e a outra estende os atributos de Deus; das quais uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; das quais uma permanece atrasada e a outra caminha para adiante, o bom senso diz de que lado está a verdade. Que em presença das duas, cada um, em seu foro interior, interrogue as suas aspirações, e uma voz íntima lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

Mas, então, porque Deus, desde o princípio, não lhes revelou toda a verdade? Pela mesma razão porque não se ensina à infância o que se ensina na idade madura. A revelação restrita era suficiente durante um certo período da Humanidade; Deus a proporciona às forças do Espírito. Aqueles que recebem hoje uma revelação mais completa são os *mesmos Espíritos* que dela já receberam uma parte em outros tempos, mas que desde então cresceram em inteligência. Antes que a ciência lhes tivesse revelado as forças vivas da Natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam compreendido a imensidão do espaço, a pluralidade dos mundos? Teriam podido se identificar com a vida espiritual? conceber, depois da morte, uma vida feliz ou infeliz, de outro modo que num lugar circunscrito e sob uma força material? Não; compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o Universo era muito vasto para o seu cérebro; era preciso reduzi-lo a proporções menos extensas para o pôr no seu ponto de vista, sob a condição de estendê-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; era sábia então, é suficiente hoje. O erro é daqueles que, não levando em conta o progresso das idéias, crêem poder governar os homens maduros com as andadeiras da infância.

A.K.

Nota .-Este artigo, assim como o do número precedente, sobre *a apreensão da morte,* foram extraídos da nova obra que o Sr. Allan Kardec colocará proximamente no prelo. Os dois fatos seguintes vêm confirmar este quadro do céu.

NECROLOGIA.

SENHORA VIÚVA FOULON.

O jornal *lê* S/èc/e, em seus artigos necrológicos, de 13 de fevereiro de 1865, publicou a nota seguinte, igualmente reproduzida pelo jornal do Havre e o de Antibes:

"Uma artista amada e estimada em Havre, senhora viúva Foulon, miniaturista hábil, faleceu em 3 de fevereiro em Antibes, onde tinha ido procurar, num clima mais ameno, o restabelecimento de uma saúde alterada pelo trabalho, tanto quanto pela idade."

Tendo pessoalmente e muito intimamente conhecido a senhora Foulon, estamos felizes em poder completar a justa mas muito curta notícia acima. Nisto, cumprimos um dever de amizade, ao mesmo tempo que é uma homenagem merecida prestada às virtudes ignoradas, e um salutar exemplo para todo o mundo e para os Espíritas em particular, que nisso haurirão preciosos ensinamentos.

Como artista, a senhora Foulon tinha um talento notável; suas obras, justamente apreciadas em muitas exposições, valeram-lhe numerosas recompensas honrosas. Aí está um mérito, sem dúvida, mas que nada tem de excepcional. O que a fazia sobretudo amar e estimar, o que torna sua memória querida a todos aqueles que a conheceram, é a amenidade de seu caráter; são suas qualidades particulares, as quais só aqueles que conhecem sua vida íntima podem apreciar em toda a extensão; porque, como todos aqueles em que o sentimento do bem é inato, ela disso não fazia alarde, não duvidava mesmo disso. Se há alguém sobre quem o egoísmo não tinha nenhum efeito, era ela, sem dúvida; jamais talvez o sentimento da abnegação pessoal foi levado mais longe; sempre pronta a sacrificar seu repouso, sua saúde, seus interesses por aqueles a quem podia ser útil, sua vida não foi senão uma longa série de devotamentos, como não foi, desde sua juventude, senão uma série de rudes e cruéis provas diante das quais sua coragem, sua resignação e sua perseverança jamais faliram. Os reveses da fortuna não lhe tinham deixado senão seu talento por único recurso, e foi somente com os pincéis, seja dando lições, seja fazendo retratos, que ela elevou uma numerosíssima família e assegurou uma honrada posição a todos seus filhos. É preciso ter conhecido sua vida íntima para saber tudo o que ela suportou de fadigas e de privações, todas as dificuldades contra as quais teve que lutar para alcançar o seu objetivo. Mas, ah! sua vista, fatigada pelo trabalho atraente da miniatura, se extinguia dia a dia; ainda algum tempo, e a cegueira, já muito avançada, foi completa.

Quando, há alguns anos, a senhora Foulon teve conhecimento da Doutrina Espírita, isso foi para ela como um traço de luz; pareceu-lhe que um véu se levantou sobre alguma coisa que não lhe era desconhecida, mas da qual não tinha senão uma vaga intuição; também o estudou com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito, essa justeza de apreciação que era própria de sua alta inteligência. É preciso conhecer todas as perplexidades de sua vida, perplexidades que tinham sempre por móvel, não ela mesma, mas os seres que lhe eram caros, para compreender todas as consolações que ela hauriu nesta sublime revelação que lhe deu uma fé inabalável no futuro, e mostrou-lhe o nada das coisas terrestres. Sem o respeito devido às coisas íntimas, quantos grandes ensinamentos saíram do último período dessa vida tão fecunda em emoções! Também a assistência dos bons Espíritos não lhe faltou; as instruções e os ensinamentos que prodigalizaram a esta alma de elite formam uma coletânea das mais edificantes, mas muito íntima, das quais estamos felizes por termos sido mais de uma vez o agente provocador. Também sua morte foi digna de sua vida. Ela viu sua aproximação sem nenhuma apreensão penosa: era para ela a libertação dos laços terrestres que devia lhe abrir essa vida espiritual bem-aventurada, com a qual ela havia se identificado pelo estudo do Espiritismo.

Ela morreu com calma porque tinha a consciência de ter cumprido a missão que tinha aceito vindo sobre a Terra, de ter cumprido escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família; porque também ela havia, durante sua vida, abjurado todo ressentimento contra aqueles dos quais tinha a se lamentar, e que a haviam pago com a ingratidão; que ela sempre lhes restituiu o bem pelo mal, e que deixou a vida perdoando-

os, remetendo-os, por ela mesma, à bondade e à justiça de Deus. Ela morreu, enfim, com a serenidade que dá uma consciência pura, e a certeza de estar menos separada de seus filhos do que durante ávida corpórea, uma vez que poderá, doravante, estar com eles em Espírito, sobre qualquer ponto do globo em que se encontre, ajudá-los com seus conselhos, e cobri-los com a sua proteção. Agora, qual é sua sorte no mundo em que se encontra? Os Espíritas já a pressentem; mas deixemos ela mesma dar conta de suas impressões.

Ela morreu, como se viu, em 3 de fevereiro; disso recebemos a notícia no dia 6 e nosso primeiro desejo foi conversar com ela, se isto fosse possível. Nós mesmos, nesse momento, estávamos atingidos por uma moléstia grave, o que explica algumas de suas palavras. Há a se anotar que o médium não a conhecia, e ignorava as particularidades de sua vida, da qual ela fala espontaneamente. Eis sua primeira comunicação, que foi dada em 6 de fevereiro:

(5 de fevereiro de 1865. - Médium, senhora Cazemajour.)

Estava segura de que teríeis o pensamento de me evocar logo após a minha libertação, e estava pronta a vos responder, porque não conheci a perturbação; não há senão aqueles que têm medo de que são envolvidos dessas espessas trevas.

Pois bem, meu amigo, estou feliz agora; estes pobres olhos que estavam enfraquecidos e que não me deixavam senão a lembrança dos prismas que tinham colorido minha juventude com seu cintilante raio, abriram-se aqui, e reencontraram os esplêndidos horizontes que idealizam, em suas vagas reproduções, alguns de vossos grandes artistas, mas dos quais a realidade majestosa, severa e no entanto cheia de encantos, é impregnada da mais completa realidade.

Não faz senão três dias que morri, e sinto que sou artista; minhas aspirações para com o ideal da beleza na arte não eram senão a intuição de uma faculdade que estudei e adquiri em outras existências, e que se desenvolveram em minha última. Masque tenho a fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grande cena que toca o espírito chegando na região da luz! Os pincéis! os pincéis! e provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte paga, da arte cristã que periclita, e que só ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver em todo o seu brilho, sobre o vosso mundo deserdado.

Bastante para o artista; em torno da amiga.

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec), vos afetais assim com a minha morte? Vós sobretudo, que conheceis as decepções e as amarguras de minha vida, deveríeis vos alegrar, ao contrário, por ver que agora não tenho mais a beber na taça amarga das dores terrestres que esvaziei até o fim. Crede-me, os mortos são mais felizes do que os vivos, e é duvidar da verdade do Espiritismo chorá-los. Reverer-me-eis, esteja disso segura; parti primeiro, porque minha tarefa tinha acabado nesse mundo; cada um tem a sua a cumprir na Terra, e quando a vossa tiver terminado, vireis repousar um pouco junto de mim, para recomeçar em seguida, se for preciso, tendo em vista que nada na Natureza permanece inativo. Cada um tem as suas tendências e a elas obedece; é uma lei suprema que prova o poder do livre arbítrio; também, boa amiga, indulgência e caridade, todos nós delas temos necessidade reciprocamente, seja no mundo visível, seja no mundo invisível; com esta divisa, tudo vai bem.

Não me direis para deter-me. Sabeis que falo longamente pela primeira vez! Também vos deixo; ao redor de meu excelente amigo, Sr. Kardec. Quero vos agradecer pelas afetuosas palavras que consentiu dirigir à amiga que o antecipou no túmulo; porque quase partimos juntos para o mundo onde me encontro, meu bom amigo! (Tínhamos

caído doente em 31 de janeiro). Que teria dito a companheira bem amada de vossos dias, se os bons Espíritos não o tivessem colocado em ordem? seria então que ela teria chorado *e* gemido! e eu o compreendo; mas também é preciso que ela vele para não vos expordes de novo ao perigo, antes de ter terminado o vosso trabalho de iniciação espírita, sem isso correreis o risco de chegar muito cedo entre nós, e de não ver, como Moisés, a Terra Prometida senão de longe. Tende-vos, pois, em guarda, é uma amiga que disso vos previne.

Agora, eu me vou; retorno junto de meus caros filhos; depois, vou ver, além dos mares, se minha ovelha viajante chegou enfim ao porto, ou se ela é o joguete da tempestade. Que os bons Espíritos a protejam; vou juntar-me a eles para isto. Voltarei a falar convosco, porque sou uma faladora infatigável; disso vos lembrais. Até breve, pois, bons e caros amigos; desejo vos rever logo.

VIÚVA FOULON.

Nota. - A ovelha viajante é uma de suas filhas, que mora na América, e que vinha de fazer uma longa e penosa viagem.

Não se teme a morte senão pela incerteza do que se passa nesse momento supremo e do que ocorre conosco no além. A crença vaga na vida futura não basta para sempre nos acalmar a apreensão do desconhecido. Todas as comunicações que têm por objetivo nos iniciar nos detalhes e nas impressões da passagem, tendem a dissipar esse medo, naquilo que elas nos familiarizam e nos identificam com a transição que se opera em nós. Deste ponto de vista, as da senhora Foulon, e as do doutor Demeure que vão fazer seqüência, são eminentemente instrutivas. A situação dos Espíritos depois da morte, sendo essencialmente variável, segundo a diversidade das aptidões, das qualidades e do caráter de cada um, não é senão pela multiplicidade dos exemplos que se pode chegar a conhecer o estado real do mundo invisível.

(8 de fevereiro de 1865.)

Espontâneo. Eis-me entre vós bem mais cedo do que acreditava, e muito feliz por vos rever, sobretudo agora que ides melhor, e que logo, o espero, estareis completamente restabelecido. Mas quero que me dirijais as perguntas que vos interessem; eu as responderei melhor; sem isto, corro o risco de conversar convosco sem plano e em desordem, e é preciso que conversemos sobre coisas puramente sérias; não é, meu bom mestre espírita?

P. Cara senhora Foulon, estou feliz pela comunicação que me destes outro dia, e com a vossa promessa de continuarmos nossas entrevistas.

Eu vos reconheci perfeitamente na comunicação; ali falastes de coisas ignoradas do médium, e que não podem vir senão de vós; depois a vossa linguagem afetuosa a nosso respeito é bem a da vossa alma amante; mas há, em vossa linguagem, uma segurança, um aprumo, uma firmeza que não vos conhecia quando viva. Sabeis que, a este respeito, me permiti mais de uma advertência em certas circunstâncias.

R. É verdade; mas desde que me vi gravemente enferma, recobrei minha firmeza de espírito, perdida nos lamentos e nas vicissitudes que tinham, às vezes, me tornado amedrontada durante a vida. Disse a mim mesma: Tu és Espírita; esquece a Terra; prepara-te para a transformação de teu ser, e vê, pelo pensamento, o caminho luminoso que tua alma deve seguir deixando teu corpo, e que a seguirá, feliz e liberta, nas esferas celestes onde deves viver doravante.

Dir-me-eis que era um pouco de presunção de minha parte contar com a felicidade perfeita deixando a Terra, mas eu tinha sofrido tanto, que devera ter expiado minhas faltas dessa existência e das existências precedentes. Esta intuição não me enganara, e foi ela que me restituiu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes; essa

firmeza foi naturalmente aumentada quando, depois de minha libertação, vi minhas esperanças realizadas.

P. Quereis agora nos descrever vossa passagem, vosso despertar e vossas primeiras impressões?

R. Eu sofri, mas meu Espírito foi mais forte do que o sofrimento material, que o desligamento fazia sentir. Achava-me, *depois do supremo suspiro,* como em síncope, não tendo nenhuma consciência de meu estado, nem pensando em nada, e numa vaga sonolência que não era nem o sono do corpo, nem o despertar da alma. Permaneci por muito tempo assim; depois, com se saísse de um longo desmaio, despertei pouco a pouco no meio de irmãos que não conhecia; eles me prodigalizaram seus cuidados e seus carinhos; mostraram-me um ponto no espaço que se parecia a uma estrela brilhante, e me disseram: "É lá que tu vais conosco; não pertences mais *à* Terra." Então lembrei-me; apoiei-me sobre eles, e, como um grupo gracioso que se lança para as esferas desconhecidas, mas com a certeza de ali encontrar *a* felicidade.....Subimos, subimos, e a estrela aumentava; era um mundo feliz, um mundo superior, onde vossa boa amiga vai, enfim, encontrar o repouso, quero dizer o repouso em relação às fadigas corpóreas que experimentei e às vicissitudes da vida terrestre, mas não a indolência do Espírito, porque a atividade do Espírito é um prazer.

P. É que haveis deixado definitivamente a Terra?

R. Nela deixei muitos seres que me são caros para deixá-la ainda definitivamente. A ela retornarei, pois, em Espírito, porque tenho uma missão a cumprir junto de minhas criancinhas. Sabeis bem, aliás, que nenhum obstáculo se opõe a que os Espíritos, que estacionam nos mundos superiores à Terra, venham visitá-la.

P. A posição em que estais parece enfraquecer vossas relações com aqueles que deixastes neste mundo.

R. Não, meu amigo; o amor aproxima as almas. Crede-me, pode-se estar, sobre a Terra, mais perto daqueles que atingiram a perfeição do que daqueles que a inferioridade e o egoísmo fazem turbilhonar ao redor da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de uma atração poderosa. É o laço que cimenta a união das almas ligando uma a outra, e a continua apesar da distância e dos lugares. Não há distância senão para os corpos materiais; ela não existe para os Espíritos.

P. Segundo o que dissestes em vossa precedente comunicação, sobre vossos instintos de artista, e o desenvolvimento da arte espírita, eu acreditava que, numa nova existência, dela serieis um dos primeiros intérpretes?

R. Não; é como guia e Espírito protetor que devo dar provas ao mundo da possibilidade de fazer obras-primas na arte espírita. As crianças serão médiuns pintores, e na idade em que não se faz senão esboços sem forma, eles pintarão, não coisas da Terra, mas coisas dos mundos onde a arte atingiu toda a sua perfeição.

P. Que idéia fazeis agora de meus trabalhos concernentes ao Espiritismo?

R. Acho que estais encarregado de almas, e que o fardo é penoso para carregar; mas vejo o objetivo, e sei que o alcançareis; eu vos ajudarei, se for possível, com meus conselhos de Espírito, para que possais superar as dificuldades que vos serão suscitadas, convidando-vos a propósito de tomar certas medidas próprias a ativar, durante vossa vida, o movimento renovador ao qual o Espiritismo leva. Vosso amigo Demeure, unido ao Espírito de Verdade, vos será de um concurso mais útil ainda; ele é mais sábio e mais sério do que eu; mas, como sei que a assistência dos bons Espíritos vos fortalece e mantém em vosso labor, crede que a minha vos será assegurada por toda a parte e sempre.

P. Poder-se-ia induzir de algumas de vossas palavras que não dareis uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?

R. Vós vos enganais; mas vejo tantos outros Espíritos mais capazes do que eu para tratar desta questão importante, que um sentimento invencível de timidez me impede, no

momento, de vos responder segundo os vossos desejos. Isso talvez virá; terei mais coragem e ousadia, mas é preciso antes que os conheça melhor. Não faz senão quatro dias que morri; estou ainda sob o encanto do deslumbramento que me cerca; meu amigo, não o compreendeis? Eu não posso bastar para exprimir as novas sensações que sinto. Deveria violentar-me para me arrancar à fascinação que exerce sobre o meu ser as maravilhas que ele admira. Não posso senão bendizer e adorar a Deus em suas obras. Mas isto passará; os Espíritos me asseguram que logo estarei acostumada com todas essas magnificência, e que poderei, então, com a minha lucidez de Espírito, tratar todas as questões relativas à renovação terrestre. Depois, com tudo isto, pensai que neste momento sobretudo, tenho uma família a consolar. O entusiasmo invadiu minha alma, e espero que tenha passado um pouco para vos entreter com o Espiritismo sério, e não com o Espiritismo poético, que não é bom para os homens: eles não o compreendem.

Adeus, desejo retornar logo; vossa boa amiga, que vos ama e vos amará sempre, meu mestre, porque é só a vós que ela deve a consolação durável e verdadeira que sentiu sobre a Terra.

VIÚVA FOULON.

Nota. -Todo Espírita sério e esclarecido tirará facilmente destas comunicações os ensinos que delas ressaltam; não chamaremos, pois, a atenção senão sobre dois pontos. O primeiro é que este exemplo nos mostra a possibilidade de não mais se encarnar sobre a Terra e de passar daqui para um mundo superior, sem estar por isso separados dos seres amados que se deixam aqui. Aqueles, pois, que temem a reencarnação por causa das misérias da vida podem disso se livrar fazendo o que é preciso, quer dizer, trabalhando por sua melhoria. Tal aquele que não quer vegetar nas classes inferiores, deve se instruir e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade de que, depois da morte, estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. Há apenas alguns dias, a senhora Foulon, retida pela idade e a enfermidade numa pequena cidade do Sul, não tinha junto dela senão uma parte de sua família; a maioria de seus filhos e de seus amigos estando dispersa ao longe, obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê-los tão freqüentemente, uns e outros, que o tivesse desejado. A grande distância tornava mesmo a correspondência rara e difícil para alguns. Apenas se desembaraçou de seu pesado envoltório, que, leve, ela correu junto de cada um, transpondo as distâncias sem fadiga, com a rapidez da eletricidade, os vê, assiste às suas mínimas reuniões, cerca-os com a sua proteção e pode, pela via da mediunidade, conversar com eles a todo instante, como quando viva. E dizer que, a este pensamento consolador, há pessoas que preferem o de uma separação indefinida!

Nota. - Recebemos muito tarde para poder reproduzi-lo, o interessante artigo necrologico detalhado, publicado no *Journal du Havre,* de 10 de fevereiro, estando nosso numero composto e completo, e no momento de ser impresso.

O DOUTOR DEMEURE,

Morto em Albi (Tarn), a 26 de janeiro de 1865.

Ainda uma alma de elite que acaba de deixar a Terra! O Sr. Demeure era um médico homeopata muito distinguido de Albi. Seu caráter, tanto quanto seu saber, lhe tinham conciliado a estima e a veneração de seus concidadãos. Não o conhecemos senão por sua correspondência e a de seus amigos, mas ela bastou para nos revelar toda a grandeza e toda a nobreza de seus sentimentos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis, e, apesar de sua grande idade, nenhuma fadiga lhe custava quando se tratasse de ir dar cuidados a pobres doentes. O preço de suas visitas era o menor de

seus cuidados; preocupava-se menos em se incomodar pelo infeliz do que por aquele que sabia poder pagar, porque, dizia ele, na falta dele, poderia sempre se proporcionar um médico. Ao primeiro, não somente dava os remédios gratuitamente, mas, freqüentemente, deixava com que subvencionar as necessidades materiais, o que, às vezes, é o mais útil dos medicamentos. Pode-se dizer dele que era o Cura d'Ars da medicina.

O Sr. Demeure havia abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual tinha encontrado a chave dos mais sérios problemas, dos quais tinha em vão pedido a solução à ciência e a todas as filosofias. Seu espírito profundo e investigador fê-lo imediatamente compreender toda a sua importância, também foi um de seus mais zelosos propagadores. Embora não nos tivéssemos jamais visto, ele nos dizia em uma de suas cartas, que tinha a convicção de que não éramos estranhos um ao outro, e que relações anteriores existiam entre nós. Sua pressa em se colocar junto de nós desde que morreu, sua solicitude por nós e os cuidados que nos deu na circunstância em que nos achávamos no momento, o papel que ele parece chamado a cumprir, parecem confirmar esta previsão, que não pudemos ainda verificar.

Soubemos de sua morte a 30 de janeiro, e nosso primeiro pensamento foi de conversar com ele. Eis a comunicação que nos deu na própria noite, por intermédio da senhora Cazemajour, médium.

"Eis-me. Tinha prometido, quando vivo, que, desde que morresse, viria, se isto me fosse possível, apertar a mão de meu caro mestre e amigo, Sr. Allan Kardec.

"A morte havia dado à minha alma esse sono pesado que se chama letargia; mas o meu pensamento velava. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação que segue à morte, e despertei, *e* de um salto fiz a viagem.

"Quanto sou feliz! Não sou mais velho nem enfermo; meu corpo não era senão um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos Espíritos cujas rugas jamais pregueiam o rosto, cujos cabelos não embranquecem sob a duração do tempo. Sou leve como o pássaro que atravessa com um vôo rápido o horizonte de vosso céu nebuloso, e admiro, contemplo, bendigo, amo e me inclino, átomo, diante da grandeza, da sabedoria, da ciência de nosso Criador, diante das maravilhas que me cercam.

"Eu estava junto de vós, caro e venerado amigo, quando o Sr. Sabó falou de fazer minha evocação, e eu o segui.

"Estou feliz; estou na glória! Oh! quem poderá um dia contar as esplêndidas belezas da terra dos eleitos: os céus, os mundos, os sóis, seu papel no grande concurso da harmonia universal? Então! tentarei, ó meu mestre; vou fazer esse estudo, e voltarei depor junto a vós a homenagem de meus trabalhos de Espírito, que vos dedico desde já. Até logo.

"DEMEURE."

Nota. - As duas comunicações seguintes, dadas em 1º e 2 de fevereiro, são relativas à enfermidade de que fomos atingidos subitamente a 31 de janeiro. Embora sejam pessoais, nós as reproduzimos, porque elas provam que o Sr. Demeure é tão bom quanto o Espírito que ele era como homem, e que oferecem, além disso, um ensino. É um testemunho de gratidão que devemos à solicitude de que fomos objeto de sua parte, nessa circunstância:

"Meu bom amigo, tende confiança em nós, e boa coragem; esta crise, embora fatigante e dolorosa, não será longa, e, com os comedimentos prescritos, podereis, segundo os vossos desejos, completar a obra da qual vossa existência foi o objetivo principal. Portanto, sou eu que estou sempre aí, junto de vós, com o Espírito de *Verdade,* que me permite tomar em seu nome a palavra, como o último de vossos amigos vindo entre os Espíritos! Eles me fazem a honra da boa-vinda. Caro mestre, quanto sou feliz de ter morrido em tempo para estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, teria talvez podido vos evitar essa crise que eu não previa; havia pouco tempo que eu

tinha desencarnado para me ocupar de outra coisa senão do espiritual; mas agora velarei sobre vós, caro mestre, é vosso irmão e amigo que está feliz de ser Espírito para estar junto de vós e vos dar os cuidados em sua doença; mas conheceis o provérbio: "Ajuda-te e o céu te ajudará." Ajudai, pois, os bons Espíritos nos cuidados que vos dão, vos conformando estritamente às suas prescrições.

"Faz muito calor aqui; este carvão é fatigante. Enquanto estiver-des doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que dele se desprendem são deletérios.

'Vosso amigo,

DEMEURE."

"Sou eu, Demeure, o amigo do Sr. Kardec. Venho dizer-lhe que estava junto dele quando do acidente que lhe ocorreu, e que teria podido ser funesto sem uma intervenção eficaz para a qual fiquei feliz em concorrer. Segundo as minhas observações e as informações que hauri em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo asuadesencarnação se operar, mais cedo poderá se fazer a reencarnação pela qual virá acabar a sua obra. No entanto, lhe é preciso dar, antes de partir, a última mão nas obras que devem completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador, e ele se torna culpado de homicídio voluntário contribuindo, por excesso de trabalho, ao defeito de seu organismo que o ameaça de uma súbita partida para os nossos mundos. Não é preciso temer de dizer-lhe toda a verdade, para que se mantenha em guarda e siga ao pé da letra as nossas prescrições.

"DEMEURE."

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, *a lº de* fevereiro, no círculo dos amigos espíritas, que ele tinha nessa cidade.

"Antoine Demeure. Para vós não estou morto, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem, como vós, esta santa doutrina, que reúne aqueles que se amaram sobre a Terra, e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

"Estou feliz; mais feliz do que podia esperá-lo, porque gozo de uma lucidez rara entre os Espíritos desligados da matéria depois de tão pouco tempo. Tomai coragem, meus bons amigos; freqüentemente, estarei junto de vós, e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos presos à nossa pobre matéria, que nos esconde tantas magnificências e tantos gozos. Orai por aqueles que estão privados dessa felicidade, porque não sabem o mal que fazem a si mesmos.

"Não continuarei por mais tempo hoje, mas vos direi que não me acho de todo estranho neste mundo dos invisíveis; parece-me que sempre o habitei. Sou feliz aqui, porque vejo meus amigos, e posso me comunicar com eles todas as vezes que o deseje.

"Não choreis, meus amigos; far-me-eis lamentar de vos ter conhecido. Deixai correr o tempo, e Deus vos conduzirá a esta morada onde devemos todos nos encontrar reunidos. Boa-noite, meus amigos: que Deus vos console; estou lá junto de vós.

"DEMEURE."

Nota. - A situação do Sr. Demeure, como Espírito, é bem aquela que podia fazer pressentir sua vida tão dignamente e tão utilmente cumprida; mas um outro fato, não menos instrutivo, ressalta destas comunicações, é a atividade que desenvolve, quase imediatamente, depois de sua morte, para ser útil. Por sua alta inteligência e suas qualidades morais, ele pertence à ordem dos Espíritos muito avançados; é muito feliz, mas a sua felicidade não está na inação. Há alguns dias de distância, pensava nos doentes como médico, e, apenas desligado, se apressa em ir nisto pensar como Espírito. O que se ganha, pois, em estar no outro mundo, certamente, dirão certas pessoas, se não

se goza ali de repouso? A isto lhes perguntaremos primeiro se não é nada não ter mais nem os cuidados, nem as necessidades, nem as enfermidades da vida, de ser livre, e de poder, sem fadiga, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, ir ver seus amigos a toda hora, a qualquer distância em que se achem ? Depois acrescentaremos: Quando estiverdes no outro mundo, nada vos forçará a fazer o que quer que seja; estareis perfeitamente livres para permanecer numa beatitude ociosa tanto tempo quanto vos apraza; mas vos deixareis logo dessa ociosidade egoísta; sereis os primeiros a pedir uma ocupação. Então, vos será respondido: Se vos entediais por nada fazer, procurai vós mesmos alguma coisa a fazer; as ocasiões de ser útil não faltam mais no mundo dos Espíritos do que entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é um constrangimento; ela é uma necessidade, uma satisfação para os Espíritos que procuram as ocupações em relação com seus gostos e suas aptidões, e escolhem de preferência aquelas que podem ajudar o seu adiantamento.

PROCESSO HILLAIRE.

Um assunto sobre o qual havíamos guardado um silêncio que se compreenderá facilmente, acaba de receber um desfecho que o coloca no domínio público; vários jornais das localidades vizinhas, tendo disso dado conta, cremos desde então oportuno dele falar, a fim de prevenir as falsas interpretações da malevolência com respeito à Doutrina Espírita, e provar que esta doutrina não cobre com o seu manto nada daquilo que é irrepreensível. Aliás, não estando nosso nome a ele misturado, não é inútil que se conheça a nossa maneira de ver. Este assunto concerne ao médium Hillaire, de Sonnac (Charente-lnférieure), com o qual já tivemos a ocasião de entreter nossos leitores.

Hillaire é um jovem, casado e pai de família, simples trabalhador, quase iletrado. A Providência dotou-o de uma notável faculdade medianímica muito múltipla, da qual se podem ver os detalhes na obrado Sr. Bez, intitulada: os *Milagres de nossos dias,* e que tem mais de uma relação com a do Sr. Home. Esta faculdade tem naturalmente chamado a atenção sobre ele; ela tinha adquirido uma celebridade local, ao mesmo tempo que lhe havia feito valer a simpatia de uns e a repreensão dos outros. Os elogios um pouco exagerados dos quais era objeto, produziram sobre ele sua má influência habitual. Os sucessos do Sr. Home tinham-lhe, de algum modo, subido à imaginação, assim como o atestam as cartas que nos escreveu. Ele sonhava um teatro maior do que a sua aldeia; no entanto, apesar de suas instâncias para vê-lo vir a Paris, jamais quisemos apertar-lhe a mão. Seguramente, se nisso tivéssemos visto uma utilidade qualquer, o teríamos favorecido, mas estávamos convencidos, segundo as idéias e o caráter que lhe conhecíamos, que ele não estava à altura a nisso desempenhar um papel bastante preponderante em seu próprio interesse. Aliás, muito recentemente tínhamos visto um triste exemplo dessas ambições que levam para a capital, e que acabam por cruéis decepções. Elevando-o sobre um pedestal, se lhe prestou um mau serviço. Sua missão era local; num raio limitado, sobre uma certa população, poderia prestar grandes serviços à causa do Espiritismo, com a ajuda dos notáveis fenômenos que se produziam sob a sua influência; isso lhe rendeu propagando as idéias espíritas na região, mas poderia dar-lhe muito mais ainda, se tivesse permanecido em sua modesta esfera, sem abandonar o trabalho que o fazia viver, e que com mais prudência teria podido conciliar com o exercício da mediunidade. Infelizmente, a importância que se atribuía o tornou pouco acessível aos conselhos da experiência; como muitas pessoas, as teria voluntariamente aceito se estivessem conforme às suas idéias, do que suas cartas nos dão a prova! Vários indícios nos fizeram prever sua queda, mas estávamos longe de desconfiar porque causa ela chegaria. Somente nossos guias espirituais nos advertiram, mais de uma vez,

para agir com ele com uma grande circunspecção, e de não nos colocarmos à frente, sobretudo, desviando de fazê-lo vir a Paris.

Por muita presunção de um lado, e muita fraqueza de outro, quebrou a sua missão no momento em que ela poderia adquirir o maior brilho. Cedendo a deploráveis arrastamentos, e talvez, somos levados a crê-lo, a pérfidas insinuações conduzidas com jeito, ele cometeu uma falta, em conseqüência da qual deixou o país, e da qual, mais tarde, teve que prestar conta diante da justiça. O Espiritismo, longe de com isso sofrer, assim como disso se gabam nossos adversários, saiu são e salvo dessa prova, como se o verá dentro em pouco. Vai sem dizer que se queria esforçar-se por fazer passar todas as manifestações do infeliz Hillaire como insignes malabarismos.

O lesado, nesse triste negócio, um daqueles que mais o tinha aclamado em sua glória passageira, e o tinha coberto com o seu patrocínio, nos escreveu depois da fuga dos culpados, para nos dar conta dos fatos em detalhe, e nos pedir o nosso concurso e o de nossos correspondentes, a fim de fazê-los deter. E termina dizendo: "É preciso lhes tirar todos os recursos para forçá-los a entrar na França, e aí poderemos fazê-los castigar pela justiça dos homens, à espera de que a desse Deus de misericórdia ela própria os *castigue,* porque fazem um mal muito grande ao Espiritismo. À espera de uma resposta de vossa mão, vou pedir a Deus para fazê-los descobrir. Sou todo vosso, irmão em Deus, etc."

Eis a resposta que lhe demos, nem desconfiar que se tornaria uma das peças do processo:

Senhor,

No retorno de uma longa viagem que acabo de fazer, encontrei a carta que me havíeis escrito concernente a Hillaire. Deploro, tanto quanto quem quer que seja, esse triste assunto, do qual o Espiritismo, no entanto, não pode receber nenhum prejuízo, porque não poderia ser responsável pelos atos daqueles que o compreendem mal. Quanto a vós, o mais lesado nessa circunstância, compreendo a vossa indignação, e o primeiro momento de desatino que deveu vos agitar, mas espero que a reflexão terá levado mais calma em vosso espírito. Se sois realmente Espírita, deveis saber que devemos aceitar com resignação todas as provas que apraza a Deus nos enviar, e que elas são expiações que merecemos por nossas faltas passadas. Não é rogando a Deus, como o fazes, de nos vingar daqueles de quem temos a lamentar, que se adquire o mérito das provas que nos são enviadas; bem ao contrário, perde-se delas o fruto, e se as atrai maiores. Não é uma contradição de vossa parte dizer que pediste *ao Deus de misericórdia* fazer com que os culpados sejam detidos, a fim de serem entregues à justiça dos homens? É o o fensor a lhe dirigir semelhantes preces, então que temos mais ou menos necessidade de sua misericórdia para nós mesmos, e esquecer que disse: *Sereis perdoados como tiverdes perdoado aos outros.* Uma tal linguagem não é nem cristã nem espírita, porque o Espiritismo, a exemplo do Cristo, nos ensina a indulgência e o perdão das ofensas. É uma bela ocasião para nós mostrar a grandeza e a magnanimidade, e provar que estais acima das misérias humanas. Desejo, por vós, que não a deixeis escapar.

Pensais que esse negócio fará mal ao Espiritismo; repito que não sofrerá com ele, apesar do ardor de seus adversários em explorar essa circunstância em seu proveito. Se ela devesse lhe fazer mal, isso não seria senão um efeito local e momentâneo, e nisso teríeis vossa parte de responsabilidade, pela pressa que pusestes em divulgá-la. Tanto pela caridade quanto pelo interesse que dizeis ter pela Doutrina, deveríeis ter feito tudo o que estava em vosso poder para evitar o escândalo; ao passo que, pela ressonância que lhe haveis dado, fornecestes armas aos nossos inimigos. Os Espíritas sinceros vos teriam

agradecido pela vossa moderação, e Deus vos teria levado em conta esse bom sentimento.

Lamento profundamente terdes podido pensar que eu serviria, no que quer que seja, aos vossos desejos vingativos, tomando providências para entregar os culpados à justiça. Era vos enganar singularmente sobre o meu papel, meu caráter e minha inteligência dos verdadeiros interesses do Espiritismo. Se sois realmente, como o dizeis, meu irmão em Deus, implorai a sua clemência e não a sua cólera; porque aquele que chama essa cólera sobre outro corre o risco de fazê-la cair sobre si mesmo.

Tenho a honra de vos saudar cordialmente, com esperança de vos ver retornar às idéias mais dignas de um Espírita sincero.

A. K.

Eis agora o relatório que nos foi digirido:

"Começado sexta-feira, o caso Hillaire terminou sábado à meia-noite. Vitet retirando sua queixa no momento em que o julgamento ia ser pronunciado, sua mulher foi inocentada. Restava somente Hillaire sob a ação da justiça. O ministério público concluiu pela culpabilidade e reclamou a aplicação dos artigos 336,337,338, etc., do Código Penal. O Tribunal, *declinando* a sua competência no que toca à apreciação *de todos os transportes e outros fatos medianímicos,* fazendo a aplicação do artigo 463, condenou Hillaire a um ano de prisão e às despesas. Esse julgamento é, aos nossos olhos, uma justa aplicação da lei escrita, se bem que foi achado um pouco severo para pessoas que não são de nenhum modo espíritas.

"Se fomos testemunhas do desenvolvimento das tristes torpezas às quais podem conduzir as fraquezas humanas, de um outro lado, assistimos a um belo espetáculo, quando ouvimos solenemente proclamar a ortodoxia da moral espírita; quando, durante as suspensões e na saída das audiências, ouvimos estas palavras repetidas em público: "Devemos invejar a felicidade daqueles que sua fé põe constantemente em presença daqueles que amaram, e cujo túmulo, ele mesmo, não pode mais separá-los."

'Vede, com efeito, essa multidão que num instante esse pretório não poderá mais conter, ali se espremem os membros de todas as posições sociais, desde a mais ínfima até a mais elevada. Pensai que esses homens vêm simplesmente assistir aos vulgares debates de um sujo negócio em polícia correcional? à vergonha de dois infelizes que confessaram e contaram as circunstâncias de sua falta? Oh! não. O assunto em questão tem uma importância muito mais alta. O Espiritismo está em jogo; se vem ouvir as revelação que se terá trazido sobre a nova doutrina numa investigação de três meses; se vem gozar do ridículo que não pode faltar nem cair sobre esses pobres alucinados; mas essas esperanças pouco caridosas foram frustradas pela sabedoria do tribunal.

"O presidente começa por proclamar a liberdade de consciência mais absoluta; recomenda a todos o respeito pela crença religiosa de cada um; caminha ele mesmo até o fim neste caminho. Uma ocasião se apresenta de ler a carta de nosso mestre a Vitet (carta citada mais acima); toma-a e faz observar, depois da leitura, que, para ele, reconhecia ali uma voz digna dos primeiros Pais da Igreja; que jamais mais bela moral foi pregada numa melhor linguagem.

“Vinte testemunhas foram unânimes sobre a veracidade, para eles, dos transportes; nenhuma manifestou a menor suspeita. Daí a declaração de incompetência do tribunal. Somente Vitet, e seu doméstico Muson, contestaram o caminho miraculoso; mas no mesmo instante se lhe opôs uma ata redigida no mesmo dia por Vitet, escrita de sua mão, trazendo sua assinatura e a de Muson. Dois membros de nossa sociedade foram ouvidos. O presidente não temendo fazer nascer de sua destituição a discussão sobre certos pontos da doutrina; um e o outro responderam perfeitamente e triunfou com a satisfação de todos os Espíritas.

"O advogado de Hillaire foi, e não podia ser senão muito curto, no que concerne especialmente ao chefe da acusação. Mas sobre a Doutrina, sobre os seus ensinamentos, sobre as suas conseqüências, os seus progressos no mundo; sobre a perseverança desses homens da localidade, pelo menos, dizia ele, nossos iguais em ciência, em inteligência, e em moralidade, em posição social; sobre os fatos publicados cada dia pela imprensa; sobre a multiplicidade das obras, dos jornais especiais, sempre falou com eloqüência e convicção. Seu último lance foi a leitura de uma carta do Sr. Jaubert. Nesta carta, o Sr. Jaubert dá conta de que ele mesmo e seus amigos, ocupando-se de manifestações físicas, *viram e viram bem,* à luz das lâmpadas tão bem quanto à luz do dia, fatos análogos aos obtidos por Hillaire, dos quais dá conta nos menores detalhes. Esta leitura, seguida daquela, com um tom solene, da profissão de fé do próprio Sr. Jaubert, de um magistrado, vice-presidente em exercício de um tribunal civil, capital do departamento, esta leitura emocionou todo o auditório. (O *Journal de Saint-Jean-d'Angély,* de 12 de fevereiro, dá a análise desse notável recurso de defesa. Ver também a *Revue de l'Ouest,* de Niort, de 18 de fevereiro.)

"Em seu requisitório, o ministério público desonra naturalmente o culpado. Quanto aos fatos de manifestações, os explica por meios vulgares; cada um, diz ele, em seu salão, os produz à sua vontade, com a maior facilidade: a menor habilidade basta. Cita fatos medianímicos históricos para os quais conclui pela alucinação. Pelo que concerne à Doutrina, sempre foi digno e respeitoso para com seus sectários derrotados. Sobretudo, calorosamente, aplaudiu a coragem, a sinceridade e a boa-fé das testemunhas que vieram afirmar sua crença, sem se deterem nem pelo medo dos sarcasmos e da zombaria, nem por seus interesse materiais, que poderiam com isso sofrer."

O Espiritismo não só saiu são e salvo dessa prova, saiu com as honras da guerra. O julgamento, é verdade, não proclamou a realidade das manifestações de Hillaire, mas as colocou fora de causa por sua declaração de incompetência; por isso mesmo não as declarou fraudulentas. Quanto à doutrina, obteve ali um estrondoso sufrágio. Para nós, é o ponto essencial, porque o Espiritismo está menos nos fenômenos materiais do que em suas conseqüências morais. Pouco nos importa que se neguem os fatos que são cada dia constatados sobre todos os pontos da Terra; o tempo não está longe em que todo o mundo será forçado a se render à evidência; o principal é que a doutrina que dele decorre seja reconhecida digna do Evangelho sobre o qual se apoia. Certamente, o Sr., o substituto, não é espírita; o presidente também não o é mais, que o saibamos; mas o que estamos felizes de constatar, é que a sua opinião pessoal não tira nada à sua imparcialidade.

Os elogios dados às testemunhas são uma brilhante homenagem prestada à coragem da opinião e à sinceridade das crenças. Devemos a esses firmes sustentáculos de nossa fé um testemunho especial; apressamo-nos em lhos dar pelo requerimento seguinte, que lhes fizemos chegar.

Paris, 21 de janeiro de 1865.

O SR. ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DEVOTADOS NO CASO HILLAIRE.

Caros irmãos em Espiritismo,

Venho, tanto em meu nome pessoal quanto em nome da Sociedade Espírita de Paris, pagar um justo tributo de elogios a todos aqueles que, na triste circunstância nas quais fomos todos afligidos, sustentaram sua fé, defenderam a verdade com coragem, dignidade e firmeza. Um brilhante e solene testemunho lhes foi prestado pelos órgãos da justiça; o de seus irmãos em crença não poderia lhes faltar. Disso pedi a lista tão exata e tão completa quanto possível, a fim de inscrever seus nomes ao lado daqueles que têm

muito mérito do Espiritismo. Isto não é para entregá-los a uma publicidade que feriria sua modéstia, e seria aliás, nos tempos que correm, mais nociva do que útil, mas nosso século é tão preocupado que é esquecido; é preciso que a memória dos devotamentos verdadeiros, puros de todo pensamento dissimulado de interesse, não seja perdida por aqueles que virão depois de nós. Os arquivos do Espiritismo lhes dirão aqueles que têm um direito legítimo ao seu reconhecimento.

Aproveito esta ocasião, caros irmãos, para conversar um instante convosco, sobre o assunto que nos preocupa.

À primeira vista, poder-se-ia temer as conseqüências desse caso para o Espiritismo. Não me inquietei com isto, como o sabeis, porque ela não poderia, em todos os casos, produzir senão uma emoção local e momentânea; porque a nossa Doutrina, não mais do que a religião, não pode ser responsável pelas faltas daqueles que não a compreendem. É em vão que nossos adversários se esforçam em apresentá-la como malsã e imoral; é preciso provar que ela provoca, desculpa ou justifica um único ato repreensível qualquer ou que ao lado de seus ensinos ostensivos ela tenha segredos sob os quais a consciência pode se colocar ao abrigo. Mas como, no Espiritismo, tudo se passa sob a luz, que ele não prega senão a moral do Evangelho, a prática do qual tende a conduzir os homens que dela se afastam, somente uma intenção malévola poderia imputar-lhe tendências perniciosas. Cada um podendo julgar por si mesmo seus princípios claramente proclamados e claramente formulados em obras ao alcance de todos, só a ignorância ou a má-fé podem desnaturá-los, assim como se fez com os primeiros cristãos acusados de todas as infelicidades e de todos os acidentes que ocorriam em Roma, e de corromper os costumes. O cristianismo, o Evangelho à mão, não podia sair vitorioso de todas essas acusações e da luta terrível empregada contra ele; assim ocorre com o Espiritismo que, ele também, tem por bandeira o Evangelho. Para a sua justificação, basta lhe dizer: Vede o que ensinam, o que recomendo e o que condeno; ora, o que é que condeno? Todo ato contrário à caridade, que é a lei ensinada pelo Cristo.

O Espiritismo não está somente na crença na manifestação dos Espíritos. O erro daqueles que o condenam é crer que ele não consiste senão na produção de fenômenos estranhos, e isso porque, não se dando ao trabalho de estudá-lo, dele não vêem senão a superfície. Esses fenômenos não são estranhos senão para aqueles que não lhe conhecem a causa; mas quem as aprofunda nelas não vê senão os efeitos de uma lei, de uma força da Natureza que não se conhecia, e que, por isso mesmo, não são nem maravilhosos, nem sobrenaturais. Esses fenômenos provando a existência dos Espíritos, que não são outros senão as almas daqueles que viveram, provam, consequentemente, a existência da alma, a sua sobrevivência ao corpo, a vida futura com todas as suas conseqüências morais. A fé no futuro, encontrando-se assim apoiada sobre provas materiais, torna-se inabalável, e triunfa da incredulidade. Eis porque, quando o Espiritismo se tiver tornado a crença de todos, não haverá mais nem incrédulos, nem materialistas, nem ateus. Sua missão é a de combater a incredulidade, a dúvida, a indiferença; não se dirige, pois, àqueles que têm uma fé, e a quem essa fé basta, mas àqueles que não crêem em nada, ou que duvidam. Ele não diz a ninguém para deixar a sua religião; respeita todas as crenças quando elas são sinceras. A liberdade de consciência, aos seus olhos, é um direito sagrado; se não a respeitasse, faltaria ao seu primeiro princípio que é a caridade. Neutro entre todos os cultos, será o laço que os reunirá sob uma mesma bandeira, a da fraternidade universal; um dia se estenderão a mão, em lugar de se lançarem anátemas.

Os fenômenos, longe de serem a parte essencial do Espiritismo, dele não é senão o acessório, um meio suscitado por Deus para vencer a incredulidade que invade a sociedade; é sobretudo na aplicação de seus princípios morais. É nisso que se

reconhecem os Espíritas sinceros. Os exemplos de reforma moral provocados pelo Espiritismo são já muito numerosos para que se possa julgar os resultados que produzirá com o tempo. É preciso que a sua força moralizadora seja bem grande para triunfar dos atos inveterados pela idade, e da leviandade da juventude.

O efeito moralizador do Espiritismo tem, pois, por causa primeira os fenômenos das manifestações que deu a fé; se esses fenômenos fossem uma ilusão, assim como os incrédulos o pretendem, seria preciso bendizer uma ilusão que dá ao homem a força de vencer seus maus pendores.

Mas se depois de dezoito séculos se vêem ainda tantas pessoas que professam o cristianismo e o praticam tão pouco, é espantoso que, em menos de dez anos, todos aqueles que crêem no Espiritismo não tenham dele tirado todo o proveito desejável? Entre eles, há os que não viram senão o fato material das manifestações, os que a curiosidade foi mais excitada do que o coração, que não foi tocado. Eis porque todos os Espíritas não são perfeitos. Isso nada tem de surpreendente em seu início, e se uma coisa deve admirar, é o número das reformas que se operaram nesse curto intervalo. Se o Espiritismo não triunfa sempre dos maus arrastamentos de maneira completa, um resultado parcial não é um menor progresso o qual deve ser levado em conta, e, como cada um de nós tem seu lado fraco, isso deve nos tornar indulgentes. O tempo e novas existências acabarão o que foi começado; felizes aqueles que se pouparem novas provas!

Hillaire pertence a essa classe que o Espiritismo não fez, de alguma sorte, senão aflorar; foi por isso que faliu. - A Providência o havia dotado de uma notável faculdade, com a ajuda da qual ele fez muito bem; poderia com ela fazer muito mais, se não tivesse rompido sua missão por sua fraqueza. Não podemos nem condená-lo nem absolvê-lo; só a Deus pertence julgá-lo por não ter realizado a sua tarefa até o fim. Possa a expiação que sofre e um sério retorno sobre si mesmo merecer a sua clemência!

Irmãos, estendamos-lhe mão segura e oremos por ele.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

UM ANJO DO CÉU SOBRE A TERRA (1).

(l) Por BENJAMIN MOSSÉ, rabino de Avignon. - 1 vol. in-12; preço, 3 fr. 50. -Avignon, casa Bonnet filhos.

Eis o relatório feito sobre esta obra para a *Sociedade Espírita de Paris,* por nosso colega Sr. Feyteau, advogado:

Sob esse título, o Sr. Benjamin Mossé escreveu um livro cheio de poesia no qual, num duplo ponto de vista, a caridade é progressivamente ensinada pelos fatos mais tocantes. O assunto desse pequeno poema em prosa começa no céu, se desenvolve sobre a Terra, e termina no céu, onde começou.

Os anjos, os arcanjos, os serafins, os *ophanims,* todos os seres sagrados (estas são as expressões do Sr. Mossé) estão reunidos e cantam os louvores ao Altíssimo, que os reuniu para lhes dar a missão de irem entre as almas da Terra, a fim de conduzi-las no caminho do bem, do qual os fazem desviar sem cessar os apetites e as paixões terrestres.

Um desses anjos, o mais puro, só restou depois da partida de todos os outros; esse anjo é *Zadécia.* Prosternada aos pés do trono do Eterno, ela implora para si o favor de uma exceção à regra geral imposta aos seus irmãos; ela dizia, suplicante: "Senhor, escuta a minha prece, antes que obedeça à tua voz! Vou descer sobre a Terra, segundo a tua vontade. Eu me separo, uma vez que tu o ordenas, da felicidade da qual tu nos inundas; vou dela falar aos habitantes da baixa moradia; vou inspirar-lhes a esperança para sustentá-los em suas marchas penosas. Mas digna-vos conceder às minhas súplicas a graça que imploro! Permite, ó meu Deus, que longe de teu palácio, dele não esqueça

jamais as delícias! Permite que o envoltório do qual vou me revestir não faça jamais obstáculo aos meus impulsos para ti! Que eu permaneça sempre senhora de mim mesma; que jamais nada de impuro me venha alterar minha nobreza! Permite, Senhor, que a minha ausência da morada bem-aventurada não seja de longa duração! Vela para que minha missão seja prontamente cumprida; que eu aqueça em minha chama um coração generoso; que o cative por minhas lágrimas, esse coração já bendito por tua mão; que meu amor o eleve, o aperfeiçoe, remate sua virtude, a fim de que receba as minhas inspirações, que aceite minha mensagem, que se torne para a Humanidade um consolo, uma luz, e que então eu possa, ó meu Deus, retornar à minha celeste morada orgulhosa de deixar sobre a Terra um nobre continuador de minha missão, animado pelo meu olhar, adorando minha imagem, e sempre se elevando para mim para haurirem meu seio a força de prosseguir sua obra para o cumprimento daquela que lhe prodigalizei os encorajamentos de meu amor, até a hora em que, por tua vontade, virá me reencontrar e receber em meus braços, aos pés de teu trono, as eternas bênçãos."

-"Atendo atua prece, ó minha filha! respondeu-lhe a voz divina; vai, vai sem medo, levar aos humanos os tesouros de tua chama. O fogo que te anima nada perderá de sua santidade sobre a Terra ou onde atua passagem será rápida, onde já uma alma digna de ti tomou um envoltório terrestre para cumprir a grande missão que tu queres lhe confiar. Tão ardente quanto pura, ela se enobrecerá sob teu amor; será santificada por tua presença, pelos laços que a unirão ao teu imortal destino. Dessa união que bendigo antecipadamente, essa alma receberá tua missão da qual se quitará como tu mesma. Então retornarás nestas regiões supremas, de onde levarás sobre teu esposo bem-amado da Terra, que se tornará, quando tiver terminado a sua tarefa, teu esposo bem-amado no céu!"

A estas palavras, Zadécia desce radiosa das moradas infinitas entre os humanos; ela deposita um beijo sobre a fronte da criança à qual deverá se ligar mais tarde pelo casamento; depois, se submetendo às condições necessárias da existência terrestre, ela se envolverá de uma forma material onde deverá brilhar sua beleza, onde deverão resplandecer suas virtudes e seus encantos!!!

É nestas condições particularmente benditas que a alma de Zadécia empreende sua missão, cuja primeira fase é sua encarnação na criatura dolorosamente gerada por uma jovem e piedosa mãe. Na segunda fase de sua missão, Zadécia é um anjo de inocência, e sua beleza, que irradia como uma emanação divina, purifica tudo o que a cerca. Na terceira fase, Zadécia é anjo de resignação pela paciência com que suporta os sofrimentos físicos. Na quarta, ela é um anjo de piedade pelos exemplos de caridade e de abnegação que dá. Na quinta, é anjo de amor pela afeição simpática que se desenvolve entre ela e o jovem Azariel. Na sexta, é um anjo do amor conjugai por sua união com Azariel. Na sétima, é o anjo do amor maternal. A oitava fase, enfim, é o seu retorno ao céu, deixando sobre a Terra seu esposo e sua filha para continuar sua obra de santificação.

Esses diferentes quadros contêm, sem contradita, exemplos edificantes, e são de uma leitura atraente; mas o triunfo muito previsto de Zadécia sobre todas as provas às quais a sua encarnação está submetida, lhes eleva esse caráter de ensino útil .que não pode sair realmente senão dos esforços da luta. Esta situação que é dada *a* Zadécia, de conservar em deixando o céu a pureza e a incorruptibilidade dos anjos, não permite quase nada de se interessar além do atrativo que o autor deu pela forma e expressão dos pensamentos às etapas de sua viagem sobre a Terra. Também, depois de ter lido este livro, e concedendo-lhe o justo tributo de elogios que merecem o estilo e o conjunto verdadeiramente harmonioso do assunto, e é permitido lamentar que o autor pareça estranho aos princípios reais da natureza dos Espíritos, e não ter jamais pensado em se dar conta da influência que eles exercem sobre as diversas condições sociais da Humanidade, pela melhoria progressiva que desenvolve as suas diversas encarnações.

É uma preocupação natural ao homem sério, seja que das múltiplas luzes da filosofia ele escrute as peripécias da vida humana, seja que com a chama das religiões ele sonde as misteriosas profundezas da morte: é chegar a uma conclusão que esclareça sobre o seu verdadeiro destino mostrando-lhe o caminho que deve seguir. Esse caminho, sem dúvida, não é sempre o verdadeiro, mas cada um segue o sulco que a charrua da boa-vontade traça no campo do pensamento, segundo esteja atrelada a bons ou a maus princípios. Para uns, sistemas preconcebidos lhes tem lugar de verdade; se disso fazem uma lei, se esgotam em discussões para fazê-la prevalecer e impô-la. Para os outros, é o próprio Deus que têm a pretensão de traduzir, de interpretar e de comentar com tantos modos e tantos debates tumultuados, quando não são sangrentos, que os textos sagrados da palavra divina permanecem sepultados sobre os escombros de suas disputas.

O livro do Sr. Mossé, se não revela a preocupação que gostaríamos de ali ver sobre a natureza dos Espíritos, não revela pelo menos nenhuma daquelas que a excluem ou que a combatam; diremos mesmo que se aproxima dela mais do que dela se afasta, e que com um passo a mais caminharia em uníssono, porque tendem a um objetivo comum: a prática da caridade como condição da vida bem-aventurada. É, pois, um bom livro que o Espiritismo deve acolher como um aliado que pode se tornar seu irmão.

FEYTEAU, advogado.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO NO. 4 ABRIL 1865

DESTRUIÇÃO DOS SERES VIVOS UNS PELOS OUTROS.

A destruição recíproca dos seres vivos é uma das leis da Natureza que, à primeira vista, parece o menos se conciliar com a bondade de Deus. Pergunta-se por que lhes fez uma necessidade de se entre-destruírem para se nutrirem às expensas uns dos outros.

Para aquele que não vê senão a matéria, que limita sua visão à vida presente, isto parece, com efeito, uma imperfeição na obra divina; de onde esta conclusão que disso tiram os incrédulos, de que Deus não sendo perfeito, não há Deus. É que julgam a perfeição de Deus do seu ponto de vista; seu próprio julgamento é a medida de sua sabedoria, e pensam que Deus não poderia fazer melhor do que eles mesmos o fariam. Sua curta visão não lhes permitindo julgar o conjunto, não compreendem que um bem real pode sair de um mal aparente. Somente o conhecimento do princípio espiritual, considerado em sua essência verdadeira, e da grande lei de unidade que constitui a harmonia da criação, podem dar ao homem a chave desse mistério, e mostrar-lhe a sabedoria providencial e a harmonia precisamente aí onde não via senão uma anomalia e uma contradição. Ocorre com esta verdade, como em uma multidão de outras; o homem não estará apto a sondar certas profundezas senão quando seu Espírito tiver chegado a um grau suficiente de maturidade.

A verdadeira vida, tanto do animal quanto a do homem, não está mais no envoltório corpóreo que dela não é senão o vestuário; ela está no princípio inteligente que preexiste e sobrevive ao corpo. Este princípio tem necessidade do corpo para se desenvolver pelo trabalho que deve realizar sobre a matéria bruta; o corpo se desgasta nesse trabalho, mas o Espírito não se gasta, ao contrário: sai dele cada vez mais forte, mais lúcido e mais capaz. Que importa, pois, que o Espírito mude mais ou menos vezes de envoltório; com isso não é menos Espírito; é absolutamente como se um homem renovasse cem vezes seu vestuário no ano, com isso não seria menos o mesmo homem. Pelo espetáculo incessante da destruição, Deus ensina aos homens o pouco caso que devem fazer do envoltório material, e suscita entre eles a idéia da vida espiritual em lhes fazendo desejá-la como uma compensação.

Deus, dir-se-á, poderia chegar ao mesmo resultado por outros meios, e sem constranger os seres vivos a se entre-destruírem? Bem audacioso aquele que pretendesse penetrar os desígnios de Deus! Se tudo é sabedoria em sua obra, devemos supor que essa sabedoria não deva mais fazer falta sobre esse ponto do que sobre os outros; se não o compreendemos, é preciso atribuí-lo ao nosso pouco adiantamento. No entanto, podemos tentar procurar-lhe a razão, tomando por bússola este princípio: Deus *deve ser infinitamente justo e sábio]* procuremos, pois, em tudo sua justiça e sua sabedoria.

Uma primeira utilidade que se apresenta dessa destruição, utilidade puramente física, é verdade, é esta: os corpos orgânicos não se mantêm senão com ajuda das matérias orgânicas, só essas matérias contendo os elementos nutritivos necessários à

sua transformação. *Os* corpos, instrumentos de ação do princípio inteligente, tendo necessidade de serem incessantemente renovados, a Providência os faz servir à sua manutenção mútua; é por isso que os seres se nutrem uns dos outros; quer dizer que o corpo se nutre do corpo, mas o Espírito não é nem destruído, nem alterado; ele não é senão despojado de seu envoltório.

Além disso há considerações morais de uma ordem mais elevada.

A luta é necessária ao desenvolvimento do Espírito; é na luta que ele exerce suas faculdades. Aquele que ataca para ter seu alimento, e aquele que se defende para conservar sua vida, se rivalizam em astúcia e em inteligência, e aumentam, por isso mesmo, suas forças intelectuais. Um dos dois sucumbe; mas o que é que o mais forte ou o mais hábil tirou ao mais fraco em realidade? Sua veste de carne, não outra coisa; o Espírito, que não está morto, retomará um outro corpo mais tarde.

Nos seres inferiores da criação, naqueles em que o senso moral não existe, em que a inteligência não está ainda senão no estado de instinto, a luta não poderia ter por móvel senão a satisfação de uma necessidade material; ora, uma das necessidades materiais mais imperiosas é a da nutrição; eles lutam, pois, unicamente para viver, quer dizer, para tomar ou defender uma presa, porque não poderiam estar estimulados por um móvel mais elevado. É neste primeiro período que a alma se elabora e ensaia para a vida. Quando ela alcança o grau de maturidade necessária para sua transformação, recebe de Deus novas faculdades: o livre arbítrio e o senso moral, centelha divina em uma palavra, que dão um novo curso às suas idéias, dotam-na de novas aptidões e de novas percepções. Mas as novas faculdades morais das quais está dotada não se desenvolvem senão gradualmente, porque nada é brusco na Natureza; há um período de transição em que o homem *se* distingue com dificuldade do animal; nessas primeiras idades, o instinto animal domina, e a luta tem ainda por móvel a satisfação das necessidades materiais; mais tarde, o instinto animal e o sentimento moral se contrabalançam; o homem então luta, não mais para se nutrir, mas para satisfazer sua ambição, seu orgulho, a necessidade de dominar: por isto, lhe é necessário ainda destruir. Mas, à medida que o senso moral domina, a sensibilidade se desenvolve, a necessidade da destruição diminui; acaba mesmo por se apagar e por se tornar odiosa: o homem tem horror ao sangue. No entanto, a luta é sempre necessária ao desenvolvimento do Espírito, porque mesmo chegado a este ponto, que nos parece culminante, está longe de ser perfeito; não é senão ao preço de sua atividade que ele adquire conhecimentos, experiência, e que se despoja dos últimos vestígios da animalidade; mas então a luta, de sangrenta e brutal que era, se torna puramente intelectual; o homem luta contra as dificuldades e não mais contra *os* seus semelhantes.

Nota. Esta explicação, como se vê prende-se à grave questão do futuro dos animais; nós a trataremos proximamente afundo, porque ela nos parece suficientemente elaborada, e cremos que se pode, desde hoje, considerá-la como resolvida em princípio, pela concordância do ensinamento.

UM SERMÃO SOBRE O PROGRESSO.

Escrevem-nos de Montauban:

Passou-se estes dias na cidade um fato que diversamente impressionou a população. Um pregador protestante, Sr. Rewile, capelão do rei da Holanda, em um discurso pronunciado diante de duas mil pessoas, se afirmou decididamente como partidário das idéias novas. Ficamos felizes ouvindo, pela primeira vez, essas sublimes verdades proclamadas do alto de uma cátedra cristã, e desenvolvidas com um talento e uma eloqüência incomuns. É preciso muito que tenha sido belo, um vez que os fanáticos

se apressaram e lhe dar o título de anticristo. Lamento não poder vos transmitir esse discurso por inteiro, mas vou tentar analisar-lhe algumas passagens.

"O orador tinha tomado por texto "Eu não vim destruir a lei e os profetas, mas cumpri-la. Amai-vos de todo vosso coração, de toda vossa alma, de todo vosso pensamento, e vosso próximo como a vós mesmos."

"Segundo o Sr. Rewile, a missão do Cristo entre os homens foi uma missão de caridade e de espiritualidade; sua doutrina, parecia, pois, está em oposição com a dos Judeus, cujo princípio era: "a observação estrita da letra," princípio que engendrava o egoísmo. Mas a palavra *acabar* explica essa contradição aparente, porque acabar significa completar, tornar mais perfeito. Ora, substituir o egoísmo pela caridade, e o culto da matéria pela espiritualidade, era acabar, completar a lei. O Cristo tentou, mas em vão, fazer romper a essa nação as cadeias da matéria elevando seu pensamento, e fazendo-a encarar sua destinação de mais alto; jamais ela pôde compreender a profundeza de sua moral; também, quando quis atacar os abusos de toda sorte, as práticas exteriores e abrandar os rigores da lei mosaica, foi acusado e covardemente condenado. Os Judeus esparavam um Messias conquistador, que, armado de seu cetro de ferro, deveria lhes dar em partilha o poder temporal, e não compreendiam o que havia de grande, de sublime naquele que, um frágil caniço à mão, vinha trazer à Humanidade, como uma garantia de seu poder espiritual, a lei de amor e de caridade.

"Mas os desígnios de Deus se cumpriram sempre, apesar de todas as resistências, e se os Judeus, como os obreiros de má-vontade, se recusam a trabalhar na vinha, a Humanidade com isso não caminhou menos e não caminhará menos, arrastando em sua passagem tudo o que lhe faz obstáculo para alcançar o progresso. A Igreja cristã, sob pena de queda, deve seguir esta marcha ascendente, porque *a Humanidade não foi feita para a Igreja, mas bem a Igreja para a Humanidade.* Infeliz daquele que resistisse, porque seria esmagado como pó pela mão do progresso; o passado não está feito para responder pelo futuro?

"Que os filhos do século dezenove, contrariamente à conduta dos

Judeus antigos, compreendam e cumpram sua obra! Não sentiram já esse estremecimento que agita todas as inteligências de elite e que as leva espontaneamente à conquista das idéias de espiritualidade, única garantia de felicidade para a Humanidade; porque, sem espiritualidade, não há senão matéria, e sem liberdade não há senão escravidão? *Por que, pois, resistir por mais tempo a esses nobres impulsos da alma e atribuir ao demônio esses novos sinais dos tempos modernos? por que não ver aí antes as inspirações dos mensageiros celestes de um Deus de amor e de caridade, nos anunciando a renovação da Humanidade?*

"Que a Igreja cristã retorne ao espírito. O que é, com efeito, a Igreja sem o espírito, se isso não for um cadáver, um verdadeiro cadáver na acepção da palavra?... Que aquele que tem ouvidos ouça! a verdadeira Igreja, nestes dias críticos, tem o direito de contar com seus filhos... Vamos, de pé e à obra! que cada um faça seu dever. Deus o quer! Deus o quer!

"Se o Cristo veio para acabar, quer dizer, para completar a lei pela prática do amor de Deus e dos homens, é que considerava este preceito como resumindo a perfeição humana. A lei de amor de Deus e dos homens é, assim como o ensina o próprio Cristo, uma lei de primeira ordem, à qual estão subordinadas todas as outras. É preciso, pois, praticá-la em sua acepção mais ampla, a fim de se aproximar dele, e, conseqüentemente, de Deus, de quem foi a mais alta expressão sobre a Terra. Para amar a Deus, é preciso amar o verdadeiro, o belo, o bem; é preciso se sentir interiormente transportado para esses atributos da perfeição moral; mas é preciso também amar seus irmãos, seus semelhantes, em quem Deus se reflete naquilo que tem de verdadeiro, de belo, de bem.

"Por que o Cristo amou a Humanidade até dar sua vida por ela? Porque sendo também a mais alta expressão da perfeição humana, sentiu no mais alto grau os efeitos

dessa lei de amor de Deus e dos homens, e que deveu praticá-la de maneira sublime... Praticar a caridade, amar, é caminhar a grandes passos no caminho do verdadeiro, do belo, do bem; é ir a Deus! Amar, é viver; é ir para a imortalidade!"

Segundo o que me foi contado, o Sr. Rewile teria abordado com sucesso, em duas conferências dadas aos alunos da Faculdade, a questão das manifestações; teria respondido vitoriosamente a todas as objeções. Lamento não ter podido ouvi-lo nesta circunstância tão interessante.

Nota. - Os Espíritos disseram bem que o Espiritismo iria encontrar defensores nas próprias fileiras de seus adversários. Um tal discurso na boca de um ministro da religião, e pronunciado do alto do púlpito, é um acontecimento sério. Esperemos ver outros deles, porque o exemplo da coragem de opinião é contagioso. As idéias novas não tardarão, não mais, a encontrar combatentes devotados na alta ciência, na literatura e na imprensa; elas ali já têm mais simpatias do que se crê; isso não custa senão o primeiro passo. Até este dia pode-se dizer que, à exceção dos órgãos especiais do Espiritismo, que não se dirigem à massa do público indiferente, só nossos adversários tiveram a palavra, e Deus sabe se dela usaram! Agora a luta se inicia; que dirão quando virem nomes justamente honrados e estimados sair de suas fileiras, tomar abertamente à mão a bandeira da Doutrina? Está dito que tudo deve se cumprir.

EXTRATO DO JOURNAL DE SAINT-JEAN D'ANGÉLY

de 5 de março de 1865.

Sociedade dos estudos espíritas de Saint-Jean d'Angély.

GOLPE DE VISTA SOBRE O ESPIRITISMO E SUAS CONSEQÜÊNCIAS.

Existe uma harmonia secreta e contínua entre o mundo visível e o mundo dos Espíritos. Esta harmonia, suas manifestações possíveis, eis, sem contradita, uma das grandes questões de nossa época, é a que nos propomos tratar nas colunas deste jornal.

Dirigimo-nos a todos, sem dúvida, mas mais particularmente àqueles que suas ocupações diárias impedem de se entregarem em longas horas ao estudo seguido dos fatos tão emocionantes que, assinalados de um canto ao outro do universo, são proclamados e atestados por homens os mais instruídos; demonstra a possibilidade desses fatos pela revelação de leis naturais desconhecidas até nosso tempo; despojá-los do epíteto irônico de pretensos milagres pelo qual se queria diminuí-los aos olhos daqueles que deles não sabem mais, iniciar aqueles no conhecimento da doutrina deles proveniente, deduzir dessa doutrina as conseqüências tão consoladoras que ela traz consigo, eis nosso objetivo.

Fala-se de milagres, se há um deles incompreensível aos nossos olhos, é o da frieza e da indiferença, reais ou simuladas, de homens inteligentes e probos, em presença das manifestações que surgem em todos os cantos do mundo, e são cada dia publicadas em profusão.

Se a reprodução daquilo que tantos outros viram não conduzissem senão à satisfação de uma infantil curiosidade, ou não tivesse por resultado senão o emprego de momentos que não poderiam ser melhor ocupados, oh! é então que compreenderíamos os desdéns e as leviandades de linguagem.

Isto não pode mais ser assim quando pensamos que se trata, não só do objetivo mais importante de nossa existência, a solução, pela prova palpável da imortalidade de nossas almas, a questão por tão longo tempo discutida de nossos destinos futuros, mas que se tratasse também, e sobretudo, da chamada pela convicção dessas grandes

verdades, daqueles que delas e afastam, ao cumprimento de seus deveres para com Deus, seus semelhantes e consigo mesmos.

Vede um pouco: sois membro de um júri, testemunhas que não conheceis, que nunca vistes, vêm vos afirmar o fato mais inverossímil, o assassinato de um pai por seu filho, ou de um filho por seu pai, vós os crereis e condenareis o miserável autor de um semelhante crime, e fazeis bem. Mas sondemos a questão com a mão na consciência, pensai que se esse infeliz tivesse acreditado em um Deus poderoso e justo, se tivesse compreendido já há muito tempo que seu ato horrível, infalivelmente, teria numa outra existência sua punição merecida, pensais que não teria recuado diante do cumprimento de seu crime enorme? Não, vós não o pensais; como nós, dizeis: Sim, a crença, mas a crença firme e sem restrição, a crença absoluta, em um Deus justo, nas penas e nas recompensas numa outra vida onde cada um receberá segundo suas obras neste mundo, eis o freio que deve ser o mais difícil para se quebrar; e tendes razão ainda.

Infelizmente essas crenças são, para a quase universalidade, as *desconhecidas* do grande problema da moralização universal.

Detende-vos um pouco! grita-me a maioria; não cessamos de estar de acordo; há muito tempo que nossa inteligência, nossos estudos nos fizeram conhecer a solução que indicais. Para nós, vossas pretensas novas provas são inúteis, *somos e sempre temos sido crentes.*

Tal é bem a linguagem que nos tem o comum dos mártires.

Tendes, dizeis, sempre acreditado, pelo menos no-lo assegurais; tanto melhor para vós, senhores; se é preciso confessá-lo disso não estamos quase nada em dúvida; recebei por isso nossas sinceras felicitações; seríamos verdadeiramente felizes de poder afirmá-lo também. Francamente, convimos que, apesar do favor de todas as boas condições que puderam contribuir para elevar nossas idéias, nos resta muito do caminho a percorrer para nele ter feito tanto quanto vós. Quantos de nossos irmãos, com mais forte razão, puderam permanecer atrás, privados que estavam por suas posições sociais das vantagens do estudo e, algumas vezes, de bons exemplos?

Sim, a fé está morta: todos os doutores da lei nisso convém e com isso sofrem; jamais, apesar de seus esforços, jamais a incredulidade foi mais profunda, mais geral. Segui um pouco essa longa fila de homens que vêm, como o dizem, de conduzir um dos seus à sua última morada. Ali ouvireis noventa e cinco por cento repetirem: *Ainda um esgotou suas penas.* Tristes palavras, triste e muito grande prova, ao mesmo tempo, da insuficiência dos meios empregados em nossos dias para a propagação da única e verdadeira felicidade que os homens podem provar sobre nossa Terra, pela propagação da f é.

Deus seja louvado! um novo farol brilha para todos; para trás o privilégio! Lugar aos homens de boa vontade! Sem esforços de inteligência, sem estudos difíceis e custosos, o mais humilde, o menos instruído pode, tanto como todos seus irmãos, contemplar, se quiser, a luz divina. Só não verão aqueles que não quiserem ver.

Se isto é assim, e, nós o repetimos, os homens mais honrados, os mais instruídos, dos quais citaremos os nomes por falanges, disso dão os testemunhos mais autênticos, se isto é assim, dizemos, por que empenhar-se em colocar a luz sob o alqueire? Por que, só para isso não sentimos essa necessidade, para nós, de rejeitar, sem exame, os fenômenos cujo conhecimento e apreciação podem, se não sempre, freqüentemente ao menos, deter sobre as inclinações fatais onde levam a dúvida e a incredulidade, podem em todos os casos, e com tão poucas despesas, levantar pela esperança as co-ragens prestes a sucumbirem sob o peso do infortúnio?

Eis os benefícios que, para o exemplo, pode-se tão facilmente difundir, bem longe ao redor de si, mas cuja indiferença, tanto quanto a oposição, podem também retardar o progresso e a difusão.

A. CHAIGNEAU,

D.-M.-P.

(Será continuado.)

Nota. - Nossa previsão emitida no artigo precedente, a propósito do sermão de Montauban, começa a se realizar. Eis um jornal, que não *é* um órgão do Espiritismo, e que acolhe hoje, o que sem dúvida não teria feito há um ano, não relatos de fatos, mas artigos de fundo, desenvolvendo os princípios da Doutrina. E de quem são esses artigos? de um desconhecido? de um ignorante? Não; são de um médico que goza na região de uma reputação de saber justamente merecida, e de uma consideração devida às suas eminentes qualidades. Ainda um exemplo que terá imitadores.

Sabemos mais de um jornal que não repugnaria falar favoravelmente do Espiritismo, que dele falaria voluntariamente se não fosse o medo de desagradar seus leitores, e de comprometer seus próprios interesses. Esse medo podia ser fundado em um tempo, mas hoje não o é mais. Há alguns anos, a opinião mudou muito em relação ao Espiritismo; não é mais uma coisa desconhecida; dele se fala por toda parte; não se ri mais tanto. A idéia está de tal modo vulgarizada, que se admira de uma coisa, é de ver a imprensa indiferente a uma questão que preocupa as massas, e que conta seus partidários por milhões em todos os países do mundo, e nas classes mais esclarecidas da sociedade; é sobretudo de ver homens de inteligência criticá-la sem dela saber a primeira palavra. É, pois, uma questão fútil quanto aquela que levanta as cóleras de todo um partido; esse partido com isso se emocionaria se não visse nela senão um mito sem conseqüência? Dele riria; mas desde que se descontenta, que chama, que queima seus autos-de-fé na esperança de matar a idéia, é que há alguma coisa de sério. Ah! se todos aqueles que se dizem os representantes do progresso se dessem ao trabalho de aprofundar a questão, é provável que não a tratariam com tanto desdém.

O que quer que seja, nosso objetivo não é aqui fazer disso apologia; queremos somente constatar um fato hoje averiguado, é que a idéia espírita tomou lugar entre as doutrinas filosóficas; que ela constitui uma opinião cujos representantes se multiplicam de tal modo que seus adversários são os primeiros a proclamá-lo. A conseqüência natural disto é que os jornais que forem francamente simpáticos a esta causa, terão as simpatias de seus adeptos, e que estes são bastante numerosos para compensar amplamente algumas defecções que poderiam sentir, se no entanto isso sentirem.

O público, do ponto de vista da idéia espírita, se divide em três categorias; os partidários, os indiferentes e os antagonistas. É constatado que as duas primeiras compõem a imensa maioria; os partidários as procurarão por simpatia; os indiferentes estarão satisfeitos de encontrar, numa discussão imparcial, os meios de se esclarecerem sobre o que ignoram. Quanto aos antagonistas, a maioria se contentará de não ler os artigos que não lhes convém, mas não renunciarão, por este motivo, a um jornal que lhes apraz sobre outras relações, por suas tendências políticas, sua redação, seus folhetins ou a variedade de suas notícias diversas. Os adversários natos do Espiritismo, aliás, têm seus jornais especiais. Em suma, é certo que, no estado atual da opinião, com isso ganhariam mais do que perderiam.

Sem dúvida, dir-se-á, e isto com razão, que a convicção não se impõe, e que um jornal, não mais que um indivíduo, não pode abraçar as idéias que não são as suas. Isto é muito justo, mas não impede a imparcialidade. Ora, até este dia, com um pequeno número de exceções, os jornais abriram suas colunas tão largamente quanto possível à crítica, aos ataques, à difamação mesmo contra uma classe numerosa de cidadãos, lançando, sem escrúpulo, o ridículo e o desprezo sobre as pessoas, ao passo que lhes fecharam impiedosamente a defesa. Quantas vezes a lei não dá à réplica dos direitos que foram desconhecidos! Seria preciso, pois, recorrer às medidas de rigor, intentar processos? Teria havido milhares deles há dez anos. Nós lhe pedimos, é da

imparcialidade, da justiça, de parte das folhas que proclamem sem cessar a liberdade do pensamento, a igualdade dos direitos e a fraternidade? Compreende-se a refutação de uma doutrina que não se partilha, a discussão racional e de boa-fé de seus princípios; mas o que não é nem justo nem leal, é desnaturá-la e fazê-la dizer ao contrário do que ela disse, em vista de desacreditá-la; ora, é o que fazem diariamente os adversários do Espiritismo. Admitir a defesa depois do ataque, a retificação das inexatidões, não seria esposar-lhe os princípios; isso não seria senão a imparcialidade e a lealdade. Um jornal poderia mesmo ir mais longe; sem renunciar às suas convicções, e sob toda reserva de suas opiniões pessoais, poderia admitir a discussão do pró e do contra; colocaria assim seus leitores em condições de julgar uma questão que lhes valeria bem a pena, pela ressonância que ela adquire cada dia.

Devemos, pois, elogios à imparcialidade do jornal que acolhe os artigos do Sr. Chaigneau. Devemos-la também ao autor que, um dos primeiros, entrado na arena da publicidade oficial para ali sustentar nossa causa com a autoridade de um homem de ciência. O artigo acima reportado não é senão a introdução de seu trabalho; o número de 12 de março contém a entrada em matéria: é uma exposição sabiamente racional da história do Espiritismo moderno. Lamentamos que sua extensão não nos permita reproduzi-lo.

CORRESPONDÊNCIA DE ALÉM-TÚMULO.

ESTUDO MEDIANÍMICO.

Para a inteligência do fato principal de que se trata, extraímos a passagem seguinte da carta de um de nossos assinantes; além disso, é uma simples e tocante expressão das consolações que os aflitos haurem no Espiritismo:

"Permiti-me vos dizer quanto o Espiritismo me proporcionou de alívio dando-me a certeza de rever, num mundo melhor, um ser que amei com um amor sem limites, um irmão querido, morto na flor da idade. Quanto é consolador este pensamento que aquele de quem choramos a morte está freqüentemente junto de nós, nos sustentando quando estamos abatidos sob o peso da dor, se regozijando quando a fé no futuro nos faz entrever uma reunião certa! Iniciado já há alguns anos nos admiráveis preceitos do Espiritismo, dele aceitei todas as verdades, e me esforcei por viver neste mundo de modo a apressar meu adiantamento. Minhas boas resoluções foram tomadas muito sinceramente, e, no entanto, eu o confesso, não possuindo os elementos necessários para fortalecer e manter minha crença na comunicação dos Espíritos, habituei-me pouco a pouco, não a rejeitá-la, mas a encará-la com mais indiferença. É que a infelicidade me fora desconhecida até então. Hoje, que aprouve a Deus enviar-me uma dolorosa prova, hauri no Espiritismo preciosas consolações, e sinto a necessidade de vos agradecer muito particularmente por isto, como o primeiro propagador desta santa Doutrina.

"A doutrina do Espiritismo não sendo uma simples hipótese, mas apoiando-se sobre fatos patentes e ao alcance de todo o mundo, as consolações que ela proporciona consistem não só na certeza de rever as pessoas amadas, mas também, e sobretudo, na possibilidade de corresponder com elas e obter delas salutares ensinos."

Nesta convicção, o irmão vivo escreve ao seu irmão morto, a carta seguinte, da qual solicita resposta por intermédio de um médium:

N..., 14 de março de 1865.

Meu irmão bem-amado,

É-me impossível dizer-te o quanto estou feliz lendo *a* carta que consentiste em me dirigir por intermédio do médium S... Comuniquei-a aos nossos pobre pais que muito afligiste em nos deixando de modo tão inesperado. Eles me pedem escrever-te de novo,

pedir-te de novo detalhes sobre tua existência atual, a fim de poder crer, por provas que te será fácil dar, na realidade do ensino dos Espíritos. Mas, antes de tudo, volta freqüentemente junto deles, inspira-lhes a resignação e a fé no futuro; consola-os, porque disso têm necessidade, feridos que foram por um golpe tão inesperado. Quanto a mim, ó meu irmão bem-amado, estarei sempre feliz quanto te for permitido dar-me tuas notícias. Acabo de pedir hoje novos detalhes sobre tua doença, tua morte e teu despertar no mundo dos Espíritos. - Quais foram os Espíritos que vieram te receber em tua entrada no mundo invisível? - Reviste nosso avô? Ele está feliz? — Reviste e reconheceste nossos parentes que faleceram antes de ti, mesmo aqueles que não havias conhecido sobre esta Terra? - Assististe ao teu enterro? Que impressão sentiste dele? Dá-me, isto te suplico, alguns detalhes sobre esta triste cerimônia que não permitam aos nossos pais duvidar de tua identidade. Poderias dizer se algum membro de nossa família poderá se tornar médium? Não desejarias comunicar-te por intermédio de um de nós? - Não posso compreender que não queiras continuar teus estudos musicais, que cultivavas com tanto ardor sobre esta Terra; isto seria uma muito doce consolação para nós, se quisesses terminar, por intermédio de um médium, os salmos que começaste a colocar em música em Paris. - Pudeste constatar o vazio imenso causado por tua morte no coração de nós todos. Inspira, isto te suplico, a teus pais, a coragem necessária para não sucumbirem sob esta terrível prova; freqüentemente, esteja com eles e dá-lhes, com freqüência tuas notícias. Quanto a mim, Deus sabe o quanto tenho chorado! Apesar de minha crença no Espiritismo, há momentos em que não posso me fazer a idéia de não mais rever-te sobre esta Terra, e onde daria minha vida para poder te apertar sobre meu coração. - Adeus, meu nobre amigo, pense algumas vezes naquele cujos pensamentos estão constantemente dirigidos para ti, e que fará seu possível para ser julgado digno de estar reunido, um dia, a ti. -Abraço-te e aperto-te sobre meu coração.

Teu irmão todo devotado, B.....

Nota. - Numa precedente comunicação dada aos pais, por um outro médium, ele havia dito que o jovem não queria continuar seus estudos musicais no mundo dos Espíritos.

Resposta do irmão morto ao irmão vivo.

Eis-me, meu bom irmão; mas tu exiges muito; não posso, com a melhor vontade, satisfazer, numa só evocação, as numerosas perguntas que me diriges. Não sabes que, algumas vezes, é muito difícil aos Espíritos transmitir seu pensamento com a ajuda de certos médiuns pouco apropriados a receberem nitidamente, no cérebro, a impressão fotográfica dos pensamentos de certos Espíritos, e que, desnaturando-os, lhes dão uma marca de falsidade que conduz, da parte dos interessados, à negação mais formal da manifestação; o que é muito pouco lisonjeiro e entristece profundamente aqueles que, por falta de instrumentos convenientes, estão impossibilitados de dar sinais de identidade suficientes.

Crê-me, bom irmão, evoca-me em família; e tu mesmo, com um pouco de boa-vontade e alguns ensaios perseverantes, poderás conversar à tua vontade comigo. Estou quase sempre perto de ti, porque sei que tu és Espírita e que espero em ti. É certo que a simpatia atrai a simpatia, e que não se pode ser expansivo com um médium que se vê pela primeira vez; no entanto, vou tratar de vos satisfazer.

Minha morte, que vos aflige era o fim do cativeiro de minha alma; vosso amor, vossa solicitude, vossa ternura haviam tornado doce meu exílio sobre a Terra; mas, nos meus mais belos momentos de inspiração musical, voltei meus olhares para as regiões luminosas onde tudo é harmonia, e me esquecia a escutar os acordes longínquos da melodia celeste que me inundava com suas doces vibrações. Quantas vezes me esqueci

nesses sonhos extáticos, aos quais devia o sucesso de meus estudos musicais, que continuo aqui! Seria um estranho erro crer que a aptidão individual se perde no mundo espírita; ali ela se aperfeiçoa, ao contrário, para trazer, em seguida esse aperfeiçoamento sobre os planetas onde esses Espíritos são chamados a viver.

Não choreis mais, pois, vós todos, bem-amados pais! Para que servem as lágrimas? Para abater, desencorajar as almas. Parti primeiro, mas vireis me reencontrar; esta certeza não é bastante poderosa para vos consolar? A rosa, que exalou seus perfumes no carvalho, morre, como eu, depois de ter vivido pouco, juncando o solo com suas pétalas murchas; mas o carvalho morre a seu turno, e tem a sorte da rosa que chorou e cujas vivas cores se harmonizavam com sua sombria folhagem.

Ainda algum tempo, e vireis a mim; cantaremos então a cantiga das cantigas, e louvaremos a Deus em suas obras; porque seremos felizes juntos; se vos resignardes com a prova que vos atinge.

Aquele que foi teu irmão sobre a Terra e que te ama sempre,

B...

Vários ensinamentos importantes ressaltam desta comunicação. O primeiro é a dificuldade que sente o Espírito em se expressar com a ajuda do instrumento que lhe foi dado. Conhecemos pessoalmente esse médium que deu há muito tempo provas como poder e flexibilidade de faculdade, sobretudo em fatos de evocações particulares; é o que se pode chamar um médium seguro e bem assistido. De onde vem, pois, esse empedimento? É que a facilidade das comunicações depende do grau de afinidade fluídica que existe entre o Espírito e o médium. Cada médium está, assim, mais ou menos apto para receber a impressão ou o *impulso* do pensamento de tal ou tal Espírito; ele pode ser um bom instrumento para um e um mau instrumento para o outro, sem que isso prejulgue nada contra suas qualidades, sendo esta condição mais orgânica do que moral. Os Espíritos procuram, pois, de preferência, os instrumentos que vibrem em uníssono com eles; impor-lhes o primeiro que chega, e crer que eles podem indiferentemente dele se servirem, seria como se se impusesse a um pianista tocar violão, pela razão que, sabendo música, deve saber tocar todos os instrumentos.

Sem essa harmonia única que pode levar à assimilação fluídica, *tão necessária na tiptologia quanto na escrita,* as comunicações são ou impossíveis, ou incompletas, ou falsas. Na falta do Espírito que não se pode ver, se não pode se manifestar livremente, para isso não faltam outros sempre prontos a aproveitar a ocasião, e que pouco se importam com a verdade do que dizem. Esta assimilação fluídica é algumas vezes inteiramente impossível entre certos Espíritos e certos médiuns; outras vezes, e é o caso mais comum, ela não *se* estabelece senão gradualmente e com o tempo, o que explica por que os Espíritos que se manifestam habitualmente a um médium o fazem com mais facilidade, e por que as primeiras comunicações atestam, quase sempre, um certo embaraço e são menos explícitas.

Está, pois, demonstrado, ao mesmo tempo pela teoria e pela experiência, que não há mais médiuns universais para as evocações senão pela aptidão aos diversos gêneros de manifestações. Aquele que pretenda receber à vontade, a propósito, as comunicações de todos os Espíritos, e poder satisfazer, por conseguinte, os legítimos desejos de todos aqueles que querem conversar com os seres que lhe são caros, farão prova, ou de uma ignorância radical dos princípios mais elementares da ciência, ou de chalatanismo, e, em todos os casos, de uma presunção incompatível com as qualidades essenciais de um bom médium. Num tempo pôde-se acreditá-lo, mas hoje os progressos da ciência teórica e prática demonstram que isto não se pode em princípio. Quando um Espírito se comunica pela primeira vez por um médium sem nenhum embaraço, isto prende-se a uma afinidade fluídica excepcional, ou anterior, entre o Espírito e seu intérprete.

É, pois, um erro impor um médium a um Espírito que se quer evocar; é preciso deixar-lhe a escolha de seu instrumento. Mas como fazer, dir-se-á, se não se tem senão um único médium, o que é muito freqüente? Primeiro, contentar-se com o que se tem, e abster-se do que não se tem. Não está mais no poder da ciência espírita em mudar as condições normais das manifestações, quanto *à* química de mudar as da combinação dos elementos .

No entanto, há aqui um meio de atenuar a dificuldade. Em princípio, quando se trata de uma evocação nova, o médium deve sempre preliminarmente evocar seu guia espiritual, e lhe perguntar se ela é possível; em caso afirmativo, perguntar ao Espírito evocado se encontra no médium a aptidão necessária para receber e transmitir seu pensamento. Se houver dificuldade ou impossibilidade, pedir para fazê-lo por intermédio do guia do médium ou de fazê-lo assistir. Neste caso, o pensamento do Espírito não chega senão de segunda mão, quer dizer, depois de ter atravessado dois meios. Compreende-se, então, o quanto importa que o médium seja bem assistido, porque se o é por um Espírito obsessor, ignorante ou orgulhoso, a sua comunicação será alterada. Aqui, as faculdades pessoais do médium desempenham, forçosamente, um papel importante, pela natureza dos Espíritos que atrai para si. Os médiuns mais indignos podem ter poderosas faculdades, mas os os mais seguros são aqueles que, a esse poder, juntam as melhores simpatias no mundo invisível; Ora, essas simpatias não são *de nenhum modo* garantidas pelos nomes mais ou menos imponentes dos Espíritos que assinam as comunicações, mas pela natureza constantemente boa das comunicações que deles recebem.

Estes princípios estão, ao mesmo tempo, fundados sobre a lógica e sobre a experiência; as próprias dificuldades que acusam, provam que a prática do Espiritismo não deve ser tratada levianamente.

Um outro fato ressalta igualmente da comunicação acima: é a confirmação do princípio de que os Espíritos inteligentes prosseguem na vida espiritual os trabalhos e os estudos que empreenderam na vida corpórea.

É assim que, nas comunicações que publicamos, damos preferência àquelas de onde pode sair um ensino útil.

Quanto à carta do irmão vivo ao seu irmão morto, é uma ingênua e tocante expressão da fé sincera na sobrevivência da alma, na presença dos seres que nos são caros, e da possibilidade de continuar com eles as relações de afeição que nos uniam a eles.

Os incrédulos, sem dúvida, rirão do que, aos seus olhos, é uma pueril credulidade. Agirão inutilmente, o nada que preconizam jamais terá encanto para as massas, porque fere o coração e as afeições mais santas; gela em lugar de aquecer; é assustador e desespera em lugar de fortalecer e consolar.

Suas diatribes contra o Espiritismo, tendo por centro essa doutrina aflitiva do nada, não é preciso admirar-se de sua impossibilidade em afastar as massas das novas idéias. Entre uma doutrina desesperadora e uma doutrina consoladora, a escolha da maioria não poderia ser duvidosa.

Depois da assustadora catástrofe da igreja de San-Yago do Chile, em 1864, encontra-se na igreja uma caixa para cartas, na qual os fiéis depositam as missivas que endereçam à santa Virgem. Poder-se-ia estabelecer uma paridade entre este fato, que divertiu a verve dos zombadores, e a carta acima? Seguramente não. No entanto, o erro não era daqueles que creram na possibilidade de corresponder com o outro mundo, mas daqueles que exploravam essa crença, proporcionando as respostas ao preço da franquia juntada à carta. Há poucas superstições que não tenham seu ponto de partida numa verdade desnaturada pela ignorância; o Espiritismo, acusado de ressuscitá-las, ao contrário, vem reduzi-las ao seu justo valor.

PODER CURATIVO DO MAGNETISMO ESPIRITUAL.

Espírito do doutor Demeure.

Em nosso artigo do mês precedente, sobre o doutor Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma nova prova de sua benevolência, ao mesmo tempo que constata o poder curativo da magnetização espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

O Espírito do bom pai Demeure, vindo aumentar o número de nossos amigos invisíveis que nos cuidam do moral e do físico, quis se manifestar, desde os primeiros dias, por um favor. A notícia de sua morte não era ainda conhecida de nossos irmãos de Montauban, que empreenderam espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, somente pela ação fluídica. Vedes que não perdia tempo, e continuava, como Espírito, assim como o dissestes, sua obra de alívio da Humanidade sofredora. No entanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam a vagar em suas ocupações terrestres, sem terem a consciência de seu estado, crendo-se sempre vivos; é o próprio dos Espíritos pouco avançados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente, e agiu voluntariamente como Espírito, com a consciência de ter neste estado uma força maior.

Tínhamos ocultado à senhora G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do Sr. Demeure, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, entrando sem dúvida em nossos objetivos, tinha evitado de se manifestar a ela. Em 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a senhora G... de uma entorse de que ela sofria cruelmente desde a véspera. Disso não sabíamos mais, e estávamos longe de esperar a surpresa que nos preparavam. Apenas essa senhora entrou em sonambulismo, ela fez ouvir gritos dilacerantes mostrando seu pé. Eis o que se passava:

A senhora G... via um Espírito curvado sobre sua perna, do qual os traços lhe estavam ocultos; ele operava flexões e massagens, exercendo, de vez em quando, sobre a parte doente, uma tração longitudinal, absolutamente como teria podido fazer um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente se deixava ir, às vezes, a vociferações e a movimentos desordenados. Mas a crise não foi de longa duração; ao cabo de dez minutos todo traço da entorse tinha desaparecido, não mais inchaço, o pé tinha retomado sua aparência normal; a senhora G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção deste gênero, os magnetizadores mais bem dotados e mais exercitados, sem falar da medicina oficial que nisso não acaba, têm necessidade de um tratamento cuja duração jamais é menor do que trinta e seis horas, consagrando-lhe três sessões por dia de uma hora cada uma, essa cura em dez minutos, pelo fluido espiritual, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, assim como o disse o próprio Espírito numa comunicação que encontrareis adiante, que era de sua parte uma primeira experiência feita tendo em vista uma aplicação ulterior em caso de ser bem sucedido.

No entanto, o Espírito permanecia sempre desconhecido do médium, e persistia em não mostrar seus traços; tinha mesmo o ar de querer desaparecer, quando de um salto nossa doente, que, alguns minutos antes, não podia dar um passo, se lançou no meio do quarto para agarrar *e* apertar a mão de seu doutor espiritual. Nesta vez ainda o Espírito tinha afastado a cabeça, deixando-lhe sua mão na dela. Neste momento a senhora G... lança um grito, e cai desmaiada sobre o assoalho; ela acabava de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope, ela recebeu os cuidados desvelados de vários Espíritos simpáticos. Enfim, tendo reaparecido a lucidez sonambúlica, ela

conversou com os Espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o Espírito do doutor, que respondia aos seus testemunhos de afeição, penetrando-a com um fluido reparador.

Esta cena não é surpreendente e dramática e não crer-se-ia ver todas essas personagens desempenhar seu papel na vida humana? Não é uma prova, entre mil, de que os Espíritos são seres muito reais, tendo um corpo e agindo como faziam sobre a Terra? Estávamos felizes em reencontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Ele fora durante sua vida, o médico do médium; conhecia sua extrema sensibilidade, e a tinha preparado como seu próprio filho. Esta prova de identidade dada àqueles que o Espírito amava, não é tocante e não é bem feita para fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador?

Eis a comunicação que recebemos do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

"Meus bons amigos, estou junto a vós, e vos amo sempre como no passado. Que felicidade poder me comunicar com aqueles que me são caros! Como estou feliz de, ontem à noite, poder me tornar útil e aliviar nosso caro médium vidente! é uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, todas as vezes que uma ocasião favorável se apresentar. Hoje, seu filho está muito doente, mas espero que o curemos logo; tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (O filho da senhora G..., com efeito, foi curado de uma difteria, por meio de um tratamento homeopático ordenado pelo Espírito.)

"Poderemos, daqui a algum tempo, vos dar a ocasião de ser testemunhas de fenômenos que não conheceis ainda, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Estarei feliz em poder contribuir, eu mesmo, a essas manifestações que me teriam dado tanto prazer em ver quando vivo; mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira toda particular, e que me prova evidentemente a verdade daquilo que se passa convosco. Crede, meus bons amigos, que me faço sempre um verdadeiro prazer tornar-me útil aos meus semelhantes, e ajudá-los a propagar estas belas verdades que devem mudar o mundo, conduzindo-o a sentimentos melhores. Adeus, meus amigos; até breve."

"ANTOINE DEMEURE."

Não é curioso ver um Espírito, já sábio na Terra, fazer como Espírito estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que revela o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudo-sábios são geralmente presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como tendo dado em Montauban, em 1º de fevereiro. Foi no dia 26 de janeiro que a ditou; esta data é, em minha opinião, de uma certa importância, porque é a do dia seguinte de sua morte. No segundo parágrafo, ele disse: "Gozo de uma lucidez rara nos Espíritos libertos da matéria há tão pouco tempo." Essa lucidez prova, com efeito, uma rapidez de desligamento, que não é própria senão dos Espíritos muito avançados moralmente.

Nota. - A cura narrada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem nenhuma mistura de magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais como condutores de seu fluido; estão aí os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, segundo sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos pelos quais são assistidos. Conhecemos em Paris uma pessoa atingida há oito meses de exostoses no quadril e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a obrigam a ficar na cama. Um jovem de seus amigos, dotado desta preciosa faculdade, lhe deu cuidados unicamente por imposição das mãos, durante alguns minutos sobre a cabeça, e a prece à qual o doente se associava com um fervor edificante. Este último sentiu nesse momento uma crise muito dolorosa análoga à que sentiu a senhora G..., logo seguida de uma calma perfeita. Sentiu, então, a impressão

energica de várias mãos que massageavam e estiravam a perna que se via alongar de 10 a 12 centímetros. Já havia nele uma melhora muito sensível, porque começou a caminhar; mas a antigüidade e a gravidade do mal tornam a cura necessariamente mais difícil e mais longa do que a de uma simples entorse.

Faremos observar que a mediunidade curadora não está ainda apresentada, ao nosso conhecimento, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, quer dizer, que o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que isso deva ser assim, quando se conhece o papel capital que desempenham as afinidades fluídicas em todos os fenômenos de medianimidade. Algumas pessoas mesmo dela não gozam senão acidentalmente e para um caso determinado. Seria, pois, um erro crer que, porque se obteve uma cura, mesmo difícil, podem-se obtê-las todas, pela razão de que o fluido próprio de certos doentes é refratário ao fluido do médium; a cura é tanto mais fácil quanto a assimilação dos fluidos se opera naturalmente. Também se está surpreso de ver, algumas vezes, pessoas frágeis e delicadas exercerem uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. É que, então, essas pessoas são boas condutoras do fluido espiritual, ao passo que os homens vigorosos podem ser muito maus condutores. Eles não têm senão seu fluido pessoal, fluido humano, que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos.

Compreende-se, segundo isto, as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para dela se fazer uma maneira de viver, seria preciso estar dotado de uma faculdade universal; ora, só os Espíritos encarnados da ordem mais elevada poderiam possuí-la nesse grau. Ter esta presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que, só por ela, seria um sinal de inferioridade moral. A verdadeira superioridade é modesta; faz o bem sem ostentação, e se apaga em lugar de procurar o brilho; a fama vai procurá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre atrás da fama que lhe escapa freqüentemente. Jesus dizia àqueles que havia curado: "Ide, dai graças a Deus, e não faleis disto a ninguém." É uma grande lição para os médiuns curadores. Lembraremos aqui que a mediunidade está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea; que não é preciso confundi-la nem com o magnetismo humano, nem com a faculdade que certos médiuns têm de receber dos Espíritos a indicação de remédios; estes últimos são simplesmente *médiuns medícais,* como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

CONVERSAS FAMILIARES DE ALÉM-TÚMULO.

PIERRE LEGAY DITO GRANDE-PIERROT.

(Continuação. - Ver a Revista de novembro de 1864.)

Pierre Legay, parente da senhora Delanne, nos ofereceu o singular espetáculo de um Espírito que, dois anos depois de sua morte, se acreditava ainda vivo, vagava por seus negócios, viajava em viatura, pagava seu lugar na estrada de ferro, visitou Paris pela primeira vez, etc. Damos hoje a conclusão desse estado, que seria difícil de compreender se não se reportasse aos detalhes dados na *Revista* de novembro de 1864, página 339.

O Sr. e a Sra. Delanne tinham inutilmente procurado tirar seu parente do seu erro; seu guia espiritual lhe dissera para esperar, não tendo ainda chegado o momento.

Nos primeiros dias do mês de março último, eles dirigiram a pergunta seguinte ao seu guia:

Depois da última visita de Pierre Legay, mencionada na *Revista Espírita,* não pudemos obter dele nenhuma resposta. Vós me dissestes a esse respeito que, quando o

momento tivesse chegado, ele mesmo nos daria suas impressões. Pensais que o possa agora? - *R.* Sim, meus filhos; a hora chegou. Ele poderá vos responder e vos fornecerá diversos assuntos de estudos e de ensinamentos. Deus tem seus objetivos.

P. (A Pierre Legay) .Caro amigo, estais aqui? - *R.* Sim, meu amigo.

P. Vedes meu objetivo vos evocando hoje? - *R.* Sim, porque tenho junto a mim amigos que me instruíram sobre tudo o que se passa de surpreendente neste momento sobre a Terra. Meu Deus, que coisa estranha tudo isto!

P. Dissestes que tendes amigos que vos cercam e que vos instruem; podeis nos dizer quem são? - *R.* Sim, são amigos, mas não os conheci senão depois que *despertei;* sabeis que *dormi?* Chamo dormir o que chamais morrer.

P. Podeis dizer-nos o nome da alguns destes amigos? - *R.* Tenho constantemente ao meu lado um homem, que deveria antes chamar um anjo, porque é tão doce, tão bom, tão belo que creio que os anjos devem ser todos como *aqui e ali.* E depois tem Didelot (o pai da senhora Delanne) que está aqui também; depois vossos pais, meu amigo. Oh! como são bons! Há também: ah! é engraçado, como se encontra, nossa irmã superior. Por exemplo, ela é sempre a mesma; ela não mudou. Mas o que é, pois, curioso em tudo isto!

Nota. A irmã que o Espírito designa habitava a comuna de Treveray e havia dado as primeiras instruções à senhora Delanne. Ela não havia se manifestado senão uma vez, três anos antes.

Toma! vós também, *jardineiro!* (nome familiar dado a um tio da senhora Delanne, e que jamais se manifestou). Mas, quanto sou besta! É em vosso quarto que estamos. Pois bem, estou contente de vos ver; aqui me coloco à vontade; porque, minha palavra de honra, fui transportado não sei de onde faz algum tempo; vou mais depressa do que a estrada de ferro, e percorro o espaço sem poder me dar conta como. Sois como eu, Didelot? Ele tem o ar de achar tudo natural; parece que já está habituado. De resto, faz mais tempo do que eu que ele o fez (morreu há seis anos), e compreendo que com isto esteja menos espantado. Mas quanto é, pois, engraçado! ah! é muito engraçado! Dizei-me, sabeis, convosco, meu primo, estou à vontade. Pois bem, francamente, dizei-me, pois, o que se chama *morrer?*

SR. DELANNE: Chama-se morrer, meu amigo, deixar seu corpo grosseiro à terra para dar à alma a liberdade da qual tem necessidade para reentrar na vida real, a grande vida do Espírito. Sim, aí estais, caro amigo, nesse mundo ainda desconhecido para muitos homens da Terra. Eis-vos saído da letargia ou entorpecimento que segue a separação do corpo e da alma. Vedes vosso anjo guardião, os amigos que vos cercam; foram eles que vos conduziram entre nós, para vos provar a imortalidade e a individualidade de vossa alma. Sede disso orgulhoso e feliz, porque, o vedes agora, a morte é a vida. Eis porque também atravessais o espaço com a rapidez do relâmpago, e podeis conversar conosco em Paris, como se tivésseis um corpo material como o nosso. O corpo, não o tendes mais; não tendes agora senão um envoltório fluídico e leve que não vos retém mais na Terra.

P. LEGAY: Singular expressão: *morrer]* Mas, dai, pois, um outro nome ao momento em que a alma deixa seu corpo à terra, porque esse instante não é o da morte.....Eu me lembro.....Estava apenas desembaraçado dos laços que me retinham ao meu corpo, que meu sofrimento, em lugar de diminuírem, não fizeram senão crescer. Via meus filhos que se disputavam para ter cada um a parte daquilo que lhes chegava. Eu os via não darem atenção às terras que lhes deixei, e então *me pus a trabalhar com* mais força ainda do que nunca. Eu estava ali, lamentando ver que não se me compreendia; pois, *eu não estava morto.* Asseguro-vos que senti os mesmos medos e as mesmas fadigas quando com meu corpo, e, no entanto, eu não o tinha mais. Explicai-me isto; se é como aqui que se morre, é uma engraçada maneira de morrer. Dizei-me vossa idéia acima, e depois eu

direi a minha, porque agora, esses bons amigos têm a bondade de ma dizer. Vamos, meu primo, dizei-me vossa idéia.

SR. DELANNE: Meu amigo, quando os Espíritos deixam seu corpo, eles são envolvidos de um segundo corpo, como eu vos disse; este é fluídico; não o deixam jamais. Pois bem, era com esse corpo que acreditáveis trabalhar, como em vida com o outro. Podeis depurar este corpo semi-material por vosso adiantamento moral; e se a palavra *morte* não vos convém para precisar esse momento, chamai-o *transformação,* se quiseres. Se tivestes que sofrer coisas que vos foram penosas, é que vós mesmo, em vossa vida, talvez fostes muito apegado às coisas materiais, negligenciando as coisas espirituais, que interessam ao vosso futuro. (Ele estava muito interessado.) Foi um pequeno castigo que Deus vos impôs para resgatar vossas faltas, dando-vos o meio de vos instruir e de abrir vossos olhos à luz.

P. LEGAY: Pois bem! Meu caro, não é a este momento que é preciso dar o nome de transformação, porque o Espírito não se transforma tão rápido se não for imediatamente ajudado a se reconhecer pela prece, e não se esclarece sobre sua verdadeira posição, seja, como acabo de dizer, orando por ele, seja evocando-o. É porque *há tantos Espíritos, como o meu, que ficam estacionados.* Há, para o Espírito da minha categoria, *transição,* mas não *transformação;* ele não sabe se dar conta do que lhe chega. Eu arrastei, ou antes acreditei arrastar meu corpo com a mesma dificuldade e os mesmos males do que sobre a Terra. Quando fui libertado de meu corpo, sabeis o que senti? Pois bem! o que se sente depois de uma queda que vos atordoou um momento, ou antes depois de uma fraqueza, e que vos faz retornar com vinagre. Eu *despertei sem* me aperceber que meu corpo me havia deixado. Vim a Paris onde estou, pensando aqui estar bem e estar em carne e osso, e não teríeis podido me convencer do contrário se *depois não estivesse morto.*

Sim, morre-se, mas não é no momento em que se deixa seu corpo; é no momento em que o Espírito, *percebendo sua verdadeira posição,* toma-lhe uma vertigem, não sabe mais compreender o que se lhe diz, nem vê mais as coisas que se lhe explica do mesmo modo; então ele se perturba; vendo que não é mais compreendido, procura, e, como o cego que é atingido subitamente, pede um condutor que não vem em seguida, *não dá; é* preciso que fique algum tempo nas trevas onde tudo é confuso para ele; está perturbado, e é preciso que o desejo o leve com ardor a pedir a luz, que não lhe é concedida senão depois que a agonia esteja terminada e que a hora da libertação chegou. Pois bem, meu primo, é quando o Espírito se encontra nesse momento, que é *o momento da morte,* porque não sabe mais reconhecer-se. É preciso, eu o repito, que se seja ajudado pela prece para sair desse estado, e é também quando a hora da libertação estiver chegada que é preciso empregar a palavra *transformação* para os Espíritos de minha ordem.

Oh! Obrigado pelas vossas boas preces, obrigado, meu amigo; sabeis o quanto eu vos amo, e vos amarei bem mais ainda agora. Continuai-me vossas boas preces pelo meu adiantamento. Obrigado ao homem que revelou essas grandes verdades santas das quais tantos outros, antes dele, tinham desdenhado de se ocupar. Sim, obrigado por ter associado meu nome a tantos outros. Orou-se por mim lendo algumas linhas que tinha vindo vos dar. Obrigado, pois, também a todos aqueles que oraram por mim, que hoje, graças à prece, cheguei a compreender-lhe a importância. A meu turno, tratarei de ser útil a todos.

Eis o que tinha a vos dizer, e estejais tranqüilos; hoje, não tenho mais dinheiro a lamentar, mas, ao contrário, tenho todo o meu tempo para vos dar.

Não é que essa mudança deve vos espantar muito? Pois bem, doravante, como no presente, isto será como isto, porque vejo bem claro agora, aqui, e de muito longe.

PI ERRE LEGAY.

Nota. - O novo estado em que se encontra Pierre Legay, deixando de se crer deste mundo, pode ser considerado como um segundo despertar do Espírito. Esta situação se liga à grande questão da morte espiritual que foi estudada neste momento. Agradecemos aos Espíritas que, ao nosso relato, oraram por esse Espírito. Podem ver que se apercebeu disto e que com isto se achou bem.

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS DE MARSEILLE.

As manifestações de Poitiers têm neste momento semelhante em Marseille. Disso é preciso concluir que os supostos maus gracejadores, que puseram em comoção a primeira cidade, sem poderem ser descobertos, se transportaram para a segunda, onde não o são mais? É preciso convir que são mistificadores bem sagazes para frustrar assim as procuras da polícia de todos aqueles que estão interessados em descobri-los.

A *Gazette du Midi,* de 5 de março, contém a esse respeito a curta notícia seguinte:

"Durante o dia de sexta-feira, o quarteirão Chave estava em comoção, e no boulevard deste nome, grupos numerosos estacionaram nas proximidades da casa nº 80. Correu o boato de que nessa casa se passam cenas estranhas que tinham posto em fuga os habitantes do imóvel enfeitiçado. Os fantasmas ali passeavam, dizia-se; a certas horas ruídos estranhos ali se fazem ouvir, e mãos invisíveis fazem entrechocarem-se móveis, louça e bateria de cozinha. A intervenção da polícia foi necessária para manter a ordem no seio desses grupos que aumentavam a cada instante. A esse propósito, o que há de razoável para dizer, parece, é que a casa da qual se trata não oferece talvez toda solidez necessária, sobre um terreno minado pelas águas; alguns estalidos ouvidos, e transformados pelo medo em jogo de feitiçaria, terão motivado os rumores que não saberão tardar para se dissiparem."

CAUVIÈRE.

Eis o relato circunstanciado, que nos foi transmitido pelo doutor Chavaux, de Marseille, em data de 14 de março:

"Há uns quinze dias, tive a honra de vos dar alguns detalhes sobre as manifestações que se produzem, há mais de um mês, na casa nº 80 do boulevard Chave. Não vos disse senão o que tinha ouvido dizer, hoje venho vos dizer o que vi e ouvi por mim mesmo.

Tendo obtido a permissão de visitar a casa, fui, sexta-feira, 10 de março, no apartamento do primeiro andar, ocupado pela senhora A... e seus dois filhos, um de oito anos e o outro de 16 anos. A uma hora justa, uma viva detonação ocorreu na própria casa, e foi seguida de nove outras no espaço de três quartos de hora. Na segunda detonação, que me pareceu partir do interior do quarto onde estávamos, vi um leve vapor se formar, depois um odor bem pronunciado de pólvora se fez sentir. A senhora R..., tendo entrado na oitava detonação, disse que havia um odor de pólvora; isto me deu prazer, porque me provava que a minha imaginação não havia estado por nada.

"Na segunda-feira 13, fui de novo à casa, às oito horas e meia da noite. Às nove horas, a primeira detonação se fez ouvir, e no espaço de uma hora houve trinta *e* oito delas. A senhora C... disse: "Se esses ruídos são ocasionados por Espíritos, que façam mais dois deles, e isso farão quarenta." No mesmo momento, as duas detonações se fizeram, golpe sobre golpe, com um ruído apavorante. Olhamo-nos todos com surpresa e mesmo pavor. A senhora C... disse ainda: "Começo a compreender que há Espíritos neste negócio; gostaria, para me convencer inteiramente batessem ainda dez vezes, isto farão cinqüenta." As dez detonações ocorreram em menos de um quarto de hora.

"Esses ruídos, às vezes, têm a força de tiros de um canhão de pequeno calibre, que se atiraria em uma casa; as portas e as janelas são abaladas, assim como as paredes e o

assoalho; os objetos dependurados pelas paredes são vivamente agitados; dir-se-ia que a casa se abala de todos os lados e que ela vai cair; mas isso não é nada. Depois do golpe, não há mais fenda, nada é prejudicado e tudo volta à calma comum. Esses golpes são distanciados de um a cinco minutos; outras vezes, batem até seis vezes, golpe sobre golpe. A polícia fez uma aparição *e nada* descobriu.

"Eis, caro mestre, toda verdade e a mais exata verdade.

"Aceitai, etc."

CHAVAUX, D. M. P."
24, rua do Petit Saint-Jean.

Uma outra carta de 17 de março contém o que segue:

"Ontem fomos passar uma parte da tarde na casa do boulevard Chave, n^{O} 80; a reunião estava composta de sete pessoas. As detonações começaram às onze horas, e, no intervalo de dez minutos, contamos delas vinte e duas. Podemos compará-las às de uma pequena peça de canhão; pode-se ouvi-las a uma grande distância da casa. Essa casa está em muito boas condições de solidez, contrariamente ao dizer da *Gazette du Midi.*

"Foi-me dito que ontem à noite quatro detonações ocorreram numa outra casa do mesmo boulevard, e que elas eram mais fortes do que as primeiras.

"Recebei, etc."

CARRIER."

Eis a causa toda encontrada, dir-se-á; vê-se a fumaça, sente-se o odor da pólvora, *e* não adivinhais o meio que os mistificadores empregam? Parece-nos que os mistificadores que se serviram da pólvora para produzir, durante mais de um mês, semelhantes detonações no próprio apartamento onde se acham as testemunhas, que têm a complacência de repeti-las segundo o desejo que lhes é disso expresso, não devem estar nem muito longe, nem muito escondidos; por que, pois, não se os descobriu? - Mas, então, de onde vem esse odor de pólvora? - Isto é uma outra questão que será tratada a seu tempo; à espera disto, os ruídos são um fato, esse fato tem uma causa. Vós as atribuís à malevolência? procurai, pois, os malevolentes.

POESIAS ESPIRITAS.

O ESPIRITISMO.

O Espiritismo ó o desenvolvimento do
Evangelho, a extensão e a expansão da vida.

É, pois, verdadeiro! sua sombra tão querida
Vem sustentar, encorajar meus cantos,
E penetrar de uma embriaguez infinita
A vaga felicidade de meus pressentimentos.
Como um reflexo derramado de minha alma,
Seu nobre espírito, irradiante de claridades,
Enche meus dias de uma invisível chama,
Enche minhas noites de sonhos encantados.
Então dos céus, se invoco as idades,
Seu sopro puro me traz uma lembrança,
E do presente dissipando as nuvens,
Sabe do passado renovar o futuro.

"Filho, disse ele, abandonando a Terra,
"Encontrarás de novo, de antigos dias;
"A teu lado, aquele que foi teu pai,
"E em nossos corações eternos amores."

MARIE-CAROLINE QUILLET,
Membro da Sociedade dos escritores.

Pont-l'Évêque (Calvados).

A senhora Quillet, autora de *Rosa silvestre solitária,* acaba de publicar um formoso pequeno volume sob o título de: *Uma hora de poesia* (1-(1) Um vol. in-18; preço, 3 fr.; em Pont-l'Évèque, casa Delahais.), que será apreciado por todos os amantes de bons versos. Sendo esta obra estranha à Doutrina Espírita, se bem que dela não seja de nenhum modo contrária, sua apreciação sai da especialidade de nossa *Revista.* Limitar-nos-emos a dizer que a autora prova uma coisa, é que, contrariamente à opinião de alguns de seus confrades em literatura, pode-se dizer do espírito e crer nos Espíritos.

A senhora Quillet nos escreve o que se segue, a respeito de uma das comunicações da senhora Foulon, publicada no número de março.

"A senhora Foulon pensa que os homens não compreenderiam a poesia do Espiritismo. Ela deve ter razão do seu ponto de vista luminoso. Sem dúvida, os poetas sentem suas asas entorpecidas pelas trevas de nossa atmosfera; mas o instinto, mas a dupla vista, da qual são dotados, vêm em ajuda de sua inteligência. Eu creio que cada um está chamado, segundo suas aptidões, ao grande trabalho da renovação terrestre: os poetas, os filósofos, pela inspiração dos Espíritos; os mártires, os trabalhadores, pelo gênio dos filósofos e os cantos do poeta. Os cantos não são senão um suspiro, é verdade; mas no exílio os suspiros formam a base e o complemento do concerto."

Em apoio a estas palavras ela junta as estrofes seguintes:

AOS POETAS.

Despertai-vos, apóstolos e poetas;
Prestai atenção aos oráculos do tempo.
O ar está carregado do sopro dos profetas,
E o hosana retine nos ventos.
O Sinai está coberto de nuvens;
O Etna grita no horror de seus fogos;
Mas o Eterno dispersa as tempestades,
E para a Terra ilumina os céus.
A verdade sai da parábola;
Seu brilho puro, esflorando nossas frontes,
De um novo dia clareia o símbolo,
E da fé reaquece os raios.
A fé, o amor, o verdadeiro sol das almas,
Aos mais obscuros derrama a claridade;
E de seu disco alimenta as chamas,
Pelo trabalho e pela caridade.
Acorrei todos, mártires, aos cantos sublimes;
Abri o caminhos aos lutadores desconhecidos.
A todos os ventos, sobre os mais nobres cimos,
Ide plantar a humilde cruz de Jesus.

A senhora Quillet está na verdade quando disse que cada um é chamado a concorrer à obra da renovação terrestre; ninguém contesta a influência da poesia, mas ela se engana sobre o pensamento da senhora Foulon, quando esta diz: "O entusiasmo invadiu minha alma, e espero que seja um pouco passado para vos entreter do Espiritismo sério, e não do Espiritismo poético que não é bom para os homens; não o compreenderiam." O Espírito não entende, por *Espiritismo poético,* as idéias espíritas traduzidas pela poesia, mas o Espiritismo ideal, produto de uma imaginação entusiasta; e por *Espiritismo sério,* o Espiritismo científico, apoiado sobre os fatos e a lógica, que melhor convém à natureza positiva dos homens de nossa época, aquele que faz o objeto de nossos estudos.

ENTERRO ESPIRITA.

Sob este título, o *Monde musical de* Bruxelles, de 5 de março de 1865, dá conta, nos termos seguintes, das exéquias da senhora Vauchez, mãe de um de nossos excelentes irmãos em Espiritismo:

"Nossos amigos e colaboradores, irmãos Vauchez perderam, há alguns dias, sua mãe. Os cuidados com os quais um e o outro cercaram os últimos tempos dessa mulher respeitável eram o sinal e o efeito de uma ternura que não temos por tarefa descrever.

"Os dois irmãos são Espíritas. Reunidos a amigos que têm a mesma crença que eles, acompanharam o corpo de sua mãe até o túmulo. Lá, o primogênito Vauchez expressou, em palavras tão simples quanto justas, ao Espírito de sua mãe, que, na fé dos Espíritas, estava presente e os ouvia, a tristeza que derramava entre eles essa separação, então mesmo que, de outra parte, estivesse persuadido de que ela entrava numa vida melhor, e que não deixaria de estar em comunicação com eles, e de inspirá-los confirmando-os sem descanso no caminho do bem. Repetiu-lhe a segurança que seus votos de agonizante seriam cumpridos pela consagração em duas boas obras, entre outras, das despesas economizadas com o enterro ficado puramente civil e sem nenhuma cerimônia. Esses votos são: que seja feita uma fundação em favor da creche de Saint-Josse-ten-Noode, e uma gratificação de assistência em proveito de velhos pobres.

"Depois dessa espécie de conversa entre os filhos e a alma de sua mãe, o Sr. Herezka, um dos amigos espíritas da família, expressou em versos, com a mesma simplicidade, algumas palavras cuja reprodução vai fazer conhecer uma parte daquilo que há de bom e de bem numa crença que se torna diariamente, por toda parte, a de um maior número de homens que se conta entre as pessoas instruídas. Eis as palavras do Sr. Herezka à alma da defunta:

Já a fossa é grande, aberta,
Logo neste escancarado túmulo
Descerá o despojo inerte;
Mas, livre desse vil fardo,
Daqui te vás, planando no espaço,
Do progresso prosseguir o rastro.
Não mais dúvida, não mais dor!
Do mal quebraste a corrente,
Só o bem possui teu coração,
Com o corpo morto está o ódio.
Que o amor e a caridade
Te guiem na eternidade!

Aos nossos irmãos de outros mundos

Vai levar nossos votos fraternos;
Diga-lhes que as almas fecundas,
Amadurecem frutos eternos,
Revelaram, sobre nossa Terra,
Da morte o jovial mistério.

Dize-lhes! "Vossos amigos daquele mundo,
"Contra a ignorância orgulhosa
"Vão fazer mortais combates;
"Por esta causa gloriosa,
"Invocam vosso concurso,
"Espíritos! corramos em seu socorro!"

Com freqüência vens acalmar nossos sofrimentos,
Oh! volta a nos falar dos céus
Nos momentos de nossos desfalecimentos;
E faze resplender aos nossos olhos
Alguma luminosa estrela
Emanando de fonte imortal.

Depois destas palavras, os irmãos Vauchez e seus amigos se retiraram, sem barulho, sem ostentação, sem emoção dolorosa e como se viessem acompanhar alguém que empreendesse uma viagem de longo curso, em todas as condições desejáveis de bem-estar e de segurança. Sem ser nós mesmos Espíritas, havíamos tomado lugar no cortejo; não somos aqui senão o narrador de um fato: a cerimônia é tão tocante que nota pela simplicidade e pela sinceridade da crença e das intenções.

ROSELLI.

A senhora Vauchez sucumbiu depois de trinta e dois anos de uma doença que a retinha na cama há vinte anos. Ela havia aceito com alegria as crenças espíritas, e nelas havia haurido grandes consolações em seus longos e cruéis sofrimentos. Vimo-la quando de nossa última viagem a Bruxelles, e nos edificamos de sua coragem, de sua resignação e de sua confiança na misericórdia de Deus.

Eis as primeiras palavras que ela ditou aos seus filhos, pouco tempo depois de ter dado o último suspiro:

"O véu que nos cobre ainda o mundo extraterrestre vem de ser descoberto para mim. Eu vejo, sinto, vivo! Deus todo-poderoso, obrigada! Vós, meus guias, meus anjos guardiães e protetores, obrigada! Vós, meus filhos, tu, minha filha, da resignação, por serdes espíritas; não me choreis: eu vivo da vida eterna, vivo na luz etérea; vivo e não sofro mais; minhas dores cessaram, minha prova está terminada. Obrigada a vós, meus amigos, por terem tão depressa pensado em me evocar; fazei-o freqüentemente; eu vos assistirei, estarei convosco.

"Deus teve piedade de meus sofrimentos. Oh! meus amigos, quanto a vida da alma é bela quando está desligada da matéria! Bons Espíritos velam sobre vós, tornai-vos dignos de sua proteção. Neste momento, estou assistida por vosso protetor, o bom São Vicente de Paulo.

"MARGUERITE VAUCHEZ."

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

DESORDEM DO IMPÉRIO DE SATÃ.

Provas dadas ao fanatismo religioso de que os Espíritos não são demônios, em resposta as entrevistas sobre os Espíritos, do jesuíta Pé. Xavier Pailloux. Digressão histórica provocada por ele, e demonstração de que *Satã e o inferno* dos *satanistas* são um mito; seguidos de dados dos Espíritos sobre o estado póstumo do homem e de impressões depois da morte;

Por L.-A-.G. Salgues (d'Angers).

Broch. pequena in-8° de 150 páginas — Angers, casa Lemesle e Cia. -Paris, Dentu, Palais-Royal. -Preço: 2fr. .*

Daremos conta ulteriormente desta obra.

O ECO DE ALÉM-TÚMULO,

Jornal espírita, publicado em Marseille sob a direção do Sr. Gilet, e aparecendo todos os domingos. Escritório em Marseille, boulevard Chave, n^{O} 81. -Preço: 10fr. por ano.

Este jornal leva no cabeçalho a divisa: *Fora da caridade não há salvação.* Estamos felizes de vê-lo levantar uma bandeira que é o sinal da união de todos os Espíritas sinceros; seguindo-se sem desviar o caminho que indica, se está certo do não se perder. Assim como dissemos a propósito do *médium evangélico de* Toulouse: como nobreza, título obriga. O Espiritismo conta assim com um órgão a mais numa das principais cidades da França.

ACORDO DA FÉ E DA RAZÃO,

Pelo Sr. J.-B.
Dedicado ao clero.

Broch. in-8° de 100 páginas. - Paris, Didier e Cia- Preço: 1 fr. E

Esta brochura é do mesmo autor das *Cartas sobre o Espiritismo escrita aos eclesiásticos.* Esta última obra trata mais especialmente a questão religiosa, e estamos felizes de constatar que o autor o faz com uma notável força de lógica, ao mesmo tempo que traz uma moderação louvável em suas refutações. Num estilo elegante e correto, ele diz as maiores verdades sem ferir ninguém; é o melhor meio de persuadir. Nós o recomendamos aos nossos leitores, que nele haurirão excelentes argumentos.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO **NO. 5** **MAIO 1865**

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO DOS ANIMAIS.

Escrevem-nos de Dieppe:

"..... Parece-me, caro senhor, que tocamos numa época onde devem se cumprir incríveis coisas. Não sei que pensar de um fenômeno, dos mais estranhos, que vem ainda de ter lugar em minha casa. Nos tempos de ceticismo em que vivemos, não ousaria disso falar a alguém, de medo de que não se me tome por um alucinado; mas, com o risco, caro senhor, de levar sobre vossos lábios o sorriso da dúvida, quero vos contar o fato; fútil em aparência, no fundo, é talvez mais sério do que se o poderia crer.

"Agonizante meu pobre filho, falecido em Boulogne-sur-Mer, onde continuava seus estudos, tivera de um de seus amigos uma encantadora cadelinha que havíamos educado com cuidado extremo. Ela era, em sua espécie, a mais adorável criaturinha que fosse possível imaginar. Nós a amávamos como se ama tudo aquilo que é belo e bom. Ela nos compreendia pelo gesto, nos compreendia pelo olhar. A expressão de seus olhos era tal que parecia que iria responder quando se lhe dirigia a palavra.

"Depois do decesso de seu jovem dono a pequena Mika (era seu nome) me foi conduzida a Dieppe, e, segundo seu hábito, ela dormia quentemente coberta aos meus pés, sobre minha cama. No inverno, quando o frio maltratava muito, ela se levantava, fazia ouvir um pequeno gemido de uma extrema doçura, o que era a sua maneira habitual de formular um pedido, e compreendendo o que ela desejava, permitia-lhe vir se colocar ao meu lado. Ela se estendia, então, à vontade entre dois lençóis, seu pequeno focinho sobre meu pescoço que ela gostava por travesseiro, e se entregava ao sono, como os felizes da Terra, recebendo meu calor, me comunicando o seu, o que não me incomodava de resto. Comigo a pobre pequena passava felizes dias. Mil coisas doces não lhe faltavam; mas, em setembro último, caiu doente e morreu, apesar dos cuidados do veterinário a quem eu a confiara. Falamos freqüentemente dela, minha mulher e eu, e a lamentávamos quase como um filho amado, tanto ela havia sabido, por sua doçura, sua inteligência, sua fiel amizade, cativar a nossa afeição.

"Ultimamente, pelo meio da noite, estando deitado mas não dormindo, ouvi partir do pé de minha cama esse pequeno gemido que produzia a minha pequena cadelinha quando desejava alguma coisa. Fui de tal modo tocado com isso, que estendi os braços fora da cama para atraí-la para mim, e acreditei em verdade que iria sentir suas carícias. Ao levantar-me de manhã, contei o fato à minha mulher que me disse: "Ouvi a mesma voz, não uma única vez, mas duas. Ela parecia partir da porta de meu quarto. Meu primeiro pensamento foi de que a nossa pobre cadelinha não estava morta, e que escapando da casa do veterinário, que dela tinha se apropriado por sua gentileza, procurava entrar em nossa casa."

"Minha pobre filha doente, que tinha sua pequena cama no quarto de dormir de sua mãe, afirma tê-la ouvido igualmente. Somente lhe pareceu que o som da voz partia, não da porta de entrada, mas da própria cama de sua mãe, que está muito perto dessa porta.

"É preciso vos dizer, caro senhor, que o quarto de dormir de minha mulher está situado acima do meu. Esses sons estranhos provêm da rua como minha mulher o crê, ela que não partilha minhas convicções espíritas? É impossível. Partidos da rua, esses sons tão brandos não teriam podido ferir meu ouvido, sou de tal modo atacado de surdez, que, mesmo no silêncio da noite, não posso ouvir o barulho de uma pesada carroça que passe. Não ouço mesmo a grande voz do trovão em tempo de tempestade. De um outro lado, o som de voz partido da rua, como explicar a ilusão de minha mulher e de minha filha que acreditaram tê-lo ouvido, como vindo de um ponto inteiramente oposto, da porta de entrada para minha mulher, da cama desta para minha filha?

"Eu vos confesso, caro senhor, que esses fatos, embora se relacionem a um ser privado de razão, me fazem refletir singularmente. Que pensa r disso? Não ouso nada decidir e não tenho o ócio de me estender longamente sobre esse assunto; mas me pergunto se o princípio imaterial, que deve sobreviver nos animais, como no homem, não adquiriria, num certo grau, a faculdade de comunicação como a alma humana. Quem sabe? conhecemos todos os segredos da Natureza? Evidentemente não. Quem explicará as leis das afinidades? quem explicará as leis repulsivas? ninguém. Se a afeição, que é do domínio do sentimento, como o sentimento é do domínio da alma, possui em si uma força atrativa. Que haveria de espantoso que um pobre animalzinho no estado imaterial se sinta arrastado ali onde sua afeição o leva? Mas o som de voz, dir-se-á, como admiti-lo, se se fez ouvir uma vez, duas vezes, por que não todos os dias? Essa objeção pode parecer séria; no entanto, seria irracional pensar que esse som não possa se produzir fora de certas combinações de fluidos, os quais reunidos agissem em um sentido qualquer, como se produzem em química certos efervescentes, certas explosões, em conseqüência da mistura de tais ou tais matérias? Que essa hipótese pareça fundada ou não, não a discuto, direi somente que ela pode estar nas coisas possíveis, e sem ir mais adiante, acrescentarei que constato um fato apoiado num tríplice testemunho, e que se esse fato se produziu, foi porque pôde se produzir. Além disso, esperemos que o tempo nos esclareça, não tardaremos talvez a ouvir falar de fenômenos da mesma natureza."

Nosso honrado correspondente age sabiamente ao não decidir a questão; de um único fato que não é ainda senão uma probabilidade, não tira uma conclusão absoluta; ele constata, observa, à espera de que a luz se faça. Assim o quer a prudência. Os fatos desse gênero não são ainda nem bastante numerosos, nem bastante averiguados para deles deduzir uma teoria afirmativa ou negativa. A questão do princípio e do fim dos princípios dos animais começa somente a se esclarecer, e o fato de que se trata a ela se liga essencialmente. Se isso não é uma ilusão, constata pelo menos o laço de afinidade que existe entre o Espírito dos animais, ou melhor de certos animais e o do homem. Parece, de resto, positivamente provado que há animais que vêem os Espíritos e por eles são impressionados; disso temos narrado vários exemplos na *Revista,* entre outros o do *Espírito e o pequeno cão,* no número de junho de 1860. Se os animais vêem os Espíritos, isso não é evidentemente pelos olhos do corpo; eles têm, pois, também uma espécie de visão espiritual.

Até o presente, *a* ciência não fez senão constatar as relações fisiológicas entre o homem e os animais; ela nos mostra, no físico, todos os animais da cadeia dos seres sem solução de continuidade; mas entre o princípio espiritual dos dois Espíritos existia um abismo; se os fatos psicológicos, melhor observados, vêm lançar um ponto sobre esse abismo, isso será um novo passo de fato para a unidade da escala dos seres e da criação. Não é pelos sistemas que se pode resolver esta grave questão, é pelos fatos; se ela deverá sê-lo um dia, o Espiritismo, criando a *psicologia experimental,* só ele poderá fornecer-lhe os meios. Em todos os casos, se existem pontos de contato entre a alma

animal e a alma humana, isso não pode ser, do lado da primeira, senão da parte dos animais mais avançados. Um fato importante a constatar é que, entre os seres do mundo espiritual, jamais foi feita menção de que existam Espíritos de animais. Pareceria disso resultar que estes não conservam a sua individualidade depois da morte, e, de um outro lado, essa cadelinha que teria se manifestado, pareceria provar o contrário.

Vê-se, segundo isto, que a questão está ainda pouco avançada, e não é preciso se apressar em resolvê-la. Tendo sido lida a carta acima à Sociedade de Paris, a comunicação seguinte foi dada a este respeito.

(Paris, 21 de abril de 1865. - Médium, Sr. E. Vézy.)

Vou tocar uma grave questão esta noite, falando-vos das relações que podem existir entre a animalidade e a humanidade. Mas neste recinto, quando, pela primeira vez, minhas instruções vos ensinaram a solidariedade de todas as existências e as afinidades que existem entre elas, um murmúrio se elevou numa parte desta assembléia, e eu me calei. Deveria fazer o mesmo hoje, apesar de vossas perguntas? Não, uma vez que vais entrar no caminho que eu vos indiquei.

Mas tudo não se detém em crer somente no progresso incessante do Espírito, embrião na matéria e se desenvolvendo ao passar pelo exame severo do mineral, do vegetal, do animal, para chegar à *humanimalidade,* onde somente começa a se ensaiar a alma que se encarnará, orgulhosa de sua tarefa, na *humanidade.* Existem entre essas diferentes fases laços importantes que é necessário conhecer e que eu chamarei *períodos intermediários* ou *latentes;* porque é aí que se operam as transformações sucessivas. Falar-vos-ei mais tarde dos laços que ligam o mineral ao vegetal, o vegetal ao animal; uma vez que um fenômeno que vos espanta nos leva aos laços que ligam o animal ao homem, vou vos entreter com estes últimos.

Entre os animais domésticos e o homem as afinidades são produzidas pelas cargas fluídicas que vos cercam e recaem sobre eles; é um pouco a humanidade que se detém sobre a animalidade, sem alterar as cores de uma ou de outra; daí essa superioridade inteligente do cão sobre o instinto brutal da besta selvagem, e é a esta causa somente que poderão ser devidas estas manifestações que vêm de vos ler. Não se está, pois, enganado ouvindo um grito alegre do animal e conhecendo os cuidados de seu senhor, e vindo, antes de passar ao estado intermediário de um desenvolvimento a outro, trazer-lhe uma lembrança. A manifestação pode, pois, ocorrer, mas ela é passageira, porque o animal, para subir de um degrau, é preciso um trabalho latente que aniquile, para todos, todo sinal exterior de vida. Esse estado é a crisálida espiritual onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços, quebrando-se num estado de maturidade, para deixar escapar, nas correntes que os carregam, os germes de almas que ali eclodem. Ser-nos-ia, pois, difícil vos falar dos Espíritos de animais do espaço, ele não existe, ou antes sua passagem é tão rápida que é como nula, *e* que no estado de crisálida, não poderiam ser descritos.

Já sabeis que nada morre da matéria que se abate; quando um corpo se dissolve, os elementos dos quais ele se compõe lhe reclamam a parte que lhe deram: oxigênio, hidrogênio, azoto, carbono retornam à sua fonte primitiva para alimentar outros corpos; os fluidos organizados espirituais tomam na passagem cores, perfumes, instintos, até a constituição definitiva da alma.

Compreendeis-me bem? Sem dúvida, eu teria necessidade de explicar-me melhor, mas para terminar esta noite, e não vos fazer supor o impossível, vos asseguro que o que é do domínio da inteligência animal não pode se reproduzir pela inteligência humana, quer dizer que o animal, qualquer que seja, não pode dar seu pensamento pela linguagem humana; suas idéias não são senão rudimentares; para ter a possibilidade de se exprimir como o faria o Espírito de um homem, lhe seriam necessárias idéias, conhecimentos e um

desenvolvimento que não tem, que não pode ter. Tende, pois, por certo que nem cão, gato, asno, cavalo ou elefante não podem se manifestar por via medianímica. Só os Espíritos chegados ao grau de humanidade podem fazê-lo, e ainda em razão de seu adiantamento, porque o Espíritos de um selvagem não poderá vos falar como o de um homem civilizado.

Nota. Estas últimas reflexões do Espírito foram motivadas pela citação feita na sessão de pessoas que tinham pretendido ter recebido comunicações de diversos animais. Como explicação do fato precitado, sua teoria é racional e concorda, pelo fundo, com a que prevalece hoje nas instruções dadas na maioria dos centros. Quando tivermos reunido todos os documentos suficientes, nós os resumiremos em um corpo de doutrina metódico, que será submetido ao controle universal; até lá não são senão balizas colocadas sobre o caminho para clareá-lo.

CONSIDERAÇÕES SOBRE OS RUÍDOS DE POITIERS

Tiradas do *Journal de la Vienne,* de 22 de novembro de 1864.

Conhece-se a lógica dos adversários do Espiritismo; o extrato seguinte de um artigo assinado por David (de Thiais), disto fornece uma amostra.

"Amigo leitor, deveister, como eu, sobre vossa escrivaninha, uma pequena brochura do Sr. Boreau, de Niort, que traz por título: *Como e por que me tornei Espírita,* in-8[9] com *fac simile do autógrafo da escrita direta de um Espírito familiar.*

"É a mais curiosa das histórias, a de um homem sincero, convicto, amando as coisas elevadas, mas que diviniza suas ilusões e simplesmente, sem cessar, depois dos sonhos, crendo agarrar a realidade. Perseguindo com Jeanne, a sonâmbula, um tesouro enterrado num antigo campo de batalha da Vendée, encontrou, em lugar do ouro que lhe foi prometido, Espíritos importunos, maus, temíveis, que quase fazem morrer sua companheira de terror e lançam ele mesmo vítima das mais dolorosas angústias; e súbito torna-se Espírita, como se as aparições que o obsidiam renovassem para ele os milagres da lâmpada maravilhosa, e lhe prodigalizam, ao mesmo tempo, todos os bens do corpo e da alma.

"É preciso que a ficção seja uma das maiores necessidades do gênio humano, para que semelhantes crenças se tornem possíveis.

"Há ali gênios *farsantes,* que zombam; Espíritos cruéis, que ameaçam e que ferem; Espíritos grosseiros, que têm, sem cessar, a injúria à boca, e se pergunta o que vêm fazer nesse mundo, uma vez que a morte não os curou em seu temível cadinho.

"Ali se farta também de disco e de quadros de um bom anjo, que não tomou no céu os segredos de sua poesia, enquanto uma idéia preconcebida nos leva longe no caminho das ilusões.

"Em matéria de Espiritismo, o Sr. Boreau tem a fé de um carvoeiro; vai mesmo até amar aqueles que o ferem e o molestam. Nada temos a lhe repetir disso, tanto mais que sua brochura contém páginas muito divertidas, e prova que pode se passar facilmente dos Espíritos exteriores, uma vez que o seu deve grandemente lhe bastar.

"Somente, diremos que os fatos que ele relata não datam de ontem.

"Lembra-se ainda a emoção que se apoderou da cidade de Poitiers, quando a casa da rua Saint-Paul fez ouvir, no último ano, sua formidável artilharia. Uma longa procissão de curiosos se enrolou durante oito dias ao redor dessa casa mal-assombrada pelo demônio; a polícia ali pôs seu quartel general, e cada um espreita o vôo dos Espíritos para surpreender numa boa fé os segredos do outro mundo; mas não se viu ali senão o fogo. Os Espíritos não se revelam senão aos crentes, tudo ao fazer muito barulho no mundo. *(Revista Espírita,* fevereiro, março, maio de 1864.)

"Coisa estranha, leitor! Essas paragens parecem ter o monopólio dessa raça barulhenta e zombeteira.

"Gorre, célebre médico alemão, falecido em 1836, nos informa, no tomo III, de sua *Mystique,* depois de dizer de Guillaume d'Auvergne, falecido em 1249, bispo de Paris, que, pelo mesmo tempo, um Espírito batedor se introduziu numa casa do dito quarteirão Saint-Paul, em Poitiers, e que lançava pedras e quebrava as vidraças.

"Pierre Mamoris, professor de teologia de nossa universidade, autor do *Flagellum maleficorum,* conta o que se passou, em 1447, na rua Saint-Paul, numa casa onde certo Espírito, entregando-se às suas evocações ordinárias, lançava pedras, deslocava móveis, quebrava as vidraças, batendo mesmo nas pessoas, mas de leve, sem que fosse possível descobrir como o fazia.

"Conta-se, nessa ocasião, que Jean Delorme, então cura de Saint-Paul, homem de muita instrução e de grande probidade, veio, acompanhado de algumas pessoas, visitar o teatro dessas estranhas proezas, e, munido de velas bentas e acesas, de água benta e de água gregoriana, percorreu todos os apartamentos dessas praias, aspargindo-os, exorcizando-os.

"Mas todos os exorcismos foram impotentes; nenhum diabo se mostrou. No entanto, a partir desse momento, o Espírito maligno cessou de se manifestar (1-(1) Ver a brochura do Sr. Bonsergent, na biblioteca imperial.).

"Assim, há alguns séculos de distância, os mesmos fenômenos espíritas se reproduziram três vezes na mesma cidade e no mesmo quarteirão; mas o que é preciso disto concluir? *Absolutamente nada.* Não há, com efeito, nenhuma conseqüência a tirar de um vão ruído, de pueris divertimentos, de vias de fato lamentáveis, que não se pode, evidentemente, atribuir aos Espíritos, corpos imponderáveis que, planando sobre o mundo, deve escapar às enfermidades humanas em se aproximando, sem cessar, da luz e da bondade de Deus.

"Essa questão, de resto, não está em discussão. Cada um é livre para escolher seus Espíritos, de adorá-los à sua maneira, emprestar-lhes uma virtude, um poder, um caráter conforme às suas aspirações. Somente preferimos aos gênios, por pouco matérias da escola moderna, as criações encantadoras nascidas da poesia dos dias antigos, e que, caminham fraternalmente com o homem sobre o limite dos dois mundos, lhes dão tão docemente a mão para aproximá-los das fontes da vida imortal e da felicidade sem fim.

"Nenhum Espírito batedor não valerá mesmo para nós essas adoráveis imagens pintadas pelo gênio de Ossian sobre as nuvens vaporosas do Norte, e cujas harpas melancólicas fazem tão bem vibrar ainda as fibras mais íntimas do coração. Quando a alma voa, ela toma o cuidado de acelerar suas asas e repele tudo o que possa pesar-lhes."

Devemos agradecer ao autor deste artigo, por nos ter feito conhecer esse fato notável que ignorávamos, do mesmo fenômeno reproduzido, na mesma localidade, há vários séculos de distância; ele não poderia servir melhor à nossa causa, sem disso duvidar, porque dessa repetição pretende tirar um argumento contra as manifestações. Parece-nos que, em boa lógica, quando um fato é único e isolado, dele não se pode deduzir conseqüência absoluta, porque pode ser devido a uma causa acidental, ao passo que, quando se renova em condições idênticas, é que depende de uma causa constante, dito de outro modo, de uma lei. Procurar essa lei é o dever de todo observador sério, porque ela pode conduzir a descobertas importantes.

Que, apesar da duração, o caráter especial e as circunstâncias acessórias dos ruídos de Poitiers, algumas pessoas hajam persistido em atribuí-los à malevolência, se o compreende até um certo ponto; mas, quando é pela terceira vez que se renovam na mesma rua, há vários séculos de distância, há certamente matéria para reflexão, porque, se há mal-intencionados não é quase provável que, num tão longo intervalo, eles tenham escolhido precisamente o mesmo lugar para o teatro de suas proezas. No entanto, o que

é preciso disso concluir? Diz o autor: *Absolutamente nada.* Assim, de que um fato que põe, por várias vezes, em emoção toda uma população, não tem nenhuma conseqüência importante a dele se tirar! Singular lógica em verdade! "São vãos ruídos, *pueris divertimentos que não* podem, *evidentemente* ser atribuídos aos Espíritos, corpos imponderáveis que, planando sobre o mundo, devem escapar às enfermidades humanas aproximando-se, sem *cessar,* da luz e dá bondade de Deus." O Sr. David crê, pois, nos Espíritos, uma vez que descreve seus atributos com tanta precisão. Onde hauriu esse conhecimento? Quem lhe disse que os Espíritos são tais quais se lhe afigura? Estudou-os para decidir assim a questão? "Eles devem, disse ele, escapar às enfermidades humanas;" às enfermidades corpóreas, sem dúvida, mas às enfermidades morais ocorre o mesmo? Crê ele, pois, que o homem perverso, o assassino, o bandido, o mais vil malfeitor estarão no mesmo nível quando forem Espíritos? De que lhes teria servido serem honestos durante sua vida, uma vez que serão depois de sua morte igualmente como se o tivessem sido? Uma vez que os Espíritos se aproximam sem cessar da luz e da bondade de Deus, o que é mais verdadeiro do que o autor talvez o creia, houve, pois, um tempo em que dele estavam longe, porque, para se aproximar de um objetivo, é preciso estar dele afastado. Onde está o ponto de partida? Não pode estar senão no oposto da perfeição, quer dizer, na imperfeição. Seguramente, não são os Espíritos perfeitos que se divertem com semelhantes coisas; mas se há os imperfeitos, o que de espantoso que cometam malícias? Do fato de que planem sobre o mundo, segue-se que não podem dele se aproximar? Seria supérfluo levar mais longe esta refutação. Os argumentos de nossos adversários sendo quase todos da mesma força, não teríamos mesmo exaltado esse artigo, sem o precioso documento que ele encerra, e do qual agradecemos de novo o autor.

CONVERSAS DE ALÉM-TÚMULO.

O DOUTOR VIGNAL

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865. - Médium, Sr. Desliens).

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do interessantes estudos sobre o Espírito das pessoas vivas publicados na Revista de janeiro e março de 1860, e aos quais foram submetidos o Sr. conde de R... e o Sr. doutor Vignal. Este último distante há vários anos, morreu em 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, perguntamos a um sonâmbulo muito lúcido e que vê muito bem os Espíritos, se o via. "Eu vejo, disse ele, um cadáver no qual se opera um trabalho extraordinário; dir-se-ia uma massa que se agita, e como alguma coisa que faz esforços para dela se libertar, mas que tem dificuldade para vencer a resistência. Não distingo a forma do Espírito bem determinada."

No dia 31 de março ele foi evocado na Sociedade de Paris. O mesmo sonâmbulo assistia adormecido à sessão durante a evocação. Ele o viu e o descreveu perfeitamente enquanto se comunicava ao médium de sua escolha.

Dizemos *de sua escolha,* porque a experiência demonstra o inconveniente de impor um médium ao Espírito que pode não encontrar nele as condições necessárias para se comunicar livremente. Quando se faz a evocação de um Espírito pela primeira vez, convém que todos os médiuns presentes se coloquem à sua disposição, e esperem que se manifeste por um deles. Nesta sessão havia onze médiuns.

Pergunta. - Caro Sr. Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris conservaram de vós a melhor lembrança, e eu em particular a das excelentes relações que não se interromperam entre nós. Em vos chamando entre nós, temos por objetivo de primeiro vos dar um testemunho de simpatia, e estaremos felizes se consentirdes, ou se puderdes vir conversar conosco. - *R.* Caro amigo e digno mestre, vossa boa lembrança e

vossos testemunhos de simpatia me são muito sensíveis. Se posso vir a vós hoje e assistir, livre e liberto, a esta reunião de todos nossos bons amigos e irmãos Espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me trazem. Como o dizia com justiça meu jovem secretário, estava muito impaciente para me comunicar; desde o começo desta noite, empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo; vossas conversas e as sérias questões que agitastes, em me interessando vivamente, tornaram minha espera menos penosa. Perdoai, caros amigos, mas meu reconhecimento pedia para se manifestar.

Nota -Desde que foi questionado o Sr. Vignal, o médium sentiu, com efeito, a influência desse Espírito que desejava se comunicar por ele.

P. Buscai primeiro nos dizer como vos encontrais no mundo dos Espíritos. Que possais, ao mesmo tempo, nos descrever o trabalho da separação, vossas sensações nesse momento, e nos dizer ao cabo de quanto tempo vos reconhecestes. - *R.* Eu sou tão feliz quanto se pode sê-lo, quando se vêem confirmar plenamente todos os pensamentos secretos que se pode ter emitido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Eu estou feliz! sim, eu o sou, porque agora vejo, sem nenhum obstáculo, se desenvolver diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas descartemos por hoje essas digressões inoportunas; virei de novo vos entreter neste assunto, sabendo que a minha presença vos proporcionará tanto prazer quanto eu mesmo sinto em vos visitar.

O dilaceramento foi muito rápido; mais rápido do que o meu pouco mérito mo fazia esperar. Fui ajudado poderosamente por vosso concurso, e vossa sonâmbula vos deu uma idéia muito límpida do fenômeno da separação, para que nisso eu insista. Era um espécie de oscilação descontínua, uma espécie de arrastamento em dois sentidos opostos; o Espírito triunfou, uma vez que estou aqui. Não deixei completamente o corpo senão no momento em que foi depositado na terra; e voltei convosco.

P. Que pensais do serviço que foi feito para vossos funerais? Fiz-me um dever assistir a eles. Naquele momento estáveis bastante desligado para vê-lo, e as preces que disse por vós (não ostensivamente bem entendido) chegaram até vós? - *R.* Sim; como vos disse, vossa assistência tudo fez nessa parte, e retornei convosco, abandonando completamente minha velha crisálida. As coisas materiais me tocam pouco, de resto, vós o sabeis. Não penseis senão na alma e em Deus.

P. Lembrai-vos que, a vosso pedido, há cinco anos, no mês de fevereiro de 1860, fizemos um estudo sobre vós estando ainda vivo? Naquele momento vosso Espírito desligou-se para vir conversar conosco. Quereis nos descrever, tanto quanto possível, a diferença que existe entre vosso desligamento atual e o de então? - *R.* Sim, certamente que me lembro disso; mas que diferença entre meu estado de então e o de hoje! então a matéria me apertava em sua rede inflexível; eu queria me desligar de maneira mais absoluta e não o podia. Hoje sou livre. Um vasto campo, o do desconhecido, se abre diante de mim, e espero, com a vossa ajuda e dos bons Espíritos, aos quais me recomendo, avançar e me penetrar o mais rapidamente possível dos sentimentos que é preciso sentir, e dos atos que é preciso cumprir para escalar o caminho da prova e merecer o mundo das recompensas. Que majestade! que grandeza! é quase um sentimento de pavor que domina quando, fracos como o somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. Uma outra vez seremos felizes em continuar esta entrevista, quando consentirdes retornar entre nós. - *R.* Respondi sucintamente e sem conseqüência às vossas diversas perguntas. Não pedi mais ainda de vosso fiel discípulo; não estou inteiramente livre.

Conversar, conversar ainda seria a minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo, e já pude apreciar sua bondade e sua justiça para me submeter inteiramente à sua decisão, qualquer lamento que sinta de ser interrompido. Consolo-me pensando que poderei, freqüentemente, vir assistir incógnito às vossas reuniões. Algumas vezes vos

falarei; eu vos amo e quero vo-lo provar. Mas outros Espíritos, mais avançados do que eu reclamam a prioridade, e devo me apagar diante deles que consentiram em permitir ao meu espírito d e dar um livre vôo à torrente de pensamentos que tinha reunidos.

Eu vos deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não só avós Espíritas, que me haveis chamado, mas também a este Espírito que consentiu que eu tomasse seu lugar, e que, quando vivo, trazia o nome ilustre de Pascal.

Aquele que foi e que será sempre o mais devotado de vossos adeptos.

Dr. VIGNAL.

Nota. - O espírito de Pascal, com efeito, deu em seguida a comunicação publicada adiante, sob o título de: *O Progresso intelectual.*

CORRESPONDÊNCIA.

CARTAS DO SR. SALGUES, d'ANGERS.

Enviando-nos seu opúsculo: *A desordem do império de Satã,* que anunciamos em nosso último número, o Sr. Salgues quis juntar-lhe a carta seguinte que estamos felizes em publicar com sua autorização. Cada um apreciará, como nós, os sentimentos que ali estão expressos.

Angers, 9 de março de 1865.

Senhor e caro irmão em Deus,

É sob a impressão que me causou a leitura das comunicações dos Espíritos da senhora Foulon e do doutor Demeure *(Revista Espírita,* março de 1865), que tenho a honra de vos escrever para vos exprimir todo o prazer que ali encontrei, posso dizer muito do interesse, que é comumente o produto de vossa pena.

Venho de vos dirigir uma pequena brochura que vos rogo aceitar. Será para vós, e para todos os meus leitores, uma obra bem modesta; mas um velho de oitenta *e* dois anos, tendo a visão arruinada por excesso de trabalho e de estudos, e, por isto, não podendo retocar, segundo seus desejos, o que escreveu, deve contar com a indulgência do público.

Os adversários católicos da pneumatologia mantêm, entre os fanáticos apostólicos, a opinião de que os Espíritos são demônios, que Satã é uma realidade, e prejudicam assim o desenvolvimento das boas doutrinas, como, com efeito, preciosas lições tão morais, tão consoladoras desses pretensos duendes. É em vão que as pessoas razoáveis negam estes últimos por uma simples negação persistente; convém provar, aos demonófobos, por detalhes desdobrados, que estão no erro; que o inferno dos cristãos é um mito, foi o que me determinou a escrever este opúsculo, sem pretensão de ocupar o lugar de um escritor.

Sendo assinante das publicações Espíritas de Bordeaux, acabo de enviar um exemplar de meu livro a cada um de seus autores. Deveria isso ser de outro modo junto a vós, senhor, de quem li sempre com zelo as produções desde o seu aparecimento. No entanto, pensareis que isso deveria ser com timidez, uma vez que fui adversário, não dos *Espíritas,* muito *honrados* para mim, mas do Espiritismo; não de maneira absoluta, mas por arrastamento, devendo, entretanto, repelir na ocasião uma linguagem que se me emprestava por *abuso* de minha assinatura; também acabei por interditar-me toda crítica, querendo ser amigo de todo mundo. Não quero, pois, mais do que observar, aproximar, comparar, esperar, aprender e julgar no silêncio do gabinete. Hoje creio ainda que estamos longe de tudo saber, que em Espiritismo como em espiritualismo haveria

oportunidade de *discutir como* os Espíritos certas questões da doutrina, mas não me prendo a isso no fundo; com a paciência chegaremos todos ao mesmo fim, à verdade absoluta e à vida eterna.

De resto, vejo que o *Espiritismo,* por toda a parte, faz felizes; *é* vossa obra gloriosa, e me aplico em fazer ler o mais possível os escritos que se difundem tanto hoje para consolidar a moralidade e os sentimentos religiosos, produzidos no caminho mais racional. Os homens sábios devem, pois, fazer votos *comigo* para que Deus vos conceda longos dias, em perfeita saúde. Creio que também se manifestou a meu respeito por terem Espíritos que, sem que nisso pensasse, e em diferentes lugares, me disseram que eu viveria muito tempo, o que já data de sete a oito anos. Talvez seja porque sempre tenha feito da propaganda com zelo, sem descanso, desde 1853, que por minha visão que muito sacrifiquei, tenho a força, a energia, a agilidade física e a vivacidade de um jovem, e que meus anos não transformam o meu aspecto.

Aceitai, pois, senhor e caro irmão, *a* segurança de minha alta consideração e de minhas cordiais saudações.

SALGUES.

Uma segunda carta do Sr. Salgues, de 11 de abril de 1865, contém *a* seguinte passagem:

"Um anúncio de meu opúsculo foi feito por um jornal ao qual enviei um exemplar; devo censurarão autor por ter tomado sobre si para me dizer *adversário* IMPLACÁVEL *do Espiritismo.* Sob a impressão de dados fornecidos recentemente a Victor Hennequin por um mau Espírito, combati de boa fé a doutrina das encarnações; mas depois de ter reconhecido um grande número de incoerências *espiritualistas,* do mesmo modo que notei no Espiritismo certos detalhes que não captaram a minha confiança, acabei por me limitar a observações minuciosas, esperando com paciência o dia em que, de uma natureza mais perfeita, pudesse reconhecer a verdade a respeito de nosso destino depois da vida na matéria. No momento, me basta, pelos fatos e as comunicações dos Espíritos, de estar seguro de uma segunda vida no estado espiritual."

Resposta.

Meu caro senhor,

Recebi a carta que consentistes me escrever, assim como a brochura que a acompanhava, e da qual vos peço receber meus muito sinceros agradecimentos. Não tive ainda o tempo de tomar conhecimento dessa obra, mas não duvido de que nela não calastes da tarefa aos nossos antagonistas. A questão do demônio é o último cavalo de batalha ao qual se aferram; mas esse cavalo é muito paralítico, e a corda dessa âncora de salvação é tão usada, que não tardará a se romper e deixar ir o barco à deriva.

Estou feliz, senhor, pelos excelentes sentimentos que consentistes me testemunhar, e de encontrar em vós uma moderação e uma imparcialidade que testemunham a elevação de vosso Espírito. O contrário me espantaria, eu o confesso, e é para mim uma grande felicidade ver que fui induzido em erro por falsas aparências. Se

diferimos sobre alguns pontos da Doutrina, vejo com uma verdadeira satisfação que um grande princípio nos une, é este: Fora da caridade não há salvação.

Recebei, caro senhor, as fraternais saudações do vosso todo devotado,

ALLAN KARDEC.

MANIFESTAÇÕES DIVERSAS; CURAS; CHUVAS DE AMÊNDOAS.

Carta do Sr. Delanne.

Nosso colega, Sr. Delanne, nos escreveu em data de 2 de abril de 1865:

Caríssimo mestre, revi nossos irmãos de Barcelona; lá, como na França, a Doutrina se propaga, os adeptos são zelosos e fervorosos. Num grupo que visitei, vi os dignos incentivos desse caro Sr. Dombre, de Marmande. Constatei a completa cura de uma senhora atingida por uma obsessão terrível que datava de quinze anos, pelo menos, bem antes que se tivesse falado dos Espíritos. Médicos, sacerdotes, exorcismos, tudo havia sido inutilmente empregado; hoje essa mãe de família foi devolvida aos seus, que não cessam de dar graças a Deus por uma tão miraculosa cura. Dois meses bastaram para obter esse resultado, tanto pela evocação do obsessor quanto pela influência de preces coletivas e simpática.

Numa outra sessão, fez-se a evocação do Espírito que obsidiava, há dez anos, um operário chamado Joseph, agora em vias de cura. Jamais fiquei tão penosamente emocionado quanto em presença das dores do paciente no momento da evocação; calmo de início, foi tomado de repente de sobressaltos, de espasmos e de tremores nervosos; assim tomado por seu inimigo invisível e se agitou em convulsões terríveis; o peito se enche, sufoca, depois, retomando sua respiração, se contorce como uma serpente, rola na terra, se levanta de um pulo, se bate na cabeça. Não pronunciava senão palavras entrecortadas, sobretudo a palavra: *Não! não!* O médium, que é uma senhora, estava em prece; ela tomou a pena, e eis que o invisível deixando sua presa por um instante, se apoderou de sua mão, e o teria assassinado se o deixasse fazê-lo.

Depois de quinze dias que se evocou esse Espírito da pior espécie, jamais quis dizer o motivo de sua vingança; pressionado por mim com perguntas, nos confessou, enfim, que esse Joseph lhe tinha arrebatado aquela que ele ama. Fizemo-lo compreender que se quisesse não atormentar mais Joseph, e testemunhasse o menor sinal de arrependimento, Deus lhe permitiria revê-la. - Por ela, disse ele, farei tudo. - Pois bem! dizei: Meu Deus, perdoai a mim as minhas faltas. - Depois de hesitar, ele nos disse: 'Vou tentar; mas cuidado com ele se não ma fizerdes vê-la!" e escreveu: "Meu Deus, perdoai-me as minhas f altas." O momento era crítico; que iria advir? Consultamos os guias que disseram: tendes a chave para conduzi-lo a vós. Ele verá aquela que ama mais tarde; nada temais; é uma confissão da qual deveis aproveitar para conduzi-lo ao bem. Depois desta cena, Joseph, esgotado como um lutador, extenuado de cansaço, se ressente da terrível possessão de seu inimigo invisível. O Sr. B..., operando então passes magnéticos enérgicos, acabou por acalmá-lo completamente. Deus quer que esta cura seja tão estrepitosa quanto a precedente.

Eis no que se aplicam esses caros irmãos! Que energia, que convicção, que coragem não é preciso para fazer semelhantes curas! Somente a fé, a esperança e sobretudo a caridade podem vencer tão grandes obstáculos e afrontar tão temerariamente uma matilha de tão terríveis adversários. Saí cansado!

Alguns dias depois, assisti em Carcassonne a emoções de outro gênero. Visitei o Sr. Jaubert, o presidente: Temos numerosos transportes há algum tempo, disse-me; vou vos conduzir até a senhorita que é o objeto dessas manifestações. Como um fato propositado, essa senhorita estava indisposta; seu estômago estava inchado ao ponto de não poder acolchetar sua roupa. Consultados seus guias, a sessão foi remetida para a noite seguinte, às oito horas. O Sr. C..., capitão aposentado, quis colocar seu salão à nossa disposição. É uma grande peça nua, simplesmente atapetada; não tem por todo ornamento senão uma vidraça sobre a chaminé, uma cômoda e duas cadeiras; nem quadros, nem cortinas, nem cortinados: um verdadeiro apartamento de solteirão. Ao todo estávamos em nove pessoas, todos adeptos convictos.

Logo que entraram, uma chuva de amêndoas foi lançada com estrondo num dos ângulos do quarto! Dizer-vos minha emoção, seria difícil, porque aqui a honradez dos assistentes, esse quarto nu e escolhido, dir-se-ia, propositadamente pelos Espíritos para

tirar todas as dúvidas, nada me podia fazer suspeitar de uma manobra fraudulenta; e, apesar desse prodígio, não cessava de olhar, de escrutar com o olhar essas paredes, e de lhes perguntar se não eram cúmplices de um arranjo qualquer.

A senhorita médium doente tomou seu lápis, e escreveu: "Diga a Delanne para colocar sua mão sobre o vazio do estômago e essa inchação desaparecerá. Orai antes." Eis todos nós em prece; eu estava na extremidade do quarto quando, no meio do recolhimento geral, uma nova chuva de amêndoas se produziu, no ângulo oposto àquele de onde ela partiu a primeira vez. Julgai de nossa alegria. Aproximei-me da doente; o inchaço estava muito maior do que na véspera; impus minha mão, e o inchaço desapareceu como por encanto. Estou curada, disse ela. Sua roupa, muitíssimo estreita, se tornou muito larga. Todo o mundo constatou o fato. Unimo-nos pelo pensamento para agradecer aos bons Espíritos por tanta bondade. Então teve lugar um terceiro aguaceiro de amêndoas. Em minha vida não esquecerei estes fatos. Esses senhores estavam encantados, antes por mim do que por eles, habituados a essas espécies de manifestações. Cada um deles possuía algum objeto transportado pelos Espíritos. O Sr. Jaubert me afirmou ter visto várias vezes sua mesa tombar e se levantar sozinha sem o concurso das mãos; seu chapéu levado de uma extremidade de um quarto à outra. Um fato análogo de cura instantânea se produziu igualmente, há alguns meses, sob a mão do Sr. Jaubert.

A senhorita médium, que, além disto, é sonâmbula muito lúcida, estando adormecida, eu lhe disse: "Quereis seguir-me a Paris? -Sim.- Procurai, eu vos peço, ir à minha casa. -Vejo vossa senhora; ela me agrada; está deitada e lê." Descreveu o apartamento com uma perfeita exatidão. Eis a conversa que ela teve com minha mulher: "Não sabeis, senhora, que vosso marido está conosco. -Não, mas dizei ao meu marido para me escrever. -Caramba! não vejo vosso filho; ele é gentil. Vossa senhora me disse que ela tem um outro filho muito gentil também. - Dizei-lhe que vos diga a sua idade. - Ele tem nove meses. - Está muito certo."

Como eu sabia que havia reunião em vossa casa, pedi-lhe para ir vos ver. Ela não ousou entrar, tanta gente havia do mundo e grandes Espíritos. Ela vos detalha muito bem, caro presidente, assim como vários de nossos colegas.

Nota. Paguemos, primeiro, um justo tributo de elogios aos nossos irmãos de Barcelona pelo seu zelo e seu devotamento. Como o Sr. Delanne sabe, para cumprir tais coisas, é preciso a coragem e a perseverança que só a fé e a caridade podem dar. Que recebam aqui o testemunho da fraterna simpatia da Sociedade de Paris.

Os fatos de Carcassone farão os incrédulos sorrirem, que não deixarão de dizer que é uma comédia ensinada; de outro modo, dirão, isto seriam milagres, e o tempo dos milagres passou. A isto se lhes responde que não há aí o menor milagre, mas simples fenômenos naturais, dos quais compreenderão a teoria quando quiserem se dar ao trabalho de estudá-lo, é porque não tomamos a de lhos explicar. Quanto à comédia, seria preciso saber em proveito de quem ela seria ensinada. Certamente a prestidigitação pode operar coisas também surpreendentes, ver mesmo a cura de uma inchação simulada por uma bexiga cheia. Mas, ainda uma vez, em proveito de quem? Se está sempre forte quando se pode opor, à uma acusação de charlatanismo, o desinteresse mais absoluto; isso não seria o mesmo se estivesse em jogo a mais leve suspeita de interesse material. E, depois, quem encenaria essa comédia? Uma pessoa jovem de boa família que não se põe em espetáculo, que não dá sessões nem em sua casa, nem em cidade, e não procura fazer falar dela, o que não faria o negócio dos charlatães; um vice-presidente do Tribunal; honrados negociantes; oficiais recomendáveis e recebidos na melhor sociedade; uma tal suposição pode atingi-los? É, diz-se, no interesse da Doutrina e para fazer adeptos. Mas esse não seria menos uma fraude indigna de pessoas que se respeitam. Isso seria, aliás, um singular meio de assentar uma doutrina sobre o malabarismo, por

intermédio de pessoas honradas; mas nossos contraditores não vêem nisso de tão perto um fato de contradição; a lógica é o menor de seus cuidados.

No entanto, há uma importante observação a fazer aqui. Quem assistiu à sessão da qual dá conta o Sr. Delanne? Havia ali incrédulos que se queria convencer? Não, nenhum; todos eram adeptos que já tiveram várias vezes testemunhos desses fatos. Haveria, pois, fato da escamoteação pelo prazer de enganar a si mesmos. Agiríeis inutilmente, senhores, os Espíritos tomam tantas maneiras diferentes para atestarem *a* sua presença que, em definitivo, os galhofeiros não estarão de vosso lado. Nisso podeis já divulgar pelo número sempre crescente de seus partidários. Se tivésseis encontrado um único argumento sério, não o teríeis negligenciado; mas caís precisamente sobre os charlatães e os exploradores que o Espiritismo condena e com os quais declara não ter nada de comum; nisso nos secundais em lugar de nos prejudicar. Assinaleis a fraude por toda parte onde a encontrardes, não pedimos mais; jamais nos vistes tomar-lhe a defesa, nem sustentar aqueles que, por sua falta, suscitaram rixas com a justiça ou se puseram em contravenção com a lei. Todo Espírita sincero que se encerra no limite dos deveres que a

Doutrina lhe traça, concilia a consideração e o respeito, e nada tem a temer.

VARIEDADES

O tabaco e a loucura.

Lê-se no *Siècle* de 15 de abril de 1865:

"Os casos de paralisia e de alienação mental aumentam na França, em razão direta da produção do imposto sobre o tabaco. De 1812 a 1832, os recursos dados ao orçamento pelo imposto sobre o tabaco se elevam a 28 milhões, e os hospícios de alienados contam 8.000 alienados. Hoje, a cifra do imposto alcança 180 milhões, e contam-se 44.000 alienados ou paralíticos nos hospitais especiais.

"Essas aproximações, fornecidas pelo Sr. Jolly na última sessão da Academia das Ciências, devem dar a refletir aos amantes dos vapores nicotinizados. O Sr. Jolly terminou seu estudo por esta frase ameaçadora para a geração atual: "O emprego imoderado do tabaco, do cachimbo sobretudo, ocasiona uma debilidade no cérebro e na medula espinhal, de onde resulta a loucura."

Se fosse necessário refutar ainda, depois de tudo o que foi dito, as alegações daqueles que pretendem que o Espiritismo atravanca as casas de alienados, essas cifras forneceriam um argumento sem réplica, porque não só eles repousam sobre um fato material e um princípio científico, mas constatam que o número dos alienados remonta a mais de vinte anos antes que existisse o Espiritismo; ora, não é lógico admitir que o efeito precedeu à causa. Os Espíritas não estão ao abrigo das causas materiais que podem desarranjar o cérebro, não mais do que dos acidentes que podem partir os braços e as pernas. Não é, pois, espantoso que haja Espíritas entre os loucos. Mas, ao lado das causas materiais há as causas morais; é contra estas que os Espíritas têm um poderoso preservativo em suas crenças. Se, pois, um dia for possível ter uma estatística exata, conscienciosa e feita sem prevenção, dos casos de loucura por causas morais, neles ver-se-á, incontestavelmente, o número diminuir com o desenvolvimento do Espiritismo. Ele diminuirá igualmente o número dos casos ocasionados pelos excessos e abusos das bebidas alcóolicas, mas não impedirá a febre alta e muitas outras causas de desarranjar a razão.

É notório que tais homens de letras renomados morreram loucos em conseqüência do uso imoderado do absinto, cujos efeitos deletérios sobre o cérebro e a medula espinhal estão hoje demonstrados. Se esses homens tivessem se ocupado do Espiritismo, não se

teria faltado em torná-lo disso responsável; quanto a nós, não tememos afirmar que se dele tivessem se ocupado *seriamente,* tivessem sido mais moderados em tudo, não teriam se exposto a essas tristes conseqüências da intemperança. Uma comparação análoga àquela que fez o Sr. doutor Jolly poderia, com tanta razão e mais talvez, ser feita entre a proporção dos alienados e a do consumo de absinto.

Mas eis uma outra causa assinalada pelo S/èc/ede21 de abril, no fato seguinte:

"Lê-se no *Droit.* "Joséphine-Sophie D..., com a idade de dezenove anos, operária brunidora, morando em casa de seus pais, rua Bourbon-Villeneuve, se entregava com um ardor incrível à leitura dos romances que encerram as publicações ditas populares a cinco centavos. Os sentimentos exagerados, os caracteres indignados, os acontecimentos inverossímeis dos quais essas obras estão comumente cheias, tinham influído de maneira deplorável sobre sua inteligência. Ela se acreditava chamada aos mais altos destinos. Seus pais, que, numa posição pouco cômoda, tinham feito, no entanto, para lhe dar instrução, todos os sacrifícios possíveis, não sendo, aos seus olhos, senão pobres pessoas, incapazes de compreendê-la e de se elevarem à esfera onde ela aspirava.

"Há muito tempo Sophie D... se entregava a esses pensamentos romanescos. Vendo, enfim, que nenhum ser sobrenatural se ocupava dela, e que sua vida deveria se escoar, como a de outras operárias, no meio do trabalho e dos cuidados da família, ela resolveu colocar fim aos seus dias, esperando, sem dúvida, que, no outro mundo, seus sonhos se realizassem.

"Ontem de manhã, como se admirava de não vê-la aparecer na hora em que ela deveria ir para seu trabalho, sua jovem irmã foi para chamá-la. Tendo aberto a porta, foi tomada de um tremor nervoso, percebendo Sophie enforcada no grampo que sustenta a flexa de seu leito; ela chamou seus pais, que acorreram e se apressaram em cortar a corda, mas todas as tentativas feitas para chamar a jovem à vida foram infrutíferas."

Eis, pois, um caso de loucura e de suicídio causado por aqueles mesmos que acusam o Espiritismo de povoar os hospícios. Os romances podem, pois, exaltar a esse ponto a imaginação que a razão com isso seja perturbada? Poder-se-ia dele citar um bom número de semelhantes, sem contar os loucos que fez o medo do diabo sobre os Espíritos fracos. Mas o Espiritismo chegou, e todos se apressaram em dele fazer o bode expiatório de suas próprias faltas.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

(Lyon, novembro de 1863. - Méd. Sr. X...)

I

As idéias preconcebidas.

Freqüentemente dissemos para escrutar as comunicações que vos são feitas, submetê-las à análise da razão e não tomar, sem exame, as inspirações que venham agitar vosso espírito sob a influência de causas freqüentemente muito difíceis de constatar, para os encarnados submetidos aos desvios sem número.

As idéias puras que flutuam, por assim dizer, no espaço (segundo a idéia platônica) trazidas pelos Espíritos, não podem sempre se alojar sozinhas e isoladas no cérebro de vossos médiuns; elas encontram freqüentemente o lugar ocupado pelas idéias preconcebidas que escorrem com o jato da inspiração, que a perturbam e a transformam, de maneira inconsciente, é verdade, mas algumas vezes de maneira bastante profunda para que a idéia espiritual se encontre assim inteiramente desnaturada.

A inspiração encerra dois elementos: o pensamento e o calor fluídico destinado a ativar o espírito do médium dando-lhe o que chamais a verve da composição; se a inspiração encontra o lugar ocupado por uma idéia preconcebida, da qual o médium não pode ou não quer se desligar, nosso pensamento permanece sem intérprete, e o calor fluídico se gasta ativando um pensamento que não é o nosso. Quantas vezes, em vosso mundo egoísta e apaixonado, nós viemos trazer o calor e a idéia! Desdenhais a idéia que a vossa consciência deveria vos fazer reconhecer, e vos apoderais do calor em proveito de vossas paixões terrestres, dilapidando assim algumas vezes o bem de Deus em proveito do mal. Também quantas contas terão que prestar um dia todos os advogados das más causas!

Sem dúvida, seria de desejar que as boas inspirações pudessem sempre dominar as idéias preconcebidas; mas então entravaríamos o livre-arbítrio da vontade do homem, e deste último escaparia, assim, à responsabilidade que lhe pertence. Mas se não somos senão os conselheiros auxiliares da Humanidade, quantas vezes não temos a nos felicitar quando nossa idéia, batendo à porta de uma consciência reta, triunfa da idéia preconcebida e modifica a convicção do inspirado! Não é preciso acreditar, no entanto, que o nosso recurso mal empregado não traia um pouco o mau uso que se pode delafazer; a convicção sincera encontra entonações que, partidas do coração, chegam ao coração; a convicção simulada pode satisfazer as convicções apaixonadas, vibrando em uníssono da primeira, mas leva um frio particular que deixa a consciência insatisfeita, e revela uma origem duvidosa.

Quereis saber de onde vêm os dois elementos da inspiração medianímica? A resposta é fácil: a idéia vem do mundo extraterrestre, é a inspiração própria do Espírito. Quanto ao calor fluídico da inspiração, nós o encontramos e o tomamos em vós mesmos; é a parte quintessenciada do fluido vital em emanação; algumas vezes nós o emprestamos do próprio inspirado quando é dotado de uma certa força fluídica (ou medianímica, como a chamais), o mais freqüentemente o emprestamos às suas companhias na emanação de benevolência da qual está mais ou menos cercado. É por isto que se pode dizer, com razão, que a simpatia torna eloqüente.

Se refletirdes atentamente nestas causas, encontrareis a explicação de muitos fatos que espantam de início, mas dos quais todos possuem uma certa intuição. Só a idéia não bastaria ao homem, se não se lhe desse o poder de exprimi-la. O calor é para a idéia o que o perispírito é para o Espírito, o que vosso corpo é para a alma. Sem o corpo, a alma estaria impossibilitada de agitar a matéria; sem o calor, a idéia estaria impossibilitada de emocionar os corações.

A conclusão desta comunicação é que não deveis jamais abdicar de vossa razão no exame das inspirações que vos são submetidas. Quanto mais o médium tem idéias adquiridas, mais é suscetível de idéias preconcebidas, mais também deve fazer tabula rasa de seus próprios pensamentos, arrancar as influências que o agitam e dar, à sua consciência, a abnegação necessária a uma boa comunicação.

II
Deus *não se vinga.*

O que precede não é senão um preâmbulo destinado a servir de introdução a outras idéias. Eu vos falei de idéias preconcebidas, há outras além daquelas que vêm das tendências do inspirado; há as que são a conseqüência de uma instrução errada, de uma interpretação acreditada por um tempo mais ou menos longo, que tiveram sua razão de ser numa época em que a razão humana estava insuficientemente desenvolvida, e que, passadas ao estado crônico, não podem ser modificadas senão por heróicos esforços, sobretudo quando elas têm para si a autoridade do ensinamento religioso e de livros reservados. Uma dessas idéias é esta: Deus se *vinga.* Que um homem, ferido em seu

orgulho, na sua pessoa ou em seus interesses se vingue, isto se concebe; essa vingança, embora culposa, está na margem feita às imperfeições humanas; mas um pai que se vinga sobre seus filhos, levanta a indignação geral, porque todos sentem que um pai, encarregado do cuidado de formar seus filhos, pode reparar os erros, corrigir os defeitos por todos os meios que estão em seu poder, mas que a vingança lhe está interditada, sob pena de tornar estranho a todos os direitos da paternidade.

Sob o nome de vindita pública, a sociedade que se vai vingava-se dos culpados: a punição infligida, freqüentemente cruel, era a vingança que ela tirava das más ações de um homem perverso; ela não tinha nenhum cuidado no melhoramento desse homem, deixava a Deus o cuidado de puni-lo ou de perdoá-lo; bastava-lhe impressionar com um terror, que ela acreditava salutar, os futuros culpados. A sociedade que vem não pensa mais assim; se ela não age ainda tendo em vista o melhoramento do culpado, compreende ao menos o que a vingança tem de odioso por si mesma; salvaguardar a sociedade contra os ataques de um criminoso lhe basta, e, o medo de um erro judiciário ajudando, logo a pena capital desaparecerá de vossos códigos.

Se a sociedade se encontra hoje muito grande diante de um culpado para se deixar ir à cólera e se vingar dele, como quereis que Deus, participando de vossas fraquezas, se comova de um sentimento irrascível e fira por vingança um pecador chamado a se arrepender? Crer na cólera de Deus é um orgulho da Humanidade, que pensa ser de um grande peso na balança divina. Se a planta de vosso jardim vem mal, se ela se curva, ireis vos encolerizar e vos vingar do seu mau sucesso? Não, a endireitareis se puderdes, dar-lhe-eis um tutor, incomodareis, por entraves, suas más tendências, a transplantareis se necessário, mas não a vingareis; assim faz Deus.

Deus se vingar, que blasfêmia! que diminuição da grandeza divina! que ignorância da distância infinita que separa o Criador de sua criatura! que esquecimento de sua bondade e de sua justiça!

Deus virá, numa existência em que não vos reste nenhuma lembrança de vossos erros passados, vos fazer pagar caro as faltas que podeis ter cometido numa época apagada de vosso ser! Não, não, Deus não age assim; ele entrava o vôo de uma paixão funesta, corrige o orgulho inato por uma humildade forçada, endireita o egoísmo do passado pela urgência de uma necessidade presente que faz desejar a existência de um sentimento que o homem nem conheceu nem provou. Como pai, corrige, mas, como pai também, não se vinga.

Guardai-vos dessas idéias preconcebidas de vingança celeste, restos perdido de um erro antigo. Guardai-vos dessas tendências fatalistas cuja porta está aberta sobre vossas novas doutrinas, e que vos conduziriam diretamente ao quietismo oriental. A parte de liberdade do homem já não é bastante grande para diminuí-la ainda por crenças errôneas; quanto mais vos sentirdes libertos em vós, mais tereis responsabilidade, sem dúvida; mas, mais também os esforços de vossa vontade vos conduzirão para a frente no caminho do progresso.

PASCAL.

III

A verdade.

A verdade, meu amigo, é uma dessas abstrações para a qual o espírito humano tende, sem cessar, sem poder jamais alcançá-la. É preciso que a ela se incline, é uma das condições do progresso, mas sua natureza imperfeita, e só por isso ela é imperfeita, não saberia a ela chegar. Seguindo a direção que segue a verdade, em sua marcha ascendente, o espírito humano está no caminho providencial, mas não lhe é dado ver-lhe o fim.

Compreender-me-ás melhor quando souberes que a verdade é, como o tempo, dividida em duas partes pelo momento inapreciável que se chama o presente, a saber: o passado e o futuro. Há, pois, duas verdades também, a verdade relativa e a verdade absoluta. A verdade relativa é o que é; a verdade absoluta é o que deveria ser. Ora, como o que deveria ser sobe por degraus até a perfeição absoluta que é Deus, segue-se que, para os seres criados escalando a rota ascensional do progresso, não há senão verdades relativas. Mas de que uma verdade relativa não é imutável, ela não é menos sagrada para o ser criado.

Vossas leis, vossos costumes, vossas instituições são essencialmente perfectíveis e, por isto mesmo, imperfeitas; mas suas imperfeições não vos livra do respeito que lhes deveis. Não é permitido anteceder seu tempo e de se fazer leis fora das leis sociais. A Humanidade é um ser coletivo que deve caminhar, senão em seu conjunto, pelo menos por grupos, para o progresso do futuro; aquele que se destaca da sociedade humana para avançar como filho perdido, para as verdades novas, sofre sempre, sobre vossa Terra, a pena devida à sua impaciência. Deixai aos iniciadores, inspirados do Espírito de Verdade, o cuidado de proclamar as leis do futuro submetendo-se à do presente. Deixai a Deus, que mede vossos progressos pelos esforços que fazeis para vos tornardes melhores, o cuidado de escolher o momento que crê útil para uma nova transição, mas não vos subtraiais jamais a uma lei senão quando ela foi derrogada.

Porque o Espiritismo foi revelado entre vós, não creiais num cataclismo das instituições sociais; até este dia ele realizou uma obra subterrânea e inconsciente para aqueles que lhe foram os instrumentos. Hoje que ele aflora ao solo, e que chega à luz do dia, a marcha do progresso não deve por isso ser menos de uma lenta regularidade. Desconfiai dos Espíritos impacientes que vos levam aos caminhos perigosos do desconhecido. A eternidade que vos foi prometida deve vos fazer tomar em piedade as ambições tão efêmeras da vida. Sede reservados até em suspeitar freqüentemente da voz dos Espíritos que se manifestam.

Lembrai-vos disto: O Espírito humano se move e se agita sob a influência de três causas que são: a *reflexão,* a *inspiração* e a *revelação.* A *reflexão* é a riqueza de vossas lembranças que agitais voluntariamente. Nela, o homem encontra o que lhe é rigorosamente útil para satisfazer as necessidades de uma posição estacionaria. A *inspiração* é a influência dos Espíritos extraterrestres que se misturam mais ou menos às vossas próprias reflexões para vos levarão progresso, é a intromissão do melhor na insuficiência da transição; é uma força nova que se acrescenta a uma força adquirida para vos levar mais longe do que o presente, é a prova irrecusável de uma causa oculta que vos impele para a frente, e sem a qual permaneceríeis estacionários; porque é da regra física e moral que o efeito não poderia ser maior do que sua causa, e quando esta chega, como no progresso social, é que uma causa ignorada, desapercebida, se juntou à causa primeira de vosso impulso. A *revelação* é a mais elevada das forças que agitam o espírito do homem, porque ela vem de Deus e não se manifesta senão por sua vontade expressa; ela é rara, algumas vezes mesmo inapreciável, algumas vezes evidente para aquele que a sentir ao ponto de se sentir involuntariamente tomado de um santo respeito. Eu o repito, ela é rara, e dada comumente como uma recompensa à fé sincera, ao coração devotado; mas não tomeis como revelação tudo o que pode vos ser dado por tal. O homem exibe a amizade dos grandes, os Espíritos exibem uma permissão especial de Deus, que freqüentemente lhes faz falta; eles fazem algumas vezes promessas que Deus não ratifica, porque só ele sabe o que é preciso e o que não é preciso.

Eis, meu amigo, tudo o que posso te dizer sobre a verdade; humilha-te diante do grande Ser, porque tudo vive e se move na infinidade dos mundo que seu poder rege; pense que se nele se encontra toda a sabedoria, toda a justiça e todo o poder, nele se encontra também toda a verdade.

PASCAL.

Estudo sobre a mediunidade.
(Sociedade de Paris, 7 de abril de 1865. - Méd. Sr. Costel.)

Não é preciso erigir em sistema os ditados mal concebidos e mal expressos que desnaturam absolutamente a inspiração medianímica, se tanto que ela tenha existido. Deixo a outros o cuidado de explicarem a teoria do progresso, porque é inútil que todos os médiuns tratem do mesmo assunto. Vou me ocupar da mediunidade, esse tema inesgotável de pesquisas e de estudos.

A mediunidade é uma faculdade inerente à natureza do homem; não é nenhuma exceção nem um favor, ela faz parte do grande conjunto humano, e, como tal, está sujeita às variações físicas e às desigualdades morais; sofre o dualismo temível do instinto e da inteligência; possui seus gênios, sua multidão e seus monstros.

Não é preciso jamais atribuir aos Espíritos, entendo aos Espíritos elevados, esses ditados sem fundo nem forma que acrescentam, à sua nulidade, o ridículo de serem assinados por homens ilustres. A mediunidade séria não investe senão dos cérebros providos de uma instrução suficiente, ou pelo menos provados pelas lutas passionais. Só os melhores médiuns recebem o afluxo espiritual; os outros sentem simplesmente o impulso fluídico material que arrasta suas mãos, sem fazer produzir, à sua inteligência, outra coisa senão o que ela continha em estado latente; é preciso encorajá-los a trabalhar, mas não iniciar o público em suas elocubrações.

As manifestações espíritas devem ser feitas com a maior reserva; e se for indispensável, para a dignidade pessoal, de acumular todas as provas de uma perfeita boa fé em torno das experiências físicas, importa ao menos igualmente preservar as comunicações espirituais do ridículo que se liga muito facilmente às idéias e aos sistemas assinados irrisoriamente com nomes célebres, que são e permanecem sempre estranhos a essas produções. Não coloco em causa a lealdade das pessoas que, recebendo o choque elétrico, o confundem com a inspiração mediúnica; a ciência tem seus falsos sábios, a mediunidade tem seus falsos médiuns, na ordem espiritual, entendo.

Tento estabelecer aqui *a* diferença que existe entre os médiuns inspirados pelo fluido espiritual, e aqueles que não agem senão sob o impulso fluídico corpóreo; quer dizer, aqueles que vibram intelectualmente, e aqueles cuja ressonância física não chega senão à produção confusa e inconsciente de suas próprias idéias, ou idéias vulgares e sem importância.

Existe, pois, uma linha de demarcação perfeitamente traçada entre os médiuns escreventes: uns obedecem à influência espiritual que não lhes faz escrever senão coisas úteis e elevadas; e os outros sofrendo a influência fluídica material que agita seus órgãos cerebrais, como os fluidos físicos agem sobre a matéria inerte. Esta primeira classificação é absoluta, mas admite uma multidão de variedades intermediárias. Indico aqui os principais traços de um estudo importante que outros Espíritos completarão. Somos os pioneiros do progresso terrestre, e solidários uns aos outros; formamos na falange Espírita o núcleo do futuro.

GEORGES.

Nota. A frase onde o Espírito disse que deixa a outros de explicar a teoria do progresso, foi motivada por diversas questões que tinham sido propostas sobre esse assunto da sessão. Quando ele disse que a mediunidade é um tema inesgotável de pesquisas e de estudo inesgotável, ele está perfeitamente na verdade.

Embora o estudo dessa parte integrante do Espiritismo esteja longe de ser completo, já estamos longe do tempo em que se acreditava que bastava receber um impulso mecânico para se dizer médium e se crer apto a receber as comunicações de todos os Espíritos. Isto eqüivaleria a pensar que uma pessoa qualquer que tocasse uma pequena

música em um piano deveria necessariamente ser um excelente músico. O progresso da ciência espírita, que se enriquece cada dia, de novas observações, nos mostra a quantas causas diferentes e influências delicadas, que não se supunha, estão submetidas as relações inteligentes com o mundo espiritual. Os Espíritos não podiam ensinar tudo ao mesmo tempo; mas, como hábeis professores, à medida que as idéias se desenvolvem, entram em maiores detalhes, e revelam os princípios que, dados prematuramente, não teriam sido compreendidos, e teriam feito confusão em nosso pensamento.

A mediunidade exige, pois, um estudo sério da parte de quem vê no Espiritismo uma coisa séria. À medida que as verdadeiras atividades dessa faculdade fossem melhor conhecidas, estar-se-á menos exposto às decepções, porque saber-se-á o que ela pode dar, e em que condições pode fazê-lo; e quanto mais houver pessoas esclarecidas sobre este ponto, menos haverá vítimas do charlatanismo.

Progresso intelectual.

(Sociedade de Paris, 31 de março de 1865. - Médium, Sr. Desliens).

Nada se perde neste mundo, não só na matéria onde tudo se renova sem cessar, em se aperfeiçoando, segundo as leis imutáveis aplicadas a todas as coisas pelo Criador, mas também no domínio da inteligência. A Humanidade é como um único homem que vivesse eternamente, e adquirisse sem cessar novos conhecimentos.

Isto não é uma figura, mas uma realidade, porque o Espírito é imortal; não há senão o corpo, envoltório ou veste do Espírito, que cai quando está usado e se substitui por um outro. A própria matéria sofre modificações. À medida que o Espírito se depura, ele adquire novas riquezas, e merece, se posso me exprimir assim, uma roupa mais luxuosa, mais agradável, mais cômoda, para empregar a vossa linguagem terrestre.

A matéria se sublima e *se* torna cada vez mais leve, sem desaparecer jamais completamente, pelo menos nas regiões medianas; seja como corpo, seja como perispírito, ela acompanha sem cessar a inteligência e lhe permite, por este ponto de contato, se comunicar com seus inferiores, seus iguais e seus superiores para instruir, meditar a aprender.

Nada se perde na Natureza, dissemos; acrescentamos: nada é inútil. Tudo, até as criaturas mais perigosas, os venenos mais sutis, tem sua razão de ser. Quantas coisas foram julgadas inúteis ou nocivas, e das quais mais tarde se reconheceram as vantagens!

Assim, há daquelas que não compreendeis. Sem tratar a fundo a questão, direi somente que as coisas nocivas vos obrigam à atenção, à vigilância que exerce a inteligência, ao passo que se o homem não tivesse nada a temer, se abandonaria à preguiça, em prejuízo de seu desenvolvimento. Se a necessidade é a mãe da indústria, a indústria é também a filha da inteligência.

Sem dúvida, Deus, como alguns objetam, teria podido vos poupar as provas e as dificuldades que vos parecem supérfluas; mas se os obstáculos vos são opostos, é para despertar em vós os recursos que dormem; é para dar o vôo aos tesouros da inteligência que permaneceriam enterrados em vosso cérebro se uma necessidade, um perigo a evitar, não viessem vos forçar a velar pela vossa conservação.

O instinto nasce; a inteligência o segue, as idéias se encadeiam, e o raciocínio se acha inventado. Se eu raciocino, se julgo, bem ou mal, é verdade, mas é em raciocinando em falso que se aprende a reconhecer a verdade; quando se está freqüentemente enganado, acaba-se por triunfar; e esta verdade, esta inteligência, obtidas por tanto trabalho, adquirem um preço infinito e vos faz considerar-lhes a posse como um bem inestimável. Temeis ver se perderem as descobertas que fizestes; que fazeis, então? Instruís vossos filhos, vossos amigos; desenvolveis sua inteligência a fim de nela semear e nela fazer frutificar o que adquiristes ao preço de vossos suores intelectuais; é assim

que tudo se encadeia, que o progresso é uma lei natural, e que os conhecimentos humanos, aumentados pouco a pouco, se transmitem de geração em geração. Que se venha, depois disto, vos dizer que tudo é matéria! Os materialistas não repelem a Espiritualidade, na maioria, porque lhes seria preciso, sem isso, mudar seu gênero de vida, atacar seus defeitos, renunciar a seus hábitos; isto seria muito penoso, é porque acham mais cômodo tudo negar.

PASCAL.

Da seriedade nas reuniões.

(Sociedade de Paris, 17 de março de 1865. - Médium, Sr. Desliens).

Como já disto tendes provas, a atitude séria dos membros de um grupo toca os estranhos que assistem às sessões com a intenção de torná-la em ridículo; ela muda sua inveja de zombar em respeito involuntário, e do respeito ao estudo sério, por conseqüência à fé, a transição é insensível. Aqueles, aliás, que não saem convencidos dessas reuniões, dela levam ao menos uma impressão favorável, e se não se juntam a vós imediatamente, se desligam, no entanto, de vossos adversários obstinados. Eis uma primeira razão que deve vos persuadir de serem sérios e recolhidos. Que quereis que pensem, com efeito, aqueles que saem de uma reunião onde os assuntos mais dignos de respeito são tratados com leviandade e inconseqüência? Embora os Espíritas que assim agem estejam longe de ser mal intencionados, não são com isso menos nocivos, não ao futuro, mas ao desenvolvimento rápido da Doutrina. Se não tivesse jamais havido senão reuniões sérias e mantidas de maneira conveniente, ela estaria ainda bem mais avançada do que está, embora o esteja muito. Agir assim não é agir como verdadeiros Espíritas, nem no interesse da Doutrina, porque os adversários disso se aproveitam para torná-la em ridículo. É, pois, um dever para aqueles que lhe compreendem a importância não emprestar seu apoio a reuniões dessa natureza.

Não é só à Doutrina que prejudicam, é também a si próprios; porque, se toda boa ação leva consigo a sua recompensa, toda ação leviana deixa atrás dela uma impressão deplorável, às vezes seguida de uma punição física cuja menor conseqüência pode ser a suspensão da mediunidade, ou pelo menos a impossibilidade de comunicar-se com os bons Espíritos.

É preciso ser sério, não só com os Espíritos benevolentes e esclarecidos que vêm dar sábias instruções, e que vosso pouco recolhimento afastaria, mas ainda com os Espíritos sofredores ou maus que vêm, uns vos pedir consolações, os outros vos mistificar. Direi mesmo que *é* sobretudo com estes últimos que é preciso seriedade, embora temperada pela benevolência; é o melhor meio de lhes impor, e mantê-los à parte constrangendo-os ao respeito. Se vos rebaixais até a familiaridade com aqueles que vos são inferiores, sob os aspectos morais e intelectuais, não tardareis em vos expor à sua influência perversa, que se traduz primeiro por mistificações, mais tarde por cruéis e tenazes obsessões.

Ficai, pois, em guarda; matizai vossa linguagem segundo aquela mesma dos Espíritos que se comunicam em vossos grupos, mas que a seriedade e a benevolência dela jamais estejam excluídas. Não rejeiteis aqueles que se apresentam avós sob as aparências imperfeitas. Talvez preferiríeis sempre comunicações sábias sobre as quais não vos seja necessário exercer vosso coração e vosso julgamento para conhecer-lhes o valor, mas pensai que o julgamento não *se* desenvolve senão pelo exercício. Todas as comunicações têm sua utilidade para quem sabe delas tomar partido; uma mistificação reconhecida e prevenida pode agir com mais eficácia sobre vossas almas, em vos fazendo perceber os pontos a reforçar, do que instruções que vos contentaríeis em admirar sem colocá-las em prática.

Trabalhai com coragem e sinceridade, e o Espírito do Senhor estará convosco.

MOKI.

Imigração dos Espíritos superiores para a Terra.
(Sociedade Espírita de Paris, 7 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Delanne.)

Falar-vos-ei esta noite sobre as imigrações de Espíritos avançados que vêm se encarnar sobre vossa Terra. Já esses novos mensageiros retomaram o bastão de peregrino; já se espalham aos milhares sobre o vosso globo; por toda a parte estão dispostos pelos Espíritos que dirigem o movimento da transformação por grupos, por séries. Já a Terra estremece ao sentir em seu seio aqueles que outrora viu passarem através de sua Humanidade nascente. Ela se regozija em recebê-los, porque pressente que vêm para conduzi-la à perfeição, tornando-se os guias dos Espíritos comuns que têm necessidade de serem encorajados por bons exemplos.

Sim, grandes mensageiros estão entre vós; são aqueles que se tornarão os sustentáculos da geração futura. À medida que o Espiritismo vai crescer e se desenvolver, Espíritos de uma ordem cada vez mais elevada virão sustentar a obra, em razão das necessidades da causa. Por toda a parte Deus distribui sustentáculos para a Doutrina; eles surgirão em tempo e lugar. Assim, sabei esperar com firmeza e confiança; tudo o que foi predito acontecerá, como o disse o santo livro, até um *iota.*

Se a transição atual, como vem de dizer o mestre, levantou as paixões e fez surgir a ligação dos Espíritos encarnados e desencarnados, ela também revelou o desejo ardente, e uma multidão de Espíritos de uma posição superior nos mundos dos turbilhões solares, de virem novamente servir aos desígnios de Deus para esse grande acontecimento.

Eis porque dizia há pouco que a imigração de Espíritos superiores se operaria sobre a vossa Terra para ativar a marcha ascendente de vossa Humanidade. Redobrai, pois, de coragem, de zelo, de fervor pela causa sagrada. Sabei-o, nada deterá a marcha progressiva do Espiritismo, porque poderosos protetores continuarão vossa obra.

MESMER.

Sobre as *criações fluídicas.*
(Sociedade de Paris, 14 de outubro de 1864. - Médium, Sr. Delanne.)

Disse brevemente algumas palavras sobre os grandes mensageiros enviados entre vós para cumprirem sua missão de progresso intelectual e moral sobre o vosso globo.

Se, nessa ordem, o movimento se desenvolve, e toma proporções que notais a cada dia, cumpre-se um outro, não só no mundo dos Espíritos que deixaram a matéria, mas também importante na ordem material; quero falar das leis de depuração fluídica.

O homem deve não só elevar sua alma pela prática da virtude, mas deve também depurar a matéria. Cada indústria fornece seu contingente a esse trabalho, porque cada indústria produz misturas de toda espécie; essas espécies liberam fluidos que, mais depurados, vão se juntar na atmosfera aos fluidos similares que se tornam úteis às manifestações dos Espíritos dos quais falastes há pouco.

Sim, os objetos procriados instantaneamente pela vontade, que é o mais rico dom do Espírito, são hauridos nos fluidos semi-materiais do corpo chamado perispírito, dos habitantes da erraticidade. Eis porque, com esses elementos, podem criar objetos segundo seu desejo.

O mundo dos invisíveis é como o vosso; em lugar de ser material e grosseiro, é fluídico, etéreo, da natureza do perispírito, que é o verdadeiro corpo do Espírito, haurido nesses meios moleculares, como o vosso se forma de coisas mais palpáveis, tangíveis, materiais.

O mundo dos Espíritos não é o reflexo do vosso; é o vosso que é uma grosseira e muito imperfeita imagem do reino de além-túmulo.

As relações desses dois mundos existiram sempre. Mas hoje o momento é chegado em que todas essas afinidades vão vos ser reveladas, demonstradas e tornadas palpáveis.

Quando compreenderdes as leis das relações entre os seres fluídicos e aqueles que conheceis, a lei de Deus estará perto de ser posta em execução; porque cada encarnado compreenderá a sua imortalidade, e desse dia se tornará não só um ardente trabalhador da grande causa, mas ainda um digno servidor de suas obras.

MESMER.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | NO. 6 | JUNHO 1865

RELATÓRIO DA CAIXA DO ESPIRITISMO

Feito à Sociedade Espírita de Paris, a 5 de maio de 1865, pelo Sr. Allan Kardec.

Senhores e caros colegas,

Há algum tempo vos anunciei novas explicações com relação à caixa do Espiritismo. A inauguração de um novo ano social me oferece, naturalmente, essa ocasião. Nesta exposição, lamento ter que vos falar de mim, o que faço sempre o menos possível, mas nesta circunstância não saberia fazer de outro modo; é porque vos peço, de antemão, consentirdes em me desculpar.

Lembrarei sumariamente o relatório que vos submeti, sobre o mesmo assunto, há dois anos.

No mês de fevereiro de 1860, uma doação de 10.000 francos foi colocada à minha disposição para dirigir-lhe o emprego, à minha vontade, no interesse do Espiritismo. Nessa época, a Sociedade não tinha seu local, o que apresentava sérios inconvenientes. A extensão que começava a tomar a Doutrina fazia sentir a utilidade de um local especial destinado, não só às sessões, mas à recepção dos visitantes que se tornavam cada dia mais numerosos e tornavam indispensável a presença permanente de alguém na própria sede da Sociedade. Fiz escolha desse local, que reunia as vantagens de conveniência e de posição central; a escolha, de resto, não era fácil, tendo em vista a necessidade de dependências apropriadas à sua destinação, a excessiva carestia dos aluguéis. O preço da locação desta, nele compreendidas as contribuições, é de 2.930 francos. Não podendo a Sociedade suportar esta carga e não pagando senão 1.200 francos, estariam 1.730 francos aos quais seria preciso prover. Pesando sobre o donativo que havia sido feito, seja na compra do material, seja no pagamento do excedente do aluguel, isso não era afastar as intenções do doador, uma vez que era no interesse da Doutrina, e, com efeito, compreende-se, hoje sobretudo, o quanto foi útil ter esse centro onde vêem chegar tantas relações, e o quanto era necessário, além disso, que eu tivesse uma pequena casa de passagem. Todavia, devo lembrar que se moro neste local, o que não é uma vantagem para mim, uma vez que tenho um outro apartamento que não me custa nada e que me seria mais agradável habitar, e isso com tanto mais razão quanto essa dupla habitação, longe de ser um alívio, é uma agravação de cargas, assim como o demonstrarei dentro em pouco.

Esta soma de 10.000 francos foi, portanto, o primeiro fundo da caixa do Espiritismo, caixa que, assim como o sabeis, é objeto de uma contabilidade especial, e não se confunde com meus negócios pessoais. Esse fundo deveria bastar a perfazer, mais ou menos, o aluguel durante os seis anos de contrato, segundo a conta detalhada que vos apresentei a última vez; ora, o contrato expira em um ano, e a soma chega ao seu fim.

É verdade que o capital da caixa aumentou de várias somas; ele se compõe assim como se segue:

1º Doação de fevereiro de 1860.. 10.000
2º Desistência de um empréstimo feito em época anterior no interesse do Espiritismo. 600
3º Doação feita em 1862... 500
4º Outra doação feita em setembro de 1864.. 1.000
5º Outra doação feita em outubro de 1864... 2.000
Total...14.100

Estas duas últimas somas tendo uma destinação especial, não é senão, em realidade, 11.100 francos que puderam ser destinados ao aluguel, e que não bastarão inteiramente.

Mas o aluguel não é a única carga que incumbe ao Espiritismo; não falo das obras de beneficência, que são uma coisa à parte e da qual falaremos dentro em pouco. Abordo um outro lado da questão, e é aqui que reclamo a vossa indulgência pela necessidade que tenho de falar de mim.

Muito se tem falado dos produtos que retiro de minhas obras; seguramente, pessoa séria não crê em meus milhões, apesar da afirmação daqueles que dizem ter de boa fonte que tenho um trem principesco, carro de luxo a quatro cavalos e que em minha casa se caminha sobre tapetes de Aubusson. O que se haja dito a respeito, além disso, o autor de uma brochura que conheceis, e que prova por cálculos hiperbólicos que meu orçamento de receitas ultrapassa a lista civil do mais poderoso soberano da Europa (38 milhões. *Revista,* junho de 1862, p. 179; junho de 1863, p. 175), o que, seja dito de passagem, testemunharia uma extensão verdadeiramente miraculosa da Doutrina, a um fato mais autêntico do que seus cálculos, é que jamais pedi nada a ninguém, que ninguém jamais nada deu para mim pessoalmente; que nenhuma coleta de *qualquer moeda* veio prover às minhas necessidades; em uma palavra, que *eu não vivo às expensas de ninguém,* uma vez que, sobre as somas que me foram voluntariamente confiadas no interesse do Espiritismo, nenhuma parcela dela foi desviada em meu proveito, e se vê, aliás, a que cifra elas se elevam.

Minhas imensas riquezas procederiam, pois, de minhas obras espíritas. Se bem que essas obras tenham tido um sucesso inesperado, basta ser o menos iniciado nos negócios de livraria, para saber que não é com livros filosóficos que se amontoam milhões em cinco ou seis anos, quando não há sobre a venda senão um direito de autor de alguns centavos por exemplar. Mas que seja grande ou fraco, esse produto sendo o fruto de meu trabalho, ninguém tem o direito de se imiscuir no emprego que dele faço; quando mesmo ele se elevasse a milhões, do momento que a compra dos livros, assim como a assinatura da *Revista, é* facultativa e não imposta *em nenhuma circunstância,* nem mesmo para assistir às sessões da Sociedade, isto não concerne a ninguém. Comercialmente falando, estou na posição de todo homem que recolhe o fruto de seu trabalho; corro a chance de todo escritor que pode vencer, como pode fracassar.

Se bem que, a esse respeito, não tenha nenhuma conta a dar, creio útil, à própria causa a que me devotei, dar algumas explicações.

Direi primeiro que minhas obras não sendo minha propriedade exclusiva, sou obrigado a comprá-las ao meu editor e pagá-las como um livreiro, com exceção da *Revista,* da qual guardo a disposição; que o benefício se encontra singularmente diminuído pelos sem valores e as distribuições gratuitas feitas no interesse da Doutrina, às pessoas que, sem isto, seriam obrigadas a passar sem elas. Um cálculo muito fácil prova que o preço de dez volumes perdidos ou dados, aos quais não devo menos pagar, basta para absorver o benefício de cem volumes. Isto seja dito a título de informação e como parêntese. Tudo somado, e balanço feito, resta, no entanto, alguma coisa. Suponde a cifra que quiserdes: o que é que dela faço? Aí está o que mais preocupa a certas pessoas.

Quem viu nosso interior outrora e o vê hoje, pode atestar que nada mudou em nossa maneira de viver desde que me ocupo do Espiritismo; ela é tão simples agora quanto era outrora, porque uma vida suntuosa não está em meus gostos. É, pois, certo que meus benefícios, tão enormes que sejam, não servem para nos dar os gozos do luxo. Não temos filhos, não é, pois, para eles que amontoamos; nossos herdeiros indiretos na maioria são mais ricos do que nós: haveria simplicidade em esgotar-me em trabalhar em seu proveito é, pois, que teria a mania de entesourar para ter o prazer de contemplar o meu dinheiro? Não penso que meu caráter e meus hábitos tenham jamais podido fazê-lo supor. Aqueles que me atribuem tais idéias conhecem bem pouco meus princípios em matéria de Espiritismo, uma vez que me julgam tão agarrado aos bens da Terra. Aquém, pois, isso passaria? do momento que isto não me aproveita, quanto mais a soma for fabulosa, mais a resposta é embaraçosa. Um dia saber-se-á a cifra exata, assim como o emprego detalhado, e os fazedores de histórias nela serão para suas despesas imaginárias; hoje, limito-me a alguns dados gerais para pôr um freio às suposições ridículas. Devo, para este efeito, entrar em alguns detalhes íntimos, dos quais vos peço perdão, mas que são necessários.

Sempre tivemos do que viver, muito modestamente, é verdade, mas o que teria sido pouco para certas pessoas nos bastava, graças aos nossos gostos e aos nossos hábitos de ordem e de economia. À nossa pequena renda veio acrescentar-se como suplemento o produto das obras que publiquei antes do Espiritismo, e o de um modesto emprego que tive que deixar quando os trabalhos da Doutrina absorveram todo o meu tempo.

Na propriedade que possuo, e que me resta como escombros do que a má-fé não pôde me levantar, poderíamos viver tranqüilamente e longe da balbúdia dos negócios. O Espiritismo, em me tirando da obscuridade, veio me lançar num novo caminho; em pouco tempo me encontrei arrastado num movimento que estava longe de prever. Quando concebi a idéia de O *Livro dos Espíritos,* minha intenção era de não me pôr em evidência e permanecer desconhecido; mas, prontamente sobrecarregado, isso não me foi possível: tive que renunciar aos meus gostos de retiro, sob pena de abdicar a obra empreendida e que crescia prodigiosamente; foi-me preciso seguir-lhe o impulso e tomar as rédeas. Se meu nome tem agora alguma popularidade, seguramente, não fui eu que a procurei, porque é notório que não a devo nem à propaganda, nem à camaradagem da imprensa, e que jamais aproveitei de minha posição e de minhas relações para me lançar no mundo, quando isto me teria sido tão fácil. Mas, à medida que a obra crescia, um horizonte mais vasto se desenrolava diante de mim e dela recuava os limites; compreendi, então, a imensidade da minha tarefa, e a importância do trabalho que me restava fazer para completá-la; as dificuldades e os obstáculos, longe de me assustarem, redobraram a minha energia; vi o objetivo, e decidi alcançá-lo com a assistência dos bons Espíritos. Sentia que não tinha tempo a perder, e não o perdi nem em visitas inúteis, nem em cerimônias ociosas; esta foi a obra de minha vida; a ela dei todo o meu tempo, sacrifiquei meu repouso, minha saúde, para que o futuro fosse escrito diante de mim com caracteres irrecusáveis. Eu o fiz de minha própria vontade, e minha mulher, que não é nem mais ambiciosa, nem mais interessada do que eu, entrou plenamente em meus objetivos e me secundou em minha tarefa laboriosa, como ela o faz ainda, por um trabalho freqüentemente acima de suas forças, sacrificando sem lamento os prazeres e as distrações do mundo, aos quais sua posição de família a haviam habituado.

Sem nos afastar de nosso gênero de vida, esta posição excepcional não nos criou menos necessidades das quais só meus recursos não me permitiriam prover. Seria difícil imaginar a multiplicidade das despesas que ela arrasta, e que eu teria evitado sem ela. A necessidade de morar em dois lugares diferentes é, como já o disse, um acréscimo de cargas pela obrigação de ter tudo em dobro em objetos imobiliários, sem contar uma multidão de despesas miúdas que exige essa dupla habitação, e as perdas que resultam de meus interesses materiais negligenciados em conseqüência dos trabalhos que

absorvem todo meu tempo. Isto não é um lamento que articulo, uma vez que minhas ocupações atuais são voluntárias; é um fato que constato em resposta àqueles que pretendem que tudo é proveito para mim no Espiritismo. Quanto às despesas especiais ocasionadas pela posição, seria impossível enumerá-las; mas se se considera que tenho cada ano para mais de oitocentos francos nada senão a franquia de portes de cartas, independentemente das viagens, da necessidade de me associar a alguém para me secundar, e outras despesas miúdas obrigatórias, compreender-se-á que não exagero dizendo que minhas despesas anuais, que estiveram sempre em crescimento, estão hoje mais do que triplicadas. Pode-se imaginar aproximadamente o quanto, há oito anos, pode se elevar esse excedente, pondo uma média de 6.000 francos por ano. Ora, ninguém contestará a utilidade dessas despesas para o sucesso da Doutrina que, evidentemente, teria definhado se eu tivesse permanecido em meu retiro sem ver ninguém e sem as numerosas relações que mantenho cada dia. É, portanto, o que estaria obrigado a fazer se nada me tivesse vindo em ajuda.

Pois bem! senhores, o que me proporcionou esse suplemento de recursos foi o produto de minhas obras. Digo-o com alegria, foi com o meu próprio trabalho, com o fruto de minhas vigílias que provi a maior parte pelo menos, às necessidades materiais de instalação da Doutrina. Assim, levei uma grande cota-parte à caixa do Espiritismo. Deus quis que encontrasse nele mesmo seus primeiros meios de ação. No princípio, lamentei que minha pouca fortuna não me permitia fazer o que teria querido para o bem da coisa; hoje vejo nisso o dedo da Providência, e o cumprimento desta predição muitas vezes repetidas pelos bons Espíritos: Não te inquietes com nada; Deus sabe o que é preciso, e saberá a isso prover.

Se eu tivesse empregado o produto de minhas obras no aumento de meus prazeres materiais, teria sido, pois, em prejuízo do Espiritismo, e, no entanto, ninguém teria tido o direito de nisso encontrar o que censurar, porque estava muito senhor de dispor à minha vontade do que não devia senão a mim mesmo; mas, uma vez que lhe passando adiante, poderia igualmente me passar depois; aplicando à obra, não se encontrará, penso, o que seja dinheiro mal empregado, e aqueles que ajudam a propagação das obras não poderão dizer que trabalham para me enriquecer.

Não era tudo prover ao presente, seria preciso também pensar no futuro, e preparar uma fundação que, depois de mim, pudesse ajudar àquele que me substituirá na grande tarefa que terá a cumprir; esta fundação, sobre a qual devo me calar ainda, se liga à propriedade que possuo, e é em vista disto que aplico uma parte de meus produtos para melhorá-la. Como estou longe dos milhões com os quais me gratificaram, duvido muito que, apesar de minhas economias, meus recursos pessoais me permitam sempre dar a essa fundação o complemento que eu gostaria lhe ver em minha vida; mas uma vez que sua realização está nos objetivos de meus guias espirituais, se eu não o fizer por mim mesmo, é provável que um dia ou outro, isto se fará. À espera, dela elaboro os planos sobre o papel.

Longe de mim, senhores, o pensamento de tirar a menor vaidade disto que acabo de vos expor; foi necessária a perseverança de certas diatribes para me obrigar, embora com pesar, a romper o silêncio sobre alguns fatos que me concernem. Mais tarde, todos aqueles que a malevolência levou a desnaturar serão postos em evidência por documentos autênticos, mas o tempo destas explicações não chegou ainda; a única coisa que me importava era vos edificar sobre a destinação dos fundos que a Providência fez passar por minhas mãos, qualquer que lhe seja a origem. Não me considero senão como depositário mesmo daqueles que ganho, com mais forte razão daqueles que me são confiados e dos quais prestarei uma conta rigorosa. Eu me resumo dizendo: para mim, disto não tenho necessidade; é dizer que não o faço em meu proveito.

Resta-me vos falar, senhores, da caixa de beneficência. Sabeis que ela foi formada sem finalidade premeditada por algumas somas postas em minhas mãos para obras de

caridade, mas sem afetação especial, aos quais acrescento aquelas que, de tempos em tempos, se encontram por não ter emprego determinado. O primeiro donativo feito com este objetivo foi o de uma soma de 200 fr., remetida em 20 de agosto de 1863. No ano seguinte, em 17 de agosto de 1864, a mesma pessoa remeteu-me uma soma semelhante de 200 fr. em 1º de setembro, durante minha viagem, uma outra me remeteu 100 fr. Quando das subscrições que foram publicadas na *Revista,* várias pessoas juntaram aos envios somas de menor importância, com o emprego facultativo. Muito recentemente, em 28 de abril último, alguém me remeteu 500 fr. O total das receitas se elevou até este dia a 1 .317 fr. O total das despesas em socorros diversos, doados ou emprestados não ainda reembolsados, monta a 1 .060 fr. Resta-me atualmente em caixa 257 fr.

Alguém me perguntou um dia, sem curiosidade, bem entendido, e por puro interesse pela coisa, o que faria de um milhão se o tivesse. Respondi-lhe que hoje o seu emprego seria muito diferente do que teria sido no princípio. Outrora eu teria feito da propaganda por uma larga publicidade; agora reconheço que isto teria sido inútil, uma vez que nossos adversários dela se encarregaram às suas expensas. Colocando, então, grandes recursos à minha disposição, os Espíritos quiseram provar que o Espiritismo não devia seu sucesso senão a si mesmo, à sua própria força, e não ao emprego de meios vulgares.

Hoje que o horizonte está ampliado, que o futuro sobretudo se descortinou, as necessidades de uma ordem diferente se fazem sentir. Um capital, como aquele que supondes, receberia um emprego mais útil, sem entrar nos detalhes que seriam prematuros, direi simplesmente que uma parte serviria para converter minha propriedade numa casa especial de retiro espírita, cujos habitantes recolheriam os benefícios de nossa doutrina moral; o outro a constituir uma renda inalienável destinada 1- *à* manutenção do estabelecimento; 2- a assegurar uma existência independente àquele que me sucederá e àqueles que o ajudarão em sua missão; *3- a* subvencionar às necessidades correntes do Espiritismo, sem correr a probabilidade de produtos eventuais, como fui obrigado a fazê-lo, uma vez que a maior parte dos recursos repousa sobre meu trabalho que terá um fim.

Eis o que faria; mas se esta satisfação não me é dada, pouco me importa que seja concedida a outros. De resto, sei que, de uma maneira ou de outra, os Espíritos que dirigem o movimento proverão a todas as necessidades em tempo útil; é porque com isto não me inquieto inutilmente, e me ocupo daquilo que é para mim a coisa essencial: o arremate dos trabalhos que me restam a terminar. Isto feito, partirei quando aprouver a Deus me chamar.

Admira-se que certas pessoas altamente colocadas, e notoriamente simpáticas à idéia espírita, dela não tomem abertamente e oficialmente a causa em mão; este seria, diz-se, seu dever, uma vez que o Espiritismo é uma obra essencialmente moralizadora e humanitária. Esquece-se de que estas pessoas, pela sua própria posição, têm, mais do que as outras, que lutar contra os preconceitos que só o tempo pode fazer desaparecer, e que cairão diante do ascendente da opinião. Dizemos, além disso, que o Espiritismo está ainda no estado de esboço, e que não disse a sua última palavra; seus princípios gerais estão colocados, mas não se fez senão entrever-lhes as conseqüências, que não são *e não podem* ser ainda nitidamente definidas. Até o presente, não é senão uma doutrina filosófica da qual é preciso esperar a aplicação nas grandes questões de interesse geral; será então somente que muitas pessoas compreender-lhe-ão a verdadeira importância e utilidade e poderão se pronunciar com conhecimento de causa. Até que o Espiritismo tenha completado a sua obra, o bem que ele faz é limitado; não pode ser o fato senão de uma crença individual, e uma adesão oficial seria prematura e impossível. Então, também, muitos daqueles que o consideram, neste momento, como uma coisa fútil, mudarão forçosamente de maneira de ver e serão levados, pela própria força das coisas a dele fazer um estudo sério. Deixemo-lo, pois, crescer e não pecamos que seja homem antes de ter sido criança; não pecamos à infância o que só a idade viril pode dar.

A.K.

Nota. -Esta exposição não foi feita senão para a Sociedade, mas a inserção na *Revista* tendo sido pedida, à unanimidade e com insistência, acreditamos dever obedecer a esse desejo.

O ESPIRITISMO NO ALTO E NO BAIXO DA ESCALA.

Nada aprendemos de novo, nem de nossos irmãos em crença, nem de nossos adversários, dizendo que o Espiritismo invade todas as classes da sociedade. As duas cartas que aqui citamos têm, principalmente, por objetivo pôr em relevo a semelhança dos sentimentos que a Doutrina suscita nos dois pólos extremos da escala 'social, nos indivíduos que não têm nenhum ponto de contato, que jamais vimos, *e* que, no entanto, se encontram sobre o mesmo terreno, sem outro guia senão a leitura das obras. Um é um dignatário do império russo, o outro um simples pastor da Touraine.

Eis a primeira dessas cartas:

Senhor,

Desde o dia 23 último, formou-se em nossa cidade um grupo espírita, sob a proteção do apóstolo São Pedro. Considerando-vos, senhor, como nosso mestre em Espiritismo, me faço um dever, como presidente deste grupo, disso vos informar.

O objetivo principal que nos propomos é o alívio dos Espíritos sofredores, tanto encarnados quanto desencarnados. Nossas reuniões têm lugar duas vezes por semana. Tratamos de alcançar a unidade do pensamento, e, para a isto chegar, cada um dos assistentes, durante toda a duração da sessão, guarda o mais recolhido silêncio, e quando a questão posta aos Espíritos é lida em alta voz, cada um de nós pede mentalmente a ajuda de seu anjo protetor a fim de obter uma resposta verdadeira. Tendo, o mais freqüentemente, nas evocações, relações com Espíritos de uma ordem inferior, a dos Espíritos obsessores, e conhecendo, por experiência, a eficácia da prece em comum, com isso temos quase sempre recursos para esclarecer e aliviar esses infelizes. Nosso grupo possui muitos médiuns, mas normalmente não há senão dois ou três que escrevem em cada sessão. Além disso, temos um outro médium audiente e vidente, e um magnetizador. Prometem- nos um médium desenhista, mas, não o tendo jamais visto, não posso apreciar sua faculdade. Nosso grupo já se compõe de quarenta membros.

Há várias outras reuniões Espíritas em São Petersburgo, mas elas não têm regulamento; nosso grupo é o primeiro que está regularmente organizado e esperamos que, com a ajuda de Deus, nosso exemplo será seguido.

Estou feliz em poder vos dizer que a primeira brochura espírita, enfim, apareceu na Rússia, impressa em São Petersburgo, com a autorização da censura; é minha resposta a um artigo que o arcipreste Sr. Debolsky inseriu no jornal *Radougaf* (o Arco no céu). Até o presente nossa censura não permitia publicar senão artigos contra, mas jamais pelo Espiritismo. Pensei que a melhor refutação era a tradução de vossa brochura *O Espiritismo em sua mais simples expressão,* que fiz inserir nesse jornal.

Permiti-me, senhor, vos dirigir as comunicações mais importantes que pudemos obter, sobretudo aquelas que poderão vir em apoio da verdade e da sublimidade de nossa Doutrina?

Aceitai, etc.

O general A.de B....

O cuidado desse grupo, o objetivo todo de caridade que ele se propõe, são as melhores provas de que o Espiritismo ali é compreendido em sua verdadeira essência, e considerado sobre seu lado mais sério e o mais eminentemente prático; lá nada de curiosidade, nada de perguntas fúteis, mas a aplicação da doutrina no que ela tem de mais elevado. Uma pessoa que tem, freqüentemente, assistido a essa reunião, nos disse

que está edificada da gravidade, do recolhimento e do sentimento de verdadeira piedade que a presidem.

A carta seguinte não foi escrita a nós, mas ao presidente de um grupo espírita de Tours. Transcrevemo-la literalmente, salvo a ortografia, que foi retificada.

Caro senhor Rebondin e irmão em Deus,

Perdoai, caro senhor, se tomo a liberdade de vos escrever. Há muito tempo já tinha a intenção de fazê-lo para vos agradecer pela boa acolhida que destes, o ano passado, em me proporcionando o prazer de assistir duas vezes às vossas sessões. Sem dúvida, não vos lembrais mais de mim; mas vou vos dizer quem sou. Fui vos ver com meu antigo patrão, Sr. T...; eu era seu pastor há onze anos; hoje, acaba de se casar, e os filhos de sua mulher, percebendo que me ocupava do Espiritismo, que, segundo eles, é um estudo diabólico, fizeram tanto que foi preciso nos tirar. Sofri muito com essa separação, caro senhor, mas quero seguir as máximas de nossa santa Doutrina; meu dever é orar por todos os infelizes que ofendem o nosso divino Mestre em tudo.

Fiz todos os meus esforços, desde que conheço a Doutrina, para fazer adeptos; se encontrei obstáculos, tive a satisfação de ter levado muitas pessoas ao conhecimento do Espiritismo, que explica todas as provas que sofremos sobre esta triste Terra de amargura e de misérias. Oh! como é doce ser Espírita e praticar-lhe as virtudes! Para mim, é minha única felicidade. Vós, caro senhor, o mais devotado à santa causa, espero que não me recuseis um lugar em vosso coração. Sou tão feliz de vos conhecer, me haveis acolhido tão bem! Eis duas vezes que fui a Tours com meus dois amigos que estudam o Espiritismo com intenção de assistir às vossas sessões, mas aprendi que vossas reuniões não eram mais no domingo. Sede bastante bom para me dizer se vos reunis sempre neste dia, e permitir-me que me reúna a vós, com meus amigos, para participar em nosso benefício espiritual; causar-nos-eis uma alegria muito grande. Conto com a vossa amizade, e sou, esperando o dia em que serei tão feliz de estar reunido para praticar o amor e a caridade,

Vosso amigo, que vos ama, saudação fraternal,

PIERRE HOUDÉE, pastor.

Vê-se que não há necessidade de um diploma para compreender a Doutrina; é que, apesar de sua alta importância, ela é tão clara e tão lógica, que chega sem dificuldade a todas as inteligências, condição sem a qual nenhuma idéia pode se popularizar. Ela toca o coração: aí está o seu maior segredo, e há um coração no peito do proletário, como no de um grande senhor; o grande, como o pequeno, tem suas dores, suas amarguras, suas feridas morais para as quais pede um bálsamo e consolações que um e outro encontram na certeza do futuro, porque um e outro são iguais diante da dor e diante da morte, que fere o rico como o pobre.

Duvidamos muito que se chegue a dar, à doutrina do demônio e às chamas eternas, bastante atrativo para suplantá-la. Esse mesmo pastor fazia, freqüentemente, depois de sua jornada de trabalho, duas léguas para ir a Tours assistir a uma reunião espírita, e outro tanto para seu retorno. Quando falamos da *alta importância* da Doutrina e das consolações que ela proporciona, falamos uma linguagem incompreendida para aqueles que crêem que o Espiritismo está inteiramente nas mesas girantes, ou num fenômeno mais ou menos autêntico que amontoa os curiosos, e que é perfeitamente entendido por quem não se detém na superfície e nele não se reporta ao que ouviu dizer, e o número destes é grande.

OS ESPÍRITOS NA ESPANHA.

CURA DE UM OBSIDIADO EM BARCELONA.

Sob esse primeiro título publicamos, em setembro de 1864, um artigo em que estava provado, por fatos autênticos, que, para os Espíritos, não havia Pireneus, e que se riam mesmo dos autos-de-fé. A carta do Sr. Delanne, reportada em nosso último número, disso é uma nova prova. Ela fez sumariamente menção de uma cura de obsessão devida ao zelo e perseverança de alguns Espíritas sinceros e devotados de Barcelona. Dirigem-nos o relato detalhado dessa cura, que fazemos um dever publicar, assim como a carta que o acompanhou:

Senhor e caro mestre,

Tivemos a vantagem de ver, entre nós, nosso caro irmão em crença Sr. Delanne, e lhe demos parte de nossos fracos trabalhos, assim como de nossos esforços para proporcionar o alívio a alguns pobres pacientes que Deus consentiu nos colocar sob a mão. Entre eles estava uma mulher que foi durante quinze anos a presa de uma obsessão das mais cruéis, e que Deus nos permitiu curar. Certamente, nossa intenção não era de fazer menção disto, porque trabalhamos no silêncio, sem querer nos atribuir nenhum mérito; mas o Sr. Delanne nos tendo dito que o relato dessa cura serviria, sem dúvida, de encorajamento a outros crentes que, como nós, se devotam a essa obra de caridade, não hesitamos em vo-la dirigir. Bendizemos a mão do Senhor que nos permite provar o fruto de nossos trabalhos e dele nos dá a recompensa já neste mundo.

Durante a semana santa, foram pregados vários sermões contra o Espiritismo, dos quais um se excedia por seus absurdos. O pregador perguntava aos fiéis se ficariam satisfeitos em saber que as almas de seus parentes renasciam no corpo de um boi, de um asno, de um porco ou outro animal qualquer. Eis, disse ele, o Espiritismo, meus caros irmãos; ele é perfeito para o espírito leviano dos Franceses, mas não para vós, Espanhóis, muito sérios para admiti-lo e nele crer.

Aceitai, J. M. F.

Rose N..., casada em 1850, foi atingida, poucos dias após seu casamento, por ataques espasmódicos que se repetiam muito freqüentemente e com violência, enquanto esteve grávida. Durante sua gravidez ela não sentiu nada, mas depois do parto os mesmos acidentes se renovaram; as crises, freqüentemente, duravam três ou quatro horas, durante as quais ela fazia todas as espécies de extravagâncias, e três ou quatro pessoas bastavam com dificuldade para contê-la. Entre os médicos que foram chamados, uns diziam que era um mal nervoso, os outros que era loucura. O mesmo fenômeno se renovava a cada gravidez; quer dizer que os acidentes cessavam durante a gestação e recomeçavam depois do parto.

Isso durava há muitos anos; a pobre senhora era das de consultar uns e outros e fazer remédios que não levavam a nenhum resultado; essas pessoas corajosas estavam no fim de paciência e de recursos, a mulher ficando algumas vezes meses inteiros sem poder vagar aos cuidados de seu esposo. Às vezes, ela sentia uma melhora que fazia esperar uma cura, mas depois de algumas semanas de descanso, o mal retornava com uma recrudescência terrível.

Tendo algumas pessoas os persuadido de que um mal tão rebelde devia ser obra do demônio, eles recorreram aos exorcismos, e a paciente ia a um santuário distante vinte léguas, de onde retornava tranqüilizada em aparência; mas, ao cabo de alguns dias, o mal retornava com uma nova intensidade. Ela tornou a partir para um outro sítio afastado, onde ficou quatro meses, durante os quais ficou bastante tranqüila que se a acreditou curada; retornou, pois, para a sua família, feliz de vê-la enfim livre de sua cruel doença; mas, depois de algumas semanas, suas esperanças foram de novo frustradas; os

acessos reapareceram com mais força do que nunca. O marido e a mulher estavam desesperados.

Foi em julho último, 1864, que um de nossos amigos e irmão em crença nos deu conhecimento desse fato, nos propondo tentar aliviar, senão curar essa pobre perseguida, porque acreditava ali ver uma obsessão das mais cruéis. A doente estava então submetida a um tratamento magnético que lhe havia proporcionado um pouco de alívio, mas o magnetizador, embora Espírita, não tinha os meios de evocar o Espírito obsessor, por falta de médium, e não podia, apesar de sua boa vontade, produzir o efeito desejado. Aceitamos com zelo essa ocasião de fazer uma boa obra; reunimos vários adeptos sinceros, e fizemos vir a doente.

Alguns minutos bastaram para reconhecer a causa da doença de Rose; era, com efeito, uma obsessão das mais terríveis. Tivemos muita dificuldade em fazer o obsessor vir ao nosso chamado. Ele foi muito violento, nos respondeu algumas palavras sem nexo, e logo se lançou com uma fúria sobre sua vítima, à qual deu uma crise violenta que foi, no entanto, logo acalmada pelo magnetizador.

Na segunda sessão, que teve lugar alguns dias depois, pudemos reter por tempo mais longo o Espírito obsessor, que se mostrou, no entanto, sempre rebelde e muito cruel para com sua vítima. A terceira evocação foi mais feliz; o obsessor conversou familiarmente conosco; fizemos-lhe compreender todo o mal que fazia, perseguindo essa infeliz mulher, mas ele não queria confessar seus erros e dizia que a fazia pagar *uma dívida antiga.* Na quarta evocação, orou conosco e se lamentou de ser conduzido junto a nós contra a sua vontade; ele queria muito vir, mas de sua própria vontade. Foi o que fez na sessão seguinte; pouco a pouco, a cada nova evocação, tomávamos mais ascendência sobre ele, e acabamos por fazê-lo renunciarão mal que, depois da quarta sessão, tinha sempre diminuído, e tivemos a satisfação de ver as crises cessarem na nona. Cada vez uma magnetização de 12 a 15 minutos acalmava totalmente Rose e a deixava num estado perfeito de tranqüilidade. Desde o mês de agosto, eis disso nove meses, a doente não teve mais crises, e suas ocupações não foram interrompidas. Somente de longe em longe, ela sentia ligeiros abalos em conseqüência de algumas contrariedades, que não podia dominar; mas isso não era senão como raios sem tempestades, e para lhe demonstrar praticamente que ela não devia esquecer os bons hábitos que tinha contraído para com Deus e seus semelhantes. É preciso dizer também que ela contribuiu poderosamente para a sua cura, pela sua fé, seu fervor, sua confiança no Criador e reprimindo seu caráter naturalmente dominador. Tudo isso contribuiu para que o obsessor tomasse força sobre si mesmo, porque não a tinha bastante para alistar-se no bom caminho; ele temia as provas que deveria sofrer para merecer seu perdão. Mas, graças a Deus, e com a ajuda poderosa dos bons guias, está hoje no bom caminho e faz tudo o que pode para ser perdoado. É ele que, hoje, dá muitos bons conselhos àquela que perseguiu por tanto tempo, e que está agora robusta e alegre, como se nunca tivesse tido nada. No entanto, a cada oito dias, ela vem se submeter a uma magnetização, e, de tempos em tempos, evocamos seu antigo perseguidor para fortalecê-lo em suas boas resoluções. Eis sua última comunicação; ela é de 19 de abril de 1865:

Eis-me. Venho vos agradecer pela vossa boa perseverança a meu respeito; sem vós, sem esses bons e benevolentes Espíritos que estão presentes, eu jamais teria conhecido a felicidade que sinto agora; estagnar-me-ia ainda no mal, na miséria. Oh! sim, miséria, porque não se pode ser mais infeliz do que eu era; sempre fazer o mal, e sempre desejar fazê-lo! Quantas vezes, ai! dissestes-me que eu não sofreria mais! Agora é que vejo o quanto sofri. Neste mesmo instante eu os sinto ainda esses sofrimentos, mas não como então; hoje é do arrependimento e não da necessidade incessante de fazer o mal. Oh! que o Deus de bondade disso me preserve, e que eu seja fortalecido para não mais recair na pena. Oh! não mais dessas torturas, não mais desses males pungentes que não

deixam à alma nenhum momento de repouso. Está bem aí o inferno; está com aquele que faz o mal, como eu o fazia.

Fiz o mal por ressentimento, por vingança, por ambição! Em que ele se me tornou? Eia! repelir os bons Espíritos, não podendo compreendê-los quando se aproximavam de mim e que ouvia sua voz, porque não me era permitido vê-los; não, hoje Deus mo permitiu; é por isto que sinto um bem-estar que jamais senti; porque, embora sofra muito, entrevejo o futuro, e suporto meus sofrimentos com paciência e resignação, pedindo perdão a Deus, e assistência aos bons Espíritos por aquela que por tanto tempo persegui. Que ela me perdoe; um dia virá, logo talvez, em que poderei lhe ser útil.

Termino vos agradecendo, e vos pedindo em consentirem continuarem em vossas preces e a boa amizade que me testemunhastes, e perdoar-me a dificuldade que vos ocasionei. Oh! obrigado, obrigado! Não podeis saber o quanto meu Espírito está reconhecido pelo bem que me fizestes. Pedi a Deus para que ele me perdoe, e aos bons Espíritos para que estejam comigo, afim de me ajudarem e de me fortalecerem. Adeus.

PEDRO.

Depois desta comunicação, recebemos de nossos guias espirituais a que segue:

A cura chega ao fim; agradecei a Deus que consentiu satisfazer vossas preces e se servir de vós para que um inimigo obstinado tenha se tornado hoje um amigo; porque, estejais seguros que esse Espírito fará um dia tudo o que puder por essa pobre família, que por tão longo tempo atormentou. Mas vós, caros filhos, não abandoneis nem o perseguidor nem a perseguida; ambos têm ainda necessidade de vossa assistência: um para sustentá-lo no bom caminho que tomou; evocando-o, algumas vezes, aumentareis a sua coragem; a outra, para dissipar totalmente o fluido malsão que por tanto tempo a envolveu; fazei-lhe, de tempos em tempos, uma abundante magnetização, sem isto ela se encontraria ainda exposta à influência de outros Espíritos malévolos, porque sabeis que não faltam deles e teríeis que lamentá-los. Coragem, pois; acabai, completai vossa obra, e preparai-vos para aquelas que vos estão ainda reservadas. Sede firmes; vossa tarefa é espinhosa, é verdade, mas também, se não vos dobrardes, quão grande será para vós a recompensa disto!

VOSSOS GUIAS.

Não basta reportar fatos mais ou menos interessantes; o essencial é deles tirar uma instrução, sem isto são sem proveito. Foi pelos fatos que o Espiritismo se constituiu em ciência e em doutrina; mas se se tivesse limitado a constatá-los e a registrá-los, não estaríamos mais avançados do que no primeiro dia. Em Espiritismo, como em toda ciência, há sempre a aprender; ora, é pelo estudo, a observação e a dedução dos fatos que se aprende. É por isto que fazemos, quando isso ocorre, seguir aqueles que citamos que nos sugerem, seja que venham confirmar um princípio conhecido, seja que servem de elemento a um princípio novo. É, em nossa opinião, o meio de cativar a atenção das pessoas sérias.

Uma primeira observação a fazer sobre a carta relatada acima, é que, a exemplo daqueles que compreendem a Doutrina em sua pureza, esses adeptos fazem a abnegação de todo amor-próprio; não fazem exibição e não procuram pela glória; eles fazem o bem sem ostentação, e sem se vangloriarem das curas que obtêm, porque sabem que não as devem nem ao seu talento, nem ao seu mérito pessoal, e que Deus pode lhes retirar esse favor quando lhe aprouver; não é nenhuma reputação nem uma clientela que procuram; encontram sua recompensa na satisfação de terem aliviado um aflito, e não no vão sufrágio dos homens. É o meio de se conciliar o apoio dos bons Espíritos que abandonam o orgulho aos Espíritos orgulhosos.

Os fatos de curas como este, como os de Marmande e outros não menos meritórios, sem dúvida, são um encorajamento; são também excelentes lições práticas que mostram a quais resultados se podem chegar pela fé, pela perseverança, e uma sábia e inteligente direção; mas o que não é um menor bom ensinamento é o exemplo da modéstia, da humildade e do completo desinteresse moral e material. E nos centros animados de tais sentimentos que se obtêm esses maravilhosos resultados, porque ali se é verdadeiramente forte contra os maus Espíritos. Não é menos a observar que desde que o orgulho ali penetre, desde que o bem ali não seja mais feito exclusivamente pelo bem, e que se procure a satisfação do amor-próprio, a força declina.

Notamos igualmente que é nos centros verdadeiramente sérios que se fazem mais adeptos sinceros, porque os assistentes são tocados pela boa impressão que recebem, ao passo que nos centros levianos e frívolos, não se é atraído senão pela curiosidade, que não é mesmo sempre satisfeita. É compreender o verdadeiro objetivo da Doutrina empregá-la em fazer o bem aos desencarnados como aos encarnados; é pouco recreativo para certas pessoas, é preciso nisso convir, mas é mais meritório para aqueles que a ela se devotam. Também estamos felizes de ver se multiplicarem os centros que se entregam a esse úteis trabalhos; ali a gente se instrui tudo prestando serviço, e os assuntos de estudo não lhes faltam. São os mais sólidos sustentáculos da Doutrina.

Não é um fato muito característico ver, nas duas extremidades da Europa, no norte da Rússia e no sul da Espanha, reuniões espíritas animadas pelo mesmo pensamento de fazer o bem, que agem sob o impulso dos mesmos sentimentos de caridade para com seus irmãos? Não é o indício da irresistível força moral da Doutrina que vence todos os obstáculos e não conhece barreiras?

Em verdade, é preciso estar muito desprovido de boas razões para combatê-la, quando ali se está reduzido aos tristes expedientes empregados pelo pregador de Barcelona, citado mais acima; seria perder seu tempo refutá-los; não há senão que lamentar aqueles que se deixam ir a semelhantes aberrações, que provam ou a ignorância mais cega, ou a mais insigne má-fé. Mas disso não ressalta menos uma importante instrução. Suponhamos que a senhora Rose tenha dado fé às afirmações do pregador e que ela tivesse repelido o Espiritismo, o que adviria disto? Ela não teria sido curada; teria caído na miséria por falta de poder trabalhar; ela e seu marido talvez tivessem amaldiçoado Deus, ao passo que o bendizem agora, e o Espírito mau não teria se convertido ao bem; do ponto de vista teológico, são três almas salvas pelo Espiritismo, e que o pregador teria deixado se perder.

Ao ver os primeiros sintomas do mal, compreende-se que a ciência haja podido se enganar, porque tinha todas as características de um caso patológico. No entanto, não o era; só o Espiritismo podia descobrir-lhe a verdadeira causa, e a prova disto é que a ciência, com seus remédios, foi impotente durante muitos anos, ao passo que, em alguns dias, ele triunfou sem medicamentos, somente com a moralização do ser perverso que lhe era o autor. O fato aí está, e milhares de fatos semelhantes. Que dizem deles os incrédulos? É o acaso, a força da Natureza; a doente devia curar-se. E certos padres? dizemos certos padres intencionalmente, porque todos não pensam do mesmo modo: Essa mulher foi curada pelo demônio, e valeria mais para a salvação da sua alma que ela ficasse doente. A senhora Rose não é desta opinião; como ela disso agradece a Deus e não ao demônio, ela ora e faz boas obras, não crê de nenhum modo sua salvação comprometida; em segundo lugar, ela gosta mais de estar curada e trabalhar para alimentar seus filhos do que vê-los morrer de fome. Na nossa opinião, Deus é a fonte de todo o bem.

Mas se o diabo é o verdadeiro autor em todos os casos de obsessão, de onde vem a impotência dos exorcismos? É um fato positivo que, não só em semelhante caso, o exorcismo sempre fracassou, mas que as cerimônias desse gênero têm sido sempre seguidas de recrudescência no mal; Morzines disto oferece memoráveis exemplos. O

diabo é, pois, mais poderoso do que Deus, uma vez que resiste aos seus ministros, àqueles que lhe opõem as coisas santas? E, no entanto, os Espíritas, quem invocam? de quem solicitam o apoio? De Deus. Por que, com a mesma assistência, triunfam, enquanto os outros fracassam? Eis a razão:

Primeiro, o retorno do obsessor ao bem, e, por conseqüência, a cura do doente, o que *é* um fato material, provando que não é o demônio, mas um mau Espírito suscetível de se melhorar. Em segundo lugar, no exorcisimo não se lhe opõem senão palavras e sinais materiais em virtude dos quais se tem a fé, mas dos quais o Espírito não toma em nenhuma conta; irrita-se, se o ameaça, se o maldiz, desejando-lhe as chamas eternas; se quer domá-lo pela força, e, como ele é imperceptível, disso se ri e vos escapa, e quer vos provar que é mais forte do que vós. Pelo Espiritismo, se lhe fala com doçura, procura-se fazer vibrar nele a corda do sentimento; mostra-se-lhe a misericórdia de Deus; se lhe faz entrever a esperança, *e se o* conduz muito brandamente ao bem; eis todo o segredo.

O fato acima apresenta um caso particular, é o da suspensão das crises durante a gravidez. De onde vem isto? Que a ciência o explique, se o pode; eis a razão que disso dá o Espiritismo. O doente não tinha nenhuma loucura, nem uma afecção nervosa; a cura lhe é a prova: era bem uma obsessão. O Espírito obsessor exercia uma vingança; Deus o permite para servir de prova e expiação à mãe e, além disto, porque, mais tarde, a cura desta deveria levar à melhoria do Espírito. Mas as crises, durante a gravidez, podiam prejudicar a criança; Deus consentiu que a mãe fosse punida do mal que havia podido fazer, mas não queria que o ser inocente que ela carregava, com isso sofresse; foi por isto que toda liberdade de ação foi tirada, durante esse tempo, aos seus perseguidores.

Quanto o Espiritismo explica coisas para aquele que quer estudar e observar! Que horizontes abrirá à ciência, quando esta se der conta do elemento espiritual! Quanto aqueles, que não o vêem senão nas manifestação curiosas estão longe de compreendê-lo!

OS DOIS ESPIÕES.

Um de nossos correspondentes, de São Petersburgo, nos dirige a tradução de um artigo publicado contra o Espiritismo, num jornal religioso dessa cidade: *Doukhownaia Beceda* (Conversas religiosas). É um relato fornecido por duas pessoas jovens de Moscou, Srs***, que se apresentaram entre nós em novembro último, sob as aparências de homens da melhor companhia, se dizendo muito simpáticos ao Espiritismo, e que foram recebidos com as considerações que mandavam suas qualidades de estrangeiros. Absolutamente nada, em suas palavras nem em suas maneiras, traía a intenção que os trazia; era preciso que isso fosse assim para desempenhar seu papel e cumprir a missão da qual estavam encarregados. Certamente, nossos adversários da França nos habituaram a relatórios que não brilham pela exatidão, em matéria de Espiritismo; mas lhes devemos esta justiça de que nenhum, pelo menos do nosso conhecimento, levou a calúnia tão longe. Isto teria sido difícil num jornal francês, porque a lei protege contra tais abusos, mas também porque muitas testemunhas oculares viriam constatar a verdade; mas, a seiscentas léguas, num país estranho e numa língua aqui desconhecida, isso era mais fácil. Devemos aos numerosos adeptos da Rússia uma refutação desse ignóbil panfleto, cujos autores são tanto mais repreensíveis quanto abusaram da confiança que haviam procurado inspirar. Introduzindo-se sob falsas aparências, como emissários de um partido, numa casa particular e numa reunião toda privada, que nunca é aberta ao público, e onde não se é admitido senão sob recomendação, para entregar à publicidade um relatório desfigurado e ultrajante, coloca-se abaixo dos espiões, porque os espiões, ao menos, dão uma conta exata daquilo que viram. É lamentável que isto seja ainda em

nome da religião que se façam semelhantes coisas e que se as crê necessárias à sua sustentação. Não será portais meios que se arruinará jamais o Espiritismo; se o engrandece pelo ódio que se lhe leva. Assim o foi com o Cristianismo em seu início; perseguindo-o, seus adversários trabalharam pela sua consolidação. Mas nessa época não se tinha a publicidade, e a calúnia podia manter-se por muito tempo; hoje a verdade se faz luz prontamente, e quando se diz maldosamente que uma coisa é negra, todos podem encontrar ao seu lado a prova de que ela é branca, e o odioso da calúnia recai sobre seus autores.

As reflexões do jornal são as de todos os detratores que pertencem à mesma opinião; foram refutadas tantas vezes que seria inútil a isto retornar. No entanto, citaremos a passagem seguinte:

"Os Espíritas, com efeito, estão em comunicação direta com o mundo dos Espíritos, a tal ponto que os mais altos e mais sagrados personagens vêm ao seu chamado *ad libítum* ao capricho dos médiuns, como ao som de uma campainha? Não há aqui do charlatanismo e do embuste grosseiro, não da parte dos Espíritos que Allan Kardec ensina tão bem a distinguir, mas da parte do próprio chefe dessa mesma seita, tão sedutora para a imaginação de seus adeptos inexperientes? Duas cartas aqui reunidas, de Paris, provindas de pessoas *dignas de fé,* mas que não quiseram se nomear, podem dar uma resposta suficiente a essa delicada questão."

O Espiritismo jamais disse que os Espíritos, quaisquer que sejam, viessem à vontade de um médium qualquer; ao contrário, diz que eles não estão às ordens de ninguém; que vêm quando querem e quando o podem; faz mais, uma vez que demonstra as causas materiais que se opõem a que um Espírito se manifeste ao primeiro que chegue.

Se a comunicação dos Espíritos não é senão uma idéia sem fundamento e uma encenação, uma única pessoa dela deveria ter o monopólio; como ocorre que a sua realidade seja constatada há anos por milhões de indivíduos, de todas as classes e de toda idade, em todos os países? Todo o mundo desempenha, pois, a comédia desde os príncipes até os plebeus, e isto em proveito de quem? O que é mais bizarro ainda, é que essa comédia leva a Deus os incrédulos, e faz orar aqueles que se riam da prece. Jamais se viram espetáculos de escamotagem produzir resultados tão sérios.

Quanto às cartas dos dois emissários, seria supérfluo realçar as tolas e grosseiras injúrias que elas encerram; bastar-nos-á citar alguns erros materiais para mostrar a fé que merece seu relatório sobre o resto.

Na hora convencionada, fomos nos recomendar a Allan Kardec. Ele mora numa das passagens constantemente cheias pela multidão. Uma inscrição em grandes letras anuncia que é lá que se realizam os mistérios do Espiritismo.

Debaixo da escada, há um pequeno escudo com estas palavras: *Revista Espírita, no segundo,* porque lá está o escritório do jornal, e que todo jornal estando sujeito ao público, deve indicar seu domicílio. Abaixo está escrito: *Sala de cursos,* porque a sala das sessões estava primitivamente destinada a cursos diversos, que jamais ocorreram desde que habitamos esse local. Nada há lá que anuncie a realização de mistérios quaisquer. Aí está uma primeira invenção desses senhores tão dignos de fé.

Eram cinco horas da tarde; estava sombrio e o Espírita não tinha luz. Por alamedas tortuosas fomos introduzido em seu escritório.

Os visitantes jamais foram introduzidos em meu escritório, mas num salão de recepção que, sem dúvida, não é o de um palácio, mas onde aqueles que não o acham dignos deles estão perfeitamente livres de retornar.

Depois de nos ter convidado para sentar, pôs-se a continuar a conversa com um jovem nosso desconhecido. As palavras deste último nos fizeram compreender que era um médium recente, que se achava obsidiado pela força impura que lhe dá respostas sob

a máscara de puros Espíritos; que de início as respostas são veladas por uma inocência perfeita, mas que, em seguida, o diabo se trai pouco a pouco. A voz, o ar aturdido do jovem, tudo denotava uma violenta agitação. O Espírita respondeu que uma pureza moral da vida, a moderação, eram necessárias para se comunicar com os Espíritos, e assim por diante; que no começo o médium comumente é perseguido pelos maus Espíritos, mas que depois chega aos bons. O tom desse discurso era o de um mestre ou de um preceptor. *Não há dúvida* de que tudo isso não era senão uma comédia encenada em nossa presença.

Esse jovem, nos lembramos, era simples operário que vinha nos pedir conselhos, como isto ocorre freqüentemente. *Continuamos* nossa conversa com ele, porque aos nossos olhos um operário, homem honesto, tem direito a tanto mais considerações quanto sua posição seja mais humilde. É possível que isto não seja as idéias desses senhores, mas aqui virão quando, numa outra existência, se encontrarem na condição daqueles que tratam hoje com altivez. Quanto à comédia que, *ele não tem dúvida,* era encenada por eles, e é bastante singular que ela fosse preparada por eles quando não os esperávamos. Em sua chegada, o jovem estava só; uma vez que *continuamos a* conversa, é que ela tinha começado; então desempenhamos a comédia a dois. Em todos os casos, ela nada tinha de muito interessante, e quando se fez tanto, fez-se alguma coisa melhor.

Graças a uma obscuridade interessante, o mestre não estava visível. Ele se dirigia a nós por uma pergunta que sondava nossa crença em Espiritismo, seu desenvolvimento em Moscou e assim por diante. Ele procedia com muita reserva até que conheceu nosso desejo. Nos foi trazida uma lâmpada; então, nos vimos diante de um senhor bastante corpulento, idoso, com a fisionomia bastante indulgente, os olhos singulares; eles penetravam, por assim dizer, o indivíduo: é o primeiro olhar, e, em segundo lugar, estavam marcados com uma certa fantasia. Olhei por muito tempo seus olhos notáveis ao mais alto grau em sua fisionomia comum.

Não sei porque atraí sua atenção, de sorte que me perguntou várias vezes se eu não era médium. Nossa conversa provando-lhe nosso *conhecimento em matéria de Espiritismo,* ele começou a se tornar mais comunicativo.

Vê-se qual era seu saber em Espiritismo e sobretudo sua sinceridade. Se, por uma linguagem astuciosa, acreditavam nos enganar, foram eles que encenaram a comédia.

Pôs-se afalar, em termos obscuros, da alma e dos Espíritos; sua voz foi primeiro calma, mas terminou seu discurso com uma ênfase singular. Tendo-lhe sido perguntado como distingue os bons Espíritos dos maus, respondeu que se punha preliminarmente cada Espírito *à* prova; *se o Espírito não contradissesse as opiniões morais e religiosas dos Espíritas, era anotado como puro Espírito.* À minha pergunta: por que não se ocupava senão da solução das questões morais *e* não tocava nem as questões científicas, nem as questões *políticas* (esta pergunta o desagradou visivelmente, ele respondeu alguma coisa neste gênero: que os Espíritos com isso não se misturam. A política, geralmente, é o terreno perigoso sobre o qual os falsos irmãos procuram conduzir os Espíritas. A moral, segundo eles, é coisa muito banal e muito vulgar; isso é muito repetido; é preciso do positivo. Um indivíduo decorado que tinha, sob uma aparência enganosa, se introduzido num grupo de operários, em Lyon, onde se encontravam também alguns militares, colocou esta pergunta: "O que é que os Espíritos pensam de Henri V?" A resposta dos Espíritos e do assistente não lhe deu desejo de recomeçar nem de retornar.

Depois de uma certa *hesitação,* nos *permitiu,* sexta-feira *à* noite, assistir *a* uma reunião dos Espíritas. Propunha-se questionar um coronel da guarda falecido há pouco, precedentemente médium. Dissemos-lhe adeus. A noite de sexta-feira me interessa e vos darei conta de tudo aquilo que ouvir e ver. Diz-se, no entanto, que ele toma *cem francos* por cada sessão. Se for verdade, me será, bem entendido, impossível ouvir e ver. *Eu sacrificarei dez francos,* mas não mais. Paris 2/14 de novembro de 1864.

Independentemente de nossos princípios muito conhecidos e nitidamente formulados nas obras, no fato de exploração do Espiritismo sob uma forma qualquer, mais de seis mil ouvintes que foram admitidos nas sessões da Sociedade Espírita de Paris desde a sua fundação, em 1[5] de abril de 1858, podem dizer se jamais um único pagou a menor das coisas como retribuição obrigatória ou *facultativa;* se mesmo foi imposto a quem quer que seja, como condição de admissão, a compra de um único livro ou assinatura de Revista. Quando se explora o público, não é difícil sobre a escolha; visa-se o número. Não se conceberia, pois, *a hesitação* em admitir esses senhores; em lugar de lhes *permitir* virem, se lhes teria solicitado. Só por essas palavras eles se traem; mas não se pensa em tudo.

Desde o instante que tinham, supostamente, ouvido dizer que se pagaria cem francos por pessoa, e que não consentiam em lhe dar senão dez, como ocorre que não lhe sejam asseguradas durante a sessão? Era muito natural, necessário mesmo, nos perguntar para não ser apanhado de surpresa ao chegar. Há aqui uma insinuação pérfida, mas inábil. No relato que fazem da sessão a que assistiram, não falam de pagamento; ora, tendo dito que sacr//7carámdezfrancos, dão a entender que não lhes custou nada. Recuaram diante de uma afirmação; mas disseram a si mesmos: "Lancemos a idéia, dela restará sempre alguma coisa;" mas quando ela não tem nada, nada pode restar. Sim, dela resta alguma coisa: a vergonha para o mentiroso.

De resto, não é a primeira vez que a malevolência e o ciúme empregaram esse meio para procurar desacreditar a Sociedade na opinião. Recentemente, em Nantes, um indivíduo afirmava que as entradas ali eram a cinco francos o lugar. Seria singular que, depois de oito anos que ela existe, não se saiba ainda se faz pagar 100 francos ou 5 francos. Em verdade, é preciso estar muito cego pelo desejo de prejudicar para crer enganar o público num fato tão material que recebe cada dia um desmentido, seja pelas pessoas que a ela assistem, seja pelos princípios que ela professa e que estão formulados inequivocamente em nossos escritos.

Dessa calúnia, no entanto, ressalta uma instrução. Do momento em que nossos adversários crêem desacreditar a Sociedade dizendo que ela faz os visitantes contribuírem, é que consideram como mais honroso não fazer ninguém pagar; ora, uma vez que ela nada exige, que em lugar de visar ao número dos ouvintes, ela o restringe tanto quanto possível, é que não especula sobre eles; põe fim assim a toda suspeição de charlatanismo.

A circunstância do coronel que deveria ser evocado nos colocou no caminho da sessão à qual esses senhores assistiram; seu verdadeiro nome, não se encontrando na lista desse dia, tivemos por isso mesmo a prova de que se apresentaram sob um nome falso. Isso foi tanto mais fácil verificar, quanto naquele dia era uma sessão particular reservada aos membros da Sociedade, e na qual não tinham sido admitidos, por exceção, senão quatro ou cinco estrangeiros de passagem por Paris. Em nos enviando seu nome verdadeiro, nosso correspondente nos mostra que são os filhos de um alto funcionário eclesiástico russo.

Sexta-feira passada, às oito horas da noite, fomos à sessão da Sociedade Espírita. Chegamos cedo; os membros ainda não eram numerosos, de maneira que pudemos examinar bastante minuciosamente a sociedade. Um quarto bem grande continha várias fileiras de cadeiras. Do lado de uma das paredes encontrava-se uma mesa coberta com um pano verde, ao redor da qual as cadeiras estavam colocadas para os membros principais da Sociedade. Sobre a mesa se encontrava depositado um monte de papel branco e um montão de lápis apontados; nada mais. Acima da mesa pendia a imagem do Salvador abençoado.

Uma investigação tão minuciosa e levada até ao exame dos papéis, é sofrivelmente indiscreta da parte de pessoas que se dizem fidalgas e admitidas por favor numa casa particular, e numa reunião que nada tem de pública.

Não há absolutamente nada suspenso acima da mesa. Contra a parede há uma pequena estatueta de São Luís, em roupa de rei, presidente espiritual da Sociedade, e que esses senhores, parece, tomaram pelo Cristo.

As paredes estavam ocupadas por quadros singulares. Examinei-os nos detalhes; o maior, pintado a carvão, representa um caixão com correntes caídas ao seu redor; um sítio singular com plantas fantásticas cercava o caixão. Uma inscrição explica que esse quadro foi pintado por *Allan Kardec.*

Esse quadro alegórico *é o do* qual falamos na Revista de novembro de 1862, página 347. Não há nem correntes nem plantas de nenhuma espécie. Embaixo há uma legenda que lhe dá a explicação, com esta inscrição aposta sobre o próprio quadro, e em evidência; "Pintura mediúnica. Quadro alegórico do advento e do triunfo do Espiritismo; pintado pelo Sr. *V..., jovem aluno em farmácia,* sem nenhum conhecimento da pintura nem do desenho. Lyon." Não sabemos como esses senhores puderam ver nessas palavras, que o quadro foi pintado por Allan Kardec. Isto dá a medida da exatidão de seu relatório, e da confiança que merece o resto.

Mais longe, toda uma série de quadros ou desenhos, não sei mais como chamá-los, feitos por diversas pessoas sob a influência dos Espíritos. Não posso vos dizer a impressão que produziram sobre mim todos esses quadros. Examinei-me, examinei-me severamente, e achei que a posição do meu Espírito nesse momento era perfeitamente tranqüila, cheia de sangue frio, de forma que a impressão que eu sentia à frente desses quadro era independente de minha imaginação. Esses quadros ou desenhos representam uma reunião insólita de linhas, pontos, círculos, uma reunião original que não tem nenhuma semelhança com o que quer que seja. Todos eles têm um certo gênero particular, sua independência em comum, mas completamente indefinível. Dir-se-ia que nada há de particular nesses pontos e linhas, e, no entanto, a impressão que deixam é uma das mais desagradáveis, semelhante a um pesadelo cansativo. Em uma palavra, esses desenhos não se parecem em nada com aquilo que sempre pudemos ver e, para mim, são repugnantes.

Nessa coleção de desenhos medianímicos se encontram: a casa de Mozart .publicada na Revista de agosto de 1858, e que todo mundo o conhece; uma cabeça de Cristo feita no México, e de um tipo admirado por todos conhecedores; um outro Cristo coroado de espinhos, modelado em terra da Sociedade Espírita de Madrid, e de uma execução notável; duas soberbas cabeças de mulher de perfil grego, desenhadas na Sociedade Espírita de Constantinopla; uma paisagem desenhada pela pluma do Sr. Jaubert, vice-presidente do tribunal de Carcassonne e que um artista consumado assinaria, etc. Eis as linhas e os pontos que turbilhonaram aos olhos desses senhores de maneira tão desagradável e tão repugnante. Estaríamos verdadeiramente tentados em crer que um Espírito maligno fascinou-os de maneira a ver tudo ao reverso, a fim de tornar seu relatório mais pitoresco.

Enfim, os membros da Sociedade se parecem em torno de setenta. Como nas sociedades verdadeiras, havia lá também secretários. Leu-se primeiro um capítulo do Evangelho; em seguida a ata da sessão precedente. Confesso que não havia meio de escutar, sem rir, as diferentes informações. Por exemplo, em Lyon, um Espírito disse asneiras, por isso determinou-se excluí-lo do número dos Espíritos de boa conduta.

Em seguida, leu-se a necrologia do coronel espírita que deveria ser evocado durante essa sessão. Antes ele foi são-simoniano. Allan Kardec disse à Sociedade que lhe proporia perguntas sobre a relação do Espiritismo e do são-simonismo. Um dos assistentes querendo fazer algumas perguntas, mas o mestre declarou que os outros não devem *se meter* ali onde não são chamados.

Eu esperava sempre que se anunciasse *o aparelho* que deveria escrever, mas me enganava; Allan Kardec soou *a campainha,* e nos chegou da antecâmara um jovem com fisionomia de *velhaco,* em uma palavra, preparado, por um quarto de rubro, a ensinar de

cor, fosse mesmo um meio livro, todas as espécies de absurdos. Foi-nos dito que era um médium.

Aqui não são mais simples inexatidões, é o cinismo da injúria e do ultraje. Basta citar tais palavras para difamá-las. Na França seus autores teriam sido justiçados pelos tribunais. Em matéria de inexatidão, diremos somente que, desde que a Sociedade existe, jamais houve uma campainha sobre a escrivaninha, e, por conseguinte, não teríamos podido soar. Os ouvidos desses senhores tilintaram, como seus olhos tiveram miragem olhando os desenhos e a estatueta de São Luís.

O público, na maioria de velhos, era característico; quase a metade consistia em semi-loucos. As pessoas jovens, extasiadas e despenteadas, seguiam muito atentas os movimentos do médium, e se achavam lá pessoas tão cegamente crentes, que era mesmo um pecado delas rir; não se podia senão lamentá-las.

Parece que é um pecado menor de mentir. É verdade que certas pessoas pensam que toda mentira feita por um bom motivo é desculpável; ora, denegrir o Espiritismo para alguns é um excelente motivo.

Que respondeu o Espírito? Ele respondeu, pela tagarelice de Allan Kardec que se pode admirar em suas obras.

O Espírito de que se trata é o do Sr. Bruneau, membro da Sociedade Espírita, antigo aluno da escola politécnica e coronel de artilharia, morto muito recentemente. Pode-se ver a ata de sua evocação na Revista de dezembro de 1864.

Allan Kardec *propôs evocar uma criança são-simoniana.*

Havia nesse dia na mesa não um, mas oito médiuns. Como se acabara de evocar o Sr. Bruneau, que fora são-simoniano e que se tinha sobre ele falado dessa doutrina, seu antigo chefe, o Padre Enfantin, se comunicou espontaneamente, e sem evocação, por um dos médiuns, e tomou parte na discussão. Foi, pois, o *Padre Enfantin* que o fiel narrador tomou por uma criança são-simoniana.

Quanto a nós, ficamos aborrecidos quanto desgostosos pelo aspecto de todas essas *pessoas;* nos levantamos e nos fomos dali. Assim acabou nossa visita espírita. No entanto, não pude me dar bem conta se é *trapaça ou loucura.* Mas, bastante! Paris, 9/21 de novembro de 1864.

O redator do jornal acrescenta: a pessoa que nos proporcionou essas duas cartas interessantes termina-as com a observação seguinte: "O relato *consciencioso* do testemunho ocular é muito importante, ainda mesmo que não explique tudo. Foi por esta razão que pensamos que o extrato atual não será desprovido de utilidade para as pessoas muito crédulas em fato de comunicação com os Espíritos."

As reflexões às quais os fatos da natureza deste dão lugar estão resumidas no artigo seguinte.

NOVA TÁTICA DOS ADVERSÁRIOS DO ESPIRITISMO.

Nenhuma doutrina filosófica dos tempos modernos jamais causou tanta emoção quanto o Espiritismo, jamais alguma foi atacada com tanta obstinação; está aí a prova evidente de que se lhe reconhece mais vitalidade e raízes mais profundas do que às outras, porque não se toma a picareta para arrancar um talo de erva. Os Espíritas, longe de se amedrontarem com isso, devem se rejubilar, uma vez que isso prova a importância e a verdade da Doutrina. Se esta não fosse senão uma idéia efêmera e sem consistência, uma mosca que voa não se lhe atiraria uma bala de canhão vermelha; se ela fosse falsa, seria atacada vivamente com argumentos sólidos que não lhe teriam deixado triunfar; mas, uma vez que nenhum daqueles que se lhe opõe, puderam detê-la, é que ninguém encontrou o defeito da couraça; no entanto, não foi nem o talento nem a boa vontade que faltaram aos seus antagonistas.

Nesse vasto torneio de idéias, onde o passado entra em luta com o futuro, e que tem por campo fechado o mundo inteiro, o grande júri é a opinião pública; ela escuta o pró e o contra; ela julga o valor dos meios de ataque e de defesa, e se pronuncia por aquele que dá as melhores razões. Se um dos dois combatentes emprega armas desleais, é logo condenado; ora, há de mais desleais do que a mentira, a calúnia e a traição? Recorrer a semelhantes meios, é se confessar *vencido pela lógica; a* causa que fica reduzida a tais expedientes é uma causa perdida; não é um homem, nem alguns homens que pronunciam a sua sentença, é a Humanidade que a força das coisas e a consciência do bem arrastam para o que é mais justo e mais racional.

Vede, na história do mundo, se uma única idéia grande e verdadeira não triunfou sempre, alguma coisa que se haja feito para entravá-la. O Espiritismo nos apresenta, sob esse aspecto um fato inaudito, é o de uma rapidez de propagação sem exemplo. Esta rapidez é tal que seus próprios adversários estão aturdidos; também atacam-no com o furor cego de combatentes que perdem seu sangue frio, e se espetam em suas próprias armas.

No entanto, a luta está longe de terminar: é preciso, ao contrário, esperar vê-la tomar maiores proporções e um outro caráter. Seria por muito prodigioso e contrário ao estado atual da Humanidade, que uma doutrina que leva em si o germe de toda uma renovação, se estabeleça pacificamente em alguns anos. Ainda uma vez, não nos lamentemos disto; quanto mais a luta for rude, mais o triunfo será brilhante. Ninguém duvida que o Espiritismo cresceu pela oposição que se lhe fez; deixemos, pois, esta oposição esgotar seus recursos: ela não o engrandecerá senão mais quando tiver revelado sua própria fraqueza a todos os homens. O campo de combate do Cristianismo nascente era circunscrito; o do Espiritismo se estende sobre toda a superfície da Terra. O Cristianismo não pôde ser abafado sob as ondas de sangue; ele cresceu por seus mártires, como *a* liberdade dos povos, porque era uma verdade. O Espiritismo, que é o Cristianismo apropriado ao desenvolvimento da inteligência e livre dos abusos, crescerá mesmo sob a perseguição, porque ele também é uma verdade.

A força aberta é reconhecida impotente contra a idéia espírita, mesmo nos países onde ela se exerce com toda a liberdade; a experiência aí está para atestá-lo. Comprimindo a idéia sobre um ponto se a faz jorrar de todos os lados; uma compressão geral fá-la-ia explodir. No entanto, nossos adversários não renunciaram a isso; à espera, recorreram a uma outra tática: a das manobras surdas.

Muitas vezes já tentaram, e o farão ainda, comprometer a Doutrina empurrando-a para um caminho perigoso ou ridículo para desacreditá-la. Hoje é semeando sorrateiramente a divisão, lançando tochas de discórdia que esperam lançar a dúvida e a incerteza nos espíritos, provocar fraquezas verdadeiras ou *simuladas e* pôr em confusão os adeptos. Mas não são os adversários confessos que poderiam agir assim; o Espiritismo, cujo início tem tantos pontos semelhantes com os do Cristianismo, deve também ter seus Judas, para que haja a glória de sair triunfante dessa nova prova. Às vezes, o dinheiro é um argumento que substitui a lógica. Não se viu uma mulher que confessou ter recebido 50 fr. para simular a loucura depois de ter assistido a uma única reunião espírita?

Não foi, pois, sem razão que, na *Revista* de março de 1863, publicamos o artigo sobre os *falsos irmãos;* esse artigo não agradou todo o mundo, e mais de um nele quis ver mais claro e quis abrir os olhos aos outros, todos nos apertando a mão em sinal de aprovação, do qual não fôramos o ingênuo. Mas que importa! Nosso dever é de premunir os Espíritas sinceros contra as armadilhas que lhes são estendidas. Quanto àqueles que os princípios muito rigorosos para eles sobre este ponto como sobre vários outros, nos alienaram, é que sua simpatia estava na superfície e não no fundo dos corações, e não temos nenhuma razão para disso celebrar. Temos a nos ocupar com coisas mais importantes do que da sua boa ou má vontade a nosso respeito. O presente é fugidio;

amanhã não será mais; para nós, ele não é nada; o futuro é tudo, e é para o futuro que trabalhamos. Sabemos que as simpatias verdadeiras nele nos seguirão; as que estão à mercê de um interesse material frustrado, ou de um amor-próprio insatisfeito, não merecem esse nome.

Quem toma seu ponto de vista fora da esfera estreita do presente não é mais perturbado pelas mesquinhas intrigas que se agitam ao seu redor; é o que nos esforçamos por fazer, e é o que aconselhamos àqueles que querem ter paz da alma neste mundo. (O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. II, *n-* 15.)

A idéia espírita, como todas as idéias novas, não podia deixar de ser explorada por pessoas que, não tendo triunfado em nada por má conduta ou incapacidade, estão à espreita daquilo que é novo, na esperança de nele encontrar uma mina mais produtiva e mais fácil; se o sucesso não responde à sua espera, não se deve a eles, mas à coisa que declaram ser má. Essas pessoas não têm de espíritas senão o nome. Melhor do que quer que seja, pudemos ver essa astúcia, tendo sido muitas vezes o alvo de mira dessas explorações, às quais não quisemos apertar a mão o que não nos fez amigos.

Retornemos ao nosso assunto. O Espiritismo, nós o repetimos, tem ainda que passar por rudes provas, e é aí que Deus reconhece seus verdadeiros servidores pela sua coragem, pela sua firmeza e pela sua perseverança. Aqueles que um medo ou uma decepção abalassem são como esses soldados que não têm coragem senão em tempo de paz, e dão no pé ao primeiro tiro. No entanto, a maior prova não será a perseguição, mas o conflito das idéias que será suscitado e com a ajuda do qual se espera romper a falange dos adeptos e impondo-lhe uma unidade que se faz na Doutrina.

Esse conflito, embora provocado numa má intenção, que vem dos homens ou dos maus Espíritos, é no entanto necessário e devendo trazer uma perturbação momentânea em algumas consciências fracas, terá por resultado definitivo a consolidação da unidade. Em todas as coisas, não é preciso julgar os pontos isolados, mas ver o conjunto. É útil que todas as idéias, mesmo as mais contraditórias e mais excêntricas, apareçam; elas provocam o exame e o julgamento, e se são falsas o bom senso lhes fará justiça; tombarão forçosamente diante da prova decisiva do controle universal, como tantas outras já tombaram. É este o grande critério que fez a unidade atual; é o que a arrematará, porque é o crivo que deve separar o bom e o mau grão, e a verdade nele não será senão mais brilhante quando sair do cadinho liberta de todas as suas escórias. O Espiritismo está ainda em ebulição; deixemos, pois, a escuma subir à superfície e se espalhar, e com isso não será senão mais cedo depurada; deixemos aos adversários a alegria maligna e pueril de soprar o fogo para provocar essa ebulição, porque, sem o querer, apressam sua depuração e seu triunfo, e eles mesmos se queimarão no fogo que acendem. Deus quer que tudo seja útil à causa, mesmo o que se faz com a intenção de prejudicá-la. Não esqueçamos que o Espiritismo não está acabado; não fez ainda senão colocar suas estacas; mas para avançar com segurança, deve fazê-lo gradualmente, à medida que o terreno estiver preparado para recebê-lo, e bastante consolidado para nele pôr o pé com segurança. Os impacientes que não sabem esperar o momento propício comprometem as colheitas como comprometem a sorte das batalhas.

Entre os impacientes, sem dúvida, há os de muito boa-fé; eles gostariam de ver a coisa ir ainda mais depressa, mas se parecem a essas pessoas que crêem fazer avançar o tempo avançando o pêndulo. Outros, não menos sinceros, são levados pelo amor-próprio para serem os primeiros a chegar; semeiam antes da estação e não recolhem senão frutos abortados. Ao lado destes, infelizmente, há outros que levam o carro a toda a pressa, na esperança de fazê-lo espalhar.

Compreende-se que certos indivíduos que gostariam de ser os primeiros nos censurem por não termos sido mais rápidos; que outros, por razões contrárias, nos censurem por irmos muito lentamente; mas o que é menos explicável é ver às vezes essa dupla censura feita pelo mesmo indivíduo, o que não é dar prova de muita lógica. Que

sejamos aguilhoados para irmos à direita ou à esquerda, que não lhe sigamos menos, como fizemos até o presente, a linha que nos está traçada, e no fim da qual está o objetivo que queremos alcançar. Iremos adiante, ou esperaremos, nos apressaremos ou diminuiremos o passo segundo as circunstâncias, e não segundo a opinião de tal ou tal.

O Espiritismo caminha através de adversários numerosos que, não tendo podido prendê-lo pela força, tentam prendê-lo pela astúcia; insinuam-se por toda a parte, sob todas as máscaras, e até nas reuniões íntimas, na esperança de ali surpreender um fato ou uma palavra que, freqüentemente, terão provocado, e que esperam explorar em seu proveito. Comprometer o Espiritismo e torná-lo ridículo, tal é a tática com *a* ajuda da qual esperam primeiro desacreditá-lo, para terem mais tarde um pretexto de fazer-lhe interditar, se isso se pode, o exercício público. E a armadilha contra a qual é preciso estar em guarda, porque está estendida por toda a parte, e à qual, sem o querer, dão a mão aqueles que se deixam levar pela sugestões dos Espíritos enganadores e mistificadores.

O meio de desmanchar essas maquinações é de seguir o mais exatamente possível a linha de conduta traçada pela Doutrina; sua moral, que lhe é a parte essencial, é inatacável; praticando-a não se dá ensejo a nenhuma crítica fundada, e a agressão não lhe é senão mais odiosa. Encontrar os Espíritas em falta e em contradição com seus princípios seria uma boa fortuna para seus adversários; também vede como eles se apressam de carregar o Espiritismo, de todas as aberrações e de todas as excentricidades das quais não poderia ser responsável. A Doutrina não é ambígua em nenhuma de suas partes; ela é clara, precisa, categórica em seus menores detalhes; só a ignorância e a má-fé podem se equivocar sobre o que ela aprova ou condena. É, pois, um dever para todos os Espíritas sinceros e devotados repudiar e desaprovar abertamente, em seu nome, os abusos de todos os gêneros que poderiam comprometê-la, a fim de não assumir-lhes a responsabilidade; pactuar com esses abusos seria tornar-se cúmplice deles, e fornecer armas aos nossos adversários.

Os períodos de transição são sempre penosos de passar; o Espiritismo está nesse período; ele o atravessará com tanto menos dificuldade quanto seus adeptos usarem de mais prudência. Estamos em guerra; ali está o inimigo que espia, pronto a explorar a menor falta em seu proveito, e pronto para fazer colocar o pé na lama, se o puder.

Não nos apressemos, pois, em lançar a pedra ou a suspeita muito levianamente, e sobre as aparência que poderiam ser enganosas; a caridade, aliás, nos faz da moderação um dever, mesmo para com aqueles que são contra nós. A sinceridade, no entanto, mesmo em seus erros, tem maneiras de franqueza com as quais não se poderia equivocar, e que a falsidade não a simulará jamais completamente, porque cedo ou tarde manifesta seu verdadeiro caráter; Deus e os bons Espíritos permitem que ela se traia por seus próprios atos. Se uma dúvida atravessa o espírito, isso deve simplesmente ser um motivo de se colocar em reserva, o que se pode fazer sem faltar às conveniências.

VARIEDADES

Carta de Dante ao Sr. Thiers.

Sob este título, lê-se no *Charivaride* 20 de maio de 1865:

"Florença, 20 de maio de 1865.

"Senhor e caro confrade,

"Eu não poderia ficar indiferente às festas que se vão celebrar em minha honra, e minha sombra tendo pedido e obtido uma licença de oito dias, vim assistir à inauguração do monumento que me foi consagrado. É, pois, de Florença que vos dirijo esta carta sob a

emoção que me causou a cerimônia da qual venho de ser testemunha. Se tomo esta liberdade, senhor e caro confrade, é que creio estar em condições de vos fornecer informações que vos serão de alguma utilidade.

"Se bem que falecido há cinco séculos, com isso não deixei de sempre continuar a seguir, com a mesma atenção e o mesmo patriotismo, a marcha dos acontecimentos que interessam ao futuro da Itália. De quantas vicissitudes fui assim testemunha, vós o sabeis tão bem quanto eu. De quantas dores meu coração se embebeu, podeis igualmente disto vos fazer uma idéia................"

(Seguem longuíssimas reflexões sobre os assuntos da Itália *e* as opiniões do Sr. Thiers. Não as reproduzimos, pelo duplo motivo de que são estranhas ao nosso assunto, e que a política está fora do quadro deste jornal. A carta termina assim:)

"Se, pois, assim como se afirmou, devereis proximamente empreender uma viagem a Itália, tomai a pena de passar por Florença, e de vir conversar alguns instantes com minha estátua; ela terá coisas muito interessantes a vos dizer.

"Nessa esperança, senhor e caro confrade, vos peço aceitar a garantia..., etc.

"DANTE ALIGHIERI."

Por cópia conforme: PIERRE VÉRON.

Duvidamos muito que o Sr. Pierre Véron seja simpático à idéia espírita a julgá-lo pelos artigos que o *Charivari* mais de uma vez publicou sobre esse assunto. Não é preciso, pois, ver nesta carta senão um simples produto da imaginação apropriado à circunstância, a menos que o Espírito de Dante não tenha vindo ditá-la com o desconhecimento do autor; ela é muito espirituosa para que não se a desaprove, mas não se pode apreciá-la senão em seu conjunto, porque ela perde muito por ser cindida.

Foi um pensamento engenhoso fazer intervir, mesmo ficticiamente, o Espírito *de* Dante nessa ocasião. Alguns pequenos detalhes mais, um Espírita não teria falado de outro modo. Para nós, não é duvidoso que Dante, a menos que não esteja reencarnado, deveu assistir a essa imponente manifestação, atraído pelo poder de evocação de todo um povo confundido num mesmo pensamento. Se, nesse momento, o véu que esconde aos olhos dos encarnados o mundo espiritual tivesse podido se levantar, que imenso cortejo de grandes homens ter-se-ia visto planar no espaço e se misturar à multidão para aplaudir a regeneração da Itália! Que belo assunto para um pintor ou um poeta inspirados pela fé espírita!

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO **NO. 7** **JULHO 1865**

ÁRIA E PALAVRAS DO REI HENRI III

O *Grand Journal de* 4 de junho de 1865 relata o fato seguinte:

'Todos os editores e todos os amadores da música de Paris conhecem o Sr. N. G. Bach, aluno de Zimmermann, primeiro prêmio de piano do Conservatório, no concurso de 1819, um de nossos professores de piano mais estimados e mais honrados, bisneto do grande Sébastian Bach, de quem carrega dignamente o nome ilustre.

"Informado por nosso amigo comum, Sr. Dollingen, administrador do *Grand Journal,* que o apartamento do Sr. N. G. Bach fora o teatro de um verdadeiro prodígio na noite de 5 de maio último, pedi a Dollingen para me conduzir à casa do Sr. Bach, e fui acolhido no nº 8 da rua Castellane com uma delicada cortesia. É inútil acrescentar, penso, que foi depois de ter obtido a autorização expressa do herói desta história maravilhosa que me permito contá-la aos meus leitores.

"No dia 4 de maio último, o Sr. Léon Bach, que é um curioso substituto de um artista, trouxe ao seu pai um cravo admiravelmente esculpido. Depois de longas e minuciosas procuras, o Sr. Bach descobriu, sobre uma tábua interior, o estado civil do instrumento; ele data do mês de abril de 1564, *e* foi fabricado em Roma.

"O Sr. Bach passa uma parte do dia na contemplação de seu precioso cravo. Nele pensava ao se deitar; quando o sono veio fechar sua pálpebra, nele pensava ainda.

"Não há, pois, que se espantar que tivesse tido o sonho seguinte: "No mais profundo de seu sono, o Sr. Bach viu aparecer na cabeceira de seu leito um homem que tinha uma longa borlas, os sapatos arredondados na ponta, com grossas barbas em cima, um culote muito grande, uma roupa antiga com mangas colantes com abertura no alto, com pequena gola ao redor do pescoço, com a cabeça coberta com um chapéu pontudo de bordas grandes.

"Esse personagem se abaixou para o Sr. Bach e lhe fez este discurso:

"O cravo que possuis me pertenceu. Freqüentemente, serviu-me para distrair meu senhor o rei Henri III. Quando ele era muito jovem, compôs uma ária com palavras que gostava de cantar e que eu lhe toquei muitas vezes. Essa ária e essas palavras as compôs lembrando de uma mulher que encontrou numa partida de caça e da qual se tornou apaixonado. Afastaram-na dele; foi-lhe dito que ela foi envenenada, e o rei com isso teve uma grande dor. Cada vez que estava triste, cantarolava esse romance. Então, para distraí-lo eu tocava no meu cravo uma sarabanda de minha composição de que ele gostava muito. Também eu confundia sempre esses dois trechos e não deixava de tocá-los um depois do outro. Vou fazer-te ouvi-los."

"Então o homem do sonho se aproximou do cravo, fez alguns acordes e cantou a ária com tanta expressão que o Sr. Bach despertou todo em lágrimas. Acendeu uma vela, olhou a hora, e constatou que eram duas horas depois da meia-noite e não tardou a dormir de novo.

"Está aqui o extraordinário começo.

"No dia seguinte pela manhã, em seu despertar, o Sr. Bach não ficou mediocremente surpreso de encontrar, sobre sua cama, uma página de música coberta com uma escrita muito fina e notas microscópicas. Foi com dificuldade, e com ajuda de um binóculo, que o Sr. Bach, que é muito míope, chegou a se reconhecer no meio desses rabiscos.

"Logo em seguida, o bisneto de Sébastian sentou-se em seu piano e decifrou o trecho. O romance, as palavras e a sarabanda estavam exatamente conformes com aqueles que o homem do sonho lhe havia feito ouvir durante seu sonho!

"Ora, o Sr. Bach não é sonâmbulo; ora, jamais escreveu um único verso em sua vida e as regras da prosódia lhe são completamente estranhas.

"Eis o refrão *e* as três canções tais como as copiamos no manuscrito. Conservamos sua ortografia que, diga-se de passagem, não é de nenhum modo familiar ao Sr. Bach.

Eu perdi aquela Por quem tinha tanto amor;
Ela tão bela Tinha por mim cada dia
Carinho novo
E novo desejo.
Oh! sim, sem ela,
Me é preciso morrer!
Um dia, durante uma caçada distante,
Eu a vi pela primeira vez,
E acreditei ver um anjo na planície
Quando tornei-me o mais feliz dos reis!
Eu daria, certamente, todo o meu reino
Para revê-la ainda um único instante;
Junto dela sentado debaixo de um humilde colmo
Para sentir meu coração bater admirando-a.
Triste e enclausurada, oh! minha pobre bela,
Ficou longe de mim durante seus últimos dias.
Ela não sente mais sua pena cruel;
Neste mundo, ai de mim! eu sofro sempre.

"Neste romance lamentoso, assim como na sarabanda alegre que o segue, a ortografia musical não é menos arcaica do que a ortografia literária. As *chaves são* feitas de modo diferente do que se tem o hábito de indicá-las em nossos dias. O baixo é escrito num tom e o canto num outro. O Sr. Bach teve a cortesia de me fazer ouvir esses dois trechos, que são de uma melodia simples, ingênua e penetrante. De resto, nossos leitores não tardarão em poder julgá-las com conhecimento de causa. Elas estão nas mãos dos gravadores e aparecerão no correr da semana na casa do editor Legouix, boulevard Poissonnière, *n*- 27.

"O jornal da *Estoile* nos informa que o rei Henri III teve uma grande paixão por Marie de Clèves, marquesa de Isles, morta na flor da idade numa abadia, em 15 de outubro de 1574. Não seria "a pobre bela triste e enclausurada", da qual faz menção em suas copias? O mesmo jornal nos informa também que um músico italiano, chamado Baltazarine, veio à França nessa época e que foi um dos favoritos do rei. O cravo pertenceu a Baltazarine? Foi o Espírito de Baltazarine quem escreveu o romance e a sarabanda? - Mistério que não ousamos aprofundar."

ALBÉRIC SECOND.

Em conseqüência dessas palavras, o *Grand Journal* inseriu a música que lamentamos não poder reproduzir aqui; mas como ela está atualmente à venda, será fácil aos amadores consegui-las. (Ver nas Notícias Bibliográficas.)

O Sr. Albéric Second termina seu relato por estas palavras:

"Mistério que não ousamos aprofundar!" E por que não se ousaria? Eis um fato cuja autenticidade vos está demonstrada, assim como vós mesmos o reconheceis, e porque ele toca à vida misteriosa de além-túmulo, não ousais procurar-lhe a causa! tremeis em olhá-lo de frente! Tende, pois, apesar de vós, medo dos fantasmas, ou temei adquirir a prova de que tudo não termina com a vida do corpo? É verdade que, para um cético que nada vê e não crê em nada além do presente, essa causa é bastante difícil de se encontrar. No entanto, por isso mesmo, que esse fato é mais estranho, e parece se afastar das leis conhecidas, deve tanto melhor fazer refletir, pelo menos despertar a curiosidade. Dir-se-ia verdadeiramente que certas pessoas têm medo de verem mais claro, porque lhes seria preciso convir de que estão equivocadas. No entanto, vejamos as deduções que todo homem sério pode tirar deste fato, abstração feita de toda idéia espírita.

O Sr. Bach recebeu um instrumento do qual constata a antigüidade, o que lhe causa uma grande satisfação. Preocupado com essa idéia, é natural que ela provoque um sonho; ele vê um homem no costume do tempo, tocando esse instrumento, e cantando uma ária da época; nada, seguramente, aí que não possa, a rigor, ser atribuída à imaginação superexcitada pela emoção da véspera, sobretudo num músico. Mas aqui o fenômeno se complica; a ária e as palavras não podem ser uma reminiscência, uma vez que o Sr. Bach não as conhecia. Quem, pois, pôde revelar-lhas, se o homem que lhe apareceu não é senão um ser fantástico sem rivalidade? Que a imaginação superexcitada faça reviver na memória as coisas esquecidas, isto se concebe; mas teria ela, pois, o poder de nos dar idéias novas; de nos ensinar coisas que não sabemos, que jamais soubemos, das quais jamais nos ocupamos? Estaria aí um fato de uma alta gravidade, e que muito valeria a pena ser examinado, porque isso seria a prova de que o Espírito age, percebe e concebe independentemente da matéria. Passemos ainda sobre isso, querendo-se; essas considerações são de uma ordem tão a levada e tão abstrata, que não é dado a todo mundo escrutá-las, nem mesmo de deter seu pensamento.

Venhamos ao fato mais material e mais positivo, o dessa mesma música escrita com as palavras. Está aí um produto da imaginação? A coisa aí está, palpável, sob os olhos. É aqui que um exame escrupuloso das circunstâncias é indispensável. Para não nos lançarmos no campo das hipóteses, dizemos, antes de irmos mais longe, que o Sr. Bach, que não tínhamos a honra de conhecer, consentiu no trabalho de vir nos ver *e* nos submeter o original da peça em questão. Pudemos, pois, recolher, de sua boca, todas as informações necessárias para esclarecer a nossa opinião, ao mesmo tempo que retificou sobre alguns pontos o relatório do jornal.

Tudo se passou no sonho como está indicado; mas não foi nessa mesma noite que o papel foi trazido. No dia seguinte, o Sr. Bach procuraria se lembrar da ária que tinha ouvido; pôs-se em seu cravo e chegando a notar a música, embora imperfeitamente. Em torno de três semanas depois, o mesmo indivíduo apareceu uma segunda vez; esta vez ele canta a música e as palavras, e lhe diz que iria lhe dar um meio para fixá-las na memória. Foi então que em seu despertar encontrou o papel sobre sua cama. Tendo se levantado, decifrou essa ária em seu instrumento e reconheceu que era bem aquela que havia ouvido, assim como as palavras, das quais não lhe tinha ficado senão uma lembrança confusa.

Ele reconheceu também o papel por lhe pertencer; era uma folha dupla de papel para música comum, sobre uma das folhas na qual havia escrito várias coisas com a sua

mão. Esse papel estava, com muitos outros, numa escrivaninha cilíndrica fechada, e colocada em uma outra peça. Seria preciso, pois, que alguém tivesse saído dali para levá-la sobre sua cama enquanto dormia. Ora, ninguém, em sua casa, de seu conhecimento, poderia tê-lo feito. Quem, pois, poderia ser? Aí está um mistério terrível que o Sr. Albéric Second não ousa aprofundar.

Foi sobre a folha branca que encontrou a ária notada *segundo o método e os sinais do tempo.* As palavras estão escritas com uma extrema precisão, cada sílaba exatamente colocada sob a nota correspondente. O todo está traçado com mina de chumbo. A escrita é muito fina, mas muito nítida e muito legível; a forma das letras é característica: aquela que se vê nos manuscritos da época.

O Sr. Bach não era nem cético, nem materialista, e ainda menos ateu; mas, como muitas pessoas, estava na numerosa classe dos indiferentes, preocupando-se muito pouco com as questões filosóficas. Ele não conhecia o Espiritismo senão de nome. Portanto, o que ele vinha de ser testemunha, despertou a sua atenção; longe de não ousar aprofundar esse mistério, ele disse para si: aprofundemos. Leu as obras espíritas, e começou a se dar conta, e foi com o objetivo de ter mais amplas informações que nos honrou com a sua visita. Hoje o fato nada tem mais de misterioso para ele, e lhe parece muito natural; está muito feliz com a fé e os conhecimentos novos que essa circunstância colocou-o em condições de adquirir; eis o que ele ganhou com isso.

Ele sabia competentemente que nem a música, nem as palavras, poderiam vir dele; não duvidava que lhe tivessem sido ditadas pelo personagem que lhe apareceu; mas se perguntava quem teria podido escrevê-las, e se não poderia ter sido ele mesmo no estado sonambúlico, embora jamais tivesse sido sonâmbulo. A coisa era possível, mas, admitindo-a, isso não provaria senão melhor a independência da alma, assim como todos os fatos desse gênero, tão curiosos e tão numerosos, e dos quais, no entanto, a ciência jamais se preocupou. Uma particularidade parece destruir essa opinião, é que a escrita não tem nenhuma relação com a do Sr. Bach; seria preciso que, num estado sonambúlico, ele tivesse mudado sua escrita habitual para tomar a do décimo-sexto século, o que não é presumível. Seria uma travessura de alguém de sua casa? Mas é constante para ele, que em supondo-lhe a intenção, ninguém tinha os conhecimentos necessários para executá-la; ora, se ele, que tivera o sonho, não tinha senão uma lembrança insuficiente para transcrever as palavras e a música, como uma pessoa estranha disso teria melhor lembrança? o cuidado com o qual a coisa foi escrita, teria, aliás, exigido muito tempo e requerido uma habilidade prática.

Um outro ponto importante a esclarecer era o fato histórico dessa primeira paixão do rei, do qual nenhuma história faz menção, e que lhe teria inspirado esse canto melancólico. O filho do Sr. Bach, tendo se dirigido a um de seus amigos ligado à biblioteca imperial, para o efeito de saber se existiria algum documento sobre esse assunto, lhe foi respondido que, se ele existisse, isso não poderia ser senão no jornal do *Estoile,* que se publicava nessa época. As pesquisas feitas imediatamente conduziram à descoberta da passagem narrada acima. A mãe de Henri III, temendo o domínio que essa mulher, de um espírito superior, poderia exercer sob seu filho, fê-la enclausurar, depois perecer. O rei não poderia se consolar dessa perda da qual conservou toda a sua vida um profundo desgosto. Não é singular que esse canto relate precisamente um fato ignorado de todo mundo, e do Sr. Bach consequentemente, e que mais tarde, se ache confirmado por um documento da época escondido numa biblioteca?

Essa circunstância tem uma importância capital naquilo que ela prova, de maneira irrecusável, que essas palavras não podem ser da composição do Sr. Bach, nem de nenhuma pessoa da casa; toda suposição de fraude cai diante desse fato material.

Só o Espiritismo poderia dar a chave desse fato pelo conhecimento da lei que rege as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual. Não há aí nada de maravilhoso nem de sobrenatural. Todo o mistério está na existência do mundo invisível composto das

almas que viveram sobre a Terra, e que não interrompem suas relações com os sobreviventes. Mostrai a alguém, ignorante da eletricidade, que se pode corresponder a duzentas léguas em alguns minutos, e isso lhe parecerá miraculoso; explicai-lhe a lei da eletricidade, ele achará a coisa muito natural. Assim o é com todos os fenômenos espíritas.

Numa sessão da Sociedade de Paris, à qual assistia o Sr. Bach, o Espírito que lhe tinha aparecido, deu as explicações seguintes sobre o fato que acabamos de narrar.

(Sociedade Espírita de Paris, 9 de junho de 1865. - Médium, Sr. Morin.)

Pergunta (ao guia espiritual do médium). Podemos chamar o Espírito que se manifestou ao Sr. Bach? - *Resposta.* Meu filho, a grave questão à qual dá lugar essa manifestação espontânea é muito natural; ela deve a partir desta noite ser resolvida, a fim de não deixar nenhuma dúvida sobre a maneira pela qual a música foi feita. O Espírito aí está, e responderá muito claramente às perguntas que lhe serão dirigidas.

D. (ao Espírito que se manifestou ao Sr. Bach). Uma vez que consentistes em vir entre nós antecipando-se ao nosso chamado, vos seremos reconhecidos em nos dar a explicação do fenômeno que se produziu pela vossa intervenção. Desejaríamos também saber por que o Sr. Bach foi escolhido de preferência para essa manifestação, e que participação ele teve na produção do fenômeno?

R. Eu lhes agradeço pela benevolência com a qual me acolheis entre vós. Compreendo a importância que dais a esse fato, que não deve, no entanto, vos espantar, uma vez que esse gênero de manifestações é quase geral hoje e conhecido de todo o mundo.

Respondo de início à vossa primeira pergunta. O Sr. Bach foi escolhido por duas razões: a primeira é a simpatia que me une a ele; a segunda é toda no interesse da Doutrina Espírita. Colocado como está no mundo, sua idade, sua longa carreira tão honrosamente cumprida, suas relações com a imprensa e o mundo sábio, fizeram dele o melhor instrumento para dar publicidade a esses fatos, que, até hoje, não eram impressos senão petos jornais espíritas. Disseram-vos freqüentemente, chegou o dia em que o Espiritismo, tomando direito de asilo por toda a parte onde há raciocínio, lógica e bom senso, será aceito nos próprios jornais que o denegriram.

Sobre a segunda pergunta: sim, tendes razão de procurar saber, afim de não dar lugar aos equívocos. O transporte, por que esse é um deles, foi feito, e participa do Espírito, que sou eu, e do Sr. Bach, no sonho puro e em relação unicamente com os Espíritos.

Nota. Esta última frase encontra sua explicação no artigo adiante, sobre os sonhos.

Levei ao Sr. Bach o papel de música, que tomei num aposento vizinho de seu quarto de dormir, e então a música foi escrita pelo próprio Espírito do Sr. Bach, que se serviu de seu corpo como meio de transmissão. Eu escrevi as palavras, que conhecia; a obra assim feita pode se considerar como completamente espiritual, tendo em vista que o Sr. Bach, em seu sonho, estava quase completamente desmaterializado.

D. Toda pessoa dotada da mediunidade teria podido servir nessa circunstância?

R. Certamente que não; porque se o Sr. Bach não tivesse reunido todas as qualidades requeridas, é provável que nem ele nem eu não teríamos sido escolhidos para essa propagação.

D. Como o Sr. Bach se serviu de seu corpo para escrever a música? Tê-lo-ia, pois, feito em estado de sonambulismo?

R. Eu disse que se serviu de seu corpo como meio de transmissão porque seu Espírito está ainda encarnado e não pode agir como o Espírito desencarnado. O Espírito encarnado não pode se servir senão de seus membros e não de seu perispírito, uma vez que é esse mesmo perispírito que tem o Espírito ligado ao corpo.

D. Aceitareis nos dizer quem compôs as palavras?

R Se tivesse sido eu, terei uma considerável dose de orgulho para disso guardar a honra; mas não, não me expliquei claramente em dizendo: "As palavras que eu conhecia." Essas palavras, assim como a música, são muito realmente, como vos disse, da composição e da inspiração próprias de meu senhor então, que era o rei Henri.

D. Há indiscrição em vos pedir para nos esclarecer sobre vossa personalidade, e nos dizer o que éreis sob Henri III?

Jamais há indiscrição desde o instante em que o ensino geral está em jogo. Eu vos responderei, pois, que tendo partido de minha cidade, que era Florença, vim para a França e fui introduzido na corte por uma princesa que, tendo me ouvido cantar, quis dar prazer ao filho, porque o é ainda, fazendo-o ouvir o pobre trovador. O prazer foi tão vivo que se resolveu colocar-me à sua disposição, e eu fiquei durante muito tempo junto dele a título de músico, mas na realidade como amigo; porque ele me amava muito e eu lhe fiz bem. Tendo morrido antes dele, adquiri então a certeza de seu apego a mim, pelo desgosto que teve com a minha perda. Meu nome foi pronunciado aqui: eu era Baltazarini.

A senhora Delanne que assistia a esta sessão, recebia, pela audição, respostas idênticas àquelas que eram dadas ao Sr. Morin. No dia seguinte, em sua casa, ela escreveu a comunicação seguinte, que confirma e completa a de Baltazarini.

"Quando a hora é chegada, Deus se serve de todos os meios para fazer penetrar a ciência divina em todas as classes da sociedade. Qualquer que seja a opinião que se professe a respeito das idéias novas, cada um deve servir à causa, mesmo com o seu desconhecimento, no meio em que está colocado. O Espírito do Sr. Bach tendo vivido sob Henri III, *e* tendo ligado sua pessoa ao rei, como amigo íntimo, gostava apaixonadamente de ouvir esses versos e sobretudo a música. Ele preferia o cravo aos outros instrumentos; foi porque o Espírito que lhe apareceu, e que é muito bem o de Baltazarini, se serviu desse instrumento, a fim de reportar ao Espírito de Bach a época em que viveu, e lhe mostrar, assim como à ciência, que a doutrina da reencarnação é confirmada, cada dia, por novas provas. Só o fato da música teria sido insuficiente para forçar o Sr. Bach a procurar a luz imediatamente. Era-lhe preciso um fenômeno do qual não pudesse se dar conta por si mesmo, uma participação inteiramente inconsciente. Ele devia preconizar a doutrina contando o fato presente, procurando se esclarecer sobre a matéria que lhe era produzida, pedindo a todas as inteligências procurarem com ele e de boa-fé a verdade. Por sua idade respeitável, sua posição honrosa, sua reputação no mundo e na imprensa literária, é um dos primeiros degraus plantados no mundo rebelde, porque não se pode suspeitar de sua boa-fé, nem tratá-lo de louco, nem mais que não se pode negar a autenticidade da comunicação.

De resto, estejais convencidos de que tudo isso tinha a sua razão de ser. Vedes que a imprensa se absteve de comentários, e, no entanto, o artigo foi produzido por um não crente, um zombador da ciência que, sozinho, pôde dar uma explicação racional do fato mencionado. Deus tem seus objetivos; ele lança a semente divina no coração quando o julga conveniente. Esse fato terá mais ressonância do que supondes; trabalhai sempre em silêncio, e esperai com confiança.

Freqüentemente, vos dissemos para que não vos inquieteis; Deus saberá suscitar, em tempo e lugar, os homens e os fatos que virão levantar os obstáculos e vos dar a confirmação de que as bases da Doutrina receberam sua sanção pelo Espírito de Verdade. O Espiritismo cresce e engrandece; os ramos da árvore bendita e gigantesca já se estendem por todas as partes do globo. Cada dia o Espiritismo ganha numerosos adeptos em todas as classes, e novas falanges vêm engrossar as classes dos desencarnados. Quanto mais vossos trabalhos se tornarem difíceis, mais a assistência dos bons Espíritos será grande.

SAINT BENOÍT.

GONTRAN, VENCEDOR NAS CORRIDAS DE CHANTILLY.

O fato seguinte, como o do romance de Henri III que acabamos de reportar, foi igualmente tirado do *Grana Journal* de 4 de junho de 1865, no qual não forma, com o precedente, senão um único e mesmo artigo assinado por *Albérique Second.*

"Aqueles que nos dão a honra de nos ler, sabem, para disso não duvidarem, que professamos um ceticismo radical com relação ao Espiritismo, aos Espíritas e aos Médiuns. - Mostrai-nos os fatos, dizemos àqueles que se esforçam em nos converter às suas teorias e às suas doutrinas. E à espera de que nos dêem alguma prova concludente, persistimos na negação e na zombaria.

"Antes de tudo, aquele que assina essas crônicas é um escritor de boa-fé; também se crê obrigado a não colocar a luz sob o alqueire. Que se tire de seu relato as conseqüências que quiser, isto não é seu negócio. Semelhante ao presidente de uma corte criminal, vai se limitar a reproduzir os fatos num resumo rápido, imparcial, deixando aos seus leitores o cuidado de pronunciarem um veredicto à sua vontade."

Após este preâmbulo, que é o de um homem leal, como seria a desejar que fossem todos os nossos antagonistas, o autor conta, numa forma espirituosa, que lhe *é* familiar, que um de seus amigos, encontrando-se na casa de um médium, pediu se um Espírito poderia designar qual seria o vencedor das próximas corridas de Chantilly ; o médium que é, diz, uma maneira de camponês recentemente descido das montanhas do Jura, o que quer dizer pouco letrado e pouco ao fato dos hábitos do esporte, tendo evocado o Espírito de um de nossos mais célebres esportistas, obtém por pancadas a designação das letras formando o nome de *Gontran.*

"Existe, pois, pergunta o Sr. Albéric Second, um cavalo desse nome entre os concorrentes inscritos? - Para dizer a verdade, não sei nada disso, respondeu-lhe seu amigo, mas se houver um, podeis contar que será só nele que eu apostarei.

"Ora, domingo último, foi 28 de maio; o *Derby* de Chantilly foi corrido nesse dia e o vencedor foi *Gontran,* da escuderia do major Fridolin (pseudônimo hípico dos Srs. Charles Laffitte e Nivière).

"Os fatos que acabo de contar são conhecidos de um grande número de pessoas no mundo da Bolsa. O Sr. EmileT. foi amplamente recompensado pelo resultado de sua confiança absoluta nas predições do camponês do Jura, e aqueles de seus amigos que partilham sua fé realizaram igualmente belos benefícios. - E dizer que vosso servidor negligenciou uma tão rara ocasião de ganhar com segurança e sem se dar mal 1.000 ou 1.500 luíses que teriam sido bem-vindos! É isso bastante besta?"

Os fatos dessa natureza não são aqueles que servem melhor à causa do Espiritismo, primeiro, porque são muito raros, e, em segundo lugar, porque isso falsearia o espírito, fazendo crer que a mediunidade é um meio de adivinhação. Se uma tal idéia fosse acreditada, ver-se -ia uma multidão de indivíduos consultar os Espíritos como se consultam as cartas, *e* os médiuns seriam transformados em ledores de boa sorte; seria então que se teria razão de invocar contra eles a lei de Moisés que fere com anátema "os adivinhos, os encantadores, e aqueles que têm o espírito de Pithon." É para evitar esse grave inconveniente, que seria muito prejudicial à Doutrina, que sempre nos levantamos contra a mediunidade exploradora.

Não repetiremos o que foi dito cem vezes, e largamente desenvolvido, sobre a perturbação que causaria o conhecimento do futuro, oculto ao homem pela sabedoria

divina; o Espiritismo não está destinado a fazê-lo conhecer; os Espíritos vêm para nos tornar melhores, e não para nos revelá-lo, ou para nos indicar os meios de ganhar dinheiro *infalivelmente* e sem se dar muito mal, como disse o herói da aventura, ou se ocuparem de nossos interesses materiais, colocados, pela Providência, sob a salvaguarda de nossa inteligência, de nossa prudência, de nosso julgamento e de nossa atividade. Também todos aqueles que, de *desígnio premeditado,* acreditam encontrar no Espiritismo, um novo elemento de especulação, *a um título qualquer,* estão enganados; as mistificações ridículas, e às vezes a ruína em lugar da fortuna, têm sido o fruto de seu menosprezo. Eis o que todos os Espíritas sérios devem se esforçar em propagar, se querem servir utilmente à causa. Dissemos sempre àqueles que sonharam com fortunas colossais pelo concurso dos Espíritos, sob o especioso pretexto de que a sensação que um tal acontecimento produziria, tornaria todo mundo crente, que, se triunfassem, levariam um golpe funesto à Doutrina, excitando a cupidez em lugar do amor ao bem. É por isto que as tentativas desse gênero, encorajadas por Espíritos mistificadores, têm sempre sido seguidas de decepções.

Há alguns anos, alguém nos escreveu de Hombourg, tendo tudo perdido no jogo e se achando sem recurso para partir, teve a idéia de se dirigir a um Espírito, que lhe indicou um número, sobre o qual colocou seu último florim, e ganhou com o que saiu do embaraço. A pessoa nos convidou a publicar esse fato na *Revista,* como prova da intervenção dos Espíritos. Supondo a ação de um Espírito nessa circunstância, ela não via a severa lição que lhe fora dada pelo próprio fato que se lhe forneceu os meios de se ir dali, e que a tirou de um mau passo. Era em verdade nos conhecer bem pouco, ou nos supor muito estouvado, de nos crer capaz de preconizar um semelhante fato como um meio de propaganda, porque esta teria sido feita, em proveito das casas de jogo. Teria sido verdadeiramente curioso nos ver fazer a apologia dos Espíritos que favorecem os jogadores e particularmente o roubo, porque ganhar *instantaneamente,* quer seja com as cartas marcadas, ou por uma *indicação* certa qualquer, o que é uma verdadeira fraude.

Um indivíduo que não era Espírita, nos apressamos em dize-lo, mas que não negava absolutamente a intervenção dos Espíritos, veio um dia nos fazer a singular proposição seguinte:

"As casas de jogo, disse ele, são profundamente imorais; o meio de suprimi-las é provar que se pode lutar contra elas imediatamente. Encontrei uma nova combinação, um meio infalível de fazê-las ir pelos ares. Quando se virem arruinadas e na impossibilidade de resistir, estarão muito forçadas em fechar, e o mundo ficará livre dessa praga, que é o roubo organizado. Mas para isso me é preciso um certo capital que estou longe, ai de mim! de possuir. É que, por meio dos Espíritos não poderíeis me indicar a quem eu poderia me dirigir seguramente? Julgai que efeito isso produziria quando se soubesse que foi pelos Espíritos que um tal grande resultado terá sido obtido! Quem poderá se impedir de crer nisso? Os mais incrédulos, os mais obstinados deverão se render à evidência. Meu objetivo, como o vedes, é muito moral, e eu não ficaria triste, se for possível, de ter o conselho dos Espíritos sobre a minha combinação."

- Sem consultar os Espíritos, posso facilmente vos dizer sua opinião. Eis o que vos respondo: "achais que o ganho das bancas de jogo é ilícito e que é o roubo organizado. Para remediar o mal, quereis, por um meio infalível, vos apoderar desse dinheiro mal adquirido; em outros termos, quereis roubar o ladrão, o que não é mais moral. Temos um outro meio de chegar ao resultado que vos propondes: em lugar de fazer os jogadores ganharem, é de arruiná-los o mais possível, a fim de desgostá-los. Os desastres causados por esta paixão fizeram fechar mais casas de jogo do que poderiam fazê-lo jogadores mais felizes. É o excesso do mal que faz abrir os olhos e conduz às reformas salutares, nisto como em todas as coisas. Para aquilo que é de propagar a crença no Espiritismo, temos igualmente os meios mais eficazes e sobretudo mais morais: é o bem que ele faz, as consolações que proporciona e a coragem que dá nas aflições. Diremos,

pois, a todos aqueles que têm no coração o progresso da Doutrina: quereis servir utilmente à causa, fazer uma propaganda verdadeiramente frutífera, mostrai que o Espiritismo vos tornou melhores; fazei que, em vos vendo transformados, cada um possa dizer a si mesmo: Eis os milagres dessa crença; é, pois, uma boa coisa. Mas se, ao lado de uma profissão de fé de crentes, vos vissem vê muito viciosos, ambiciosos, odiosos, cúpidos, ciumentos ou debochados, daríeis razão àqueles que perguntam para que serve o Espiritismo. A verdadeira propaganda de uma doutrina essencialmente moral se faz tocando o coração e não visando a bolsa; é porque nós favorecemos a uns e frustramos os cálculos dos outros."

Retornemos a Gontran. Os fatos de previsão desse gênero, embora não sendo sem exemplo, são no entanto muito raros e podem ser olhados como excepcionais; aliás, são *sempre* fortuitos, *e jamais* o resultado de um cálculo premeditado. Quando eles ocorrem, é preciso aceitá-los como fatos isolados, mas muito louco e muito imprudente seria aquele que se considerasse seguro de sua realização.

Não é preciso confundir essas espécies de revelações com as previsões que os Espíritos, às vezes, dão dos grandes acontecimentos futuros, sobre o cumprimentos dos quais eles podem nos pressentir num interesse geral. Isto tem sua utilidade para nos manter despertos e nos convidar a caminhar no bom caminho; mas as predições com hora fixa, ou que têm um grande caráter de precisão, devem sempre ser tidas por suspeitas.

No caso do qual se trata, esse pequeno fato tinha a sua utilidade; era um meio, o único talvez, de chamar a atenção de certas pessoas sobre a idéia dos Espíritos e sua intervenção no mundo, bem mais do que por um fato sério; eram-lhe precisos todos os caracteres. Dentre eles, alguns disseram simplesmente: "É singular!" Mas outros terão querido aprofundar a coisa, e a terão encarado sob o lado sério e verdadeiramente útil. Não fosse senão um entre dez, isso seria tanto ganho à causa e tanto elemento novo de propagação. Quando aos outros, a idéia semeada em seu espírito germinará mais tarde.

Reportando esse fato, uma vez que recebeu uma grande publicidade, quisemos dele fazer ressaltar as conseqüências; mas não o teríamos feito sem comentários e a título de simples anedota. O Espiritismo é uma mina inesgotável de assuntos de observação e estudo por suas inumeráveis aplicações.

O autor do artigo disse, em seu preâmbulo: "Mostrai-nos os fatos." Sem dúvida ele imagina que os Espíritos obedecem ao comando, e que os fenômenos se obtêm à vontade, como as experiências num laboratório ou como os torneios de escamoteação; ora, isto não é assim. Aquele que quer os fenômenos não deve pedir que lhe sejam trazidos, mas deve procurá-los, observá-los ele mesmo, e aceitar aqueles que se apresentam. Esses fenômenos são de duas naturezas: aqueles que são o produto dos médiuns propriamente ditos, e que se pode até um certo ponto provocar, e os fenômenos espontâneos. Estes últimos têm, para os incrédulos, a vantagem de não serem suspeitos de preparação; são numerosos e se apresentam sob uma variedade infinita de aspectos, tais como: aparições, visões, pressentimentos, dupla vista, ruídos insólitos, barulhos, perturbações, obsessões, etc. O fato do Sr. Bach pertence a essa categoria, e o de Gontran à primeira. Para quem quer seriamente se convencer, os fatos não faltam, e aquele que os pede talvez testemunhou-os mais de uma vez com seu desconhecimento; Mas o erro, para a maioria, é de querer os fatos à sua maneira, a propósito, e de não se contentar com aqueles que a Providência coloca sob seus olhos. A incerteza da obtenção desses fenômenos, e a impossibilidade de provocá-los à vontade, são provas de sua realidade, porque se fossem o produto do charlatanismo ou de meios fraudulentos, não faltariam jamais. O que falta a certas pessoas, não são os fatos, mas a paciência e a vontade de procurá-los e de estudar aqueles que se apresentam.

TEORIA DOS SONHOS.

É verdadeiramente estranho que um fenômeno tão vulgar quanto o dos sonhos haja sido objeto de tanta indiferença da ciência, e que dele se esteja ainda a perguntar a causa dessas visões. Dizer que são os produtos da imaginação, não é resolver a questão; é uma dessas palavras com a ajuda das quais se quer explicar o que não se compreende, e que nada explicam. Em todos os casos, a imaginação é um produto da inteligência; ora, como não se pode admitir nem a inteligência nem a imaginação na matéria bruta, é preciso muito crer que a alma aí está por alguma coisa. Se os sonhos são ainda um mistério para a ciência, é que ela se obstina em fechar os olhos sobre a causa espiritual.

Procura-se a alma nos recônditos do cérebro, ao passo que ela se ergue a cada instante diante de nós, livre e independente, numa multidão de fenômenos inexplicáveis tão-só pelas leis da matéria, notadamente nos sonhos, no sonambulismo natural e artificial e na dupla vista à distância; não nos fenômenos raros, excepcionais, sutis, que exigem pacientes pesquisas do sábio e do filósofo, mas nos mais vulgares; ela ali está que parece dizer: Olhai e me vereis; estou sob vossos olhos e não me vedes; viste-me muitas e muitas vezes; vede-me todos os dias; as próprias crianças me vêem; o sábio e o ignorante, o homem de gênio e o idiota me vêem, e vós não me reconheceis.

Mas há pessoas que parecem ter medo de olhá-la em face, e de adquirir a prova de sua existência. Quanto àqueles que a procuram de boa-fé, lhes faltou até este dia unicamente a chave que poderia fazê-la reconhecer; essa chave o Espiritismo acaba de dá-la pela lei que rege as relações do mundo corpóreo e do mundo espiritual; com a ajuda desta lei e das observações sobre as quais ela se apoia, e lhe dá dos sonhos a explicação mais lógica que até agora foi fornecida; demonstra que o sonho, o sonambulismo, o êxtase, a dupla vista, o pressentimento, a intuição do futuro, a penetração do pensamento, não são senão variantes e graus de um mesmo princípio: a emancipação da alma mais ou menos desligada da matéria.

A respeito dos sonhos, dá uma conta precisa de todas as variedades que apresentam? Não, não ainda; possuímos o princípio, é já muito; aqueles que podemos nos explicar, nos colocarão sobre o caminho dos outros; sem dúvida, nos faltam ainda conhecimentos que adquiriremos mais tarde. Não há uma única ciência que, no primeiro salto, tenha desenvolvido todas as suas conseqüências e as suas aplicações; elas não podem se completar senão pelas observações sucessivas. Ora, o Espiritismo, nascido ontem, é como a química entre as mãos dos Lavoisier e dos Berthollet, seus primeiros criadores; estes descobriram as leis fundamentais; postas as primeiras balizas elas colocaram sobre o caminho de novas descobertas.

Entre os sonhos, há os que têm um caráter de tal modo positivo, que não se poderia atribuí-los, racionalmente, ao jogo da imaginação; tais são aqueles em que se adquire, ao despertar, a prova da realidade daquilo que serviu e no que não se sonhou de nenhum modo. Os mais difíceis de explicar são aqueles que nos apresentam imagens incoerentes, fantásticas, sem realidade aparente. Um estudo mais aprofundado do singular fenômeno das criações fluídicas nos colocará, sem dúvida, sobre o caminho.

À espera disso, eis uma teoria que parece dever dar um passo à questão. Não a damos como absoluta, mas como fundada na lógica, e podendo ser um objeto de estudo. Ela nos deu, por um de nossos melhores médiuns em estado de sonambulismo muito lúcido, a ocasião do fato seguinte.

Rogado pela mãe de uma pessoa jovem para dar-lhe notícias de sua filha, que estava em Lyon, viu-a deitada e dormindo, e descreveu com exatidão o apartamento onde ela se encontrava. Essa jovem, com a idade de dezessete anos, é médium escrevente; sua mãe pediu se ela tivesse aptidão para tornar-se médium vidente. Esperai, disse o sonâmbulo, é preciso que eu siga as marcas de seu Espírito, que não está em seu corpo neste momento. Ela está aqui, cidade Ségur, na sala onde estamos, atraída pelo vosso

pensamento; ela vos vê e vos escuta. É para ela um sonho, mas do qual não se lembrará ao despertar.

Pode-se, acrescentou ele, dividir os sonhos em três categorias caracterizadas pelo grau de lembrança que *se* prende ao estado de desligamento no qual se encontra o Espírito. Elas são:

1- Os sonhos que são provocados pela ação da matéria e dos sentidos sobre o Espírito, quer dizer, aqueles em que o organismo desempenha um papel preponderante pela união mais íntima do corpo e do Espírito. Deles se lembra claramente, e por pouco que a memória seja desenvolvida, deles se conserva uma impressão durável.

2- Os sonhos que se podem chamar *mistos.* Eles participam, ao mesmo tempo, da matéria e do Espírito; o desligamento é mais completo. Deles se lembra ao despertar, para esquecê-los quase instantaneamente, a menos que alguma particularidade venha despertar-lhe a lembrança.

3- Os sonhos *etéreos* ou puramente *espirituais.* São o produto só do Espírito, que está desligado da matéria, tanto quanto pode sê-lo durante a vida do corpo. Deles não se lembra; ou se resta uma vaga lembrança que se sonhou, nenhuma circunstância poderia remeter à memória os incidentes do sono.

O sonho atual dessa jovem pertence à terceira categoria; dele não se lembrará. Ela foi conduzida aqui por um Espírito muito conhecido do mundo espírita lionês, e mesmo do mundo espírita europeu (o sonâmbulo-médium pintou o Espírito Cárita). Trouxe-a com objetivo de que ela dele reporte, se não uma lembrança precisa, mas um pressentimento do bem que se pode retirar de uma crença firme, pura e santa, e daquele que se pode fazer aos outros em fazendo-o a si mesmo.

Ela disse, por sua mãe, que não se lembrava muito bem em seu estado normal, que ela se lembra agora de suas precedentes encarnações, não ficará muito tempo no estado estacionário em que está; porque vê claramente, e pode avançar sem hesitação, ao passo que no estado comum temos uma venda sobre os olhos. Ela disse aos assistentes: "Obrigado por vos terdes ocupado de mim." Depois abraçou sua mãe. Como ela é feliz! acrescentou o médium terminando, como é feliz deste sonho, do qual não se lembrará, mas que não deixará menos nela uma impressão salutar! São esses sonhos inconscientes que proporcionam essas sensações indefiníveis e de felicidade das quais não se dá conta, e que são um gosto antecipado daquele do qual gozam os Espíritos felizes.

Disso ressalta que o Espírito encarnado pode sofrer transformações que modificam suas aptidões. Um fato que não foi talvez suficientemente observado vem em apoio da teoria acima. Sabe-se que o esquecimento ao despertar é um dos caracteres do sonambulismo; ora, do primeiro grau de lucidez, algumas vezes o Espírito passa a um grau mais elevado, *que é diferente do êxtase,* e no qual adquire novas idéias e percepções mais sutis. Saindo desse segundo grau para entrar no primeiro, não se lembra nem do que disse nem do que viu; depois, passando desse grau ao estado de vigília, tem novo esquecimento. Uma coisa ase observar é que, freqüentemente, há lembrança do grau superior ao grau inferior, ao passo que há esquecimento do grau inferior ao grau superior.

É, pois, muito evidente que entre os dois estados sonambúlicos de que acabamos de falar, passa-se alguma coisa análoga a que tem lugar entre o estado de vigília e o primeiro grau de lucidez; que o que se passa influi sobre as faculdades e as aptidões do Espírito. Dir-se-ia que no estado de vigília, no primeiro grau, o Espírito está despojado de um véu; que desse primeiro grau ao segundo, ele está despojado de um segundo véu. Nos graus superiores, esses véus não existindo mais, o Espírito vê o que está abaixo e disso se lembra; descendo na escala, os véus se refazem sucessivamente e lhe escondem o que está acima, o que faz que disso perca a lembrança. A vontade do magnetizador pode, às vezes, dissipar esse véu *fluídico* e dá a lembrança.

Há, como se vê, uma grande analogia entre esses dois estados sonambúlicos, e as diferentes categorias de sonhos descritas acima. Parece-nos mais que provável que, num e noutro caso, o Espírito se encontra numa situação idêntica. A cada degrau que ele escala, se eleva acima de uma camada de nevoeiro; sua visão *e* suas percepções são mais nítidas.

PERGUNTAS E PROBLEMAS.

Cura moral dos encarnados.

Vêem-se, freqüentemente, Espíritos de má natureza cederem, muito prontamente, sob a influência da moralização e se melhorarem. Pode-se agir do mesmo modo sobre os encarnados, mas com muito mais dificuldade. De onde vem que a educação moral dos Espíritos desencarnados é mais fácil do que a dos encarnados?

Esta pergunta foi motivada pelo fato seguinte. Um jovem cego há doze anos tinha sido recolhido por um Espírita devotado, que havia empreendido curá-lo pelo magnetismo, tendo os Espíritos dito que a coisa era possível. Mas esse jovem, em lugar de se mostrar reconhecido pelas bondades das quais era objeto, e sem as quais teria se encontrado sem asilo e sem pão, não teve senão a ingratidão e maus procedimentos, e deu prova do pior mau caráter.

O Espírito de São Luís, consultado a seu respeito, respondeu:

"Esse jovem, como muitos outros, *é* punido por onde pecou, e traz a pena de sua má conduta. Sua enfermidade não é incurável, e uma magnetização espiritual praticada com zelo, devotamento e perseverança, dela triunfaria certamente, com ajuda de um tratamento médico destinado a corrigir seu sangue viciado. Já haveria uma melhora sensível em sua visão, que não está ainda inteiramente extinta, se os maus fluidos, dos quais está cercado e saturado, não opusessem um obstáculo à penetração dos bons fluidos que são, de alguma forma, repelidos. No estado em que se encontra, a ação magnética será impotente enquanto não estiver, por sua vontade e sua melhoria, desembaraçado desses fluidos perniciosos.

"É, pois, uma cura moral que é preciso obter, antes de perseguir a cura física. Só um retorno sério sobre si mesmo pode tornar eficazes os cuidados de seu magnetizador, que os Espíritos se apressarão em secundar; no caso contrário, ele deve esperar perder o pouco de luz que lhe resta, e a novas e bem mais terríveis provas que lhe será preciso suportar.

"Agi, pois, para com ele como o fazeis com respeito aos maus Espíritos desencarnados que quereis conduzir ao bem. Ele não está sob o golpe de uma obsessão, é sua natureza que é má e que, além disto, se perverteu no meio em que viveu; os maus Espíritos que o assediam não são atraídos senão pela sua semelhança com o seu próprio; à medida que se melhorar, eles se afastarão. Só então aação magnética terá toda a sua força. Dai-lhe conselhos; explicai-lhe sua posição; que várias pessoas sinceras se unam em pensamento para orarem a fim de atraírem sobre ele influências salutares. Se disso se aproveita, não tardará a experimentar os bons efeitos, porque nisso será recompensado por uma melhora sensível em sua posição."

Esta instrução nos revela um fato importante, o do obstáculo que o estado moral opõe, em certos casos, à cura dos males físicos.

A explicação acima é de uma incontestável lógica, mas não poderia ser compreendida pelos que não vêem, por toda parte, senão a ação exclusiva da matéria. No caso de que se trata, a cura moral do paciente encontrou sérias dificuldades; foi o que motivou a pergunta acima, proposta pela Sociedade Espírita de Paris.

Seis respostas foram obtidas, todas concordando perfeitamente entre si. Delas não citaremos senão duas, para evitarmos repetições inúteis. Escolhemos aquelas onde a questão está tratada com mais desenvolvimento.

I

Como o Espírito desencarnado vê manifestamente o que se passa e os exemplos terríveis da vida, ele compreende tanto mais depressa o que o exortam a crer ou a fazer; é por isso que não é raro ver-se Espíritos desencarnados dissertarem sabiamente sobre questões que, quando vivos, estavam longe de emocioná-los.

A adversidade amadurece o pensamento. Esta palavra é verdadeira sobretudo para os Espíritos desencarnados, que vêem de perto as conseqüências de sua vida passada.

A negligência e o preconceito, ao contrário, triunfam no Espírito encarnado; as seduções da vida, e mesmo as suas decepções, lhe dão uma misantropia ou uma indiferença completa pelos homens e as coisas divinas. A carne lhes faz esquecer o Espírito; uns, essencialmente honestos, fazem o bem evitando o mal, por amor ao bem, mas a vida de sua alma está muito perto de ser nula; outros, ao contrário, consideram a vida como uma comédia e esquecem seu papel de homens; outros enfim, completamente embrutecidos, e última escala da espécie humana, nada vendo além, não pressentem nada mesmo, entregando-se, como o animal, aos crimes bárbaros e esquecem sua origem.

Assim uns e outros, pela própria vida, são arrastados, ao passo que os Espíritos desencarnados vêem, escutam e se arrependem com mais boa vontade.

LAMENNAIS *(méd.,* Sr. A. Didier).

II

Quantos problemas e questões a resolver antes que a transformação humanitária tenha se cumprido segundo as idéias espíritas! a da educação dos Espíritos e dos encarnados, do ponto de vista moral, é desse número.

Os desencarnados estão desembaraçados dos laços da carne e não lhe sofrem mais as condições inferiores, ao passo que os homens, acorrentados a uma matéria imperiosa do ponto de vista pessoal, se deixam arrastar pelo estado de provas no qual são internados. É à diferença dessas diversas situações que é preciso atribuir as dificuldades que os Espíritos iniciadores e os homens que têm a sua missão, experimentam para melhorarem rapidamente e, por assim dizer, em algumas semanas, aqueles homens que lhes são confiados. Os Espíritos, ao contrário, aos quais a matéria não impõe mais suas leis e não fornecem mais os meios de satisfazer seus apetites maus, e que não têm mais, conseqüentemente, senão desejos inatacáveis, estão mais aptos para receberem os conselhos que lhes são dados. Responder-se-á, talvez, então, para essa questão, que tem a sua importância: Por que não escutam os conselhos de seus guias do espaço e esperam os ensinamentos dos homens? Porque é necessário que os dois mundos, visível e invisível, reajam um sobre o outro, e que a ação dos humanos seja útil àqueles que viveram, como a ação da maioria destes é benfazeja àqueles que vivem entre vós. É uma dupla corrente, uma dupla ação igualmente satisfatória para esses dois mundos, que estão unidos por tantos laços.

Eis o que creio dever responder à pergunta colocada por vosso presidente.

ERASTO *(méd.,* Sr. D'AMBEL.)

SOBRE A MORTE DOS ESPÍRITAS.

Há algum tempo a morte tem levado um número bastante grande de Espíritas fervorosos e devotados, e cujo concurso teria podido ser útil à causa. Que conseqüência há a tirar desse fato?

Esta pergunta foi motivada pela morte recente do Sr. Geoffroy, de Saint-Jean-d'Angely, membro honorário da Sociedade Espírita de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de maio de 1865. - Méd., senhora B...)

Assim como acaba de dize-lo vosso presidente, um grande número de adeptos de nossa bela doutrina deixou há pouco vosso mundo; não os lamenteis; depois de terem dado os primeiros golpes de picareta nesse campo que ides arrotear, foram tomar algumas horas de repouso para se prepararem para um novo trabalho; foram retemperar sua alma viril nessa fonte de vida e de progresso que, cada vez mais, deve derramar sobre vossa Terra suas ondas benfazejas. Logo, novos atletas, reaparecerão na luta com novas forças e uma caridade mais perfeita; porque a alma que entreviu os esplendores da eterna verdade não pode voltar atrás; mas, fiel à atração divina que quer aproximá-la do foco da justiça, da ciência e do amor, ela segue seu caminho sem mais dele se desviar.

Oh! meus amigos, como é bela esta morada que vos está preparada; tornai-vos dignos dela o mais cedo; livrai-vos, pois, dessas suscetibilidades indignas, que muito freqüentemente ainda se encontram entre vós; são os restos dessas raízes de orgulho tão difíceis de extirpar do vosso mundo, e, no entanto, foi para destruí-la que o Cristo veio entre vós; porque enquanto ela subsistir entre os humanos, eles não poderão alcançar a felicidade.

Meus amigos, depois de dezoito séculos que se vos prega a admirável doutrina do Cristo, ela não foi ainda compreendida; mas o Espiritismo, vindo vos ensinar a desenvolver vossas faculdades intelectuais, e lhes dar uma boa direção, abre uma era nova em que se preencherá a lacuna que existia no ensinamento primitivo.

Estudai, pois, de maneira séria e digna um tão sério assunto; mas, sobretudo, modificai o que há em vós de imperfeito, porque o Mestre disse a todos: 'Tornai-vos perfeitos, porque vosso Pai celeste é perfeito." Então vossa alma depurada se elevará gloriosa para essas esplêndidas regiões onde o mal não tem mais acesso e onde tudo é harmonia.

SÃO LUÍS.

ESTUDOS MORAIS

A COMUNA DE KOENIGSFELD, O MUNDO FUTURO EM MINIATURA.

Lê-se no *Galneur de Colmar.*

"A comuna de Koenigsfeld, perto de Villingen, na Forêt Noire, que conta em torno de 400 habitantes, forma um Estado em miniatura. Há cinqüenta anos, data de existência dessa comuna, jamais ocorreu que um único habitante tivesse tido problema com a polícia; jamais foi questão de delitos ou de crimes; durante cinqüenta anos jamais foi feito algum tráfico desonroso e ali não nasceu filho natural. Jamais se demandou em processo nessa comuna. Nela não se encontram igualmente mendigos."

Esta interessante notícia, tendo sido lida na Sociedade de Paris, deu lugar à comunicação espontânea seguinte:

"É belo ver a virtude num centro restrito e pobre; lá, todos se conhecem, todos se vêem; a caridade ali é simples e grande. Náo é o exemplo mais tocante da solidariedade

universal essa pequena comuna? Não é em pequeno o que será um dia o resultado da verdadeira caridade, quando ela for praticada por todos os homens? Tudo está lá Espíritas: a caridade, a tolerância. Entre vós se não são os socorros ao infortúnio que são praticáveis, as relações inteligentes, isentas de inveja, de ciúme e de dureza o são sempre."

LAMENNAIS *(Méd.* Sr.A. Didier.)

O que causa a maior parte dos males da Terra, se não for o contato incessante dos homens maus e perversos? O egoísmo mata a benevolência, a condescendência, a indulgência, o devotamento, a afeição desinteressada, e todas as qualidades que fazem o encanto e a segurança das relações sociais. Numa sociedade de egoístas, não há segurança para ninguém, porque cada um, não procurando senão seu interesse, sacrifica sem escrúpulo o de seu vizinho. Muitas pessoas se crêem perfeitamente honestas porque são incapazes de assassinar e roubar nos grandes caminhos; mas é que aquele que, por sua cupidez e sua dureza causa a ruína de um indivíduo e o leva ao suicídio, que reduz toda uma família à miséria, ao desespero, não é pior do que um assassino e um ladrão? Ele assassina afogo lento, e porque a lei não o condena, que seus semelhantes aplaudem o seu saber fazer e a sua habilidade, se crê isento de censuras e caminha de cabeça levantada! Também os homens estão constantemente desconfiando uns dos outros; sua vida é uma ansiedade perpétua; se não temem nem o ferro, nem o veneno, são alvos das chicanas, da inveja, do ciúme, da calúnia, em uma palavra, do assassinato moral. Que seria preciso para fazer cessar este estado de coisas? Praticar a caridade; tudo está aí, como disse Lamennais.

A comuna de Koenigsfeld nos oferece em pequeno o que será o mundo quando estiver regenerado. O que é possível em pequena escala o é em grande? Duvidar disto seria negar o progresso. Um dia virá em que os homens, vencidos pelos males que o egoísmo engendra, compreenderão que estão em caminho falso, e que Deus quer que aprendam às suas custas, porque lhes deu o livre arbítrio. Ó excesso do mal lhes fará sentir a necessidade do bem, e se voltarão deste lado como para a única âncora de salvação. Que os levará a isto? A fé séria no futuro e não a crença no nada depois da morte; a confiança em um Deus bom e misericordioso, e não o temor dos suplícios eternos.

Tudo está submetido à lei do progresso; os mundos também progridem fisicamente e moralmente; mas se a transformação da Humanidade deve esperar o resultado da melhoria individual, se nenhuma outra causa vier acelerar essa transformação, quantos séculos, quantos milênios serão necessários ainda? Tendo a Terra chegado a uma de suas fases progressivas, basta que não seja mais permitido aos Espíritos atrasados nela se encarnarem, e que à medida das extinções, Espíritos mais avançados venham tomar o lugar dos que partem, para que numa ou duas gerações o caráter geral da Humanidade tenha mudado. Suponhamos, pois, que em lugar de Espíritos egoístas, a Humanidade seja, num tempo dado, formada de Espíritos imbuídos do sentimento de caridade, em lugar de procurarem se prejudicar, se entre ajudarão mutuamente; viverão felizes e em paz. Não mais ambição de povo a povo, portanto, não mais guerras; não mais soberanos governando segundo o bom prazer, a justiça em lugar do arbítrio, portanto, não mais revoluções; não mais os fortes esmagando ou explorando o fraco, eqüidade *voluntária* em todas as transações, portanto, não mais querelas nem chicanas. Tal será o estado do mundo depois de sua transformação. De um mundo de expiação e de prova, de um lugar de exílio para os Espíritos imperfeitos, tornar-se-á um mundo feliz, um lugar de repouso para os bons Espíritos; de um mundo de punição, será um mundo de recompensa.

A comuna de Koenigsfeld se compõe incontestavelmente de Espíritos avançados, pelo menos moralmente, se não o for cientificamente, e que praticam entre eles a lei de caridade e de amor ao próximo; esses Espíritos se reúnem por simpatia nesse canto

bendito da Terra, para ali viverem em paz à espera que possam fazê-lo sobre toda a sua superfície. Suponhamos que alguns Espíritos trapalhões, egoístas e maus venham a se encarnar aí, nela semearão logo a perturbação e a confusão; ver-se-iam reviver como alhures as querelas, os processos, os delitos e os crimes; assim o será com a Terra, depois de sua transformação, se Deus lhe abrisse o acesso aos maus Espíritos. A Terra progredindo, nela estariam deslocados, é por isso que irão expiar seu endurecimento e perfazer sua educação moral em mundos menos avançados.

VARIEDADES

MANIFESTAÇÕES DIVERSAS ESPONTÂNEAS.

Uma carta de um de nossos correspondentes contém o relato seguinte:

.....Começo por uma lembrança de minha infância, que jamais esqueci, embora remonte a uma época já muito distante.

Em 1819 ou 1820, falou-se muito em Saumur de uma aparição, a um oficial, em guarnição nessa cidade. Esse oficial, alojado numa família de bravas pessoas, se deitou na manhã para repousar de uma noite sem sono. Algumas horas depois, abrindo os olhos, percebeu uma sombra coberta de branco em seu quarto, acreditou numa brincadeira de seus camaradas e se levantou para ir ao brincalhão. A sombra recuou diante dele, recuou para a alcova e desapareceu. A porta, que tinha fechado para não ser incomodado, estava inda fechada, e uma jovem da casa, doente há algum tempo, acabava de morrer naquele mesmo instante.

Este fato, tocando o maravilhoso, lembrou a um de seus camaradas, o Sr. de R..., tenente de couraçado, um sonho extraordinário que tivera muito tempo antes e que fez conhecer então.

O Sr. de R..., estando em guarnição em Versailles, sonhou que viu um homem se cortando o pescoço e recebendo o sangue num vaso. Às cinco horas da manhã, levantou-se, muito preocupado com esse sonho, e se dirigiu para o quartel de cavalaria; ele estava de serviço. Seguindo numa rua ainda deserta, percebeu um grupo de pessoas examinando alguma coisa com muita atenção; aproximou-se e viu que um homem acabava de se matar, e, coisa extraordinária, lhe disseram, esse homem tinha feito correr seu sangue numa tina, cortando-se a garganta. O Sr. de R... reconheceu nesse homem os traços que tinha visto durante a noite.

Não conheci esses dois fatos senão pelo que *se* disse, e não conheci nem um nem o outro dos dois oficiais.

Eis outros deles que me são quase pessoais:

Minha mãe era uma mulher de uma piedade verdadeira e esclarecida, que não se manifestava muito freqüentemente senão por uma caridade ardente, como o quer o Espiritismo, mas de nenhum modo de um caráter supersticioso e impressionável. Ela me contou freqüentemente esta lembrança de sua juventude. Quando era jovem, tinha uma amiga muito doente, junto da qual ela passava uma parte das noites para lhe dar seus cuidados. Uma noite quando ela caía de fadiga, o pai da jovem doente insistiu para que fosse repousar, prometendo-lhe que se sua filha piorasse, faria adverti-la. A mãe cedeu e se pôs no leito, depois de se ter recolhido. Pelas duas horas da manhã, despertou pelo contato de dois dedos gelados sobre suas espáduas. Ficou vivamente impressionada e não pôde mais dormir. Então, retomou suas vestes para juntar-se à sua querida doente, e ia abrir sua porta, quando se bateu à da casa. Era um doméstico que vinha lhe informar da morte de sua amiga, que acabava de expirar.

Em 1851, percorri em um dia a galeria de quadros e retratos de família do magnífico castelo de C..., conduzido pelo doutor B..., que fora o médico da família. Detive-me algum tempo diante do retrato de um homem de quarenta e poucos anos, vestido, tanto quanto posso me lembrar, de uma roupa azul, colete listrado vermelho e negro, e calça cinzenta. O Sr. B... se aproximou de mim e disse-me: "Eis como vi o conde de C... quinze dias depois de sua morte." Pedi uma explicação e eis o que me foi respondido: "Quase quinze dias depois da morte do Sr. de C..., uma noite, no crepúsculo, eu saía do quarto da senhora condessa; devia, para sair, seguir um longo corredor, onde se abria a porta do escritório do Sr. de C... Quando cheguei diante dessa porta, ela se abriu e o Sr. de C... dela saiu, avançou para mim e caminhou ao meu lado até a porta de saída.

O Sr. B... não atribuiu esses fatos senão a uma alucinação; mas, em todos os casos, ela teria se prolongado por muito maior tempo, porque creio que no fim do corredor havia uma outra peça a atravessar antes da saída.

Enfim, eis um fato que me é todo pessoal.

Em 1829, creio, estava encarregado em Hagueneau, na Alsace, da direção de um depósito de convalescentes que nos enviava a numerosa guarnição de Strasbourg, então muito provada por febres intermitentes. Eu tinha entre meus doentes um jovem tocador de tambor que, todas as noites, depois da meia-noite, sentia alguém se deitar em sua cama, afeiçoar-se a ele, apertá-lo em seus braços e morder-lhe o peito na altura do seio esquerdo. Seus companheiros de quarto me disseram que há oito dias, eram despertados por seus gritos; que chegando junto dele o encontravam agitado, apavorado, e não podiam acalmá-lo senão revistando com o seu sabre sob sua cama e em torno, para mostrar-lhe que não havia ninguém. Eu achava nesse jovem soldado, o peito um pouco intumescido e doloroso no seio esquerdo, e atribuía, então, seu estado à ação dessa causa física sobre a sua imaginação; mas o efeito não se produzia senão alguns instantes em todas as vinte e quatro horas, e sempre no mesmo momento. Produziu-se ainda algumas vezes, depois disso não ouvi mais falar...

Nota. - Sabe-se o quanto os fatos espontâneos desse gênero são numerosos; o Espiritismo os remete à lembrança, porque só ele dá a única explicação racional que seja possível disso fornecer. Certamente, entre eles há os que poder-se-ia a rigor atribuir ao que se convencionou chamar alucinação, ou a uma preocupação do espírito; mas isso não poderia ser assim quando são seguidos de uma realização material. São tanto mais importantes, quando a sua autenticidade é reconhecida, que não podem, assim como o dissemos num artigo precedente, ser dados à conta de malabarismos.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

O CARDEAL WISEMAN.

A *Patrie,* de 18 de março de 1865, relata o que segue:

"O cardeal Wiseman, que acaba de morrer na Inglaterra, acreditava no Espiritismo. É o que prova o fato seguinte, que foi citado pelo *Spiritualist magazine.*

"Um bispo lançou a proibição sobre dois membros de sua Igreja, por causa de sua tendência ao Espiritismo. O cardeal levantou essa interdição *e* permitiu aos dois sacerdotes prosseguirem seus estudos e servirem de médiuns, dizendo-lhes: "Eu mesmo creio firmemente no Espiritismo, e não poderia ser um bom membro da Igreja, se tivesse a menor dúvida a esse respeito."

Este artigo foi lido e comentado numa reunião espírita em casa do Sr. Delanne, mas hesitou-se em fazer a evocação do cardeal, quando ele se manifestou espontaneamente pelas duas comunicações seguintes.

I

Vosso desejo de me evocar me trouxe para vós, e estou feliz em vir vos dizer, meus irmãos bem amados, sim, sobre a Terra, eu era Espírita convicto. Vim com essas aspirações que não havia podido desenvolver, mas que era feliz em ver desenvolver por outros.

Eu era Espírita, porque o Espiritismo é o caminho reto que conduz ao verdadeiro objetivo e à perfeição; eu era Espírita, porque reconhecia no Espiritismo o cumprimento de todas as profecias desde o começo do mundo até nossos dias; eu era Espírita porque essa doutrina é o desenvolvimento da religião, esclarecendo os mistérios e a marcha da Humanidade até Deus, que é a unidade; eu era Espírita, porque compreendi que essa revelação vinha de Deus e que todos os homens sérios deveriam ajudar a sua caminhada, a fim de poder um dia se estenderem mão segura; eu era Espírita, enfim, porque o Espiritismo não lança anátema sobre ninguém, e que, a exemplo do Cristo, nosso divino modelo, estende os braços a todos, sem distinção de classe e de culto. Eis porque eu era Espírita cristão.

Ó meus irmãos bem-amados! que graça imensa o Senhor concede aos homens enviando-lhes esta luz divina que lhes abre os olhos e fá-los ver, de maneira irrecusável, que além da túmulo existe bem uma outra vida, e, que em lugar do medo da morte, quando se viveu segundo os desígnios de Deus, deve-se bendizê-la quando vem livrar um de nós das pesadas cadeias da matéria.

Sim, esta vida que se prega constantemente de maneira tão apavorante, existe; mas não tem nada de penoso para as almas que, sobre a Terra, observaram as leis do Senhor. Sim, lá, encontram-se aqueles que se amou sobre a Terra; é uma mãe bem-amada, uma terna mãe que vem vos felicitar e vos receber; são amigos que vêm vos ajudar a vos reconhecer, em vossa verdadeira pátria, e que vos mostram todos os encantos da vida verdadeira, da qual os da Terra não são senão as tristes imagens.

Perseverai, meus irmãos bem-amados, caminhando no caminho bendito do Espiritismo; que para vós isso não seja uma palavra vã; que as manifestações que recebeis vos ajudem a escalar o rude calvário da vida, afim de que chegados ao cume, possais ir recolher os frutos de vida que vós vos tereis preparado.

É o que vos desejo a todos que me escutais e a todos os meus irmãos em Deus. Aquele que foi cardeal Wiseman.

(Médium senhora Delanne).

II

Meus amigos, por que não viria a vós? Os sentimentos expressos quando eu estava sobre vossa Terra e que devem ser os de todos servidores de Deus e da verdade, devem ser, para todo Espírita convicto, uma segurança de que usarei da graça que o Senhor me concede de vir instruir e guiar meus irmãos.

Oh! sim, meus amigos, é com alegria e reconhecimento por aquele a quem todos nós devemos, que venho vos exortar, vós que tendes a felicidade de serem admitidos entre os obreiros do Senhor, de perseverar no caminho em que estais empenhados; se não é o único, ao menos o melhor, porque se uma parte da Humanidade pode fazer sua salvação com a lei cega sem cair nas armadilhas e nos perigos que ela oferece, com mais forte razão aqueles cuja fé tem por base a razão e o amor de Deus, que vos fazemos conhecer tal qual é, devendo chegar a conquistar a vida eterna no seio desse mesmo Deus.

Filhos, inclinai-vos, curvai a cabeça, porque vosso Deus, vosso pai vos abençoa. Glorificai-o e amai-o na eternidade!

Oremos juntos.

WISEMAN, *assistido por Santo Agostinho.*

(Médium, Sr. Erambert, de Aix.)

Estas duas comunicações foram ditadas simultaneamente, o que explica a assistência de Santo Agostinho para a última. Enquanto que Wiseman fazia escrever um dos médiuns, Santo Agostinho fazia escrever o outro, ao qual transmitia o pensamento do cardeal. Freqüentemente vêe-se Espíritos pouco avançados, ou ainda na perturbação, não poderem se exprimir sem a ajuda de um Espírito mais elevado, mas aqui não é o mesmo caso; Wiseman está bastante liberto para ele mesmo dar suas idéias.

As duas comunicações adiante foram obtidas em 24 de março, na Sociedade de Paris, sem evocação, em conseqüência da leitura das precedentes. A quarta é uma apreciação dos fatos acima, pelo Espírito de Lamennais:

III

Venho, meus amigos, confirmar minha comunicação de segunda-feira. Estou feliz por vir num meio onde teria sempre a dizer e onde estou seguro de ser compreendido. Oh! Sim, esta será uma grande alegria para mim de ver se desenvolverem sob o olhar do mestre os progressos da doutrina santa e regeneradora que deve conduzir o mundo inteiro à sua destinação divina.

Amigos, uni vossos esforços na obra que vos foi confiada e sede reconhecidos do papel que o Criador de todas as coisas vos distribuiu. Não podereis jamais fazer o bastante para reconhecer a graça que vos fez; mas vos terá em conta vossa boa vontade, vossa fé e vosso amor por vossos irmãos. Bendizei-o; amai-o, e tereis a vida eterna.

Oremos juntos, meus caros amigos.

WISEMAN.

(Méd., Sr. Erambert, de Aix.)

IV

A religião espiritualista é a alma do cristianismo; não é preciso esquecê-lo. No meio do materialismo, do culto protestante e católico, o cardeal Wiseman usou proclamar a alma antes do corpo, o espírito antes da letra. Essas espécies de audácias são raras nos dois cleros, e é um espetáculo desabituado, com efeito, o ato de fé espírita do cardeal Wiseman. Seria estranho, de resto, que um espírito, assim cultivado, tão elevado quanto o do eminente cardeal tivesse visto no Espiritismo uma fé rebelde aos ensinos da mais pura moral do cristianismo; Não saberíamos aplaudir mais, nós Espíritas, a essa confiança distanciada de todo respeito humano, de todo escrúpulo mundano. Não *é* um encorajamento a voz de um agonizante tão distinto? Não é um anúncio para o futuro? Uma promessa que com a boa vontade tanto pregada pelo Evangelho não há senão uma verdade contida na prática da caridade e da crença na imortalidade da alma? Outras vozes não menos sagradas proclamam cada dia nossa imortal verdade. É um *hosana* sublime que cantam os homens visitados pelo Espírito, *hosannah* também puro, também entusiasta quanto o das almas visitadas por Jesus.

Nós mesmos, almas em sofrimento, não afastamos de nós a lembrança que nos chega, e no purgatório que sofremos, escutamos a voz daqueles que nos fazem ver além.

LAMENNAIS.

(Méd., Sr. A. Didier.)

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O QUE É O ESPIRITISMO? por Allan Kardec. Nova edição modificada e consideravelmente aumentada, In-12, perto de 200 páginas. Preço: 1 f r.; pelo correio, 1 fr. 20 c.

As matérias desta nova edição são divididas assim, como se segue:

CAPÍTULO I: PEQUENA CONFERÊNCIA. Primeira entrevista: *o crítico.* 2ª entrevista: *o cético.* - Espiritismo e Espiritualismo. -Dessidências. - Fenômenos espíritas simulados. - Impotência dos detratores. - O maravilhoso e o sobrenatural. - Oposição da ciência.

- Falsas explicações dos fenômenos. - Os incrédulos não podem ver para se convencerem. - Origem das idéias espíritas modernas. -Meios de comunicação. - Os médiuns interesseiros. - *Os* médiuns e *os* feiticeiros. - Diversidade nos Espíritos. - Utilidade prática das manifestações. - Loucura, suicídio, obsessão. - Esquecimento do passado. - Elementos de convicção. - Sociedade Espírita de Paris.

- Interdição do Espiritismo. - 3ª entrevista: *O Padre.* Objeções em nome da religião.

CAP. II: NOÇÕES ELEMENTARES DO ESPIRITISMO. - Dos Espíritos. - Comunicações com o mundo invisível. - Objetivo providencial das manifestações Espíritas. - Dos médiuns. - Escolhos dos médiuns. - Qualidade dos médiuns. - Charlatanismo. - Identidade dos Espíritos. - Contradições. - Conseqüências do Espiritismo.

CAP. III: SOLUÇÃO DE ALGUNS PROBLEMAS PELA DOUTRINA ESPÍRITA. - Pluralidade dos mundos. - Da alma. - O homem durante a vida terrestre. - O homem depois da morte.

No prelo, para aparecer em 1º de agosto:

O CÉU E O INFERNO, ou Justiça divina segundo o Espiritismo, por Allan Kardec. 1 grande vol. in-12. Preço: 3 fr. 50 c.; pelo correio, 4fr.

VIDA DE GERMAINE COUSIN, de Pibrac, bem-aventurada na caridade, dado mediunicamente por ela mesma à senhorita M. S., num grupo de família. Br. in-12:1 fr.; pelo correio, 1 fr. 10c.Toulouse, nas principais livrarias.

A vida de *Germaine Cousin é, ao* mesmo tempo, edificante e dramática, mas, além disto, eminentemente interessante pelos numerosos fatos mediúnicos que ela encerra, e que, sem o Espiritismo, seriam inexplicáveis ou maravilhosos. Os fenômenos, dos quais somos testemunhas em nossos dias, provam-lhe pelo menos a possibilidade. Todas as pessoas que não têm uma posição tomada de negação, e os Espíritas, sobretudo, lerão esta brochura com interesse.

A UNIÃO ESPÍRITA BORDOLESA. Bordeaux conta com quatro publicações espíritas periódicas: *La Roche, lê Sauveur, Ia Lumière* e *Ia Voix d'Outre-tombe. La Lumière e lê Sauveur,* estando sobre a mesma direção, não há em realidade senão três que acabam de se fundir numa única publicação, sob o título de *A União espírita bordolesa* e sob a direção do Sr. A. Bez, diretor de *La Voix d'Outre-tombe.* Felicitamos esses senhores pela medida que adotaram *e* que nossos adversários teriam em grande erro tomado por um indício de decadência da Doutrina. Fatos de outro modo bem concludentes estão aí para provar o contrário.

Os materiais do Espiritismo, se bem que muito numerosos, rolam num círculo quase uniforme; daí falta variedade suficiente, e pelo leitor que teria querido recebê-los todos,

uma carga muito onerosa, sem compensação. A nova folha bordolesa não poderá se não ganhar com essa fusão em todos os pontos de vista, e fazemos votos pela sua prosperidade. Nós ali lemos, com prazer, nos primeiros números, uma muito boa refutação dos artigos do Sr. *Fumeaux* sobre a iniqüidade e os flagelos do Espiritismo, assim como muito interessante relato de uma nova cura em Marmande. (Ver adiante em obras diversas.)

ÁRIA E PALAVRAS compostas pelo rei Henri III, em 1574, e reveladas num sonho em 1865, ao Sr. N. C. Bach; casa Legouix, editor, 27, boulevard Poissonnière. Preço marcado: 3 fr.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | NO. 8 | AGOSTO 1865

O QUE O ESPIRITISMO ENSINA.

Há pessoas que perguntam quais são as conquistas novas que devemos ao Espiritismo. Do fato de que não dotou o mundo de uma nova indústria produtiva, como o vapor, concluem que nada produziu. A maioria daqueles que fazem esta pergunta não se dando ao trabalho de estudá-lo, não conhece senão o Espiritismo de fantasia, criado pelas necessidades da crítica, e que nada tem de comum com o Espiritismo sério; não é, pois, espantoso que se pergunte o que pode dele ser o lado útil e prático. Teriam-no aprendido se tivessem ido procurá-lo em sua fonte, e não nas caricaturas que dele fizeram aqueles que têm interesse em denegri-lo.

Numa outra ordem de idéias, alguns acham, ao contrário, a marcha do Espiritismo muito lenta para o gosto de sua impaciência; espantam-se de que não haja ainda sondado todos os mistérios da Natureza, nem abordado todas as questões que parecem ser de sua alçada; gostariam de vê-lo todos os dias ensinar novidade, ou se enriquecer de uma nova descoberta; e, do fato de que ainda não resolveu a questão da origem dos seres, do princípio e do fim de todas as coisas, da essência divina, *e* algumas outras da mesma importância, concluem que não saiu do alfabeto, e que não entrou no verdadeiro caminho filosófico, e que se arrasta nos lugares comuns, porque prega sem cessar a humildade e a caridade. "Até este dia, dizem eles, não nos ensinou nada de novo, porque a reencarnação, a negação das penas eternas, a imortalidade da alma, a gradação através dos períodos da vitalidade intelectual, o perispírito, não são descobertas espíritas propriamente ditas; é preciso, pois, caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas."

Cremos dever, a este respeito, apresentar algumas observações, que não serão nada de novo, mas há coisas que é útil repetir sob diversas formas.

O Espiritismo, é verdade, nada inventou de tudo isto, porque não há de verdades verdadeiras senão aquelas que são eternas, e que, por isto mesmo, deveram germinar em todas as épocas; mas não é nada de tê-las tirado, senão do nada, ao menos do esquecimento; de um germe haver feito uma planta vivaz; de uma idéia individual, perdida na noite dos tempos, ou abafada sob os preconceitos, haver feito uma crença geral; de ter provado o que estava no estado de hipótese; de ter demonstrado a existência de uma lei naquilo que parecia excepcional e fortuito; de uma teoria vaga ter feito uma coisa prática; de uma idéia improdutiva haver tirado aplicações úteis? Nada é mais verdadeiro do que o provérbio: "Não há nada de novo sob o sol," e esta própria verdade não é nova; também não é uma descoberta das quais não se encontrem os vestígios e o princípio em algum lugar. Nessa conta Copérnico não teria o mérito de seu sistema, porque o movimento da Terra havia sido suspeitado antes da era cristã. Se fosse coisa tão simples, seria preciso, pois, encontrá-la. A história do ovo de Colombo será sempre uma eterna verdade.

Além disso, é incontestável que o Espiritismo tem muito a nos ensinar; é o que nunca cessamos de repetir, porque jamais pretendemos que ele tenha dito sua última

palavra. Mas do fato de que resta ainda a fazer segue-se que não tenha saído do alfabeto? Seu alfabeto foram as mesas girantes, e desde então deu, isto nos parece, alguns passos; parece-nos mesmo que tem a fazer bastante grandes em alguns anos, se o compararmos às outras ciências que aportaram séculos para chegar ao ponto onde estão. Nenhuma chegou ao seu apogeu do primeiro salto; elas avançam, não pela vontade dos homens, mas à medida que as circunstâncias colocam sob o caminho de novas descobertas; ora, não está no poder de ninguém comandar essas circunstâncias, e a prova disto é que, todas as vezes que uma idéia é prematura, ela aborta, para aparecer mais tarde em tempo oportuno.

Mas, à falta de novas descobertas, os homens de ciência nada têm a fazer? A química não é mais a química se ela não descobre todos os dias novos corpos? Os astrônomos estão condenados a cruzar os braços por falta de encontrar novos planetas? E assim em todos os outros ramos da ciência e da indústria. Antes de procurar novamente não é de se fazer a aplicação daquilo que se sabe? É precisamente para dar aos homens o tempo de assimilar, de aplicar e de vulgarizar o que sabem, que a Providência põe um tempo de parada na marcha para a frente. A história aí está para nos mostrar que as ciências não seguem marcha ascendente contínua, pelo menos ostensivamente; os grandes movimentos que fazem revolução numa idéia não se operam senão em intervalos mais ou menos afastados. Não há estagnação por isto, mas elaboração, aplicação, e frutificação daquilo que se sabe, o que é sempre do progresso. O Espírito humano poderia absorver sem cessar idéias novas? A própria Terra não tem necessidade de tempo de repouso antes de reproduzir? Que se diria de um professor que ensinasse todos os dias novas regras aos seus alunos, sem lhes dar o tempo de se aplicar sobre aquelas que aprenderam, de se identificar com elas e de aplicá-las? Deus seria, pois, menos previdente e menos hábil do que um professor? Em todas as idéias novas devem se encaixar nas idéias adquiridas; se estas não estão suficientemente elaboradas e consolidadas no cérebro; se o espírito não as assimilou, as que se quer nele implantar não tomam raiz; semeia-se no vazio.

Ocorre o mesmo com relação ao Espiritismo. Os adeptos aproveitaram de tal modo o que ele ensinou até este dia, que nada tenham mais a fazer? São de tal modo caridosos, desprovidos de orgulho, desinteressados, benevolentes para os seus semelhantes; de tal modo moderaram suas paixões, abjuraram o ódio, a inveja e o ciúme; enfim, são de tal modo perfeitos que seja doravante supérfluo pregar-lhes a caridade, a humildade, a abnegação, em uma palavra, a moral? Só esta pretensão provaria a ela o quanto têm ainda necessidade dessas lições elementares, que alguns acham fastidiosas e pueris; no entanto, é somente com ajuda dessas instruções, se as colocam em proveito, que podem se elevar bastante alto para serem dignos de receber um ensinamento superior.

O Espiritismo tende para a regeneração da Humanidade; este é um fato adquirido; ora, esta regeneração não podendo se operar senão pelo progresso moral, disto resulta que seu objetivo essencial, providencial, é a melhoria de cada um; os mistérios que pode nos revelar são o acessório, porque nos abre o santuário de todos os conhecimentos, não seríamos mais avançados para o nosso estado futuro, se não fôssemos melhores. Para admitir ao banquete da suprema felicidade, Deus não pede o que se sabe nem p que se possui, mas o que se vale e o que se terá feito de bem. É, pois, à sua melhoria individual que todo espírita sincero deve trabalhar antes de tudo. Só aquele que domou seus maus pendores, realmente tem aproveitado do Espiritismo e disso reserva a recompensa; é por isto que os bons Espíritos, por ordem de Deus, multiplicam suas instruções e as repetem à saciedade; só um orgulho insensato pode dizer: delas não tenho mais necessidade. Só Deus sabe quando serão inúteis, e só a ele pertence dirigir o ensino de seus mensageiros, e de proporcioná-lo ao nosso adiantamento.

Vejamos, no entanto, se fora do ensino puramente moral, os resultados do Espiritismo são tão estéreis quanto alguns o pretendem.

1- Ele dá primeiro, como todos o sabem, a prova patente da existência e da imortalidade da alma. Isto não é uma descoberta, é verdade, mas é por falta de provas sobre este ponto que há tantos incrédulos ou indiferentes quanto ao futuro; é provando o que não era senão uma teoria que ele triunfa do materialismo, e que lhe previne as conseqüência funestas para a sociedade. A dúvida sobre o futuro tendo se transformado em certeza, é toda uma revolução nas idéias, e cujas conseqüências são incalculáveis. Se lá se limitassem exclusivamente os resultados das manifestações: quanto esse resultado seria imenso.

2- Pela firme crença que ele desenvolve, exerce uma poderosa ação sobre o moral do homem; leva-o ao bem, consola-o em suas aflições, dá-lhe a força e a coragem nas provas da vida, e o afasta do pensamento do suicídio.

3- Retifica todas as idéias falsas que se havia feito sobre o futuro da alma, sobre o céu, o inferno, as penas e as recompensas; ele destrói radicalmente, pela irresistível lógica dos fatos, os dogmas das penas eternas e dos demônios; em uma palavra, ele nos descobre a vida futura, e no-la mostra natural e conforme a justiça de Deus. É ainda uma coisa que tem muito seu valor.

4- Ele faz conhecer o que se passa no momento da morte; este fenômeno, até este dia insondável, não tem mais mistérios; as menores particularidades dessa passagem tão temida são hoje conhecidas; ora, como todo o mundo morre, este conhecimento interessa a todo o mundo.

5- Pela lei da pluralidade das existências, abre um novo campo à filosofia; o homem sabe de onde vem, para onde vai, para que fim está sobre a Terra. Ele explica a causa de todas as misérias humanas, de todas as desigualdades sociais; dá as próprias leis da Natureza por base aos princípios de solidariedade universal, de igualdade e de liberdade, que não estavam assentados senão sobre a teoria. Enfim, lança a luz sobre as questões mais difíceis da metafísica, da psicologia e da moral.

6- Pela teoria dos fluidos perispirituais, faz conhecer o mecanismo das sensações e das percepções da alma; explica os fenômenos da dupla vista, da visão à distância, do sonambulismo, do êxtase, dos sonhos, das visões, das aparições, etc.; abre um novo campo à fisiologia e à patologia.

7- Provando as relações que existem entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual, mostra, neste último, uma das forças ativas da Natureza, uma força inteligente, e dá a razão de uma multidão de efeitos atribuídos à causas sobrenaturais e que alimentaram a maioria das idéias supersticiosas.

8- Revelando o fato das obsessões, fez conhecer a causa, desconhecida até aqui, de numerosas afecções sobre as quais a ciência estava equivocada em prejuízo dos doentes, e que dá os meios de curar.

9- Em nos fazendo conhecer as verdadeiras condições da prece e seu modo de ação; nos revelando a influência recíproca dos Espíritos encarnados e desencarnados, nos ensina o poder do homem sobre os Espíritos imperfeitos para moralizá-los e arrancá-los aos sofrimento inerentes à sua inferioridade.

10- Fazendo conhecer a magnetização espiritual, que não se conhecia, abre um novo caminho ao magnetismo, e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura.

O mérito de uma invenção não está na descoberta de um princípio, quase sempre conhecido anteriormente, mas na aplicação desse princípio. A reencarnação não é uma idéia nova, sem contradita, não mais que o perispírito, descrito por São Paulo sob o nome de corpo espiritual, nem mesmo a comunicação com os Espíritos. O Espiritismo, que não se gaba de ter descoberto a Natureza, procura com cuidado todos os traços que pode encontrar da anterioridade de suas idéias, e, quando os encontra, se apressa em proclamá-lo, como prova ao apoio daquilo que adianta. Aqueles, pois, que invocam essa

anterioridade, tendo em vista depreciar o que fez, vão contra o seu objetivo, e agem desastradamente, porque isto poderia fazer supor um preconceito.

A descoberta da reencarnação e do perispírito não pertencem, pois, ao Espiritismo, é coisa convencionada; mas, até ele, que proveito a ciência, a moral, a religião tinham retirado desses dois princípios, ignorados das massas, e permanecidos no estado de letras mortas? Não só os clareou, os provou e fez reconhecer como leis da Natureza, mas as desenvolveu e fez frutificar; deles já fez sair inumeráveis e fecundos resultados, sem os quais estariam ainda para se compreender uma infinidade de coisas; cada dia nos fazem compreender coisas novas, e se está longe de ter esgotado essa mina. Uma vez que esses dois princípios eram conhecidos, por que ficaram por tanto tempo improdutivos? Por que, durante tantos séculos, todas as filosofias se chocaram contra tantos problemas insolúveis? É que eram diamantes brutos que seria preciso colocar em obra: foi o que o Espiritismo fez. Ele abriu um novo caminho à filosofia, ou, dizendo melhor, criou uma nova filosofia que toma cada dia seu lugar no mundo. Estão, pois, aí resultados de tal modo nulos que é preciso se apressar em caminhar para descobertas mais verdadeiras e mais sólidas?

Em resumo, de um certo número de verdades fundamentais, esboçadas por alguns cérebros de elite, e permanecidas na maioria num estado por assim dizer latente, uma vez que elas foram estudadas, elaboradas e provadas, de estéreis que eram, se tornaram uma mina fecunda de onde saiu uma multidão de princípios secundários e aplicações, e abriram um vasto campo à exploração, novos horizontes às ciências, à filosofia, à moral, à religião e à economia social.

Tais são, até este dia, as principais conquistas devidas ao Espiritismo, e não fizemos senão indicar os pontos culminantes. Supondo que devessem se limitar a isso, poder-se-ia já dar-se por satisfeito, e dizer que uma ciência nova que dá tais resultados em menos de dez anos, não pode ser maculada de nulidade, porque toca a todas as questões vitais da Humanidade, e traz aos conhecimentos humanos um contingente que não é de se desdenhar. Até que esses únicos pontos tenham recebido *todas as* aplicações das quais são suscetíveis, e que os homens deles tenham tirado proveito, se passará ainda por muito tempo, e os espíritas que quiserem pô-los em prática por si mesmos e para o bem de todos, não deixarão de ter ocupação.

Esses pontos são tantos focos de onde se irradiam inumeráveis verdades secundárias que se trata de desenvolver e de aplicar, o que se faz cada dia; porque a cada dia se revelam fatos que levantam um novo canto do véu. O Espiritismo deu sucessivamente e em alguns anos todas as bases fundamentais do novo edifício; aos seus adeptos agora cabe colocar esses materiais em obra, antes de pedir outros novos; Deus saberá bem lhos fornecer quando tiverem rematado sua tarefa.

Os espíritas, diz-se, não sabem senão o alfabeto do Espiritismo; seja; aprendamos, pois, primeiro a soletrar esse alfabeto, o que não é um negócio de um dia, porque, mesmo reduzido às suas únicas proporções, escoará tempo antes de lhe ter esgotado todas as combinações e recolhido todos os frutos. Não restam mais fatos a explicar? Os espíritas não têm, aliás, a ensinar esse alfabeto àqueles que não o sabem? lançaram a semente por toda a parte onde poderiam fazê-lo? não resta mais incrédulos a converter, obsidiados a curar, consolações a dar, lágrimas a secar? É fundado dizer-se que não se tem nada mais a fazer quando não se acabou a sua necessidade, quando resta ainda tantas feridas a fechar? Aí estão nobres ocupações que valem muito a vã satisfação de dele saber um pouco mais e um pouco mais cedo que os outros.

Saibamos, pois, soletrar nosso alfabeto antes de querer ler correntemente no grande livro da Natureza; Deus saberá bem nos abri-lo à medida em que avançarmos, mas não depende de nenhum mortal forçara sua vontade antecipando o tempo para cada coisa. Se a árvore da ciência é muito alta para que não possamos alcançá-la, esperemos para ali

voar, que nossas asas estejam crescidas e solidamente presas, de medo de ter a sorte de ícaro.

O ABADE DÉGENETTES, MÉDIUM,

Antigo cura de Notre-Dame dês Victoires, em Paris.

O fato seguinte foi tirado textualmente da obra intitulada: *Mês de Maria,* pelo abade Défossés:

Eis como se produz no mundo, *de maneira sobrenatural e celeste, a obra divina da arquiconfraria do santíssimo e imaculado Coração de Maria.* Deixemos ainda a palavra ao Sr. Dégenettes. Quem melhor do que ele poderia nos contar o que se passou?

"A arquiconfraria nasceu em 3 de dezembro de 1836. Muitas pessoas, que não julgam senão segundo as aparências, *dela nos chamam o fundador. Não podemos deixar passar esse prejulgado sem combatê-lo e destruí-lo; não somos o fundador,* só a Deus cabe a honra e a glória. Não tínhamos nenhuma das disposições de espírito e de coração que pudessem nos preparar para isso; devemos confessar, disso pedindo perdão a Deus e a Maria, que, embora filho de Maria, habituado desde nossa juventude a amá-la, a venerá-la como a mais terna das mães, não compreendíamos à devoção de seu santo coração, que evitamos mesmo nele pensar. Acrescentamos ainda que um santo religioso, o Pé. Maccarty, tendo um dia pregado em nossa igreja das Missões estrangeiras sobre o santo coração de Maria, não recolhemos de seu sermão nenhum sentimento dando nosso sufrágio comum à eloqüência do pregador, mas descontente, tanto era grande o orgulho de nossa prevenção, que ele tratasse um tal assunto que pensávamos não ser mais útil aos outros do que a nós. Tal foi a nossa disposição constante, até o dia 3 de dezembro de 1836, festa de São Francisco Xavier.

"Nesse dia, às nove horas da manhã, comecei a santa missa ao pé do altar da santa Virgem, que depois consagramos ao seu santíssimo e imaculado Coração, e que é hoje o altar da arquiconfraria. Estava no primeiro versículo do salmo *Judica me,* quando um pensamento veio tomar meu espírito: era o pensamento da inutilidade de meu ministério nessa paróquia; ela não me era estranha, eu não tinha senão mais ocasião de concebê-la e dela me lembrar; mas nessa circunstância ela me atingiu mais vivamente do que o comum. Como não era nem o lugar nem o tempo de disso me ocupar, fiz todos os esforços possíveis para afastá-lo de meu espírito. Não pude ali chegar, e me parecia sempre ouvir uma voz que vinha do meu interior e que me dizia; *Tu não fazes nada, teu ministério é nulo, há mais de quatro anos que estás aqui, que ganhaste? Tudo está perdido, esse povo não tem mais fé. Deverias, por prudência, retirar-te!...*

"Malgrado todos os meus esforços para repelir esse infeliz pensamento, ele aferrou-se de tal modo que absorveu todas as faculdades de meu espírito, ao ponto que eu lia e recitava preces, sem mais compreender ò que dizia. A violência que me fazia me havia fatigado e sentia uma transpiração mais abundante. Estive nesse estado até o começo do cânon da missa. Depois de ter recitado o *Sanctus,* detive-me um instante, e procurei lembrar minhas idéias; assustado com meu estado de espírito, disse a mim mesmo: "Meu Deus, em que estado estou? Como vou oferecer o divino sacrifício? não tenho bastante liberdade de espírito para consagrar. Ó meu Deus, livrai-me desta distração." Logo que terminei estas palavras, ouvi distintamente estas palavras pronunciadas de maneira solene: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Mana.* Apenas ouvi estas palavras, que náo feriram meus ouvidos, mas retiniram somente dentro de mim, recobrei imediatamente a calma e a liberdade de espírito. A fatal impressão que me havia tão violentamente agitado, se apagou logo; dela não me restou nenhum traço. Prossegui a continuação dos santos mistérios sem nenhuma lembrança de minha precedente distração.

"Depois de minha ação de graças, examinei a maneira pela qual tinha ofertado o santo sacrifício. Só então me lembrei que tivera uma distração, mas isto não era senão uma lembrança confusa, e fui obrigado a procurar, durante alguns instantes, qual lhe tinha sido o objeto. Tranqüilizei-me dizendo a mim mesmo: "Eu não pequei, eu não estava livre." Perguntava-me como esta distração havia cessado, e a lembrança dessas palavras que tinha ouvido se apresentavam a meu ouvido. Esse pensamento me atingiu com uma espécie de terror. Procurei negar a possibilidade desse fato, mas minha memória confundia os raciocínios que me objetava. Batalhei comigo mesmo durante dez minutos. Dizia a mim mesmo: *Se não tivesse me detido aí, expor-me-ia a uma grande felicidade, ela afetaria meu moral, e eu poderia me tornar visionário.*

"Fatigado desse novo combate, tomei minha decisão e me disse: *Não posso me deter nesse pensamento, ele teria muito deploráveis conseqüências; aliás, é uma ilusão; tive uma longa distração durante a missa, eis tudo. O essencial para mim é nisso não ter pecado. Nisso não quero mais pensar.* Apoiei minhas mãos no oratório sobre o qual estava ajoelhado.

No mesmo momento, e eu não tinha ainda me levantado (estava sozinho na sacristia), ouvi pronunciar muito distintamente: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria.* Tornei a cair de joelhos, e minha primeira impressão foi um momento de estupefação. Eram as mesmas palavras, o mesmo som, a mesma maneira de ouvi-las. Durante alguns instantes, tentei não crer; *eu queria ao menos duvidar, e não mais o podia.* Eu tinha ouvido, *não podia escondê-lo a mim mesmo.* Um pensamento de tristeza se apoderou de mim; as inquietações que vinham de atormentar meu espírito se apresentaram de novo. Em vão tentei expulsar todas essas idéias; dizia a mim mesmo: *É ainda uma ilusão, fruto do abalo dado ao teu cérebro pela primeira impressão que sentistes; tu não ouviste, não pudeste ouvir,* e o senso íntimo me dizia: *Tu não podes duvidar, ouviste duas vezes.*

'Tomei a decisão de não me ocupar com aquilo que acabara de acontecer de tratar de esquecê-lo. Mas estas palavras: *Consagra tua paróquia ao santíssimo e imaculado Coração de Maria,* se apresentavam sem cessar ao meu Espírito. Para me livrar da impressão que me cansava, cedi de cansaço e disse a mim mesmo: *É sempre um ato de devoção à santa Virgem, que pode ter um bom efeito; tentemos.* Meu consentimento não era livre, era exigido pelo cansaço de um espírito. Reentrei em meu apartamento; para me livrar desse pensamento, pus-me a compor os estatutos de nossa associação. Apenas tinha posto mãos a obra e o assunto se esclareceu aos meus olhos, e o estatuto não demorou para ser redigido. Eis a verdade, e não a dissemos nas primeiras edições de nosso manual; a escondemos mesmo ao venerável diretor de nossa consciência; dela tínhamos feito até esse dia um *segredo* mesmo aos amigos mais íntimos; *não ousamos revelá-lo; e hoje que a divina misericórdia assinalou tão autenticamente sua obra pelo estabelecimento, a prodigiosa propagação da arquiconfraria, e sobretudo pelos frutos admiráveis que ela produz, minha consciência me obriga a revelar este fato.* "É glorioso, disse o arcanjo Rafael a Tobias, é glorioso revelar as obras de Deus, a fim de que todos reconheçam que só a ele pertencem louvor, honra e glória."

O fato da mediunidade auditiva é aqui da última evidência. Àquele que negar-se que este seja um efeito medianímico e o considerasse como miraculoso, responderíamos que o caráter do milagre é de ser excepcional e acima das leis da Natureza, e que jamais se pensou em dar essa qualidade aos fenômenos que se produzem todos os dias; a reprodução é o indício certo de que eles existem em virtude de uma lei, e que, conseqüentemente, não saem da ordem natural; ora, os fatos análogos ao do abade Dégenettes estão no número dos mais vulgares, entre os da mediunidade; as comunicações por via auditiva são excessivamente numerosas.

Se, pois, segundo a opinião de alguns, o demônio é o único agente dos efeitos medianímicos, disto seria preciso concluir, para ser conseqüente, que a fundação da dita

arquiconfraria é uma obra demoníaca; porque, em boa lógica, a analogia absoluta dos efeitos implica na da causa.

Um ponto embaraçoso para os partidários do demônio é a reprodução incessante de todos os fenômenos medianímicos no próprio seio do clero e das comunidades religiosas, e a perfeita semelhança de uma multidão de efeitos reputados santos, com aqueles que são reputados diabólicos. Forçoso, pois, é convir que não só os maus Espíritos têm o poder de se manifestar, de outro modo a maioria dos santos não seriam senão possessos, tendo em vista que muitos não deveram sua beatificação senão a fatos do gênero daqueles que se produzem hoje nos médiuns. Disso saem dizendo que os bons Espíritos não se comunicam senão à Igreja, ou que só à Igreja cabe distinguir o que vem de Deus ou do diabo; seja, é uma razão como outra que fica para a apreciação de cada um, mas que exclui a doutrina da comunicação exclusiva dos demônios.

Nosso colega, o Sr. Delanne, que consentiu nos transmitir o fato acima, juntou-lhe a comunicação seguinte, do abade Dégenettes, obtida pela senhora Delanne:

"Meus caros filhos, respondo com alegria ao vosso chamado; dar-vos-ei de boa vontade os detalhes que desejais conhecer, porque sou hoje ligado à grande falange dos Espíritos que têm por missão conduzir os homens nos caminhos da verdade.

"Quando eu estava sobre a Terra, trabalhava de corpo e alma para conduzir os homens a Deus, mas eu não tinha senão uma idéia muito fraca da importância dessa grande lei pela qual todos os homens chegarão ao progresso. A matéria impõe graves entraves, e nossos instintos paralisam freqüentemente os esforços de nossa inteligência. Portanto, quando de minha *audição,* não sabia bem em que pensar; mas vendo que essa voz continuava a se fazer ouvir, concluí por um milagre. Eu me considerava, no entanto, como um verdadeiro instrumento, e tudo o que obtinha por essa intercessão me confirmava essa idéia. Pois bem! eu fui, com efeito, um instrumento; mas não havia milagre; eu era um dos homens designados para levar um das primeiras pedras à doutrina, fornecendo-lhe a prova das comunicações espirituais.

"Os tempos estão próximos em que vos serão dados grandes desenvolvimentos concernente às coisas que se chamam *mistérios,* e que deveriam sê-lo até o presente, porque os homens não estavam ainda aptos para compreendê-las. Oh! mil vezes felizes aqueles que compreendem hoje esta bela e invejável missão de propagar a doutrina da revelação, e de mostrar um Deus bom e misericordioso!

"Sim, meus caros filhos, quando eu estava em exílio sobre a Terra, possuía o precioso dom da mediunidade; mas, vo-lo repito, eu não sabia disso me dar conta. A partir do momento em que essa voz falou ao meu coração, reconheci mais especialmente e mais visivelmente a proteção de Maria em todas as minhas ações, mesmo as mais simples, e se dissimulava antes de dar parte aos meus superiores o que me tinha ocorrido, foi ainda *pelos conselhos dessa mesma voz,* que me fazia compreender que não tinha chegado a hora de fazer essa revelação. Tinha o pressentimento e mesmo uma vaga intuição da renovação que se opera; compreendia que a revelação *não deveria vir da Igreja,* mas que um dia a Igreja seria forçada a apoiá-la por todos os fatos aos quais ela dá o nome de milagre, e que atribui a causas sobrenaturais.

"Continuarei numa outra vez, meus filhos; que a paz do Senhor esteja em vossas almas e vos proporcione um sono pacífico.

"P. Devemos enviar ao Sr. Allan Kardec esta comunicação e os fatos que a provocaram? - *R.* Não vos disse que eu era um dos propagadores da Doutrina? Meu nome não tem um grande valor, mas não vejo porque não vos autorizaria a fazê-lo. De resto, não é a primeira vez que me comunico; podeis, pois, transmitir ao mestre minhas simples instruções, ou antes, meus simples relatos.

DÉGENETTES."

Nota. - O abade Dégenettes, com efeito, comunicou-se várias vezes espontaneamente, e ditou palavras dignas da elevação de seu Espírito.

Tanto quanto disto nos lembramos, foi ele que, num sermão pregado na igreja de Notre-Dame dês Victoires, contou o fato seguinte: Uma pobre trabalhadora sem trabalho tendo vindo orar na Igreja, encontrou, dela saindo, um senhor que a abordou e lhe disse: "Procurais trabalho; ide a tal endereço, e perguntai pela senhora tal; ela vos poderá proporcioná-lo." A pobre mulher agradeceu-lhe e foi ao endereço indicado, onde encontrou efetivamente a pessoa em questão, à qual contou o que lhe tinha ocorrido. Essa senhora lhe disse: "Não sei quem pôde vos dar meu endereço, porque não pedi trabalhador; no entanto, como tenho alguma coisa a mandar fazer, vou vos encarregar dela." A pobre mulher, avistando um retrato no salão, respondeu: 'Tende, senhora, o senhor que me enviou à vossa casa foi aquele," designando o retrato. "É impossível, disse a senhora; esse retrato é de meu filho, morto há três anos. - Não sei como isso ocorreu, replicou a trabalhadora; mas eu o reconheço perfeitamente."

O Sr. abade Dégenettes acreditava, pois, na aparição das almas após a morte, sob a aparência que tinham quando vivas. Os fatos desse gênero não são insólitos, e se têm deles muito numerosos exemplos. Não é presumível que o abade Dégenettes tenha reportado este, no púlpito, sem provas autênticas. Sua crença sobre este ponto, juntada ao que lhe tinha ocorrido pessoalmente, vem em apoio do que ele disse de sua missão atual de propagar a doutrina dos Espíritos.

Um fato como o último que vem de ser contado, necessariamente, deveria passar por maravilhoso; só o Espiritismo, pelo conhecimento das propriedades do perispírito, podia dele dar uma explicação racional. Ele prova, por isto mesmo, a possibilidade da aparição de Cristo aos apóstolos, depois de sua morte.

MANIFESTAÇÕES DE FIVES, PERTO DE LILLE (NORTE).

Lê-se no *Indépendantde Douai,* de 6 e 8 de julho de 1865, o relato seguinte dos fatos que vêm de se passar em Fives:

I

"Há quinze dias, passaram-se na rua do Prieuré, em Fives, fatos ainda inexplicados e que causam uma profunda sensação em todo esse quarteirão. A certos intervalos ocorre, no pátio de duas habitações dessa rua, uma grande queda de projéteis que quebram as vidraças, às vezes atingem os habitantes, sem que se possa descobrir nem o lugar de onde partem, nem as pessoas que os lançam. As coisas chegaram a este ponto que os dois locatários deveram garantir suas janelas com uma grade, com medo de ser aniquilada.

"Primeiro os interessados fizeram a ronda, depois recorreram à polícia, que exerceu a mais ativa vigilância durante vários dias. Isso não impediu os pedaços de tijolos, carvão de terra, etc., de caírem tão abundantemente nos dois pátios. Um agente recebeu mesmo um projétil nos rins, no momento em que procurava explicar a um de seus camaradas a parábola que os calhaus descreviam antes de sua queda.

"O vidraceiro, depositando os vidros quebrados na véspera por pedaços de tijolos, foi igualmente atingido nas costas. Ele logo foi arremessado, jurando conhecer o autor desses atos repreensíveis, mas não foi mais feliz do que os outros.

"Constatou-se há alguns dias uma diminuição notável no volume dos projéteis, mas chegam mais numerosos, de sorte que a emoção continua. No entanto, espera-se descobrir logo o que há de misterioso nesse singular assunto.

II

"Os fenômenos bizarros que se produziram na rua do Prieuré, em Fives, desde quinta-feira, 14dejunho, e dos quais tínhamos já falado, entraram desde sábado último numa nova fase, disse o jornal ao qual tomamos o primeiro relato.

"Não se trata mais de projéteis lançados de fora com um estrondo extraordinário contra as portas e as janelas, e muito menos violentamente contra as pessoas.

"Eis o que se passa agora numa das duas casas da qual ele falou, - a outra ficando perfeitamente tranqüila.

"Durante o dia de sábado, caíram no pátio oito moedas e duas peças de dois centavos belgas. A senhora da casa, vendo ao mesmo tempo vários móveis se agitarem e cadeiras tombarem, foi chamar as pessoas vizinhas. Levantaram-se as cadeiras; por várias vezes, elas caem de novo. Ao mesmo tempo vêem-se no jardim os tamancos, deixados na entrada pela empregada, saltar em cadência, como se estivessem nos pés de uma pessoa que dançasse.

"À noite, um calendário colocado acima de uma chaminé salta e turbilhona no ar; sapatos, que estavam no chão, saltam também, e soltam a palmilha no alto.

"A noite chegada, o chefe da casa, Sr. M..., resolve vigiar.

"Apenas só, ouviu um ruído; era um castiçal que caía sobre a chaminé; enquanto o levanta, um molusco rola para a terra, ele abaixa para apanhá-lo: o outro castiçal lhe cai sobre as costas. Esses manejos duram uma parte da noite.

"Durante esse tempo, a doméstica, que dorme no alto, se pôs a gritar por socorro; é encontrada com um medo tal que não se pode duvidar de sua sinceridade, quando afirmou que lhe haviam batido. Fizeram-na descer e deitar no quarto vizinho; ouviu-se logo se lamentar ainda, ouviam-se mesmo os golpes que ela recebia.

"Essa jovem tornou-se enferma e precisou retornar para a casa de seus pais.

"No domingo de manhã e no dia seguinte, caem ainda moedas e centavos belgas no pátio.

"Perto do meio-dia, a Sra. X... sai com uma de suas amigas, depois de ter visitado toda a sua casa, e sem nada ali notar que não estivesse em ordem.

"A porta é cuidadosamente fechada. Ninguém pôde entrar. Retornando, a Sra. X... encontra desenhado sobre a sua cama um grande 8, com meias e lenços que estavam fechados num armário.

"A noite com seu marido, seu sobrinho e um pensionista, que compõem com ela todo pessoal da casa, visitou todos os apartamentos. No dia seguinte de manhã, subindo ao quarto ocupado outrora pela doméstica, ela encontrou, sobre a cama um desenho bizarro formado com bonés, e sobre a escada do fundo, uma dezena de peças de música cobertas pelos paletós de seu marido, de seu sobrinho e do pensionista, estendidos todos em sua extensão e em cima deles um chapéu.

"Na terça-feira de manhã, caiu ainda no pátio um centavo belga. Teve-se a intenção de dá-lo aos pobres, assim como a moeda caída nos dois dias precedentes. Mas eis que o estojo onde ela estava depositada salta de uma peça a outra, e o dinheiro desaparece, assim como a chave da escrivaninha.

'Varrendo a sala de jantar, de repente se vêem duas facas fixadas no assoalho, uma outra plantada no teto.

"De repente uma chave cai no pátio. É a da porta da rua, depois vem a da escrivaninha; depois lenços, lenços enrolados e amarrados, que tinham desaparecido há algum tempo.

"Depois do meio-dia, se vê sobre a cama do Sr. M... um círculo formado com roupas, e no sótão um desenho formado com um velho casaco de chuva enrolado e um cesto para peixe.

'Todos esses fatos, assim como dos quais falamos sábado, são atestados por pessoas da casa, cujo caráter está longe de ser levado ao exagero ou à ilusão. Parecem

tanto mais singulares quanto a vizinhança é perfeitamente bem habitada, e que uma ativa vigilância não cessou de ser exercida há três semanas.

"Pode-se imaginar o quanto as pessoas da casa sofrem com este estado de coisa. Depois de terem começado por ocultar as janelas do lado do pátio, decidiram em seguida abandonar os quartos onde se produzem esses fatos que reportamos, e elas estão agora de alguma sorte acampadas em dois ou três quartos, à espera do fim de seus aborrecimentos.

"Pela crônica: Ph. DENIS."

Estes fatos, como se vê, têm uma certa analogia com os de Poitiers, do boulevard Chave, em Marseille, da rua dos Grès e dos de Noyers em Paris, de Hoerdt, perto de Strasbourg, e de uma multidão de outras localidades. Por toda a parte enganaram a vigilância mais ativa e as investigações da polícia. À força de se multiplicarem, acabaram por abrir os olhos. Se não se produzissem senão num único lugar, teria fundamento atribuí-los a uma causa local, mas quando ocorrem sobre pontos tão distantes e em épocas diferentes, será preciso chegar a reconhecer que a causa está no mundo invisível, uma vez que nada se encontra neste. Em presença desses fatos tão multiplicados e que, conseqüentemente, têm tão numerosas testemunhas, a negação não é mais possível, também vê-se que os relatórios se limitam geralmente a simples relatos.

Os Espíritos anunciaram que manifestações de toda natureza iriam se produzir sobre todos os pontos; com efeito, examinando-se o que se passa há algum tempo, vê-se que são fecundos em recursos para testarem sua presença. Os incrédulos pedem fatos; os Espíritos os dão a cada instante, que têm um valor tanto maior quanto não são provocados e se produzem sem o concurso da mediunidade comum, e na maioria do tempo entre pessoas estranhas ao Espiritismo. Os Espíritos parecem dizer-lhes: Acusais os médiuns de compadrio de prestidigitação, de alucinações; nós vos damos fatos que não são suspeitos; se depois disto não credes, é que quereis fechar os olhos e os ouvidos.

As manifestações de Fives nos são, além disso, atestadas pelo Sr. Mallet, de Douai, oficial superior e homem de ciência, que pesquisou sua realidade sobre os próprios lugares e junto de pessoas interessadas. Podemos, pois, garantir-lhes a perfeita exatidão.

PROBLEMA PSICOLÓGICO.

DOIS IRMÃOS IDIOTAS.

Num lar de operários de Paris se acham duas crianças atingidas de idiotia, e que apresentam esta particularidade de que, até a idade de cinco aseis anos, gozarem de todas suas faculdades intelectuais, mesmo relativamente muito desenvolvidas. A menos que não seja provocada por uma causa acidental, a idiotia, entre as crianças, é quase sempre o resultado de um atraso de desenvolvimento dos órgãos, e se manifesta, conseqüentemente, desde o nascimento. O que há além disto a notar aqui, é o fato de duas crianças atingidas da mesma enfermidade em condições idênticas.

O duplo fenômeno podendo ser o assunto de um estudo interessante do ponto de vista psicológico, um dos membros da Sociedade de Paris, o Sr. Desliens, se fez introduzir nessa família por um de seus amigos, afim de poder disso dar conta à Sociedade. Eis o resultado de suas observações.

"Quando o pai conheceu o objetivo de minha visita, disse ele, passou num escritório, e dele saiu trazendo nos braços um ser mais semelhante, pelos traços, a um animal do que a um foco de inteligência. Dali trouxe igualmente um segundo no mesmo estado de embrutecimento, mas com aparências físicas mais humanas. Nenhum som sensato

escapou da boca desses infortunados; pequenos gritos agudos, um ronco rouco são suas únicas manifestações barulhentas. Quase sempre um riso bestial lhes anima a fisionomia. O primogênito se chama Alfred e o segundo Paulin.

Alfred, que tem hoje dezessete anos, nasceu com toda a sua inteligência que se manifestou mesmo com uma certa precocidade. Há três anos falava com propósito e compreendia o menor sinal. Teve então uma curta doença, depois da qual perdeu o uso da palavra e de suas faculdades mentais. Os tratamentos médicos não levaram senão a um esgotamento das forças vitais, traduzido hoje por um raquitismo absoluto.

"Este ser, que não tem de um homem nem mesmo a aparência, no entanto, tem sentimento; ele ama seus pais; ama seu irmão, e sabe manifestar sua simpatia ou sua repulsa por aqueles que o cercam. Compreende tudo que se lhe diz; olha com os olhos onde brilha a inteligência; procura sem cessar, mas sem resultado, responder quando se fala diante dele de coisas que o interessam. Ele tem um medo invencível da morte, e não pode ver um carro de defunto sem procurar se esconder, sua tia tendo lhe dito um dia, de brincadeira, que o envenenaria se continuasse a ser mau, ele compreendeu tão bem que, durante mais de um ano, recusou receber qualquer alimento de suas mãos, se bem que seja de um apetite extraordinário.

"Paulin, com a idade de quinze anos, tem uma aparência mais humana, corporalmente; traz em seu rosto embrutecido, a marca de um idiotismo absoluto. No entanto, ele ama, mas a isto se limitam suas manifestações exteriores. Nasceu igualmente com toda a sua razão que conservou inteira até a idade de seis anos. Ele amava muito seu irmão. Nessa idade ele caiu doente e passou pelas mesmas fases que seu primogênito. Recentemente teve uma longa enfermidade, e depois desse tempo parece compreender melhor o que se lhe diz. O cura e os padres da paróquia fizeram a família entender que ali havia a possessão do demônio, e que seria preciso exorcizar as crianças. Os pais hesitaram; no entanto, cansados da insistência desses senhores, e temendo a perda dos recursos que recebiam por causa de seus filhos, nisso consentiram; mas então esses senhores pretenderam que houvera com efeito possessão outrora, mas que hoje não era mais isso e que não havia nada afazer. É preciso dizer em louvor dos pais, que sua ternura por essas infortunadas criaturas jamais foi desmentida, e que elas foram constantemente o objeto dos cuidados mais afetuosos."

Os senhores eclesiásticos sabiamente fizeram renunciar ao exorcismo, que não teria levado senão a um fracasso. As próprias crianças não apresentam nenhum dos caracteres da obsessão no sentido do Espiritismo, e tudo prova que a causa do mal é puramente patológica. Em ambos a idiotia se produziu em conseqüência de uma doença que, sem nenhuma dúvida, ocasionou a atrofia dos órgãos da manifestação do pensamento, mas é fácil ver que atrás desse véu existe um pensamento ativo que encontra um obstáculo invencível à sua livre emissão. A inteligência dessas crianças, durante os primeiros anos, prova neles Espíritos avançados que se encontraram mais tarde encerrados em laços muito estreitos, para que pudessem se manifestar; sob um envoltório em condições normais, teriam sido homens inteligentes, e quando a morte os tiver livrado de seus entraves, reencontrarão o livre uso de suas faculdades.

Esse constrangimento imposto ao Espírito deve ter uma causa moral, providencial, e essa causa deve ser justa, uma vez que Deus é a fonte de toda justiça. Ora, como essas crianças nada puderam fazer nesta existência, que pudessem merecer um castigo qualquer, é preciso bem admitir que pagam a dívida de uma existência anterior, a menos que se negue a justiça de Deus. Elas nos oferecem uma prova da necessidade da reencarnação, esta chave que resolve tantos problemas, e que cada dia lança a luz sobre tantas questões ainda obscuras." (Ver *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* cap. V, nº 66: Causas anteriores das aflições terrestres.)

A comunicação seguinte foi dada sobre este assunto à Sociedade de Paris, em 7 de julho de 1865. (Méd. Sr. Desliens).

"A perda da inteligência, nos dois idiotas dos quais se trata, é certamente explicável do ponto de vista científico. Cada um deles teve uma curta doença; pode-se, pois, concluir com razão que os órgãos cerebrais foram afetados. Mas, por que esse acidente ocorreu depois da manifestação evidente de todas as suas faculdades, contrariamente ao que se passa geralmente na idiotia? Eu o repito, toda perturbação da inteligência ou das funções orgânicas pode ser explicada fisiologicamente, qualquer que seja a causa primeira, tendo em vista que leis tendo sido estabelecidas pelo Criador para as relações entre a inteligência e os órgãos de transmissão, não pode isto ser derrogado. A perturbação dessas relações é uma conseqüência mesma dessas leis, e pode ferir o culpado por suas faltas anteriores: aí está a expiação.

"Por que esses dois seres foram atingidos juntos? Porque participaram na mesma vida; estiveram ligados durante a prova, e devem estar reunidos durante a vida de expiação.

"Por que sua inteligência se manifestou primeiro, contrariamente ao que ocorre comumente em semelhante caso? Do ponto de vista da intenção providencial, é uma das mil nuanças da expiação, que tem sua razão de ser para o indivíduo, mas da qual seria freqüentemente difícil sondar o motivo, por isto mesmo que é individual. É preciso nisto ver também um desses fatos que vêm diariamente confirmar, para o observador atento, as bases da Doutrina Espírita, e sancionar pela evidência, os princípios da reencarnação.

"Não olvideis, não mais, que os pais têm sua parte no que se passa aqui; é por sua ternura em relação a esses seres que não lhes oferecem nenhuma compensação, uma grande prova. É preciso felicitá-los por nela não falirem, porque essa compensação que não encontram nesse mundo, a encontrarão mais tarde. Disso dizeis vós mesmos que os cuidados e a afeição que prodigalizam a esses dois pobres seres, poderiam muito bem ser uma reparação a seu respeito, reparação que o estado de constrangimento torna ainda mais meritória."

MOKI.

VARIEDADES

EPITAFIO DE BENJAMIN FRANKLIN.

Um de nossos assinantes de Joinville (Haute-Marne) nos escreveu o que se segue:

"Sabendo da boa acolhida que está reservada a todos os documentos que têm relação com a Doutrina Espírita, apresso-me em vos dar conhecimento de uma passagem da biografia de Franklin, tirada do *Mosaique* de 1839, página 287; ela prova um vez mais que, em todas as épocas, os homens superiores tiveram a intuição das verdades espíritas. A crença desse grande homem na reencarnação e no progresso da alma se revela inteiramente nas poucas linhas seguintes, formando o epitáfio que ele mesmo compôs; está assim concebido:

"Aqui repousa, entregue aos vermes, o corpo de Benjamin Franklin, impressor, como a cobertura de um velho livro cujas folhas são arrancadas, e o título e a douradura apagados; mas, por isto, a obra não está perdida, porque ele reaparecerá, como o crê, numa nova e melhor edição, revista e corrigida pelo autor."

Um dos principais cidadãos, de que os Estados Unidos mais se honram, era, pois, reencarnacionista; não só acreditava no seu renascimento sobre aTerra, mas acreditava ali retornar melhorado pelo seu trabalho pessoal; é exatamente o que diz o Espiritismo. Se se recolhessem todos os testemunhos esparsos nos melhores escritos em favor desta doutrina, reconhecer-se-ia o quanto teve raízes nos pensadores de todas as épocas, e se

admiraria menos da facilidade com a qual ela é acolhida hoje, porque pode-se dizer que ela jaz latente na consciência da maioria. Esses pensamentos, semeados aqui e ali, eram as centelhas precursoras que deveriam brilhar mais tarde, e mostrar aos homens o seu destino.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

O MANUAL DE XÉFOLIUS.

Este livro é uma nova prova da fermentação das idéias espíritas, muito tempo antes que os Espíritos fossem questão. Mas aqui não são mais alguns pensamentos esparsos, é uma série de instruções que se diria calcadas sobre a doutrina atual, ou pelo menos hauridas na mesma fonte. Essa obra, atribuída a Félix de Wimpfen, guilhotinado em 1793, parece ter sido publicada por volta de 1788; de início não foram impressos senão sessenta exemplares, para alguns amigos, assim como o anuncia um aviso colocado no cabeçalho, e, por conseguinte, é excessivamente raro. Eis o texto do prefácio, que traz a data de 1788, de cuja forma bastante ambígua poderia muito ser uma maneira de dissimular a personalidade do autor.

"Quando eu disser porque via caiu em minhas mãos a obra que dou hoje ao público, o extraordinário que encerra essa história não satisfará mais o leitor do que meu silêncio possa inquietá-lo, e não acrescentará nada ao prêmio inestimável do presente que lhe faço. Surpreso e preocupado por esta singularidade, li com uma espécie de desconfiança; mas logo as conjecturas foram abafadas pela admiração; encontrei o que nenhum filósofo havia ainda oferecido, um sistema completo senti meu Espírito se apoiar, se fixar sobre uma base que lhe era em tudo correspondente; senti minha alma se elevar e crescer; senti meu coração *se* agitar de um novo amor por meus semelhantes; minha imaginação foi ferida de um respeito mais profundo pelo autor de todas as coisas; vi o porquê de tantos assuntos de murmúrios contra a sabedoria eterna; em me encontrando melhor e mais feliz, pensei que não fora por acaso que fui escolhido, e que a Providência me havia determinado para ser um instrumento da publicação deste manual, próprio *a* todos os cultos que respeita, a todas as idades que instrui, a todos os estados que consola, do monarca ao mendigo. O sentimento e a razão me levaram de acordo a fazer partilhar aos meus irmãos as encorajantes esperanças, a pacífica resignação, os impulsos para a imperfeição dos quais me acho penetrado. Fortalecido por uma felicidade que me era desconhecida até então, desafio o ridículo que me lançarão os espíritos fortes por fraqueza, e antecipadamente lhes perdôo pelos pesares pelos quais talvez quererão pagar a felicidade à qual convido o leitor, *e* que, cedo ou tarde, se tornará seu quinhão."

Um de nossos colegas da Sociedade Espírita de Paris, que mora em Gray, na Haute-Saône, encontrou, há pouco tempo, essa obra sobre sua mesa, sem que tivesse jamais podido saber como nem por quem havia sido levada, não conhecendo ninguém que teria podido fazê-lo, e não compreendendo, aliás, o motivo que se teria tido em se esconder. Entre as pessoas que freqüenta, nenhuma dele fez alusão na conversação, e não pareceu ter conhecimento do livro, quando dele fala. Ele mesmo tocado pelas idéias que encerra, no-lo comunicou em sua última viagem a Paris. Uma edição mais recente tendo sido publicada pela casa Hachette (1-(1) Um vol. in-12. Preço: 2 fr. 50; pelo correio: 2 fr. 80.), nos apressamos em procurá-la. Seu título, que infelizmente nada diz, deveu ter contribuído para deixá-la ignorada do público. Cremos que os Espíritas nos serão gratos de tirá-la do esquecimento, assinalando-a *a* sua atenção. Não podemos melhor fazê-lo do que citando dela algumas passagens.

"Partimos todos do mesmo ponto para chegarmos à mesma circunferência por raios diferentes, e é da diversidade dos *tipos que tenhamos usado* que provém a diversidade das inclinações dos homens ao seu primeiro protótipo. Quanto às inclinações daqueles

que já usaram vários, elas têm tantas causas diferentes e tantas nuanças diferentes, que querendo-se indicá-las perder-se-ia no infinito. Contentar-me-ei, pois, em dizer que, enquanto não se faz senão girar em torno do círculo das vaidades, parece-se sempre; mas que aquele que entrou em suas leis não poderá conceber como pôde cometer certas ações tão pouco semelhantes, tão contrárias ao que é atualmente." (Página 87.)

"O homem não passa num protótipo, ou disforme ou débil, senão quando abusou criminosamente da força e da beleza daquele que acaba de deixar, porque depois de dele ter tido a experiência, somos privados das vantagens das quais abusamos para nos afastar da felicidade e da salvação, *e* recebemos o que pode dele nos aproximar de novo. Se, pois, foi a beleza: *renascemos feios, disformes; se* a saúde: fracos, doentios; se as riquezas: pobres, desprezados; se as grandezas: escravos desprezíveis; tais, enfim, que o jogo das leis universais no-los mostra já neste mundo alguns exemplos constantes naqueles que, depois de terem abusado dos bens passageiros ou da convenção, para ultrajar seus irmãos, tornaram-se para eles um sujeito de desprezo e de piedade." (Página 89.)

"Quando julgamos as penas que merece um crime, podemos variar na medida das punições. Mas todos convimos que o crime deve ser punido. Estaremos igualmente de acordo para convir que os castigos que, de um mau sujeito fariam um bom cidadão, seriam preferíveis à barbárie de fazê-lo supliciar eternamente e inutilmente por ele e pelos outros, e que o Todo-Poderoso não podendo ser ameaçado, ofendido, abalado, não pode querer se vingar; que assim tudo o que experimentamos não é senão para nos *esclarecer e nos modificar,* mas o preço inestimável que liga o homem a objetos de toda espécie lhe faz pensar que não é preciso menos do que uma força infinita para proporcionar o castigo ao delito do qual se tornou culpado para com ele; e na louca paixão, imagina que Deus não deixará de se vingar como se vingaria se fosse Deus, ao passo que outros procuram se persuadir de que o Céu não toma nenhum conhecimento de seus crimes. Mas é assim que deve raciocinar os diferentes desviados, cada um tomando seu diferente interesse por base." (Página 134.)

"Se não se tivesse limitado o universo ao nosso pequeno globo, a um Eliseu, a um Tártaro, todo cercado de velas, ter-se-ia sido mais justo para com Deus e os homens.

"Não sabes o que fazer desse tirano de Roma que, depois de inumeráveis crimes enormes, morreu com o desgosto de não ter cometido todos aqueles dos quais se encontra ainda a lista. Não podendo fazer passar no Eliseu, inventas as Fúrias, um Tártaro, tu o precipitas no abismo das penas eternas. Mas quando souberes que esse tirano, assassinado na flor de sua idade, não cessou de viver; que ele passou nas condições mais abjetas; *que foi punido pela lei de talião;* que ele sofreu sozinho tudo o que tinha feito sofrer a tantos outros; quando tu souberes,

Que instrui pela infelicidade, esse grande senhor do homem,

modificado pelo sofrimento, desenganado, esclarecido sobre tudo o que desvia; esse coração no qual eram abundantes o erro e os vícios, e que vomita os *crimes que as leis universais fizeram servir à modificação e à salvação de uma quantidade de nossos irmãos;* quando souberes, digo eu, que esse mesmo coração está hoje ao abrigo da verdade, das mais ternas e mais harmoniosas virtudes, quais serão teus sentimentos por ele?" (Página 131.)

"Quando os homens imaginaram um Deus vingativo, fizeram-no à sua imagem. O homem se vinga, ou porque crê ter sido lesado, ou para provar que não é preciso que *se* divirta com ele, quer dizer que ele não se vinga senão por avareza e por medo, crendo não se vingar senão por um sentimento de justiça. Ora, todos sabem a quais excessos podem nos levar nossas discordantes paixões. Mas o Eterno, inacessível aos nossos ataques, o Eterno tão bom quanto justo, não exerce a sua justiça senão em medida igual com a sua bondade. Sua bondade nos tendo criado para um fim feliz, ele justamente ordenou a natureza das coisas de modo: 1ˉ a que nenhum crime possa ficar impune; *2- a*

que a punição se torne, cedo ou tarde, *uma luz para o infrator* e para muitos outros; 3- que não possamos demitir nem infringir nossas leis sem cair num mal proporcional à nossa infração e ao deslocamento moral do grau atual de nossa modificação." (Página 132.)

"Quanto mais tu avances, encontrarás encantos na prece de amor; porque é pelo amor que seremos felizes, e que o amor sendo o laço dos seres, teu bom gênio reagirá sobre ti. Esse *companheiro invisível é talvez o companheiro que crês ter perdido,* ou esse outro tu mesmo que crês não existir senão em teu desejo; mas ainda um momento, estarás com ele e com todos aqueles que terás muito amado, o que terias preferivelmente amado se os tivesses conhecido." (Página 265.)

"Quando uma injustiça ou uma maldade levantar em ti o sentimento da indignação, antes de raciocinar sobre essa injustiça ou essa maldade, raciocine teu sentimento, a fim de que não se mude em cólera. Digo-te: é para suportar isso que tenho necessidade da sabedoria; *não seria uma velha dívida que pago? Se* me deixo abalar, não tardarei em cair. Não estamos todos sob a mão do grande Obreiro, e não sabe ele melhor que eu a ferramenta da qual se deve servir? Que conselhos darias a meu amigo se o visse em uma posição má? Não é verdade que eu o lembraria a gradação dos seres; que lhe perguntaria se um selvagem produz tão bons frutos quanto um remador; se quisesse achar-se tão atrasado quanto esse mau, a fim de lhe dar a parelha; se o golpe que vem de receber não desatou um laço que não conhecia, ou que não tinha força de romper ele mesmo? não acabarias por fixar seus olhos sobre essa felicidade eterna, prêmio do complemento de uma harmonia na qual não fazemos progressos senão *à* medida que nos esclarecemos e que nos desligamos dos miseráveis interesses de onde nascem os choques contínuos, e que nos elevamos acima do finito!" (Página 310.)

Estas citações dela dizem bastante para dar a conhecer o espírito dessa obra, que torna todo comentário supérfluo. Tendo pedido ao guia de um de nossos médiuns, Sr. Desliens, se seria possível evocar o Espírito do autor, ele respondeu: "Sim, certamente e com tanto mais facilidade quanto não é dele a sua primeira comunicação. Vários médiuns já se dirigiram a ele em várias circunstâncias; mas deixo a ele mesmo o cuidado de se explicar. Ei-lo."

O Espírito, evocado e interrogado sobre as fontes de onde hauriu as idéias contidas em seu livro, deu a comunicação seguinte (29 de junho de 1865):

"Uma vez que lestes uma obra da qual não me atribuo sozinho todo o mérito, deveis saber que o bem da Humanidade e a instrução de meus irmãos foram o objeto de meus mais caros desejos. É vos dizer que venho com prazer vos dar as informações que esperais de mim. Já vim várias vezes às sessões da Sociedade, não só como expectador, e não ficareis admirado do que adianto, quando vos disser, como já o sabeis, que os Espíritos tomam em suas comunicações, o *nome tipo* do grupo ao qual pertence. Assim, tal Espírito que assina Santo Agostinho não será o próprio Santo Agostinho, mas bem um ser da mesma ordem, chegado ao mesmo grau de modificação. Isto posto, sabei que fui, durante a vida de meu corpo, um desses *médiuns inconscientes que se revelam freqüentemente em vossa época.* Por que falo logo de maneira que parece prematura, vo-lo direi:

"Para cada aquisição do homem, nas ciências físicas ou morais, diversos degraus, desdenhados, repelidos primeiro para triunfar em seguida, deveram ser colocados, afim de preparar insensivelmente os Espíritos aos movimentos futuros. Toda idéia nova, fazendo, sem precedente, sua entrada num mundo que se costuma chamar sábio, não tem quase chance de triunfar, em razão do espírito de partido e das oposições sistemáticas daqueles que o compõem. Render-se a novas idéias, das quais no entanto reconhece a sabedoria, é para eles uma humilhação, porque isso seria confessar sua fraqueza e provar a insanidade de seus sistemas particulares. Preferem negar por amor-próprio, por respeito humano, por ambição mesmo, até que a evidência os force a convir

com seus erros, sob pena de se verem cobertos do ridículo que quiseram derramar sobre os novos instrumentos da Providência.

Assim o foi de todos os tempos; ocorreu o mesmo para o Espiritismo. Não fiqueis, pois, admirados de encontrar em épocas anteriores ao grande movimento espiritualista, diversas manifestações isoladas, cuja concordância com as da hora presente, provam uma vez mais a intervenção do Todo-Poderoso em todas as descobertas que a Humanidade atribui erradamente a algum gênio humano particular.

Sem dúvida, cada um tem seu gênio próprio; mas, reduzidos às suas próprias f orcas, que faria ele? Quando o homem, dotado de uma inteligência capaz de propagar novas instituições com algumas chances de sucesso, aparece sobre a Terra ou alhures, é escolhido pela hierarquia dos seres invisíveis encarregados, pela Providência, de vigiar a manifestação da nova invenção, para receber a inspiração dessa descoberta e conduzir progressivamente os incidentes que devem lhe assegurar o sucesso.

Dizer-vos o que me levou a escrever esse livro, manifestação verdadeira de minha individualidade, me foi impossível ao tempo de minha encarnação; agora, vejo claramente que fui o instrumento, em parte passivo, do Espírito encarregado de me dirigir o *ponto harmonioso,* sobre o qual devia me modelar para adquirir a soma das perfeições que me era dado alcançar sobre essa Terra. Há duas espécies de perfeições bem distintas uma da outra: as *perfeições relativas* que nos são inspiradas pelo guia do momento, guia, bem longe ainda do cume da escala das perfectibilidades, mas ultrapassando somente seus protegidos em razão da compreensão da qual são capazes.

Há, em seguida, a perfeição absoluta que, para mim não é senão uma aspiração ainda velada porque ignoro, e à qual se chega pela sucessão das perfeições relativas.

Em cada mundo que ela atravessa, a alma adquire novos sentidos morais que lhe permitem conhecer coisas das quais não tinha a menor idéia. Dir-vos-ei o que fui? que classe ocupo na escala dos seres? Por quê? De que utilidade me seria um pouco de glória terrestre?... Gosto mais de conservar a doce lembrança de ter sido útil aos meus semelhantes na medida de minhas forças, e continuar aqui a tarefa que Deus, em sua bondade, me havia imposto sobre a Terra.

Instruí-me instruindo *os* outros; aqui, faço o mesmo.

Informar-vos-ei somente que faço parte desta categoria de Espírito que designais pelo nome genérico de São Luís.

P. Poderíeis nos dizer: 1- se, em vossa última encarnação, fostes a pessoa designada no prefácio da reedição de vossa obra, sob o nome de Félix de Wimpfen? *2-* se fazíeis parte da seita dos Teósofos cujas opiniões se aproximam muito das nossas; *3-* se devereis logo vos reencarnar e fazer parte da falange de Espíritos destinada a terminar o grande movimento ao qual assistimos. O Sr. Allan Kardec tem a intenção de dar a conhecer vosso livro; seria também bem fácil ter vosso conselho, a esse respeito. - *R.* Não, eu não fui Félix de Wimpfen, crede-me; se o fosse, não hesitaria em dize-lo. Ele foi meu amigo, assim como diversos outros filósofos do século dezoito; partilhei mesmo seu fim cruel; mas, repito-o, meu nome ficará desconhecido, e me parece inútil fazê-lo conhecer.

Certamente, fui um Teósofo, sem partilhar do entusiasmo que distinguiu alguns dos partidários dessa escola.

Tive relações com os principais dentre eles e minhas idéias, como pudestes ver, estavam em tudo conforme às suas.

Sou inteiramente submetido aos decretos da Providência, e se lhe aprouver enviar-me de novo sobre essa Terra para continuar a me purificar e a me esclarecer, bendirei a sua bondade. Aliás, é um desejo que formulei e do qual espero ver logo a realização.

O conhecimento de meu livro vindo apoiar as idéias espíritas, não posso senão apoiar nosso caro presidente de nisso ter sonhado; mas não é talvez o primeiro instigador dessa providência e estou certo, de minha parte, de que alguns Espíritos de meu

conhecimento contribuíram para colocá-lo em suas mãos, e inspirar-lhe as intenções que tomou a esse respeito.

Quando me evocardes especialmente far-me-ei reconhecer; mas se venho vos instruir como pelo passado, não reconhecereis em mim senão um dos Espíritos da ordem de São *Luís.*

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

A CHAVE DO CÉU.

(Sociedade de Montreuil-sur-Mer, 5 de janeiro de 1865.)

Quando se considera que tudo vem de Deus e retorna a Deus, é impossível não perceber, na generalidade das criações divinas, o laço que as religa entre elas e as sujeita a um trabalho de comum adiantamento, ao mesmo tempo que de um trabalho de adiantamento particular; como também não se pode desconhecer que a lei de solidariedade que disso resulta, não nos obriga a sacrifícios gratuitos de todas as espécies uns para com os outros. Há a anotar, aliás, que Deus nos mostrou em tudo uma primeira aplicação por ele mesmo dos princípios primordiais que estabeleceu. Assim, pela solidariedade, se encontra esse princípio expresso na sensibilidade da qual fomos dotados, possibilidade que nos leva a compartilhar os males de outrem, a tomá-los em piedade e aliviá-los.

Isto não é tudo; os profetas e o divino Messias Jesus nos deram o exemplo de uma segunda aplicação do princípio de solidariedade, primeiro em consagrando por cerimônias simbólicas, e mais freqüentemente pela autoridade de seus ensinos, o amor do homem para o homem; depois em proclamando como um dever necessário e rigoroso a prática da caridade, que é a expressão da solidariedade. A caridade é o ato de nossa submissão à lei de Deus; é o sinal de nossa grandeza moral; é a chave do céu. Também é da caridade que quero vos falar. Não a considerarei senão sob um único lado: o lado material, e a razão disto é simples: é o lado que agrada menos ao homem.

Não mais os cristãos do que os Espíritas, ninguém negou o princípio, ou melhor, a lei da solidariedade; mas procurou-se eludir-lhe as conseqüências, e para isso se evocaram mil pretextos. Deles citarei alguns.

As coisas do espírito ou do coração, disseram, tendo um preço infinitamente superior ao das coisas materiais, segue-se que consolar a aflição, ou por boas palavras ou por sábios conselhos, vale também infinitamente mais do que consolá-la por socorros materiais. Seguramente, senhores, tendes razão se a aflição da qual falais tem uma causa moral, se ela toma sua razão numa ferida do coração; mas se é a fome, se é o frio, se é doença, se, em uma palavra, foram as causas materiais que a provocaram, vossas doces palavras bastarão para dulcificá-las? vossos bons conselhos, vossas sábias opiniões chegarão *a* curá-la? Permiti-me disto duvidar. Se Deus, em vos colocando sobre a Terra, tivesse se omitido em prover à alimentação de vosso corpo, disto teríeis encontrado equivalente nos socorros espirituais que vos concede? Mas Deus não *é o* homem, Deus é a sabedoria eterna e a bondade infinita; ele vos impôs um corpo de lama, mas proveu as necessidades desse corpo fertilizando vossos campos e fecundando os tesouros da terra; aos recursos espirituais que se dirigem à vossa alma, juntou os recursos materiais que vosso corpo reclamava. Desde então, e porque o egoísmo talvez tivesse despojado o pobre de sua parte na herança terrestre, de que direito vos creríeis quites para com ele? Porque a justiça humana riscou-lhe o nome do número dos usufrutuários dos bens temporais, por que a vossa caridade não encontraria uma justiça mais equitativa a lhe dar?

Um ilustre pensador deste século não temeu assim se expressar em sua memorável profissão de fé: "Cada abelha tem direito à porção de mel necessária à sua subsistência, e se, entre os homens, há a quem falte desse necessário, é que a justiça e a caridade desapareceram do meio deles." Toda excessiva que possa vos parecer esta linguagem, por isso não contém menos uma grande verdade, verdade inacessível talvez ao entendimento de muitos dentre vós, mas evidente para nós, Espíritos que, mais atingidos pelos efeitos porque os abarcamos em seu conjunto, vemos também as causas que os produzem.

Ah! disse aquele, ninguém mais do que eu geme sob as penas e as privações cruéis do verdadeiro pobre, cujo trabalho, insuficiente para a manutenção de sua família, não lhe leva, em troca de suas fadigas, nem a alegria de nutrir os seus, nem a esperança de deixá-los felizes; mas eu me faria um caso de consciência encorajar, por cegas liberalidades, a preguiça ou a má conduta em farrapos. De resto, tenho a caridade como indispensável à salvação do homem; somente a impossibilidade de descobrir as necessidades reais, entre tantas necessidades simuladas, justifica, isto me parece, minha abstenção.

A impossibilidade de descobrir as necessidades reais, tal é, meu amigo, vossa justificativa. Vede, no entanto, essa justificativa não será jamais sancionada pela vossa consciência, e disto não quero dar outra prova senão a confissão que me fizestes; porque, do direito que teria o verdadeiro pobre à vossa esmola, - e lhe reconheceis esse direito, - desse direito, digo eu, decorre para vós o dever de procurá-la. Procurá-la vós? A impossibilidade vos detém. Como pois! a caridade não tem limites, ela é infinita, como Deus de quem emana, e não admite nenhuma impossibilidade! Sim, alguma coisa vos detém: é o egoísmo, e Deus, que sonda os corações e os rins, Deus o descobrirá facilmente sob os falaciosos pretextos com os quais o velais. Podeis enganar o mundo, chegareis também a enganar momentaneamente vossa consciência, mais jamais enganareis a Deus. Em cem anos, em mil anos, aparecereis de novo sobre a Terra; nela vivereis, sem dúvida, despojados de vossa opulência presente e cobertos sob o peso da indigência; pois bem! eu vo-lo declaro, recebereis do rico o desdém e a indiferença que, ricos vós mesmos, tereis mostrado outrora para o pobre. Nobreza obriga, diz-se; solidariedade obriga mais ainda. Quem se subtrai à esta lei dela perde todos os benefícios. É porque vós, que tereis guardado o fundo egoísta de vossa natureza, suportareis, ao vosso turno, os desprezos do egoísmo.

Escutai estas afirmações de Rousseau:

"Para mim, disse ele, sei que todos os pobres são meus irmãos e que não posso, sem uma inexcusável dureza, lhes recusar o fraco socorro que me pedem. A maioria são de vagabundos, nisto convenho; mas conheço muito as penas da vida para ignorar por quantas infelicidades o honesto homem pode se encontrar reduzido à sua sorte. E como poderia eu estar seguro de que o desconhecido que vem implorar, em nome de Deus, minha assistência, não é talvez esse honesto homem prestes a perecer de miséria e que minha recusa vai reduzir ao desespero? Quando a esmola que se lhes dá não fosse para eles um socorro real, é pelo menos um testemunho de que se toma parte em suas dificuldades, um abrandamento à dureza da recusa, uma espécie de saudação que se lhes dá."

É um filho de Gênova, senhores, que fala da sorte; é um filósofo saciado nas fontes secas do século dezoito que teme desconhecer o honesto homem entre os desconhecidos que lhe estendem a mão e que dá a todos. Dar a todos porque todos são seus irmãos: ele o sabe! Disso sabeis menos do que ele, senhores? Não ouso crê-lo.

Mas em que medida deveis dar, ou antes, qual é em vossos bens a parte que vos pertence e a parte que pertence aos pobres? Vossa parte, senhores, é o necessário, nada senão o necessário e ainda não seria preciso que o exagerásseis. Em vão vos prevalece-

reis de vossa posição, das obrigações que lhe são decorrentes, das obrigações de luxo que ela exige; tudo isto olha ao mundo, e se quiserdes viver para o mundo, não avançareis senão com o mundo, não ireis mais depressa do que o mundo. Em vão ainda, alegareis, para justificar vossos hábitos de fraqueza, um trabalho ao qual não se entrega o pobre, e que, praticado em vossa casa e por vós, vos torna beneficiários de um maior bem-estar; em vão alegareis isto, porque todo homem é ligado ao trabalho, ou por ele, ou pelos outros, porque a incúria de seu vizinho não o absolveria do desamparo em que o tenha abandonado.

De vosso patrimônio, como de vosso trabalho, não vos é permitido retirar senão uma coisa em vosso proveito: o necessário, o resto torna aos pobres. Eis a lei. Que essa lei comporte, em certos casos e em circunstâncias dadas, temperamentos, não o nego, mas diante da luz, diante da verdade, diante da justiça divina, ela não o comporta.

E a família, em que se tornará ela? Estamos quites com ela desde que tenhamos socorrido o que se chama os pobres? Não, evidentemente, senhores, porque, do momento em que reconheceis a necessidade de vos despojar para os pobres, trata-se de fazer uma escolha e estabelecer uma hierarquia. Ora, vossas mulheres e vossos filhos são vossos primeiros pobres; sobre eles, pois, deveis derramar a vossa primeira esmola. Velai pelo futuro de vossos filhos; sede cuidadosos em lhes preparar dias calmos e tranqüilos no meio desse vale de lágrimas; deixai-lhes mesmo em depósito uma leve herança que lhes permita continuar o bem que tiverdes começado: isto é legítimo. Mas jamais lhes ensineis a viver egoisticamente, e a olhar como seu o que é de todos. Antes e depois deles, os autores de vossos dias, aqueles que vos nutriram e guardaram, aqueles que protegeram vossos primeiros passos e guiaram vossa adolescência, vosso pai e vossa mãe têm direito à vossa solicitude. Depois vêm as almas que Deus vos deu em vossos irmãos segundo a carne; depois vossos amigos de coração; depois todos os pobres, a começar pelos mais miseráveis.

Vós o vedes, eu vos concedo temperamentos, e estabeleci uma hierarquia conforme os instintos de vosso coração. Tende cuidado, no entanto de muito favorecer uns com exclusão dos outros. E pela partilha equitativa de vossos benefícios que mostrareis a vossa sabedoria, e é pela partilha equitativa ainda que cumprireis a lei de Deus com relação aos vossos irmãos, que é a lei de solidariedade.

"A justiça, disse Lamennais, é a vida; a caridade, é também a vida, mas uma mais bela e mais doce vida."

Sim, a caridade é uma bela e doce vida, é a vida dos santos, é a *chave do céu.*

LACORDAIRE.

A FE.

(Grupo espírita de Douai, 7 de junho de 1865.)

A fé plana sobre a Terra, procurando uma pousada onde se
abrigar, procurando um coração para esclarecer! Onde irá ela?.....

Ela entrará primeiro na alma do homem primitivo e se imporá; colocará um véu momentâneo sobre a razão começando a se desenvolver e vacilante nas trevas do Espírito. Conduzi-lo-á através das idades de simplicidade *e* se fará senhora pelas revelações; mas, não estando o raciocínio ainda bastante maduro para discernir o que é justo do que é falso, para julgar o que vem de Deus, ela arrastará o homem fora do caminho reto, tomando-o pela mão e lhe colocando uma venda sobre os olhos. Muitos desvios, tal deve ser a divisa da fé cega, que, no entanto, teve durante muito tempo sua utilidade e sua razão de ser.

Esta virtude desaparece quando a alma, pressentindo que pode ver por seus próprios olhos, se afasta e não quer mais caminhar senão com sua razão. Isto a ajuda a

se desfazer das crenças falsas que havia adotado sem exame; nisso ela é boa; mas o homem reencontrando em seu caminho muitos mistérios e verdades obscuras, quer penetrá-los e se engana. Seu julgamento não pode segui-lo; quer ir muito depressa e a progressão em tudo deve ser insensível. Ele não tem, pois, mais a fé que repeliu; não tem mais a razão que quis ultrapassar. Faz, então, como as borboletas temerárias, queima as asas na luz e se perde nos descaminhos impossíveis. Dali saiu a má filosofia, que, procurando muito, fez tudo desabar e nada substituiu.

Estava ali o momento da transformação; o homem não era mais crente cego, não era ainda crente raciocinando a crença; era a crise universal tão bem representada pelo estado da crisálida.

À força de procurar na noite, a claridade jorra, e muitas almas extraviadas, reencontrando apenas a luz obscurecida por tantos desvios inúteis, e retomando por guia seus condutores eternos: a fé e a razão os fazem marchar de frente diante delas, a fim de que seus dois clarões reunidos os impeçam de se perderem uma segunda vez. Fazem assentar a fé sobre *as* bases sólidas da razão, ajudadas elas mesmas pela inspiração.

É vossa época, meus amigos; segui o caminho, Deus está no fim.

DEMEURE.

AVISO.

As sessões da Sociedade Espírita de Paris serão suspensas, como nos anos precedentes, de 1⁰ de agosto a 1⁰ de outubro.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO **NO. 9** **SETEMBRO 1865**

DA MEDIUNIDADE CURADORA.

Escrevem-nos de Lyon, 12 de julho de 1865: "Caro Senhor Kardec.

"Venho, na qualidade de Espírita, recorrer à vossa cortesia, e vos rogar consentir em dar-me alguns conselhos relativamente à prática da mediunidade curadora pela imposição das mãos. Um simples artigo a este respeito na *Revista Espírita,* contendo alguns desenvolvimentos, seria acolhido, disto estou seguro, com um grande interesse, não só por aqueles que, como eu, se ocupam desta questão com ardor, mas ainda por muitos outros a quem essa leitura poderia inspirar o desejo de dela se ocupar também. Lembro-me sempre dessas palavras de uma sonâmbula que eu havia formado. Eu a enviei, durante seu sono magnético, para visitar uma doente à distância, e a meu pedido como se poderia curá-la, ela disse: "Há alguém em sua aldeia que o poderia, é um tal; é "médium curador, mas *sobre isto nada sabe."*

"Não sei até que ponto essa faculdade é especial, cabe-vos mais do que a qualquer outro apreciá-la, mas se ela o é realmente, como seria de desejar, que atraísseis sobre este ponto a atenção dos Espíritas. Mesmo todos aqueles que, fora de nossas opiniões, vos lessem, não poderiam ter nenhuma repugnância em tentar uma faculdade que não pede senão a fé em Deus *e a* prece. Que de mais geral, de mais universal? Não é mais questão de Espiritismo, e cada um, nesse terreno, pode conservar suas convicções. Quantas irmãs de caridade, quantos bons curas do campo, quantos milhares de pessoas piedosas, ardentes pela caridade, poderiam ser médiuns curadores? É o que sonho em todas as religiões, em todas as seitas. Aceita por toda a parte, essa faculdade, esse presente divino da bondade do Criador, em lugar de ficar como apanágio de alguns, cairia, se assim posso me expressar, no domínio público. Este seria um belo dia para aqueles que sofrem, e há tantos deles!

"Mas, para exercer essa faculdade, independentemente de uma fé viva e da prece, podem existir condições a reunir, procedimento a seguir para agir o mais eficazmente possível. Qual é a parte do médium na imposição das mãos? Qual é a dos Espíritos? É preciso empregar a vontade, como nas operações magnéticas, ou se limitar a pedir, deixando agir à sua vontade a influência oculta? Essa faculdade é realmente especial ou acessível a todos? O organismo nela desempenha um papel, e que papel? Essa faculdade pode ser desenvolvida, e em que sentido?

"Eis aqui onde vossa longa experiência, vossos estudos sobre as influências fluídicas, o ensino dos Espíritos elevados que vos assistem, e, enfim, os documentos que recolheis de todos os cantos do globo, podem vos permitir nos esclarecer e nos instruir; ninguém, como vós, está colocado nessa situação única. Todos aqueles que se ocupam da questão desejam vossos conselhos tanto quanto eu, disto estou seguro, e creio me fazer o intérprete de todos. Que mina fecunda é a mediunidade curadora! Aliviar-se-á ou se curará o corpo, e pelo alívio ou pela cura encontrar-se-á o caminho do coração, lá onde freqüentemente a lógica havia fracassado. Quantos recursos possui o Espiritismo!

Quanto é rico dos meios dos quais é chamado a se servir! Não deixando nenhum deles improdutivo; quanto tudo concorre a elevá-lo e a difundi-lo. Nisto nada poupais, caro senhor Kardec, e depois de Deus e dos bons Espíritos, o Espiritismo vos deve o que é. Já tendes uma recompensa disto neste mundo pela simpatia e afeição de milhões de corações que oram por vós, sem contar a verdadeira recompensa que vos espera num mundo melhor.

'Tenho a honra, etc.

"A. D.

O que nos pede nosso honorável correspondente não é nada menos do que um tratado sobre a matéria. A questão foi esboçada em *O Livro dos Médiuns e* em muitos artigos da *Revista,* a propósito de fatos de curas e de obsessões; ela está resumida em *O Evangelho Segundo o Espiritismo, a* propósito das preces para os doentes e os médiuns curadores. Se um tratado regular e completo não pode ainda ser feito, isto se prende a duas causas: a primeira que, apesar de toda a atividade que desdobramos em nossos trabalhos, nos é impossível fazer tudo ao mesmo tempo; a segunda, que é mais grave, está na insuficiência das noções que se possuem ainda a esse respeito. O conhecimento da mediunidade curadora é uma das conquistas que devemos ao Espiritismo; mas o Espiritismo, que começa, não pode ainda haver dito tudo; não pode, de um só golpe, nos mostrar todos os fatos que ele abarca; cada dia deles desenvolve novos, de onde decorre novos princípios que vêm corroborar ou completar aqueles que já se conheciam, mas é preciso o tempo material para tudo; qualquer parte integrante do Espiritismo é, por si mesma, toda uma ciência, porque se liga ao magnetismo, e abarca não só *as* doenças propriamente ditas, mas todas as variedades, tão numerosas e tão complicadas de obsessões que, elas mesmas, influem sobre o organismo. Não é, pois, em algumas palavras que se pode desenvolver um assunto tão vasto. Nele trabalhamos, como em todas as outras partes do Espiritismo, mas como não queremos nele nada pôr de nossa autoridade e que seja hipotético, não procedemos senão pelo caminho da experiência e da observação. Os limites deste artigo não nos permitindo dar-lhe os desenvolvimentos que comporta, resumimos alguns dos princípios fundamentais que a experiência consagrou.

1. Os médiuns que obtêm as indicações de remédios da parte dos Espíritos não são o que se chama médiuns curadores, porque não curam por si mesmos; são simples médiuns escreventes que têm uma aptidão mais especial do que outros para esse gênero de comunicações, e que, por essa razão, podem se chamar *médiuns consultantes,* como outros são médiuns poetas ou desenhistas. A mediunidade curadora se exerce pela ação direta do médium sobre o doente, com a ajuda de uma espécie de magnetização de fato ou de pensamento.

2. Quem diz *médium* diz *intermediário.* Há esta diferença entre o magnetizador e o médium curador, que o primeiro magnetiza com o seu fluido pessoal, e o segundo com o fluido dos Espíritos, ao qual serve de condutor. O magnetismo produzido pelo fluido do homem é o *magnetismo humano;* aquele que provém do fluido dos Espíritos é o *magnetismo espiritual.*

3. O fluido magnético tem, pois, duas fontes muito distintas: os Espíritos encarnados e os Espíritos desencarnados. Essa diferença de origem produz uma diferença muito grande na qualidade do fluido e em seus efeitos.

O fluido humano é sempre mais ou menos impregnado das impurezas *físicas e morais* do encarnado; o dos bons Espíritos é necessariamente mais puro e, por isto mesmo, tem propriedades mais ativas que levam a uma cura mais rápida. Mas, passando por intermédio do encarnado, pode-se alterar como uma água límpida passando por um vaso impuro, como todo remédio se altera se permanece em um vaso impróprio, e perde em parte suas propriedades benfazejas. Daí, para todo verdadeiro médium curador, a

necessidade *absoluta* de trabalhar em sua depuração, quer dizer, em sua melhoria moral, segundo este princípio vulgar: limpai o vaso antes de vos servir dele, se quereis ter alguma coisa de bom. Só isto basta para mostrar que o primeiro que chega não poderia ser médium curador, na verdadeira acepção da palavra.

4. O fluido espiritual é tanto mais depurado e benfazejo quanto o Espírito que o fornece é, ele mesmo, mais puro e mais desligado da matéria. Concebe-se que o dos Espíritos inferiores deve se aproximar do homem e pode ter propriedades *malfazejas,* se o Espírito for impuro e animado de más intenções.

Pela mesma razão, as qualidades do fluido humano apresenta nuanças infinitas segundo as qualidades *físicas e morais* do indivíduo; é evidente que o fluido saindo de um corpo malsão pode inocular princípios mórbidos no magnetizado. As qualidades morais do magnetizador, quer dizer, a pureza de intenção e de sentimento, o desejo ardente e desinteressado de aliviar seu semelhante, unido à saúde do corpo, dão ao fluido um poder reparador que pode, em certos indivíduos se aproximar das qualidades do fluido espiritual.

Seria, pois, um erro considerar o magnetizador como uma simples máquina na transmissão fluídica. Nisto como em todas as coisas, o produto está em razão do instrumento e do agente produtor. Por estes motivos, haveria imprudência em se submeter à ação magnética do primeiro desconhecido; abstração feita dos conhecimentos práticos indispensáveis, o fluido do magnetizador é como o leite de uma nutriz: salutar ou insalubre.

5. O fluido humano sendo menos ativo, exige uma magnetização prolongada e um verdadeiro tratamento, às vezes, muito longo; o magnetizador, dispensando seu próprio fluido, se esgota e se fatiga, porque é de seu próprio elemento vital que ele dá; é porque deve, de tempos em tempos recuperar suas forças. O fluido espiritual, mais poderoso em razão de sua pureza, produz efeitos mais rápidos e, freqüentemente, quase instantâneos. Esse fluido não sendo o do magnetizador, disto resulta que a fadiga é quase nula.

6. O Espírito pode agir diretamente, sem intermediário, sobre um indivíduo, assim como se pôde constatar em muitas ocasiões, seja para aliviá-lo, curá-lo se isto se pode, ou para produzir o sono sonambúlico. Quando se age por intermediário, é o caso da *mediunidade curadora.*

7. O médium curador recebe o influxo fluídico do Espírito, ao passo que o magnetizador haure tudo *em* si mesmo. Mas os médiuns curadores, na estrita acepção da palavra, quer dizer, aqueles cuja personalidade se apaga completamente diante da ação espiritual, são extremamente raros, porque esta faculdade, elevada ao seu mais alto grau, requer um conjunto de qualidades morais que raramente se encontra sobre a Terra; somente eles podem obter, pela imposição das mãos, essas curas instantâneas que nos parecem prodigiosas; muito poucas pessoas podem pretender este favor. O orgulho e o egoísmo sendo as principais fontes das imperfeições humanas, disso resulta que aqueles que se gabam de possuir esse dom, que vão por toda a parte enaltecendo as curas maravilhosas que fizeram, ou que dizem ter feito, que procuram a glória, a reputação ou o proveito, estão nas piores condições para obtê-la, porque esta faculdade é o privilégio *exclusivo da modéstia, da humildade, do devotamento e do desinteresse.* Jesus dizia àqueles que tinha curado: Ide dar graças a Deus, e não o digais a ninguém.

8. A mediunidade curadora pura sendo, pois, uma exceção neste mundo, disso resulta que há quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; quer dizer, que os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, é por isso que agem segundo os procedimentos magnéticos; a diferença está na predominância de um ou de outro fluido, e na maior ou na menor rapidez da cura. Todo magnetizador pode se tornar médium curador, se *sabe* se fazer assistir pelos bons Espíritos; neste caso os Espíritos lhe vêm em ajuda, derramando sobre ele seu próprio fluido que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

9. Os Espíritos vão para onde querem; nenhuma vontade pode constrangê-los; eles se rendem à prece se é fervorosa, sincera, mas jamais à injunção. Disso resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora, e que ninguém pode ser médium curador de desejo premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém, e não *pela sua pretensão de sê-lo.*

10. Mas se a vontade é ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, ela é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção, e uma energia maior. No homem débil e *distraído,* a corrente é débil, a emissão fraca; o fluido espiritual se detém nele, mas sem proveito para ele; no homem de uma vontade enérgica, a corrente produz *o efeito de uma ducha.* Não é preciso confundir a vontade enérgica com a teimosia, porque a teimosia é sempre uma conseqüência do orgulho e do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter *a vontade do devotamento.*

A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à natureza do mal. Este ponto, que é capital, se prende a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo, o das criações fluídicas, e das modificações que o pensamento pode fazer a matéria suportar. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como se vê isto se produzir sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.

11. A prece, que é um pensamento, quando é fervorosa, ardente, feita com fé, produz o efeito de uma magnetização, não só chamando o concurso dos bons Espíritos, mas em dirigindo sobre o doente uma corrente fluídica salutar. Chamamos a esse respeito a atenção sobre as preces contidas em *O Evangelho Segundo o Espiritismo,* para os doentes ou os obsidiados.

12. Se a mediunidade curadora pura é o privilégio das almas de elite, a possibilidade de abrandar certos sofrimentos, de curar mesmo, embora de maneira não instantânea, certas doenças, é dada a todo o mundo, sem que seja necessário ser magnetizador. O conhecimento dos procedimentos magnéticos é útil em casos complicados, mas não é indispensável. Como é dado a todo o mundo chamar os bons Espíritos, orar e *querer o* bem, freqüentemente, basta impor as mãos sobre uma dor para acalmá-la; é o que pode fazer todo indivíduo se nisso põe a fé, o fervor, a vontade e a confiança em Deus. Há a se anotar que a maioria dos médiuns curadores inconscientes, aqueles que não se dão nenhuma conta de sua faculdade, e que se encontram, às vezes, nas condições mais humildes, e entre pessoas privadas de toda instrução, recomendam a prece, e ajudam a si mesmos orando. Somente sua ignorância faz crer na influência de tal ou tal fórmula; algumas vezes mesmo ali misturam práticas evidentemente supersticiosas, das quais é preciso dar o caso que elas merecem.

13. Mas do fato de que se tenha obtido uma vez, ou mesmo várias vezes, resultados satisfatórios, seria temerário se dar como médium curador, e disso concluir que se pode vencer toda espécie de mal. A experiência prova que, na acepção restrita da palavra, entre os melhores dotados, não há médiuns curadores universais. Tal terá devolvido a saúde a um doente, que não produzirá nada sobre um outro; tal terá curado um mal num indivíduo, que não curará o mesmo mal uma outra vez, sobre a mesma pessoa ou sobre uma outra; tal, enfim, terá a faculdade hoje, que não terá mais amanhã, e poderá recobrá-la mais tarde, segundo as afinidades ou as condições fluídicas em que se encontrem.

A mediunidade curadora é uma *aptidão,* como todos os gêneros de mediunidade, inerente ao indivíduo, mas o resultado efetivo dessa aptidão é independente de sua vontade. Ela se desenvolve, incontestavelmente, pelo exercício, e sobretudo pela prática do bem e da caridade; mas como ela não poderia ter a constância, nem a pontualidade de um talento adquirido pelo estudo, e do qual se é sempre senhor, não poderia tornar-se uma profissão. Seria, pois, abusivamente que uma pessoa se ostentasse diante do público como médium curador. Estas reflexões não se aplicam aos magnetizadores, porque a força está neles, e são livres para dela dispor.

15. E um erro crer que aqueles que não partilham nossas crenças, não teriam nenhuma repugnância em tentar essa faculdade. A mediunidade curadora *racional é* intimamente ligada ao Espiritismo, uma vez que repousa essencialmente sobre o concurso dos Espíritos; ora, aqueles que não crêem nem nos Espíritos, nem em sua alma, e ainda menos na eficácia da prece, não saberiam colocar-se nas condições desejadas, porque isso não é uma coisa que se possa tentar maquinalmente. Entre aqueles que crêem na alma e sua imortalidade, quantos há ainda hoje que recuariam de medo diante de um chamado aos bons Espíritos, no temor de atrair o demônio, e que crêem ainda de boa-fé que todas essas curas são a obra do diabo? O fanatismo é cego; ele não raciocina. Isto não será sempre assim, sem dúvida, mas se passará muito tempo antes que a luz penetre em certos cérebros. À espera disto, façamos o maior bem possível com a ajuda do Espiritismo; façamo-lo mesmo aos nossos inimigos, aceitemos ser pagos com a ingratidão, é o melhor meio de vencer certas resistências, e de provar que o Espiritismo não é tão negro quanto alguns o pretendem.

CURA DE UMA FRATURA

PELA MAGNETIZAÇÃO ESPIRITUAL.

Nossos leitores se lembram, sem dúvida, do caso de cura quase instantânea de uma entorse, operada pelo Espírito do doutor Demeure, poucos dias depois de sua morte, e que relatamos na *Revista* do mês de março último, assim como o relato da cena tocante que teve lugar nessa ocasião. Esse excelente Espírito vem ainda assinalar sua boa vontade por uma cura mais maravilhosa ainda sobre a mesma pessoa. Eis o que se nos escreve de Montauban, em 14 de julho de 1865:

O Espírito do doutor Demeure vem de nos dar uma nova prova de sua solicitude e de seu profundo saber: eis em que ocasião.

Na manhã de 26 de maio último, a Senhora Maurel, nosso médium vidente e escrevente mecânico, teve uma queda infeliz e quebrando o antebraço, um pouco abaixo do cotovelo.

Essa fratura, complicada com distenções do punho e do cotovelo estava bem caracterizada pelo estalo dos ossos e o inchaço que lhe são os sinais mais certos.

Sob a impressão da primeira emoção produzida por esse acontecimento, os pais da Senhora Maurel foram procurar o primeiro médico encontrado, quando esta, retendo-os, tomou um lápis e escreveu medianimicamente com a mão esquerda: "Não vades procurar um médico; eu me encarrego disso. Demeure." Esperou-se, pois, com confiança.

Segundo as indicações do Espírito, faixinhas e um aparelho foram imediatamente confeccionados e colocados. Uma magnetização espiritual foi em seguida praticada pelos bons Espíritos que ordenaram, provisoriamente, o repouso.

Na noite do mesmo dia, alguns adeptos convocados pelos Espíritos se reuniram na casa da Senhora Maurel, que, adormecida por um médium magnetizador, não tardou em entrar em sonambulismo. O doutor Demeure continuou então o tratamento que não tinha senão esboçado de manhã, agindo mecanicamente sobre o braço fraturado. Já, sem outro recurso aparente que sua mão esquerda, nossa doente tinha tirado prontamente o primeiro aparelho, sendo mantidas somente as tirinhas, quando se viu esse membro tomar insensivelmente, sob a influência da atração magnética espiritual, diversas posições próprias para facilitar a redução da fratura. Parecia ser, então, o objeto de toques inteligentes, sobretudo no ponto onde deveria se efetuar a soldadura dos ossos; alongando-se em seguida sob a ação de trações longitudinais.

Depois de alguns instantes dessa magnetizações espiritual, a senhora Maurel só procedeu à consolidação das tirinhas e a uma nova aplicação do aparelho, consistente

em duas tabuinhas se ligando entre si e ao braço por meio de uma correia. Tudo, pois, tinha se passado como se um cirurgião hábil tivesse operado ele mesmo visivelmente; e, coisa curiosa, ouvia-se durante o trabalho estas palavras que o aperto da dor, escapava da boca da paciente: "Não aperteis tão forte!... Vós me fazeis mal!..." Ela via o Espírito do doutor, e era a ele que se dirigia, suplicando para poupar sua sensibilidade. Era, pois, realmente um ser invisível para todos exceto para ela, e que lhe apertava o braço, servindo-se inconscientemente de sua própria mão esquerda.

Qual era o papel do médium magnetizador durante esse trabalho? Parecia inativo aos nossos olhos; sua mão direita, apoiada sobre a espádua da sonâmbula, contribuía com sua parte no fenômeno, pela emissão dos fluidos necessários à sua realização.

Na noite de 27 para 28, a Senhora Maurel, tendo desarranjado seu braço em conseqüência de uma falsa posição tomada durante seu sono, uma forte febre tinha se declarado, pela primeira vez; era urgente remediar esse estado de coisas. Reuniram-se, pois, de novo, em 28, e uma vez o sonambulismo declarado, a cadeia magnética foi formada, a convite dos bons Espíritos. Depois de vários passes e diversas manifestações, em tudo semelhantes às descritas mais acima, o braço foi recolocado em bom estado, não sem ter feito sentir a essa pobre senhora muitos sofrimentos cruéis. Apesar desse novo acidente, o membro já sentia o efeito salutar produzido pelas magnetizações anteriores; é o que prova o que segue, de resto. Desembaraçada momentaneamente de suas tirinhas, ela repousava sobre os cotovelos, quando, de repente, foi levantada alguns centímetros numa posição horizontal e dirigida docemente da esquerda para direita e reciprocamente; abaixou-se em seguida obliquamente e foi submetida a uma nova tração. Depois os Espíritos se puseram a torcê-lo, a retorcê-lo em todos os sentidos e de tempo em tempo, fazendo movimentar jeitosamente as articulações do cotovelo e do punho. De tais movimentos automáticos impressos a um braço fraturado, inerte, sendo contrários a todas as leis conhecidas da gravidade e da mecânica, só à ação fluídica que se pode atribuir-lhe a causa. Se não fosse a certeza da existência dessa fratura, assim como os gritos dilacerantes dessa infeliz senhora, eu teria tido muita dificuldade, confesso-o, para admitir esse fato, um dos mais curiosos que a ciência possa registrar. Posso, pois, dizer, com toda a sinceridade, que me sinto muito feliz por ter podido ser testemunha de um semelhante fenômeno.

Em 29,30,31 e dias seguintes, magnetizações espirituais sucessivas, acompanhadas de manipulações variadas de mil maneiras, levaram a uma melhora sensível ao estado geral de nossa doente; o braço tomava todos os dias novas forças. O dia 31, sobretudo, é de se assinalar, como marcando o primeiro passo feito para a convalescença. Nessa noite, dois Espíritos que se faziam notar pelo brilho de sua irradiação, assistiam nosso amigo Demeure; pareciam lhe dar conselhos, e este *se* apressava em pô-los em prática. Um deles mesmo se punha, de tempos em tempos, à obra, e, por sua doce influência, produzia sempre um alívio instantâneo. Pelo fim da noite, *as* tabuinhas foram, enfim, definitivamente abandonadas e as faixinhas ficaram sozinhas para sustentar o braço e mantê-lo numa posição determinada. Devo acrescentar que, além disso, o aparelho de suspensão vinha se juntar à solidez suficiente da bandagem. Assim, no sexto dia após o acidente, e apesar da deplorável recaída sobrevinda em 27, a fratura estava em um tal caminho de cura, que o emprego dos meios postos em uso pelos médicos durante trinta ou quarenta dias teria se tornado inútil. No dia 4 de junho, dia fixado pelos bons Espíritos para a redução definitiva dessa fratura complicada com distensões, se reuniram à noite. A senhora Maurel, apenas em sonambulismo, se pôs a desenrolar as faixinhas que envolviam ainda seu braço, imprimindo-lhe um movimento de rotação tão rápido que o olho tinha dificuldade em seguir os contornos da curva que descrevia. A partir desse momento, ela se servia de seu braço como de hábito; ela estava curada.

No fim da sessão, ocorreu uma cena tocante, que merece ser narrada aqui. Os bons Espíritos, em número de trinta, formavam no começo uma cadeia magnética paralela

àquela que nós mesmos formávamos. A senhora Maurel, estando colocada, pela mão direita, em comunicação direta sucessivamente com cada par de Espíritos, recebia, colocada como estava no interior das duas cadeias, a ação benfazeja de uma dupla corrente fluídica enérgica. Radiante de alegria, esperava com solicitude a ocasião para agradecer-lhes efusivamente pelo concurso poderoso que tinham prestado à sua cura. A seu turno, recebia deles encorajamentos para perseverar no bem. Isto terminado, ela tentou suas forças de mil modos; apresentando seu braço aos assistentes, fazendo-os tocar as cicatrizes da soldadura dos ossos; ela lhes apertava a mão com força, anunciando-lhes com alegria a sua cura operada pelos bons Espíritos. Em seu despertar, vendo-se livre em todos seus movimentos, ela desmaiou, dominada por sua profunda emoção!....

Quando se é testemunha de tais fatos, não se pode senão proclamá-los bem alto, porque merecem atrair a atenção das pessoas sérias.

Por que, pois, encontra-se, no mundo inteligente, tanta resistência para admitir a intervenção dos Espíritos sobre a matéria? Porque se encontram pessoas que crêem na existência e na individualidade do Espírito, e que lhes recusam a possibilidade de se manifestarem, é porque não se dão conta das faculdades *físicas* do Espírito que se afigura imaterial de maneira absoluta. A experiência demonstra, ao contrário, que, por sua natureza própria, ele age diretamente sobre os fluidos imponderáveis, e, conseqüentemente, sobre os fluidos ponderáveis, e mesmo sobre os corpos tangíveis.

Como procede um magnetizador comum? Suponhamos que queira agir sobre um braço, por exemplo: concentra sua ação sobre esse membro, e por um simples movimento de seus dedos, executado à distância e em todos os sentidos, agindo absolutamente como se o contato da mão fosse real, ele dirige uma corrente fluídica sobre o ponto desejado. O Espírito não age de outro modo; sua ação fluídica se transmite de perispírito a perispírito, e deste para o corpo material. O estado de sonambulismo facilita consideravelmente essa ação, em conseqüência do desligamento do perispírito, que se identifica melhor com a natureza fluídica do Espírito, e sofre então a influência espiritual elevada à sua maior força.

Toda a cidade está ocupada com essa cura obtida sem o concurso da ciência oficial e cada um disse a sua palavra. Uns pretenderam que o braço não tinha sido quebrado; mas a fratura tinha sido muito e devidamente constatada por numerosas testemunhas oculares, entre outras pelo doutor D... que visitou a doente durante o tratamento; outros disseram: "É muito surpreendente" e ficaram nisso; é inútil acrescentar que alguns afirmaram que a senhora Maurel tinha sido curada pelo diabo; se ela não tivesse estado nas mãos de profanos, teriam visto ali um milagre. Para os Espíritas, que se dão conta do fenômeno, nisso vêem muito simplesmente a ação de uma força natural desconhecida até nós, e que o Espiritismo veio revelar aos homens.

Notas. - Se há fatos espíritas que poderiam, até certo ponto, atribuir à imaginação, como os de visões, por exemplo, não poderia ocorrer o mesmo aqui; a senhora Maurel não sonhou que tinha quebrado o braço, não mais do que as numerosas pessoas que seguiram o tratamento; as dores que ela sentia não eram da alucinação; sua cura em oito dias não é uma ilusão, uma vez que se serve de seu braço. O fato brutal está aí, diante do qual é preciso necessariamente se inclinar. Ele confunde a ciência, é verdade, porque, no estado atual dos conhecimentos, parece impossível; mas não foi assim todas as vezes que se revelaram novas leis? É a rapidez da cura que vos espanta? Mas é que a medicina não descobriu muitos agentes muito mais ativos do que aqueles que ela conhecia para apressar certas curas? Não se encontrou nestes últimos tempos o meio de cicatrizar quase instantaneamente certas feridas? Não se encontrou aquele de ativar a vegetação e a frutificação? Por que não haveria aquele para ativar a soldadura dos ossos? Conheceis, pois, todos os agentes da Natureza, e Deus não tem mais segredos

para vós? Não é mais lógico negar hoje a possibilidade de uma cura rápida, do que não o foi, no século último, negar a possibilidade de fazer, em algumas horas, o caminho que se gastavam dez dias para percorrer? Esse meio, direi, não está no códice, é verdade; mas é que antes de que a vacina ali estivesse inscrita, seu inventor não foi tratado de louco? Os remédios homeopáticos não são, não mais, o que impede os médicos homeopatas se encontrarem por toda a parte e curar. De resto, como não se trata aqui de um preparado farmacêutico, é mais do que provável que esse meio não figurará por muito tempo na ciência oficial.

Mas, dir-se-á, se os médicos vierem exercer sua arte depois de sua morte, vão fazer concorrência aos médicos vivos; é muito possível; no entanto, que estes últimos se tranqüilizem se lhes tiram

algumas práticas, não é para suplantá-los, mas para lhes provar que não estão inteiramente mortos, e oferecer o seu concurso desinteressado àqueles que quiserem bem aceitá-lo; para melhor fazê-los compreender, mostram-lhes que, em certas circunstâncias, pode-se passar sem eles. Sempre houve médicos, e assim o será sempre; somente aqueles que aproveitarem as novidades que lhe trazem os desencarnados, terão uma grande vantagem sobre aqueles que ficarão para trás. Os Espíritos vêm *ajudar o desenvolvimento da ciência humana,* e não suprimi-la.

Na cura da senhora Maurel, um fato que surpreendeu talvez mais do que a rapidez da soldadura dos ossos, foi o movimento do braço fraturado que parecia contrário a todas as leis da dinâmica e da gravidade. Contrário ou não, o fato aí está; uma vez que existe, é que tem uma causa; uma vez que se renova, e que está submetida a uma lei; ora, é esta a lei que o Espiritismo vem nos dar a conhecer pelas propriedades dos fluidos perispirituais. Esse braço que, submetido somente às leis da gravidade, não poderia se levantar, supondo-o mergulhado num líquido de uma densidade muito maior do que o ar, todo fraturado que está, sendo sustentado por esse líquido que lhe diminui o peso, poderá se mover nele sem dificuldade, e mesmo ser levantado sem o menor esforço; é assim que, num banho, o braço que parece muito pesado fora da água parece muito leve na água. Ao líquido substitui um fluido gozando das mesmas propriedades e tereis o que se passa neste caso presente, fenômeno que repousa sobre o mesmo princípio que o das mesas e das pessoas que se mantêm no espaço sem ponto de apoio. Este fluido é o fluido perispiritual que o Espírito dirige à sua vontade, e do qual modifica as propriedades unicamente pelo ato de sua vontade. Na circunstância presente, deve-se, pois, se representar o braço da senhora Maurel mergulhado num meio fluídico que produz o efeito do ar sobre os balões.

Alguém perguntou a esse respeito se, na cura dessa fratura, o Espírito do doutor Demeure tinha agido com ou sem o concurso da eletricidade e do calor. A isso respondemos que a cura foi produzida, naquele caso, como em todos os de cura pela magnetização espiritual, pela ação do fluido emanado do Espírito; que esse fluido embora etéreo, não é menos da matéria; que pela corrente que lhe imprime, o Espírito pode impregná-lo e saturar todas as moléculas da parte enferma; que pode modificar-lhe as propriedades, como o magnetizador modifica as da água, e lhe dá uma virtude curativa apropriada às necessidades; que a energia da corrente está em razão do número, da *qualidade* e da *homogeneidade* dos elementos que compõem a cadeia das pessoas chamadas a fornecer seu contingente fluídico. Essa corrente, provavelmente, ativa a secreção que deve produzir a soldadura dos ossos, e leva assim a uma cura mais pronta do que quando ela é entregue a si mesma.

Agora, a eletricidade e o calor desempenham um papel nesse fenômeno? Isto é tanto mais provável quanto o Espírito *não cura por um milagre,* mas por uma aplicação mais judiciosa das leis da Natureza, em razão de sua clarividência. Se, como a ciência é levada a admiti-lo, a eletricidade e o calor não são fluidos especiais, mas modificações ou propriedades de um fluido elementar universal, eles devem fazer parte dos elementos

constitutivos do fluido perispiritual; sua ação, no caso presente, é, pois, implicitamente compreendida, absolutamente como quando se bebe vinho, bebe-se necessariamente a água e o álcool.

ALUCINAÇAO NOS ANIMAIS

NOS SINTOMAS DA RAIVA.

Um de nossos colegas transmitiu à Sociedade o relato seguinte de um relatório lido na Academia de medicina pelo doutor H. Bouley, sobre os sintomas da raiva no cão.

"No período inicial da raiva, e, quando *a* doença está completamente declarada, nas intermitências dos acessos, há no cão uma espécie de delírio que se pode chamar o delírio rábico, do qual Youatt falou pela primeira vez e que descreveu perfeitamente.

"Esse delírio se caracteriza por movimentos estranhos que denotam que o animal doente vê objetos e ouve ruídos que não existem senão naquilo que se tem muito o direito de se chamar sua imaginação. Logo, com efeito, o animal se mantém imóvel, atento, como à espreita; depois, de repente, se lança e morde no ar, como faz, no estado de saúde, o gato que quer apanhar uma mosca no vôo. Outras vezes, ele se lança furioso e uivador, contra uma parede, como se tivesse ouvido, do outro lado, ruídos ameaçadores.

"Raciocinando por analogia, se está muito autorizado a admitir que estão aí os sinais de verdadeiras alucinações. No entanto, aqueles que não estão prevenidos não poderiam ligar importância a esses sintomas, que são muito fugazes, e basta, para que desapareçam, que a voz do dono se faça ouvir. Então vem o momento de repouso; os olhos se fecham lentamente, a cabeça pende, os membros da frente parecem se ocultar sob o corpo, e o animal está prestes a cair. Mas de repente ele se endireita, novos fantasmas vêm assediá-lo; ele olha a seu redor com uma expressão selvagem, abocanha, como para agarrar um objeto ao alcance de seus dentes, e se lança na extremidade de sua corrente, ao encontro de um inimigo que não existe senão em sua imaginação."

Esse fenômeno, minuciosamente observado, como se vê, por um autor lembrado, parece denotar que nesse momento o cão é atormentado pela visão de alguma coisa invisível para nós. É uma visão real ou uma criação fantástica de sua imaginação, de outro modo dito, uma alucinação? Se é uma alucinação, isso seguramente não é pelos olhos do corpo que vê, uma vez que não são objetos reais; se são seres fluídicos ou Espíritos, como não fazem, não mais, nenhuma impressão sobre os sentidos da visão, é, pois, por uma espécie de visão espiritual que os percebe. Num e noutro caso, gozaria de uma faculdade, até um certo ponto análoga àquela que o homem possui. A ciência ainda não se arriscou a dar *uma imaginação* aos animais; ora, da imaginação *a* um princípio independente da matéria, a distância não é grande, a menos que se admita que a matéria bruta: o boi, a pedra, etc., possa ter imaginação.

Todos os fenômenos de visão são atribuídos, pela ciência, à imaginação superexcitada; no entanto, viram-se, por vezes, crianças em muito baixa idade, não sabendo ainda falar, correr atrás de um ser invisível, sorrir-lhe, estender-lhe os braços e querer agarrá-lo. Perto da raiva, esse fato não tem uma grande semelhança com o do cão citado mais acima? A criança não pode ainda dizer o que vê; mas aqueles que começam a falar dizem positivamente ver seres que são invisíveis para os assistentes. Têm-se visto descreverem seus avós falecidos, que não tinham conhecido. Concebe-se a superexcitação numa pessoa preocupada com uma idéia, mas, seguramente, esse não é o caso de uma criancinha. A imaginação superexcitada poderá lembrar uma recordação; um medo, a afeição, o entusiasmo, poderão criar imagens fantásticas, seja; sob o império de certas crenças, uma pessoa exaltada imaginará aparecer um ser que lhe é caro, a virgem ou santos, ainda passa; mas como explicar, somente por essas causas, o fato de

uma criança de três ou quatro anos descrever sua avó que jamais viu? seguramente, não pode estar nela o produto nem de uma lembrança, nem da preocupação, nem de uma crença qualquer.

Digamos de passagem, e como colorário do que precede, que a mediunidade vidente parece ser freqüente, e mesmo geral, nas criancinhas. Nossos anjos guardiães viriam assim nos conduzir, como pela mão, até o limiar da vida, para nos facilitar-lhe a entrada, e mostrar-nos sua ligação com a vida espiritual, a fim de que a transição de uma à outra não seja muito brusca. À medida que a criança cresce e pode fazer uso de suas próprias forças, o anjo guardião se esconde à sua visão, para deixá-la a seu livre arbítrio. Parece lhe dizer: 'Vim te acompanhar até um navio que vai te transportar sobre o mar do mundo; por agora, voa com tuas próprias asas; mas, do alto dos céus, velarei sobre ti; pensa em mim, e em teu retorno, estarei lá para de receber." Feliz aquele que, durante a travessia, não esquece seu anjo guardião!

Retornemos ao assunto principal que nos conduziu a esta digressão. Desde que se admita uma imaginação no cão, poder-se-ia dizer que a doença da raiva o superexcita ao ponto de produzir nele alucinações. Mas numerosos exemplos tende a provar que o fenômeno das visões ocorre em certos animais, no estado o mais normal, no cão e no cavalo sobretudo; pelo menos esses são aqueles sobre os quais estiveram mais no estado de observá-lo. Raciocinando por analogia, pode-se supor que o é assim com o elefante e os animais que, por sua inteligência, mais se aproximam do homem. É certo que o cão sonha; vê-se-o , por vezes, durante seu sono, fazer movimentos que simulam a corrida; gemer, ou manifestar contentamento. Seu pensamento, pois, está agindo, livre e independente do instinto propriamente dito. Que faz, que vê, em que pensa em seus sonhos? é o que, infelizmente, não pode nos dizer, mas o fato lá está.

Até o presente preocupou-se pouco com o princípio inteligente dos animais, e ainda .menos com sua afinidade com a espécie humana, se isso não foi senão no ponto de vista exclusivos do organismo material. Hoje procura-se conciliar seu estado e seu destino com a justiça de Deus; mas não se fez sobre esse assunto senão sistemas mais ou menos lógicos, e que nem sempre estão de acordo com os fatos. Se a questão permaneceu tão longo tempo indecisa, é que faltava, como para muitas outras, elementos necessários para compreendê-la. O Espiritismo, que dá a chave de tantos fenômenos incompreendidos, mal observados ou passados desapercebidos, não pode deixar de facilitar a solução desse grave problema, ao qual não concedeu toda a atenção que ele merece, porque é uma solução de continuidade nos anéis da cadeia que religa todos os seres, e no conjunto harmonioso da criação.

Por que, pois, o Espiritismo não decidiu imediatamente a questão? Tanto valeria perguntar porque um professor de física não ensina aos seus alunos, desde a primeira lição, as leis da eletricidade e da ótica. Ele começa pelos princípios fundamentais da ciência, por aqueles que devem servir de base para a inteligência dos outros princípios, e reserva, para mais tarde, a explicação das leis subseqüentes. Assim procedem os grandes Espíritos que dirigem o movimento Espírita; em boa lógica começam pelo começo, e esperam que estejamos versados sobre um ponto, antes de abordar um outro. Ora, qual deveria ser o ponto de partida de seus ensinos? A alma humana. É para nos convencer de sua existência e de sua imortalidade, é para nos fazer conhecer seus verdadeiros atributos e a destinação que seria preciso primeiro dar. Ser-nos-ia preciso, em uma palavra, compreender nossa alma, antes de procurar conhecer a dos animais. O Espiritismo já nos ensinou muito sobre a alma e suas faculdades; cada dia dela nos ensina mais, e lança a luz sobre algum ponto novo, mas quanto não resta dela ainda para explorar!

À medida que o homem avança no seu conhecimento espiritual, sua atenção é despertada sobre todas as questões que a ele se ligam de perto ou de longe, e a dos animais não é uma daquelas que o interessam menos; ele compreende melhor as

analogias e as diferenças; procura explicar-se o que vê; tira conseqüências; tenta teorias alternativamente desmentidas ou confirmadas por novas observações. É assim que, pelos esforços de sua própria inteligência, se aproxima pouco a pouco do objetivo. Nisto como em todas as coisas os Espíritos não vêm para nos livrar do trabalho das pesquisas, porque o homem deve fazer uso de suas faculdades; ajudam-no, dirigem-no, e já é muito, mas não lhe dão a ciência toda feita. Quando uma vez está sobre o caminho da verdade, é então que vêm revelá-la decididamente para fazer calar as incertezas e aniquilar os falsos sistemas; mas à espera disto, seu espírito está preparado para melhor compreender e aceitá-la, e quando ela se mostra, não o surpreende; ela já estava no fundo de seu pensamento.

Vede a marcha que seguiu o Espiritismo; ele veio surpreender os homens de improviso? Não, certamente. Sem falar dos fatos que se produziram em todas as épocas, porque ele está na Natureza, como a eletricidade, do ponto de vista do princípio, há um século tinha preparado seu aparecimento; Swedenborg, Saint-Martin, os teósofos, Charles Fourier, Jean Reynaud e tantos outros, sem esquecer Mesmer, que deu a conhecer a força fluídica, de Puységur, que primeiro observou o sonambulismo: todos levantaram um canto do véu da vida espiritual; todos giraram em torno da verdadeira luz e dela se aproximaram mais ou menos; todos prepararam os caminhos e dispuseram os espíritos, de sorte que o Espiritismo, por assim dizer, não teve senão que completar o que fora esboçado; eis porque conquistou quase instantaneamente tão numerosas simpatias. Não falamos de outras causas múltiplas que lhe vieram em ajuda, provando que certas idéias não estavam mais ao nível do progresso humano, e fizeram quase pressentir o advento de uma nova ordem de coisas, porque a Humanidade não pode permanecer estacionaria. Ocorreu o mesmo com todas as grandes idéias que mudaram a face do mundo; nenhuma veio ofuscar como um relâmpago. Sócrates e Platão, cinco séculos antes de Cristo, não tinham lançado a semente das idéias cristãs?

Um outro motivo havia feito adiar a solução relativa aos animais. Essa questão toca preconceitos há muito tempo enraizados e que teria sido imprudente chocar de frente, e foi porque os Espíritos não o fizeram. A questão está iniciada hoje; ela se agita sobre pontos diferentes, mesmo fora do Espiritismo; os desencarnados nela tomam parte cada um segundo as suas idéias pessoais; essas teorias diversas são discutidas, examinadas; uma multidão de fatos, como por exemplo aquele que fez o objeto deste artigo, e que teriam outrora passados desapercebidos, hoje chamam a atenção, em razão mesmo dos estudos preliminares que se fizeram; sem adotar tal ou tal opinião, familiariza-se com a idéia de um ponto de contato entre a animalidade e a humanidade, e quando vier a solução definitiva, em qualquer sentido que ela ocorra, deverá se apoiar sobre os argumentos peremptórios que não deixarão nenhum lugar à dúvida; se a idéia é verdadeira, terá sido pressentida; se ela é falsa, é que se terá encontrado alguma coisa mais lógica para pôr no lugar.

Tudo se liga, tudo se encadeia, tudo se harmoniza na Natureza; o Espiritismo veio dar uma idéia-mãe, e pode-se ver o quanto esta idéia é fecunda. Diante da luz que lançou sobre a psicologia, ter-se-ia dificuldade em crer que tantas considerações pudessem surgir a propósito de um cão raivoso.

O extrato acima do relatório do Sr. Bouley tendo sido lido na Sociedade de Paris, um Espírito deu a esse respeito a comunicação seguinte.

(Sociedade Espírita de Paris, 30 de junho de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Existe a visão no cão e em alguns outros animais, nos quais os fenômenos semelhantes àqueles descritos pelo Sr. Bouley se produzem? A questão para mim, não tem sombra de dúvida. Sim, o cão, o cavalo vêem ou sentem os Espíritos. Nunca fostes testemunhas da repugnância que manifestam às vezes esses animais ao passarem num

lugar onde um corpo humano tinha sido enterrado com o seu desconhecimento. Sem dúvida, direis que seus sentidos podem estar despertos para o odor particular dos corpos em putrefação; então, por que passa ele indiferente ao lado do cadáver enterrado de um outro animal? Por que, diz-se, que o cão sente a morte? Jamais ouvistes os cães uivarem sob as janelas de uma pessoa agonizante, então que essa pessoa lhe era desconhecida? Não vistes também, fora da superexcitação da raiva, diversos animais recusarem obedecer à voz de seu dono, recuarem com medo diante de um obstáculo invisível que parece lhes barrar a passagem, e enfurecer-se; depois passarem em seguida tranqüilamente no próprio lugar que lhes inspirava um tão grande terror, como se o obstáculo tivesse desaparecido? Viram-se animais salvarem seus donos de um perigo iminente, recusando percorrer o caminho onde aqueles teriam podido sucumbir. Os fatos de visões entre os animais se encontram na Antigüidade e na Idade Média, tanto quanto em nossos dias.

Os animais vêem, pois, certamente, os Espíritos. Dizer, aliás, que têm uma imaginação, não é lhes conceder um ponto de semelhança com o espírito humano, e o instinto não é neles a inteligência rudimentar, apropriada às suas necessidades, antes que tenha passado pelos cadinhos modificadores que devem transformá-la *e* dar-lhe novas faculdades? O homem tem também instintos que o fazem agir de maneira inconsciente no interesse de sua conservação; mas, à medida que se desenvolvem nele a inteligência e o livre arbítrio, o instinto enfraquece para dar lugar ao julgamento, porque esse guia cego lhe é menos necessário.

O instinto, que está em toda sua força no animal, se perpetuando no homem onde se perde pouco a pouco, é certamente um traço de união entre as duas espécies. A sutileza dos sentidos no animal, como no selvagem e o homem primitivo, suprem nuns e noutros a ausência ou a insuficiência do senso moral, é um outro ponto de contato. Enfim, a visão espiritual que lhes é muito evidentemente comum, embora em graus muito diferentes, vem também diminuir a distância que parece colocar entre eles uma barreira intransponível. Disto não concluais, no entanto, nada ainda de maneira absoluta, mas observai atentamente os fatos, porque só dessa observação sairá um dia para vós a verdade.

MOKI.

Nota. - Este conselho é muito sábio, porque, não é evidentemente senão sobre os fatos que se pode assentar uma teoria sólida, fora disto não há senão opiniões ou sistemas. Os fatos são argumentos sem réplicas, dos quais é preciso cedo ou tarde aceitar as conseqüências quando são constatados. Foi este princípio que serviu de base à Doutrina Espírita, e é o que nos leva a dizer que é uma ciência de observação.

UMA EXPLICAÇÃO

A PROPÓSITO DA REVELAÇÃO DO SR. BACH.

Sob o título de *Carta de um desconhecido,* assinada por Bertelius, o *Grand Journal,* de 18 de junho de 1865, contém a explicação seguinte do fato reportado na *Revista Espírita* do mês de julho último, relativo à ária do rei Henri III, revelada em sonho ao Sr. Bach. O autor se apoia exclusivamente sobre o sonambulismo, e parece fazer abstração completa da intervenção dos Espíritos. Embora, sob esse aspecto, difiramos na maneira de ver, sua explicação não é por isso menos sabiamente racional, e se ela não o é, segundo nós, exata em todos os pontos, contém resumos incontestavelmente verdadeiros e dignos de atenção.

Ao contrário de certos magnetizadores ditos *fluidistas,* que não vêem em todos os efeitos magnéticos senão a ação de um fluido material, sem ter em nenhuma conta a alma, o Sr. Bertelius faz esta desempenhar aqui o papel principal. Ele a apresenta em seu estado de emancipação e de desligamento da matéria, gozando de faculdades que não possui no estado de vigília. É, pois, uma explicação do ponto de vista completamente espiritualista se não o for inteiramente espírita, e já é alguma coisa que a afirmação da possibilidade do fato por outras vias que não a da materialidade pura, e isto num jornal importante.

É de se notar que, neste momento se produz, entre os negadores do Espiritismo, uma espécie de reação; ou, antes, se forma uma terceira opinião que se pode considerar como uma transição. Muitos reconhecem hoje a impossibilidade de se explicarem certos fenômenos unicamente pelas leis da matéria, mas não podem ainda resolver admitir a intervenção dos Espíritos; procuram-lhe a causa na ação exclusiva da alma encarnada, agindo independentemente dos órgãos materiais. Incontestavelmente, é um passo que se deve considerar como uma primeira vitória sobre o materialismo. Da ação independente e isolada da alma, durante a vida, e essa mesma ação depois da morte, a distância não é grande; a isso serão conduzidos pela evidência dos fatos e pela impossibilidade de tudo explicar unicamente com a ajuda do Espírito encarnado.

Eis o artigo publicado pelo *Grana Journal.*

"Contando, no penúltimo número do *Grand Journal,* o fato singular ocorrido ao Sr. G. Bach, colocamos estas perguntas: "O cravo pertenceu a Baltazarini? - Foi o Espírito de Baltazarini que escreveu o romance e a sarabanda? - Mistério que não ousamos aprofundar."

"Por que, se vos aprouver, um homem, que me alegra crer livre de preconceitos, recua diante da procura da verdade? Mistério! dizeis. - Não, senhor; não há mistério. Há uma simples faculdade da qual Deus dotou certos homens, como dotou outros de uma bela voz, do gênio poético, do espírito de cálculo, de uma perspicácia rara, faculdade que a educação pode despertar, desenvolver, melhorar. Em compensação, existe uma infinidade de outras faculdades concedidas ao homem, e que a civilização, o progresso, a educação aniquilam, em lugar de favorecer o seu desenvolvimento.

"Não é verdade, por exemplo, que os povos selvagens têm uma delicadeza de ouvido que nós não possuímos? - Que aplicando o ouvido à terra, eles distinguem o passo de um homem ou de vários homens, de um cavalo, ou de vários cavalos, ou de um feroz animal a uma grande distância?

"Não é verdadeiro também que medem o tempo com precisão, sem relógio, mesmo de bolso? que dirigem com segurança sua marcha através de florestas virgens, ou seus botes através de rios e do mar, olhando as estrelas, sem o recurso da bússola e sem nenhuma noção astronômica? - Não é verdadeiro, enfim, que curam suas doenças sem médicos; as picadas dos animais mais venenosos com ervas, das simples que distinguem no meio das tantas outras ervas e encontram sob seus passos? Não se sabe que curam as feridas mais perigosas com aterra argilosa? Não provam, como nos disse tão judiciosamente, nos confins dos Estados Unidos, um chefe de Peles-Vermelhas, que o *Grande* Ser sempre colocou o remédio ao lado do mal?

"Essas verdades tornaram-se banais à força de serem repetidas; mas uns delas se servem para mascarar sua ignorância, outros (são a maioria) para nelas haurir assuntos paradoxais. É muito fácil tomar ares de espírito forte negando tudo! é tão difícil explicar a obra de Deus, da qual procuramos o segredo nos livros, quando encontraríamos a sua solução na Natureza! Eis o grande livro que está aberto a todas as inteligências; mas todas não estão feitas para decifrarem estes mistérios, porque uns nela lêem através de

suas prevenções ou de seus preconceitos, os outros através de sua insuficiência ou seu orgulho de sábio.

"Servi-vos dos meios mais simples para aprofundar os mistérios da Natureza, e encontrareis a solução, até os limites impostos à inteligência humana, por uma inteligência superior.

"O Sr. Bach não é sonâmbulo, dissestes. Que sabeis disto, e que ele próprio sabe disto? - O Sr. Bach, eu o afirmo, sem jamais ter tido a honra de encontrá-lo e sem conhecê-lo, o Sr. Bach é sonâmbulo. O sonambulismo permaneceu nele no estado latente; foi preciso um acontecimento excepcional, uma sensação muito viva e muito persistente, uma emoção que compreenderão todos aqueles que têm o amor da curiosidade e da coleção, para lhe revelar, a si mesmo, uma faculdade da qual deve ter tido mais de um exemplo, que ficaram desapercebidos em sua vida, mas do qual se lembrará, sem dúvida, hoje, se quiser interrogar o seu passado e refletir.

"O Sr. Bach, segundo o que nos informastes, emprega uma parte de seu dia na contemplação de seu precioso cravo; e ele descobriu o estado civil do instrumento (abril de 1564). "Ali pensava em se deitando; quando o sono veio fechar sua pálpebra, pensava ainda."

"O sonâmbulo procede por graus. - Quando quereis que ele veja o que se passa em Londres, por exemplo, é preciso indicar-lhe que o colocais em viatura, que entra na estrada de ferro, que rola, que embarca, atravessa o mar (então lá, sente freqüentemente náuseas), que desembarca, retoma a estrada de ferro, e finalmente chega ao fim de sua viagem.

"O Sr. Bach seguiu a marcha habitual aos sonâmbulos. Ele tinha virado, revirado, desmontado, rebuscado seu cravo; estava cheio dessa idéia, e, mentalmente, sem mesmo nisso pensar, deve ter dito a si mesmo: "Aquém este instrumento pôde pertencer? Uma corrente magnética (os espíritos fortes não negarão essa corrente) se estabelece entre ele *e o* instrumento. Adormeceu, caiu no sono natural e passou em seguida naturalmente ao estado de sonambulismo. Então ele procurou, remexeu no passado, e se pôs em comunicação mais íntima com o cravo; deve tê-lo virado, revirado, pousado a mão onde a mão do antigo proprietário do instrumento pousou há três séculos; e interrogando o passado (o que é infinitamente mais fácil do que ver o futuro), encontrou-se em contato com esse ser que não mais existe. Viu-o vestido com suas roupas, e executou a ária que o instrumento tão freqüentemente produziu; ouviu as palavras freqüentemente acompanhadas; e arrastado por essa força magnética que se chama eletricidade, escreveu, ele, Sr. Bach, com sua mão, essa ária, tão bem como se a transmite hoje a Lyon num telegrama escrito com vossa mão com vossa escrita. Ele escreveu, ele, Sr. Bach, em seu estado de sonambulismo, eu o repito, essa ária e essas palavras que jamais ouviu; *e,* superexcitado por uma emoção muito forte, despertou todo em lágrimas.

"Ireis proclamar a impossibilidade. - Pois bem! escutai este fato: - Eu mesmo enviei uma sonâmbula à Inglaterra; ela realizou a viagem, não no sono de sonâmbula, mas numa condição que não era nem o estado inteiramente natural, nem o estado completo de sonambulismo. - Somente ordenei-lhe para dormir todas as noites durante o tempo necessário, do sono sobrenatural, e de *escrever o* que teria feito para chegar ao resultado que ela deveria alcançar em sua viagem. —Ela não sabia uma palavra de inglês. Não conhecia ninguém. O assunto que a preocupava era sério... Cumpriu sua viagem, escreveu todas as noites consultas sobre o que deveria fazer, sobre as pessoas que deveria ver, o lugar onde deveria encontrá-las. Ela seguiu textualmente e, ao pé da letra, as indicações que eram dadas, foi à casa das pessoas que não conhecia e das quais jamais ouvira falar, e que se encontravam ser justamente aquelas que podiam tudo... Se bem que ao cabo de oito dias, um assunto que teria exigido anos, sem esperança de ver-lhe o fim, terminou com sua completa satisfação, e minha sonâmbula retornou depois de

ter cumprido as maravilhas. - No estado natural, essa mulher extraordinária é muito simplesmente uma mulher muito comum.

"Anotai este fato: sua escrita no sono é muito diferente de sua escrita habitual. As palavras foram colocadas em inglês, e ela não conhecia o inglês. Conversa comigo em italiano, e quando está desperta, não saberia dizer duas palavras seguidas nessa língua.

"O Sr. Bach, pois, escreveu ele mesmo e anotou com sua mão a ária de Henri III embora, talvez, não reconheça sua escrita. E o que é mais forte, é que deve duvidar de suas faculdades magnéticas, como minha sonâmbula, que é, a este respeito, de uma incredulidade tão radical que não se pode conversar de magnetismo diante dela sem que se apresse em declarar que é preciso ser absurdo para nele crer.

"E pode ser ainda, embora não o digais, que o Sr. Bach não tinha nem papel nem tinta. Minha sonâmbula, em Londres, encontrou sobre sua mesa, as indicações desejadas escritas a lápis; ela não tinha lápis!... Foi, disto estou certo, remexer no hotel, para encontrar o lápis do qual tinha necessidade, e o transportou ao seu lugar, com essa exatidão, essas precauções, essa leveza vaporosa, quase sobrenatural, habitual aos sonâmbulos.

"Poderia vos citar fatos mais surpreendentes do que o do Sr. Bach. Mas eis que é o bastante por hoje. Hesito mesmo em vos enviar estas notas escritas ao acaso da pena.

"Há vinte anos que magnetizo, escondi, mesmo aos meus melhores amigos, o resultado de minhas descobertas. É fácil taxar um homem de loucura; há tantas pessoas interessadas em colocar a luz sob o alqueire, e, sobretudo é preciso dize-lo, há tantos charlatães que abusaram do magnetismo, que seria preciso uma coragem sobre-humana para declarar que *se* ocupa dele. Ser-se-ia melhor recebido em proclamar que assassinou pai e mãe, do que confessar que nele crê.

"Regra geral, no entanto: não creais nunca jamais, eternamente, em experiências públicas, em sonâmbulos comandados que se consultam mediante finanças, que dão oráculos como as sibilas antigas, que agem, falam ao menor comando e à hora combinada, diante de um público numeroso, como um autômato habilmente fabricado. Isto é charlatanismo! Ninguém é mais caprichoso, voluntário, móvel, agastado, ressentido do que um sonâmbulo. Um nada paralisa suas faculdades de segunda vista; um nada o faz mentir para fazer uma malícia; um nada o desarranja e o faz desviar, e isto se concebe. Há algo de mais suscetível do que a corrente elétrica?

"Separei-me de um sábio doutor (o doutor E..., muito conhecido em Londres), com o qual comecei minhas primeiras experiências magnéticas, justamente porque sempre considerei como uma falta grave o abuso do magnetismo. Arrastado pelos resultados miraculosos que obtínhamos, um dia ele quis enxertar o sistema frenológico no magnetismo; ele pretendia que tocando certas bossas da cabeça, o sonâmbulo sentia a sensação da qual essa bossa era a sede. Tocava-se a bossa presumível do canto, o sujeito cantava; tocava-se o da gulodice, ele mascava no vazio, dizendo que tal comida tinha bom ou mau gosto; assim por diante.

Pensei que era levar a experiência até o abuso, e assentar sobre um fato real, o sonambulismo, uma ciência problemática, a frenologia. Eu queria estender o domínio das descobertas magnéticas, mas não abusar delas, como é feito geralmente.

'Tive a irreverência de declarar ao meu professor que ele se desviava, e mantenho que é do dever de todos aqueles que conhecem os fenômenos magnéticos de se levantarem contra todas essas experiências, cujo único objetivo é satisfazer uma curiosidade ignorante, explorar algumas fraquezas humanas e não alcançar um resultado prático para a Humanidade e útil a todos.

"Mas é mais difícil do que *se* crê manter-se nesses limites honrosos, quando se chegou a resultados maravilhosos. Os mais fortes magnetizadores se deixam arrastar, e, fenômeno mais maravilhoso ainda, quando se chega a esse ponto de exigir sempre experiências públicas de seu sujeito parece então desequilibrar-se, não há mais esse

imprevisto, essa lucidez, essa clarividência que o distinguia; torna-se uma máquina automática, que responde sobre um tema dado e cujas faculdades empobrecem ao ponto de desaparecer.

"Infelizmente, as pessoas que não ousariam tentar uma simples experiência de física recreativa, que se confessaria inábeis para executar um menor ato de prestidigitação, não hesitam jamais, sem preparação, sem o menor estudo preparatório, fazer experiências magnéticas.

"Ah! se não temesse adormecer os leitores de vosso *Grand Journal de* um sono menos interessante, mas mais barulhento do que o dos meus sonâmbulos, vos entreteria proximamente com fatos eminentemente curiosos... Mas, antes, é preciso saber que acolhida dareis a esta primeira carta, e é o que saberei sábado, fazendo saltar a banda de meu número.

"BERTELLIUS."

UM EGOÍSTA.

ESTUDO ESPÍRITA MORAL.

Um de nossos correspondentes de Lyon nos transmitiu o relato seguinte em data de 10 de janeiro de 1865.

Conhecemos, numa localidade vizinha, um indivíduo que não nomeio, para não fazer maledicência e porque o nome nada faz à coisa. Ele era Espírita, e sob o império dessa crença tinha melhorado, mas, no entanto, dele não havia tirado tanto proveito quanto teria podido fazê-lo, tendo em vista sua inteligência. Vivia com uma velha tia que o amava como seu filho, e a quem nada custava, nem dificuldades nem sacrifícios, para seu querido sobrinho. Por economia era a doméstica que fazia o governo da casa; até aí, nada senão muito natural; o que era menos, é que o sobrinho, jovem e bem saudável, deixava-a fazer os trabalhos acima de suas forças, sem que jamais lhe tivesse vindo ao pensamento poupar-lhe as carreiras penosas para sua idade, o transporte de alguns fardos ou alguma coisa semelhante. Não movimentava mais um móvel na casa senão se tivesse domésticos às suas ordens; e mesmo se ocorresse que se previsse alguma operação excepcional penosa, tomava um pretexto para se ausentar com medo que se lhe pedisse dar uma mão que não teria podido recusar. No entanto, tinha recebido a esse respeito várias lições, poder-se-ia dizer afrontas, capazes de fazer refletir um homem de coração; mas ele era insensível a isso. Um dia em que a tia se extenuava a rachar lenha, estava ali sentado, fumando tranqüilamente seu cachimbo, um vizinho entra, e vendo isso, diz lançando um olhar de desprezo sobre o homem: "É o trabalho de um homem e não de uma mulher;" depois pegando um machado se pôs a rachar a madeira, ao passo que o outro o olhava fazer. Era estimado como homem honesto e de boa conduta, mas seu caráter sem amenidade e sem delicadeza não o fazia amá-lo, e tinha afastado dele a maioria de seus amigos. Nós outros, Espíritas, estávamos aflitos com essa falta de coração, e nos dizíamos que um dia, sem dúvida, ele o pagaria muito caro.

A previsão se realizou recentemente. É preciso vos dizer que, em conseqüência dos esforços que a velha mulher fazia, foi atingida de uma hérnia muito grave que a fazia sofrer muito, mas da qual tinha coragem de não se lamentar. Durante esses últimos grandes frios, querendo provavelmente se esquivar de um trabalho pesado, o sobrinho saiu desde a manhã, mas não retornou. Atravessando uma ponte, foi atingido pela queda de uma viatura arrastada numa inclinação escorregadia e morreu duas horas depois.

Quando fomos informados do acontecimento, quisemos evocá-lo, e eis o que nos foi respondido por um de nossos bons guias:

"Aquele que quereis chamar não poderá se comunicar antes de algum tempo. Venho vos responder por ele, e vos informar o que desejais saber; mais tarde ele vos confirmará; neste momento, ele está muito perturbado pelos pensamentos que *o* agitam. Ele vê sua tia, e a doença que ela contraiu em conseqüência de suas fadigas corpóreas e da qual ela morrerá. Aí está o que o atormenta, porque se considera como seu assassino. Com efeito, ele o é, uma vez que poderia lhe poupar o trabalho que será a causa de sua morte. É para ele um remorso pungente e que o perseguirá por muito tempo, até que tenha reparado sua falta. Gostaria de fazê-lo neste momento; não deixa sua tia, mas seus esforços são impotentes, e então se desespera. É preciso, para sua punição, que a veja morrer em conseqüência de seu desleixo egoísta, porque sua conduta é uma variedade do egoísmo. Orai por ele, a fim de nele entreter o arrependimento."

P. Nosso caro guia gostaria de nos dizer se não lhe é levado em nenhuma conta os outros defeitos dos quais se corrigiu em conseqüência do Espiritismo *e* se sua punição com isso não foi abrandada? - *R.* Sem nenhuma dúvida, lhe é levado em conta essa melhoria, porque nada escapa aos olhares perscrutadores da Divina Providência. Mas eis de que maneira cada ação, boa ou má, tem suas conseqüências naturais, inevitáveis, segundo esta palavra do Cristo: A cada um segundo suas obras: aquele que se corrigiu de alguns defeitos poupa a punição que teriam arrastado, e recebe ao contrário o prêmio das qualidades que as substituíram; mas não pode escapar às conseqüências dos defeitos que lhe restam. Ele não é, pois, punido senão na proporção e segundo a gravidade destes últimos: menos deles tenha, melhor é sua posição. Uma qualidade não paga um defeito; ela diminui o número destes e, conseqüentemente, a soma das punições.

Aqueles dos quais não se corrige de início são os mais fáceis de se extirpar, e aquele do qual se se desfaz o mais dificilmente, é o egoísmo. Crê-se ter muito feito porque moderou a violência de seu caráter, que se resignou com sua sorte, ou que se desfez de alguns maus hábitos; sem dúvida, é alguma coisa e que aproveita, mas não impede de pagar o tributo de depuração para o resto.

Meus amigos, o egoísmo é o que se vê mais nos outros, porque se lhe sente o contragolpe, e que o egoísta nos fere; mas o egoísta encontra em si mesmo sua satisfação, é por isto que dele não se apercebe. O egoísmo é sempre uma prova de secura do coração; ele enfraquece a sensibilidade sobre os sofrimentos de outrem. O homem de coração, ao contrário, sente esse sofrimento, com ele se comove; é por isto que se devota para poupá-los ou apaziguá-los nos outros, porque gostaria que se lhe fizesse tanto por ele; também é feliz quando poupa uma dificuldade ou um sofrimento a alguém; *estando identificado com o mal de seu semelhante, sente um alívio real quando o mal não existe mais.* Contai com seu reconhecimento se vós lhe prestardes serviço; mas do egoísta não esperais senão ingratidão; o reconhecimento em palavras nada lhe custa, mas em ação ela fatigaria e perturbaria seu repouso. Não age para outrem senão quando a isso é forçado, mas jamais espontaneamente; seu apego está em razão do bem que espera das pessoas, é isto algumas vezes com seu desconhecimento. O jovem de que falamos amava certamente sua tia, e teria se revoltado se lhe fosse dito o contrário, e, no entanto, sua afeição não ia até se fatigar por ela; não era de sua parte um desejo premeditado, mas uma repulsão instintiva, conseqüência de seu egoísmo nato. A luz que não encontrou quando vivo lhe aparece hoje, e ele lamenta não ter melhor aproveitado os ensinamentos que recebeu. Orai por ele.

O egoísmo é o verme roedor da sociedade, é mais ou menos o de cada um de vós. Logo vos darei uma dissertação em que será considerado sob suas diversas nuanças; esse será um espelho; olhai-o com cuidado, para verse não percebereis num canto qualquer o reflexo de vossa personalidade.

Vosso *guia espiritual.*

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

(À venda).

O CÉU E O INFERNO, OU A JUSTIÇA DIVINA SEGUNDO O ESPIRITISMO,

Contendo: o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corpórea à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc.; seguido de numerosos exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte.

Por ALLAN KARDEC.

Como não nos pertence fazer nenhum elogio, nem a crítica desta obra, limitar-nos-emos a dela dar o objetivo, pela reprodução de um extrato do prefácio.

"O título desta obra indica-lhe claramente o objeto. Nela reunimos todos os elementos próprios a esclarecer o homem sobre o seu destino. Como em nossos outros escritos sobre a Doutrina Espírita, nela não pusemos nada que seja o produto de um sistema preconcebido ou de uma concepção pessoal que não teria nenhuma autoridade; tudo nela é deduzido da observação e da concordância dos fatos.

"O Livro dos Espíritos contém as bases fundamentais do Espiritismo; é a pedra angular do edifício; todos os princípios da Doutrina estão ali colocados, até aqueles que devem dar-lhe o coroamento; mas era preciso dar-lhes desenvolvimentos, deduzir-lhes todas as conseqüências e todas as aplicações, à medida que ela se desenvolve pelo ensino complementar dos Espíritos e por novas observações; foi o que fizemos em *O Livro dos Espíritos* e em O *Evangelho Segundo o Espiritismo,* em pontos de vista especiais; é o que fazemos nesta obra sob um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente naqueles que nos restam publicar, e que virão em seu tempo.

"As idéias novas não frutificam senão quando a terra está preparada para recebê-las; ora, por esta terra preparada, não é preciso entender algumas inteligências precoces, que não dariam senão frutos isolados, mas um certo conjunto na predisposição geral, a fim de que, não só ela dê frutos mais abundantes, mas que a idéia, encontrando um maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição e seja mais forte para resistir aos seus antagonistas.

O Evangelho Segundo o Espiritismo já era um passo adiante; *O Céu e o Inferno é* um passo a mais cuja importância será facilmente compreendida, porque toca ao vivo de certas questões, mas não deveria vir mais cedo.

"Considerando-se a época à qual chegou o Espiritismo, reconhece-se sem dificuldade que ele veio em tempo oportuno, nem muito cedo, nem muito tarde; mais cedo, teria abortado, porque, as simpatias não sendo bastante numerosas, teria sucumbido sob o golpe de seus adversários; mais tarde, teria faltado a ocasião favorável de se produzir; as idéias teriam podido tomar outro curso do qual teria sido difícil desviá-las. Seria preciso deixar, às velhas idéias, o tempo estragar e provar sua insuficiência antes de apresentar-lhe novas.

"As idéias prematuras abortam, porque não se está maduro para compreendê-las, e que a necessidade de uma mudança de posição não se faz ainda sentir. Hoje é evidente para todo o mundo que um imenso movimento se manifesta na opinião; uma reação formidável se opera num sentido progressivo contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina; os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A Humanidade está no trabalho de parto; há no ar alguma coisa, uma força irresistível que a impele para adiante; ela é como um jovem saído da adolescência, que entrevê novos horizontes sem

defini-los, e sacode os cueiros da infância. Se quer alguma coisa melhor, alimentos mais sólidos para a razão; mas esse melhor está ainda no vago; procura-se-o; todo o mundo o trabalha, desde o crente até o incrédulo, desde o lavrador até o sábio. O Universo é um vasto canteiro: uns demolem, outros reconstroem; cada um talha uma pedra para o novo edifício cujo plano definitivo só o grande arquiteto possui, e do qual não se compreenderá a economia senão quando suas formas começarem a se desenhar acima da superfície do solo. É este momento que a soberana sabedoria escolheu para o advento do Espiritismo.

"Os Espíritos que presidem ao grande movimento regenerador agem, pois, com mais sabedoria e previdência do que podem fazê-lo os homens, porque abarcam a marcha geral dos acontecimentos, ao passo que nós não vemos senão o círculo limitado de nosso horizonte. Tendo chegado os tempos da renovação, segundo os decretos divinos, era preciso que no meio das ruínas do velho edifício, o homem, para não se desencorajar, entrevisse os alicerces da nova ordem de coisas; era preciso que o marinheiro pudesse perceber a estrela polar que deve guiá-lo para o porto.

"A sabedoria dos Espíritos, que se mostrou na aparição do Espiritismo, revelado quase instantaneamente por toda a Terra, na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógicas das revelações complementares sucessivas. Não depende de ninguém constranger sua vontade a esse respeito, porque não medem seus ensinos ao gosto da impaciência dos homens. Não nos basta dizer: "Gostaríamos de ter tal coisa," para que ela seja dada; e ainda menos nos convém dizer a Deus: "Julgamos que o momento chegou para nos dar tal coisa; nos julgamos mesmo bastante avançados para recebê-los;" porque isso seria dizer-lhe: "Sabemos melhor do que vós o que convém fazer." Aos impacientes, os Espíritos respondem: "Começai primeiro por bem saber, bem compreender, e sobretudo bem praticar o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de ensinar-lhes mais; depois, quando o momento tiver chegado, saberemos agir e escolheremos nossos instrumentos."

"A primeira parte desta obra, intitulada *Doutrina,* contém o exame comparado das diversas crenças sobre o céu e sobre o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras; o dogma das penas eternas ali está encarado de maneira especial e refutado por argumentos tirados das próprias leis da Natureza, e que lhe demonstram não só o lado ilógico, já cem vezes assinalado, mas a impossibilidade material. Com as penas eternas caem naturalmente as conseqüências que se havia acreditado poder tirar delas.

"A segunda parte encerra numerosos exemplos em apoio da teoria, ou melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Haurem sua autoridade na diversidade dos tempos e dos lugares onde foram obtidos, porque emanam de uma única fonte, poder-se-ia considerá-los como produto de uma mesma influência; haurem-na, além disso, em sua concordância com o que se obtém todos os dias por toda a parte onde se ocupam das manifestações espíritas a um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos teriam podido ser multiplicados ao infinito, porque não há centro espírita que não possa deles fornecer um notável contingente. Para evitar repetições fastidiosas, tivemos que fazer uma escolha entre as mais instrutivas. Cada um desses exemplos é um estudo onde todas as palavras têm a sua importância para quem meditá-las com atenção, porque de cada ponto jorra uma luz sobre a situação da alma depois de sua morte, e a passagem, até então tão obscura e tão temida, da vida corpórea à vida espiritual. É o guia do viajor antes de entrar num país novo. A vida de além-túmulo ali se desenrola sob todos os seus aspectos como um vasto panorama; cada um nele haurirá novos motivos de esperança e de consolação, e novos sustentáculos para afirmar *a* sua fé no futuro e na justiça de Deus.

"Nesses exemplos, tomados por toda a maioria dos fatos contemporâneos, dissimulamos os nomes próprios todas as vezes que o julgamos útil, por motivos de conveniências fáceis de se apreciar. Aqueles que esses exemplos podem interessar os

reconhecerão facilmente; para o público, nomes mais ou menos conhecidos, e algumas vezes muito obscuros, nada teriam acrescentado à instrução que se pode deles retirar".

Eis os títulos dos capítulos:

PRIMEIRA PARTE. *Doutrina.* \ O futuro e o nada. - II Da apreensão da morte. - III O céu. - IV O inferno. -V Quadro comparativo do inferno pagão *e* do inferno cristão. -VI O Purgatório. - VII Da doutrina das penas eternas. - VIII As penas futuras, segundo o Espiritismo. - IX Os anjos. - X Os demônios. - XI Intervenção dos demônios nas manifestações modernas.-XII Da proibição de evocar os mortos.

SEGUNDA PARTE. *Exemplos,* I A passagem. - II Espíritos felizes. - III Espíritos numa condição mediana. - IV Espíritos sofredores.-V Suicidas.-VI Criminosos arrependidos.-VII Espíritos endurecidos. -VIII Expiações terrestres.

CONVERSAS FAMILIARES SOBRE O ESPIRITISMO,
Pela senhora ÉMILIE COLLIGNON (de Bordeaux).

Fazemo-nos um prazer e um dever lembrar, à atenção dos nossos leitores, essa brochura, que não fizemos senão anunciar em nosso último número, e que inscrevemos com prazer entre os livros recomendados. É uma exposição completa, embora sumária, dos princípios verdadeiros da Doutrina, numa linguagem familiar, ao alcance de todo mundo, e sob uma forma atraente. Fazer análise dessa produção, seria fazer a de *O Livro dos Espíritos* e dos *Médiuns.* Não é, pois, como contendo idéias novas, que recomendamos esse opúsculo, mas como um meio de propagar a Doutrina.

ALLAN KARDEC.

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | **NO. 10** | **OUTUBRO 1865**

NOVOS ESTUDOS SOBRE OS ESPELHOS MÁGICOS OU FÍSICOS.

O VIDENTE DA FLORESTA DE ZIMMERWALD.

Na *Revista Espírita* de outubro de 1864, demos conta detalhada das observações que vínhamos de fazer sobre um camponês do cantão de Berna, que possui a faculdade de ver, num copo, as coisas distantes. Novas visitas que lhe fizemos este ano nos permitiram completar nossas observações e retificar, em certos pontos, a teoria que havíamos dado dos objetos vulgarmente designados sob o nome de *espelhos mágicos,* mais exatamente chamados *espelhos físicos.* Como antes de tudo procuramos a verdade, e não temos a pretensão de sermos infalíveis, quando ocorre que nos enganamos, não hesitamos em reconhecê-lo. Não conhecemos nada mais tolo do que obstinar-se sobre uma opinião errônea.

Para compreensão do que vai seguir-se, e a fim de evitar repetições, rogamos aos nossos leitores consentirem se reportar ao artigo pré-citado, que contém uma notícia detalhada sobre o vidente em questão, e sua maneira de operar.

Lembraremos somente que se dá o nome de *espelhos mágicos a* objetos de diversas formas e naturezas, quase sempre de reflexo brilhante, tais como copos de beber, garrafas, vidraças, placas metálicas e nos quais certas pessoas vêem coisas ausentes. Uma observação atenta tendo nos convencido que essa faculdade não é outra senão a da *dupla vista,* de outro modo dito, da *visão espiritual ou física,* independente da visão orgânica, e a experiência demonstrando cada dia que essa faculdade existe sem o concurso de nenhum objeto, disso havíamos concluído, de maneira muito absoluta, na inutilidade desses objetos, pensando que unicamente o hábito de deles se servir tornava-os necessários, *e* que todo indivíduo *vidente,* com seu concurso, poderia ver tudo também sem isso, se disso tivesse a vontade; ora, é aí que está o erro, como iremos demonstrá-lo.

Preliminarmente daremos um relato sucinto dos novos fatos observados, porque serve de base às instruções às quais deram lugar.

Tendo, pois, retornado à casa desse homem, acompanhado do Sr. comandante de W., que consentiu em nos servir de intérprete, de início se ocupou inteiramente com a nossa saúde; descreveu com facilidade e uma perfeita exatidão a sede, a causa e a natureza do mal, e indicou os remédios necessários.

Em seguida, sem nisso ser provocado sem nenhuma pergunta, falou de nossos trabalhos, de seu objetivo e de seus resultados, no mesmo sentido que no ano precedente, sem no entanto conservar nenhuma lembrança do que dissera; mas aprofundou muito mais o assunto do qual pareceu melhor compreender a importância. Ele entrou nos detalhes circunstanciados sobre a marcha atual e futura da coisa que nos ocupa, sobre as causas que devem trazer tal ou tal resultado, sobre os obstáculos que nos serão suscitados e os meios de superá-los, sobre as pessoas que nisso desempenham ou devem desempenhar um papel pró ou contra, as sobre o devotamento e a sinceridade das quais se pode contar ou não, descrevendo-as quanto ao físico e

quanto ao moral de maneira a provar que a vê perfeitamente. Em uma palavra, nos deu uma instrução longamente desenvolvida e logicamente motivada, tanto mais notável quanto ele confirma em todos os pontos, e completa sob certos aspectos as de nossos Espíritos protetores. As partes das quais estávamos em condições de apreciar a exatidão não podem deixar dúvida sobre a sua clarividência. Tendo com ele várias conversas, cada vez retornava sobre o mesmo assunto, o confirmava ou o completava, sem nunca se contradizer, mesmo naquilo que havia dito no ano precedente, cujas conversas atuais pareciam ser a continuação.

Sendo essa instrução toda pessoal e confidencial, nos abstemos de narrá-la em detalhe; mencionamo-la por causa do fato importante que dela ressaltou e que relatamos adiante. Sem dúvida, ela é de um alto interesse para nós, mas nosso objetivo principal, retornando a ver esse homem, era de fazer novos estudos sobre sua faculdade, no interesse da ciência espírita.

Um fato que constatamos é que não se pode constranger sua lucidez; ele vê o que se apresenta a ele e o descreve, mas não se pode fazê-lo ver à vontade o que se deseja, nem naquilo que se pensa, se bem que ele leia o pensamento. Na sessão principal que nos foi consagrada, tentamos em vão chamar sua atenção sobre outros assuntos; apesar de seus esforços, ele declarou nada ver em seu copo.

Quando trata um assunto, pode-se-lhe fazer perguntas que lhe são relativas, mas é inutilmente que se o interroga sobre a primeira coisa chegada. No entanto, ocorre-lhe freqüentemente passar bruscamente do assunto que o ocupa a um outro que lhe é inteiramente estranho, depois retorna ao primeiro. Quando se lhe pergunta a razão disto, responde que diz o que vê e que isso não depende dele.

Ele vê *espontaneamente* as pessoas ausentes, quando se ligam diretamente ao que é o objeto de seu exame, mas não de outro modo. Seu ponto de partida é o interrogador, sua pessoa, sua residência, daí se desenrolam os fatos consecutivos. Foi também inutilmente que tentamos a experiência seguinte. Um de nossos amigos de Paris, que vinha de nos escrever, desejava que o consultássemos a respeito da enfermidade de sua filha. Confiamos-lhe a carta dizendo-lhe para colocá-la na concha de sua mão, sob o fundo de seu copo, pensando que a irradiação do fluido facilitaria a visão dessa pessoa; nada ocorreu com isso: o reflexo branco do papel o incomodou ao contrário; pretendia que essa pessoa estava muito longe, e, no entanto, alguns instantes antes, vinha de descrever, com uma perfeita exatidão e detalhes minuciosos, um indivíduo ao qual não pensávamos de modo algum, assim como o lugar que ele habita e isto a uma distância quatro vezes maior; mas esse indivíduo se achava compreendido no assunto que nos concernia, ao passo que o outro lhe era estranho. O encadeamento dos acontecimentos conduzia-o para um e não para outro.

Sua lucidez, portanto, não é nem flexível, nem manejável, e não se presta de nenhum modo ao capricho do interrogador. Ele não está, assim, de maneira alguma, apto para satisfazer aqueles que não viessem a ele senão por curiosidade; aliás, como lê no pensamento, seu primeiro cuidado é o de ver a intenção do visitante, se não o conhece antecipadamente; se essa intenção não for séria, e se vê que o objetivo da tentativa não é nem moral, nem útil, recusa falar, e remete quem viria lhe pedir o que se chama a boa sorte, ou lhe colocar questões f úteis ou indiscretas. Em uma palavra, é um vidente sério e não um adivinhador.

Sua clarividência, assim como o dissemos no ano último, se aplica principalmente às fontes e aos cursos d'água subterrâneos; não é senão acessoriamente e por complacência que se ocupa de outras coisas.

Ele é de uma ignorância absoluta sobre os próprios princípios mais elementares das ciências, mas tem muito de julgamento natural, e pelo fato de sua lucidez supre, freqüentemente, a falta de conhecimentos adquiridos. Eis disto um exemplo.

Um dia, em nossa presença, alguém o interrogou sobre a possibilidade da existência de uma fonte mineral numa certa localidade. Ali não há, disse ele, porque o terreno não é propício. Fizemo-lo observar que a origem das fontes, às vezes, é muito distante do lugar onde elas se mostram, e que elas filtram através das camadas terrestres. É verdade, respondeu; mas há regiões onde as camadas são horizontais, e outras onde elas são verticais. Naquela da qual fala esse senhor, elas são verticais, e está aí o obstáculo. De onde lhe vinha essa idéia da direção das camadas terrestres, a ele que não tem a menor noção de geologia?

Observamo-lo cuidadosamente durante todo o curso de suas operações, e eis o que notamos:

Desde que está sentado, toma seu copo, segura-o como descrevemos em nosso artigo precedente, olha alternativamente o fundo do copo e os assistentes, e durante quase um quarto de hora fala de coisas e de outras indiferentes, depois do que aborda o assunto principal. Nesse momento, seus olhos naturalmente vivos e penetrantes se fecham pela metade, se velam e se convulsionam; a pupila desaparece pelo alto e não deixa ver senão o branco. De tempo em tempo, quando fixa alguém, a pupila se mostra em parte um instante, para desaparecer de novo totalmente, e, no entanto, olha sempre o fundo de seu copo e as linhas que traça com seu giz; ora, é bem evidente que, nesse estado, não é pelos olhos que ele pode ver. Salvo esta particularidade, não há nada nele de sensivelmente anormal. Sua linguagem é a de um homem grave e sério; fala simplesmente, sem ênfase, como no estado comum e não como um inspirado.

Na noite do dia em que tivemos nossa principal sessão, pedimos, por intermédio de um médium escrevente, instruções aos bons Espíritos sobre os fatos dos quais vínhamos de ser testemunhas.

Pergunta. Que é preciso pensar das revelações espontâneas que nos fez hoje o vidente da floresta? - *Resposta.* Quisemos vos dar uma prova da faculdade desse homem.

Tínhamos preparado o assunto que ele deveria tratar, foi por isto que não pôde responder às outras perguntas que lhe fizestes. O que vos disse não era senão a nossa opinião. Ficastes admirados do que vos disse; ele falava por nós sem o saber, e nos tempos que correm não sabe mais o que disse, do mesmo modo que não se lembra mais do que dissera o ano passado, porque seu raio de inteligência não vai até lá. Falando disso, não compreende mesmo a importância do que diz; fala mais do que o médium aqui presente não teria podido fazê-lo, de medo de ir muito longe; foi porque nos servimos dele como sendo um instrumento mais dócil, para as instruções que queríamos vos dar.

Perg. Ele falou de um indivíduo que, segundo o retrato que dele fez no físico e no moral, e por suposição, parecia ser tal personagem; poderíeis dizer, se com efeito, é aquele que quis designar? - *Resp. É* o que deveis saber, ele o disse.

Nota. - É, pois, evidente que à faculdade natural desse homem se junta a mediunidade, ao menos acidentalmente, se não o for de maneira permanente; quer dizer que a lucidez dele é pessoal, e não o fato dos Espíritos, mas que os Espíritos podem dar a essa lucidez tal direção que lhes convenha, num caso determinado, inspirar-lhe o que deve dizer, e não deixá-lo dizer o que não é preciso. E, pois, se for preciso, *médium inconsciente.*

A faculdade de ver à distância e através dos corpos opacos não nos parece extraordinária, incompreensível, porque ela constitui um sentido do qual não gozamos no estado normal. Somos exatamente como os cegos de nascença, que não compreendem que se possa conhecer a existência, a forma e as propriedades dos objetos sem tocá-los; não compreendem que o fluido luminoso é o intermediário que nos coloca em relação com os objetos distantes e deles nos traz a imagem. Sem o conhecimento das propriedades do fluido perispiri-tual, não compreendemos a visão sem o concurso dos olhos; somos, a esse respeito, verdadeiros cegos; ora, a faculdade de ver à distância,

com o fluido perispiritual, não é mais maravilhosa nem miraculosa do que a de ver os astros a bilhões de léguas, com a ajuda do fluido luminoso (1(1) O *Siècle* publica neste momento, sob o título de: *A dupla vista,* um interessante romance folhetim de Élie Berthet. No momento atual é um, há dois anos mais ou menos, o Sr. Xavier Saintine tinha publicado no *Constitutionnel,* sob o título de: *A segunda vista,* uma série de fatos baseados sobre a pluralidade das existências e as relações espontâneas que se estabelecem entre os mortos e os vivos. É assim que a literatura ajuda a vulgarização das idéias novas; não lhe falta absolutamente senão a palavra ***Espiritismo.***

Perg. Teríeis a bondade de nos dizer se o copo do qual esse homem se serve é verdadeiramente útil, se não podereis tudo ver tão bem num primeiro copo que apanhasse, num objeto qualquer, ou mesmo sem objeto se disso tivesse a vontade; se a necessidade e a especialidade do copo não seriam um efeito do hábito que o faz crer não poder passar sem ele; enfim, se a presença do copo é necessária, que ação esse objeto exerce sobre a sua lucidez? - *Resp.* Seu olhar estando concentrado sobre o fundo do copo, o *reflexo brilhante* age primeiro sobre seus olhos, depois, daí, sobre o sistema nervoso, e provoca uma espécie de semi-sonambulismo, ou mais exatamente de sonambulismo desperto, no qual o Espírito desligado da matéria adquire a clarividência, ou visão da alma, que chamais segunda vista.

Existe uma certa relação entre a forma do fundo do copo e a forma exterior ou disposição de seus olhos; eis porque não ocorre facilmente que se reunam as condições necessárias (ver o artigo do mês de outubro de 1864). Embora, em aparência, os copos sejam semelhantes para vós, há no poder refletor e no modo de irradiação, segundo a forma, a espessura e a qualidade, as nuanças que não podeis apreciar, *e* que são apropriadas ao seu organismo individual.

O copo é, pois, para ele um meio de desenvolver e de fixar sua lucidez, lhe é verdadeiramente necessário, porque, nele, *o estado lúcido não sendo permanente,* tem necessidade de ser provocado; um outro objeto não poderia supri-lo, e esse mesmo copo que produz esse efeito sobre ele, não produzirá nada sobre uma outra pessoa, mesmo vidente. Os meios de provocar essa lucidez variam segundo os indivíduos.

Conseqüências da explicação precedente.

Eis aqui o ponto principal que nos propusemos. A explicação precedente nos parece resolvera questão com uma perfeita clareza. Tudo está nestas palavras: *A lucidez não é permanente nesse homem.* O vidro é um meio de provocá-la pela irradiação sobre o sistema nervoso; mas é preciso que o modo de irradiação esteja em relação com o organismo; daí, a variedade dos objetos podendo produzir esse efeito segundo os indivíduos predispostos a senti-los. Em resumo:

1- Que, para aqueles que a visão psíquica ou permanente, o emprego de agentes artificiais é inútil; 2- que esses agentes são necessários quando a faculdade tem necessidade e ser superexcitada; *3-* que esses agentes devem ser apropriados ao organismo, o que tem ação sobre uns, não produz nada sobre os outros.

Certas particularidades de nosso vidente encontram sua razão de ser nesta explicação.

A carta colocada sob o fundo do copo, em lugar de facilitá-lo, perturbava-o, porque mudava a natureza do reflexo que lhe é próprio.

Em começando, dissemos, que ele fala coisas indiferentes tudo considerando seu copo; é que a ação não é instantânea, e essa conversação preliminar, sem objetivo aparente, ocorre durante o tempo necessário à produção do efeito.

Do mesmo modo que o estado lúcido não se desenvolve senão gradualmente, não cessa bruscamente; *é a* razão pela qual esse homem continua a ver ainda alguns instantes depois de ter cessado de olhar em seu copo, o que nos fizera crer que esse objeto era inútil. Mas como o estado lúcido é de alguma sorte artificial nele, lhe é preciso de tempo em tempo recorrer ao seu copo para mantê-lo.

Compreende-se, até um certo ponto, o desenvolvimento da faculdade por um meio material, mas como a imagem de uma pessoa distante pode se apresentar no copo? Só o Espiritismo pode resolver este problema pelo conhecimento que dá da natureza da alma, de suas faculdades, das propriedades de seu envoltório perispiritual, de sua irradiação, de seu poder emancipador e de seu desligamento do envoltório corpóreo. No estado de desligamento, a alma goza das percepções que lhe são próprias, sem o concurso dos órgãos materiais; a visão é um atributo do ser espiritual; ele vê por si mesmo, sem o concurso dos olhos, como ouve sem o concurso dos ouvidos; se *os órgãos dos sentidos são indispensáveis às percepções da alma, disto se seguirá que depois da morte a alma, não tendo mais esses órgãos, seria surda e cega.* O desligamento espiritual que tem lugar depois da morte se produz parcialmente durante a vida, e é então que se manifesta a fenômeno da visão espiritual, dito de outro modo, a dupla vista ou segunda vista, ou visão psíquica, cujo poder se estende tão longe quanto se estende a irradiação da alma.

Na circunstância da qual se trata, a imagem não se forma na substância do copo; é a própria alma que, pela sua irradiação, percebe o objeto no lugar em que se encontra; mas como, nesse homem, o copo é o agente provocador do estado lúcido, a imagem lhe aparece muito naturalmente na direção do copo. É absolutamente como aquele que tem necessidade de uma luneta para ver ao longe o que não pode distinguir a olho nu; a imagem do objeto não está nas lentes da luneta, mas na direção das lentes que lhe permitem vê-la; tirai-lhe o instrumento, ele não vê mais nada. Prosseguindo na comparação, diremos que, do mesmo modo que aquele que tem uma boa visão não tem necessidade de lunetas, aquele que goza naturalmente da visão psíquica não tem necessidade de meios artificiais para provocá-la.

Há alguns anos, um médico descobriu que colocando entre os dois olhos, sobre a raiz do nariz, uma rolha de garrafa, uma bola de cristal ou de metal brilhante, e fazendo convergir os raios sobre esse objeto durante algum tempo, a pessoa entra numa espécie de estado cataléptico, durante o qual se manifestam algumas das faculdades que se notam em certos sonâmbulos, entre outras a insensibilidade e a visão à distância através dos corpos opacos, e que esse estado cessa pouco a pouco, depois da retirada do objeto. Era evidentemente um efeito magnético produzido por um corpo inerte. Que papel fisiológico desempenha o reflexo brilhante nesse fenômeno? é o que se ignora; mas foi constatado que, se essa condição é necessária na maioria dos casos, ela não o é sempre, e que o mesmo efeito é produzido sobre certos indivíduos com ajuda de objetos sem brilho.

Este fenômeno, ao qual se deu o nome de *hipnotismo* fez barulho nas corporações de sábios; experimentaram; uns triunfaram, outros fracassaram, como assim deveria ser, náo sendo as mesmas aptidões em todos os sujeitos. A coisa, fosse ela excepcional, seguramente, valia muito o trabalho de ser estudada; mas é lamentável dize-lo, desde que se percebeu que era uma porta secreta pela qual o magnetismo e o sonambulismo iam penetrar sob uma outra forma e um outro nome no santuário da ciência oficial, ali náo mais o hipnotismo foi tratado (Ver a *Revista Espírita* de janeiro de 1860.)

No entanto, a Natureza jamais perde seus direitos; se suas leis são desconhecidas durante um tempo, retornam muito freqüentemente à carga, se apresentam sob formas tão variadas, que é forçoso cedo ou tarde abrir os olhos. Disto o Espiritismo é uma prova; agradou-se negá-lo, denegri-lo, repeli-lo, ele bate em todas as portas de cem maneiras diferentes, e penetra, bom ou malgrado, naqueles mesmos que não querem dele ouvir falar.

Aproximando esse fenômeno daquele que nos ocupa, e sobretudo das explicações, dadas acima, nota-se, nos efeitos e nas causas, uma analogia evidente; de onde *se* pode tirar esta conclusão de que os corpos vulgarmente chamados *espelhos mágicos,* não são outros senão agentes hipnóticos, infinitamente variados em suas formas e em seus efeitos, segundo a natureza e o grau das aptidões.

Sendo assim, não haveria nada de impossível em que certas pessoas, dotadas espontaneamente e acidentalmente dessa faculdade, sofressem, com o seu desconhecimento, a influência magnética de objetos exteriores sobre os quais fixam maquinalmente os olhos. Por que o reflexo da água, de um lago, de um tanque, de um rio, de um *astro* mesmo, não produziria o mesmo efeito que um copo ou uma garrafa sobre certas organizações convenientemente predispostas? Mas isto não é senão uma hipótese que tem necessidade da confirmação da experiência.

Este fenômeno, de resto, não é uma descoberta moderna; é encontrado mesmo em nossos dias nos povos mais atrasados, tanto é verdade que o que está na Natureza tem o privilégio de ser de todos os tempos e de todos os países; é aceito primeiro como fato: a explicação vem em seguida com o progresso, e à medida que o homem avança no conhecimento das leis que regem o mundo.

Tais são as conseqüências que nos parecem decorrer logicamente dos fatos observados.

PARTIDA DE UM ADVERSÁRIO DO ESPIRITISMO PARA O MUNDO DOS ESPÍRITOS.

Escrevem-nos de V...:

"Há algum tempo, um eclesiástico morreu na nossa vizinhança; era um adversário declarado do Espiritismo, mas não desses adversários coléricos, como deles se vêem muitos, que suprem a falta de boas razões pela violência e pela injúria. Era um homem instruído, de uma inteligência superior; combatia com talento sem acrimônia, e sem se afastar das conveniências; infelizmente para ele, apesar de todo o seu saber e seu incontestável mérito, não pôde opor-lhe senão os lugares comuns usuais, e não encontrou, para derrubá-lo, nenhum desses argumentos que levam no espírito das massas uma irresistível convicção. Sua idéia fixa, ou pelo menos aquela que procurava sobretudo fazer prevalecer, era que o Espiritismo não seria senão um tempo; que sua rápida propagação não era senão um entusiasmo passageiro, e que cairia como todas as idéias utópicas.

"Tivemos a idéia de evocá-lo em nosso pequeno círculo; sua comunicação nos pareceu instrutiva, sob vários aspectos, e por isto vo-la dirigimos. Ela traz, em nossa opinião, uma marca incontestável de identidade.

"Eis a sua comunicação:

Perg. (ao guia do médium) Consentiríeis em ter a bondade de nos dizer se podemos fazer a evocação do Sr. abade D...? - *Resp.* Sim, ele virá; mas, embora persuadido da realidade de vossos ensinamentos, do que a morte o convenceu, tentará ainda vos provar a inutilidade de vossos esforços para difundi-los de maneira séria. Hei-lo pronto a se apoiar sobre as dissenções momentaneamente suscitadas por alguns irmãos que se diziam para vos provar a insanidade de vossa doutrina. Escutai-o; sua linguagem vos fará conhecer a maneira pela qual devereis falar-lhe.

Evocação, -Caro Espírito do Sr. D....esperamos que com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, consentireis em vos comunicar conosco. Todo sentimento de curiosidade, como podeis vê-lo, está longe do nosso pensamento. Nosso objetivo, provocando esta entrevista, é dela tirar uma instrução proveitosa para nós, e talvez igualmente para vós. Ser-vos-emos reconhecidos por aquilo que consentirdes nos dizer. - *Resp.* Tendes razão em me chamar, mas estáveis enganados em crer que poderia recusar vir *a* vós. Crede bem que meu título de adversário do Espiritismo não é um motivo para mim de guardar o silêncio; tenho boas razões para falar.

Minha vinda é uma confissão, uma afirmação de vossos ensinamentos; eu o sei e o reconheço. Estou convencido da realidade das manifestações que experimento hoje, mas isso não é uma razão para que lhe reconheça a excelência, e que admito como certo o objetivo que vos propondes. Sim, os Espíritos *se* comunicam, e não são só os *demônios,* como o ensinamos, e pudera! com toda a *razão', é* inútil que me estenda a este respeito, porque conheceis tão bem quanto eu as razões que nos levam a agir assim. Certamente, os Espíritos de todas as espécies se comunicam; disto sou uma prova, porque, se bem que não tenha a vaidade de me crer um ser superior, seja por meus conhecimentos, seja pela minha moralidade, tenho bastante consciência de meu valor para me avaliar acima dessas categorias de Espíritos atormentados pela expiação das mais vis imperfeições. Não sou perfeito; pude, como todo outro, cometer faltas; mas eu o reconheço com orgulho, se fui homem de partido, fui ao mesmo tempo homem de bem, no inteiro sentido desta palavra.

Escutai-me, pois. Os padres podem errar em vos combater; não sei o que o futuro reserva, e não entrarei em discussão sobre o mais ou menos fundamento de sua oposição, verdadeiramente sistemática; mas também, examinando com cuidado todas as conseqüências de uma aceitação, eles não podem se impedir de reconhecer que causaríeis sua ruína social, ou pelo menos uma transformação tão absoluta que todo privilégio, toda separação com os outros homens, seriam de rigor aniquilados. Ora, não se renuncia a alegria de coração por uma realeza muito invejável, a um prestígio que eleva acima do comum, por riquezas que, por serem materiais, não são menos necessárias à satisfação do padre quanto ao homem comum. Pelo Espiritismo, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; o padre é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que ergue seu companheiro *caído;* vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! É grande! é belo! mas é preciso muito dize-lo, cedo ou tarde é a ruína, não do homem, que não pode senão ganhar com esses ensinamentos, mas da família clerical. Não se renuncia de boa vontade, eu o repito, a honras, ao respeito que se está habituado a recolher. Tendes razão, eu o quero muito! e, no entanto não podeis desaprovar nossa atitude à frente de vosso ensino; digo *nossa,* porque ela é ainda minha, apesar de tudo o que vejo e de tudo o que podereis me dizer.

Admitamos vossa doutrina confirmada; hei-la escutada, estendendo por toda a parte suas ramificações, no povo como na classe rica, no operário como no literato, e *será este último que vos prestará o concurso mais eficaz,* mas que resultaria de tudo isso? Na minha opinião, hei-lo:

Já se operaram divisões entre vós. Duas grandes seitas existem entre os Espíritas: os Espiritualistas da escola americana e os Espíritas da escola francesa; mas não consideremos senão esta última. Ela é una? não. Eis, de um lado, os *Puristas* ou *Kardecistas,* que não admitem cada verdade senão depois de um exame atento, *e* a concordância de todos os dados; é o núcleo principal, mas não é o único; diversos ramos, depois de terem se infiltrado nos grandes ensinos do centro, separam-se da mãe comum para formar seitas particulares; outros, não inteiramente destacados do tronco, emitem opiniões subversivas. Cada chefe de oposição tem seus aliados; os campos não estão ainda desenhados, mas se formam, e logo eclodirá a cisão. Eu vo-lo digo, o Espiritismo, como as doutrinas filosóficas que o precederam, não poderá ter uma longa duração. Ele foi, cresceu; mas agora está no auge, e já desce. Faz sempre alguns adeptos, mas, como o Saint-Simonismo, como o Fourierismo, como os Teosófos, ele cairá, para ser talvez substituído, mas cairá, eu o creio firmemente.

No entanto, seu princípio existe: os Espíritos; mas não há também seus perigos? Os Espíritos inferiores podem se comunicar, está aí sua perda. Os homens, antes de tudo, são dominados por suas paixões, e os Espíritos dos quais acabo de falar estão habituados a excitá-los. Como há mais imperfeições do que qualidades em nossa

Humanidade, é, pois, evidente que o Espírito do mal triunfará, e que se o Espiritismo pode alguma coisa, isso será certamente a invasão de um flagelo terrível para todos.

Sobre isto, concluo que, bom por essência, é mau por seus resultados, e que, assim, é prudente rejeitá-lo.

O médium. Caro Espírito, se o Espiritismo fosse uma concepção humana, eu seria de vossa opinião; mas se vos é impossível negar a existência dos Espíritos, não podeis, não mais, desconhecer, no movimento dirigido pelos seres invisíveis, a mão poderosa da Divindade. Ora, a menos de negar os vossos próprios ensinos, quando estáveis sobre esta Terra, não podereis admitir que a ação do homem possa ser um obstáculo à vontade de Deus, seu criador. De duas coisas uma, ou o Espiritismo é uma obra de invenção humana, e como toda obra humana está sujeito à ruína; ou é a obra de Deus, a manifestação de sua vontade, e neste caso nenhum obstáculo poderia impedir-lhe nem mesmo retardar-lhe o desenvolvimento. Se, pois, reconheceis que existem Espíritos, e que esses Espíritos se comunicam para nos instruir, isto não pode estar fora da vontade divina, porque então existiria, ao lado de Deus, uma potência independente que destruiria sua qualidade de todo-poderoso e, por conseguinte, de Deus. O Espiritismo não saberia ser arruinado, pelo fato de algumas dissenções que os interesses humanos poderiam fazer nascer em seu seio. - *Resp.* Talvez tenhais razão, meu jovem amigo (o médium era um jovem), mas nisso me atenho ao que disse; cesso toda discussão a esse respeito. Estou à sua disposição para toda pergunta que quiserdes me colocar, isto à parte.

O médium. Pois bem! Uma vez que o permitis, sem insistir sobre um assunto que talvez vos será penoso prosseguir neste momento, vos pediremos para nos descrever a vossa passagem dessa vida na qual estais, de nos dizer se tivestes perturbação, e se, em vossa posição atual, podemos vos ser úteis. - Resp. Apesar de mim não posso me impedir de reconhecer a excelência desses princípios que ensinam ao homem o que é a morte, e que lhe dão a afeição por seres que lhe são totalmente desconhecidos. Mas... enfim, minha cara criança, vou responder à vossa pergunta. Não quero abusar de vosso tempo, e posso com poucas palavras satisfazer o vosso desejo.

Eu vos confessarei, pois, que no momento de morrer não estava sem apreensão. Era a matéria que me levava a lamentar essa existência? era a ignorância do futuro? não vos esconderei, eu tinha medo! Perguntais-me se fiquei perturbado; como o entendeis? Se quereis dizer com isso que a ação violenta da separação mergulhou-me numa espécie de letargia moral, da qual saí como de um sono penoso, sim, fiquei perturbado; mas se entendeis uma perturbação nas funções da inteligência: a memória, a consciência de si mesmo, não, eu não estive. No entanto, a perturbação existe para certos seres; talvez existirá também para mim, se bem que não o creia. Mas o que creio é que geralmente esse fenômeno não deve ocorrer imediatamente após a morte. Fiquei surpreso, é verdade, em ver a existência do Espírito tal qual a ensinais, mas isto não é da perturbação. Eis como entendo a perturbação, e em que condições eu a experimento.

Se não estou seguro da verdade de minha crença, se a dúvida entra na minha alma a respeito do que acreditava então, se uma modificação brusca se opera em mim, em minha maneira de ver, nisso, estou perturbado; mas a minha opinião é de que essa perturbação não deve se formar logo depois da morte. Se creio no que me diz minha razão, o ser, morrendo, deve permanecer tal qual era antes de passar.....; não é senão mais tarde, então que o isolamento, a mudança que *se* opera gradualmente ao seu redor, modificam suas opiniões, quando seu ser sente um abalo moral, que faz cambalear sua segurança primitiva, que a perturbação começa verdadeiramente.

Perguntais-me *se* podeis me ser útil em alguma coisa; minha religião me ensina que a prece é boa; vossa crença diz que ela é útil; orai, pois, por mim, estejais assegurados de meu reconhecimento. Apesar da dissidência que existe entre nós, por isso não estarei menos encantado em vir conversar algumas vezes convosco.

O abade D...

Nosso correspondente tinha razão em dizer que esta comunicação é instrutiva; ela o é com efeito sob muitos aspectos, e nossos leitores apanharão facilmente os sérios ensinamentos que dela ressaltam, sem que tenhamos necessidade de assinalá-los. Vemos ali um Espírito que, quando, havia combatido nossas doutrinas, e esgotado contra ela todos os argumentos que seu profundo saber poderia saber; sábio teólogo, é provável que não negligenciou nenhum deles. Como Espírito, há pouco desencarnado, reconhecendo as verdades fundamentais sobre as quais nos apoiamos, com isto não persistiu menos em sua oposição, e pelos mesmos motivos; ora, é incontestável que se, mais lúcido em seu estado espiritual, se tivesse encontrado argumentos mais peremptórios para nos combater, tê-los-ia feito valer; longe disto, parece ter medo de ver muito claro, e, no entanto, pressente uma modificação em suas idéias. Ainda imbuído das opiniões terrestres, a elas liga todos os seus pensamentos; o futuro o amedronta, e é por isto que não ousa olhá-lo frente a frente.

Nós lhe repreendemos como se, quando vivo, tivesse escrito o que ditou depois de sua morte. Dirigimo-nos ao homem tanto quanto ao Espírito, respondendo assim àqueles que partilham sua maneira de ver, e poderiam nos opor os mesmos argumentos.

Dir-lhe-emos, pois:

Senhor abade, se bem que tenhais sido nosso adversário declarado sobre a Terra, nenhum de nós o vemos adversário hoje e jamais o teríamos pretendido quando estáveis vivo, primeiro porque nossa fé nos faz da tolerância uma lei, e que aos nossos olhos todas as opiniões são respeitáveis quando sinceras. A liberdade de consciência é um de nossos princípios; nós a queremos para os outros, como a queremos para nós. Só a Deus pertence julgar a validade das crenças, e nenhum homem tem o direito de lançar anátema em nome de Deus. A liberdade de consciência não tira o direito de discussão e de refutação, mas a caridade ordena não maldizer ninguém. Em segundo lugar, isso vos queremos tanto menos, quanto vossa oposição não trouxe nenhum prejuízo à Doutrina; servistes à causa do Espiritismo com o vosso desconhecimento, como todos aqueles que o atacam, ajudando a fazê-lo conhecer, e provando, em razão sobretudo de vosso mérito pessoal, a insuficiência das armas que se emprega para combatê-lo.

Permiti-me, agora, discutir algumas de vossas proposições. Há uma delas sobretudo que me parece pecar, antes de qualquer outra, contra a lógica; é aquela onde dissestes que: "O *Espiritismo bom por essência é mau por seus resultados."* Pareceis ter esquecido esta máxima do Cristo, tornada proverbial por força de verdade: "Que uma boa árvore não pode dar maus frutos." Não se compreenderia que uma coisa boa, *em sua própria essência,* pudesse ser perniciosa.

Dissestes, em outra parte que o perigo do Espiritismo está na manifestação dos maus Espíritos que exploram, em proveito do mau, as paixões dos homens. Aí está uma das teses que sustentastes quando vivo. Mas ao lado dos maus Espíritos, há os bons que excitam ao bem, ao passo que, segundo a doutrina da Igreja, o poder de se comunicar não é dado senão aos demônios. Se, pois, achais o Espiritismo perigoso porque ele admite a comunicação dos maus Espíritos ao lado dos bons, a doutrina da Igreja, se fosse verdadeira, seria ainda muito mais perigosa, uma vez que ela não admite senão *a* dos maus.

De resto, não foi o Espiritismo que inventou *a* manifestação dos Espíritos, nem lhe é a causa se eles se comunicam; não faz senão constatar um fato que se produziu em todos os tempos, porque está na Natureza. Para que o Espiritismo deixasse de existir, seria preciso que os Espíritos deixassem de se manifestar. Se essa manifestação oferece perigos, não é preciso disto acusar o Espiritismo, mas à Natureza. A ciência da eletricidade é a causa das devastações ocasionadas pelo raio? Seguramente, não; ela faz conhecer a causa do raio, e ensina os meios de evitá-lo. Ocorre o mesmo com o

Espiritismo; ele faz conhecer a causa de uma influência perniciosa que age sobre o homem com o seu desconhecimento, e lhe indica os meios de dela se preservar, ao passo que quando o ignorava, a suportava e a ela se expunha sem desconfiar.

A influência dos maus Espíritos faz parte dos flagelos dos quais o homem é alvo neste mundo, como as enfermidades e os acidentes de todas as espécies, porque está sobre uma Terra de expiação e de prova, onde deve trabalhar para o seu adiantamento moral e intelectual; mas, ao lado do mal, Deus, em sua bondade, coloca sempre o remédio; ele deu ao homem a inteligência para descobri-lo; é a isto que conduz o progresso das ciências. O Espiritismo vem indicar o remédio a um desses males; ensina que para subtrair-se e neutralizar a influência dos maus Espíritos, é preciso se tornar melhor, domar seus maus pendores, praticar as virtudes ensinadas pelo Cristo: a humildade e a caridade; está aí, pois, o que chamais de maus resultados?

A manifestação dos Espíritos é um fato positivo, reconhecido pela Igreja; ora, a experiência vem hoje demonstrar que os Espíritos são as almas dos homens, e que é a razão pela qual há deles tantos imperfeitos. Se esse fato vem contradizer certos dogmas, o Espiritismo não é disso mais responsável do que não o foi a geologia por ter demonstrado que a Terra não foi feita em seis dias. O erro é desses dogmas não estarem de acordo com as leis da Natureza. Por essas manifestações, como pelas descobertas da ciência, Deus quer conduzir o homem a crenças mais verdadeiras; repelir o progresso, portanto, é desconhecer a vontade de Deus; atribuí-lo ao demônio é blasfemar de Deus. Querer, bom ou malgrado, manter uma crença contra a evidência, e fazer de um princípio reconhecidamente falso a base de uma doutrina, é apoiar uma casa sobre uma escora carcomida; pouco a pouco a escora se quebra, e a casa cai.

Dissestes que a oposição da Igreja contra o Espiritismo tem sua razão de ser e a aprovais, porque causaria a ruína do clero, cuja separação do comum dos homens seria aniquilada. "Com o Espiritismo, dissestes, não mais oligarquia clerical; o padre não é ninguém e é cada um; é o homem de bem que ensina a verdade aos seus irmãos; é o obreiro caridoso que levanta seu companheiro caído; vosso sacerdócio é a fé; vossa hierarquia, o mérito; vosso salário, Deus! é grande! é belo! Mas não se renuncia a alegria de coração em uma realeza, a um prestígio que vos eleva acima do vulgo, a respeitos, a honras que se está habituado a recolher, a riquezas que, por serem materiais, não são menos também necessárias à satisfação do padre, que é a do homem comum."

Pois que! o clero seria, portanto, movido por sentimentos tão mesquinhos? Desconheceria a esse ponto estas palavras do Cristo: "Meu reino não é deste mundo," que sacrificaria o interesse da verdade à satisfação do orgulho, da ambição e das paixões mundanas? Não creria, pois, nesse reino prometido por Jesus Cristo, uma vez que a ele prefere o da Terra? Tomaria, pois, seu ponto de apoio no céu, somente em aparência, e para se dar um prestígio, mas em realidade para salvaguardar seus interesses terrestres! Preferimos crer que, se tal é o móvel de alguns de seus membros, não é o sentimento da maioria; se o fosse de outro modo, seu reino estaria bem perto de acabar, e vossas palavras seriam sua sentença, porque o reino celeste é o único eterno, ao passo que os da Terra são frágeis e instáveis.

Ide muito longe, senhor abade, em vossas previsões sobre as conseqüências do Espiritismo; mais longe do que nunca fui em meus escritos. Sem vos seguir sobre esse terreno, direi simplesmente, porque todos *os* pressentem, que o resultado inevitável será uma transformação da Sociedade; ele criará uma nova ordem de coisas, novos hábitos, novas necessidades; modificará as crenças, as relações sociais; fará, ao moral, o que fazem, do ponto de vista material, todas as grandes descobertas da indústria e das ciências. Essa transformação vos assusta, e é por isto que, pressentindo-a, a afastais de vosso pensamento; gostaríeis de não crer nisso; em uma palavra, fechais os olhos para não ver, e os ouvidos para não ouvir. Assim ocorre com muitos homens sobre a Terra. No entanto, se essa transformação está nos decretos da Providência, ela se cumprirá, o que

quer que se faça; será preciso suportá-la de boa vontade ou à força e a isto se dobrar, como os homens do antigo regime tiveram que sofrer as conseqüências da Revolução, que negavam também e declaradamente impossível antes que fosse cumprida. A quem lhe tivesse dito que em menos de um quarto de século todos os privilégios seriam abolidos, que uma criança não seria mais coronel ao nascer; que não se compraria mais um regime com uma tropa de bois; que o soldado poderia tornar-se marechal e o último aventureiro ministro; que os direitos seriam os mesmos para todos, que o fazendeiro teria voz igual nos negócios de seu país, ao lado de seu senhor, teriam aumentado as espáduas da incredulidade, e, no entanto, se um deles dormisse então e despertasse, como Epimênides, quarenta anos mais tarde, acreditaria se encontrar em um outro mundo.

E o medo do futuro que vos faz dizer que o Espiritismo não terá senão um tempo; procurais vos iludir, quereis prová-lo a vós mesmo, que acabais por crê-lo de boa-fé, porque isto vos tranqüiliza.

Mas que razão dais para isso? A menos conclusiva de todas, assim como é fácil demonstrá-lo.

Ah! se provásseis peremptoriamente que o Espiritismo é uma utopia, que repousa sobre um erro material *de fato,* sobre uma base falsa, ilusória, sem fundamento, então teríeis razão; mas, ao contrário, afirmais a existência do princípio, e além disto a excelência desse princípio; reconheceis, e a Igreja reconhece como vós, a realidade do fato material sobre o qual ele repousa: O das manifestações. Esse fato pode ser anulado? Não, não mais do que se possa anular o movimento da Terra. Uma vez que está na Natureza, se produzirá sempre; esse fato, incompreendido outrora, mas melhor estudado e melhor compreendido em nossos dias, carrega *em si mesmo* conseqüências inevitáveis; se não podeis aniquilá-lo, sois forçados a sofrer-lhe as conseqüências. Segui-o passo a passo em suas ramificações, e chegareis fatalmente a uma revolução das idéias; ora, uma mudança nas idéias conduz forçosamente a uma revolução na ordem das coisas. (Ver: *O que é o Espiritismo,* 6ª edição, pág. 128.)

Por outro lado, o Espiritismo não dobra as inteligências sob seu jugo; não manda uma crença cega; ele quer que a fé se apoie sobre a compreensão; é nisto, sobretudo, senhor abade, que diferenciamos na maneira de ver. Ele deixa, pois, a cada um uma inteira liberdade de exame, em virtude deste princípio, de que a verdade sendo *una,* deve, cedo ou tarde, se impor sobre o que é falso, e que um princípio fundado sobre o erro cai pela força das coisas. As idéias falsas, entregues à discussão, mostram seu lado fraco, e se apagam diante da força da lógica. Essas divergências são inevitáveis num início; são mesmo necessárias, porque ajudam a depuração e a postura da idéia fundamental, e é preferível que se produzam desde o começo, porque a doutrina verdadeira delas será mais cedo desembaraçada. Eis porque sempre dissemos aos adeptos: Não vos inquieteis com as idéias contraditórias que possam ser emitidas ou publicadas. Vede já, quantas morreram no nascimento! quantos escritos dos quais já não *se* fala mais! Que procuramos? É o triunfo, quando mesmo, de nossas idéias? não, mas o da verdade. Se, entre as idéias contrárias, houver as que sejam mais verdadeiras do que as nossas, elas se imporão, e deveremos adotá-las; se são falsas, não poderão suportar a prova decisiva do controle do ensino universal dos Espíritos, único critério da idéia que sobreviverá.

Na assimilação que estabeleceis entre o Espiritismo e outras doutrinas filosóficas há falta de exatidão. Não foram os homens que fizeram o Espiritismo o que ele é, nem que farão o que será mais tarde; foram os Espíritos por seus ensinos: os homens não fizeram senão colocar em obra *e* coordenar os materiais que lhe são fornecidos. Esse ensino não está ainda completo, e não se deve considerar o que deram até este dia senão como os primeiros degraus da ciência; pode-se compará-lo às quatro regras por relação aos matemáticos, e não estamos nele ainda senão nas equações de primeiro grau; é porque muitas pessoas não lhe compreendem ainda nem a importância nem o alcance. Mas os

Espíritos regulam seus ensinos à sua vontade, e não depende de ninguém fazê-los ir mais depressa ou mais suavemente se não quiserem; eles não seguem mais os impacientes que não se coloquem a reboque dos retardatários.

O Espiritismo não é mais a obra de *um único Espírito* como não é a de um *único homem;* é a obra *dos Espíritos* em geral. Segue-se que a opinião de um Espírito sobre um princípio qualquer não é considerada pelos Espíritos senão como uma opinião individual, que pode ser justa ou falsa, e não tem valor senão quando é sancionada pelo ensino da maioria, dado sobre os diversos pontos do globo. Foi esse ensino universal que fez o que ele é, e que fará o que será. Diante desse poderoso critério caem necessariamente todas as teorias particulares que sejam o produto de idéias sistemáticas, seja de um homem, seja de um Espírito isolado. Uma idéia falsa pode, sem dúvida, agrupar *ao seu redor* alguns partidários, mas não prevalecerá jamais contra aquela que é ensinada por toda a parte.

O Espiritismo, que vem apenas de nascer, mas que já levanta questões da mais alta gravidade, coloca necessariamente em efervescência uma multidão de imaginações. Cada um vê a coisa de seu ponto de vista; daí a diversidade dos sistemas eclodidos em seu início, e dos quais a maioria já caiu diante da força do ensino geral. Ocorrerá o mesmo com todos aqueles que não estão na verdade; porque ao ensino divergente de um Espírito, dado por um médium, sempre se oporá o ensino uniforme de milhões de Espíritos, dado por milhões de médiuns. É a razão pela qual certas teorias excêntricas viveram apenas alguns dias, e não saíram do círculo onde nasceram; privadas de sanção, não encontram na opinião das massas nem ecos nem simpatias, e se, além disso, ferem a lógica e um vulgar bom senso, provocam um sentimento de repulsa que lhes precipita a queda.

O Espiritismo possui, pois, um elemento de estabilidade e de unidade que tira de sua natureza e de sua origem, e que não é o próprio de nenhuma das doutrinas filosóficas de concepção puramente humana; é o escudo contra o qual virão sempre se quebrar todas as tentativas feitas para derrubá-lo ou dividi-lo. Essas divisões não podem jamais ser senão parciais, circunscritas e momentâneas.

Falais das seitas que, em vossa opinião, dividem os Espíritas, de onde concluís a ruína próxima de sua doutrina; mas vos esqueceis de todas aquelas que dividiram o Cristianismo desde seu nascimento, que o ensangüentaram, que o dividem ainda, e cujo número, até este dia, não se eleva a menos de trezentos e sessenta. No entanto, apesar das dissidências profundas sobre os dogmas fundamentais o Cristianismo ficou em pé, prova de que é independente dessas questões de controvérsias. Por que quereríeis que o Espiritismo, que se liga por sua própria base aos princípios do Cristianismo, e que não é dividido senão sobre questões secundárias se elucidando cada dia, sofresse divergência de algumas questões pessoais, quando tem um ponto de união tão poderoso: o controle universal?

O Espiritismo estaria, pois, hoje dividido em vinte seitas, o que não é e não será, que isso não levaria a nenhuma conseqüência porque é o trabalho de nascimento. Se divisões fossem suscitadas por ambições pessoais, por homens dominados pelo pensamento de se fazerem chefes de seitas, ou de explorarem a idéia em proveito de seu amor-próprio ou de seus interesses, estes seriam, sem contradita, os menos perigosos. As ambições pessoais *morrem* com os indivíduos, e se aqueles que quiseram se elevar não têm por eles a verdade, suas idéias morrem consigo, e talvez antes deles; mas a verdade verdadeira não poderia morrer.

Estais no verdadeiro, senhor abade, dizendo que haverá ruínas no Espiritismo, mas isso não é como o entendeis. Essas ruínas serão a de todas as opiniões errôneas que fervem e se fazem luz; se todas estão no erro, todas elas cairão, isto é inevitável; mas se houver uma só delas que esteja na verdade, ela sobreviverá infalivelmente.

Duas divisões bastante marcantes, e às quais poder-se-ia realmente dar o nome de seitas, se formaram há alguns anos sobre o ensino de dois Espíritos que, se vestindo com nomes venerados, tinham captado a confiança de algumas pessoas; hoje, isso não é mais questão. Diante do que caíram? Diante do bom senso e da lógica das massas de uma parte, e diante do ensino geral dos Espíritos de acordo com esta mesma lógica.

Contestareis o valor deste controle universal pela razão de que os Espíritos não sendo senão as almas dos homens são igualmente sujeitos a erro? Mas estaríeis em contradição convosco mesmo. Não admitis que um concilio geral tem mais autoridade do que um concilio particular, porque é mais numeroso; que sua opinião prevalece sobre a de cada padre, de cada bispo, e mesmo sobre a do Papa? Que a maioria faz lei em todas as assembléias dos homens? E não quereríeis que os Espíritos, que governam o mundo sob as ordens de Deus tivessem também seus concílios, suas assembléias? O que admitis entre os homens como sanção da verdade, o recusais aos Espíritos? Esqueceis, pois, que se, entre eles, há deles inferiores, e não é a eles que Deus confia os interesses da Terra, mas aos Espíritos superiores que venceram as etapas da humanidade e cujo número é incalculável? E como nos transmitem as instruções da maioria? É pela voz de um único Espírito ou de um único homem? Não, mas, como eu o disse, pela de milhões de Espíritos e de milhões de homens. É num único centro, numa cidade, num país, numa casta, num povo privilegiado como outrora os israelitas? Não, é por toda a parte, em todos os países, em todas as religiões, entre os ricos e entre os pobres. Como quereis que a opinião de alguns indivíduos, encarnados ou desencarnados, possa se impor sobre esse conjunto formidável de vozes? Crede-me, senhor abade, essa sanção universal vale quanto a de um concilio ecumênico.

O Espiritismo é forte, precisamente porque se apoia sobre essa sanção e não sobre opiniões isoladas. Proclama-se imutável no que ensina hoje, e diz que não tem mais nada a aprender? Não, porque seguiu até hoje, e seguirá no futuro, o ensino progressivo que lhe será dado, e aí ainda está para ele uma causa de força, uma vez que não se deixará jamais se distanciar pelo progresso.

Esperai ainda um pouco, senhor abade, e antes de um quarto de século, vereis o Espiritismo cem vezes menos dividido do que não o é hoje o Cristianismo, depois de dezoito séculos.

Das flutuações que notastes nas sociedades ou reuniões espíritas, erradamente, concluístes na instabilidade da Doutrina. O Espiritismo não é uma teoria especulativa, fundada sobre uma idéia preconcebida; é uma questão de fato, e, consequentemente, de convicção pessoal; quem admite o fato e suas conseqüências é Espírita, sem que tenha necessidade de fazer parte de uma sociedade. Pode-se ser perfeito Espírita sem isso. O futuro do Espiritismo está no seu próprio princípio, princípio imperecível, porque está na Natureza e não em reuniões, formadas freqüentemente em condições pouco favoráveis, compostas de elementos heterogêneos, e, consequentemente, subordinados a uma multidão de eventualidades.

As sociedades são úteis, mas nenhuma é indispensável, e todas viriam deixar de existir se o Espiritismo não prosseguisse menos em sua marcha tendo em vista que não é em seu seio que se forma o grande número de convicções. Elas estão muito mais para os crentes que a procuram nos centros simpáticos, do que para os incrédulos. As sociedades sérias e bem dirigidas, sobretudo, são úteis para neutralizar a má impressão daquelas onde o Espiritismo é mal apresentado ou desfigurado. A Sociedade de Paris não faz exceção à regra, porque não se arroga nenhum monopólio. Ela não consiste num mais ou menos grande número de seus membros, mas na idéia mãe que representa; ora, essa idéia é independente de toda reunião constituída, e, o que quer que lhe aconteça, o elemento propagador com isso não subsistirá menos. Pode-se, pois, dizer que a Sociedade de Paris está por toda a parte onde se professem os mesmos princípios, desde o Oriente até o Ocidente, e que se ela morrer materialmente, a idéia sobreviverá.

O Espiritismo é uma criança que cresce, cujos primeiros passos são necessariamente vacilantes; mas, como as crianças precoces, fez em boa hora pressentir a sua f orça; é por isto que certas pessoas se assustam com ele e gostariam de abafá-lo no berço. Se tivesse se apresentado como um ser tão débil como o supondes, não teria causado tanta emoção, nem levantado tanta animosidade, e vós mesmos não teríeis procurado combatê-lo. Deixai, pois, a criança crescer, e vereis o que dará o adulto.

Predistes seu fim próximo; mas inumeráveis encarnados e desencarnados disseram-lhe também seu horóscopo num outro sentido. Escutai, pois, suas previsões, que se sucedem sem interrupção, há dez anos, e se repetem sobre todos os pontos do globo.

"O Espiritismo vem combater a incredulidade, que é o elemento dissolvente da sociedade, substituindo à fé cega, que se extingue, a fé raciocinada que vivifica.

"Ele traz o elemento regenerador da Humanidade, e será a bússola das gerações futuras.

"Como todas as grandes idéias renovadoras, deverá lutar contra a oposição dos interesses que magoará e das idéias que derrubará. Suscitar-lhe-ão todas as espécies de entraves; empregarão contra ele todas as armas, leais ou desleais, que acreditarão próprias para derrubá-lo. Seus primeiros passos serão semeados de sarças e de espinhos. Seus adeptos serão denegridos, achincalhados, alvos da traição, da calúnia, da perseguição; terão dissabores e decepções. Felizes daqueles cuja fé não terá sido abalada nesses dias nefastos; que terão sofrido e combatido pelo triunfo da verdade, porque serão recompensados por sua coragem e sua perseverança.

"No entanto, o Espiritismo continuará à sua marcha através das armadilhas e dos escolhos; ele é inabalável, como tudo o que está na vontade de Deus, porque se apoia sobre as próprias leis da Natureza, que são as leis eternas de Deus, ao passo que tudo o que é contrário a essas leis cairá.

"Pela luz que lança sobre os pontos obscuros e controvertidos das Escrituras, levará os homens à unidade de crença.

"Dando as próprias leis da Natureza por base aos princípios de igualdade, liberdade e fraternidade, ele fundará o reino da verdadeira caridade cristã, que é o reino de Deus sobre a Terra, predito por Jesus Cristo.

"Muitos o repelem ainda, porque não o conhecem ou não o compreendem; mas quando reconhecerem que realizou as mais caras esperanças do futuro da Humanidade, o aclamarão, e, como o Cristianismo encontrou um sustentáculo em São Paulo, ele encontrará defensores entre seus adversários da véspera. Da multidão surgirão homens de elite que tomarão a sua causa em mão, e a autoridade de sua palavra imporá silêncio aos seus detratores.

"A luta durará muito tempo ainda, porque as paixões, superexcitadas pelo orgulho e pelos interesses materiais, não podem se acalmar subitamente. Mas essas paixões se extinguirão com os homens, e o fim deste século não passará antes que a nova crença haja conquistado um lugar preponderante entre os povos civilizados, e, do século próximo datará a era da regeneração."

OS IRMÃOS DAVENPORT.

Os irmãos Davenport, que atraem neste momento um tão alto grau de atenção, são dois jovens de vinte e quatro e vinte e cinco anos, nascidos em Buffalo, no Estado de New York, e que se apresentam em público como médiuns. Sua faculdade, no entanto, é limitada a efeitos exclusivamente físicos, do qual o mais notável consiste em se fazer amarrar com cordas de maneira inextrincável, e em se encontrar desamarrados instantaneamente, por uma força invisível, apesar de todas as precauções tomadas para se assegurar de que são incapazes de fazê-lo por si mesmos. A isto juntam outros

fenômenos mais conhecidos, como o transporte de objetos através do espaço, o toque espontâneo de instrumentos de música, o aparecimento de mãos luminosas, os toques por mãos invisíveis, etc.

Os Srs. Didier, os editores de *O Livro dos Espíritos,* acabam de publicar uma tradução de sua biografia, contendo o relato detalhado dos efeitos que produzem, e que, salvo as cordas, têm numerosos pontos de semelhança com *os* do Sr. Home. A emoção que sua presença tem causado na Inglaterra e em Paris dá a esta obra um poderoso interesse de atualidade. Seu biógrafo inglês, o doutor Nichols, porque não foram eles que escreveram esse livro, mas que dele forneceram os documentos, tendo se limitado ao relato dos fatos, sem explicações, os editores franceses tiveram a feliz idéia de juntarem à sua publicação, para a compreensão das pessoas estranhas ao Espiritismo, nossos dois opúsculos: o *Resumo da lei dos fenômenos Espíritas, e O Espiritismo em sua mais simples expressão,* assim como numerosas notas explicativas no corrente do texto (1(1) Ver o Bulletin bibliographique.). Encontrar-se-á, pois, nessa obra, as informações que se poderá desejar sobre a conta desses senhores, e no detalhe dos quais não podemos entrar, tendo encarado a questão de um outro ponto de vista.

Diremos somente que sua aptidão à produção desses fenômenos se revelou, em sua infância, de maneira espontânea. Durante vários anos, percorreram as principais cidades da América setentrional, onde adquiriram uma certa reputação. Pelo mês de setembro de 1864, foram à Inglaterra, onde produziram uma viva sensação. Alternativamente ali foram aclamados, denegridos, ridicularizados e mesmo injuriados pela imprensa e pelo público; em Liverpool, notadamente, foram o objeto da mais insigne malevolência, ao ponto de ver sua segurança pessoal comprometida. As opiniões foram divididas a seu respeito; segundo uns, não eram senão hábeis charlatães; segundo outros, eram de boa-fé, e se podia admitir uma causa oculta aos seus fenômenos; mas, em suma, ali conquistaram pouquíssimos prosélitos à idéia espírita propriamente dita. Nesse país, essencialmente religioso, o bom senso natural repelia o pensamento de que seres espirituais viessem revelar a sua presença por exibições teatrais e de habilidades. A filosofia espírita sendo ali pouco conhecida, o público confundiu o Espiritismo com essas representações, e dele conceberam uma opinião mais contrária do que favorável à Doutrina.

É verdade que na França, o Espiritismo começou pelas mesas girantes, mas em condições muito diferentes; a mediunidade sendo imediatamente revelada num grande número de pessoas, de todas as idades e de todos os sexos, e nas famílias mais respeitáveis, os fenômenos se produziram em condições que excluíam todo pensamento de charlatanismo; todos puderam se assegurar por si mesmos, na intimidade, e por observações multiplicadas, da realidade dos fatos, aos quais um interesse poderoso se ligou quando, saindo dos efeitos puramente materiais, que nada diziam à razão, viram-se as conseqüências morais e filosóficas que dele decorriam. Se, em lugar disto, esse gênero de mediunidade primitiva tivesse sido o privilégio de alguns indivíduos isolados, e que tivesse sido preciso ir comprar afé diante dos teatros de saltimbancos, há muito tempo não seria mais questão dos Espíritos. A fé nasce da impressão moral. Ora, tudo o que é de natureza a produzir uma impressão má a repele em lugar de provocá-la. Haveria hoje muito menos incrédulos, em face do Espiritismo, se os fenômenos tivessem sempre sido apresentados de maneira séria. O incrédulo, naturalmente disposto à zombaria, não poderia ser levado a tomar a sério o que está cercado de circunstâncias que não recomendam nem o respeito nem a confiança. A crítica, que não se dá ao trabalho de aprofundar, forma sua opinião sobre uma primeira aparência desfavorável, e confunde o bom e o mau numa mesma reprovação. Pouquíssimas convicções se formaram nas reuniões tendo um caráter público, ao passo que a imensa maioria saiu das reuniões íntimas, cuja honorabilidade notória dos membros pode inspirar toda confiança e desafiar toda suspeita de fraude.

Na última primavera, e antes de haver explorado a Inglaterra, os irmãos Davenport vieram a Paris. Algum tempo antes de sua chegada, uma pessoa veio nos ver, de sua parte, para nos pedir para apoiá-los em nossa Revista. Mas sabe-se que não nos entusiasmamos facilmente, mesmo pelas coisas que conhecemos, com mais forte razão por aquelas que não conhecemos. Não podemos, pois, prometer um concurso antecipado, tendo por hábito não falar senão com conhecimento de causa. Na França, onde não eram conhecidos senão pelos relatos contraditórios dos jornais, a opinião, como na Inglaterra, era dividida a seu respeito; não podíamos, pois, formular prematuramente, nem uma censura, que teria podido ser injusta, nem uma aprovação da qual poder-se-ia prevalecer; foi por isto que nos abstivemos.

À *sua* chegada, foram habitar o pequeno castelo de Gennevil-liers, perto do Paris, onde ficaram vários meses sem informar o público de sua presença; ignoramos os motivos dessa abstenção. Nos últimos tempos, deram algumas sessões particulares das quais os jornais deram conta de maneira mais ou menos pitoresca. Sua primeira sessão pública foi, enfim, anunciada para 12 de setembro, na sala Hertz. Conhece-se o deplorável resultado dessa sessão que renovou, numa menor escala, as sessões tumultuadas de Liverpool, e na qual um dos espectadores, lançando-se sobre o tablado, quebra o aparelho desses senhores e mostrando uma tábua exclama: "Eis o truque." Esse ato inqualificável num país civilizado, pôs a confusão ao auge. A sessão não tendo acabado, devolve-se o dinheiro ao público; mas como tinha sido dado um número bastante grande de bilhetes de favor, e a conta de caixa constando um déficit de setecentos francos, foi assim provado que setenta assistentes, tendo entrado gratuitamente, dali saíram com dez francos a mais em seus bolsos, sem dúvida para se indenizarem das despesas de deslocamento.

A polêmica que se estabeleceu a respeito dos irmãos Davenport oferece vários pontos instrutivos que iremos examinar.

A primeira questão que os próprios Espíritas se colocaram foi esta: esses senhores são ou não médiuns? Todos os fatos relatados em sua biografia entram no círculo das possibilidades medianímicas, porque efeitos análogos, notoriamente autênticos, foram muitas vezes obtidos sob a influência de médiuns sérios. Se os fatos, por si mesmos, são admissíveis, as condições nas quais se produzem se prestam, é preciso nisto convir, à suspeição. Aquilo que toca mais à primeira vista, é a necessidade da obscuridade que facilita evidentemente a fraude; mas isso não poderia ser ali uma objeção fundada. Os efeitos medianímicos não têm absolutamente nada de sobrenatural; todos, sem exceção, são devidos à combinação dos fluidos próprios do Espírito e do médium; esses fluidos, embora imponderáveis, não são menos da matéria sutil; há, pois, ali uma causa e um efeito de alguma sorte materiais, o que nos fez dizer em todos os tempos que os fenômenos espíritas, estando baseados sobre leis naturais, nada têm de miraculosos. Não pareceram maravilhosos, como muitos outros fenômenos, senão enquanto não se conheceram essas leis; as leis hoje conhecidas, o sobrenatural e o maravilhoso desapareceram para dar lugar à realidade. Também não há um único Espírita que se atribua o dom de milagres; é o que os críticos saberiam se se dessem ao trabalho de estudar aquilo de que falam.

Para retornar à questão da obscuridade, sabe-se que em química há combinações que não podem se operar à luz; que composições e decomposições têm lugar sob a ação do fluido luminoso; ora, todos os fenômenos Espíritas, como dissemos, sendo resultado de combinações fluídicas, e esses fluidos sendo da matéria, não haveria nada de espantar em que, em certos casos, o fluido luminoso fosse contrário a essa combinação.

Uma objeção mais séria é a pontualidade com a qual os fenômenos se produzem a dias e horas fixados e à vontade. Essa submissão ao capricho de certos indivíduos é contrária a tudo o que se sabe da natureza dos Espíritos, e a repetição facultativa de um fenômeno qualquer tem sempre sido considerada, e deve ser, em princípio, considerada

como legitimamente suspeita, *mesmo em caso de desinteresse,* com mais forte razão quando se trata de exibições públicas feitas num objetivo de especulação, e às quais repugna à razão pensar que os Espíritos possam se submeter.

A mediunidade é uma *aptidão natural* inerente ao médium, como a faculdade de produzir sons é inerente a um instrumento; mas do mesmo modo que para que um instrumento toque uma música é preciso um músico, para que um médium produza efeitos *medianímicos* são necessários os Espíritos. Os Espíritos vindo quando querem e *quando o podem,* disto resulta que o médium melhor dotado pode, às vezes, nada obter; é então como um instrumento sem músico. É o que se vê todos os dias; é o que ocorre com o Sr. Home que, freqüentemente, tem meses inteiros sem nada produzir, apesar de seu desejo, e fosse mesmo em presença de um soberano.

Resulta, pois, da própria essência da mediunidade, e se pode colocar como princípio ABSOLUTO, que um médium não está *jamais certo* de obter um efeito determinado qualquer, pela razão de que *isso não depende dele;* afirmar o contrário seria provar a ignorância completa dos princípios mais elementares da ciência espírita. Para *prometer a* produção de um fenômeno a propósito, é preciso ter à sua disposição meios materiais que não venham dos Espíritos. É o caso dos irmãos Davenport? Ignoramo-lo; cabe àqueles que seguiram suas experiências julgá-lo.

Fala-se de desafios, de apostas propostas a quem faria as exibições mais fortes; os Espíritos não são fazedores de torneios, e jamais um médium sério entraria em luta com alguém, e ainda menos com um prestidigitador; este dispõe de meios que lhe pertencem propriamente, o outro é instrumento passivo de uma vontade estranha, livre, independente, e da qual ninguém pode dispor sem seu consentimento. Se o prestidigitador diz que faz mais do que os médiuns, deixai-o dize-lo; ele tem razão, uma vez que age infalivelmente; diverte seu público; é seu estado; ele se vangloria: é seu papel; ele faz propaganda: é uma necessidade da posição; o médium sério, sabendo que não há nenhum mérito pessoal naquilo que faz, é modesto; não pode se envaidecer daquilo que não é o produto de seu talento, nem prometer o que não depende dele.

No entanto, os médiuns fazem alguma coisa a mais; por seu intermédio os bons Espíritos inspiram a caridade e a benevolência por todos; ensinam aos homens se considerarem como irmãos, sem distinção de castas nem de seitas, a perdoar àqueles que lhes dizem injúrias, a vencer seus maus pendores, a suportar com paciência as misérias da vida, a olhar a morte sem medo pela certeza da vida futura; dão consolações aos aflitos, coragem aos fracos, esperança àqueles que não crêem. Eis o que não ensinam nem os torneios de prestidigitadores, nem os dos Srs. Davenport.

As condições inerentes à mediunidade não poderiam, pois, se prestarem à regularidade e à pontualidade, que são a condição indispensável das sessões com hora fixa, onde é preciso a todo preço satisfazer o público. Se, no entanto, os Espíritos se prestam a manifestações desse gênero, o que não seria radicalmente impossível, uma vez que os há de todos os graus possíveis de adiantamento, não poderia ser, em todos os casos, senão Espíritos de baixo estágio, porque seria soberanamente absurdo pensar que Espíritos tanto seja pouco elevados viessem se divertir fazendo exibição. Mas, nesta própria hipótese, o médium não estaria menos à mercê desses Espíritos, que podem deixá-lo no momento em que sua presença seria necessária, e fazer falhar a representação ou a consulta. Ora, como antes de tudo é preciso contentar àquele que paga, se os Espíritos faltarem, trata-se de passar sem eles; com um pouco de habilidade, é fácil enganar; é o que ocorre muitas vezes a médiuns dotados na origem de faculdades reais, mas insuficientes para o objetivo que se propuseram.

De todos os fenômenos Espíritas aqueles que melhor se prestam à imitação são os efeitos físicos; ora, se bem que as manifestações reais tenham um caráter distintivo e não se produzam senão em condições especiais bem determinadas, a imitação pode se aproximar da realidade ao ponto de iludir as pessoas, sobretudo as que não conhecem as

leis dos fenômenos verdadeiros. Mas de que não se pode imitá-los, seria tão ilógico concluir que não existem quanto o seria pretender que não haja verdadeiros diamantes porque há suas imitações.

Não fazemos aqui nenhuma aplicação pessoal; colocamos princípios fundados sobre a experiência e a razão, e de onde tiramos esta conseqüência: que só um exame escrupuloso, feito com um perfeito conhecimento dos fenômenos Espíritas, pode fazer distinguir a fraude da mediunidade real. E acrescentamos que a melhor de todas as garantias é o respeito e a consideração que se dão à pessoa do médium, sua moralidade, sua honradez notória, seu desinteresse absoluto, material e moral. Ninguém deixará de convir que, em semelhante circunstância, as qualidades do indivíduo não constituem um precedente que impressione favoravelmente, porque elas afastam até a suspeição da fraude.

Não julgamos os Srs. Davenport, e longe de nós pôr em dúvida a sua honradez; mas à parte as qualidades morais, de que não temos nenhum motivo de suspeita, é preciso confessar que se apresentam em condições pouco favoráveis para acreditar seu título de médium e que foi ao menos com uma grande leviandade que certos críticos se apressaram de qualificá-los como apóstolos e grandes sacerdotes da doutrina. O objetivo de sua viagem à Europa está claramente definido nesta passagem de sua biografia:

"Creio, sem cometer erro, que foi em 27 de agosto que os irmãos Davenport deixaram New York, levando consigo, em conseqüência de uma debilidade sobrevinda, ao Sr. William Davenport, uma ajuda na pessoa do Sr. William Fay, que não é preciso confundir com o Sr. Melleville Fay, que, segundo não sei que gênero de autoridade, fez, diz-se, descobrir no Canadá, tentando produzir manifestações semelhantes, pelo menos que o parecem. Estavam acompanhados do Sr. Palmer, muito conhecido como *empresário e agente de negócios* no mundo dramático e lírico, e a quem, graças à sua experiência, foi confiada a parte material e econômica do empreendimento."

Está, pois, averiguado que esse foi um empreendimento conduzido por um empresário e agente de negócios dramáticos. Os fatos relatados na biografia estão, dissemos, nas possibilidades medianímicas; a idade e as circunstâncias nas quais começaram a se manifestar, afastam o pensamento da fraude. Tudo tende, pois, a provar que esse jovens eram realmente médiuns de efeitos físicos, como se encontram muitos deles em seu país, onde a exploração dessa faculdade passou a hábito e nada tem de chocante para a opinião. Eles amplificaram suas faculdades naturais, como o fazem outros médiuns exploradores, para aumentar seu prestígio e suprir a falta de flexibilidade dessas mesmas faculdades, é o que não afirmamos, porque disso não temos nenhuma prova; mas, admitindo a integridade dessas faculdades, diremos que se iludiram sobre a acolhida que delas faria o público europeu, apresentadas sob forma de espetáculo de curiosidade, e em condições tão contrárias aos princípios do Espiritismo filosófico, moral e religioso. Os Espíritas sinceros e esclarecidos que ali são numerosos, na França sobretudo, não podiam aclamá-los nessas condições, nem considerá-los como apóstolos, supondo mesmo uma perfeita sinceridade de sua parte. Quanto aos incrédulos, cujo número é grande também, e que ainda são da alta sociedade na imprensa, a ocasião de exercer sua verve zombeteira era muito bela para deixá-la escapar. Esses senhores, pois, têm oferecido o mais largo flanco à crítica, e lhe deram o direito que cada um compra na porta de um espetáculo qualquer. Ninguém duvida que se se tivessem apresentado em condições mais sérias, teriam recebido uma outra acolhida; teriam fechado a boca aos detratores. Um médium é forte quando pode dizer ousadamente: "Quanto vos custou para vir aqui, e quem vos forçou a vir? Deus me deu uma faculdade que pode me retirar quando lhe aprouver, como pode me retirar a visão ou a palavra. Não a uso senão para o bem, no interesse da verdade, e não para satisfazer a curiosidade ou servir aos meus interesses; dela não recolho senão a pena do devotamento; não procuro nela nem mesmo a satisfação do amor-próprio, uma vez que ela não depende de mim. Considero-a como

uma coisa santa, porque me coloca em relação com o mundo espiritual, e me permite dar a fé aos incrédulos e as consolações aos aflitos. Eu consideraria como um sacrilégio traficar com ela; porque não me creio no direito de vender a assistência dos Espíritos que vêm gratuitamente. Uma vez que não tiro dela nenhum proveito, não tenho, pois, nenhum interesse em vos enganar." O médium que pode falar assim é forte, o repetimos; é uma resposta sem réplica e que manda sempre o respeito.

A crítica, nessa circunstância, foi mais do que malévola; foi injusta e injuriosa, e englobou na mesma reprovação todos os Espíritas e todos os médiuns aos quais não foram poupados os epítetos mais ultrajantes, sem pensar até em que altura feria e atingia as famílias mais honradas. Não realçaremos as expressões que não desonram senão aqueles que as pronunciam. Todas as convicções sinceras são respeitáveis; e todos vós que proclamais incessantemente a liberdade de consciência, como um direito natural, respeitai-a, ao menos, em outro. Discuti as opiniões: é vosso direito; mas a injúria sempre foi o pior de todos os argumentos, e jamais o de uma boa causa.

Nem toda a imprensa é solidária com esses afastamentos da decência; entre os críticos a respeito dos irmãos Davenport, os há onde o espírito não exclui nem as conveniências nem a moderação, e que se portam bem. Aquelas que iremos citar fazem precisamente ressaltar o lado fraco de que falamos. É tirada do *Courrier de Paris du Monde illustré,* número de dezembro de 1865, e assinada *Neuter.*

"Uma primeira objeção parece-me bastar para demonstrar que os bons jovens que deram uma sessão pública na sala Hertz, eram moços ágeis aos exercícios dos quais os mundos superiores ficaram completamente estranhos. Essa objeção, eu atiro da *própria regularidade com a qual exploram seu pretenso poder miraculoso.* Como! se asseguraram, dos Espíritos que vinham se produzir em público em seu *benefício,* e eis que os irmãos Davenport tratam esses Espíritos, que antes de tudo não são seus empregados, com tanta sem cerimônia quanto um diretor de teatro ditando leis às suas coristas! Sem pedir aos seus compadres sobre-humanos se o dia lhes convém, se estão fatigados, se o calor não os incomoda, afixam para uma data fixa, para uma hora determinada, e será preciso que os seres fluídicos desviem de seu dever nessa data, entrando em cena na hora certa, executem suas diversões musicais com a precisão de um músico a quem seu café-concerto outorga um cachê de cinco francos!

"Francamente, é se fazer *do mundo Espírita uma idéia bem mesquinha,* de no-lo representar assim como povoado de gênios comandados, de duendes empregados que vão para a cidade ao sinal do patrão. Como! jamais de descanso para esses figurantes supra-terrestres! Quando a flexão do mais humilde cabotino lhe dá o direito de fazer mudar o espetáculo, as almas da troupe Davenport são escravas a quem está proibido um pobre feriado. Vale bem a pena habitar planetas fantásticos para disso ser reduzido a esse grau de servidão.

"E para que tarefa os convoca, essas infelizes almas de além-túmulo! Para fazê-las passar suas mãos - as mãos de almas!!! -através das portas de um armário! *Para depreciá-los até às exibições de saltimbancos!* para constrangê-las a se exibirem com as guitarras, esses instrumentos grotescos, os quais não querem nem mesmo os trovadores que arrulham nas calçadas piscando o olho para as moedas de cinco centavos!......."

Não é, com efeito, colocar o dedo sobre a ferida? Se o Sr. Neuther soubera que o Espiritismo diz precisamente a mesma coisa, embora de maneira menos espirituosa, não teria dito: "Mas não está aí do Espiritismo!" absolutamente como vendo um empírico ele se diz: "Não está aí a medicina." Ora, do mesmo modo que nem a ciência nem a religião são solidários com aqueles que delas abusam, o Espiritismo não é solidário com aqueles que lhe tomam o nome. A má impressão do autor vem, pois, não da pessoa dos irmãos Davenport, mas das condições nas quais se colocam frente a frente com o público, e a idéia ridícula que as experiências feitas em tais condições dão do mundo espiritual, que o próprio incrédulo fica chocado de ver explorar e arrastar sobre os palcos. Essa impressão

foi a da crítica em geral, que a traduziu em termos mais ou menos polidos; ela será a mesma todas as vezes em que os médiuns não estiverem em condições de natureza a fazer respeitar a crença que professam.

O eco dos irmãos Davenport é uma aventura galante para os adversários do Espiritismo, que se apressam, no entanto, em cantar vitória, e achincalhando o melhor possível seus adeptos em lhes proclamando que está ferido de morte, como se o Espiritismo estivesse encarnado nos irmãos Davenport. O Espiritismo não está encarnado em ninguém; ele está na Natureza, e não depende de ninguém para vencer a caminhada, porque aqueles que tentam fazê-lo trabalham pelo seu adiantamento. O Espiritismo não consiste em se fazer amarrar com cordas, não mais do que em tal ou tal experiência física; não tendo jamais tomado esses senhores sob seu patrocínio, e não os tendo jamais apresentado como as colunas da Doutrina, que eles nem mesmo conhecem, não recebe nenhum desmentido de seu infortúnio. Seu eco não é, pois, um para o Espiritismo, mas para os exploradores do Espiritismo.

De duas coisas uma, ou são hábeis escamoteadores, ou são médiuns verdadeiros. Se são charlatães, devemos estar contentes com todos aqueles que ajudam a desmascará-los; sob este aspecto, devemos agradecimentos particulares ao Sr. Robin, porque nisso presta um serviço assinalado ao Espiritismo que não teria podido senão sofrer no caso em que suas fraudes fossem acreditadas. Todas as vezes que a imprensa assinalou os abusos, *as* explorações ou as manobras de natureza a comprometer a doutrina, os Espíritas, sinceros, longe de disso se lamentarem o aplaudiram. Se são médiuns verdadeiros, as condições nas quais se apresentam sendo de natureza a produzir uma impressão desfavorável, não podem servir utilmente à causa. Num e noutro caso, o Espiritismo não tem nenhum interesse em tomar fato e causa por eles.

Agora qual será o resultado definitivo de todo esse barulho? Hei-lo:

A crônica que, nestes tempos de calor tropical, descansa de alimentos, ali ganha um assunto que se apressa em agarrar para encher suas colunas viúvas de acontecimentos políticos, de novidades teatrais ou de salões.

O Sr. Robin nela encontrou para seu teatro de prestidigitação uma excelente publicidade que muito habilmente explorou, e que lhe desejamos muito frutífero, porque todos os dias ali fala dos Espíritas e do Espiritismo.

A crítica ali perde um pouco de consideração pela excentricidade e incivilidade de sua polêmica.

Os mais mal partilhados, materialmente falando, talvez sejam os Srs. Davenport, cuja especulação se encontra singularmente comprometida.

Quanto ao Espiritismo será ele que com isso ganhará evidentemente mais. Seus adeptos o compreendem tão bem que não se comovem de nenhum modo com o que se passa e lhe esperam o resultado com confiança. Na província, onde estão, mais ainda do que em Paris, como alvo das zombarias de seus adversários, contentam-se em lhes responder: Esperai, e dentro em pouco vereis que será morto e enterrado.

O Espiritismo com isso ganhará primeiro uma imensa popularidade, e de ser conhecido, pelo menos de nome por uma multidão de pessoas que dele não tinham ouvido falar. Mas em seu número, muitos não se contentam com o nome; sua curiosidade é excitada pelo fogo circulante de ataques; querem saber o que ocorre com essa doutrina supostamente tão ridícula; eles irão à fonte, e quando virem que dela não se lhes deu senão a paródia, dir-se-ão que não está aí uma coisa tão má. O Espiritismo com isto ganhará, pois, em ser melhor compreendido, melhor julgado, e melhor apreciado.

Aí ganhará ainda em pôr em evidência os adeptos sinceros, devotados e com os quais se pode contar, e distingui-los dos adeptos de nome, que não tomam da doutrina senão as aparências ou a superfície. Seus adversários não faltarão em explorar as circunstância para suscitar divisões ou enfraquecimentos reais ou simulados, com a ajuda dos quais esperam arruinar o Espiritismo. Depois de terem fracassado por todos os outros

meios, está aí seu supremo e último recurso, mas que não lhes triunfará melhor, porque se destacarão do tronco como os galhos mortos que não dão nenhuma seiva, *e o* tronco privado dos ramos parasitas com isto não será senão mais vigoroso.

Esses resultados, e vários outros, que nos afastemos de enumerar, são inevitáveis, e não estaríamos surpresos se os bons Espíritos não tivessem provocado todo esse movimento preparado senão para ali chegar mais prontamente.

EXÉQUIAS DE UM ESPIRITA

A alocução seguinte foi pronunciada por nós nas exéquias do Sr. Nant, um de nossos colegas da Sociedade de Paris, em 23 de setembro de 1865. A publicamos, a pedido da família, e porque, nas circunstâncias relatadas num artigo precedente, ela mostra onde está a verdadeira doutrina.

"Senhores e caros colegas da Sociedade de Paris, e todos vós irmãos em crenças que estais aqui presentes:

"Há apenas um mês, viemos, neste mesmo lugar, prestar os últimos deveres a um de nossos antigos colegas, o Sr. Dozon (1-(1) Sr. Dozon, autor das *Revelações de a/ém-túmulo,* 4 vol. in-12; morto em Passy (Paris), em 1º de agosto de 1865.). A partida de um outro irmão para aqui nos conduz hoje. O Sr. Nant, membro da Sociedade, vem, ele também, de tornar à terra seu despojo mortal, para revestir o brilhante envoltório dos Espíritos. Viemos, segundo a expressão consagrada, dizer-lhe um último adeus? Não, porque sabemos que a morte não é somente a entrada da verdadeira vida, mas que não é senão uma separação corpórea de alguns instantes, e que o vazio que ela deixa no seio da família não é senão aparente.

"Ó doce e santa crença que nos mostra, sem cessar, ao nosso lado os seres que nos são caros! Fosse ela uma ilusão, seria preciso bendizê-la, porque enche o coração de uma inefável consolação!

Mas não, não é uma vã esperança, é uma realidade que, cada dia, atestam as relações que se estabelecem entre os mortos e os vivos segundo a carne. Bendita seja, pois, a ciência que nos mostra o túmulo como o umbral da libertação e nos ensina a considerar a morte cara a cara e sem terror!

"Oh, meus irmãos! lamentemos aqueles que o véu da incredulidade cega ainda; é para eles que a morte tem apreensões terríveis! Para os sobreviventes é mais do que uma separação, é, para todo o sempre, a destruição dos seres mais caros; para aquele que vê se aproximar a última hora é o abismo do nada que se abre diante dele! pensamento horrível, que legitima as angústias e os desesperos.

"Que diferença para aquele que, não só crê na vida futura, mas que a compreende, que se identifica com ela! Não caminha mais com ansiedade para o desconhecido, mas com confiança para a nova carreira que se abre diante dele; já a entrevê, e conta com sangue frio os minutos que dela o separa ainda, como o viajor que se aproxima do fim de seu caminho, e sabe que, em sua chegada, vai encontrar o repouso e receber os abraços de seus amigos.

'Tal foi o Sr. Nant; sua vida tinha sido a do homem de bem por excelência, sua morte foi a do justo e do verdadeiro Espírita. Sua fé nos ensinos de nossa Doutrina era sincera e esclarecida; hauriu imensas consolações durante sua vida, a resignação nos sofrimentos que lhe terminaram, e uma calma radiosa em seus últimos instantes. Forneceu-nos um tocante exemplo da morte consciente; seguiu com lucidez os progressos da separação, que se operou sem abalos, e quando sentiu quebrar-se o último laço, bendisse os assistentes; depois, tomando as mãos de sua neta, criança de dez anos, pousou-a sobre seus olhos para ela mesma fechá-los. Alguns segundos mais tarde dava o último suspiro, exclamando: Ah! eu o vejo!

"Nesse momento, seu neto, tomado de uma violenta emoção, foi subitamente adormecido pelos Espíritos; em seu êxtase, ele viu a alma de seu avô, acompanhada de uma multidão de outros Espíritos, se elevar no espaço, mas presa ainda ao envoltório corpóreo pelo laço fluídico.

"Assim, à medida que se fechava sobre ele as portas da vida terrestre, se abriam diante dele as do mundo espiritual, do qual entrevia os esplendores.

"Ó sublime e tocante espetáculo! que não tinha por testemunhas aqueles que zombam nesta hora da ciência que nos revela tão consoladores mistérios! tê-la-iam saudado com respeito em lugar de achincalhá-la. Se lhe lançam a ironia e a injúria, perdoamo-los: é que não a conhecem, e que vão procurá-la onde ela não está.

"Para nós, rendamos graças ao Senhor que consentiu em rasgar aos nossos olhos o véu que nos separa da vida futura, porque a morte não parece temível senão para aqueles que não entrevêem nada além. O Espiritismo, ensinando ao homem de onde ele vem, para onde vai, e para que fim está na Terra, dotou-o de um imenso benefício, uma vez que lhe dá a coragem, a resignação e a esperança.

"Caro senhor Nant, nós vos acompanhamos pelo pensamento no mundo dos Espíritos onde ides recolher o fruto de vossas provas terrestres, e as virtudes das quais destes o exemplo. Recebei nosso adeus, até o momento em que nos será dado em nos juntarmos a vós.

"Sem dúvida revistes aquele de nossos irmãos que vos precedeu há pouco, o Sr. Dozon, e que, sem dúvida, vos acompanha neste momento. Nós o juntamos, em nosso pensamento, à prece que vamos dirigir a Deus por vós."

(Aqui é dita a prece para as pessoas que acabam de deixar a Terra, e que se encontra em *O Evangelho Segundo o Espiritismo.)*

Nota. - No momento de imprimir, soubemos que o Sr. Nant tem, por disposição testamentária, legado 2.000 fr. para ser aplicado na propagação do Espiritismo.

VARIEDADES

VOSSOS *FILHOS E VOSSAS FILHAS PROFETIZARÃO.*

O Sr. Delanne, que muitos de nossos leitores já conhecem, tem um filho com a idade de oito anos. Esse menino que ouve a cada instante falar de Espiritismo em sua família, e que freqüentemente assiste às reuniões dirigidas por seu pai e sua mãe, assim se achou iniciado em boa hora na Doutrina, e, às vezes surpreende com a justeza com a qual raciocina os princípios. Isto nada tem de surpreendente, uma vez que é o eco das idéias nas quais foi embalado, também não é o objetivo desse artigo; o que o trouxe na matéria do fato que vamos reportar, é que tem seu propósito nas circunstâncias atuais.

As reuniões do Sr. Delanne são graves, sérias e mantidas com uma ordem perfeita, como devem ser todas aquelas às quais se quer fazer tirar frutos. Se bem que as comunicações escritas ali tenham o primeiro lugar, ocupa-se também acessoriamente, e a título de instrução complementar, de manifestações físicas e tiptológicas, mas como ensinamento, e jamais como objeto de curiosidade. Dirigidas com método *e* recolhimento, e sempre apoiadas em algumas explicações teóricas, estão nas condições desejadas para levar a convicção pela impressão que elas produzem. É em tais condições que as manifestações físicas são realmente úteis; elas falam ao Espírito e impõem silêncio à zombaria; sente-se em presença de um fenômeno do qual se entrevê a profundeza, e que se afasta até da idéia do gracejo. Se essas espécies de manifestações, das quais se tem tanto abusado, tivessem sempre se apresentado dessa maneira, em lugar de ser como divertimento e pretexto de questões fúteis, a crítica não as teria taxado de malabarismos; infelizmente, freqüentemente, não se tem senão lhe dado ensejo.

O filho do Sr. Dalanne se associa freqüentemente a essas manifestações, e influenciado pelo bom exemplo, as considera como coisa séria.

Um dia se achava na casa de uma pessoa de seu conhecimento, jogavam no pátio da casa com sua pequena prima, com idade de cinco anos, dois pequemos garotos, um de sete anos outro de quatro. Uma senhora moradora no térreo, convidou-os a entrar em sua casa, e lhes deu bombons. As crianças, como delas se pensa bem, não se fizeram de rogadas.

Essa senhora disse ao filho do Sr. Delanne: Como te chamas, meu filho? -*Resp.* Eu me chamo Gabriel, senhora. - Que faz teu pai? - *R.* Senhora, meu pai *é* Espírita. -Eu não conheço essa profissão.- *R.* Mas, senhora, isso não é uma profissão; meu pai não é pago por isso; ele o faz com desinteresse e para fazer o bem aos homens. - Meu homenzinho, não sei o que quereis dizer. - *R.* Como! jamais ouvistes falar das mesas girantes? - Pois bem, meu amigo, eu muito gostaria que teu pai viesse aqui para fazê-las girar. - *R. É* inútil, senhora, tenho a força de fazê-las girar eu mesmo. -Então, queres tentar, e me fazer ver como se procede? -R. De bom grado, senhora.

Dito isto, sentou-se junto de uma mesinha de salão, *e* fez colocar seus três pequenos companheiros, e hei-los todos os quatro pousando seriamente suas mãos em cima. Gabriel fez uma evocação de um tom muito sério e com recolhimento; apenas terminou-a, com a grande estupefação da senhora e das crianças, a mesa se levantou e bateu com força.- Perguntai, senhora, disse Gabriel, quem vem responder pela mesa. - A vizinha interroga, e a mesa soletra as palavras: *teu pai.* - Essa senhora torna-se pálida de emoção. Ela continua: Pois bem! meu pai, quereis me dizer se devo enviar a carta que acabo de escrever? - A mesa respondeu: Sim, sem falta. - Para me provar que és bem tu, meu bom pai, quem está aqui, gostaria que me dissésseis há quantos anos morrestes? - A mesa bateu logo oito golpes bem acentuados. Era justo o número de anos. - Gostarias de me dizer teu nome e o da cidade onde morreste? - A mesa soletrou esses dois nomes. As lágrimas jorraram dos olhos dessa senhora que não pôde continuar, tanto foi alterada por essa revelação e dominada pela emoção.

Seguramente, este fato desafia toda suspeição de preparação do instrumento, de idéia preconcebida, e de charlatanismo. Não se pode mais colocar os dois nomes soletrados *à* conta do acaso. Duvidamos muito que essa senhora teria recebido uma tal impressão numa das sessões dos Srs. Davenport, ou qualquer outro do mesmo gênero. De resto, não é a primeira vez que a mediunidade se revela nas crianças, na intimidade das famílias. Não é isso o cumprimento desta palavra profética: Vossos *filhos e vossas filhas profetizarão.* (Atos dos Apóstolos, cap. II, v. 17.)

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | NO. 11 | NOVEMBRO 1865

A SOCIEDADE ESPÍRITA DE PARIS AOS ESPÍRITAS DA FRANÇA E DO ESTRANGEIRO.

Caríssimos e muito honrados irmãos em crença,

Uma circunstância recente forneceu aos nossos adversários a ocasião de renovar, contra nossa Doutrina, os ataques que ultrapassaram em violência o que havia sido feito até este dia, e de derramar sobre os adeptos o sarcasmo, a injúria e a calúnia. A opinião de algumas pessoas pôde ser um instante extraviada, mas os protestos verbais ou escritos foram tão gerais, que ela já retorna de seu erro. Todos vós haveis compreendido que o Espiritismo está assentado sobre bases muito inabaláveis para dela receber algum golpe, e que esse levante geral não pode senão ajudar a fazê-lo melhor compreender e a popularizá-lo.

É próprio de todas as grandes verdades receber o batismo da perseguição; as animosidades que o Espiritismo suscita são a prova da sua importância, porque, se fosse julgado sem importância, não se preocupariam com ele. No conflito que vem de ser levantado, todos os Espíritas conservaram a calma e a moderação, que são os sinais da verdadeira força; todos sustentaram o choque com coragem; ninguém duvidou do resultado, e estejais persuadidos de que esta atitude, ao mesmo tempo digna *e* firme, oposta às invectivas e à acrimônia da linguagem de nossos antagonistas, não deixa de fazer refletir e de pesar, com uma grande influência, sobre a opinião. O público imparcial aí não se engana; sem mesmo tomar o fato e causa por um e por outro, uma secreta simpatia o atrai para aquele que, na discussão, sabe conservar sua dignidade; a comparação é sempre à sua vantagem; também esses últimos acontecimentos conquistaram numerosos partidários ao Espiritismo.

Nesta circunstância, a Sociedade de Paris está feliz em oferecer a todos os seus irmãos da França e do estrangeiro suas felicitações e seus sinceros agradecimentos. Nas novas lutas que poderão ocorrer, ela conta com eles, como podem contar com ela.

Recebei, senhores e caros irmãos, a segurança de nosso inteiro e afetuoso devotamento.

Pelos membros da Sociedade,
o presidente, ALLAN KARDEC.

(Votado por unanimidade na sessão de 27 de outubro de 1865.)

ALOCUÇÃO.

NA RETOMADA DAS SESSÕES DA SOCIEDADE DE PARIS, EM 6 DE OUTUBRO DE 1865.

Senhores e caros colegas,

No momento de retomar o curso de nossos trabalhos, é para nós todos, e para mim em particular, uma grande satisfação nos encontrarmos de novo reunidos. Sem dúvida, iremos reencontrar nossos bons guias habituais; fazemos votos para que, graças ao seu concurso, este ano seja fecundo em resultados. Permiti-me, nesta ocasião, vos dirigir algumas palavras de circunstância.

Desde nossa separação, um grande barulho se fez a propósito do Espiritismo. Propriamente falando disso, não tive conhecimento senão em meu retorno, porque apenas alguns ecos me chegaram à minha solidão no meio das montanhas.

Não entrarei nesse assunto em detalhes que seriam hoje supérfluos, e, quanto à minha apreciação pessoal, a conheceis porque dela disse na Revista. Não acrescentarei senão uma palavra, é que tudo vem me confirmar, em minha opinião, sobre as conseqüências do que se passou. Estou feliz de ver que essa apreciação é partilhada pela grande maioria, se não o for pela unanimidade dos Espíritas, do que cada dia tenho a prova pela minha correspondência.

Um fato evidente ressalta da polêmica, iniciada por ocasião dos irmãos Davenport, é a ignorância absoluta dos críticos a respeito do Espiritismo. A confusão que estabelecem entre o Espiritismo sério e o malabarismo pode, sem dúvida, induzir momentaneamente algumas pessoas em erro, mas é notório que a própria excentricidade de sua linguagem levou muitas pessoas a se perguntarem daquilo que nisso é justo, e que sua surpresa foi grande por ali encontrarem outra coisa senão torneios de habilidades. O Espiritismo com isso ganhará, pois, como eu o disse, em ser melhor conhecido e melhor apreciado. Esta circunstância, que está longe de ser o fato do acaso, apressará, incontestavelmente, o desenvolvimento da Doutrina. Pode-se dizer que é fornecer um grande esforço cuja importância não tardará a se fazer sentir.

De resto, o Espiritismo entrará logo numa nova fase que fixará forçosamente a atenção dos mais indiferentes, e o que acaba de se passar lhe aplaina os caminhos. Então se realizará esta palavra profética do abade D..., de quem relatei a comunicação na Revista: "Os literatos serão vossos mais poderosos auxiliares." Já o são sem o querer, mais tarde o serão voluntariamente. Circunstâncias se preparam que precipitarão esse resultado, e é com segurança que digo que, nestes últimos tempos, os assuntos do Espiritismo avançaram mais do que se poderia crê-lo.

Depois de nossa separação aprendi muitas coisas, Senhores; porque não creiais que durante essa interrupção de nossos trabalhos comuns, tenha ido provar as doçuras do *far niente.* Não fui, é verdade, visitar centros Espíritas, mas por isso não deixei de ver muito e muito observado, e, por isto mesmo, muito trabalhado.

Os acontecimentos caminham com rapidez e como os trabalhos que me restam para terminar são consideráveis, devo me apressar, a fim de estar pronto em tempo oportuno. Em presença da grandeza e da seriedade dos acontecimentos que tudo faz pressentir, os incidentes secundários são insignificantes; as questões de pessoas passam, mas as coisas capitais permanecem.

Não é preciso, pois, darás coisas senão uma importância relativa, e pelo que me concerne pessoalmente, devo afastar de minhas preocupações o que não é senão secundário, e poderei, ou me retardar ou me desviar do objetivo principal. Este objetivo se desenha cada vez mais nitidamente, e o que aprendi sobretudo nestes últimos tempos, são os meios de chegar mais seguramente e de superar os obstáculos.

Deus me guarde de ter a presunção de ser o único capaz, ou mais capaz do que um outro, ou único encarregado de cumprir os desígnios da Providência; não, este pensamento está longe de mim. Nesse grande movimento renovador, tenho a minha parte de ação; não falo, pois, senão daquilo que me concerne; mas o que posso afirmar sem vã fanfarrice, é que, no papel que me incumbe, nem a coragem, nem a perseverança me farão falta. Nisto jamais faltei, mas hoje que vejo o caminho se aclarar com uma maravilhosa claridade, sinto minhas forças crescerem. Jamais duvidei; mas hoje, graças às novas luzes que aprouve a Deus me dar, estou certo, e digo a todos os nossos irmãos, com mais segurança do que nunca: Coragem e perseverança, porque um estrondoso sucesso coroará os nossos esforços.

Apesar do estado próspero do Espiritismo, seria se enganar estranhamente crer que doravante vai caminhar sem obstáculos. É preciso prever, ao contrário, novas dificuldades, novas lutas. Teremos, pois, ainda, momentos penosos a atravessar, porque nossos adversários não se consideram batidos, e disputam o terreno pé a pé. Mas é nos momentos críticos que se reconhecem os corações sólidos, os devotamentos verdadeiros; é então que as convicções profundas se distinguem das crenças superficiais ou simuladas. Na paz não há mérito em ter coragem. Nossos chefes invisíveis contam neste momentos seus soldados, e as dificuldades são para eles um meio de pôr em evidência aqueles sobre os quais podem se apoiar. É também para nós um meio de saber quem está verdadeiramente conosco ou contra nós.

A tática de nossos adversários, não se saberia muito repeti-lo, é neste momento de procurar dividir os adeptos, lançando entre eles provocadores de discórdia, excitando as fraquezas verdadeiras ou simuladas; e, é preciso dize-lo bem, têm por auxiliares certos Espíritos que se vêem perturbados pelo advento de uma fé que deve ligar os homens num sentimento comum de fraternidade; também esta palavra de um de nossos guias é perfeitamente verdadeira: o Espiritismo põe em revolução o mundo visível e o mundo invisível.

Há algum tempo os nossos adversários têm por ponto de mira as sociedades e as reuniões Espíritas, onde semeiam em profusão os fermentos da discórdia e do ciúme. Homens de visão curta, cegos pela paixão, crêem ter obtido uma grande vitória quando vêm a causar algumas perturbações numa localidade, como se o Espiritismo estivesse enfeudado num lugar qualquer, ou encarnado em alguns indivíduos! Ele está por toda a parte, sobre a Terra e nas regiões etéreas; que vão, pois, esperá-lo nas profundezas do espaço! O movimento é dado, não pelos homens, mas pelos Espíritos predispostos por Deus; ele é irresistível, porque é providencial. Não é, pois, uma revolução humana que se possa deter pela força material; qual é, portanto, aquele que se creria capaz de entravá-lo porque lhe jogasse uma pedrinha sob a roda? pigmeu na mão de Deus, será levado pelo turbilhão.

Que todos os Espíritas sinceros se unam, pois, numa santa comunhão de pensamento, para fazer face à tempestade; que todos aqueles que estão penetrados da grandeza do objetivo coloquem de lado as pueris questões incidentes; que façam calar as suscetibilidades do amor-próprio, para não ver senão a importância do resultado para o qual a Providência conduz a Humanidade.

As coisas encaradas deste ponto de vista elevado, em que se torna a questão dos irmãos Davenport? No entanto, essa própria circunstância, embora muito secundária, é uma salutar advertência; ela impõe deveres especiais a todos os Espíritas, e a nós em particular. É o que falta, como se sabe, àqueles que confundem o Espiritismo com o malabarismo, é de conhecer o que é o Espiritismo. Sem dúvida, poderão sabê-lo pelos livros quando a isto se derem ao trabalho; mas o é a teoria ao lado da prática? Não basta dizer que a Doutrina é bela, é preciso que aqueles que a professam lhe mostrem a aplicação. Cabe, pois, aos adeptos devotados à causa, provar o que ela é, pela sua maneira de agir, seja em particular, seja nas reuniões, evitando com mais cuidado do que

nunca, tudo o que poderia dar lugar à maledicência e produzir sobre os incrédulos uma impressão desfavorável. Quem se conteve no limite dos princípios da Doutrina pode ousadamente desafiar a crítica, e não incorrerá jamais na censura da autoridade, nem nas severidades da lei.

A Sociedade de Paris, colocada mais do que todas as outras em evidência, deve sobretudo dar o exemplo. Estamos todos felizes em dizer que ela jamais faltou aos seus deveres, e por ter podido constatar a boa impressão produzida por seu caráter eminentemente sério, pela gravidade e pelo recolhimento que presidem às suas reuniões. É um motivo a mais para ela evitar escrupulosamente, até nas aparências, o que poderia comprometer a reputação que adquiriu. Incumbe a cada um de nós velar por isto no interesse da própria causa; é preciso que a qualidade de membro ou de médium prestando-lhe seu concurso, seja um título à confiança e à consideração. Conto, pois, com a cooperação de todos os nossos colegas, cada um no limite de seu poder. Não é preciso perder de vista que as questões pessoais devem se apagar diante da questão de interesse geral. A circunstância em que iremos entrar são sérias, eu o repito, e cada um de nós nela terá sua missão, pequena ou grande. É porque devemos nos colocar na medida de cumpri-la, porque disso nos será pedida conta. Que possais me perdoar, eu vos peço, essa linguagem um pouco austera no retorno de nossos trabalhos, mas é pedida pelas circunstâncias.

Senhores, em nossa primeira reunião, um de nossos colegas falta corporeamente ao chamado; durante nossa separação, o Sr. Nant, o pai de nossa boa e excelente Espírita, senhora Breul, reentrou no mundo dos Espíritos, de onde, o esperamos, quererá muito ainda retornar entre nós. Quando de seus funerais, nós lhe pagamos um justo tributo de simpatia, que nos fizemos um dever de renovar-lhe hoje, e estaremos felizes se, dentro em pouco, consinta ele nos dirigir algumas palavras e se junte no futuro aos bons Espíritos que nos ajudam com os seus conselhos.

Peçamo-lhes, senhores, consentirem nos continuar com a sua assistência.

DA CRÍTICA A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT.

(2º artigo.)

A agitação causada pelos irmãos Davenport começa a se acalmar, depois do cerco lançado pela imprensa contra eles e o Espiritismo, não restam mais do que alguns atiradores que queimam, aqui e ali, seus últimos cartuchos, à espera de que um outro assunto venha alimentar a curiosidade pública. De quem é a vitória? O Espiritismo está morto? É o que não se tardará a saber. Suponhamos que a crítica tenha matado os Srs. Davenport, o que não nos concerne, que resultaria disto? O que dissemos em nosso artigo precedente. Em sua ignorância do que é o Espiritismo, ela atirou sobre esses senhores, absolutamente como um caçador que atira sobre um cão, crendo atirar sobre uma lebre; o cão está morto, mas a lebre corre sempre.

Assim o é com o Espiritismo, que não foi e nem poderia ser atingido pelos golpes que dão ao seu flanco. A crítica, pois, desprezou o que teriam facilmente evitado se tivesse se dado ao trabalho de verificar a etiqueta. As advertências, no entanto, não lhe faltaram; alguns escritores confessaram mesmo a afluência das refutações que lhes chegavam de todas as partes, e isto da parte de pessoas *as mais honradas.* Isto não deveria lhes fazer abrir os olhos? Mas não; estavam empenhados num caminho, e não queriam recuar; seria preciso quando mesmo ter razão. Muitas dessas refutações nos foram dirigidas; todas se distinguem por uma moderação que contrasta com a linguagem de nossos adversários, e a maioria é de uma perfeita justeza de apreciação. Ninguém seguramente, pretendeu impor sua opinião a esses senhores; mas a imparcialidade faz sempre um dever admitir as retificações para colocar o público em condições de julgar o pró e o contra; ora, como é mais cômodo ter razão quando se fala sozinho, muito pouco

dessas retificações viram a luz da publicidade; quem sabe mesmo se a maioria foi lida? É preciso, pois, estar contente com os jornais que se mostraram menos exclusivistas. Desse número está o *Journaldês Pyrénées-Orientales,* que em seu número de 8 de outubro, contém a carta seguinte:

"Perpignan, 5 de outubro de 1865.

"Senhor Gerente,

"Não venho me lançar na polêmica, somente solicito vossa eqüidade em me permitir, por uma única vez, responder aos vivos ataques que contém a *carta parisiense,* publicada no último número de vosso jornal, contra os Espíritas e o Espiritismo.

"Os verdadeiros Espíritas, como os verdadeiros católicos, não se dão em espetáculo público; são penetrados do respeito de sua fé, aspiram ao progresso moral de todos, e sabem que não é nos teatros de feira que se fazem aos prosélitos.

"Eis pelo que concerne os irmãos Davenport.

"Haveria muito a dizer para refutar os erros do autor desses ataques irônicos; direi somente que Deus, tendo dado livre arbítrio ao homem, atentar contra sua liberdade de crer, de pensar, é se colocar acima de Deus, por conseguinte, um enorme pecado de orgulho.

"Dizer que essa nova ciência fez progressos imensos, que muitas cidades contam com grande número de adeptos, que têm seus escritórios, seus presidentes, e que essas reuniões contêm homens sábios, eminentes por sua posição na sociedade civil e militar, na advocacia, na magistratura, não é confessar que o Espiritismo está baseado sobre a verdade?

"Se o Espiritismo não é senão um erro, por que, pois, tanto vos ocupar dele? O erro não tem senão uma duração efêmera, é um fogo fátuo que dura algumas horas e que desaparece. Se, ao contrário, é uma verdade, agireis inutilmente, não podereis nem destruí-la nem detê-la; a verdade é como a luz: não há senão os cegos que lhe negam a beleza.

"Diz-se também que o Espiritismo ocasionou casos de alienação mental; eu direi isto: o Espiritismo não ocasionou mais a loucura do que o Cristianismo ou outros cultos não são causa de casos de idiotismo que se encontram, freqüentemente, entre os praticantes das diferentes religiões; os espíritos mal conformados estão sujeitos à exaltação e aos desarranjos. Deixemos, pois, uma vez por todas, este último argumento no arsenal com as armas fora de uso.

'Termino esta resposta dizendo que o Espiritismo nada vem destruir, senão a crença nos castigos eternos. Ele nos afirma nafé em Deus; nos torna evidente que a alma é imortal e que o espírito se depura e progride pelas reencarnações; nos prova que as diferentes posições sociais têm sua razão de ser; ensina-nos a suportar as nossas provas, quaisquer que sejam; enfim, nos demonstra que não há senão um único caminho que conduz a Deus: o amor do bem, a caridade!

"Aceitai, Senhor Gerente, meus agradecimentos e minhas solícitas saudações.

'Tenho a honra de ser vosso servidor,

"BREUX."

Todas as refutações que temos sob os olhos, e que todas foram dirigidas aos jornais, protestam contra a confusão que se fez entre o Espiritismo e as sessões dos Srs. Davenport. Se, pois, a crítica persiste em torná-los solidários, é que ela muito o quer.

Nota. - Num outro artigo, que a falta de espaço nos força a remeter ao próximo número, examinaremos as proposições mais importantes que ressaltam da polêmica levantada a propósito dos Srs. Davenport.

POESIA ESPIRITA.

UM FENÔMENO. Fábula.

Numa dessas noites serenas da primavera,
Que fazem brilhar nos céus tantos fogos brilhantes,
Alguns bons burgueses da cidade
Discorriam, caminhando com passo lento e tranqüilo,
Nas espaçosas avenidas.
Cada um deles, alternativamente, elevava seus olhares
Do solo à celeste abóbada,
E pensais, sem dúvida,
Que o tema de seus discursos
Rolasse sobre a força eterna, infinita,
Que submete todos esses corpos às leis da harmonia?
Não: davam um outro curso
A seus pensamentos; a alta ou a baixa na
Bolsa, As colheitas, seu preço, eram a única fonte
Onde se alimentava seu espírito,
Quando um deles detendo-se, replicou,
Como tocado de um estupor súbito:
"Que vejo! pode-se? uma estrela se agita!
Ela se eleva... ela desce!"
E esfregando os olhos: "Que digo,
Uma estrela...? Eu creio, na verdade, que o prodígio,
A menos que não tenha um sonho, vai crescendo;
Uma, duas, três e mesmo quatro estrelas
Se movem e dançam sem ruído;
Mistério estranho, que a noite
Parece comprazer-se em cobrir com seus véus!"
E o espírito dos burgueses, cujo olhar espantado segue
As fases desse fenômeno,
Em vão, para explicá-lo, se sonda, se agita;
Só o acaso a isso conduziu.
Eles caminham, e sua fronte se choca com os barbantes
Que retêm cada um no ar um papagaio de papel
Ornado com uma lanterna vacilante
Ao sopro das brisas novas;
E as criancinhas, autoras desse fato maravilhoso,
Tagarelavam, rindo a dois passos deles.
Que dizem depois desta dupla surpresa,
Depois deste desencanto?
Que todos os fogos do firmamento
Não são senão um artifício, obra da tolice,
Para lançar um simplório no assombro.
Também, que o horizonte se avermelha, se colore,
E reveste a noite de uma luz misteriosa;
Que a chama de um meteoro
Resplandece de súbito sobre o fundo negro dos céus;

Que uma estrela cadente em vivas centelhas
Sulca os campos do éter,
Esses bons burgueses, os olhos e os dois braços no ar,
Vão por toda a parte procurando os barbantes.
A verdade sempre tem sua contrafação:
Cabe a nós distinguir, pela comparação,
O verdadeiro da fraude.
O ceticismo, emocionado, grita à hipocrisia
Diante dos fatos assuntos de uma eterna lei.
Para julgar sadiamente os efeitos e as causas,
Falta ao cético duas coisas:
Um pouco de modéstia, - e de boa fé.

C. DOMBRE, de Marmande.

O ESPIRITISMO NO BRASIL.

EXTRATO DO DIÁRIO DA BAHIA.

Sob o título de *A Doutrina Espírita,* o *Diário da Bahia,* de 26 e 27 de setembro de 1865, contém dois artigos que não são senão a tradução em português daqueles publicados, há seis anos, pelo doutor Déchambre na *Gazette médicalede* Paris. A segunda edição de *O Livro dos Espíritos* vinha de aparecer, e foi dessa obra da qual o Sr. Déchambre fez um relatório meio burlesco. Mas, a esse propósito, ele prova historicamente, e por citações, que o fenômeno das mesas girantes e que batem está mencionado em Teócrito, sob o nome de *Kosskinomantéia,* adivinhação pelo *crivo,* porque então se servia de um crivo para esse gênero de operação; de onde ele conclui, com a lógica comum de nossos adversários, que esse fenômeno, não sendo novo, não tem nenhum fundo de realidade. Para um homem de ciências positivas, aí está, é preciso nisto convir, um singular argumento. Lamentamos que a erudição do Sr. Déchambre não lhe tenha permitido remontar ainda mais alto, porque o teria encontrado no antigo Egito e nas índias. Retornaremos um dia sobre esse artigo que tínhamos perdido de vista, e que faltava em nossa coleção. Perguntaremos somente, à espera disso, ao Sr. Déchambre, se é preciso rejeitar a medicina e a física modernas, porque se encontram seus rudimentos misturados às práticas supersticiosas da Antigüidade e da Idade Média? Se o sábio químico de hoje não teve seu berço na alquimia, e a astronomia o seu na astrologia judiciária? Por que, pois, os fenômenos Espíritas, que não são, em definitivo, senão fenômenos naturais dos quais não se conheciam as leis, não se encontrariam também nas crenças e práticas antigas?

Esse artigo, sendo reproduzido pura e simplesmente, sem comentários, nada prova da parte do jornal brasileiro uma hostilidade sistemática contra a Doutrina; é mesmo provável que não a conhecendo, acreditou nele encontrar uma apreciação exata. O que o provaria, é sua pressa em inserir, no número seguinte de 28 de setembro, a refutação que os Espíritas da Bahia lhe dirigiram, e que está assim concebida:

"Senhor redator,

"Como estais de boa fé, no que concerne à doutrina do Espiritismo, rogamos consentir em publicar, também no *Diário* uma passagem de *O Livro dos Espíritos,* pelo Sr. *Allan Kardec,* livro que já chegou à sua décima terceira edição, a fim de que vossos leitores possam apreciar, em seu justo valor, a reprodução que fizestes de um artigo da *Gazette medicalle,* de Paris, escrito há mais de seis anos, contra essa mesma Doutrina,

pelo doutor Déchambre, e no qual se reconhece que o supradito doutor não foi fiel nas citações que fez de *O Livro do Espíritos,* tendo em vista depreciar essa Doutrina.

"Somos, senhor Redator, vossos amigos e agradecidos,

"LUIZ OLYMPIO TELLES DE MENEREZ.
"JOSÉ ALVARES DE AMARAL.
"JOAQUIM CARNEIRO DE CAMPOS."

Segue, como resposta e refutação, um extrato bastante extenso da introdução de *O Livro dos Espíritos.*

As citações textuais das obras espíritas são, com efeito, a melhor refutação das deturpações que certos críticos fazem a Doutrina sofrer. A Doutrina se justifica por si mesma, é por isto que ela não sofre com isso. Não se trata de convencer seus adversários de que ela é boa, isto seria, o mais freqüentemente, trabalho perdido, porque em boa justiça, são perfeitamente livres de achá-la má, mas simplesmente de provar que ela disse o contrário daquilo que se lhe faz dizer; cabe ao público imparcial o julgamento, pela comparação, se ela é boa ou má; ora, como, apesar de tudo aquilo que se pode fazer, ela recruta sem cessar novos partidários, é uma prova de que ela não descontenta a todo o mundo, e que os argumentos que lhe opõem são impotentes para desacreditá-la. Pode-se ver por esse artigo que ela não tem nacionalidade, e que faz a volta ao mundo.

O ESPIRITISMO E O CÓLERA.

Sabe-se de que acusações os primeiros cristãos eram cumulados em Roma; não havia crime do qual não fossem capazes, de infelicidades públicas das quais, no dizer de seus inimigos, não fossem os autores voluntários ou a causa involuntária, porque sua influência era perniciosa. Em alguns séculos daqui ter-se-á dificuldade em crer que os espíritos fortes do século dezenove hajam tentado ressuscitar essas idéias a respeito dos Espíritas, declarando-os autores de todas as perturbações da sociedade, comparando sua doutrina à peste, e convidando a persegui-los. Esta é da história impressa; estas palavras saíram de mais de um púlpito evangélico; mas o que é mais surpreendente, é que se as encontra nos jornais que dizem falar em nome da razão, e se colocam como campeões de todas as liberdades, e da liberdade de consciência em particular. Já possuímos uma coleção curiosa de amenidades desse gênero que nos propomos reunir mais tarde em volume para maior glória de seus autores, e a edificação da posteridade. Seremos, pois, reconhecidos àqueles que gostarem de nos ajudar a enriquecer essa coleção nos enviando tudo o que, de seu conhecimento, apareceu ou aparecerá sobre esse assunto. Comparando esses documentos da história do Espiritismo com os da história dos primeiros séculos da Igreja, ficar-se-á surpreso em ali encontrar pensamentos e expressões idênticas; não lhe falta senão uma coisa: as bestas ferozes do circo, o que no entanto é um progresso.

O Espiritismo sendo, pois, uma peste eminentemente contagiosa, uma vez que, da confissão de seus adversários, ele invade com uma assustadora rapidez todas as classes da sociedade, ele tem uma certa analogia com o cólera; também neste último levante geral, certos críticos chistosamente chamaram o *Spirito-morbus,* e não haveria nada de surpreendente em que se o acusasse de ter importado esse flagelo; porque há a se anotar que dois campos diametralmente opostos se dão a mão para combatê-lo. Num, nos asseguraram, faz-se bater uma medalha com efígie de santo Benoît que basta carregar para se preservar do contágio espírita; disse que esse meio cura aqueles que por eles foram atingidos.

Há realmente uma analogia entre o Espiritismo e o cólera, é o medo que um e o outro causam a certas pessoas; mas consideremos a coisa dum ponto de vista mais sério; eis o que se nos escreve de Constantinopla:

".....Os jornais informaram o rigor com o qual o terrível flagelo vem de maltratar em nossa cidade e vizinhanças, tudo em atenuando suas devastações. Algumas pessoas, dizendo-se bem informadas, dão o número de coléricos falecidos em 70 mil, e outros em quase cem mil. Sempre é que fomos rudemente experimentados, e podeis vos figurar as dores e a tristeza geral de nossas populações. É sobretudo nesses tristes momentos de epidemia assustadora que a fé e a crença espíritas dão a coragem; acabamos de ter disso a mais verídica prova. Quem sabe se não devemos a essa calma da alma a essa persuasão da imortalidade, a essa certeza de existências sucessivas onde os seres são recompensados segundo seu mérito e seu grau de adiantamento; quem sabe, digo eu, se não é a essas crenças, bases de nossa bela Doutrina, que todos nós, Espíritas de Constantinopla, que somos, como o sabeis, bastante numerosos, devemos ter sido preservados do flagelo que passeou, e passeia ainda ao nosso redor! Digo isto tanto mais quanto foi constatado, aqui como alhures, que o medo é a predisposição mais perigosa do cólera, como a ignorância dele torna infelizmente a fonte contagiosa.....

"Repôs júnior, advogado."

Seguramente, seria absurdo crer que a fé espírita seja um certificado de garantia contra o cólera; mas como está cientificamente reconhecido que o medo, enfraquecendo ao mesmo tempo o moral e o físico, torna mais impressionável e mais suscetível de receber os ataques das moléstias contagiosas, é evidente que toda causa tendente a fortalecer o moral é um preservativo. Isto compreende-se tão bem hoje que se evita, tanto quanto possível seja nos relatórios, seja mas disposições materiais, o que pode ferir a imaginação por um aspecto lúgubre.

Os Espíritas podem, sem dúvida, morrer do cólera como todo o mundo, porque seu corpo não é mais imortal do que o dos outros, e que, quando a hora é chegada, é preciso partir, que isso seja por essa causa ou por uma outra; o cólera é uma dessas causas que não têm de particular senão levar um maior número de pessoas ao mesmo tempo, o que produz mais sensação; partem-se em massas, em lugar de partir por partes, eis toda a diferença. Mas a certeza que têm do futuro, e, sobretudo, do conhecimento que têm desse futuro, que responde a todas as suas aspirações e satisfaz a razão, fazem com que não lamente de nenhum modo a Terra onde se consideram como transitoriamente em exílio. Ao passo que, em presença da morte, o incrédulo não vê senão o nada, ou se pergunta o que vai ser dele com ela, o Espírita SABE que, se morre, não será senão despojado de um envoltório material sujeito aos sofrimentos e às vicissitudes da vida, mas que será sempre *ele* com um corpo etéreo inacessível à dor; que gozará de percepções novas e de faculdades maiores; que vai reencontrar aqueles a quem amou e que o esperam no limiar da verdadeira vida, da vida imperecível. Quanto aos bens materiais, sabe que deles não terá mais necessidade e que os gozos que eles proporcionam serão substituídos por gozos mais puros e mais invejáveis, e que não deixam depois deles nem amarguras nem remorsos. Abandona-os, pois, sem pena e com alegria, e lamenta aqueles que, ficando depois dele sobre a Terra, vão ainda deles ter necessidade. É como aquele que, tornando-se rico, deixa suas roupas velhas aos infelizes. Também diz aos seus amigos, deixando-os: não me lamenteis; não choreis minha morte; felicitai-me antes por ter sido libertado do cuidado da vida, e por entrar num mundo radioso onde vou vos esperar.

Quem tiver lido e meditado nossa obra *O Céu e o Inferno Segundo o Espiritismo,* e sobretudo o capítulo sobre as *apreensões da morte,* compreenderá a força moral que os Espíritas haurem em suas crenças, em presença do flagelo que dizima as populações.

Disto se segue que vão negligenciar as precauções necessárias em semelhante caso, e negligenciar no perigo? De nenhum modo: tomam todas aquelas que mandam a prudência e uma higiene racional, porque não são fatalistas, e que, se não temem a morte, sabem que não devem procurá-la. Ora, negligenciar as medidas sanitárias que podem preservá-las seria um verdadeiro suicídio do qual conhecem muito bem as conseqüências para a ele se expor. Consideram como um dever velar pela saúde do corpo, porque a saúde é necessária para o cumprimento dos deveres sociais. Se procuram prolongar a vida corpórea, isto não é pelo apego à Terra, mas afim deter mais tempo para progredir, se melhorar, depurar-se, despojar o velho homem e adquirir uma maior soma de méritos para a vida espiritual. Mas se, apesar de todos os cuidados, eles devem sucumbir, disto tomam sua parte sem se lamentar, sabendo que todo progresso leva seus frutos, que nada daquilo que se adquire em moralidade e em inteligência está perdido, e que se não têm demérito aos olhos de Deus, estarão sempre melhor no outro mundo que neste, quando não tenham mesmo o primeiro lugar; dizem a si mesmos simplesmente: Iremos um pouco mais cedo onde teríamos ido um pouco mais tarde.

Crer-se que com tais pensamentos não se esteja nas melhores condições de tranqüilidade de espírito recomendadas pela ciência? Para o incrédulo ou o incerto, a morte tem todos seus terrores, porque perde tudo e não espera nada. Que pode dizer um médico materialista para acalmar nos enfermos o medo de morrer? Nada senão aquilo que disse um dia um deles a um pobre diabo que tremia unicamente ao ouvir o nome do cólera: "Bah! enquanto não se está morto há esperança; depois, em definitivo, não se morre senão uma vez, e está logo passado; quando se está morto, *tudo acabou;* não se sofre mais." Tudo acabou quando se está morto, eis a suprema consolação que ele dá.

O médico espírita, ao contrário, diz àquele que vê a morte diante de si: "Meu amigo, vou empregar todos os recursos da ciência para vos restituir a saúde e vos conservar pelo maior tempo possível; triunfaremos, disto tenho esperança; mas a vida do homem está nas mãos de Deus, que nos chama quando nosso tempo de prova neste mundo terminou; se a hora de vossa libertação chegou, regozijai-vos, como o prisioneiro que vai sair de sua prisão. A morte nos livra do corpo que nos faz sofrer, e nos devolve à verdadeira vida, vida isenta de perturbações e de misérias. Se devereis partir, não penseis que estareis perdido para vossos parentes e vossos amigos que ficam depois de vós; não, com isto não estareis menos no meio deles; vê-lo-eis e os ouvireis melhor do que não podeis fazê-lo neste momento; vos os aconselhareis, dirigi-los-eis e inspirá-los-eis para o bem. Se, pois, praz a Deus vos chamar *a* ele, agradecei-lhe por vos restituir a liberdade; se prolonga vossa permanência aqui agradecei-lhe ainda por vos dar o tempo para terminar vossa tarefa. Na incerteza, submetei-vos sem murmúrio à sua santa vontade."

Tais palavras não são próprias para trazer a serenidade a alma, e esta serenidade não secunda a eficácia dos remédios, ao passo que a perspectiva do nada mergulha o moribundo na ansiedade do desespero?

Além dessa influência moral, o Espiritismo tem uma mais material. Sabe-se que os excessos de todos os gêneros são uma das causas que mais predispõem aos ataques da epidemia predominante; também os médicos recomendam a sobriedade em todas as coisas, prescrição salutar, à qual muita gente tem dificuldade de se submeter. Admitindo que o façam, sem dúvida, é um ponto importante, mas crê-se que uma abstenção momentânea possa reparar instantaneamente as desordens orgânicas causadas pelos abusos inveterados, degenerados em hábito, que usaram o corpo e, por isto mesmo, tornaram-no acessível aos miasmas deletérios? Fora do cólera, não se sabe o quanto o hábito da intemperança é pernicioso nos climas tórridos, e naqueles onde a febre amarela é endêmica? Pois bem! o Espírita, em conseqüência de suas crenças e da maneira que encara o objetivo da vida presente e o resultado da vida futura, modifica profundamente seus hábitos; em lugar de viver para comer, come para viver; não faz nenhum excesso; não vive como cenobita: também usa de tudo, mas não abusa de nada. Deve estar aí

seguramente uma consideração preponderante a acrescentar àquela que faz valer nosso correspondente de Constantinopla.

Eis, pois, um dos resultados desta Doutrina, à qual a incredulidade lança a injúria e o sarcasmo; que ela a abafe, tache de loucura, e que, segundo ela, traz a perturbação na sociedade. Guardai vossa incredulidade, se ela vos apraz, mas respeitai uma crença que torna felizes e melhores aqueles que a possuem. Se for uma loucura crer que tudo não acaba para nós com a vida, que depois da morte vivemos uma vida melhor, isenta de cuidados; que retornaremos ao meio daqueles que amamos; ou ainda crer que depois da morte não estamos nem mergulhados nas chamas eternas, sem esperança de delas sair, o que não valeria mais do que o nada, nem perdido na ociosa e beata contemplação do infinito, praza a Deus que todos os homens fossem loucos desta maneira; haveria entre eles menos crimes e suicídios.

Numerosas comunicações foram dadas sobre o cólera; várias o foram na Sociedade de Paris ou em nosso círculo íntimo; delas não reproduziremos senão duas, fundidas numa única, para evitar as repetições, e que resumem o pensamento dominante na maioria.

(Sociedade de Paris. - Médium, Srs. Desliens e Morin.)

Uma vez que o cólera é uma questão de atualidade, e que cada um traz seu remédio para repelir o terrível flagelo, permitir-me-ei, se o consentirdes, dar igualmente minha opinião, se bem que me pareça pouco provável que tendes a temer-lhe os ataques de maneira cruel. No entanto, como é bom que, se possível, os meios não faltem, coloco minha pouca luz à vossa disposição.

Essa afecção, o que quer que dela se diga, não é imediatamente contagiosa, e aqueles que se encontram em um lugar onde ela grassa não devem temer em dar seus cuidados aos enfermos.

Não existe remédio universal contra essa moléstia, seja preventivo, seja curativo, tendo em vista que o mal se complica com uma multidão de circunstâncias que resistem, seja ao temperamento dos indivíduos, seja ao seu estado moral e aos seus hábitos, seja às condições climatéricas, o que faz que tal remédio triunfe em certos casos e não em outros. Pode-se dizer que em cada período de invasão e segundo as localidades, o mal deve ser o objeto de um estudo especial, e requer uma medicação diferente. É assim que, por exemplo, o gelo, a triaga, etc., puderam curar casos numerosos nos cóleras de 1832, de 1849, e em certas regiões poderiam não dar senão resultados negativos em outras épocas e em outros países. Há, pois, uma multidão de remédios bons, e nenhum que seja específico. Foi essa adversidade nos resultados que confundiu e confundirá por muito tempo ainda a ciência, e que faz com que nós mesmos não possamos dar remédio aplicável a todo o mundo, porque a natureza do mal não o comporta. No entanto, há regras gerais, fruto da observação, e das quais importa não *se* afastar.

O melhor preservativo consiste nas precauções de higiene sabiamente recomendadas por todas as instruções dadas para esse efeito; são acima de tudo o asseio, o distanciamento de toda causa de insalubridade e dos focos de infecção, a abstenção de todo excesso.

Com isto é preciso evitar de mudar seus hábitos alimentares, se isso não for para suprimir as coisas debilitantes. É preciso igual mente evitar os resfriamentos, as transições bruscas de temperatura, e abster-se, a menos de necessidade absoluta, de toda medicação violenta, podendo trazer uma perturbação na economia.

O medo, como o sabeis, freqüentemente, em semelhante caso, é pior do que o mal; o sangue-frio não se impõe, infelizmente, mas vós, Espíritas, não tendes necessidade de nenhum conselho sobre este ponto; olhais a morte impassíveis, e com a calma que dá a fé.

Em caso de ataque, importa não negligenciar os primeiros sintomas. O calor, a dieta, uma transpiração abundante, as fricções, a água de arroz na qual se pôs algumas gotas de láudano, são medicamentos de pouco custo e cuja ação é muito eficaz, se a energia moral e o sangue-frio vêm se juntar a eles. Como é freqüentemente difícil se proporcionar o láudano na ausência de um médico, pode-se a isto suprir, em caso de urgência por outra composição calmante, e em particular pelo suco de alface, mas empregado em dose fraca. Aliás, pode-se ferver simplesmente algumas folhas de alface na água de arroz.

A confiança em si e em Deus é, em semelhante circunstância, o primeiro elemento da saúde.

Agora, que a vossa saúde material está posta ao abrigo do perigo, permiti-me ocupar-me de vosso temperamento espiritual, ao qual uma epidemia de um outro gênero parece querer atacar. Não temais nada deste lado; o mal não poderia atingir senão os seres a quem a vida verdadeiramente espiritual faz falta, e já mortos sobre o tronco. Todos aqules que se sentem votados, sem retorno e sem pensamento dissimulado, à Doutrina nela haurirão, ao contrário, novas forças, para fazer frutificar os ensinamentos que nos fazemos um dever vos transmitir. A perseguição, qualquer que ela seja, é sempre útil; ela põe à luz os corações sólidos, e se ela destaca do tronco principal, alguns galhos mal presos, os jovens rebentos, amadurecidos pelas lutas nas quais, em seguindo nossos conselhos, se tornarão homens sérios e refletidos. Assim, pois, boa coragem; caminhai sem medo no caminho que vos está traçado e contai com aquele que não vos fará jamais falta na medida de suas forças.

Doutor DEMEURE.

UM NOVO NABUCODONOSOR.

Escrevem-nos de Charkow (Rússia):

Em vos escrevendo, Sr. Presidente, ouso esperar que talvez o Espiritismo venha a lançar alguma luz sobre um fato que permanece inexplicável até este dia, *e* que me parece oferecer um poderoso interesse. Tenho-o de uma testemunha ocular, parente próximo da pessoa em questão. Eis o que ela me conta.

Todos os membros da família R... se faziam notar pela originalidade de seu caráter e de seus pendores; mas não falarei aqui senão dos dois irmãos Alexandre e Voldemar. O que tocava neste último, eram seus olhos, dos quais é impossível descrever a impressão. Crianças, brincamos juntos; embora longe de ser covarde, eu não podia, no entanto, sustentar seu olhar. Disso fiz notar meu pai que me confessou sentir, olhando-o, o mesmo sentimento de perturbação, e me aconselhou evitá-lo. Parece que Voldemar não era o favorito da família. Quando chegou à idade dos estudos sérios, os dois irmãos foram colocados na universidade de Kazan. Voldemar não tardou em estupefazer seus mestres e seus camaradas por atitudes fora de linha; disto se gabava, freqüentemente, diante de seu irmão, que havia escolhido como o objetivo de suas zombarias. Mas seus sucessos não foram de longa duração. Chegado à idade de dezesseis anos morreu nos braços de seu irmão. É deste último que vamos nos ocupar.

Embora em menor grau, Alexandre possuía, no entanto, também, em seus olhos negros, esse magnetismo fascinador que marcava tanto seu irmão; não tinha qualidades mais brilhantes do que ele; mas isto não impedia de ter muito de espírito e de aprender com facilidade. A morte de seu irmão teve sobre ele uma tal impressão que se tornou um outro homem. Seis semanas seguidas, ficou sem abrir os olhos, parou de se pentear, de

se lavar e não quis, sob nenhum pretexto mudar de hábitos, de tal modo sua roupa branca e seu vestuário emboloravam sobre seu corpo e caíam em farrapos.

Sua mãe levou-o ao campo; um tio que morava não longe dali chegou a decidir de lhe confiar, por algum tempo, seu sobrinho, prometendo lhe fazer passar todas as suas fantasias. Com efeito, disse-lhe muito severamente que o avisava, de ter uma semelhante conduta em sua casa, não se mostrasse escrupuloso com os meios de corrigi-la. Alexandre se tornou logo perfeitamente razoável; não ofereceu nenhuma resistências às ordens de seu tio, mas escrevia secretamente à sua mãe, suplicando-lhe vir livrá-lo de seu carrasco. Mas uma vez longe de seu tio, recomeçava cada vez mais. Ele exigia, entre outras coisas, que se fizessem soar os sinos da igreja quando se punha à mesa. Acreditou-se num desarranjo de cérebro e foi colocado numa casa de saúde em Kazan. Coisa estranha! esta vez ainda, ele mudou inteiramente; nada em sua conduta, em suas palavras, denotavam um cérebro doente. Os médicos acreditaram numa intriga de família e não o observaram mais de tão perto.

Uma noite, vendo todo o mundo dormir, vestiu o chapéu e o manto de um dos médicos, saiu de seu quarto, passou perto do guarda, sem ser reconhecido, ganhou a rua e fez 30 *verstas* (1-(1) *Versta,* medida itinerária usada outrora na Rússia e valendo 1067 metros. (N. doT) a pé até seu campo. Entrou numa espécie de choupana que servia de galinheiro, despojou-se de todas as suas vestes, e, colocando-se no meio dessa choupana, declarou que uma *toesa* (2- (2) *Toisa,* medida francesa de comprimento valendo 1,949 metros. (N. do T.) quadrada de terreno bastava para a vida de um homem e que não tinha necessidade de nada. Em vão, suplicou-lhe de joelhos para mudar de idéia, em vão quis persuadi-lo de permitir pelo menos de fazer um teto em sua choupana, ele permaneceu inabalável; não quis conservar junto dele senão uma velha doméstica que jamais o tinha deixado e que tinha por ele uma fidelidade e um apego de cão. Seu pai, vendo que nada ali fazia, ordenou a todos os seus camponeses deixarem esses lugares para irem se estabelecer a 7 *verstas* dali; ele mesmo partiu, nomeando essa aldeia de "a Aldeia Perdida." Quis, então, colocar o bem em tutela. Nomearam-se comissões, mas Alexandre, que era sempre prevenido atempo, vestia-se, sem no entanto colocar a roupa branca, e vinha ao encontro de seu mundo. Respondia a todas as perguntas com um bom senso, uma justeza, que não deixavam nada a desejar, se bem que a comissão que pensava, ao chegar, ter relações com um louco, se retirava toda desapontada.

Isto se passou em 1842, e, até o presente, Alexandre está sempre no mesmo estado. Mantém-se de pé, sem nenhuma roupa, num casebre, que não tem nem porta nem janela, exposto a todos os ventos e onde, no inverno, o frio chega até 30 graus (3-(3)Naturalmente, *abaixo de zero.* (N. do T.). Nutria-se de um pouco de geléia do vinho que lhe era trazida, uma vez por dia, num pires de argila; atiram-na com uma colher e ele a pega em vôo, à maneira dos animais dos quais também adotou o mugido; porque não se serve mais da palavra humana. À força de ter a cabeça inclinada, não pode mais levantá-la; seus pés atingiram uma largura desmesurada, não pode mais caminhar. À noite, algumas vezes se abate, e então permite que se lhe cubra com uma pele de carneiro Seu aspecto não apresenta, de resto, nada de extraordinário, exceto os olhos. Não é nem gordo nem magro; seu rosto tem uma expressão de sofrimento. Perguntou-se-lhe uma vez qual era a razão *de* sua conduta extraordinária; ele respondeu: "Não me faleis disso, é uma falta de vontade." Não se pode dele obter mais. Que entendia por falta de vontade? Era um voto?... Às vezes ocorre-lhe pronunciar o nome de seu irmão defunto; outras vezes, ele exclama: "Quando, pois, isto terminará?" Não cumpre nenhum dos regulamentos impostos pela sua religião. Enviaram-se de seus cabelos a um célebre sonâmbulo de Londres; e foi respondido que *"era a doença de Nabucodonosor."*

E, no entanto, não é louco! O que há de mais extraordinário, é que ao lado dessa existência puramente bestial, há nele uma vida intelectual, porque se interessa por tudo o que se passa no mundo; faz vir muitos jornais, e, como sua casa é quase escura, permitiu

construir uma espécie de choupana ao lado de sua cabana; é ali que sua mãe veio fazer outrora a leitura durante horas inteiras; agora que ela está morta, uma leitora assalariada a substitui.

A comissão encarregada de aprofundar esse assunto obteve os detalhes seguintes que, no fundo, não fizeram senão dificultar o assunto. D***, amigo de universidade de Alexandre R..., depôs que, quando estavam juntos, foi capaz de observar que era muito apaixonado pela mulher de um farmacêutico; era uma pessoa de uma beleza rara e, com isto, muito virtuosa. Cada dia, Alexandre montava a cavalo para ter o prazer de passar diante de suas janelas e de percebê-la algumas vezes de longe, e foi a isto que se limitaram seus amores. No entanto, todos os dias, e na mesma hora, vinha-se-lhe trazer uma carta lacrada, e, se houvesse alguém no quarto apressava-se em escondê-la numa gaveta. D***, persuadido de que eram bilhetes doces, pouco se interessava em conhecer-lhes o conteúdo. Mais tarde quando começaram as pesquisas, não se encontraram senão duas cartas (ele havia queimado todo o resto), e se supõe que elas eram do número daquelas que recebia na universidade. A primeira estava concebida quase nestes termos: "Ontem, aconteceu-me uma coisa estranha; eu retornava de nossa Suiça Russa (chama-se assim um passeio nas vizinhanças de Kazan), atravessava o campo de Ars, quando ouvi gritar: Socorro! eu elevava também a voz em me precipitando do lado de onde partiram os gritos, e cheguei perto de um cemitério cercado com um muro. Via aparecer acima da cerca viva um jovem que me agradecia vivamente pela minha intervenção, dizendo que tinha sido atacado por ladrões; mas ouvindo minha voz foram salvos. (Uma fábrica de tecido de lã estava situada no campo de Ars; havia-se suspenso o trabalho por algum tempo, e alguns operários, não encontrando mais como ganhar seu pão, se deram ao roubo). Tomamos juntos o caminho de cidade, e se estabeleceu entre nós uma conversa muito interessante e animada. Eu não posso te escrever aqui do que se tratava, e to direi quando nos vermos.

"Enfim chegamos à casa de meu desconhecido, e ali passei toda a noite. Dizendo-me adeus, agradeceu-me ainda uma vez, sem me convidar, no entanto, a vir vê-lo em sua casa; somente indicou-me um lugar onde passeava todos os dias em hora fixa e onde, se eu desejasse, poderia vê-lo. O que há de estranho é que, de retorno à minha casa, me foi impossível lembrar-me, nem a rua, nem a casa que acabava de deixar, e, no entanto, conheço perfeitamente a cidade que moro há quatro anos. Eu me propus ir ver meu desconhecido no lugar indicado, fá-lo-ei convidar-me a ir à sua casa, e, certamente, desta vez, disto me lembrarei." Nenhuma assinatura.

Eis a segunda carta, que dá seqüência à precedente; somente ela é muito mais curta: "Vi meu desconhecido no lugar indicado; ele convidou-me para vir à sua casa; passamos a noite juntos, mas, de retorno para minha casa, esqueci completamente de novo a rua e a casa." Nenhuma assinatura. Examinando atentamente a escrita, acreditamos encontrar ali uma grande semelhança com a de um de seus camaradas; mas quando se leram nesta última essas duas cartas, se pôs a rir, declarando que jamais na vida tinha escrito coisas semelhantes.

Aqui se detêm todas as pesquisas; supõe-se que há ali um grande mistério, e esse mistério, não há senão três pessoas que puderam sabê-lo. Primeiro, sua mãe, depois sua velha doméstica que não o deixava nunca, e, enfim, sua irmã. As duas primeiras morreram, a terceira mora com seu marido na mesma aldeia que Alexandre. Todos os dias ela vai vê-lo e ali passa três ou quatro horas seguidas. De que podem conversar? Seu irmão esquece seu mugido para falar uma linguagem humana e retornar um ser racional? é o que ninguém sabe. O que há de singular é que esse fato tão extraordinário e muito pouco conhecido, jamais foi publicado por nenhum jornal, e no entanto se passou muito perto de Kazan, que é uma cidade onde há uma universidade, sábios e médicos. É verdade que no começo foram feitas pesquisas, mas me parece que se desencorajaram

muito depressa. E, todavia, que vasto campo para observação da ciência, sem falar do lado psicológico. É um fato atual que cada um está em condições de constatar.

O Espiritismo, que explica tantas coisas, poderia dar a solução desse fenômeno estranho? Não ouso vos pedir uma resposta por escrito, vosso tempo vos é muito precioso; somente espero que, *se* achardes este fato digno de vosso exame, consentirdes em dele dar vossa opinião na *Revista Espírita,* que recebemos aqui.

Aceitai, etc.

Uma coisa ressalta evidentemente deste relato, é que esse jovem não é louco, na acepção científica da palavra; ele goza da plenitude de sua razão, quando o quer. Mas qual pode ser a causa de semelhante excentricidade, nessa idade? Cremos que a ciência procurará por longo tempo antes de encontrá-la com seus recursos puramente materiais. No entanto, há uma outra coisa senão uma simples mania, é a assimilação da voz e dos gestos aos dos animais. Viram-se, é verdade, indivíduos abandonados nas matas, desde sua tenra idade, vivendo com os animais, deles ter adotado os gritos e os costumes por imitação; mas aqui não é o caso; esse jovem fez estudos sérios, viveu em suas terras e no meio de uma aldeia; está em contato diariamente com os seres humanos; não é, pois, nele o fato do hábito e do isolamento.

É, disse o sonâmbulo de Londres, a doença de Nabucodonosor; mas o que é essa doença? A história desse rei não é uma lenda? é possível que um homem se transforme em animal? Entretanto, aproximando-se o relato bíblico do fato atual de Alexandre R..., nota-se entre eles mais de um ponto de semelhança. Compreende-se que o que se passa pôde se passar em outros tempos, e que o rei de Babilônia haja podido ser atacado de um mal semelhante. Se, pois, esse rei, dominado por uma influência análoga, deixou seu palácio, como Alexandre R... seu castelo; se viveu e gritou como ele, à maneira dos animais, pôde-se dizer, na linguagem alegórica do tempo, que tinha sido mudado em animal. Isto destrói, é verdade, o milagre; mas quantos milagres caem hoje diante das leis da Natureza, que se descobrem cada dia!

A religião nisso ganha que se aceite como natural um fato que se repelia como maravilhoso. Quando os adversários do Espiritismo dizem que ele ressuscita o sobrenatural e a superstição, provam que não sabem dele a primeira palavra, uma vez que vêm, ao contrário, provar que certos fatos reputados misteriosos não são senão efeitos naturais.

Este relato tendo sido lido na Sociedade de Paris, como objeto de estudo, um médium foi rogado para evocar os Espíritos que poderiam dele dar a explicação. As três comunicações seguintes foram obtidas: uma, do irmão defunto Voldemar; a segunda, do Espírito protetor dos dois irmãos, e a terceira, do guia espiritual de um outro médium.

(Sociedade Espírita de Paris, 13 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

I

Eis-meL. Que quereis de mim?... Com que direito vos imiscuis nos negócios de família e todos íntimos!...Sabei que ninguém jamais me ofendeu em vão, e temei em incorrer em minha cólera, se procurais penetrar um segredo que não vos pertence! Quereis ter a chave das razões que levam meu irmão a fazer semelhantes tolices?... Sabei que toda causa reside em mim, que o puni desta maneira de sua falta de fé da qual se tornou culpado a meu respeito. Um laço nos unia, laço terrível! laço de morte!... Que sofresse, pois, a pena de uma falta que não poderia encontrar graça diante de mim!... Meu cúmplice na ação, deveria me seguir no suplício. Por que ele hesitou? Carrega hoje a pena de suas hesitações.

Não podendo constrangê-lo a me seguir, pelo menos imediatamente, empreguei a força magnética, que possuo num grau extremo, para constrangê-lo a abandonar a sua

vontade e seu ser ao meu livre arbítrio. Ele sofre nessa posição!... tanto melhor! cada um de seus gemidos interiores me causa um estremecimento de sombria alegria.

Estais contente de minha urbanidade? achais minhas explicações suficientes?... Não; gostaríeis de me moralizar... mas, quem sois, pois para me pregar? sois padre? não; pois bem! a que título quereis que vos escute? Não quero ouvir nada e retorno a esse lugar que não deveria ter deixado. Ele compreende seus males neste momento; talvez sua vontade reaja sobre sua matéria! Infelizes de vós, se o fizerdes escapar à minha dominação!

VOLDEMAR R...

II

Não tenteis, pelo menos quanto ao presente, constranger esse pobre insensato a vos ouvir; ele não poderia fazê-lo, e vossas palavras não teriam outros resultados senão de excitar sua raiva brutal. Venho em seu lugar vos dar algumas explicações que lançarão um pouco de luz sobre o sombrio drama do qual esses dois seres foram os autores numa outra existência. Eles a expiam neste momento, sofrendo-lhe as conseqüências de ações criminosas no detalhe das quais não saberia entrar hoje. Sabei somente que, dessas duas individualidades, Alexandre foi, sob um outro nome e numa outra época, o subordinado de Voldemar, numa condição social que algumas palavras do relato que lestes, poderão vos fazer presumir. Meditai essa passagem em que ele disse que Alexandre exigia que se lhe soasse *a* campainha no começo de seus repastos e estareis no caminho. Subordinado, como vos disse, a Voldemar, ele cometeu, sob as instigações deste, diversas ações das quais levam os dois a responsabilidade hoje, e que são a fonte de seus sofrimentos.

Alexandre era e é ainda de um caráter fraco e vacilante, quando uma causa qualquer dá a alguém um império sobre ele; para todos os outros, ele era orgulhoso, despótico, brutal. Breve, estava sob o domínio desse irmão. O que fizeram os dois é o que o futuro nos ensinará em conseqüência deste estudo. Passemos aos resultados.

Prometeram-se de jamais se traírem nem se abandonarem, e, além disso, Voldemar se reservou de pesar, com toda a sua poderosa vontade, sobre seu infeliz cúmplice. Lestes que ele havia tomado como alvo de motejo de seus gracejos no fragmento de existência que percorreram juntos. Esses dois seres, dotados de uma inteligência pouco comum, haviam anteriormente formado, pela associação de seus pendores maus, uma coligação temível contra a sociedade. Voldemar foi levado, por um decreto da Providência, que preparava assim os caminhos da renovação desses dois seres. Sob o império de sua promessa, Alexandre queria seguir seu irmão ao túmulo, mas sua afeição por uma outra pessoa da qual falou no relato, a fadiga de um jugo que suportava com tanta dificuldade, lhe fizeram tomar a resolução de lutar. Se o irmão não podia matá-lo materialmente, mas o matou moralmente, cercando-o de uma rede de influência que determinaram a obsessão cruel, da qual conheceis as conseqüências.

O sonâmbulo que designou essa afecção sob o nome de *doença de Nabucodonosor* não estava tão longe da verdade quanto se poderia crê-lo, porque Nabucodonosor não era outro senão um obsidiado que se persuadia ter sido mudado em animal. É, pois, uma obsessão, que não exclui, como o sabeis, a ação da inteligência e não a inibe de maneira fatal; é um dos casos mais notáveis, cujo estudo não pode ser senão proveitoso para todos. Por esta noite, nos levaria muito longe pelos desenvolvimentos de que necessita. Limitar-me-ei a esta exposição, vos rogando ao mesmo tempo reunir vossas forças espirituais para evocar Voldemar. Como ele o teme com razão, em sua ausência seu irmão recobra sua energia e pode se libertar. É porque repugna deixá-lo, e exerce sobre ele uma ação magnética contínua.

O guia de ambos,

PAULOWITCH.

III

(Médium, senhora Delanne.)

Meus irmãos bem-amados, certos fatos narrados nas Escrituras são olhados por muitas pessoas como fábulas feitas para as crianças. Desdenham-nos, porque não foram compreendidos, e se recusa a eles juntar fé. No entanto, livre da forma alegórica, seu fundo é verdadeiro, e só o Espiritismo poderia deles dar a chave. Ele vai produzi-los de diversas naturezas, não só entre os Espíritas, mas entre todo o mundo, e por toda a Terra, que forçarão os sábios a estudá-los, e será então que se poderá convencer-se, malgrado o dizer de alguns, de que o Espiritismo ensina do novo, porque será por ele que se terá a explicação do que ficou inexplicado até este dia. Não se vos disse que a obsessão iria revestir novas formas? Esta é dela um exemplo.

A punição de Nabucodonosor não é, pois, uma fábula; ele não foi, como o dissestes muito judiciosamente, mudado em animal; mas era, como o sujeito que vos ocupa neste momento, privado por um tempo do livre exercício de suas faculdades intelectuais, e isto, em condições que o comparam ao animal, e fazendo para todos do poderoso déspota, um objeto de piedade: Deus tinha batido em seu orgulho.

Todas essas questões se ligam às dos fluidos e do magnetismo. Nesse jovem, há obsessão e subjugação; ele é de uma grande lucidez no estado de Espírito, e seu irmão exerce sobre ele

uma influência magnética irresistível; ele o atrai facilmente fora de seu corpo, quando uma pessoa amiga e simpática não está ali para retê-lo; sofre quando está desligado; para ele também, é uma punição, e é então que faz ouvir seus rugidos ferozes.

Não vos apresseis, pois, em condenar o que está escrito nos livros sagrados, assim como o faz a maioria daqueles que não vêem senão a letra *e* não o espírito. Cada dia vos esclarecereis mais, e novas verdades se desenrolarão aos vossos olhos, porque estais longe de ter esgotado todas as aplicações daquilo que sabeis em Espiritismo.

SÃO BENTO.

Resulta desta explicação eminentemente racional, que esse jovem está sob o domínio de uma obsessão, ou melhor, de uma terrível subjugação, semelhante à que sofreu o rei Nabucodonosor. Isto destrói a justiça de Deus que havia punido esse monarca orgulhoso? De nenhum modo, uma vez que sabemos que as obsessões são, ao mesmo tempo, provas e castigos. Deus podia, pois, puni-lo colocando-o sob o jugo de um Espírito malfazejo que o. constrangia a agir como um animal, sem por isto transformá-lo em animal. A primeira dessas punições é natural, e se explica pelas leis das relações do mundo visível e do mundo invisível; a outra é anti natural, fantástico, e não se explica; uma se apresenta, em nossos dias, como uma realidade, sob as formas diversas da obsessão, a outra não se encontra senão nos contos de fadas; enfim, uma é aceita pela razão, e a outra não o é.

Do ponto de vista do Espiritismo, este fato oferece um importante assunto de estudo; a obsessão aí se apresenta sob um aspecto novo quanto à forma e quanto à causa determinante, mas que nada tem de surpreendente depois do que nos é dado a ver cada dia. Saint Benoít tem muita razão em dizer que estamos longe de termos esgotado todas as aplicações do Espiritismo, nem compreendido tudo o que pode nos explicar; tal qual é, nos apresenta uma rica mina a explorar com a ajuda das leis que nos faz conhecer; antes de dizer que é estacionário, saibamos aproveitar aquilo que nos ensina.

O PATRIARCA JOSÉ E O VIDENTE DE ZIMMERWALD.

Um de nossos assinantes de Paris nos escreve o que se segue:

"Lendo o número da *Revista Espírita* do mês de outubro, reportei-me a uma passagem da Bíblia que assinala um fato análogo à mediunidade do vidente da floresta de Zimmerwald, e que eis aqui:

"Quando os irmãos de José foram sair da cidade, como não tinha senão um pouco de caminho, José chamou o intendente de sua casa, e lhe disse: Correi depressa atrás dessas pessoas; detende-as, e lhes dizei: Por que fizestes o mal pelo bem? - A taça que ocultastes é aquela na qual meu Senhor bebe, e *da qual se serve para adivinhar.* Fizestes uma ação má."

"Quando os irmãos de José foram levados à sua presença, ele lhes disse:

"Por que agistes assim comigo? Ignorais que não há ninguém que me iguale na *ciência de adivinhar as coisas ocultas?" (Gênese,* cap. XLIV, *v. 5,* 15.)

"O gênero de mediunidade que assinalais existia, pois, entre os Egípcios e os Judeus." C., advogado.

Com efeito, nada mais positivo; José possuía a arte de adivinhar, quer dizer, de ver as coisas ocultas e se servia para isto de uma taça de beber, como o vidente de Zimmerwald se serve de seu copo. Se a mediunidade é uma faculdade demoníaca, eis, pois, um dos personagens mais venerados da antigüidade sagrada convencido de agir pelo demônio. Se agia por Deus, e nossos Médiuns pelo demônio, o demônio faz, pois, exatamente a mesma coisa que Deus, e por conseguinte o iguala em poder. Espanta-se de ver homens sérios sustentarem semelhante tese que arruina sua própria doutrina.

O Espiritismo, portanto, não descobriu, nem inventou os Médiuns, mas descobriu as leis da mediunidade, e a explica. Assim é que é a verdadeira chave para a inteligência do Antigo e do Novo Testamento, onde há muitíssimos fatos desse gênero; foi por falta de ter essa chave, que foram feitos, sobre as Escrituras, tantos comentários contraditórios, que nada explicaram. A incredulidade ia, sem cessar, crescendo com relação a esses fatos e invadindo mesmo a Igreja; doravante serão admitidos como fenômenos naturais, uma vez que se reproduzem em nossos dias pelas leis agora conhecidas. Temos, pois, razão em dizer que o Espiritismo é uma ciência positiva que destrói os últimos vestígios do maravilhoso.

Suponhamos que se tivessem perdido os livros dos Antigos, que nos explicam ateogonia paga ou mitologia, compreender-se-ia hoje o sentido das inumeráveis inscrições que se descobrem, cada dia, e que se reportam mais ou menos a essas crenças? Compreender-se-iam a destinação, os motivos de estrutura da maioria dos monumentos dos quais vemos os restos? Saber-se-ia o que representam a maioria das estátuas e os baixo-relevos? Não, seguramente; sem o conhecimento da mitologia, todas essas coisas seriam para nós letras mortas, como a escrita cuneiforme e os hieróglifos egípcios. A mitologia é, pois, a chave com a ajuda da qual reconstruímos a história do passado por meio de um fragmento de pedra, como Cuvier, com um osso, reconstruiu um animal antediluviano. Porque não cremos mais nas fábulas das divindades pagas, é preciso por isto negligenciar ou menosprezar a mitologia? Aquele que emitisse um tal pensamento seria tratado de bárbaro.

Pois bem! o Espiritismo, como crença na existência e na manifestação das almas, como meio de conversar com elas; o magnetismo, como meio de cura; o sonambulismo, como dupla vista, eram muito difundidos na antigüidade, e se misturaram a todas as teogonias, mesmo a teogonia judaica e mais tarde cristã; nelas são feitas alusão a uma

multidão de monumentos e inscrições que nos restam. O Espiritismo, que abarca ao mesmo tempo o magnetismo e o sonambulismo, é um facho para a arqueologia e o estudo da antigüidade. Estamos mesmo convencidos de que é uma fonte fecunda para a inteligência dos hieróglifos, porque essas crenças eram muito difundidas no Egito, e seu estudo fazia parte dos mistérios ocultos ao vulgo. Eis alguns fatos em apoio desta assertiva.

Um de nossos amigos, sábio arqueólogo que reside na África, e que é ao mesmo tempo um Espírita esclarecido, encontrou, há alguns anos, nos arredores de Sétif, uma inscrição tumular cujo sentido era absolutamente ininteligível sem o conhecimento do Espiritismo.

Lembramo-nos de ter visto no Louvre, faz isto muito tempo, uma pintura egípcia representando um indivíduo deitado e adormecido, e um outro de pé, os braços e os dedos dirigidos para o primeiro, sobre o qual fixava seus olhares, na atitude exata de um homem que faz passes magnéticos. Ter-se-ia dito esse desenho decalcado sobre a pequena vinheta que o Sr. barão Dupotet colocou outrora sobre o frontispício de seu *Journal du Magnétisme.* Para todo magnetizador, não tinha em que se enganar sobre o assunto desse quadro; para quem não tivesse conhecido o magnetismo, não havia sentido. Só o fato provaria, se disso não se tivesse uma multidão de outros, que os antigos Egípcios sabiam magnetizar, e que o faziam quase como nós. Isso fazia parte, pois, de seus costumes, uma vez que estava consagrado sobre um monumento público. Sem o magnetismo moderno, que nos deu a chave de certas alegorias, não o saberíamos.

Uma outra pintura egípcia, igualmente no Louvre, representa uma múmia de pé, enrolada com faixinhas; um corpo da mesma forma e grandeza, mas sem faixinhas, destacado pela metade, como se sais-se da múmia, e um outro indivíduo colocado adiante, parecia atraí-lo para si. Não conhecíamos, então, o Espiritismo, e nos perguntávamos o que isso podia significar.

É claro hoje que essa pintura alegórica representa a alma separando-se do corpo, conservando em tudo a aparência humana, e cujo desligamento é facilitado pela ação de uma outra pessoa encarnada ou desencarnada, assim como nos ensina o Espiritismo.

Não acrediteis no Espiritismo, se o quiserdes; considerai que isso seja uma quimera: ninguém vo-lo impõe; estudai-o como estudaríeis a mitologia, a título de simples informação, e rindo da credulidade humana, e vereis quais horizontes ele vos abrirá, por pouco que sejais um homem sério.

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS.

O REPOUSO ETERNO

(Sociedade de Paris, 13 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Leymarie.)

Quando deixei meu envoltório terrestre, pronunciaram-se sobre minha tumba vários discursos, e todos estavam marcados pela mesma idéia. Sonnez, meu amigo, dizia um, ide gozar do repouso eterno. Alma, dizia o padre, repousai na contemplação divina. Amigo, repetia o terceiro, dorme em paz depois de tua vida tão bem cumprida. Enfim, era o repouso eterno contínuo que ressaltava do fundo de tantos adeuses tocantes.

O repouso eterno! que se entendia por esta expressão e que se entende pelas mesmas palavras continuamente repetidas a cada desaparecimento na terra de um homem que dela vai ao desconhecido?

Ah! nós nos repousamos, dizeis, meus amigos; estranho erro! compreendeis o repouso à vossa maneira. Olhai ao vosso redor, o repouso existe? As árvores neste

momento vão se despojar de seus envoltórios encantadores; tudo geme nesta estação; a Natureza parece se preparar para a morte, e, no entanto, procurando-se, encontra-se a vida em preparação sob essa morte aparente; tudo se depura nesse grande laboratório terrestre, e a seiva e a flor, o inseto e o fruto, tudo o que deve ornamentar e fecundar.

Essa montanha, que parece ter a imobilidade eterna, não repousa; as moléculas infinitas que a compõem cumprem um trabalho enorme; elas tendem, umas a se agregarem, outras a se separarem; e essa lenta transformação primeiro causa o espanto, e em seguida a admiração do pesquisador que encontra em tudo instintos diversos e mistérios a explorar. E se a Terra se agita assim em suas entranhas, é que esse grande cadinho elabora e prepara o ar que respirais, os gases que devem sustentar a Natureza inteira; é que ela imita os milhões de planetas que percebeis no espaço e dos quais cada dia os movimentos, o trabalho contínuo, obedecem à vontade soberana; sua evolução é matemática, e se encerram outros elementos do que aqueles que vos fazem agir, ide! crede-o, esses elementos trabalham para a sua depuração, para a sua perfeição.

Sim, para a sua perfeição; porque é a palavra eterna; a perfeição é o objetivo, e para atingi-lo, átomos, moléculas, seiva, minerais, árvores, animais, homens, planetas e Espíritos se empenham nesse movimento geral, que é admirável por sua diversidade, porque é a harmonia; todas as tendências vão ao mesmo objetivo, e esse objetivo é Deus, centro de toda atração.

Depois de minha partida da Terra, minha missão não está cumprida; procuro e trabalho cada dia; meu pensamento engrandecido abarca melhor a força dirigente; sinto-me melhor fazendo o bem, e tudo como eu as legiões inumeráveis de Espíritos preparam o futuro. Não creiais no repouso eterno! aqueles que pronunciam estas palavras não lhes compreendem o vazio. Vós todos que me ouvis, podeis matar o pensamento, forçá-lo ao repouso? Oh! não; o vagabundo procura e procura sempre, e não se desagrada com os amáveis e úteis malabaristas que negam o Espírito e seu poder, o Espírito existe, nós o provamos e o provaremos melhor quando chegar a hora. Nós lhes ensinaremos, a esses apóstolos da incredulidade, que o homem não é o nada, uma agregação de átomos reunidos por um acaso e destruídos de um mesmo modo; nós lhes mostraremos o homem irradiando por sua vontade e seu livre arbítrio, senhor de seus destinos, *e* elaborando na geena terrestre o poder de ação necessário a outras vidas, a outras provas.

SONNEZ.

NOTÍCIAS BIBLIOGRÁFICAS

No prelo para aparecer em alguns dias

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO
POR ALLAN KARDEC

3ª edição
REVISTA, CORRIGIDA E MODIFICADA.

Esta edição foi objeto de um remanejamento completo da obra. Além de algumas adições, as principais mudanças consistem numa classificação mais metódica, mais clara e mais cômoda das matérias, o que lhe torna a leitura e as pesquisas mais fáceis.

LA GAZETTE DU MIDI DIANTE DO ESPIRITISMO.
A PROPÓSITO DOS IRMÃOS DAVENPORT

ESTUDO FILOSÓFICO

Por Ernest ALTONY

Brochura in-8°. Preço: 1 fr., pelo correio 1 fr. 20. - Marseille, casa Mengelle, livreiro, 32 *bis,* rua Longue-des-Capucins.

Vende-se em proveito das famílias vítimas do cólera. Para receber esta brochura basta mandar 1 fr. 20c. em selos postais ao Sr. Altony, casa do Sr. Mengelle, livreiro em Marseille.

AVISO

O Sr. LEDOYEN, livreiro em Paris (Palais-Royal), tendo se retirado dos negócios *e* não tendo sucessor, todos os pedidos de assinaturas ou outros, que lhe foram endereçados ficaram sem efeito.

ALLAN KARDEC

REVISTA ESPIRITA

JORNAL

DE ESTUDOS PSICOLÓGICOS

8º ANO | **NO. 11** | **DEZEMBRO 1865**

ABRI-ME!

APELO DE CAPITA.

Escrevem-nos de Lyon:

"... O Espiritismo, este grande traço de união entre todos os filhos de Deus, nos abriu um tão largo horizonte, que podemos olhar, de um ponto a outro, todos esses corações esparsos que as circunstâncias colocaram no oriente e no ocidente e vê-los estremecer a um único chamado de Cárita. Lembro-me ainda da profunda emoção que senti quando, no ano último, a *Revista Espírita* nos deu conta da impressão que havia produzido, em todas as partes da Europa, uma comunicação deste excelente Espírito. Sem dúvida, poder-se-á dizer tudo o que se queira contra o Espiritismo: é uma prova de que ele cresce, porque, geralmente, não se ataca às pequenas causas, mas aos grandes efeitos. De resto, que são esses ataques senão como a cólera de uma criança que lança pedras no oceano para impedi-lo de fazer barulho, e os detratores do Espiritismo não desconfiam quase que, em denegrindo a Doutrina, fazem todos as despesas de uma propaganda que dá a todos aqueles que o lêem a vontade de conhecer esse temível inimigo que tem por palavra de ordem: Fora da caridade não há salvação...

Esta carta era acompanhada da comunicação seguinte, ditada pelo Espírito *de Cárita, o* eloqüente e gracioso coletor de esmolas que *os* bons corações conhecem tão bem.

(Lyon, 8 de novembro de 1865.)

"Faz frio, chove, o vento sopra muito forte, abri-me.

"Fiz um longo caminho através do país da miséria, e retorno, o coração pisado, as espáduas carregadas com o fardo de todas as dores. Abri-me bem depressa, meus amados, vós que sabeis que quando a caridade bate à vossa porta, é que ela encontrou muitos infelizes em seu caminho. Abri vosso coração para receber minhas confidencias; abri vossa bolsa para secar as lágrimas de meus protegidos, e escutai-me com essa emoção que a dor faz subir de vossa alma aos vossos lábios. Oh! vós que sabeis o que Deus reserva, e que, freqüentemente, chorais essas lágrimas de amor que o Cristo chamava o orvalho da vida celeste, abri-me!... Obrigada! entrei.

"Esta manhã, eu parti; chamavam-me de todos os lados, e o sofrimento tem a voz tão vibrante que um único chamado basta. Minha primeira visita foi para dois pobres velhos: o homem e a mulher. Ambos viveram desses longos dias onde o pão se faz raro, onde o sol se esconde, onde o trabalho falta aos braços corajosos que o chamam; eles esconderam sua miséria sob o foco da dignidade, e ninguém pôde adivinhar que,

freqüentemente, o dia se escoava sem trazer seu pão cotidiano. Depois que a idade chegou, os membros se enrijeceram, os olhos se velaram, e o senhor que fornecia o trabalho, disse: Eu não tenho mais nada a fazer. No entanto, a morte não veio, e a fome e o frio se fazem, cada dia, os visitantes habituais da pobre morada. Como responder a esta miséria? Proclamando-a? Oh! não. Há feridas que não se curam arrancando o curativo que as cobre. O que acalma o coração é uma palavra de consolo dita por uma voz amiga que a adivinhou, com sua alma, o que se esconde a seus olhos. Por esses pobres, abri-me!

"Aliás, vi uma mãe dividir seu único pedaço de pão entre três criancinhas, e como o pedaço era um pouco exíguo, não guardou nada para si. Vi a lareira apagada, o quarto sem seu mobiliário; vi os membros tiritando sob um envoltório gasto; vi o marido entrar na casa sem ter encontrado trabalho; vi, enfim, o último filho morrer sem socorro, porque o pai e a mãe são Espíritas e deveram sofrer as humilhações das obras de beneficência.

"Vi a miséria em sua hedionda aflição; vi os corações se atrofiarem, e a dignidade se extinguir sob o verme roedor da necessidade de viver. Vi as criaturas de Deus renegarem sua origem mortal, porque não compreendiam a prova. Vi, enfim, o materialismo crescer com a miséria, e em vão gritei: Abri-me, eu sou a caridade; venho a vós com o coração cheio de ternura; não choreis mais, venho vos consolar; mas o coração dos infelizes não me ouviram, suas entranhas tinham muita fome!

"Então me aproximei de vós, meus bons amigos, de vós que me escutastes, de vós que sabeis que Cárita é a mendiga para os pobres, e eu vos disse: Abri-me!

"Venho de vos contar o que vi em minha longa jornada, e, disso vos peço, tende por meus pobres um pensamento, uma palavra, uma doce recordação, a fim de que à noite, na hora da prece, eles não durmam sem dizerem obrigado a Deus, porque lhes tereis sorrido de longe. Os pobres, vós o sabeis, são a pedra de toque que Deus envia sobre a Terra para provar o vosso coração; não os repilais, a fim de que um dia, quando tiverdes passado o limiar que conduz ao espaço, Deus vos reconheça por corações sem impureza, e vos admita na morada dos eleitos! –

CÁRITA."

Fazemo-nos com alegria os intérpretes da boa Cárita, e esperamos que ela não tenha dito em vão: Abri-me! Se ela bate à porta com tanta insistência, é que o inverno a toca também de seu lado.

SUBSCRIÇÃO

EM PROVEITO DOS POBRES DE LYON E DAS VÍTIMAS DO CÓLERA,

Aberta no escritório da Revista Espírita.

Este ano, uma causa de sofrimentos veio juntar-se aos rigores do inverno que avança a grandes passos. Sem dúvida, a solicitude da autoridade são se mostrou mais inteligente e mais previdente do que nesta última invasão do flagelo, com respeito àqueles que por ele são atacados; prontidão e sábia distribuição dos socorros médicos e outros, nada faltou sob esses aspecto; é uma justiça que todos se comprazem em lhe prestar. Também, graças às medidas tomadas, sua devastação foi rapidamente circunscrita; mas ele deixa atrás de si traços cruéis de sua passagem nas famílias pobres, e os mais a se lamentar não são aqueles que sucumbiram. E ali, sobretudo, que a caridade privada é necessária.

O estado das quantias recebidas e sua repartição são submetidos ao controle da Sociedade Espírita de Paris.

OS ROMANCES ESPÍRITAS.

Espírita, porTHEOPHILE GAUTIER. – *A dupla vista,* por ÉLIE BERTHET.

Quem diz romance, diz obra de imaginação; a própria essência do romance é representar um assunto fictício quanto aos fatos e aos personagens; mas mesmo nesse gênero de produções, há regras de cujo bom senso não permite se afastar, e que, unidas às qualidades do estilo, dele fazem o mérito. Se os detalhes não são verdadeiros em si mesmos, devem pelo menos ser verossímeis e em perfeito acordo com o meio onde se coloca a ação. -

Nos romances históricos, por exemplo, a manutenção estrita da cor local é de rigor, e há anacronismos que não seriam toleráveis; o leitor deve poder se transportar, pelo pensamento, ao tempo e nos lugares dos quais se fala e deles fazer uma idéia justa. Aí está o grande talento de Walter Scott; lendo-o a pessoa se encontra em plena Idade Média; se tivesse atribuído os fatos e gestos de François I a Louis XI, ou mesmo se tivesse feito falar este último e os personagens de sua corte como ao tempo da renascença, o mais belo estilo não teria podido resgatar de tais erros.

Ocorre o mesmo com os romances de costumes; seu mérito está na verdade das pinturas, porque seria do último ridículo prestar a um sujeito Espanhol os hábitos e o caráter dos Ingleses.

À primeira vista, o romance parece ser o gênero mais fácil; temo-lo por mais difícil do que a história, embora menos sério; o historiador tem seu quadro traçado pelos fatos dos quais não pode se afastar uma linha; o romancista tudo deve criar; mas sempre se pensa que basta um pouco de imaginação e de estilo para fazer um bom romance; aí está um grave erro; é preciso muita instrução. Para fazer sua Notre-Dame, Victor Hugo devia conhecer sua velha Paris arqueológica tão bem quanto a sua Paris moderna.

Pode-se fazer romance sobre o Espiritismo como sobre todas as coisas; dizemos mesmo que quando for conhecido e compreendido em sua essência, fornecerá às letras e às artes inesgotáveis fontes de poesia encantadora; mas isso não seria certamente que não vêem senão nas mesas que giram, nas cordas dos irmãos Davenport, ou nos malabarismos dos charlatães. Como para os romances históricos ou de costumes, é indispensável conhecer a fundo o plano sobre o qual se quer bordar, a fim de não fazer contra-senso, que seriam tantas provas de ignorância; tal é o músico que faz variações sobre um tema de música que se deve sempre reconhecer através das adições da fantasia. Aquele, portanto, que não estudou afundo o Espiritismo, em seu espírito, em suas tendências, em suas máximas tão bem quanto em suas formas materiais, é também próprio para fazer um romance espírita de algum valor quanto teria tido Lesage de fazer Gil Blas, se não tivesse conhecido a história e os costumes da Espanha.

É, pois, necessário, para isso, ser Espírita crente e fervoroso? Não, de maneira alguma; basta ser verídico, e não se pode sê-lo sem saber. Para fazer um romance árabe, certamente, não se tem necessidade de ser muçulmano, mas é indispensável conhecer bastante a religião muçulmana, seu caráter, seus dogmas e suas práticas, assim como os costumes que deles decorrem para não fazer agir e falar os Africanos como cavaleiros franceses; mas ocorre que crêem que basta, para dar a marca da raça, prodigalizar a torto e a direito os *Allah* os nomes de *Fatime* e de *Zuléma,* porque é quase tudo o que sabem do Islamismo. Em uma palavra, se não é preciso ser muçulmano, é preciso se impregnar do espírito do muçulmano, como para fazer uma obra espírita, mesmo fantástica, é preciso se impregnar do espírito do Espiritismo; é preciso, enfim, que lendo um romance espírita, os Espíritas possam se reconhecer, como os Árabes deverão se reconhecer num romance árabe, e poder dizer: é isso; mas nem uns nem os outros não

se reconhecerão se estiverem travestidos, e o autor não terá feito senão uma obra informe, como se um pintor pintasse as senhoras francesas em costumes chineses.

Estas reflexões nos foram sugeridas a propósito do romance-folhetim que o Sr. Théophile Gautier publica neste momento no grande *Moniteur,* sob o título de *Espírita.* Não temos a honra de conhecer pessoalmente o autor; mas sabemos quais são suas convicções ou seus conhecimentos com respeito ao Espiritismo; sua obra, que está no início, não permite ainda ver-lhe a conclusão. Diremos somente que se não encarasse seu assunto senão sob o único ponto de vista, o das manifestações, negligenciando o lado filosófico e moral da Doutrina, não responde à idéia geral e complexa que seu título, se bem que esse nome de *Espírita* seja de um de seus personagens. Se os fatos que imagina para a necessidade da ação não se encerrassem nos limites traçados pelas experiência; se os apresentasse como se passando em condições inadmissíveis, sua obra careceria de verdade, e faria supor que os Espíritas crêem nas maravilhas dos contos das *Mil e uma Noites.* Se emprestasse aos Espíritas práticas e crenças que estes *condenam,* ela não seria imparcial, e, sob esse ponto de vista, não seria uma obra literária séria.

A Doutrina Espírita não é secreta como a da maçonaria; ela não tem mistérios para ninguém, e se mostra à luz da publicidade; ela não é nem mística, nem abstrata, nem ambígua, mas clara e ao alcance de todo o mundo; nada tendo de alegórica, não pode dar lugar nem aos equívocos nem às falsas interpretações; ela diz decididamente o que admite e o que não admite; os fenômenos cuja possibilidade reconhece não são nem sobrenaturais, nem maravilhosos, mas fundados sobre as leis da Natureza; de sorte que ela não faz nem milagres nem prodígios. Aquele, pois, que não a conhece ou quem se engana sobre suas tendências, é que não quer se dar ao trabalho de conhecê-la. Esta claridade e esta vulgarização dos princípios espíritas, que contam adeptos em todos os países e em todas as classes da sociedade, são a mais peremptória refutação das diatribes de seus adversários, porque não há uma única de suas alegações errôneas que não encontre nela uma resposta categórica. O Espiritismo não pode, pois, senão ganhar em ser conhecido, e é no que trabalham, sem o querer, aqueles que crêem arruiná-lo por ataques desprovidos de todo argumento sério. Os desvios de conveniência na linguagem produzem um efeito todo contrário àquele que se propõe; o público os aprecia, e isto não é em favor daqueles que se os permitem; quanto mais agressão e violência, mais ela leva pessoas a perguntar pela verdade, e isto mesmo nas classes da literatura hostil. A calma dos Espíritas diante desse levante geral; o sangue-frio e a dignidade que conservaram em suas respostas, fazem com a acrimônia de seus antagonistas um contraste que toca mesmo os indiferentes, e têm lançado a incerteza nas fileiras opostas, que contam hoje mais de uma deserção.

O romance espírita pode ser considerado como uma transação passageira entre a negação e a afirmação. É preciso uma coragem real para enfrentar e desafiar o ridículo que se liga às idéias novas, mas esta coragem vem com a convicção; mais tarde, disso estamos convencidos, das fileiras de nossos adversários da imprensa sairão os combatentes sérios da Doutrina.

Quando as tendências da obra do Sr. Théophile Gautier forem melhor desenhadas, dela daremos a nossa apreciação do ponto de vista da verdade espírita.

As reflexões acima se aplicam naturalmente às obras do mesmo gênero sobre o magnetismo e o sonambulismo. A *dupla vista* forneceu recentemente, ao Sr. *Élie Berthet,* o assunto de um romance muito interessante publicado pelo *Siècle, e* que, ao talento do escritor, juntou o mérito da exatidão. O autor, incontestavelmente, deve ter feito um estudo sério dessa faculdade; para descrevê-la como ele o faz, é preciso ter visto e bem observado. Poder-se-ia, no entanto, censurar-lhe um pouco do exagero na extensão que dá em certos casos. Um outro erro, em nossa opinião, é o de apresentá-la como uma doença; ora, uma faculdade natural, qualquer que ela seja, pode coincidir com um estado

patológico, mas não é uma doença por si mesma, e a prova disto é que uma multidão de pessoas dotadas no mais alto grau da dupla vista, se portam perfeitamente bem. A heroína é aqui uma jovem tísica e cataléptica: está aí o seu mal verdadeiro. A faculdade da qual ela goza causou infelicidades pelos desprezos que dela foram a conseqüência, é porque deplora o dom *funesto* que recebeu; mas esse dom não foi funesto senão pela ignorância, a inexperiência e a imprudência daqueles que dele desastradamente se serviram; deste ponto de vista, não há uma única de nossas faculdades que não possa se tornar um presente funesto pelo mau uso ou as falsas aplicações que se podem delas fazer.

Feitas estas reservas, diremos que o fenômeno está perfeitamente descrito; está bem ali essa visão da alma liberta que não conhece as distâncias, que penetra a matéria como um raio de luz penetra os corpos transparentes, e que é a prova patente e visível da existência e da independência do princípio espiritual; está bem ainda ali o quadro da estranha transfiguração que se opera no êxtase, dessa prodigiosa lucidez que confunde por sua precisão em certos casos, e que confunde pelas ilusões que às vezes produz. Entre os atores do drama, é a pintura o mais verdadeiro dos sentimentos que agitam os crentes, os incrédulos, os incertos e os espantados. Há ali um médico que flutua entre o ceticismo e a crença, mas homem de bom senso, que não crê que a ciência tenha dito sua última palavra, ele observa, estuda, e constata os fatos. Sua conduta durante as crises da jovem atesta sua prudência. Há também a desonra dos exploradores que ali são justamente fustigados.

O autor teria feito uma obra incompleta, se tivesse negligenciado o lado moral da questão. Seu objetivo não é de espicaçar a curiosidade por fatos extraordinários, mas deles deduzir as conseqüências úteis e práticas. Um episódio, entre outros, prova que cumpriu perfeitamente essa parte de seu programa.

A jovem vidente descobre num subterrâneo papéis importantes que devem pôr fim a um sério processo de família; ela descreve os lugares e as circunstâncias com minúcias; feitas as escavações, conforme suas indicações, provam que ela viu muito bem; encontram-se os papéis e o processo acaba em nada. Notamos de passagem que é espontaneamente que ela faz essa descoberta, solicitada que foi pelo interesse que leva à família, e não em conseqüência de solicitações. O título principal consistia em uma carta em velho estilo, da qual dá uma leitura *textual e completa* com tanta facilidade quanto se a tivesse sob os olhos. É aí, sobretudo, que a sua faculdade nos parece produzir um pouco de exagero.

Mais longe ela vê um outro subterrâneo onde estão imensos tesouros dos quais explica a origem. Para ali chegar, é preciso atravessar uma outra cripta, cheio de restos humanos, restos das numerosas vítimas dos tempos feudais. Nada, até ali, que não seja provável; o que não o é de todo, é que as almas dessas vítimas ali tenham permanecido fechadas há séculos e possam se erguer ameaçadoras diante daqueles que viessem perturbar seu sombrio repouso para irem procurar o tesouro; aí está o fantástico. Que sejam os carrascos, nisso não há nada de surpreendente. Sabemos, por numerosos exemplos, que tal é freqüentemente o castigo *temporário* dos culpados, condenados a permanecer sobre o próprio lugar e em presença de seus crimes, até que, tocados de arrependimento, elevem seus pensamentos a Deus para implorar a sua misericórdia; mas aqui são as vítimas inocentes que seriam punidas, o que não é racional.

O proprietário do castelo, velho avarento, atraído pela descoberta dos papéis, quer perseguir as escavações; elas são difíceis, perigosas para os operários: nada o detém. A vidente lhe suplica em vão renunciar a isso; lhe prediz que, se persistir, se tornará infeliz. Aliás, acrescenta ela, não triunfareis. - Esses tesouros não existem, pois? disse o avaro. - Eles existem tais como os descrevi, eu o certifico; mas, ainda uma vez, a eles não chegareis. - Quem me impedirá isto? - As almas que estão na cava que é preciso atravessar.

O velho avarento, cético endurecido, admitia bem a visão extra-corpórea da jovem, sem muito se explicar, porque disso viera de ter a prova às suas custas, os papéis encontrados o tinham indeferido em suas pretensões no processo, mas acreditava mais no dinheiro do que nas forças invisíveis. Ele continua: Com que direito se me opuseram? Estes tesouros me pertencem, uma vez que estão em minha propriedade. - Não; eles serão descobertos um dia, sem dificuldade, por aquele que deve gozá-los; mas não é a vós que eles se destinam; eis porque não triunfareis. Eu vo-lo repito, se persistirdes, vos tomareis infeliz.

Aqui está o lado essencialmente moral, instrutivo e verdadeiro do relato. Essas palavras parecem emprestadas do *Livro dos Médiuns,* no artigo sobre o concurso dos Espíritos para a descoberta dos tesouros; "Se a Providência destina os tesouros ocultos a alguém, este os encontrará *naturalmente,* de outro modo não." (Cap. XXVI, *n-* 295.) Não há exemplo, com efeito, que os Espíritos ou os sonâmbulos hajam facilitado semelhantes descobertas, não mais do que a recuperação de heranças, e todos aqueles que, embalados com essa esperança, fizeram semelhantes tentativas, o foram por suas dificuldades e o bom dinheiro que dispensaram. Tristes e freqüentemente cruéis decepções esperam aqueles que fundam a esperança de se enriquecerem por semelhantes meios. Os Espíritos não têm por missão favorecer a cupidez e nos proporcionar a riqueza sem o trabalho, o que não seria nem justo nem moral. Sem dúvida, o sonâmbulo lúcido vê, mas o que lhe é permitido ver, e os Espíritos podem obliterar sua lucidez, ou colocar obstáculos ao cumprimento das coisas que não estão nos desígnios da Providência. No caso de que se trata, foi permitido encontrar os papéis que deveriam pôr um fim às dissenções de família; não o foi de encontrar tesouros que não deveriam servir senão para satisfazer a cupidez; Eis porque o velho avarento pereceu vítima de sua obstinação.

As terríveis peripécias do drama imaginado pelo Sr. Élie Berthet, não são tão fantásticas quanto se poderia crê-lo; elas lembram as mais reais do que as sofridas pelo Sr. Borreaux, de Niort, nas pesquisas da mesma natureza, e cujo emocionante relato se encontra em sua brochura intitulada: *Como e porque me tornei Espírita.* (Ver nosso relatório, Revista de dezembro de 1864.)

Uma outra instrução, não menos importante, ressalta do livro do Sr. Élie Berthet. A jovem viu coisas positivas, e numa outra circunstância grave ela se engana atribuindo um crime a uma pessoa inocente. Que conseqüência disso quis tirar o autor? É a negação da faculdade? Não, uma vez que, ao lado disso, ele a prova; mas essa conclusão, justificada pela experiência, de que a lucidez mais experimentada não é infalível, e que não se poderia nela fiar de maneira absoluta, sem controle. A visão, pela alma, de coisas que o corpo não pode ver, prova a existência da alma; é já um resultado bastante importante; mas ela não pode dar pela satisfação das paixões humanas.

Por que, pois, a alma, em seu estado de emancipação, não vê sempre justo? É que o homem sendo ainda imperfeito, sua alma não pode gozar das prerrogativas da perfeição. Embora isolada, ela participa das influências materiais, até a sua completa depuração. Se assim ocorre com almas desencarnadas ou Espíritos, com mais forte razão com aquelas que ainda estão ligadas à vida corpórea. Eis o que faz conhecer o Espiritismo àqueles que se dão ao trabalho de estudá-lo.

MODO DE PROTESTO DE UM ESPÍRITA CONTRA OS ATAQUES DE CERTOS JORNAIS.

Um de nossos correspondentes nos escreve o que segue:

"Eis o que escrevi, há dois anos, ao Sr. Nefftzer, diretor do jornal *lê Temps:*

"Eu era assinante de vosso jornal, cujas tendências e opiniões me eram simpáticas; é, pois, com pesar que não continuo minha assinatura; permiti-me de vos dar os motivos. No vosso número de 3 de junho, vos esforçastes em lançar o ridículo sobre o Espiritismo e os Espíritas, contando uma história mais ou menos autêntica, sem citar nem nomes, nem data, nem lugar, o que é cômodo. Procurais estabelecer, tema hoje obrigatório dos materialistas, incomodados enormemente pelo Espiritismo, que esta crença leva à loucura. Sem dúvida, os espíritos fracos, tendo já tendências a um desarranjo das faculdades cerebrais, puderam perder inteiramente a cabeça em se ocupando do Espiritismo, como lhes teria ocorrido sem isto, e como isto ocorre àqueles que se ocupam de química, de física ou astronomia, e mesmo aos escritores que não crêem nos Espíritos. Não nego, não mais, que haja charlatães que exploram o Espiritismo, por que qual é a ciência que possa escapar ao charlatanismo? Não temos charlatães literários, industriais, agrícolas, militares, políticos, destes últimos sobretudo? Mas concluir daí contra o Espiritismo em geral, é pouco lógico e pouco sensato. Antes de lançar uma acusação dessa natureza, seria preciso conhecer *a* coisa da qual se fala; mas isto não é senão, muito freqüentemente, a menor das preocupações .daquele que escreve; decide-se, decide-se a torto e a direito o que é mais fácil do que aprofundar e aprender.

"Se jamais sentistes grandes infelicidades, vivas dores, crede-me, senhor, estudai o Espiritismo; só ali encontrareis a consolação e as verdades que vos farão suportar vossos desgostos, vossas decepções ou vossos desesperos, o que valeria mais do que o suicídio. Que gostaríeis nos dar de melhor do que essa bela e consoladora filosofia cristã? O culto dos interesses materiais, do bezerro de ouro? Talvez seja o que convém ao temperamento da generalidade dos felizes do dia, mas é preciso outra coisa para aqueles que não querem mais o fatalismo, a superstição, as práticas ridículas e grosseiras da Idade Média, quanto do ateísmo, do panteísmo, e da incredulidade sistemática do décimo-oitavo e do décimo-nono séculos.

"Permiti-me, senhor, vos convidar a ser mais prudente em vossas diatribes contra o Espiritismo, porque elas se dirigem hoje, só na França, a alguma coisa como trezentas ou quatrocentas mil pessoas.

"BLANC DE LALÉSIE,
"Proprietário em Genouilly perto de Joncy (Saône-et-Loire)."

"Os jornais nos informaram, há poucos dias, da morte do único filho do Sr. Nefftzer. Eu não sei se essa infelicidade o terá feito lembrar de minha carta.

"Venho de digirir, ao Sr. Émile Aucante, administrador do jornal *1'Univers illustré,* a carta adiante:

"Sou assinante, há dezoito meses, do l*'Univers illustré,* e desde essa época, não há quase números onde vosso cronista de pseudônimo Gérôme não haja julgado útil, para ocupar sua pena, de ridicularizar, sobre todos os tons, o Espiritismo e os Espíritas. Até aí, essa diversão, um pouco fastidiosa pela sua freqüência, é muito inocente: o Espiritismo não se porta ali pior. Mas, o Sr. Gérôme, percebendo, sem dúvida, que se inquieta pouco com seus gracejos, muda a linguagem, e, no número de 7 de outubro, trata todos os Espíritas em massa de idiotas; do gracejo, passa à injúria, e não teme de insultar milhares de pessoas também instruídas, também esclarecidas, também inteligentes quanto ele. porque crêem ter uma alma imortal e pensam que esta alma, numa outra vida, será recompensada ou punida segundo seus méritos ou seus deméritos. O Sr. Gérôme não tem semelhantes preconceitos; fez, pois! Sem dúvida, ele crê que come, que bebe, que reproduz sua espécie, nem mais nem menos do que meu cão ou meu cavalo; disso lhe dou muito minha felicitação.

"Se o Sr. Gérôme se dignasse receber um conselho, me permitiria convidá-lo a não falar senão das coisas que conhece, e calar-se sobre as que não conhece, ou pelo

menos, estudá-las, o que lhe seria fácil com sua alta e incontestável inteligência. Ele aprenderia, do que não duvido certamente, que o Espiritismo não é outra coisa que o Cristianismo desenvolvido, e que as manifestações dos Espíritos, que foram de todos os tempos, nada fazem à doutrina, que por isso não existe menos, com ou sem manifestações.

"Mas que falo eu de Espíritos a um homem que não crê senão no seu, e que ignora talvez se tem uma alma! Enfim, que o Sr. Gérôme esteja enrolado sob a bandeira do materialismo, do panteísmo ou do paganismo, - este último valeria mais, porque nele se crê, pelo menos na existência da alma e na vida futura, pouco importa! Mas, que saiba, respeitando *a* si mesmo, respeitar as crenças de seus leitores. É evidente que não me seria possível continuar a dar meu dinheiro para me fazer insultar, e se essas injúrias devem continuar, terei o desgosto de deixar de ser vosso assinante...."

O Sr. de Lalésie é modesto avaliando o número dos Espíritas da França em trezentos ou quatrocentos mil; teria podido dobrar este número sem exagero, e estaria ainda bem abaixo dos cálculos do autor de uma brochura que pretendia nos pulverizar, e o levava a 20 milhões. De resto, um recenseamento exato dos Espíritas é coisa impossível, pela razão de que não são arregimentados, que não formam nem uma corporação, nem uma incorporação, nem uma congregação, cujos membros são registrados e podem ser contados.

O Espiritismo é uma crença; quem crê na existência e na sobrevivência das almas, e na possibilidade das relações entre os homens e o mundo espiritual, é Espírita, e muitos o são intuitivamente, sem jamais terem ouvido falar nem do Espiritismo nem dos médiuns. É-se Espírita por convicção, como outros são incrédulos; por isto, não há de nenhum modo necessidade de fazer parte de uma sociedade, e a prova é que não há a milésima parte dos adeptos que freqüentam as reuniões. Para dele fazer o recenseamento, não há nenhum registro matrícula a consultar; seria preciso fazer, junto de cada indivíduo, uma enquete, com efeito de lhe perguntar o que pensa. Todos os dias se descobrem, pela conversação, pessoas simpáticas à idéia, e que só por isso são Espíritas, sem que tenham necessidade de terem um diploma ou de fazerem um ato público qualquer. O número deles cresce todos os dias; o fato é constatado pelos nossos próprios adversários, que reconhecem com temor que esta crença invadiu todas as classes da sociedade, desde o alto até o baixo da escala. É, pois, uma opinião com a qual é preciso contar hoje, e que tem isto de particular, que não está circunscrita nem a uma classe, nem a uma casta, nem a uma seita, nem a uma nação, nem a um partido político; ela tem representantes por toda a parte, nas letras, nas artes, nas ciências, na medicina, na magistratura, na advocacia, no exército, no comércio, etc.

O número dos Espíritas, na França, seguramente ultrapassa de muito o dos assinantes de todos os jornais de Paris; é evidente que entram por uma notável parte entre esses mesmos assinantes; é, pois, àqueles que o pagam que os senhores jornalistas dizem injúrias; ora, como o disse com razão o Sr. de Lalésie, não é agradável dar seu dinheiro para ouvir achincalhar ou injuriar; foi por isso que cessou suas assinaturas aos jornais onde *se* via maltratado em sua crença, e não há ninguém que não ache sua maneira de agir muito lógica.

Quer dizer que para agradar aos Espíritas os jornais devem adotar suas idéias? De nenhum modo. Todos os dias eles discutem opiniões que não compartilham, mas não injuriam àqueles que as professam. Esses escritores não são judeus, e, no entanto, não se permitiriam lançar o anátema e o desprezo sobre os judeus em geral, nem tornar sua crença em ridículo. Por que isto? Porque, dizem eles, é preciso respeitar a liberdade de consciência. Por que esta liberdade não existiria para os Espíritas? Não são cidadãos como todo o mundo? Reclamam eles exceções e privilégios? Não pedem senão uma coisa: o direito de pensarem como o entendem. Aqueles que inscrevem sobre sua

bandeira: Liberdade, igualdade, fraternidade, desejariam, pois, criar na França uma classe de párias?

COMO O ESPIRITISMO VEM SEM QUE SE O PROCURE.

JOVEM CAMPONESA MÉDIUM INCONSCIENTE.

É um fato adquirido pela experiência que os Espíritos agem sobre as pessoas que são mais estranhas às idéias espíritas, e com o seu desconhecimento; disto citamos muitos exemplos nesta revista. Não conhecemos um único gênero de mediunidade que não se tenha revelado espontaneamente, mesmo o da escrita. Como aqueles que atribuem todas essas manifestações ao efeito da imaginação ou do malabarismo, explicarão o fato seguinte.

A pequena aldeia de E..., no departamento do Aube, havia sido até estes últimos tempos bastante favorecida, por este tempo de epidemia moral, por ser preservada do flagelo do Espiritismo. Em nome mesmo dessa obra satânica jamais tinha ferido o ouvido de seus pacíficos habitantes, graças, sem dúvida, a que o cura do lugar não tinha julgado a propósito de pregar contra. Mas quem conta sem seu hóspede conta duas vezes; não seria preciso contar sem os Espíritos, que não têm necessidade de permissão. Ora, eis o que ocorreu, há cerca de quatro meses.

Nessa aldeia há uma jovem de dezessete anos, quase iletrada, filha de um pobre e honesto cultivador, e que, ela mesma, vai todos os dias trabalhar nos campos. Um dia, entrando em sua cabana, ela foi tomada de uma perturbação completa; depois, ela que não tinha escrito depois de sua saída da escola, veio-lhe a idéia de escrever; escrever o quê? Disto nada sabia, mas queria escrever. Uma idéia não menos bizarra lhe veio ao pensamento, a de procurar um lápis, embora soubesse bem que dele não havia em sua cabana, não mais do que a menor folha de papel.

Enquanto procurava dar-se conta da incoerência de suas idéias, e se esforçava por rejeitá-las, ela avista na lareira um tição carbonizado; ela se sente irresistivelmente levada a pegá-lo, depois, guiada, por uma força invisível, para parede branca de caiação; de repente seu braço se levanta maquinalmente, e traça sobre a parede, em caracteres bem legíveis, esta frase: "Arranja papel e canetas, e te servirás para te corresponderes com os Espíritos."

Coisa singular, embora não tendo jamais ouvido falar da manifestação dos Espíritos, ela não ficou surpresa com o que vinha de se passar; disso preveniu seu pai, que dela fala a um de seus amigos, humilde camponês como ele, mas dotado de uma grande perspicácia. Este veio com prudência constatar o fato; depois, como um Espírita experimentado, se bem que tão ignorante nessas matérias quanto a jovem, fez perguntas ao Espírito que tinha se manifestado, e que assinou o nome de um general russo. Este último convidou-os a se dirigirem aos Espíritas de Troyes para ter instruções mais completas, o que fizeram. Desde então a jovem é médium escrevente e obtém, além disso, efeitos físicos muito notáveis; um grupo espírita se formou nessa aldeia, e eis como o Espiritismo vem, bom grado ou malgrado, sem que se o peça.

A carta de nosso correspondente, que nos reporta este fato, termina dizendo: "Não dizia que, quanto mais os zombadores se empenham em enganarem a si mesmos, a Providência faz jorrar cada dia, como para confundi-los, manifestações que desafiam todas as negações e todas as interpretações da incredulidade?"

A Sociedade de Paris recebeu, a este respeito, a comunicação seguinte.

(Sociedade de Paris, 27 de novembro de 1865. - Médium, Sr. Morin.)

O poder de Deus é infinito, e se serve de todos os meios para fazer triunfar uma doutrina que está em tudo. Passou-se aqui um duplo fenômeno do qual vou tentar vos dar a explicação.

A jovem camponesa foi subitamente envolvida de um fluido poderoso que a constrangeu a abandonar momentaneamente suas ocupações diárias. Antes da manifestação do fenômeno, houve a preparação do sujeito, que foi magnetizado e conduzido, pela vontade do Espírito, a procurar um instrumento que sabia não existir na casa. Quando se curvou sobre a lareira para dela retirar o carvão que deveria substituir o lápis ausente, não fazia senão cumprir um movimento que lhe foi imposto pelo Espírito. Não era nem seu instinto, nem sua inteligência que agia, mas o próprio Espírito que se servia da jovem como de um instrumento apropriado ao seu fluido. Até ali ela não era, propriamente falando, médium; não foi senão da primeira advertência escrita por ela, que realmente se tornou e que não foi mais possuída pelo Espírito que a fazia agir à força. A partir desse momento, a mediunidade se tornou semi-mecânica, quer dizer que ela sabia e compreendia o que escrevia, mas não teria podido explicá-lo verbalmente. Em seguida os efeitos físicos se mostraram com uma tal força, que toda idéia de malabarismo deveria ser excluída. Nada viera demonstrar essa aptidão aos efeitos físicos, antes dos primeiros fenômenos; se esses efeitos tivessem, os primeiros, revelado a mediunidade, teriam podido ser desnaturados pela superstição. O homem que, como um Espírita consumado, colocava as perguntas ao Espírito, era ele mesmo conduzido por uma força da mesma natureza da que impelia o médium a escrever. Esta força, da qual não podia compreender a origem, dobrava seu poder evocador, unindo ao seu desejo de saber a lembrança das baladas supersticiosas fazendo falar e aparecer as almas dos mortos. Só um estudo sério dos princípios da Doutrina podem fazer compreender a esses novos adeptos o lado real, positivo e natural da coisa, afastando o que se poderia ali ver de sobrenatural e maravilhoso.

Eis, pois, os dois principais atores desses fatos que desempenharam seu papel com o seu desconhecimento. No que se passou, serviram de instrumentos tanto mais poderosos quanto eram ignorantes e sem idéias preconcebidas.

Vedes, meus amigos, que tudo concorre para fazer resplandecer a luz, e que os mais iletrados podem dar lições aos mais sábios.

(O *Guia do médium.)*

UM CAMPONÊS FILOSOFO.

Decididamente o Espiritismo invade os campos; os Espíritos querem provar sua existência tomando seus instrumentos por toda a parte, mesmo fora do círculo dos adeptos, o que destrói toda suposição de conivência. Acabamos de ver a Doutrina implantada na pequena aldeia do Aube, entre simples cultivadores, por uma manifestação espontânea. Eis um fato mais notável ainda sob um outro ponto de vista. Nosso colega, Sr. Delanne, escreveu-nos o que se segue:

".....Durante algumas horas que passei na aldeia, onde é aluno

meu menino, um vinhateiro me deu duas brochuras que havia publicado sob este título: *Idéias filosóficas naturais e espontâneas sobre a existência em geral, a partir do princípio absoluto até o fim dos fins, da causa primeira até o infinito,* por Chevelle pai, de Joinville (Haute-Marne): A primeira tem por objeto *Deus, os anjos, a alma do homem, a alma animal ou instintiva; a* segunda: as *forças físicas, os elementos, a organização, o movimento* (1-(1) Duas brochuras grandes in-12, preço: 1 fr. cada uma, na casa do autor, em Joinville (Haute-Marne; em Bar-le-Duc, casa Numa Rolin. - O autor anuncia que completará seu trabalho por cinco outras brochuras que farão ao todo um volume.)).

"Segundo esse título pomposo e os graves assuntos que ele abarca, credes ter negócio com o homem que empalideceu sobre os livros toda a sua vida; desenganai-vos, este filósofo metafísico é um humilde artesão, um verdadeiro filósofo de tamancos, porque ele vai, pelas aldeias, vender legumes e outros produtos agrícolas."

Eis algumas passagens de seu prefácio:

"Empreendi esta obra, porque pensei que seria de alguma utilidade para o público. O homem se deve ao seu semelhante; sua condição não é de viver isolado, e a sociedade tem o direito de reclamar de cada indivíduo a comunicação de seus conhecimentos; o egoísmo é um vício intolerável.

"A obra é inteiramente minha; não fui ajudado nem secundado por ninguém; nada copiei de ninguém; é o fruto das meditações de toda a minha vida... numerosas dificuldades se opuseram à execução de meu empreendimento; e eu não me dissimulei. A miséria, para mim, era a pior de todas; impedia-me de agir não me deixando o tempo; sempre suportei-a sem me lamentar; tinha aprendido o segredo de viver feliz sem fortuna, e esse segredo é sempre um melhor recurso.

"... Dei minhas idéias, porque eu as escrevi à medida que me vieram, natural e espontaneamente, à medida que me vieram pela reflexão e a meditação.

"... Em filosofia, não se demonstram todas as existências por cálculos matemáticos; não se medem os Espíritos com um metro e não se os olham pelo microscópio.

"... Não se deve esperar encontrar em meu livro um estilo nobre, extremamente brilhante. Não freqüentei escola; não estive senão na escola de minha aldeia. Quando se havia bem aprendido suas preces em latim e que se recitava bem seu catecismo, era-se bastante sábio.

"... Naqueles tempos, era ser extremamente sábio quando se sabia fazer as quatro operações; vinham vos procurar para agrimensar os campos. Aos dez anos eu era o primeiro da escola, e meu velho pai ficava orgulhoso de ver quando vinham me procurar para encontrar lugar onde seria preciso colocar uma baliza, ou para escrever um bilhete ou uma quitação.

"Estou, pois, no direito de pedir desculpas aos meus leitores pela trivialidade de minha linguagem: não aprendi as regras da retórica, e creio que o título de minha obra convém: *Idéias naturais.*

"íamos à escola de Todos-os-Santos até a Páscoa, e estávamos em férias, da Páscoa até Todos-os-Santos; mas como meu pai, tão pobre que era, não tinha medo de dispensar algum dinheiro para comprar-me livros, neles aprendia muito mais nos seis meses de férias, e deles me esquecia nos seis meses de aula."

Eis agora alguns fragmentos do capítulo sobre Deus:

"Deus é o único que pode dizer: Eu sou aquele que é; ele é um e é tudo; tudo existe dele, nele e por ele, e nada pode existir sem ele e fora dele. Ele é um e, no entanto, produziu o múltiplo e o divisível, um e o outro ao infinito... Se eu pudesse bem definir Deus, eu seria deus; mas não pode dele haver dois.

"Deus é um todo infinito, indivisível, eterno, imutável; não tem limite nem do pequeno nem do grande... um minuto e cem mil anos ou cem mil séculos, são a mesma coisa para Deus; a eternidade não admite partilha; para ele, não há nem passado nem futuro, *é um presente eterno; para Deus, o passado é ainda e o futuro já é;* ele vê todos os tempos no mesmo golpe; *não há ontem nem amanhã,* e ele disse, falando de seu Filho: eu vos produzi hoje. "A eternidade não se mede mais do que o infinito do espaço; são dois abismos onde não podemos chegar senão pela abstração, e nos perderíamos se quiséssemos penetrá-los; são florestas virgens sem caminhos. Somos forçados a parar lá chegando.

"Deus não pode deixar de criar, não seria senão um Deus sem ação se não criasse, e sua glória não seria senão para ele mesmo. Monotonia impossível. Deus criou eternamente, e o começo da criação, tomado no infinito, deve continuar no infinito.

"... Seria preciso que ele criasse as inteligências livres; porque qual seria a existência dos seres que pensam se não lhes fosse permitido pensar livremente? Onde estaria a glória de Deus, se suas criaturas não fossem livres para julgá-lo? Tanto teria valido que permaneceria só; a adoração qu e lhe teriam prestado não teria sido senão uma quimera, uma comédia dirigida por ele e para ele; teria sido o único espectador e ator.

"Para a glória de Deus, era, pois, de uma necessidade absoluta que as inteligências fossem criadas absolutamente livres, que tenham o direito de julgar seu autor, de se conduzir, no bem ou no mal, como o quiserem. Seria preciso que o mal fosse permitido para que o bem exista; é impossível que um seja conhecido sem que se veja o outro.

"Mas, ao mesmo tempo que Deus dá o livre arbítrio às inteligências, lhes dá também esse foro íntimo, esse sentimento intelectual de sua liberdade de pensar, esse ato do espírito livre que chamamos consciência, tribunal individual que adverte cada existência livre do valor de sua ação. Ninguém faz o mal sem sabê-lo, só a vontade faz o pecado.

"Temos lugar para presumir também que os Espíritos ou anjos têm alguma parte no governo universal, uma vez que é recebido em dogma de fé que os homens são guardados pelos anjos e que cada um de nós tem seu anjo guardião.

"As inteligências ou Espíritos, livres da matéria, podem, pois, terem algumas vezes influência sobre o espírito do homem. Quantas pessoas tiveram revelações que se realizaram: testemunha Jeanne d'Arc e tantos outros dos quais os livros históricos falam que li e que se podem encontrar. Mas a memória não me basta para citar-lhes bem as passagens, e não tenho necessidade de procurar alhures do que em minha casa.

"Quando minha irmã mais velha morreu do cólera em Midrevay (Vosges), não tinha ouvido dizer que o cólera existia, nesse momento, em nenhuma parte. Eu não tinha nenhuma idéia de que minha irmã estivesse doente; tinha-a visto, no entanto melhor do que nunca, não tinha, pois, nenhum assunto para me ocupar dela. Eu a vi em sonho vir me dizer, em minha casa, em Joinville: "Nosso Joseph, venho te dizer que estou morta; sabes que sempre muito te amei e quis trazer-te eu mesma a notícia do meu retorno ao outro mundo." No dia seguinte, o carteiro trouxe-me uma carta anunciando-me a notícia da morte de minha irmã.

"Recebendo a carta marcada em negro, disse à minha mulher: "Tu conheces o sonho que te contei ontem, dele talvez eis a realidade." Eu não me enganava.

"Tive várias vezes, não dormindo, mas bem em vigília, trabalhando, visões às quais não dava atenção senão quando se realizavam, mesmo muito tempo depois. Isto me ocorreu talvez três ou quatro vezes no curso de minha vida; delas não me lembro senão vagamente, mas delas estou certo; não sou o único que teve revelações mentais, outros provarão que tenho razão, e isto talvez já foi provado.

"A alma animal não pode ser senão individual e, consequentemente, indecomponível; portanto, a alma animal não morre. Já se pensou antes de mim, e foi o que deu lugar à doutrina da metempsicose. Se a metempsicose existe, isto não poderia ser senão entre indivíduos da mesma espécie: a alma vital ou animal de um mamífero não pode passar a uma árvore.

"Para o que é da inteligência humana, é impossível que ela passe no corpo de um animal; aí não poderia agir; a constituição física do animal não pode servir de habitação à inteligência humana, embora se esteja assegurado de que os demônios se uniram ou possuíram os animais. Não posso crer que em semelhantes organizações possam fazer nada de razoável; não lhe seria já possível falar; não poderiam aniquilar o instinto, que agiria sempre bom grado ou malgrado: é uma das leis estabelecidas pelo Criador; elas seriam indignas dele se se pudesse derrogá-las, se fosse possível mudá-las. As redes de

nervos ou, como dissemos mais acima, os escritórios telegráficos dessa espécie, não podem ser dirigidos pela inteligência.

"Nestes últimos tempos se tem falado muito do Espiritismo; algumas pessoas me dizem que este capítulo tem muitas relações. Mas se isto é, é por um puro acaso, porque é uma obra que jamais li, e da qual não ouvi dizer mesmo nunca uma única frase."

Eis agora as reflexões do autor sobre a criação:

"Todos os geólogos, todos os naturalistas estão de acordo que os dias de Deus não eram como os nossos, que são regulados pelo sol. Com efeito, os dias de Deus na criação não podiam ser regulados pelo sol, uma vez que, segundo o texto das Escrituras santas, o sol não tinha sido ainda criado, ou não aparecia; daía palavra que, nas Escrituras santas, na língua em que ela foi escrita, significa dias como significa tempos. Assim, a falta pode bem ser do fato dos tradutores, que teriam pod ido dizer em seis tempos em lugar de dizer em seis dias e depois ainda porque queríamos fazer os dias de Deus tão curtos quanto os nossos, ele que é eterno.

"Não é que eu queira dizer que Deus não tivesse tão bem podido criar o mundo em seis dias de vinte e quatro horas cada um, que cada um desses dias valia centenas de milhares de anos; se eu quisesse entendê-lo assim, estaria em contradição comigo mesmo, uma vez que no meu primeiro volume disse que um minuto ou cem mil anos ou cem mil séculos, eram a mesma coisa para Deus.

"Conquanto Deus não tenha posto senão um dia para cada criação indicada na Gênese, entre cada um desses dias talvez houvesse milhões de anos, e mesmo séculos.

"Quando se examinam as camadas da Terra e como elas foram formadas chamamos essas diferentes revoluções das épocas; as provas físicas ali estão, esses depósitos não ocorreram em vinte e quatro horas.

"Querem tomar muito à letra o texto das Escrituras santas; ela é verdadeira, mas é preciso saber compreendê-la. Não se trata de fazer como esses Israelistas que se deixaram todos degolar, não ousando se defender porque era o dia de sábado; se quisesse me matar no domingo, não adiaria para a segunda-feira para me defender. Não há sete dias na semana senão para nós; Deus não tem senão um dia em tudo, e esse dia não tem começo nem fim: para o nosso bem ele quer que repousemos um dia por semana, mas não repousa nunca, e jamais dorme, sua ação é incessante.

"Nossos dias não são senão o aparecimento e o desaparecimento do astro que nos clareia; quando ele se deita para nós, levanta-se para outros povos; em todas as horas do dia ou da noite ele se ergue, brilha em seu zênite ou se deita. E quando as neves, os gelos e as geadas nos fazem guardar o canto do fogo, há outros povos que recolhem as flores e os frutos. E depois, não há senão um mundo, senão um sol: todas as estrelas que vemos são sóis que clareiam mundos como o nosso, *e talvez mais perfeitos do que o nosso.* Deus é o autor de todos esses mundos e de muitos outros que não vemos; portanto, os seis dias da criação são seis épocas que duraram mais ou menos muito tempo, e que se chamaram dias para se colocarem ao alcance de nossa maneira de ver."

Lemos com atenção as duas brochuras do pai Chevelle, e teríamos certamente a contradizê-lo sobre vários pontos; mas as citações que acabamos de fazer não provam menos as idéias de uma alta importância filosófica e que não estão desprovidas de um certo caráter de originalidade. Sua obra é uma pequena enciclopédia, porque trata um pouco de tudo, mesmo de coisas usuais. Ele anuncia para mais tarde um MANUAL DO HERBORISTA MÉDICO, ou *Tratamento das doenças pelo emprego de plantas medicinais indígenas.*

De onde lhe vêm todas estas idéias? Sem dúvida ele leu: isto é evidente; mas sua posição não lhe permitia ler muito, e seria preciso, aliás, uma aptidão especial para aproveitar dessas leituras e tratar assuntos tão abstratos. Viram-se poetas naturais

saírem da classe operária, mas é mais raro vê-los sair dos metafísicos sem estudo preliminar, e ainda menos da classe dos lavradores. O pai Chevelle apresenta, em seu gênero, um fenômeno análogo ao desses pastores calculadores que derrotaram a ciência. Não está aí um sério objeto de estudo? Estes são os fatos; ora, como todo efeito tem uma causa, os sábios procuraram esta causa? Não, porque seria preciso sondar as profundezas da alma. Mas os filósofos espiritualistas? Faltava-lhes a única chave que poderia disso lhes dar a solução.

A essa questão, o Ceticismo responde: Esquisitice da Natureza; resultado da organização cerebral. O Espiritismo diz: Inteligências largamente desenvolvidas nas existências anteriores, e que, nada tendo perdido do que tinham adquirido, se refletem na existência atual: servindo essa aquisição de base a novas aquisições. Mas por que essas inteligências, que deveram brilhar numa esfera social elevada, estão hoje relegadas às classes mais inferiores? Outro problema não menos insolúvel sem a chave que fornece o Espiritismo; ele diz: Provas ou expiações voluntárias escolhidas por essas mesmas inteligências, que, tendo em vista o seu adiantamento moral, quiseram nascer num meio ínfimo, seja por humildade, seja para lhe adquirir conhecimentos práticos que lhes aproveitarão mais numa outra existência. A Providência permite que assim seja para sua própria instrução e para a dos homens, colocando estes no caminho da origem das faculdades pela pluralidade das existências.

Estes fatos tendo sido relatados na Sociedade Espírita de Paris, deram lugar à comunicação seguinte:

(Sociedade de Paris, 10 de novembro de 1865. - Médium, senhora Breul.)

Meus caros amigos, na leitura que vosso presidente fez de diversos fatos relatados pelo vosso irmão Delanne, vistes que um notável trabalho filosófico foi dado à luz por um simples camponês dos Vosges; não é o lugar de constatar quantos prodígios se realizam neste momento para tocar os incrédulos e os sábios segundo o mundo; para confundir esses homens que crêem ter o monopólio da ciência, e nada querem admitir fora de suas concepções estreitas e limitadas pela matéria?

Sim, nestes tempos de preparação para a renovação humanitária que os Espíritos do Senhor devem realizar, pode-se cada vez mais reconhecer a verdade desta palavra do Cristo, que os homens tão pouco compreenderam: *"Eu vos dou graças, meu Pai, de que tendo escondido estas coisas aos sábios e aos poderosos, as revelastes aos simples e aos pobres segundo o Espírito."*

Quando eu digo sábios, não falo desses homens modestos que, infatigáveis pioneiros da ciência, fazem a Humanidade avançar descobrindo-lhe as maravilhas que revelam a bondade e o poder do Criador; mas eu falo daqueles que, enfatuados de seu saber, crêem de bom grado que o que não descobriram, patrocinaram e publicaram não pode existir. Aqueles serão castigados em seu orgulho; e Deus permite que já sejam confundidos pela superioridade dos trabalhos intelectuais que saem da pena de homens que estão longe de levar o barrete de doutor.

Como no tempo do Cristo, que quis honrar e realçar o trabalhador escolhendo nascer no meio de artesãos, os anjos do Senhor recrutam agora seus auxiliares entre os corações simples e honestos, e os homens de boa vontade exercendo as mais humildes profissões. Compreendeis, pois, que o orgulho é o maior inimigo de vosso adiantamento, e que a humildade e a caridade são as únicas virtudes que agradam a Deus e atraem sobre o homem esses divinos eflúvios que o ajudam a progredir e a se aproximar dele.

LOUIS DE FRANCE.

ESPÍRITOS DE DOIS SÁBIOS INCRÉDULOS AOS SEUS ANTIGOS AMIGOS DA TERRA.

Quando os mais incrédulos, os mais obstinados, passaram o limiar da vida corpórea, foram muito forçados em reconhecer que vivem sempre; que são Espíritos, uma vez que não são mais carnais, e que, conseqüentemente, há Espíritos; que esses Espíritos se comunicam com os homens, uma vez que o fazem eles mesmos; mas a sua apreciação do mundo espiritual varia em razão de seu desenvolvimento moral, de seu saber ou de sua ignorância, da elevação ou da abjeção de sua alma. Os dois Espíritos dos quais falamos pertenciam, quando vivos, à classe dos homens de ciência e de alta inteligência. Ambos eram essencialmente incrédulos, mas homens esclarecidos, sua incredulidade tinha por contrapeso eminentes qualidades morais; também, uma vez no mundo dos Espíritos, prontamente encararam as coisas em seu verdadeiro ponto de vista, e reconheceram seu erro. Não há, sem dúvida, lá, nada que não seja muito comum, e não se veja todos os dias, e se publicamos suas primeiras impressões, é por causa de seu lado eminentemente instrutivo. Ambos morreram há pouco; o primeiro, o Sr. M. L., era cirurgião do hospital B..., e cunhado do Sr. A. Véron, membro da Sociedade Espírita de Paris; o segundo, o Sr. Gui..., era um sábio economista, intimamente conhecido do Sr. Colliez, outro membro da Sociedade.

O Sr. Véron tinha inutilmente procurado levar seu cunhado às idéias espiritualistas; este morto, foi mais acessível às suas instruções, e eis uma das primeiras comunicações que dele recebeu.

(Paris, 5 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Meu caro cunhado, uma vez que estamos, por assim dizer, na intimidade, e que não temo tomar o lugar de alguém que vos poderia ser mais útil do que eu, uma vez que me solicitastes, atendo ao vosso chamado com prazer.

Não espereis, desde hoje, me ver desdobrar todas as minhas faculdades; sem dúvida, eu poderia tentá-lo, e talvez com mais sucesso do que quando vivo, mas minha presunção orgulhosa está muito longe de mim, e se me acreditava uma *sumidade* sobre essa Terra, aqui sou muito pequeno. Quantas pessoas que eu desdenhava e das quais estou feliz de encontrar hoje a proteção e os ensinamentos! Os ignorantes desse mundo, muito freqüentemente, são os sábios de lá de cima, e quanto nossa ciência, que crê tudo saber e que não quer nada admitir fora de suas decisões, é ilusória e limitada!

Ó orgulho humano! respeito do hábito, permanecerás ainda por muito tempo sobre esta Terra onde, há tantos séculos, o Espírito de rotina entrava o progresso em sua marcha incessante? "Não conheço um fato, ele está fora de meus conhecimentos, portanto não existe." Tal é nosso raciocínio neste mundo. É que, se o admitimos, ou pelo menos se estudamos esse fato, resultado de leis desconhecidas, nos seria preciso renunciar a sistemas errôneos, apoiados sobre grandes nomes dos quais nos fazemos nossa glória, e pior ainda, nos seria preciso convir que nos enganamos.

Não, nós outros negadores, nos encontramos um Galileu universal que venha nos dizer: Eu sou Espírito, estou vivo, fui homem, e, homens vós mesmos, fostes Espíritos e vos tomareis como eu, até que, por uma sucessão de encarnações, estejais bastante depurados para subir outros degraus da escala infinita dos mundos... E nós negamos!

Mas, como dizia Galileu, depois de suas retratações: "E, no entanto, ela se move," o Espiritismo vem nos dizer: "E, no entanto, os Espíritos ali estão, se manifestam, e toda negação não poderia derrubar um fato." O fato brutal existe, nada se pode contra ele. O tempo, esse grande instituidor, fará justiça a tudo, expulsando uns, e instruindo os outros.

Sede daqueles que se instruem; eu fui abatido na idade madura de meu orgulho, e sofri a pena de minhas negações. Evitai minha queda, e que minhas faltas sejam

aproveitáveis para aqueles que imitam meu raciocínio passado, para evitar o abismo de trevas de onde vossos cuidados me retiraram.

Vede, ainda há perturbação em minha linguagem; mais tarde, poderei vos falar com mais lógica; sede indulgentes com minha juventude espiritual.

M... L...

Tendo esta comunicação sido lida na Sociedade de Paris, o Espírito ali se comunicou espontaneamente, ditando o que segue:

(Sociedade de Paris, 29 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Desliens.)

Caro senhor Allan Kardec, permiti a um Espírito que vossos estudos conduziram a considerar a existência, o ser e Deus sob seu verdadeiro ponto de vista, de vos testemunhar seu reconhecimento. Sobre essa Terra, ignorei vosso nome e vossos trabalhos. Talvez, se me tivesse falado de um e dos outros, eu teria exercido a seu respeito minha verve zombeteira, como disso usei para todas as coisas tendendo a provar a existência de um espírito distinto do corpo. Eu era cego então: perdoai-me. Hoje, graças avós, graças aos ensinos que os Espíritos difundiram e vulgarizaram pela vossa mão, sou um outro ser, tenho consciência de mim mesmo e vejo o meu objetivo. Quanto reconhecimento vos devo, a vós e ao Espiritismo!!! -Alguém que me conheceu e ler hoje o que é a expressão do meu pensamento, exclamará a si mesmo: "Não pode estar aí aquele que conhecemos, esse materialista radical que não admitia nada fora dos fenômenos brutos da Natureza." Sem dúvida, e, no entanto, sou bem eu.

Meu caro cunhado, a quem devo sinceros agradecimentos, disse que retornei aos bons sentimentos em pouco tempo. Eu lhe agradeço pela sua amenidade a meu respeito; mas, sem dúvida, ele ignora o quanto são longas as horas de sofrimento resultantes da inconsciência de seu ser!!!... Eu acreditava no nada, e fui punido por um nada fictício. Sentir-se ser e não poder manifestar seu ser; se *crer disseminado em todos os restos esparsos da matéria que forma o corpo,* tal foi minha posição durante mais de dois meses!... dois séculos!... Ah! as horas do sofrimento são longas, e se não se tivesse ocupado em me tirar dessa má atmosfera do nihilismo, se não se me tivesse constrangido a vir a essas reuniões de paz e de amor, onde eu não compreendia, não via nem ouvia nada, mas onde os fluidos simpáticos agiam sobre mim e me despertavam pouco a pouco de meu pesado torpor espiritual, onde eu estaria ainda? meu Deus!... Deus!... que doce nome a pronunciar por aquele que foi tanto tempo ligado ao nada esse pai tão grande e tão bom! Ah! meus amigos, moderai-me, porque hoje não temo senão uma coisa, é de me tornar fanático dessas crenças que teria repelido como vis disparates, se outrora viessem ao meu conhecimento!...

Eu não direi nada hoje sobre os trabalhos dos quais vos ocupais; sou ainda muito novo, muito ignorante para ousar me aventurar em vossas sábias dissertações. Já sinto, mas não sei ainda! Dir-vos-ei somente isto, porque já o sei: Sim, os fluidos têm uma influência enorme como ação curadora, se não corpórea, disso nada sei, pelo menos espiritual, porque senti a sua ação. Eu vos disse e vos repito com alegria e reconhecimento: Eu ia, constrangido por uma força invencível, a de meu guia sem dúvida, nas reuniões espíritas. Eu não via, não ouvia nada, e no entanto uma ação fluídica que não podia raciocinar, me curou espiritualmente.

Agradeço de bom grado a todos aqueles que adquiriram direitos eternos ao meu reconhecimento tirando-me do caos onde tinha caído, *e* vos peço, meus amigos, consentirem em me permitir assistir em silêncio às vossa sábias reuniões, colocando mais tarde minhas fracas luzes científicas à vossa disposição.

M... L...

Pergunta. - Poderíeis nos dizer, com a assistência de vosso guia, como pudestes tão prontamente reconhecer vossos erros terrestres, ao passo que um bom número de Espíritos, aos quais não se poupam cuidados espirituais, estão, no entanto, por muito tempo antes de compreender os conselhos que se lhes faz ouvir?

Resposta.- Eu vos agradeço, caro senhor, pela pergunta que consentistes me dirigir, e que creio poder resolver eu mesmo com a assistência de meu guia.

Sem dúvida, podeis ver uma anomalia em minha transformação, uma vez que, como o dissestes, há seres que, apesar de todos os sentimentos que agem em seu favor, ficam longos espaços de tempo sem se deixarem abrir os olhos. Não querendo abusar de vossa benevolência, dir-vos-ei em poucas palavras:

O Espírito que resiste à ação daqueles que agem sobre ele, é *novo sob o aspecto das noções morais.* Este pode ser um indivíduo instruído, mas completamente ignorante sob o aspecto da caridade e da fraternidade, em uma palavra privado de espiritualidade. *Necessário lhe é apreender a vida da alma, que, mesmo no estado de Espírito, foi para ele rudimentar.* Para mim, ocorreu todo de outro modo. EU sou velho, vo-lo disse, em presença de vossa vida, embora muito jovem na eternidade. Tive noções de moral; acreditei na espiritualidade, que se tornou latente em mim, porque um de meus pecados capitais, o orgulho, necessitava desta punição.

Eu, que tinha conhecimento da vida da alma numa existência anterior, fui condenado a me deixar dominar pelo orgulho e a esquecer Deus e o princípio eterno que residia em mim... Ah! crede-me, não há senão uma única espécie de cretinismo, e idiota que, conservando sua alma, não pode manifestar sua inteligência, é talvez menos a lamentar do que aquele que, possuindo toda a sua inteligência, cientificamente falando, perdeu sua alma por um tempo. É um idiotismo mutilado, mas muito penoso.

M... L...

O outro Espírito, o Sr. Gui..., se manifestou espontaneamente à Sociedade no dia da sessão especial, comemorativa dos mortos. O Sr. Colliez que, como o dissemos, o conhecera particularmente, tinha se limitado a fazê-lo inscrever na lista dos Espíritos recomendados às preces. Se bem que suas opiniões fossem diferentes de quando vivo, o Sr. Colliez reconheceu-o pela forma de sua linguagem, e antes que a sua assinatura fosse lida, havia dito que esse deveria ser o Sr. Gui...

(Sociedade de Paris, 1" de novembro de 1865. - Médium, Sr. Leymarie.)

Senhores... permiti-me empregar esta expressão usada, mas pouco fraterna. Sou um recém-chegado, um fatigado inesperado, e, sem dúvida, meu nome jamais feriu os ouvidos dos Espíritas fervorosos. No entanto, nunca é muito tarde, e quando cada família chora um ausente amado, venho a vós para vos expressar o meu arrependimento muito sincero.

Cercado de voltarianos, vivendo, pensando como eles, levando sendo preciso meu óbolo e meu trabalho para a propagação das idéias liberais e progressistas, acreditei fazer bem; porque todo o mundo diz, mas nem todos fazem. Portanto, agi, e isto vos peço, não vos esqueçais dos homens de ação. Em sua esfera, sacudiram esse torpor de tantos séculos que havia, por assim dizer, velado o futuro. Rasgando o véu, nós, nós também expulsamos a noite, e é muito, quando o inimigo intolerante está à porta e procura desenhar em negro cada raio de luz. Quantas vezes procuramos, em nós mesmos, a solução desta questão: "Ah! se os mortos pudessem falar!" Reflexão profunda, absorvente, que nos matava na idade das desilusões, quando todo homem marcado por um acaso aparente se torna uma luz na multidão.

A família aí está!... Jovens frontes cândidas pedem a nós beijos à esperança, e não podemos nada dar; porque essa esperança nós a temos chumbada sobre uma grande

pedra muito fria, que chamamos *a incredulidade.* Mas hoje creio, venho a vós, cheio de esperança e de fé, vos dizer: "Espero isso no futuro, creio em Deus, e os Espíritos de Béranger, de Royer-Collard, de Casimir Perrier... não me desmentirão."

A vós que desejais o progresso, que quereis a luz, eu direi: Os mortos falam, eles falam todos os dias; mas, cegos que sois, que fomos! pressentis a verdade sem afirmá-la abertamente; como Galileu, vos dizeis cada noite: "No entanto ela gira!" mas abaixais os olhos diante do ridículo, do respeito da coisa julgada!

Vós todos que fostes meus fiéis, que a cada oito dias me concedíeis vossa noite, aprendei no que me tornei.

Sábios que perscrutais os segredos da Natureza, perguntastes à folha morta, ao talo de erva, ao inseto, à matéria, em que se tornam no grande concerto dos mortos terrestres? Perguntastes-lhes suas funções de mortos? pudestes inscrever em vossa placa essa grande lei da Natureza, que parece se destruir anualmente para reviver esplêndida e soberba, lançando o desafio da imortalidade aos vossos pensamentos passageiros e mortais?

Doutor sábio, que, cada dia, inclinais uma fronte preocupada sobre as doenças misteriosas que destroem os corpos humanos de maneira múltiple, por que tantos suores para o futuro, tanto amor para a família, tanta previdência para assegurar a honradez de um nome, para a fortuna e a moralidade de vossos filhos, tanto respeito para a virtude de vossos companheiros?

Homens de progresso, que trabalhais constantemente para transformar as idéias e torná-las mais belas, por que tantos cuidados, vigílias e decepções, se não for porque essa lei eterna do progresso absorve todas as vossas faculdades e as decupla, a fim de homenagear ao movimento geral da harmonia e do amor, diante do qual vos inclinais?

Ah! meus amigos, que estais sobre a Terra: mecânicos, legisladores profundos, homens políticos, artistas, ou vós todos que inscreveis sobre a vossa bandeira: *Economia política,* crede-me, vossos trabalhos desafiam a morte; todas as vossas aspirações a rejeitam como uma negação, e, quando, por vossas descobertas e vossa inteligência, deixastes um traço, uma lembrança, uma honradez sem mancha, desafiastes a morte, como tudo o que vos cerca! oferecestes um sacrifício ao poder criativo, e como a Natureza, a matéria, como tudo o que vive e quer viver, vencestes a morte. Como eu outrora, como tantos outros, vos retemperais nesse aniquilamento do corpo que é a vida, ides para o Eterno para vencer a eternidade!...

Mas vós não a venceis, porque ela é vossa amiga. O Espírito é a eternidade, é o eterno, e eu vos repito: tudo o que morre fala de vida e de luz. A morte fala ao vivo; os mortos vêm falar. Só eles têm a chave de tudo, e é por eles que vos prometo outras explicações.

GUI...

(Sociedade Espírita de Paris, 17 de novembro de 1865. - Médium, Sr. Leymarie.)

Eles fugiram da epidemia, e nesse pânico singular, quantos desfalecimentos morais, quantas defecções vergonhosas! é que a morte se torna a mais terrível expiação para todos aqueles que violam as leis da mais estreita eqüidade. A morte é o desconhecido para a fé vacilante. As diversas religiões, com o paraíso e o inferno, não puderam consolidar naqueles que possuem abnegação em vão ensinadas para os bens terrestres; nada de ponto de referência, nada de bases certas; da difusão no ensino divino: isto não é a certeza. Também, salvo algumas exceções, que medo, que falta de caridade, que egoísmo nessa salvação que pode incomodar entre os satisfeitos! Crer em Deus, estudar a sua vontade nas afirmações inteligentes, estar seguro de que as leis da existência estão subordinadas às leis superiores divinas que medem tudo com justiça, que dispensam a todos, em diversas existências, a pena, a alegria, o trabalho, a miséria e a fortuna, mas é,

isto me parece, o que pedem todas as sábias pesquisas, todas as interrogações da Humanidade. Disto tendo a certeza, não é a força verdadeira em tudo? Se o corpo esgotado deixa a liberdade ao espírito, a fim de que viva segundo as aptidões fluídicas que são a sua essência, se, como digo, esta verdade se torna palpável, evidente como um raio de sol; se as leis que encadeiam matematicamente as diversas fases da existência terrestre e extraterrestre, onde da erraticidade, tornem-se para nós tão claramente demonstradas quanto um problema algébrico, não tereis, então, em mãos o segredo tão procurado, o porquê de todas vossas objeções, a explicação racional da fraqueza de vossos profundos estudos em economia política, fraqueza terrificante para a teoria, porque a prática demole em um dia o trabalho de um homem?

É por isto, amigos, que venho vos suplicar para lerem *O Livro dos Espíritos;* não vos detenhais na letra, mas possuí-lhe o espírito. Pesquisadores inteligentes, encontrareis novos elementos para modificar o vosso ponto de vista e o dos homens que vos estudam. Certos da pluralidade das existências, encarareis melhor a vida; definindo-a melhor, sereis fortes. Homens de letras, plêiade pobre e bendita, dareis à Humanidade uma semente tanto mais séria quanto ela será verdadeira. E quando virem os fortes, os sábios, crerem e ensinarem as máximas fortes e consoladoras, amar-se-á mais, não se fugirá mais do mal supostamente invisível; *a* vontade de todos, homogeneidade poderosa, destruirá todas essas fermentações gasosas envenenadas, única fonte das epidemias.

O estudo dos fluidos, feito de um outro ponto de vista, transformará a ciência; novas exposições sumárias aclararão o caminho fecundo de nossos jovens estudantes, que não irão mais, como os orgulhosos, mostrar ao estrangeiro sua intolerância de linguagem e sua ignorância; não serão mais o riso da Europa, porque os mortos amados lhes terão dado a fé e essa religião do Espírito, que moraliza primeiro para levar em seguida a encarnação às regiões serenas do saber e da caridade.

GUI...

DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS

O ESTADO SOCIAL DA MULHER

(Sociedade de Paris, 20 de outubro de 1865. - Médium, Sr. Leymarie.)

Na época em que eu vivia entre vós, meus amigos, me era freqüente chegar a fazer sérias reflexões sobre a sorte da mulher. Meus numerosos e laboriosos estudos deixam sempre um momento para esses assuntos queridos. Cada noite, antes do sono, eu orava por essas pobres irmãs tão infelizes e menosprezadas, implorando a Deus por dias melhores, e pedindo às idéias um meio qualquer de fazer progredir as desclassificadas. Às vezes, em sono, eu as via livres, amadas, estimadas, tendo uma existência legal e moral na sociedade, na família, cercadas de respeito e de cuidados; eu as via transfiguradas; e esse espetáculo era tão consolador que despertava chorando; mas ai! a triste realidade me aparecia então em sua lúgubre verdade e eu desesperava às vezes que chegassem melhores dias.

Esses dias chegaram, meus amigos; há poucos entre vós que não sentem intuitivamente o direito da mulher; muitos o negam no fato, se bem que o reconheçam mentalmente; mas não é menos verdade que há para ela esperança e alegria no meio das misérias profundas e das desilusões pavorosas.

Há alguns dias, escutei num círculo de mulheres distinguidas pela classe, pela beleza e pela fortuna, e disse a mim mesmo: Aquelas são todas perfume; foram amadas e aduladas. Como devem amar! como devem ser boas mães, encantadoras esposas, filhas respeitosas! elas sabem muito, amam e dão muito. Que estranho erro!... Todas essas saudáveis visagens mentiam, sob seus sorrisos estereotipados; elas tagarelavam, conversavam coisas de pouco valor, cursos, modas; davam, com uma graça encantadora,

críticas ferinas ao ausente, mas não se ocupavam nem de seus filhos, nem de seus esposos, nem de questões literárias, de nossos gênios, de seu país, da liberdade! Ai! belas cabeças, mas cérebros... nada. Encantadores pássaros, em tudo verdadeiramente endireitastes vosso talhe, vossa conservação: é a etiqueta; vossa pretensão: agradar, aflorar tudo e nada conhecer. O vento leva a vossa tagarelice, e não deixais marcas; não sois nem filhas, nem mulheres, nem mães. Ignorais vosso país, seu passado, seus sofrimentos, sua grandeza. Vosso filho, o confiastes a uma mercenária! A felicidade do interior é uma ficção. Tendes, encantadoras borboletas, muito belas asas... mas depois...

Ouvi também um grupo de jovens e vivas operárias. Que sabiam aquelas! Nada... como as outras... nada da vida, nada do dever, nada da realidade! Elas invejavam, eis tudo! Deram-lhes o direito de se compreenderem, de se estimarem, de se respeitarem? Fizeram-nas compreender Deus, sua grandeza, sua vontade? Não, mil vezes não!... A Igreja lhes ensinam luxo; elas trabalham para o luxo, e é ainda ele que bate em sua mansarda, dizendo: Abre-me; eu sou a fita, a renda, a seda, as boas iguarias, os vinhos delicados. Abre-me, e tu serás bela, terás todas as fantasias, todos os deslumbramentos!... e é porque tantas, entre elas, são a vergonha de sua família!

Amáveis cérebros, que vos divertis a respeito do Espiritismo, gostaríeis de me dizer qual a panacéia que inventastes para purificar a família, para lhe dar vida? Eu o sei, em fato de moral, sois fluentes; muitas frases, gemidos sobre os povos que caem, sobre a falta de educação das massas; mas para levantar moralmente a mulher, que fizestes? Nada... Grandes senhores da literatura quantas vezes pisastes as santas leis do respeito da mulher, que enalteceis tanto! Ai! desconheceis Deus e desprezais profundamente a mulher, quer dizer, a família e o futuro da nação!

É nela e por ela que deverão se elaborar os sérios problemas sociais do futuro! O que sois incapazes de fazer, vós o sabeis bem, o Espiritismo o fará e dará à mulher essa fé robusta que ergue as montanhas, fé que lhes ensina sua força e seu valor, tudo que Deus promete por sua doçura, sua inteligência, sua poderosa vontade. Compreendendo as leis magníficas desenvolvidas pelo *O Livro dos Espíritos,* nenhuma entre elas, quererá entregar nem seu corpo nem sua alma; filha de Deus, ela amará em seus filhos a visita do Espírito criador; quererá saber para ensinar os seus; amará seu país e saberá sua história, a fim de iniciar seus filhos nas grandes idéias progressivas. Elas serão mães e médicas, conselheiras e diretoras; em uma palavra, serão mulheres segundo o Espiritismo, quer dizer, o futuro, o progresso e a grandeza da pátria numa maior expressão.

BALUZE.

(Continuação. - 27 de outubro de 1865.)

Em minha última comunicação, meus amigos, eu vos mostrei as mulheres sob dois aspectos, e acrescentei que a instrução numas e a ignorância em outras tinham produzido resultados negativos. No entanto, há sérias exceções que parecem desafiar a regra. Há jovens que sabem estudar e pôr em proveito o que ensinam seus mestres. Estas não são vãs nem levianas, sua constante distração não é um pequeno enfeite ou uma fita! - Nutridas por fortes e sérias lições elas amam o que engrandece o espírito, o que lhes dá a calma íntima, essa calma dos fortes e das naturezas generosas.

No casamento, elas prevêem a família; elas desejam com todos seus votos o filho bem-amado, o bem-vindo, não para deixá-lo e lançá-lo aos cuidados interessados, mas bem para lhe sacrificar sua vida inteira. O recém-nascido é o centro de tudo; para ele, o primeiro pensamento; para ele, as carícias e as preces ardentes, as noites sem sono, os dias muito curtos em que se preparam os mil detalhes que serão o bem-estar do novo encarnado. A criança é o estudo, é o amor sob suas mil formas. O esposo se torna amável; e esquece o rude labor da jornada ou as distrações mundanas para sustentar os

primeiros passos da criança e dá uma forma às suas primeiras sílabas. Respeito, pois, essas exceções exemplares que sabem desafiar a tentação e fugir dos prazeres para se devotarem e viver como mães divinamente inteligentes.

Simples e pobres operárias; corações ulcerados que amais vossa única esperança: vosso filho, há muito a dizer sobre a vossa abnegação, vosso sentimento profundo do dever, vossa mansuetude diante dos aborrecimentos de cada dia!

Nada vos desanima para consolar o pequeno anjo; é para vós a força e o trabalho, esse sublime egoísmo que vos faz sacrificar noite e dia.

Mas se a religião, ou antes os diversos cultos unidos à instrução, não puderam destruir no rico e no pobre essa tendência geral a mal viver e ignorar o objetivo da vida, é que nem os cultos nem a instrução não souberam até este dia impressionar vivamente a infância. Falam-lhe constantemente de interesses inimigos. Os pais que lutam contra as necessidades da vida, se explicam diante desses jovens corações com uma erudição cínica. Apenas têm eles as percepções das primeiras palavras, que já sabem que se pode ser colérico, violento, e que o interesse pessoal é o pivô em torno do qual gira cada indivíduo. Essas primeiras impressões os exploram largamente... Religião e instrução serão doravante palavras vãs se não tenderem a aumentar quando mesmo o bem-estar e a fortuna!

E quando levamos a todos os ecos o pensamento espírita, pensamento que desperta todas as generosas paixões, pensamento que dá uma certeza como um problema matemático, caçoam de nós! De supostos liberais agem com afetação para nos sentir ridículos e ignorantes. Não sabemos escrever... Nada de estilo!... somos modelo de inépcia, de loucos... bons para serem internados no Charenton. E os apóstolos do livre pensamento acentuariam de bom grado a autoridade para perseguirem, com a ajuda do Código penal, esses iluminados que fazem abaixar o bom senso público!

Felizmente a opinião das massas não pertence nem a uma folha nem a um escritor; ninguém tem o direito de ter mais de espírito e de bom senso do que todo o mundo, e neste tempo em que simples folhetinistas pretendem partir em dois os teólogos, os filósofos, os gênios sob todas as formas, o bom senso em sua maior expressão, ocorre que cada um quer saber por si mesmo. Cortejam-se sempre os homens e as coisas dos quais se diz mais mal; e, depois de ter lido e escutado, deixam de lado todos os panfletos insolentes, todas as insinuações malévolas, para prestar homenagem à verdade que toca todos os espíritos.

E é por isto que o Espiritismo cresce sob os vossos golpes. As famílias nos aceitam e nos bendizem. Um pai laborioso, se tem um filho verdadeiramente espírita, não o verá, como no passado, desertar da casa para viver maldizente. Não será ele que arruinará sua família, venderá sua consciência *e* negará as leis sagradas do respeito devido à mulher, à criança. Ele sabe que Deus existe; conhece as leis fluídicas do Espírito e a existência da alma com todas as suas conseqüências admiráveis. É um homem sério, probo, fraterno, caridoso, e não um fantoche bem educado, e não um traidor ávida, a Deus, aos seus amigos, aos seus parentes e a si mesmo.

As mães serão realmente mães; penetradas do espírito espírita, serão a salvaguarda de seus filhos amados; ensinando-lhes o papel magníficos que estão chamados a desempenhar, dar-lhes-á a consciência de seu valor. O destino do homem lhe pertence por direito, e para cumprir o dever, ser-lhe-á preciso se instruir a fim de ornamentar dignamente o filho que Deus envia. O saber não será mais o corolário dos desejos desenfreados e das invejas, mas bem, ao contrário, o complemento da dignidade e do respeito de sua pessoa. Contra tais mulheres, que poderão as tentações e as paixões desregradas? Por égide, elas terão Deus e seu direito, e além disto essa aquisição superior que nos vem das coisas superiores.

Ora, o que é a mulher, senão a família, e o que é a família, senão a nação? Tais mulheres, tal povo. - Portanto, queremos criar o que destruístes pelos extremos. A Idade

Média rebaixou a mulher pela superstição. Vós, senhores livres pensadores, é pelo ceticismo!... Nem um nem o outro são bons! Moralizemos primeiro; nós realçamos a liberta, a mulher, para instruí-la em seguida. Vós, quereis instruí-la, sem moralizá-la!

E é por isto, que a geração atual vos escapa, e as mães de família não serão mais uma exceção.

BALUZE.

ALLAN KARDEC.
